DEFEZA DE PORTUGAL

SEMANARIO

PERIODICO POLITICO E MORAL

CEM NUMEROS EM DOUS VOLUMES

O PRIMEIRO ATE CINCOENTA E HUM INCLUSIVE: O SEGUNDO ATE O FINAL COM HUM SERMÃO POR APPENDICE.

POR ALVITO BUELA PEREIRA DE MIRANDA.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1833.

Com Licença.

ADVERTENCIA.

O Auctor quiz tambem formar hum Indice dos Escriptores, de Imperadores, Reis, Principes, e Princezas; de Personagens e de Pessoas que fôrão nomeadas nesta Publicação, huns com louvor, outros com reprehensão, sobre o que ha varios emblemas, enigmas, allegorias, ironias, invectivas e metaforas, que em huma boa parte demandão explicação; porem que, não sendo possivel, segundo as Leis, dar-se-lhe toda a clareza; por isso se omitte totalmente. Quiz tambem formar outro Indice das cousas mais notaveis; mas sendo tantas as dignas d'attenção pela amenidade e variedade dos pensamentos, que abrangem idéas de quasi tudo o cognoscivel, esse Indice sahiria sobre maneira extenso. Tambem quiz o Auctor formar hum Epilogo d'esta Obra, resumindo principalmente as importantes Maximas, Regras, ou Linhas Politicas, Religiosas e Militares lançadas em todos os Numeros; mas estes tres Indices, interessantes que elles sejão, serião summamente penosos, ou dispendiosos para o Livreiro, e conseguintemente para os Leitores. Contentou-se pois o Auctor por todas estas considerações de formar somente o Indice dos Titulos dos Numeros e dos principaes objectos que teve em vista em aquelles Numeros, que não tem Titulo, ainda que esses objectos estão tocados em outros muitos Numeros. Os Leitores, recorrendo outra vez toda a Publicação, acharão certamente materia immensa, com que entretenhão a sua attenção sobre a posição de Portugal e da Europa toda neste Seculo de agitações.

INDICE

Dos principaes objectos de cada hum dos cem Numeros da Defeza de Portugal, á que vai por Appendice hum Sermão prégado no Porto no anno de 1831.

Exordio da Publicação — Maçonismo — N.° 1.

Origem, Formação e Progressos do Maçonismo. — N.° 2.

Qual era a Revolução que os Pedreiros de Portugal querião com occasião da Esquadra Franceza no Téjo? — Numeros 3, 4, 5, e 9.

A Senhora Dona Maria da Gloria, Filha do Senhor Dom Pedro, Imperador do Brasil, não pode ser Rainha de Portugal. — N.° 6.

Que pertendem os Pedreiros na chegada do Senhor Dom Pedro á Europa? — Numeros 7, e 8.

A Grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno. — Numeros 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36.

Bico d'Obra na Grande Questão Portugueza sobre a Successão ao Throno. — N.° 37.

O Castigo do Douro. — N.° 38.

A Ilha Terceira. — N.° 39.

As Trévas em Portugal. — N.° 40.

A Tempestade em Portugal. — Numeros 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51.

Exhortação aos Portuguezes. — N.° 52.

Primeira Lei de huma Campanha Monarchica. — N.° 53.

Segunda Lei. — N.° 54.

Terceira Lei. — N.° 55.

Quarta Lei, 5.ª, 6.ª, 7.ª, 8.ª, 9.ª, 10.ª, 11.ª, 12.ª, e ultima. — N.° 56.

Artificio Constitucional em huma Campanha Monarchica. — N.° 57.

Politica do Senhor Dom Miguel e de Dom Pedro. — N.° 58.

Desordens de Sicilia. — N.° 59.

Signaes caracteristicos da Maçonaria. — N.° 60.
Invitação ao Exercito Realista. — N.° 61.
Avisos á Nação Portugueza. — N.° 62.
Caracter especial do Senhor Dom Miguel, e de Dom Pedro. — N.° 63.
Indicios de hum Governo Justo. — N.° 64.
Ambiguidade na Questão. — N.° 65.
Saudades pelo Marquez de Chaves. — N.° 66.
Enganos Diplomaticos. — N.° 67.
Opinião Portugueza. — N.° 68.
Deos pelos Portuguezes. — N.° 69.
A Maçonaria descoberta. — N.° 70.
Dúvidas. — N.° 71.
Impolitica de Dom Pedro. — N.° 72.
Qualidades do Exercito. — N.° 73.
ElRei nos perigos. — N.° 74.
Desmoralisação Politica. — N.° 75.
Considerações sobre a Maçonaria. — N.° 76.
Disposições do Exercito. — N.° 77.
Politica errada. — N.° 78.
Imperfeições Militares. — N.° 79.
Desengano aos Estrangeiros. — N.° 80.
Commercio de Portugal. — N.° 81.
Classes de Portugal. — N.° 82.
Inglezes e Portuguezes. — N.° 83.
Explicação interessante. — N.° 84.
Interesses Nacionaes. — N.° 85.
Agricultura. — Numeros 86, e 87.
Desaggravo da Religião. — Numeros 88, 89, 90, 91, 92.
O Segredo revelado. — Numeros 93, e 94.
Variações agradaveis. — Numeros 95, 96, 97, e 98.
Duque de Bragança. — N.° 99.
Prodigios de Portugal. — N.° 100.
Avisos ao Porto. — Sermão prégado n'aquella Cidade.

N. B. Para se conhecer a certeza d'este Indice he indispensavel lêr toda a Publicação e a Advertencia acima, e vêr-se-ha então que sómente o Espirito póde conhecer o que he seu, porque a Natureza entregue a si mesma, e aos seus desejos e paixões, como julga sem reflexão, não percebe o que he bom.

O Auctor.

Lisboa 24 de Março de 1833.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 52.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocalyp. Cap. 14. ℣ 15. — Lançai mão das vossas fouces, e cortai, porque he chegado o tempo da colheita! As bestas de páo, e páo estrangeiro abrírão o seu doloso ventre, e arrojárão sobre as terras Portuguezas a grande besta, que andava no mar, e a todos os que estavão marcados com o signal da besta! O dragão dêo á besta o seu poder, e o seu auxilio! O Pseudo Rei se alliou com a besta, e com o dragão! Da bôcca da besta, e da bôcca do dragão, e da bôcca do Pseudo-Rei sahírão tres espiritos immundos do feitio de rãs! Elles provocão á guerra a todos os Reis do Mundo! Mas não temais Portuguezes Christãos, e Christãos de toda a terra! O Sexto Anjo vai vasar o seu Calis sobre as aguas, e ellas seccar-se-hão, para franquear o caminho aos Reis do Oriente! Seguir-se-ha logo o Septimo Anjo: o seu Calis he o do exterminio a final! A grande Cidade será despedaçada em tres partes, ou em tres Cidades, e nem huma só existirá mais! As Ilhas desappareceráõ! Os inimigos do Ceo, e da terra não acharáõ montes para o seu refugio! A grande Cidade, mãi de todas as iniquidades, e abominações, que até aqui tem tido a ascendencia sobre toda a terra, vai desapparecer á face da ira do Omnipotente! Gloria a Deos! Victoria a El-Rei Dom MIGUEL! Salvação a todos os Realistas!

Estas são allegorias tiradas do Sagrado Apocalypse: a mim não me he dado conhecer o tempo, em que se hão de verificar estas Profecias Sanctas; mas sem offender a Fé Catholica, nem prevenir o juizo infallivel da Sancta Igreja de Roma, á qual me submetto com inteira obediencia, pos-

so acreditar piedosamente, que este Livro mysterioso refere, e profetisa tambem os destinos da Nação Portugueza, e do seu Rei Dom MIGUEL, e o exterminio de todos os seus inimigos, que na guerra feita a Portugal, e ao Senhor Dom MIGUEL fazem guerra a Jesus Christo Senhor Nosso, e á Sancta Igreja, que elle fundou. O tempo revelará a explicação d'estas allegorias em respeito a Portugal: eu não devo prevenir as explicações do tempo, nem aclarar cousas, que por ora convem estejão encobertas de hum véo Politico: os meus Leitores facilmente perceberáõ, que huma das partes componentes d'essa grande Cidade, mãi de todas as revoluções, e impiedades he a summamente numerosa Maçonaria do Porto com todas as suas subalternas, dependentes, e filiaes, que estão espalhadas em quasi todos os angulos de Portugal: a besta que andava no mar, e os que estão marcados com o signal da besta, são Dom Pedro, e todas essas gentes Nacionaes, e Estrangeiras, que vem no seu Serviço, e Defeza: as bestas de páo, e páo estrangeiro, que os vomitárão sobre o territorio Portuguez, são esses vasos de guerra, e de transporte, arranjados em Paizes Estrangeiros, com artilheria, armas, munições, petrechos, e viveres estrangeiros: o dragão, que dêo seu poder, e força á besta, o Pseudo Rei, que se alliou com a besta, e com o dragão, são....

Ahi estão, Portuguezes, ahi estão os nossos inimigos, os inimigos do nosso Deos, os inimigos do nosso Rei Dom MIGUEL! Vamos a elles! Cada hum lance mão da sua arma, e mate o seu inimigo, porque he chegado o tempo da sua matança! A' direita, e á esquerda; á vanguarda, e á retaguarda; pela frente, e pelos flancos; com espingardas, ou com espadas; com chuços, ou com fouces; com os machados, ou com as enxadas; com pedras, ou com páos; com agua a ferver...; ás escondidas, ou ás claras; cara á cara, ou sem que elles se apercebão; sim, Christãos Portuguezes, matai os vossos inimigos por todas as fórmas, modos, e maneiras, que vos fôr possivel; todos os meios vos são licitos para acabardes com os vossos inimigos; elles estão já julgados, estão sentenceados á morte, estão proscriptos, estão banidos; todas as Leis, todo o Direito, toda a Razão vos authorisa, a que os mateis; authorisa-vos a vossa natural Defeza, a Defeza das vossas vidas, a Defeza das vossas fortunas, a Defeza das vossas familias, a Defeza da vossa liberdade, a Defeza da vossa honra; authorisa-vos a Defeza da vossa Sancta Religião, a Defeza das

vossas juitas Leis, a Defeza dos vossos antigos Costumes; authorisa-vos a Defeza do Vosso Rei Dom Miguel, do vosso Pai, do vosso Protector, do vosso Amigo; authorisa-vos finalmente a Defeza do vosso Portugal, da vossa Cara Patria, da vossa amabilissima Nação. São inimigos, que atacão todas as Leis, todo o Direito, toda a Razão; que atacão as vossas vidas, as vossas fortunas, as vossas familias, a vossa liberdade, a vossa honra, a vossa Religião, o vosso Rei, a vossa Patria! Elles atacão a torto, e a direito; matai-os pois a torto, e a direito! Quando a guerra se emprehende com titulos *colorados* de Lei, os inimigos, que a movem, só por meios legaes podem, e devem ser repellidos; pois que na Guerra ha as suas Leis, ha o seu Direito! Mas quando a guerra se emprehende com trahições, os trahidores podem, e devem ser repellidos com trahições! As armas devem ser iguaes em qualquer provocação! *Se não fôr absolutamente possivel a hum homem qualquer evitar a morte, que lhe prepara hum injusto assassino, he licito a esse homem ameaçado de inevitavel assassinato salvar a sua vida assassinando o seu assassino.* A Patria he hum Ente moral, que se póde considerar como hum só individuo: A Patria está atraiçoada pelos seus inimigos, inimigos de Deos, e de ElRei! Salve-se pois a Religião, salve-se o Rei, salve-se a Patria, e para esta salvação dê-se a morte aos inimigos por todos os modos, meios, fórmas, e maneiras, por que elles podem, e devem morrer! Saguntinos! Numantinos! E vós outros Povos de menos nome, mas de iguaes feitos de heroismo, vós ensinaes aos fieis Portuguezes como se deve morrer, antes que deixar-se matar! A alternativa he evidente, *ou matar os trahidores, ou morrer ás suas mãos!* Portuguezes, escolhei! Mas vós quereis viver; vós quereis, que viva a Sancta Religião; vós quereis, que viva a vossa Patria; vós quereis, que viva o vosso Rei Dom Miguel: Viva pois a Sancta Religião: Viva o Senhor Dom Miguel Primeiro: Viva a Nação Portugueza: Vivei vós, Realistas, e Catholicos Portuguezes! E para que vivamos todos, os que amamos a Religião, a Patria, e o Rei, matemos os trahidores inimigos da Religião, da Patria, e do Rei! De nós confia a Religião, a Patria, e o Rei Dom Miguel! Aos inimigos pois; que morrão, que pereção, que hum só não escape vivo! Catholicos Portuguezes! São Miguel! E aos trahidores, que acabão de desembarcar!

Os inimigos da Nação Portugueza, e de todos os Go-

vernos Monarchicos acabão de fazer em Portugal o signal de guerra a toda a Europa Continental! Rebeldes Portuguezes, e Rebeldes Estrangeiros com o pretexto da Defeza de Dom Pedro vierão a Portugal a provocar á guerra a todos os Soberanos e a todas as Nações do Continente da Europa! A guerra não he simplesmente entre os dous Filhos do Senhor Dom João Sexto! A guerra he entre os Governos Monarchicos Independentes e os Governos Constitucionaes, ou Representativos! A guerra he entre os Constitucionaes, e os Realistas de todo o Mundo! A guerra he entre homens inquietos, e turbulentos, que não querem reconhecer o poder dos Soberanos, e Povos submissos, e tranquillos, que reconhecem a obediencia aos Reis! A guerra he entre Povos, que desejão obedecer, e Povos, que aspirão a mandar! A guerra he entre filhos rebeldes a seus Pais, e filhos obedientes a seus Pais! A guerra he verdadeiramente entre os Pedreiros de todo o Mundo e os Catholicos de todo o Mundo! A guerra, com respeito a Portugal, não he huma guerra de Successão já declarada, julgada e terminada pelas Leis Portuguezas! He huma guerra precisamente de Religião! He huma guerra, em que os Pedreiros querem a vingança, o saque, a pilhagem, a morte e a anarchia! He huma guerra, em que sob pretexto de Lei e de Legitimidade, tanto os Estrangeiros, como os rebeldes Nacionaes, querem destruir a Lei e a Legitimidade! He huma guerra, em que o Liberalismo da França entende segurar a sua Dynastia de Julho! He huma guerra, em que o Liberalismo de Londres quer escravisar o Clero, a Nobreza, o Povo e o Commercio Portuguez! He huma guerra, em que a França de Julho julga vêr-se livre dos terrores, que lhe incute a Hespanha, a Hespanha vencedora em todos os tempos! He huma guerra, em que a Inglaterra actual julga fazer abalar a estabilidade, a grandeza e as esperanças da nunca vencida Nação Hespanhola! He huma guerra, em que a Diplomacia Liberal e Revolucionaria tracta de tomar a dianteira á Diplomacia Monarquica e Pacificadora! He huma guerra premeditada ha muito pelos revolucionarios e prevista pelos Gabinetes reflexivos da Europa! He huma guerra projectada por Lord Canning, e posta em andamento; guerra, em que os descontentes de toda a Europa estão na sua liberdade, e com todas as suas forças para abalar a todos os Thronos da Europa! He huma guerra, em que Dom Pedro, por seu genio inquieto e tumultuario, Pedreiro, e dirigido pelos Pe-

dreiros, sem Patria, sem domicilio, sem naturalidade, sem estabelecimento, sem Leis, e sem Religião, que prendão seu coração, he outro Napoleão, mas sem o seu valor, sem o seu talento, sem os seus recursos, posto á disposição de todos os descontentes da Europa, para revoltar todos os Povos da Europa! He huma guerra, em que Dom Pedro, por motivo de não haver sido jámais reconhecido pela Hespanha em Imperador do Brasil, e por haver sido *desreconhecido*, successivamente, de Rei de Portugal, sonha ser Imperador da Hespanha, e Rei de Portugal, e logo Imperador do Brasil, e da America Hespanhola! He huma guerra, em que o actual Radicalismo de Londres pertende tirar todo o partido da Hespanha e de Portugal, do Brasil e da America! He huma guerra, em que Dom Pedro he o boneco de todos os revolucionarios da Europa, e das Americas, com o qual jogão todos os revolucionarios dos dous Mundos, todos os Governos Constitucionaes da Europa, e todos os inimigos dos Reis, para se desfazerem de todos os Reis, para republicanisarem todos os Estados, para passarem as riquezas das mãos dos actuaes possuidores ao poder dos esfaimados Salteadores das antigas propriedades! He finalmente huma guerra em que Dom Pedro posto á disposição de todos os Judeos, de todos os Pedreiros e de todos os revolucionarios, serve as vistas dos Atheos, de prostrarem todos os Altares, todos os Thronos, todos os Povos, que adorão o Altar, que obedecem ao Throno! Mais não posso dizer! E a verdade foi dita de meias! Esta he a guerra universal! Dom Pedro he o pretexto!!!....

Dom Pedro pois, e as forças, que o seguem, são na presente Campanha a vanguarda de todos os revolucionarios da Europa: esta vanguarda descarrega os seus golpes sobre Portugal: aos Portuguezes pertence rechaça-los, desfaze-los, vence-los; e a revolução acabou para sempre em Portugal. Qual será o Portuguez, que se negue a hum combate, do qual pende a Paz, a Liberdade, e Segurança da sua Patria, da presente geração, e das futuras? Qual será o Soldado, o Voluntario, o Miliciano, que recuse pôr seu peito ás balas em Defeza das Bandeiras da sua Religião, do seu Rei, e da sua Nação? Qual será o Sacerdote, que não dê exemplo, e lições de valôr, de coragem, e de animosidade aos Povos? Quem haverá em huma Nação Religiosa, em huma Nação Guerreira, em huma Nação, que em todos os Seculos campou de caracter, de firmeza, e de constancia, que sempre timbrou de gloria, de triumfos, e

de victorias; quem haverá que receba o vergonhoso, o infame, o pezado jugo d'hum Principe Pedreiro, de tropas abjectas, e vís, de estrangeiros esfaimados, esfarrapados, e *sansculottes*? Quem haverá que se deixe illudir com promessas de paz, de tranquillidade, de amnistia, e de propriedade feitas por hum Principe, e por huns Chefes, que por toda a parte levão a inquietação, a turbulencia, a vingança, a pilhagem, a ruina, e a desolação? Quem se deixará enganar de perjuros, de infieis, de bandidos, que sempre enganárão, sempre prejurárão, sempre forão aleivosos, sem respeito a Deos, sem temor aos Soberanos, sem amor á Patria? Debochados, escandalosos, sacrilegos, trahidores! Podem elles zombar, escarnecer, e mofar de Portuguezes, que prézão a virtude, a honra, a lealdade, e a Religião? Póde a impostura, a velhacaria, a mentira corromper o coração de Portuguezes, que jurárão fidelidade á Sancta Igreja, adhesão ás Leis Fundamentaes da Monarchia, amor, e obediencia ao Seu Rei, e Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO?

Fugirão os Portuguezes, de quem já fugio d'elles? Temerão os Portuguezes, de quem já temêo d'elles? Serão vencidos os Portuguezes pelos mesmos, que já forão vencidos por elles? Não: os Portuguezes não fogem de seus inimigos: os Portuguezes não temem trahidores: os Portuguezes triumfarão sempre, de quem quizerem triumfar!

Portuguezes! Dom Pedro não póde prometter-vos mais vantagens, que as que promettêo aos Brasileiros: Paz; e a guerra andou sempre accesa em todo o Brasil! Liberdade; e os Brasileiros arrastárão pezados ferros da mais abjecta escravidão! Segurança; e os Brasileiros forão opprimidos como escravos! Propriedade; e os Brasileiros tudo perdêrão! Prosperidade; e no Brasil só lagrimas, só fome, só desgraças abundárão!

Portuguezes! Os Chefes dos revolucionarios renovarão as suas pomposas promessas do anno de 1820, e de 1826! Vós vistes bem a vosso pezar como elles as cumprírão! Profanações, sacrilegios, roubos, vinganças, insultos, usurpações, despotismos, tyrannias, violencias, finalmente a anarchia forão o fatal desempenho das suas palavras! Elles promettêrão a prosperidade, e vós, Portuguezes, só desde então sentistes todo o peso das desgraças! Elles promettêrão a paz, e a virtude; e vós, Portuguezes, só desde então conhecestes o odio, as dissensões, as discordias, a mutua desconfiança, e por fim a guerra civil, a guerra entre Pais,

e Filhos, entre Irmãos, e Irmãs, entre Povos, e Povos! Elles em fim promettêrão a victoria; e elles forão sempre vencidos, e vencidos vergonhosamente, como trahidores, como fracos, como homens sem honra, e sem vergonha! Portuguezes! Vós mesmos fostes os que vencestes a esses mesmos: e sereis agora vencidos por esses, a quem já vencestes? Que pode á frente de bandidos hum Principe, que nada pôde á frente dos Brasileiros? Hum Principe, que fugio vergonhosamente do Brasil? Hum Principe, que só tem em seu partido ladrões, fugitivos, vadios, rebeldes, trahidores, em fim monstros, que não tem Patria, que não tem Leis, que não tem Religião, que não tem virtudes?

Portuguezes! Pode assombrar-vos a sombra da Realeza de hum Principe, que de Principe só tem o nome, o sangue só; e de criminoso, de injusto, de rebelde, de inconsequente, de perjuro, e de trahidor tem todos os caracteres, todo o ferrete? Pode intimidar-vos a presença de hum Principe, de quem os Brasileiros não tremêrão, nem tremem? Assim, Portuguezes, assim vos tereis esquecido de que Dom Pedro foi hum máo Filho, hum máo Portuguez? Podeis esquecer-vos de que Dom Pedro foi hum Filho rebelde a seu Augusto Pai e á sua Patria, que roubou o Brasil, e que agora quer roubar Portugal? Portuguezes! Tirai a mascara de Dom Pedro, e vós reconhecereis nesse o maior inimigo de Portugal; vós reconhecereis que os Seculos, que as Nações não produzirão jámais hum homem, que tantos males tenha feito, como elle fez, a Portugal, e ao Brasil! Portuguezes, fazei-lhe pois a guerra, e guerra crúa, a elle, e a todo o seu Partido, por honra vossa, por desempenho da vossa palavra, e do vosso juramento, por defeza vossa, e defeza da vossa Religião, do vosso Rei e da vossa Patria! Seja sempre illibada a Fidelidade Portugueza! Nunca se manche a gloria dos Realistas Portuguezes! Vejão e admirem as Nações do Mundo que Portugal conserva nos Seculos mais voluveis, e vertiginosos o seu antigo caracter de constancia e de valôr!

Embora se franqueasse aos foragidos rebeldes a occupação da Cidade do Porto! Era necessario que os Realistas Portuguezes tivessem hum Campo, em que podéssem combater, e vencer! O mar era hum theatro, em que a guerra se eternizaria, sem que a victoria podésse marcar-lhe limites! Era necessario dar hum termo aos males, e aos trabalhos; e esse desejado termo, onde o descanço, e a paz começão, só em terra podia ser marcado! A 4.ª Divisão

da Exercito Realista, toda ella corajosa, valente, e leal, não devia encher as praias de seu sangue, poupando o sangue dos seus inimigos, que podião retirar-se impunes a seu salvo! Os inimigos devem ser castigados das suas trahições no mesmo terreno, em que as urdirão, em que as começárão, e em que as reforçárão! Esse terreno he o Porto; elle pois devia ser-lhes entregue, para que os Realistas Portuguezes tenhão a gloria de os vencer ahi mesmo, onde os Revolucionarios fôrão sempre vencidos, ahi mesmo, onde os Pedreiros esperárão sempre o seu triumfo, e onde sempre anhárão a sua ruina, a sua infamia, e a sua vergonha! Seja o Porto, o Porto, onde os Revolucionarios tem sempre as suas esperanças, e as suas delicias, seja o Porto o ultimo theatro das suas amarguras!

O Porto não merecia que a 4.ª Divisão lhe fizesse o sacrificio dos seus trabalhos, das suas fadigas, e do seu sangue! A maioria dos habitantes do Porto, ainda que não tem adhesão alguma a Dom Pedro, tem toda a adhesão ás theorias revolucionarias: essa Cidade, *Madrinha de Pia* de todos os rebeldes, tem por fatalidade, e fatalidade reconhecida em quasi todas as crises da Monarchia, hum caracter de orgulho, de insubordinação, de desobediencia, e de alluinação, que tende sempre á anarchia, e á desordem: eu não imponho epithetos vergonhosos, que debaixo dos mesmos nomes lhe não impozesse o Governo Portuguez no anno de 1809: as paixões, e as intrigas tem feito ahi muitas vezes callar a Justiça. Emissarios Estrangeiros, Emissarios da Rebellião tem desenvolvido ahi mais de huma vez esta habitual propensão ás desordens! Miseraveis! Elles tem sido repetidas vezes victimas da Revolução; elles, suas mulheres, seus filhos, seus bens! Mas essa lição foi perdida para o Porto! Pode ser que esta seja a ultima, e que aproveite! Assim praza aos Ceos!

Se o Porto pode justificar-se no Reinado do Senhor Dom Miguel, de haver sido hum espectador passivo, e tranquillo do andamento do Governo, elle não pode provar que tivesse huma adhesão cordial, e efficaz ao Throno, e á Augusta Pessoa do Senhor Dom Miguel; huma adhesão capaz de merecer da 4.ª Divisão que fizesse hum sacrificio, para defender seus habitantes, de que os rebeldes lhes fizessem esgotar todo o calis da Revolução! Eis as provas, porque sem ellas não faço imputações. Mais de quatrocentos Empregados tinha o Porto na Repartição da Justiça Secular, e apenas seis assentárão Praça no Batalhão de Vo-

luntarios Realistas!!!... Mais de trezentos Empregados tinha o Porto na Companhia do Alto Douro, e apenas oito se encontravão nas Fileiras Realistas!!!... Na Repartição do Correio apenas dous derão seu nome ao Batalhão de Voluntarios!!!... Na immensa Repartição do Real Contracto do Tabaco somente se achava hum Voluntario Realista!!! No Julgado Ecclesiastico da Cidade nenhum!!!!! Se se proceder a exame nas mais Classes do Porto, achar-se-ha que, comparativamente á sua população, nem a centecima parte havia dado provas de huma adhesão cordial, e efficaz ao Throno, e á Augusta Pessoa do Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO! A inacção, a indifferença, e o egoismo apparecião em quasi todas as Classes da Cidade! Isto não era certamente hum espirito de rebellião; mas era sem dúvida huma mortal apathia! Como pois poderião pertender os habitantes do Porto, os chamados *pacificos*, ou *neutros*, que a 4.ª Divisão do Exercito os defendesse dos males da revolução, se elles não mostravão hum interesse vivo pela Defeza do Senhor Dom MIGUEL, pela Defeza de Portugal, pela Defeza da sua mesma Cidade, das suas Casas, e Propriedades, dos seus bens, e empregos, das suas fortunas, das suas mulheres, e filhos, das suas familias! Pelejar por quem não quer defender-se!... Fazer sacrificios por *quem não faz hum minimo esforço!...* Se a Causa he de todos, todos devem coadjuvar a Causa com as suas fazendas, com as suas pessoas, com as suas vidas.

Em paz seja isto dito, e sem mingoa da honra, e da fidelidade de huma boa parte dos habitantes do Porto: a voz de outra parte, e da maior assoprava nos Povos visinhos a mesma inacção, indifferença, e apathia; espalhava o terror, e a desconfiança; sustentava finalmente as esperanças dos Revolucionarios! Ahi se fallava, não com liberdade, mas com desaforo, e com alteneria! Ahi se acoutavão os mais encarniçados revolucionarios das Provincias do Norte! Ahi havia armas, e polvora, para pôr nas mãos dos turbulentos na accasião de se aproximar o desembarque dos rebeldes. O systema de tolerancia, de amalgamação, e de impunidade com a seductora palavra de *moderação* se apossára de quasi todas as Authoridades Civis do Porto, e por esta maneira o Porto estava entregue a si mesmo, e senhor de obrar, como se lhe antolhasse! A Maçonaria, a numerosa Maçonaria do Porto, e as suas subalternas, dependentes, e filiaes estendião livremente os seus braços aos rebeldes transfugas! Estes contárão sempre com a occupação do

Porto sem alguma resistencia! Este successo, que arrasta o pasmo dos Realistas Portuguezes, e dos Realistas da Europa, elle havia sido, muito tempo ha, premeditado, previsto, e predito! Elle, ao parecer, agoura aos Revolucionarios o seu triumfo! Mas na verdade elle assegura aos Realistas o desbarato dos inimigos, a derrota dos rebeldes, a ruina, a ultima ruina de todo o assalariado, e illudido Exercito de Dom Pedro; elle em fim faz certa, e inexpuguavel a Defeza de Portugal!

E agora, Habitantes do Porto, que presaveis de indifferentes á sorte da Patria, e á Grande Questão Portugueza, decidida solemnissima, justissima, legalissima, e universalissimamente a favor do Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO, agora que sopportais todo o peso dos Revolucionarios, insultando, vilipendiando, deshonrando, e escravisando as vossas familias, usurpando as vossas propriedades, bens, e dinheiros tirados á ponta de foragidas, e estrangeiras baionetas, tractando-vos como a inimigos, como a escravos; agora, que bebeis a grandes sorvos todos os males da revolução, da anarchia, da violencia, e da tyrannia; agora estareis lembrados do que vos intimei no anno de 1831 desde a Cadeira da Verdade, tomando as palavras de Jeremias — *Terra, terra, terra, audi verbum Domini* — *Porto, Porto, Porto, ouve a palavra de Deos*, segue a voz do Senhor Dom MIGUEL, Teu Rei; porque, se não a ouvires, se não a seguires, teus habitantes serão mais desgraçados, que os de Sodoma, e Gomorrha! Que males ha, que a estas horas não tenhais soffrido? Que pezares vos não esperão ainda! Eis ahi tendes os fructos da Constituição! Eis ahi os effeitos da Rebellião! Não são outros os resultados de todas as revoluções!

Portuguezes! Ouvi os toques do Clarim! Correi ás armas! Defendei o Rei! Vingai a Patria! Salvai-vos a vós mesmos! *Portugal não he roupa de Francezes!* Portugal não he o *gato*, e *çapato* de Dom Pedro! Hum Pedreiro, hum rebelde, hum trahidor, hum inimigo escandaloso, perfido, e impostor, não pode reinar sobre Portuguezes Catholicos, fieis, leaes, constantes, e corajosos! Portuguezes, Confiai cégamente no Governo do Senhor Dom MIGUEL! Elle pode, quer, e sabe salvar-vos! Obedecei, e avançai! Segui a voz dos Generaes, e dos Chefes, que estão á testa do Exercito! O Governo, ElRei confia d'elles: confiai vós tambem, e obedecei-lhes; porque da vossa obediencia, e subordinação pende o triumfo, e a victoria! Sêde submissos

a toda a especie de Authoridades, que ElRei vos enviou, para vos dirigir, governar, e administrar justiça! Da união pende a força, da força o valôr, do valôr a victoria!

Ecclesiasticos de qualquer especie! Mostrai á face da Europa Christã a inteireza do vosso caracter! Sêde fieis ao vosso Juramento de Fidelidade ao Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO! Não profaneis o Nome de hum Deos vivo, de hum Deos Sancto, de hum Deos terrivel, a quem invocastes tantas vezes em testemunho da vossa adhesão ao Throno na Augusta Pessoa do Senhor Dom MIGUEL! Vêde que Deos vinga poderosamente o perjurio! Dai exemplo aos Povos pela vossa constancia, pela vossa firmeza, e pelo vosso soffrimento em sustentar a Religião, o Throno, e a Patria! Não, ah! não profaneis a Sagrada Liturgia, inserindo *inter Missarum Solemnia* antes da Consagração Eucharistica o execrando nome d'hum Principe Pedreiro, d'hum Principe ligado a Pedreiros, e que junctamente com elles persegue o Sacerdocio de Jesus Christo; de hum Principe, a quem a Sancta Sé Apostolica não reconhece Rei de Portugal! Rogai ao Deos dos Exercitos que dê victoria ao Senhor Dom MIGUEL, e ao seu Exercito, contra os Infieis, e contra os Pedreiros Livres! Defendei a vossa Igreja!

Valorosos habitantes do Minho! Sobre vós descarregou a Maçonaria os seus primeiros golpes! Salvai-vos! Defendei-vos! Mostrai que sois descendentes dos que nos primeiros Seculos da Monarchia livrárão a Portugal do jugo Estrangeiro! Vós affrontastes todo o poder de Roma Pagã! Vós conservastes sempre sem mancha a Fé Catholica! Vós sois em toda a Peninsula os primeiros Depositarios do Evangelho! Vêde que a guerra que vos faz Dom Pedro tende essencialmente a destruir a Fé e o Evangelho! Nunca vos faltou o valôr! Nunca vos faltou a fidelidade! Desenvolvei pois agora as vossas naturaes virtudes! Nunca as empregastes melhor, que na collisão presente! Que as vossas searas, que os vossos gados não sirvão senão para o sustento dos valentes Defensores do Senhor Dom MIGUEL, Rei Catholico, Rei Piedoso! Que os vossos braços, e os braços dos vossos filhos não sirvão ao tyranno, ao irreligioso, ao intruso Dom Pedro; antes elles se armem da espingarda, da espada, da fouce, do chuço, do machado, da enxada e da pedra, para prostrar a todos os infames, que acabão de manchar a vossa nobre e fidelissima Provincia!

Transmontanos corajosos, intrépidos, infatigaveis Transmontanos! Vós fostes em todos os tempos os baluartes do Altar, e do Throno! Vosso Heroismo he conhecido, he admirado em toda a Europa! Não houve inimigo algum, que pisasse a vossa Provincia, que, ou não ficasse ahi morto, ou d'ahi não fugisse corrido, e envergonhado! Renovai o vosso Heroismo! Nunca tivestes melhor occasião! Nunca a Causa foi mais justa! Dom Pedro he natural inimigo dos Transmontanos!. Transmontanos, mostrai ao Mundo que não temeis a Dom Pedro, nem a quantos Pedreiros o seguem! Transmontanos! Fazei vêr ao Mundo que em vós se quebrão, e esmigalhão todas as forças da Revolução!

Habitantes da Beira Alta! A Patria, ElRei tem seus olhos fitos em vós! Vós nunca enganastes as esperanças da vossa Nação! Sempre velozes, sempre animosos, sempre valentes, caminhastes, correstes, voastes á sua Defeza! Vós não sois capazes de lhe faltar em este critico momento! Em todo tempo pelejastes pelos vossos usos, e costumes, pelas vossas leis, e liberdades, pela independencia da vossa Terra! As Historias Portuguezas de todos os tempos da memoria dos homens contão os vossos feitos, ou antes os vossos prodigios de valôr! Não os desmintais; vós de certo os não desmentís, quando a Religião, a Nação Portugueza, e o Senhor Dom Miguel Primeiro vos chamão á Sua Defeza contra o inquieto, e revoltante Pedro!

Provincias do Norte! Portugal, e a Europa Realista confião de vós que punais os Revolucionarios de toda a Europa!

Portuguezes! Vosso Rei já fallou a todos vós! Guerra crúa a Dom Pedro! Vingança, e matança nas Tropas, que o acompanhão! Odio eterno aos Revolucionarios! Valôr, união, e triumfo aos que defendem o Throno do Senhor Dom Miguel, a Sancta Igreja de Roma, e a Catholica Nação Portugueza! Portuguezes! O Clarim toca: escutai-o; pelejai, sêde certos da victoria: vós não estais sós na lucta: repelli os primeiros golpes da revolução: para os segundos tendes milhares de companheiros d'armas!

Lisboa 12 de Julho de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. 1832 *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 53.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocalyp. C. 14. ℣. 15. — Portuguezes! Lançai mão das armas, e matai a todos os que acompanhão o ímpio Dom Pedro: he chegado o tempo da matança!

Pedir a paz nos tempos, em que a guerra he necessaria, para restabelecer a paz, he o mesmo que pedir a guerra em tempos, em que a paz he necessaria, para fazer a guerra. Isto parece hum paradoxo, e he hum axioma sanccionado pela experiencia de todos os tempos! Huma paz injusta importa comsigo huma guerra eterna! He necessario pelejar, para descançar, como tambem descançar para pelejar! Mas descançar, sem ter antes pelejado, he querer pelejar ao depois sem algum descanço! A guerra tem as suas Leis; a paz tambem tem as suas; humas sem outras não são Leis, são injustiças, são violencias; e estas torturas fazem que nunca a paz succeda á guerra! O Clarim foi inventado para a guerra! Elle pois deve ter as suas Leis! Estas Leis são as do Exercito, são as da Patria, que está em guerra! Ahi pois vão as suas Leis com o seu preambulo

Todas as Leis, que os homens dérão na qualidade de puros homens, fôrão, são, e hão de ser sempre o resultado da experiencia, e da observação: fallo das Leis feitas pelos homens na qualidade de puros homens, para exceptuar as

que fizerão homens inspirados por Deos, as quaes Leis nos referem os Livros Sagrados do antigo Testamento, e as que fez Jesus Christo, Homem, e junctamente Deos, as quaes vem no segundo, e eterno Testamento: esta declaração não sería necessaria em tempos mais religiosos, em que se reconhecia, como he justo reconhecer-se, a assistencia, e inspiração especial do Divino Espirito Sancto na formação dos Livros Sagrados dos dous Testamentos. As Leis puramente Divinas, ou dadas, e decretadas por Deos, não podem ser resultado da experiencia, e da observação, porque Deos he Eterno, he Omniscio, he Prescio de todas as cousas, sem que Deos dellas dependa em qualquer forma, antes de Deos dependem todas em todas as formas. Talvez por essa razão, de que as Leis puramente humanas são o resultado da experiencia, e da observação, alguns lhes tenhão dado, antes que de Leis, o nome de Regras, Estatutos, Ordenações, Disposições, Pragmaticas, etc.; e bem, porque as Leis tem de sua essencia o serem justas, e de sua natureza invariaveis; e as Regras, Estatutos, e Ordenações tem a justiça por dever, mas não por essencia, e a indefectibilidade por accidente, não por natureza: he isso, porque as regras pendem, ou resultão da experiencia, e da observação, e estas são quasi sempre defectiveis, e nem sempre justas. Os homens exercêrão no principio as suas acções sem alguma regra, he a dizer, sem alguma regra, que elles se fizessem; pois as Regras, ou Leis Naturaes, e Divinas, estas existírão, antes que o homem existisse; ao depois experimentando, e observando o bem, e o mal, o cómmodo, e o incómmodo, que lhes resultava d'essas suas acções livres, ou feitas sem regras, elles se estabelecêrão as regras: em duas palavras, no principio tudo fôrão praticas; d'estas vierão ao depois as theorias; humas, e outras podem ser injustas, e defectiveis, como o são os homens, e os tempos.

Ora, como todas as cousas do mundo, todos os estados do homem, todas as suas faculdades, todas as suas profissões tenhão regras, ou Leis, por que ellas se fação, executem, e cumprão; regras, que os homens mesmos se estabelecêrão, determinárão, e impozerão, segundo o que entendêrão pela experiencia, e observação, que tomárão das vantagens, ou desvantagens, do cómmodo, ou incómmodo, que lhes resultava d'este, ou d'aquelle uso, bem s'entende por esta diversidade de cousas, de estados, de faculdades,

e de profissões, e tambem pela defectibilidade, e inconstancia de todas ellas, quanto o campo he immenso para todo, e qualquer Pensador discorrer ácerca da variação de todas as Leis, ou Regras dos homens, como tambem da sua justiça, ou injustiça, do seu acerto, ou desacerto. O Clarim não se propõe tocar em todo esse campo intellectual, moral, e natural do homem, dos seculos, e do mundo: isto seria mais para entreter, e para brilhar, que para produzir hum bom, e necessario effeito no actual estudo do homem, ou do mundo moral, e social.

Qual he o actual estado do homem? He esse mesmo, que o Filosofo *Hobbes* dizia, ser o estado natural do homem, a *guerra*; he esta huma proposição tão revoltante, como a guerra mesma; e todavia ella não deixa de ser verdadeira em algum sentido, bem que ha verdades, que se não devem dizer por escandalosas, offensivas, e tumultuarias; eu não examino agora o lado, por onde *Hobbes* pôde vêr verdadeira essa proposição no orgulho, na soberba, na cobiça, e em outras paixões, em que ferve o coração humano. O homem, se todo elle fosse subordinado a Deos, e á Authoridade, á Lei, e á Razão; se todo o homem fosse virtuoso, não precisaria de manejar as armas, mais que para se defender das feras, que o acommettessem, ou matar aquelles animaes, que lhe fossem precisos para o seu sustento, e para o seu uso: e todavia eis-aqui flue naturalmente a guerra offensiva, e a defensiva: qual das duas porem seja preferivel, ou se d'huma, e d'outra deve o homem fazer uso ao mesmo tempo, isso pende da diversidade das circumstancias, em que o homem pode estar com referencia aos inimigos, a quem tem de combater, ou de quem tem de se livrar; eu ainda fallo da guerra dos homens com as feras; pois que em o principio do mundo os homens, naturalmente tranquillos, e pacificos, como subordinados a hum Pai commum, ou ligados entre si por laços mais visiveis de hum parentesco proximo, e de huma convivencia mutua, e amigavel, não tendo precisão de se offenderem entre si, para terem todas as commodidades possiveis da vida, devêrão aborrecer a guerra como hum principio destructor, não sómente da vida, como da amisade, e das commodidades, que fazem a vida amavel, e aprazivel. Porem depois que os homens perdêrão o respeito a Deos, e ás Authoridades, logo que se sacudírão da Lei, e da Razão, logo que

entre huns, e outros não fôrão mais conhecidos os laços Naturaes, Politicos e Religiosos que os prendião entre si, e que os ligavão a hum Pai commum na ordem da Natureza, e na ordem da Graça; parecendo-lhes pequenino o espaço, que occupavão, para nelle viverem todos juntos, e para terem nelle todas aquellas commodidades que fazem a vida amavel e deliciosa, principiárão a fazer-se a guerra; insubordinados, ambiciosos, invejosos, cobiçosos, elles acommettem aquelles que julgavão mais felizes e mais ditosos; sendo que o Mundo satisfaz de sobejo com quanto he preciso para viver, e viver cómmodamente, a todos os que amão o trabalho, que he a fonte inexhaurivel de todas as commodidades e venturas da vida. Logo a guerra começou pela offensiva; ou he esta a primeira parte da guerra; a segunda he a defensiva; a primeira encetárão-na homens injustos, inquietos, ambiciosos, turbulentos, homens inimigos dos homens, e inimigos de Deos; a segunda, ou a defensiva tomárão-na os homens tranquillos e pacificos, para manterem a posse das suas fortunas, da sua honra e das suas liberdades. D'este golpe de vista resulta naturalmente que a guerra offensiva he sempre injusta, como justa a defensiva, com duas excepções. Primeira: a guerra offensiva, não sendo conhecidamente ordenada por Deos, como entre os Israelitas para o castigo dos Idolatras, e entre os Catholicos para a propagação do Sancto Evangelho, deixa, ainda entre as Nações, de ser injusta, quando ellas a fazem para *rei-vindicarem* acções, propriedades e direitos que lhes fôrão usurpados indevidamente, nos quaes direitos, propriedades e acções as Nações usurpadoras não tem posse pacifica de hum Seculo. Segunda: a defensiva he ordinariamente injusta entre as Nações quando as que a tomão defendem direitos, propriedades e acções que não hajão adquirido justamente, e de que não tem posse pacifica de hum Seculo. Salvas estas duas unicas excepções, a guerra offensiva he sempre injusta, como he justa a defensiva: o prazo de hum Seculo de posse pacifica he marcado por todos os Juristas e Canonistas como hum termo, ou huma Lei de Paz a beneficio de todas as Nações, para não voltar aos primeiros principios das Sociedades e das Monarchias; porque, se esses primeiros principios fossem examinados com as armas, a guerra não teria fim, em quanto o mundo o não tivesse. Advirto porem que as Nações

nunca tiverão, nem podem ter posse na Religião e na Razão: a posse he huma acção da liberdade: a liberdade suppõe dominio: ora o homem não pode ter dominio na Religião e na Razão, logo nem liberdade, logo nem posse: não he o homem o que deve apossar-se da Religião e da Razão; he a Religião e a Razão que devem apossar-se do homem, e conseguintemente das Nações: fique feita esta advertencia, para fechar a porta ás cavillações dos Pagãos, dos Judeos, dos Hereges, dos Incredulos e dos Atheos. Do que fica dito, sem estender mais a linha, se deduzem visivelmente varias consequencias, que aclarão não somente o estado actual do Mundo, como especialmente o da Peninsula, e com particularidade o de Portugal, que he o conhecimento, que mais interessa aos meus Leitores.

1.ª Todas as guerras offensivas que se tem suscitado no Mundo, desde hum Seculo a esta parte, tem sido injustas, como justas as defensivas; porque aquellas fôrão dictadas pela ambição e pela cobiça, e estas pela posse e pela conservação: e como todas as regras tem as suas excepções, se alguem pertender que lhe exceptue a guerra que a Grecia acaba de fazer em os nossos dias, convenho com elle, se o principio que movêo a Grecia foi verdadeiramente o da *restauração da Religião Catholica.* Ainda que esta consequencia *primeira* pareça ser huma mesma com os principios, que acima deixo estabelecidos, está a differença em que o Mundo de hum Seculo a esta parte não tem cessado de estar em guerra, offendendo-se mutuamente e invadindo, ou antes, roubando os direitos, acções e propriedades de que o Direito Natural, o Direito das Gentes e o Direito Consuetudinario asseguravão, e mantinhão a posse, o dominio, e a liberdade, dando-se todavia a essas invasões a côr da justiça, que he a com que actualmente se dourão, e enfeitão todas as injustiças, e todas as maldades d'este Seculo com escandaloso e subversivo abuso da Razão, da Probidade e da Honra.

2.ª As Nações da Europa tem justiça para tomar a offensiva contra todas as suas Colonias, que se lhes revoltárão, não só porque essas Nações tinhão posse pacifica de mais de hum Seculo sobre aquellas Colonias, como porque estas tem poucos annos de posse na sua sublevação; e essa mesma posse he perturbada todos os annos entre ellas mesmas, sem embargo de quantos Reconhecimentos de facto, e

tambem de direito lhes tenhão prestado outras Nações da mesma Europa.

3.ª A Nação Portugueza pois tem todo o direito, e toda a justiça para fazer a guerra ao Brasil, sua Colonia sublevada em os nossos dias, não só porque essa sublevação não tem sido consolidada, não obstante a sancção, bem que injusta, coacta, e illegal, que lhe dêo, mas não podia dar-lhe, o Senhor Dom João VI; e ainda não obstante o Reconhecimento de facto, e de direito, que lhe dérão, e não devião dar-lhe, quasi todas as Nações da Europa; não só porque falta o principio da independencia, que foi posto em baixo pela expulsão, que a Colonia acaba de fazer do seu Imperador, como, e não menos principalmente porque o seu ex-Imperador servio-se do Brasil para fazer a guerra, e guerra barbara, e injusta á Nação Portugueza, sendo conseguintemente a offensiva, e a defensiva, e de todas as formas, justa a guerra, que Portugal lhe fizesse, ou que venha ainda a fazer-lhe.

4.ª As Nações da Europa por esta forma, e por outras quaesquer maneiras, invadidas directa, ou indirectamente na manutenção, e posse dos seus direitos, propriedades, e acções, podem justamente tomar a offensiva, e a defensiva contra outras quaesquer Nações, que minão a sua ruina, consistencia, e estabilidade; porque o principio motor de todos esses esforços contra a Paz da Europa he a ambição, e a cobiça, ou antes a insaciavel furia de ter sempre a Europa inquieta, e revoltada.

5.ª A Europa tranquilla, e pacifica, sentindo-se assim aggredida, e invadida, deve examinar todas as causas, instrumentos, e agentes d'esta aggressão; e, conhecidos que elles sejão, repelli-los, e desbarata-los com as armas, ou tomando a offensiva, ou defensiva, para castigar seus inimigos, e restabelecer a paz.

6.ª Sendo actualmente a guerra o estado da Europa, porque os homens d'este Seculo tendem visivelmente a anniquilar todos os direitos, propriedades, e acções, de que havia huma posse legal, justa, e pacifica, as Nações da Europa, que se sentirem ameaçadas de perturbação, não devem tractar senão de guerra, porque lhes nao resta outro meio para consolidarem a paz.

7.ª Todas as Nações da Europa estão ameaçadas de transtorno, porque os principios, que transtornárão huma

Nação, são os mesmos, que estão em movimento, e acção para transtornar as outras; estes transtornos não tem podido evitar-se por meios de conciliação, nem por outra alguma influencia, antes elles tem augmentado, e subido a hum gráo tal, que ameaça huma eterna, e espantosa ruina a todos os direitos, propriedades, e acções que até ha pouco se gozárão, e mantiverão com paz e com tranquillidade: logo a guerra he necessaria, e guerra offensiva, e defensiva; guerra activa, immediata, contínua e permanente, até destruir todos os inimigos da paz e da tranquillidade.

8.ª Os agentes d'estes transtornos, ou antes estes inimigos da paz das Nações da Europa estão no interior e no exterior das mesmas Nações: Logo as Nações devem repellir esses seus inimigos; e como elles não possão ser repellidos senão com as armas, deve lançar-se mão d'ellas offensiva e defensivamente.

9.ª As armas são o unico e o ultimo recurso das Nações contra os seus inimigos, assim no interior, como no exterior, quando outras medidas os não podem repellir: as medidas que as Nações podem tomar para não recorrerem á guerra, á fatal e sempre funesta guerra, são as Leis, as Transacções e o mesmo Interesse; ora a experiencia tem mostrado que as Leis, as Transacções e o mesmo Interesse, o poderoso e seductor Interesse, tem sido impotentes para as Nações se verem livres da guerra; logo devem as Nações recorrer ás armas.

10.ª A experiencia e a observação de todos os tempos tem mostrado que todas as vezes que as Nações hão mister da guerra, a offensiva lhes tem sempre assegurado o triumfo e a paz, a offensiva rapida, contínua e permanente; em vez de que a defensiva, a inacção, as delongas, e a apathia lhes tem roubado mais de huma vez a victoria, e a tranquillidade.

Estas consequencias, que podem servir de regras preliminares para dirigir o estado actual do Continente da Europa, o qual estado he a guerra, ainda que pareção hum circulo vicioso das mesmas palavras, e das mesmas cousas feito de proposito para occupar hum grande campo, não he senão huma longa série de vastissimos pensamentos, que julguei virem a proposito em esta circumducção, ou loquução Asiatica, para occultar a força laconica, que tenho de

desenvolver n'esta Defeza de Portugal, tocando o Clarim ao Continente Europeo, para que voe ás armas, tomando a offensiva contra os eternos inimigos interiores e exteriores do seu repouso e da sua estabilidade.

Não he sómente a cobiça e a ambição, a que hoje move a guerra ás Nações da Europa, guerra assim exterior, como interior; ella poderia então ser satisfeita cedendo-lhe Praças, Cidades, Provincias e Reinos, ou largando-lhe Postos e Empregos, interesses e fortunas: he a opinião a que provoca a guerra, e guerra civil em todas as Nações, guerra universal em todas as Monarchias, e Imperios; esta opinião he *Religiosa* e *Filosofica;* he a Maçonaria que está em campo, e com as armas na mão, usando da força aberta muitas vezes, outras, e são as mais, da hypocrisia, da simulação, do dólo, e de estratagemas: he a Maçonaria que, ora simulando de Religiosa, ora enfeitando-se de Filantropica, tem feito e continúa fazendo a guerra mais viva e mais mortal á Religião e aos Thronos: a Maçonaria não se contenta com que se lhe larguem Postos, Empregos, interesses e fortunas; isto he pouco para os seus desejos; a Maçonaria não se satisfaz de que se lhe cedão Praças, Cidades, Provincias e Reinos: não he o interesse, não são as transacções, e muito menos as Leis os meios com que a Maçonaria possa ser, ou vencida, ou convencida, ou extincta; só o ferro, só o fogo. A Maçonaria quer estabelecer no Mundo a sua opinião, as suas idéas, as suas doutrinas e os seus principios! A Maçonaria quer estabelecer essas suas opiniões, anti-Religiosas, e anti-Politicas com o seductor e plausivel pretexto de Liberdade Religiosa e Politica! Algumas vezes quer introduzir-se até com Titulos córados de Lei e de Justiça! A Maçonaria algumas vezes aloja-se nos mesmos Paços dos Monarchas, nas Secretarias e nos Tribunaes das Monarchias! Ella tambem se aquartela muitas vezes nos mesmos Exercitos da Realeza! O interesse lhe faz algumas vezes affectar hum caracter, que não tem! A perfidia, que lhe he sempre caracteristica, lhe inspira muitas vezes huma sagaz simulação! Mas, ai dos Monarchas que não vêm n'elles a hypocrisia e a affectação! Ai dos Soberanos, que se persuadem de que as fortunas e as honras fazem á Maçonaria perder seu caracter anti-Religioso e anti-Monarchico! Ai dos Reis que acreditão que podem engajar os Maçons na sua Defeza!

Os Monarchas seráõ a final trahidos! Os Filhos dos Soberanos viráõ de pressa a ser desgraçados! Os Povos, que são os verdadeiros esteios dos Reis, seráõ hum dia perdidos, e com elles os Reis, e as Monarchias! As victorias alcançadas pela Maçonaria em favor dos Thronos seráõ sempre mui delongadas, mui difficeis, e mui custosas para os Reis, e para os Povos; derramar-se-ha muito sangue, que podia ser poupado, gastar-se-ha muita Fazenda, que he a substancia do Estado, a qual poderia economisar-se em proveito dos Reis, e de seus Estados; e os Reis, e os Povos arrancados d'hum pélago pelos braços da Maçonaria, cahiráõ em hum abysmo, de que não poderáõ facilmente ser salvos: finalmente os triumfos conseguidos pela Maçonaria a favor dos Thronos, e dos Povos não são triumfos para os Reis, e para os seus Vassallos, são triumfos para a Maçonaria, são triumfos para as suas opiniões, doutrinas, e idéas anti-Religiosas, são triumfos para o seu Systema Atheista, e Republicano! — *Nunca do bom Mouro bom Christão — Nunca do corvo bom ovo — Nunca de má arvore bom fructo — Nunca de rabo de porco bom virote — Nunca lobo mata outro.* — São Rifões Portuguezes, que são outras tantas Sentenças bem melhores, que as do Sentencioso Seneca, as quaes podem servir de lição para a Europa no seu estado actual, que he a guerra, e todas ellas podem traduzir-se d'este modo — *Nunca de Pedreiro bom Realista* —, a não ser que Deos o converta, pois que as paixões, e especialmente, quando não são de fraqueza, mas systematicas, nunca se convertem, ou, quando mais, se transformão em outras paixões, as quaes, se não forem da mesma especie, produzem todavia os mesmos effeitos, pois que todas ellas, sendo systematicas, tendem á insubordinação, á rebellião, e á incredulidade, e excitão nos outros homens a molleza, a debilidade, a effeminação, a apathia, e a indifferença para a virtude, para a probidade, para a honra, e para a Religião; o que sem dúvida, querendo desabrochar seu peito, tem de reconhecer, e confessar todos os que tractão familiaridade com Pedreiros Livres, ou lêm os seus Livros, e Escriptos! — *Nunca de Pedreiros Livres boas obras*, porque, *por más que la mona se vista de seda, mona se queda*, as suas acções sempre mostrão neutralidade para a virtude, actividade para o crime, *virilidade* para a irreligião, *femencidade* para a honra, para a probidade,

para o Altar, para a Monarchia, e para todas as Authoridades! — *Nunca de homens imbuidos em principios oppostos á Religião, e aos Thronos póde vir cousa alguma que favoravel seja á Religião, e aos Thronos — Nunca os Pedreiros Livres fazem guerra de véras aos Pedreiros Livres.* — Seja pois a

PRIMEIRA REGRA, OU LEI.

Affastar dos Exercitos, das Secretarias, dos Tribunaes, e de todos os Negocios da Monarchia a todos os Pedreiros Livres.

Por se não ter estabelecido esta Lei, ou Regra, que he a que póde conservar os Thronos, e os Povos em paz, e tranquillidade, se tem constantemente experimentado, e observado em todos os Estados da Europa:

1.° Que apenas elles vencerem huma guerra, precisão logo de fazer outra.

2.° Que apenas sahem de huma revolução, logo se precipitão em outra.

3.° Que estão na necessidade sempre fatal, de ter em armas grandes massas, não tendo inimigos no exterior a combater.

4.° Que tem de augmentar sempre os impostos sobre os Povos, e de contrahir enormes dividas, sem que possão nunca supprir ás despezas dos Estados, sem que saibão jámais quando acabaráõ as suas urgencias, e sem que elles possão conhecer até onde se estenderáõ as suas despezas, depois de se terem exhaurido todos os meios da sua receita, o que he hum terrivel cahos para todos os Estados.

5.° Que existe continuamente huma horrenda desconfiança em todas as Classes do Estado, e conseguintemente huma contínua disposição para hum rompimento entre ellas.

6.° Que os Estados se resentem de huma agitação, de hum desgosto, e de hum descontentamento, que os põe á borda do precipicio, pela desesperação, que tem concebido, de não vêr remedio algum aos males, de que estão cercados.

Estas seis observações resultão constantes em todos os Estados da Europa, e conseguintemente produzem a necessidade de se adoptar, estabelecer, e executar com todo o

rigor a citada Lei, ou Regra, para se sahirem do labyrintho, em que estão abysmados. Mas como hoje geralmente se não acredita simplesmente sobre a authoridade, de quem diz, se não dá as provas do seu dito, darei algumas, que sejão bastantes, para convencer; pois todas, nem o tempo, nem as circumstancias as permittem.

Quem trahio, e levou a Luiz XVI á posição, em que se achou, de não ser obedecido dos seus Vassallos? Muitos dos seus Conselheiros, que o cercavão, muitos dos seus Ministros, e especialmente o das Finanças, muitos dos Empregados nos Tribunaes, muitos dos que dirigião os Negocios da França: erão Pedreiros Livres os que o trahírão: todos elles comião, e gastavão á custa da barba longa: Luiz XVI cahio na simplicidade de se confiar d'elles; e debaixo dos seus mesmos pés se lhe levantárão os maiores desastres! Seus Conselheiros, seus Ministros, seus Empregados, aquelles que o trahírão, e que o levárão á posição de não ser obedecido dos seus Vassallos, erão, como diz hum Adagio Portuguez, *camisa de entr'ambas as nadegas;* advogavão ao mesmo tempo pelo Throno, e pelos Pedreiros! Talvez Luiz XVI os não conhecesse, e seja escusavel pela sua ignorancia. Mas que a sua desastrosa morte sirva de lição a todos os Soberanos, para se não confiarem jámais de Pedreiros Livres, ou no Exercito, ou no Ministerio, ou nos Tribunaes, ou no Conselho! Não perdão jámais de vista os Soberanos, que Luiz XVI subio ao patibulo nos braços dos Pedreiros Livres, com quem elle fôra indulgente! Os Soberanos não são inviolaveis, ou invulneraveis segundo o Systema da Maçonaria.

Quem teve sempre trémula a França no Reinado de Luiz XVIII, e de Carlos X, trémula, e sempre disposta a abysmar-se? Os Pedreiros nas Secretarias, Pedreiros nos Tribunaes, Pedreiros nos Conselhos, Pedreiros nos Empregos, Pedreiros no Exercito. Luiz XVIII não esteve seguro no Throno! Carlos X foi arrojado da Magestade! A tolerancia de hum, e outro, a sua condescendencia com a Maçonaria, o terrivel systema de amalgamar!...

Quem traz sempre inquieta a desgraçada França, ainda mesmo depois dos triumfos no mez de Julho de 1830? Não são sómente os Carlistas: são principalmente os Pedreiros Livres! Elles não sabem, não querem, não podem viver tranquillos!

A Hespanha, e Portugal subministrão provas periodicas, perennes, e permanentes! Os acontecimentos do anno de 1815 na Hespanha, os de 1817 em Portugal, os de 1820 até 1823 nas duas Nações, os de 1824 até 1828 em Portugal, todos elles demonstrão incontestavelmente que em quanto continuou o Systema de tolerancia, e de condescendencia, que em quanto vogou o plano de amalgamar os Realistas com os Maçons, que... que... que (vá de huma vez) em quanto os Pedreiros Livres intervierem nos Conselhos dos Reis, nas Secretarias, nos Tribunaes, nos Empregos, no Exercito, e em quaesquer Repartições, ou Negocios da Monarchia, nem os Negocios seráõ dirigidos com justiça, e com verdade, nem o Exercito combaterá com valor, e com fidelidade, nem os Empregos seráõ servidos com firmeza, e com igualdade, nem os Tribunaes seráõ governados com inteireza, e com imparcialidade, nem as Secretarias seráõ conduzidas com acerto, e com dexteridade, nem os Reis seráõ bem aconselhados, nem os Thronos estaráõ seguros, nem os Povos viverão tranquillos, constantes, e satisfeitos: os Estados finalmente tenderáõ sempre para a anarchia, e para a sua dissolução!... Fóra pois, fóra Pedreiros Livres!

Agora sim, agora será taxado de revolucionario o Auctor da Defeza de Portugal! O Clarim porém já toca! Soberanos, e Povos, que desejais a paz, fazei a guerra aos Pedreiros Livres! São claros os écos do Clarim! Escutai-os! Fóra Pedreiros Livres de todos os Empregos! E morrão aquelles, que tem as armas na mão, para derrubarem o Altar, e o Throno! Portuguezes! He chegado o tempo de matar Pedreiros! Elles ahi estão no Porto: a Elles! O Grande, o Poderoso, o Justiceiro Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro livrará seus Povos dos outros cuidados! A paz, e a tranquillidade seráõ firmes, e estaveis depois da victoria.

Lisboa 16 de Julho de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. 1832 *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 54.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14 ℣ 15. Portuguezes! Armai-vos, e matai os vossos inimigos, porque he chegado o tempo, de que vos vingueis d'elles!

Ha quasi doze annos que os Portuguezes soffrem males, que outra Nação não poderia soffrer, sem ter cahido na anarchia. He que os Portuguezes tem posto a sua esperança no seu Déos, e nos seus Reis; e, como nunca forão frustradas, crem, e com muita justiça, que o seu Deos, e os seus Reis os não tem abandonado para sempre!

O anno de 1820 foi para Portugal o anno climaterico das suas desgraças, desgraças que ainda não cessárão! Tudo forão promessas, esperanças, e illusões; mas na realidade roubos, violencias, tyrannias, e trahições! Os Soldados, e os Povos forão os primeiros seduzidos, e os primeiros lesados! Tudo se lhes prometteo, e tudo se lhes tirou! As Authoridades, e os Chefes, que os dirigião, levárão-nos como pela mão ao precipicio; e os Soldados, e os Povos, obedecendo-lhes, se degolárão a si mesmos! He de crer que hum bom numero de Authoridades, e de Chefes seductores fossem tambem seduzidos á sua vez! Tanto a Maçonaria era desconhecida, ou tanto ella estava empoleirada, que se lhe não soube, ou não se lhe póde resistir! Ainda os Soldados, e os Povos não estavão deliberativos, como hoje

estão; estado na verdade de insubordinação, mas d'essa insubordinação tem procedido, e procede a salvação da Patria: sim os Soldados, e os Povos não vão muitas vezes, onde seus Chefes, e Authoridades os querem levar. He Pedreiro o Chefe, e a Authoridade? O Soldado, e os Povos o conhecem, e não lhe obedecem; e desta desobediencia, ou insubordinação resulta, que em vão se canção os Chefes, e as Authoridades em *maçonizar*, *constitucionalizar*, e desmoralizar os Soldados, e os Povos, que tenazes da educação de seus Pais, e Avós querem Deos, querem Rei!

Conheço que insensivelmente escorreguei do anno de 1820 para o de 1823, e acertei, como aquelle que dando hum escorregão, por acaso, se salvou de hum abysmo! E que maior abysmo, que o da revolução do anno de 1820 até o anno de 1823? Forão por ventura punidos os revolucionarios? Não obtiverão elles premios no anno de 1820, e premios no anno de 1823?!!! Qual d'elles se não reputa hoje de huma *illibada* conducta, e de huma fidelidade a toda a prova?!!! A Maçonaria, a revolução foi feliz, humilhando-se aos pés do Throno no anno de 1823!!!... Até o malvado, o sempre trahidor Ignacio Martins Pamplona foi Conde de Subserra, e tudo o que pertendeo ser!!!... Os revolucionarios do anno de 1820, e dos annos seguintes até 1823 tem escapado por huma especie de prestigio do reato da pena; mas da infamia, do labeo, da nodoa, não podem elles escapar: na Côrte, no Porto, no Algarve, no Alemtejo, na Beira Alta, e na Beira Baixa, na Estremadura, no Minho, em Tras-os-Montes, e no Douro, no infeliz Douro, em toda a parte se diz — *lá vai aquelle; forte Pedreiro! aqui vem este; forte Constitucional! alli está; forte Revolucionario! ahi passa; forte Malhado!* Succede-lhes aos revolucionarios como aos que forão processados pela Sancta Inquisição; ainda que não fossem punidos, o povo sempre lhes lança em rosto o seu *sambenito!* He desgraça haver sido Revolucionario, Constitucional, Pedreiro, Malhado: trinta mil prodigios que elles fação, o labeo não o perdem: o povo não tem papas na lingua, *e o que sabe, para dizer o quer!* Se aos netos de Judeos ainda lhes chamão Judeos, como poderá evitar-se que o que foi Constitucional, Revolucionario, Pedreiro no anno de 1820 até o de 1823, não tenha estes mesmos nomes, e alcunhas no anno de 1832? Embora os queirão

cobrir com a capa larga; embora tenhão elles feito mil movimentos de conversão á direita, e á esquerda: a Mithologia chamar-lhes-ha *Protheos;* a honra, *homens de duas caras;* o vulgo, *Malhados*, *Constitucionaes*, *Pedreiros;* e todos, todos desconfiarão de semelhante gente, em quanto a não virem morrer pela defeza do seu Rei, e da sua Patria: então sim, então todos, até eu mesmo, que sou incredulo em conversões politicas, todos dirão que estes, e aquelles Malhados lavárão no seu sangue as suas maculas, já que a Justiça, esquecida de si mesma, lhas não lavou a seu tempo.

Por fortuna de Portugal os Soldados, e os Povos conhecem bem os Pedreiros, e não vão sempre, onde elles querem leva-los; antes os Soldados, e os Povos levão muitas vezes aos Pedreiros pelo caminho da honra, e da fidelidade, por onde elles não querem ir. Podem perguntar por isso, os que duvidarem, aos Soldados, e aos Povos da maior parte de Portugal desde o anno de 1823 *inclusive* por diante: o Povo de Villa Real de Tras-os-Montes no dia 23 de Fevereiro d'esse anno de 1823, sem consultar as Authoridades Civis constituidas, tidas, e havidas por Constitucionaes, rompeo seu grito pelo Governo Monarchico; eis-aqui huma especie de desobediencia, e de insubordinação, produzida, não pela venalidade, nem pela seducção, nem ainda mesmo pela presença do Marquez de Chaves, que sómente servio de conductor, mas por hum certo sentimento ingenito de fidelidade, que sempre foi caracteristico da maior parte do Povo Portuguez, e que sempre foi expressado com brilhantismo no Povo de Villa Real: este movimento de fidelidade *Villa-realense* arrancou do edificio constitucional a muitos individuos, que nelle estavão entalhados, e os levou ao edificio da Realeza: o mesmo grito de fidelidade se ouvio no mesmo Povo de Villa Real no anno de 1826, logo que se publicou a noticia de que D. Pedro usurpava a Monarchia: em vão pertendêrão cohibir aquelle grito as Authoridades constituidas; o Povo, até sem conductor, mostrou a sua adhesão á Augusta Pessoa do Senhor D. Miguel, e a sua aversão á Carta Constitucional; derão-se os Vivas ao Senhor D. Miguel Primeiro antes, e depois de se promulgar a Carta; e huma parte do Povo de Villa Real, sem conductor, nem seductor, emigrou para a Hespanha nos mezes de Agosto, e de Setembro do dito

anno de 1826, e mostrou á outra parte indecisa, e ás Authoridades, que mantinhão aquella indecisão, qual era o caminho da honra, e da fidelidade! Estes mesmos sentimentos populares de fidelidade ao Throno apparecêrão em outros muitos Povos de Tras-os-Montes, do Minho, da Beira Alta, e das mais Provincias de Portugal, e obrigárão muitas vezes ás Authoridades, que resistião, e aos indifferentes, ou neutros, que debaixo do plausivel fraseado da moderação estudão sómente em conservar as suas fortunas, a que trilhassem a estrada da honra, que ao mesmo passo he estrada do trabalho, do perigo, e do soffrimento! E eis-aqui outra vez como esta especie de desobediencia, e de insubordinação metteo a Nação na verdadeira ordem, e obediencia.

Em o mesmo anno de 1823 os Soldados da Provincia de Tras-os-Montes levárão como arrastados para o caminho da honra, e da fidelidade a huma parte dos Officiaes, que os commandavão, a qual bem mostrou não ir de seu bom grado para onde seu juramento, e seu caracter os devia conduzir; pois que no mesmo anno, ao entrar na Hespanha a Heroica Divisão Trasmontana, não a seguírão; e nos annos de 1826, 1827, e 1828 caminhárão livremente para a rebellião, e infidelidade, captivos, não de D. Pedro, mas do azul, e branco, que he o chamariz de todos os inimigos da Monarchia! No mesmo anno os Soldados do Regimento N.° 22, (hoje denominado de Valença do Minho) ao aceno do Tambor Mór do mesmo Regimento, separárão-se das Bandeiras Constitucionaes, deixando n'ellas os seus Officiaes, aos quaes por este acto, que parece desobediencia, e insubordinação, mostrárão o caminho da honra, e da fidelidade! No mesmo anno os Soldados do Regimento de Milicias de Pennafiel, conduzidos por hum Sargento cobrírão de vergonha aos Officiaes, e Chefes, que não sabião, ou não querião ir pelo caminho, que andárão os antigos Portuguezes; caminho de honra, e de fidelidade! No mesmo anno huma boa parte dos Officiaes do Regimento de Infanteria N.° 9, que em gritos parecidos aos dos condemnados expressavão seu juramento de *Constituição, ou Morte*, forão obrigados pelos seus Soldados a gritarem — *Viva ElRei Absoluto*, e *Morra a Constituição*, mudança que foi feita de hum para outro momento, parecendo ser isto por huma especie de encanto, que eu mesmo via, e quasi

não acreditava! Cousas semelhantes passárão em quasi todos os Corpos de Portugal n'aquelle anno, as quaes bem mostrão, que não era huma parte dos Officiaes, e Chefes, a que dirigia os Soldados pelo caminho da Realeza, antes essa parte de Officiaes, Chefes, e Generaes foi dirigida, levada, e como arrastada pelos Soldados, a fazerem Causa commum com elles na salvação do Throno. Tanto a fidelidade he ingenita no coração do Soldado, e do Povo Portuguez! Tanto elle desempenha o seu juramento de salvar a Patria, logo que a conhece trahida! Assim o Soldado, e o Povo Portuguez tivessem conhecido no anno de 1820, que o grito do Porto era huma rebellião formal! Elle abandonaria os seus Officiaes, Chefes, Generaes, e toda a casta de Authoridades, ou os obrigaria a permanecerem no seu juramento de fidelidade ao Rei, e á Patria; e a revolução morreria no seu nascedouro.

Digão embora os Politicos, que por esta fórma o Soldado, e o Povo Portuguez he desobediente, e insubordinado, ou que são Corpos deliberativos; o que os torna em hum estado de quasi rebellião! Em todos estes movimentos politicos, em todos estes actos deliberativos sobre os assumptos da Monarchia, o Soldado, e o Povo Portuguez geralmente se tem movido, e deliberado sómente a salvar a sua Religião, o seu Rei, e a sua Patria. Se elle tem desobedecido ás Authoridades, se elle se tem insubordinado aos seus Officiaes, Chefes, e Generaes, não tem sido senão, para metter todas essas Authoridades, e Superioridades na obediencia ao Rei, e na antiga ordem da Monarchia: todavia o Soldado, e o Povo Portuguez não tem desacatado os seus Chefes, e Authoridades; elle respeita seu sangue, suas propriedades, e ainda a sua liberdade. Assim o Soldado, e o Povo Portuguez he guiado por Deos na justiça, e na paz! Elle desobedece aos Chefes, e ás Authoridades, que entende serem inimigos do seu Rei: elle defende o seu Rei, e não offende os inimigos do seu Rei: o Soldado, e o Povo Portuguez conhece que sómente seu Rei tem direito sobre a vida dos seus inimigos, e por isso os entrega á justiça do Rei; sómente no campo, julga o Soldado, e o Povo Portuguez, que tem direito a matar os inimigos do seu Rei. Feliz, feliz, e mil vezes feliz a Nação Portugueza! Não ha outra Nação no Mundo, que tenha hum Soldado, e hum Povo, como a Nação Portugueza tem! Sol-

dado, e Povo amigo do seu Rei, e da sua Patria! Inimigo de revoluções, e, mettido n'ellas, inimigo de sangue! Que outro Soldado, que outro Povo ha no Mundo, que, posto na precisão de desobedecer aos seus Chefes, e ás suas Authoridades, por salvar o seu Rei, e a sua Patria de Funccionarios trahidores, e aleivosos, todavia não derrama o seu sangue, não exerce a carnagem, não insulta a propriedade? Mostrem-me os Politicos outro Soldado, outro Povo, que, á semelhança do Portuguez, vendo seu Rei, e sua Patria trahidos pelas Authoridades, desobedece a estas, mas não as offende, e, sómente impedindo-as de continuarem suas aleivosias, as entrega ao seu Rei, para que faça n'ellas justiça, como entender! Qual outro Soldado, qual outro Povo, senão o Portuguez, tem nas guerras civís poupado o sangue civil? *Dic quibus in terris tres pateat Cœli spatium, et non amplius ulnas, et eris mihi magnus Apollo!* Em que outra Nação do Mundo, inflammando-se a guerra civil pela Religião, pelo Rei, e pela Patria, a Religião, o Rei, e a Patria tem sido defendidos, e salvos pelo Soldado, e pelo Povo, sem que os deveres da Religião sejão ultrapassados, sem que os laços da Sociedade sejão espedaçados, sem que o Supremo Poder do Rei seja menos-cabado, ou esquecido, ou despresado? Eis o porque eu sou hum enthusiasta pela Nação Portugueza: se ha em alguma Nação do Mundo hum Soldado, e hum Povo, como o Portuguez, eu sou obrigado então a confessar, que as Historias de todas as Nações mentem: mas ellas não incutem, e ellas dizem, todas, todas sem exceptuar huma só, que todas as vezes, que estiverão em guerra civil, seu Soldado, seu Povo exercêrão todo excesso de sacrilegios, de profanações, de pilhagem, de devastação, de carnagem, e de anarchia. Venturosa Nação Portugueza! A mão de Deos está com o teu Soldado, e com o teu Povo! Tu és a unica Nação do Mundo privilegiada nas revoluções, em que tu, teus Reis, e tua Religião, tudo he salvo, e defendido pelo teu Soldado, e pelo teu Povo, sem que tenhas a reprehender no Soldado, e no Povo, que no maior calôr da revolução respira paz, suavidade, brandura, e moderação! Porém não he justo, e muito justo, que esse Soldado, e esse Povo Portuguez sejão huma vez livres das Authoridades, e dos Chefes, que huma, duas, e tres vezes o trahírão, o sacrificárão, o expozerão? Não he justo, e muito

justo, que esse Soldado, e esse Povo não tenhão de recorrer jámais a essa especie de desobediencia, e de insubordinação ás Authoridades, e aos Chefes para salvarem da revolução, e da ruina a Religião, o Rei, e a Patria? Não he já tempo, e mais que tempo, de que o Soldado, e o Povo Portuguez possão entregar-se com segurança aos Chefes, e ás Authoridades, que os dirigem? Haverá sempre esta luta debaixo para cima, e de cima para baixo? Será eterno o privilegio da Nação Portugueza, de se sahir de todas as suas revoluções, sem que se derrame o sangue dos Cidadãos, sem que se façáo em migalhas os ãnneis da Sociedade? Parece que sim; a Nação Portugueza he conservada pela mão forte, e suave da Providencia! Porém a Maçonaria pertende roubar á Nação Portugueza este seu especialissimo privilegio; e se o conseguir, então como — *ex corruptione optimi oritur pessimum* — o Soldado, e o Povo Portuguez, inimigo de verter o sangue civil, se converterá em hum Leão, que espedaçará por suas mãos a todos, os que imaginar, que são Pedreiros. Mas por fortuna o Soldado, e o Povo Portuguez tem á sua frente o seu Rei, o seu General, o Senhor Dom Miguel I; o Soldado, e o Povo Portuguez confião cégamente no Governo estabelecido: Prasa aos Ceos, que se fortifique mais, e mais este unico annel da Nação Portugueza, e então será eterna a sua paz, eterna a sua duração, eternos os seus triumfos.

O Soldado, e o Povo Portuguez conhecem felizmente por experiencia, e pela observação, e bem assim pelo soffrimento de tantas calamidades, e trahições como pesárão sobre elles desde o anno de 1820 até o de 1828, quaes são as Authoridades, e os Chefes, que trahírão a Patria, e o Rei em todo esse espaço de tempo; conhecem pois de quem se devem confiar, e de quem não; quaes são os puros, e os mistiços: o Soldado, e o Povo Portuguez já não podem ser illudidos, enganados, nem seduzidos: eis a origem da salvação da Patria: eis o porque os inimigos não podem triumfar: eis o porque ElRei, e seu Governo podem cantar já a victoria, antes de ter entrado na peleja: o Soldado, e o Povo Portuguez não voltão atraz; elles querem o seu Rei Dom Miguel, e o Senhor Dom Miguel he, e ha de ser Rei de Portugal, an que pêze aos rebeldes, aos trahidores, aos Malhados, aos Constitucionaes, aos Pedreiros Livres, e a Dom Pedro seu capataz: esbraveje a ca-

bala revolucionaria, forceje, morda-se, espedace-se, e rebente a Diplomacia Maçonica: o Senhor Dom Miguel he, e hade ser Rei de Portugal! Deos está por Elle! Deos está pelo Soldado, e pelo Povo Portuguez, que ama ao Senhor Dom Miguel. Já não valem seducções, velhacarias, imposturas, e trahições! Ameaços não se temem; trabalhos não cansão o Soldado, e o Povo Portuguez; o ouro despresa-se! O Senhor Dom Miguel está no coração do Soldado, e do Povo Portuguez; e no coração do mesmo Soldado, e do mesmo Povo está o odio a todos os Pedreiros Livres, e ao mesmo Dom Pedro! O Soldado, e o Povo Portuguez morre em ancias de vir já ás mãos com os inimigos! Em vão se lhe cança a paciencia, e se lhe retarda o momento do combate! Elle, depois de tudo, ha de combater, e ha de triumfar! Eu mesmo, cheio desta nobre impaciencia, desfeitos meus olhos em lagrimas, pelo desgosto de não vêr os rebeldes já batidos, me encho de coragem, e dou meu nome na 3.ª Companhia de Urbanos Realistas: com estes nobres, e corajosos Portuguezes mostrarei aos Pedreiros, que sou capaz de sustentar com a espingarda a Causa, que defendo com a penna!

O Senhor Dom Miguel ha de ser meu Rei, ou eu hei de perder antes huma vida, que se me torna pesada á vista de tantos desgraças, como tem soffrido, e vai soffrendo a Nação Portugueza! Porém gloria seja dada a Deos, e louvor ao Governo Real! O Soldado, e o Povo Portuguez, todo elle arde em os mesmos desejos! Desesperem-se os Pedreiros Livres, e os seus protectores! O Soldado, e o Povo Portuguez na mesma desesperação espera, e esta esperança emana de hum Deos, e de hum Rei, a quem defende!

Mas voltando aos mesmos principios, d'onde me arrebatou hum enthusiasmo Religioso, e Politico, hum enthusiasmo na sua origem, meio, e fim justo, honroso, e sancto, para que o Clarim possa estabelecer-se a sua segunda Regra da Defeza de Portugal, na presente rebellião, eu vou rapidamente desenvolver as perniciosas consequencias do funestissimo systema da tolerancia, e da condescendencia com a Maçonaria, ou da *amalgamação* dos Constitucionaes com os Realistas, systema, em que o Soldado, e o Povo são sempre victimas; mas de que sahirão sempre vencedores por força de aquelle sentimento de fidelidade, que he inge-

nito, e inauferivel em todos os Portuguezes, que não estão *maçonisados*.

Como a facção *Subserra* e *Palmella* desenvolvessem este plano no anno de 1823 á sombra do Governo Absoluto, de que se prevalecêrão, e que fingírão querer consolidar, quando elles sómente cavavão a ruina de Portugal, tanto do Throno, como do Altar, assim da Metropole, como das Colonias, os Funccionarios, tanto Militares como Civís, não forão purificados da revolução do anno de 1820, nem da sua cooperação, a que ella continuasse, progredisse, e se augmentasse nos annos de 1821, 1822 e 1823: forão enfeitados com distincções, e Mercês varios simulacros da Realeza, só por hum movimento de conversão, que fizerão quando a Revolução havia chegado ao seu fim; empregárão-se com assaz indistincção pessoas que se ignorava o que erão e o que havião ser; dêo-se apenas huma satisfação aos justos resentimentos populares, procedendo-se a humas Devassas judiciaes, mas que não forão julgadas senão por huma amnistia com muito poucas excepções; finalmente a Maçonaria, se não foi geralmente protegida, foi geralmente indultada: em huma palavra, a Revolução do anno de 1820 não foi examinada, nem sacudida, ficando por isso mesmo a *mesma Revolução encoberta, e os Revolucionarios em geral disfarçados*. A marcha do Senhor D. João VI (digo-o sem mingoa do seu Augusto Nome, e das suas Altas e Egregias Virtudes) seguio o mesmo andante que a de Luiz XVIII, e estes dous Soberanos soffrêrão, pela Sua Real Bondade, os mais desastrosos males! O Senhor D. João VI foi obrigado a separar-se de Seu Augusto Filho o Senhor Dom Miguel, o Libertador da Monarchia, e a Unica Esperança da Salvação de Portugal; foi obrigado a condescender com a Facção, e, condescendendo, perdêo o Brasil e deixou Portugal, por sua sempre infausta morte, em huma confusão, de que sómente podia ser outra vez livre pela Presença do Senhor Dom Miguel, assumindo o Governo, na qualidade de Rei Absoluto, para enterrar a revolução e os revolucionarios. E quem pode sobre estas tristissimas experiencias e observações negar que a condescendencia com a Maçonaria, e a *analgamação* dos Constitucionaes com os Realistas seja huma perenne fonte de calamidade para os Reis e para os Povos!

Verdade he que os Constitucionaes não são empréga-

dos pelos Governos Monarchicos, senão porque se persuadem que aquelles estão convertidos sinceramente para a Defeza do Altar, e do Throno: mas esta persuasão, concebida muitas vezes sobre ligeiras provas, tem sido tantas vezes desmentida em todas as Campanhas da Realeza, por que tem passado a Europa depois da Revolução Politica, e Religiosa da Inglaterra, que insistir mais na tolerancia, e na *amalgamação* he expôr, e arriscar sempre os Thronos, e os Povos a huma inevitavel ruina; he querer manter sempre nos Povos o desgosto, o descontentamento, a desconfiança, a desunião, e finalmente a tendencia ás revoluções, e á anarchia; em huma palavra, he huma cegueira Politica, e Religiosa, que Deos permitte aos Reis por impenetraveis motivos, e altissimos fins, que elle encaminha sempre, para fazer brilhar o seu Poder, e a sua Justiça. O que nós experimentamos, e observamos; o que nós ouvimos, vemos, e soffremos he que a Europa, e a America estão cheias de Pedreiros Livres; fartas de revoluções, e de calamidades; e sedentas de huma paz, e tranquillidade, que não tem chegado a conhecer nossos Pais, nem nós, e não sabemos se a alcançaráõ os que vierem depois de nós. Ainda se não tentou sériamente o remedio da intolerancia, e da punição dos Revolucionarios, antes pelo contrario se tem adoptado a sua tolerancia, e, o que he peior que tudo, a sua *amalgamação*. Que esta *amalgamação*, e tolerancia seja a causa de todas as desgraças, que soffrêo, e vai soffrendo a Europa, está demonstrado por todos os factos: eu referirei alguns; e, como estamos com as armas na mão, voltarei depois ao mesmo campo.

Hum Conselheiro, e Valido teve Napoleão nos dias, em que seu Titulo de Imperador parecia mais consolidado: descêo Napoleão, subio Luiz XVIII, e este bom Soberano tolerou aquelle seu inimigo, e até confiou d'elle como de hum seu Conselheiro, e Valido! Esse mesmo Conselheiro, e Valido prevalecêo com Carlos X! Esse mesmo Conselheiro, e Valido prevalece agora com Luiz Filippe! Luiz XVIII não esteve seguro no Throno! Carlos X foi privado do Throno! Luiz Filippe soffre a sorte d'aquelle, e poderá experimentar a d'este! Cegueira Politica, e Religiosa!

Ney, o Marechal Ney, o calvo, o nariganga Ney, protestou de huma maneira a mais solemne a sua adhesão, e fidelidade a Luiz XVIII! Ney foi o primeiro General,

que fallou a Luiz XVIII!!! Os outros Generaes, que protestárão fidelidade a Luiz XVIII, e que a cumprirão, e guardárão, certamente porque a conjuncção ainda não era favoravel, faltárão ha pouco, e com excepção de poucos, a Carlos X!!! Esses mesmos Generaes, que faltárão a Carlos X, e que aderirão a Luiz Filippe, poderão faltar a todos, e aderir a todos! Cegueira Politica, e Religiosa!....

Em a Hespanha o Grande Rei, e Senhor Dom Fernando VII teve no anno de 1814 a bondade de condescender com os Revolucionarios; mas tambem teve a desgraça de vêr que no anno de 1820 muitos dos Generaes, e Empregados, que lhe jurárão maior fidelidade, e de quem Elle mais devia confiar-se pelas Mercês, que lhes prodigalisára, fôrão os primeiros, que o abandonárão, e se passárão para os Estandartes da Rebellião. O meu Censor póde, segundo as Leis, deixar passar estas observações, pois que eu falo sómente de Generaes, e de Empregados bahidos como infieis, e trahidores; se ha alguns outros mais do que esses julgados, elles se porão a carapuça: os Governos devem inferir do que foi huma consequencia para o que póde vir a ser: os exemplos do passado devem ser mestres do presente, e escholas do futuro!....

Em Portugal no anno de 1820 os que se fingírão mais amigos d'ElRei (não todos se fingírão) fôrão os primeiros, que Lhe faltárão. Saldanha, José Corrêa de Mello, e outros Generaes tidos, e havidos como Realistas, e outro tanto digo de outros muitos Empregados Civis, e Ecclesiasticos!.... fôrão os maiores inimigos da Nação Portugueza, e do Senhor Dom Miguel Primeiro! Subserra, que affectava cumpar de Realista, foi o que nós sabemos! Palmella, que arrotava de homem de bem, foi o que vimos, he o que vêmos, e será sempre hum trahidor!....

Eu não vou a Inglaterra, em quanto a maré não fôr cheia! Lá verei nas suas Historias, pois que elles mesmos o dizem, amigos fingidos d'ElRei aos centos, e os trahidores outros tantos! Fallo do passado, que assim foi julgado! Do presente não fallarei, porque antes da Sentença não tenho jus a proferir as minhas idéas!

Tenho observado que nos Estados Monarchicos da Europa os Monarchas tem sido muitas vezes trahidos pelos que se fingião, e até parecião, ser os seus acerrimos Defensores!!! Elles apostatárão das Bandeiras da Monarchia para

as da Rebellião!!! Porem das Bandeiras da Rebellião nenhum General, nenhum Ministro, nenhum Empregado alto passou, (já se sabe, *sinceramente)* para as Bandeiras da Realeza!!!

Tantas simulações, tantas trahições requerem que os Governos da Europa tenhão hum olho mais vivo, e mais providente, que aquelle, que os Egypcios pintavão, ou esculpião em hum páo, ou cacete!

Seja pois a segunda Regra, ou Lei:

Desconfiar que seja sempre trahidor quem o foi huma vez, e com muita maior razão quem foi trahidor duas, e tres vezes!!! Desfazer o cozimento! Desamalgamar a amalgamação, ou a revolução! Desempregar os suspeitos de pouco affeiçoados á Causa da Realeza!...

O Soldado, e o Povo Portuguez podem ser ouvidos para a execução d'esta Regra! Elle tem sido muitas vezes victima da simulação, e da trahição, bem que tem triumfado sempre, sempre ha de triumfar, e muito mais agora, que tem hum Rei Sabio, e Justo, e hum Governo experiente, e conhecedor! Esta demonstração vai apparecer.

Lisboa 22 de Julho de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 55.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14 *v.* 15. Portuguezes! Porque não correis ás armas, e não vingaes na morte dos vossos inimigos as injurias, que d'elles tendes recebido? A hora da sua morte he chegada; vós sois os seus executores! Vosso Rei o Senhor Dom Miguel I vos chamou ás armas. — Recusareis vós combater por Deos, e por ElRei? Não vingareis tantos insultos feitos á Religião, á Patria, e ao Throno? Não desaffrontareis a vossa honra? Não salvareis as vossas propriedades, os vossos bens, as vossas fortunas, as vossas familias, e, o que he mais amavel que tudo, as vossas vidas? Se os males, se as atrocidades, que vossos inimigos vos tem feito no espaço das duas infames, e execrandas Constituições; se os ferros, se os pesados, e vergonhosos ferros, que n'esses tempos arrastastes; se as chibatadas, e palmatoadas, que então despedaçárão os vossos corpos, e os corpos das vossas mulheres, das vossas filhas, dos vossos filhos, dos vossos parentes, e dos vossos amigos; se as vergonhosas insolencias, que praticárão em as vossas caras esposas, e em as vossas innocentes filhas; se tantas, e tão horrorosas crueldades, que então soffrestes, agora não lembrão, não despertão agora o vosso resentimento, ahi tendes renovados os mesmos horrores; reproduzidos os mesmos excessos; repetidas as mesmas infamias! Porém agora a crueldade, e o sacrilegio tem sido levados á ultima consummação: as pratas, os calices, e todos os Vasos Sagrados dos Altares de Jesus Christo; os ornamentos preciosos das Igrejas; até os sinos das mesmas Igrejas, tudo tem sido profanado, contaminado, e roubado por essas barbaras gentes, que acompanhão a Dom Pedro! Religiosos os mais exem-

plares, Sacerdotes os mais edificantes, até os mesmos Officiaes, e Soldados, que estavão doentes nos Hospitaes, aos que a mesma crueldade do infame Napoleão perdoava, forão cruelmente assassinados pelos vís defensores de D. Pedro! As mulheres, ou casadas, ou donzellas, as mesmas decrepitas viuvas, até as Religiosas consagradas a Jesuss Christo forão sacrificadas de todas as fórmas pelo furor, pelo cruel, pelo barbaro, pelo sacrilego furor dos deshumanos amigos de D. Pedro! Portuguezes, restareis insensiveis a tão barbaros sacrilegios, assassinatos, e excessos? Armai-vos, Portuguezes! armai-vos em defeza da vossa Religião, do vosso Rei, da vossa Patria, e de vós mesmos! Deos, o mesmo Deos vos manda, que vos armeis em sua defeza! Que Portuguez haverá, que poupe seu sangue na guerra com os seus inimigos; seu sangue, que perderá na paz com elles? Não he preferivel, não he mais glorioso, e mais dôce expirar pelejando, que morrer assassinado? Portuguezes, ás armas.....

A este sonoro éco do Clarim, responde outro do Soldado, e do Povo Portuguez: (triste, lúgubre éco!) *Nos não temos combatido, quia nemo nos conduxit: não temos tido quem nos levasse ao combate, e combater sem ordem he querer a desordem, e na desordem a perda do triumfo...* O éco ia continuando; mas difficilmente podem entrar tristes lembranças do presente em hum cerebro atacado de recordações dolorosissimas do passado! Porém o Soldado, e o Povo Portuguez de todas as difficuldades se sahem com gloria; penetrados até ao coração de vivos sentimentos de fidelidade pela sua Religião, pelo seu Rei, e pela sua Patria, elles sabem combater a boas horas, e elles triumfão! = *Retardar o tempo do combate, he, as mais das veses, ceder do triumfo!* = *Não aproveitar o ardor, e o enthusiasmo do Soldado, e do Povo, he querer affrôxa-lo, he querer perdê-lo!* = *Dar tempo ao inimigo he proveito para quem o toma, e he perda para quem lho dá!* = *Perde a opinião quem deixa, que outrem a ganhe!* = *Quem na guerra toma a offensiva, commummente vence; tomando a defensiva, ordinariamente perde!* = Estas cinco regras tem poucas excepções, ou muito poucos successos, que as desmintão. Scipião, e Annibal, Epaminondas, e Agesilas são reputados Mestres da guerra: outros grandes Mestres teve o Mundo: Roma, Carthago, a Grecia, a Persia, a França, a Hespanha nos ultimos tempos, e a mesma Inglaterra sobre as aguas, dérão ao Mundo muitos Mestres da guerra; assim ellas os dessem da paz. O meu Larraga tambem tra-

eta d'essas historias por appenso, e lá vem nelle hum bom numero de Mestres Portuguezes; mas estes, os mais affamados, erão *Mestres de Campo:* elles dérão honra, gloria, e nome a Portugal nas quatro partes do Mundo, onde pelejárão, e vencêrão: grande Mestre de Campo foi Veriato! Se a trahição o não privasse da vida, levaria as armas Portuguezas ás mesmas Praças da orgulhosa Roma; o que não conseguio Annibal, nem fez Scipião na altaneira Carthago, nem Epaminondas pôde na atrevida Sparta. — O Soldado, e o Povo Portuguez tem n'estes dias o melhor General do Mundo. — Portugal nunca teve outro, prompto como ElRei, a affrontar os perigos. — Se as circumstancias da guerra o exigirem, Elle combaterá ao lado do Soldado, e do Povo Portuguez. Quem he este General? He o Libertador Perpetuo de Portugal: He o Pai do Soldado, e do Povo Portuguez: He Sua Magestade Fidelissima o Senhor Dom MIGUEL I: Se as circumstancias o exigirem, combatendo ao lado do Soldado, e do Povo Portuguez, como affirmou, e promettêo na Sua Real Proclamação do dia 10 do corrente mez de Julho, o Soldado, e o Povo Portuguez, imitando o exemplo do seu Rei, e do seu General, sendo o honroso timbre d'ElRei, do Soldado, e do Povo *vencer, ou morrer*, ElRei, e General, o Soldado, e o Povo triumfarão, vencerão; — então os combates não serão retardados — aproveitar-se-ha o ardor, e o enthusiasmo do Soldado, e do Povo Portuguez — não se dará descanço ao inimigo — o inimigo perderá a opinião — e o Soldado, e o Povo Portuguez, tomando a offensiva, gritará do centro para a direita, e da direita pare a esquerda = *Victoria pelo vosso Rei, e General o Senhor Dom MIGUEL I.*

Porém estas cousas pertencem sómente ao meu Rei, e meu General: Sua Magestade Fidelissima o Senhor Dom MIGUEL I possue a Sciencia de Reinar, e a Arte de pelejar, e de vencer.

Volto pois a tractar de outras Artes: muitas tenho eu estudado, e lido, menos a da Guerra, que me não pertence: de tantas Artes como tenho visto, concebi o audaz plano de inventar huma. Ovidio inventou, ou compoz a *Arte de amar;* verdade he, que antes d'essa prohibida Arte já todos amavão, e hoje todos amão, ou por essa, ou por outras más Artes. O Padre Vieira compoz a *Arte de furtar*, e tambem he certo, que antes d'essa Arte já muitos furtavão, ou por essa, ou por outras peores Artes: O Padre Vieira nunca foi ladrão, e eu tambem não; todavia elle compoz a *Arte de furtar*, e eu possuo essa, e todas as Ar-

tes, com as quaes hoje se furta com a maior perfeição do Mundo, sem que os ladrões grandes sejão apanhados, nem reprimidos: (mas sobre essas cousas ha muito a dizer.) Assim pois tenho eu (in mente) a *Arte de atraiçoar*, e nunca fui, nem serei trahidor. — A Arte he huma collecção de regras: as regras colhem-se das experiencias, e observações: ora estas experiencias, e observações tenho eu colhido nas Historias de todo o Mundo; mas são tantas essas experiencias, e observações; ou tem sido tantas as trahições no Mundo, e tantos os trahidores, que, para formar a Historia daquellas, e o Abecedario destes, a vida, a quasi millenaria vida de Mathusalem, seria como hum só dia. Trahições, e trahidores tiverão todas as Nações, todos os Povos, e todas as Familias do Mundo: porém deixemos essas Nações, deixemos esses Povos, e essas Familias. Hum, ou outro facto da Hespanha, da Inglaterra, e da França abrir-me-ha a porta para o meu destino.

Eu não me levo aos Seculos remotos das Monarchias, nem a esses mesmos factos de trahição, que nos contavão nossos Avós: então appareceria n'estes ultimos aquella compra, e venda de Gibraltar, de que tantos males tem resultado á Hespanha trahida, e tantas vantagens á compradôra Inglaterra com grande descredito dos leaes Hespanhoes, que por terem tido hum Militar, que vendêo aquella Praça por huma mão cheia de *Pezos-fuertes*, ouvem algumas vezes de loucos Estrangeiros, que não olhão para as suas infinitas traficancias, o ridiculo dixote, de que os Hespanhoes são *Soldados de peseta;* aleivosia, com que muitas vezes tem ferido o coração dos Hespanhoes os seus mesmos *Liberaes* tontos, e trahidores, que já devem estar desenganados (se os perfidos são capazes de desenganos) de que no Exercito Hespanhol, ou da Linha, ou das Milicias, ou dos Voluntarios Realistas não achárão hum máo Soldado, que passasse para as suas Fileiras nos annos de 1830, e de 1831, por mais *pesetas*, e *medios-pezos* que lhes offerecêrão lá d'essas *baiúcas* dos Pyrinéos. *Omnia vincit amor, sed sacra pecunia cuncta*, cantavão os Poetas, e hoje dizem outros fanaticos como elles, que o amor vence todas as cousas, e o maldito dinheiro muitas mais; porque vence ao mesmo amor. Porém essas cousas erão lá n'esses tempos, e, se querem, que as cousas sejão hoje as mesmas, concederei essa vantagem ao dinheiro, salvo no amor, que os Soldados Hespanhoes tem á sua Religião, e ao seu Grande Rei: hoje o ouro nada póde no Exercito Hespanhol; a Maçonaria, não sei, elles lá o sabem, bem que o Exercito

Hespanhol, como todas as Repartições da Monarchia tem sido ajoeirado muitas vezes, e o Governo não duvída ajoeirar mais vezes; porque lá *peneirão muito fino, e fião muito delgado.* Os Portuguezes de todos os tempos tem mostrado, que elles prézão o ouro de Lei, e abominão o ouro de trahição; duvído, que n'isto tenha havido alguma excepção: entre Portuguezes só amor vence, e algumas vezes a seducção, ou hum máo conselho, e errada opinião; não obstante, que esse desgraçado Batalhão 5.° de Caçadores, que no anno de 1823 ía para Trás-os-Montes com os mais vivos desejos de fazer causa commum com a Heroica Divisão da sua Provincia, foi corrompido no Porto pelos traficantes Tripeiros com mãos cheias de cruzados novos; e assim mesmo ainda pôde mais no Soldado a seducção, os máos conselhos, ou a opinião, que lhe imprimio a Maçonaria dos seus Officiaes. Ah! Sim: a Maçonaria tem sido poderosa em Portugal; agora porém espero vê-la impotente; dentro em poucos annos moribunda, e talvez extincta, antes que a presente geração se escóe. Fallo pois, e depois das voltas, que sempre faz esta voadôra, e revoadôra penna, das trahições, e dos trahidores, que a Hespanha, e as outras Nações tem soffrido nas Campanhas da Realeza, que são, as que actualmente despedação os Povos da Europa, e da America. Na Hespanha forão tantas as trahições, e tantos os trahidores, que apparecêrão desde o anno de 1808 até o anno de 1823, que sómente o valôr, e a invencibilidade da Nação Hespanhola podérão fazer resurgir das suas cinzas o Altar, e o Throno, quasi anniquilados: he pois impossivel referir hum só facto, sem que me involva em innumeraveis; eu não devo tambem magoar desmasiadamente o coração dos Hespanhoes; assáz recentes estão as suas feridas: porém não posso dispensar-me de tantas Praças, como forão entregues ás Tropas de Napoleão com mingoa do valôr, e do credito dos Hespanhoes. Mas que Lei tão providente estabelecêo então o Governo? — *O Governador de qualquer Praça, vendo-se apertado pelo inimigo a pontos de julgar, que se não póde por mais tempo defender, não a entregará, sem antes chamar a conselho todos os Officiaes; e, expondo na sua presença todas as razões da indefensibilidade da Praça, se qualquer Official disser, que a Praça póde ser por mais tempo defendida, o Governador cederá o Governo da Praça a esse Official, e todos lhe obedecerão sob pena de serem havidos por trahidores.* — Fecundos são certamente os Hespanhoes na invenção de meios, para defender a sua Nação, e salvar a sua

honra nos maiores apuros. Esta Lei acabou com as trahições, com as fraquezas, com as cobardias, e com as indecisões; nunca mais d'ahi em diante poderão os Francezes tomar huma Praça aos Hespanhoes: os effeitos da Lei forão maravilhosos, ainda que a justiça da Lei foi posta em questão, mas julgo que injustamente. Não estuva a Hespanha farta de Generaes, e de Chefes trahidores, fracos, cobardes, e indecisos? Estão por ventura a lealdade, o valôr, a coragem, e a intrepidez, e todas as outras qualidades militares ligadas ao titulo de General, ou de Governador? A Hespanha entendêo, que entre os Officiaes de Patente inferior á de General, de Brigadeiro, ou de Governador se achava algumas vezes maior lealdado, superior valôr, coragem, e intrepidez, e mais elevada Arte de pelejar. A Lei acertou: as Patentes Superiores não quizerão ser julgadas de fraqueza, de cobardia, de indecisão, de impericia, e muito menos de trahição; ninguem quiz perder seus Postos; as Praças finalmente forão salvas: a Lei foi o baluarte, que as tornou inexpugnaveis. Eu esperei n'essa conjunctura vêr outra Lei, que se parecesse com esta, e que talvez produzisse os mesmos effeitos. — Eis a Lei, que eu desejava se dictasse aos Generaes = *General, ahi tendes ás vossas ordens vinte mil Soldados regulares de todas as armas, e de mais a mais os Povos de tal, e tal Provincia, que estão armados em massa: as vossas forças são superiores ás do inimigo em quadruplo; a vossa Cavallaria o excede infinitamente: ide; o inimigo está em tal ponto: se o não derrotardes completamente, se deixardes escapar alguma força, que ainda seja capaz de invadir a Patria n'esse, ou em outro ponto, vós sereis arguido de trahidor, ou, ao menos, de fraco, de cobarde, de indeciso, ou de ignorante: he-vos assignalado o prazo de oito dias para a derrota do inimigo; e tres vos são concedidos, para que vos delibereis á frente das vossas Tropas: se n'esses tres dias achardes, que não podeis satisfazer a este encargo, reuni todos os Officiaes combatentes, mostrai-lhes esta ordem, e exponde as vossas razões, e, ouvindo a cada hum pela ordem da sua Patente, entregareis o Commando áquelle Official, que se encarregar de desfazer o inimigo no prazo marcado, e vós sahireis das fileiras.* = Essa Lei não appareceo, talvez porque não seria julgada precisa n'aquella occasião, em que os Generaes Hespanhoes erão a alma das Tropas. Mas huma semelhante providencia li eu em huma Letra dirigida pela Serenissima Senhora Princeza da Beira ao Marquez de Chaves no anno de 1826, quando o Exer-

cito Realista estava nas fronteiras da Hespanha: a recommendação estava n'este sentido — *Tende, e julgai por trahidor a qualquer, que quizer demorar a entrada do vosso Exercito em Portugal; porque qualquer demora he muito prejudicial á Causa do meu Presadissimo Irmão Dom MIGUEL Rei Absoluto.* — Eu julguei, que o prejuizo, que então corria, era a entrada do Exercito Inglez em Portugal. O certo he que, se na Hespanha sabem armar trahições, tambem sabem desarmá-las. Em Portugal somente os rebeldes Pedreiros Livres armão trahições; pois antes d'elles éste horrendo nome — *trahição* — apenas era conhecido por dous, ou tres exemplos na Monarchia: mas o Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO conhece a ARTE, e possue meios poderosos de desarmar as trahições. Reflectindo ainda sobre aquella providencia, que os Hespanhoes inventárão para salvarem as suas Praças, eu notei; e noto que elles não somente obstárão á trahição, como á fraqueza, á cobardia, e á indecisão: e bem, pois se o Soldado he obrigado a morrer antes que abandonar seu posto; e isto sob pena de morte; como não deve ser julgado de morte como trahidor, se acaso o não he, hum Chefe fraco, cobarde, e indeciso? Se o Soldado he obrigado a expôr a sua vida, e he tudo o que pode expôr, sob pena de a perder por Sentença, não deve ser julgado digno da mais rigorosa morte aquelle Chefe, que não faz tudo, o que pode fazer, por defender a sua Patria? Para mim tenho que hum General, que alcançasse a victoria, trinta dias, depois que o inimigo acommettêo, podendo alcançá-la no primeiro dia, que foi acommettido, derramando-se por isso mais sangue, gastando-se mais á Fazenda, e causando-se maiores estragos ás Cidades, Villas, e Povos, que são os que constituem a Patria, esse General, depois de ter alcançado a victoria, deveria subir ao Patibulo. — Hum bom General deve ser premiado, talvez, por huma batalha, que perdêo, mas que dêo com acêrto. — Hum máo General deve soffrer a morte, talvez, por huma victoria, que alcançou, mas que dêo sem ordem, e com immensos prejuizos da Patria. Das duas cousas se achão exemplos na Grecia, e em Roma; estes dous Paizes abundárão em Generaes sem sciencia, sem valôr, e sem fidelidade; seus exemplos me arrastão sem querer a Coroneis Portuguezes, Sep...., e Cabreira, que no anno de 1820 enrodilhárão a sciencia, o valôr, e a fidelidade de tantos Generaes, Marechaes, e Brigadeiros, de tantos Governadores, e Authoridades, e do mesmo Governo. Mas eu não sei sahir-me d'este labyrintho; engolfei-me nas tra-

hições, e nos trahidores da Hespanha, bem como nas providencias que a Hespanha tomou para se salvar: não sei onde estou, nem o sinto, nem o vejo; tal está a minha cabeça, tal está o meu coração, taes estão os meus olhos! Mas ás cégas vou á Maçonaria, e vou apegado ao meu cacete. Maçons de todo o Mundo! Se vós tendes Coroneis, a Realeza tambem os tem, tem Majores, tem Capitães, que acabem com quantos *bichos caretas* ha na Maçonaria. Rebento, quero sahir-me, e não posso; mas hei de poder, ainda que o diabo rebente: deixei a Hespanha huma vez, e vim para Portugal; pois agora, estando em Portugal, e de volta pela Hespanha, vou para a França.

A França, já o disse, he fecundissima na trahição, como o he na imaginação; mas a imaginação he sua, e a trahição he adventicia: embarcou em outra terra, e em menos de quatro horas mettêo-se na França, e mettêo-se tão terra a dentro, que internada no coração dos Francezes, se não pegou em todos, já tem pegado em muitos, e desgraçadamente de poucos tem pegado para o Cadafalço, que he o sacatrapos das trahições: mas eu aqui não me pego: já disse muitas cousas da França, e *disse-as á minha Nora, para que as entendesse minha Sogra!* Ora entendão-se lá os meus leitores com esta *lenga-lenga!* eu tambem me não entendo com aquella *perlenga* do Exercito Francez na trahição, e desfeita, que pregou a Carlos X! Sempre *Vive le Roi!* e em tres dias *meure le Roi!!!* Quanto he numerosa a Maçonaria Franceza! Mas *cá, e lá mais Fadas ha!* E quanta he a inconstancia e volubilidade do Soldado e do Povo Francez! Assim não he, Louvor a Deos, o Soldado, e o Povo Portuguez. Porem quero variar: sobejou de Hespanhoes, basta de Francezes, vou para a Inglaterra, e em Vapor volto ao meu Portugal, não como os rebeldes, porem como hum leal, que deseja dar boas novas ao meu Rei e meu General!

Inglaterra desde o tempo de Henrique VIII tem sido copiosa em Mestraços de aleivosias, e até em Mestraças; elles e ellas tem discipulos e discipulas em Portugal: estas herdárão das cinco nefandas mulheres de Henrique VIII não só a sciencia das aleivosias, como a arte das mais vergonhosas torpezas! A Senhora Dona Anna Bolena, a Senhora Dona Joanna Semeria, a Senhora Dona Anna Guilhermina, a Senhora Dona Catharina Stovarda e a Senhora Dona Catharina Parra (fortes Malhadas!) são os originaes das Portuguezas Pedristas. Henrique VIII foi cercado de Conselheiros pérfidos; seu Successor Eduardo, e

depois d'este a sempre infida Isabel, tiverão a mesma ajuda de custo: porem estes Conselheiros, e Ministros, se não fôrão para o Cadafalço continuados pela conjuncção — *Corda* — fôrão huns apoz dos outros por outra forma. Jacobo I não foi muito mais feliz, que os seus tres antecessores: Carlos I foi muito mais desgraçado que os quatro; sempre trahido pelos seus Vassallos, e perseguido pelos seus inimigos, entregou-se nos braços dos Escocezes seus amigos *juramentados;* mas como a alma de todo o negocio he o dinheiro, os Escocezes o entregárão, e o Parlamento o condemnou a morrer em hum Cadafalço! Este foi o primeiro Rei do Mundo, que foi julgado, e condemnado pelos seus Vassallos! Carlos II não foi tão desgraçado como o ultimo, mas foi mais infeliz que todos os tres. Jacobo II foi ainda mais infeliz que este ultimo! Aqui foi banida para sempre aquella Dynastia Legitima, e tudo foi dispondo-se para a presente *Epoca Legitimeira.* Dionysio, Mezencio, e Phalaris fôrão grandes Padres Mestres de tyrannias; mas os Pedreiros Livres a todos os trahidores, e a todos os tyrannos levão a palma!

Porem em Portugal, havendo tantos aspirantes ao gráo de *Capello* na sciencia das aleivosias, nunca passárão de Bachareis, porque o Soldado, e o Povo Portuguez, logo que pesca estes magarefes, lança mão do cacete, acena-lhes com elle pelo espinhaço, e immediatamente os Pedreiros apparecem tão carcundas em Realeza, que nem bestas d'arreata carregadas de palha; mas essa carcunda he fôfa, como foi a de muitos, que se enfeitárão com ella no anno de 1823. Chega o malfadado anno de 1824, he levado para fóra de Portugal o que, só Elle, podia curvar Portugal debaixo do suave jugo da Religião, e da Lei; e aquelles Carcundas fôfos, e balôfos como huns palheiros, endireitão-se, assobião sobre a Cabeça do Augusto Rei, e de toda a sua Augusta Familia, e insultão a todo o fiel Christão! Ignacio de Subserra, e Pedro de Palmella, cada hum foi o *anão d'estes assobios*, que deixárão em signal de fraternidade a Barradas, e a Lacerda. Foi o Senhor Dom João VI, de saudosa memoria, levado para a outra vida, não se sabe como, nem quando; mas este exame, e justiça somente pertencem ao Filho do Rei, e que succedêo ao Rei. *Deus, justitiam tuam dá Filio Regis!* Oh! Meu Deos, dai a vossa justiça ao vivo Rei, filho do morto Rei! Tambem a syndicancia do que passou depois da morte do Rei, até que Deos nos enviou, e dêo hum Rei, pertence privativamente a este mesmo Rei. Se estas cousas devem ser ex-

aminadas, e julgadas, e humas premiadas; e as mais punidas, como, e quando se ha de exercer este juizo, e justiça, este mesmo Rei, o Grande, o Justiceiro, o Prudentissimo Rei, o Senhor D. MIGUEL I, altamente o sabe, profundamente o conhece. Parece que Horacio cantava na sua immortal Lyra o elogio do meu Rei.

Latius regnes, avidum domando
Spiritum, quam si Libyam remotis
Gadibus jungas: et uterque Pœnus
Serviat uni.

O Governo de Sua Magestade Fidelissima o Senhor D. MIGUEL I. não esquece o que passou, provê ao presente, e prevê o futuro.

Clarim, volta para a retaguarda, e toca ahi á Generala — *Então, depois da morte d'ElRei, nos annos de* 1826, *de* 1827, *e de* 1828, *houve muitos Portuguezes trahidores de todas as classes, condições, e sexos.* Não se assustem alguns dos meus leitores; nem trema o meu delicado Censor! ElRei na sua energica, e franca Proclamação ao Exercito diz estas notaveis palavras: *Hum punhado de perversos,.... que são os mesmos revolucionarios, que... desde* 1826 *até* 1828 *ião abysmando a Nação em hum sem numero de males...* Alto! Logo houve trahidores em 1826, em 1827, e em 1828! A voz da verdade o attesta pela bôca da Magestade! E sómente forão trahidores esses, que acabão de desembarcar? D'esses falla ElRei; mas a voz da verdade tem attestado pela bôca de varios Tribunaes da Justiça, que forão trahidores os enforcados, e outros muitos, que por muitas fórmas forão julgados revolucionarios: a voz da verdade attesta pela bôca, bôca grande, e bôca pequena, do Tribunal da Opinião Publica, que ainda ha muitos revolucionarios, que não forão enforcados, nem de alguma fórma justiçados, e que o devião ser; sim, sem medo o digo, que o devião ser; ao menos aquelles oitenta presos na Relação do Porto, que acabão de soltar-se a si mesmos, e, assassinados cruelmente os executores da Justiça Real, rompêrão o fogo sobre os Voluntarios Realistas de Braga!!!... Ao menos essa horda de salteadores, que acabão de reunir-se aos rebeldes.... Oh! Quanto são muitos os revolucionarios! Os factos fallão; os argumentos se calão...

Clarim, dá outra volta pela retaguarda, e toca segunda vez á Generala — *Então, depois da morte d'ElRei,*

nos annos de 1826, *de* 1827, *e de* 1828, *houve muitos Portuguezes fracos, cobardes, e indecisos.* — Não se assustem alguns dos meus leitores, segunda vez lhes rogo, nem vacille o meu circunspecto Censor. A sentença foi solemnemente dada pelos Tres Braços do Estado em Côrtes no mez de Junho de 1828: está assignada pelos Illustrissimos, e Excellentissimos Duques, Marquezes, Condes, e mais Titulares de voto, pelos Reverendos Bispos, e Prelados Ecclesiasticos Seculares, e Regulares da Fidelissima Igreja Lusitana, e pelos Procuradores das Cidades, e Villas de todo o Reino. Onde está essa sentença? Quando pronunciárão que houve muitos Portuguezes denodados, que protestárão além das fronteiras pelos Direitos do Senhor Dom Miguel ao Throno de Portugal, contra a usurpação, que d'estes Direitos faria seu Irmão Dom Pedro, e contra a Carta Constitucional! He sentença irrevogavel; já passou em julgado; não póde ser mais protestada, aggravada, embargada, ou appellada; os que a derão, os que a assignárão não fazem pé atraz, para se queixarem de ob, e subrepção, de engano, ou de força!!!

O opposto ao denodo he a pusillanimidade, a cobardia, e a indecisão; onde estão estas tres *cunhadas* de trahição, não está o denodo: logo houve muitos Portuguezes denodados, e não forão sómente os emigrados em Hespanha, tambem forão denodados os presos, e os perseguidos pela mesma causa; os que pela mesma razão andárão errantes pelos montes, e pelos bosques; os Povos, que derão auxilio aos emigrados, armando-se em massa para soster os Direitos do Senhor D. Miguel I: estas cousas forão nos annos de 1826, e de 1827, e ainda de 1828. Logo pelo contrario houve então muitos Portuguezes fracos, cobardes, indecisos. Mais duas consequencias podião deduzir-se com a mesma exactidão logica da Real Proclamação, e do Assento feito em Côrtes. Porem, meu Clarim, toca a recolher, e vai postar a vanguarda do Exercito Realista. — *Cesteiro que faz hum cesto, faz hum cento, se lhe derem verga, e tempo.* — Ou, *quem o foi*, (seja o que for) *sempre o he.* —

Seja pois a

Terceira Regra, ou Lei.

Punir a trahição, sempre; premiar o valor, e o denodo, em tempo conveniente; neutralizar com a fraqueza, com a cobardia, e com a indecisão, algumas vezes nas guer-

ras de opinião; mas premia-la, nunca. A falta de castigo alenta o crime! A falta de premio desalenta a virtude! A neutralização perpetua com a indecisão amollece os Povos, e os Exercitos para sempre!

Mas á voz de hum Rei, e de hum General como o Senhor D. MIGUEL I, todos os Realistas Portuguezes são denodados, são intrepidos, são corajosos! O Soldado, e o Povo Portuguez combate, e triumfa!

Bravos Voluntarios Realistas de Braga! Elles são os primeiros expostos ao fogo dos rebeldes: huns, e outros o sabião antes do desembarque! Os mesmos Voluntarios soffrem o fogo dos rebeldes no dia 18! Os Povos do Districto de Pennafiel auxilião aos ditos Voluntarios: todos elles são os mesmos denodados dos annos de 1826, de 1827, e de 1828! Os Portuguezes rebeldes, e os Inglezes seus auxiliares levárão huma lição do Soldado, e do Povo Portuguez, e elles derão hum exemplo de sacrilegio, e de barbaridade, que a Defeza de Portugal sempre annunciou! Desde o dia 7 de Julho, em que os rebeldes desembarcárão sem resistencia perto da Cidade do Porto até o dia 21, os Voluntarios Realistas de Braga, e os Povos do Districto de Pennafiel tem sido os unicos, a quem os rebeldes acomettêrão? Os successos da presente luta respondem até aqui ás predicções! O que apparece na Gazeta do Governo até o dia, em que assigno estas linhas, he o garante d'estas noticias! Portuguezes, Soldados! ElRei já vos fallou! Segui a sua Magestosa Voz! Que a 4.ª Divisão Realista não deixe reembarcar huma força rebelde, que seja capaz de outra vez invadir, e roubar a desgraçada Nação Portugueza! Mas eu puxo do oculo!... Clarim, não desfalleças, toca, teus écos serão ouvidos, e ElRei, e a Patria serão salvos! segue as Leis do Exercito! Vá a degolar os inimigos.

Lisboa 25 de Julho de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 56.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! O Clarim toca a degolar os rebeldes! Degolai-os já, que he a hora; porque se os não degolais n'esta hora, na seguinte sereis vós os degolados por elles.

Os factos tem respondido exactamente ás predicções: roubos, sacrilegios, assassinatos, incendios, parricidios, eis os recentes fructos d'essa hydra nunca extincta, e agora mais orgulhosa á sombra de hum Principe proscripto por todas as Leis Divinas, e Humanas. A Maçonaria composta de todos os elementos do furor, da licença, e da irreligião, depois de ter semeado na Fidelissima Igreja Lusitana, e em todo o Reino o erro, o scisma, a discordia, e a apostasia, vem do mesmo passo espalhar o terror, a desolação, e a morte, não contente de haver humilhado toda a Tradição Portugueza, assim Ecclesiastica, como Civil; depois de ter abalado com a infida sinistra a Legitimidade de todos os Thronos, e Imperios, a paz, e tranquillidade de todos os Povos; depois de ter cravado com a cruel dextra o punhal da incredulidade em todos os Artigos da Religião, e da Moral! Seita pertinaz, mais rebelde, e mais sanguinaria, que a Albigense, e que todas quantas Seitas abortou o Mundo, só a si mesma se excede! Lagrimas communs serião bastantes para chorar as calamidades dos seculos passados; para chorar as do presente, apenas seráõ sufficientes lagrimas de sangue! Em vão a Sancta Igreja Catholica de Roma curvada de cuidados, e de dôr; sentindo-se de todos os lados combatida, em todos os Paizes

perseguida, e em todas as suas doutrinas impugnada; em vão esta Celestial Princeza da Justiça, e da Paz invocou a coadjuvação de todos os Principes, que seguem a sua Fé, para que, fazendo causa commum, desbaratassem, e extinguissem estes sequazes de Lucifer, estes Mestres das trevas, que pertendem metter o Universo debaixo de seus pés: as Bullas, e Decretos Pontificios, os Escriptos mais judiciosos assim em Politica, como em Religião, tem sido inuteis, para reduzir a incredulos Religiosos, e Politicos, que resistem ás mais evidentes deducções da Tradição Religiosa, e Politica; por isso que não acreditão em algum dos seus principios, as mesmas demonstrações, as mais exactas, da falsidade nas doutrinas d'esta Seita pelos seus mesmos principios tem sido de pouca utilidade, pois, ainda que seu entendimento tem sido convencido, seu coração não; antes se tem obstinado mais em não querer vêr o erro dos seus principios no absurdo das suas consequencias: tem-se derramado o sangue dos proselytos da Maçonaria, mas seus *Corifeos* não morrem, e na mesma ruina das suas armas elles adquirem discipulos em tresdobro! Procede sem duvida calamidade tão funesta, de que os Principes tem feito a guerra aos Soldados da rebellião, mas não á mesma rebellião; aos Exercitos, que a Maçonaria armou, mas não á Maçonaria, que os formou; assim a Maçonaria se entrincheira muitas vezes, mesmo depois da ruina das suas armas, aos pés dos Principes, ou ao lado dos Principes; alli se fortifica; alli cresce; alli se propaga, e multiplica; e outra vez se apresenta em campo, esperançada, em que, se se d'essa vez não triumfar, triumfará outra, ou outras. — *Sessenta annos*, dizia hum Maçon Portuguez no anno de 1823, *custou á Inglaterra o sanccionar a sua revolução; mas finalmente está sanccionada: a Portugal não custará tanto tempo; elle precisa de trinta annos de vaivens, mas no fim d'elles não haverá Principe, nem Sacerdote, que possa roubar-lhe o triumfo! — Que importa que o Senhor Dom MIGUEL seja reconhecido?* Dizia outro Maçon no anno de 1831, quando chegou o Reconhecimento da Sancta Sé de Roma, temendo, que viessem todos os outros Reconhecimentos, como era d'esperar de todos os Principes Catholicos; *tambem seu Augusto Pai estava reconhecido, e foi obrigado a ser Constitucional: não perdemos as esperanças, nem ganhamos medo! — Não nos intimidão os Batalhões de Voluntarios Realistas*, dizia outro Maçon no mesmo anno, *temos estudado o como hão de ser evaporados; em alguns já temos proselytos, em outros os faremos!* Eis como a Maçonaria he pertinaz, he teimosa,

atrevida, e obstinada: he isto huma consequencia, de que os Principes ainda não fizerão guerra á Maçonaria; as provas são incontestaveis, palpaveis as consequencias, deploraveis os effeitos! Fallem por mim todos os Povos do Universo, e digão, se vírão, ou alguma vez ouvírão declarada a guerra á Maçonaria; e se a voz dos Povos não he testemunho, que me dispense de provas, peço a palavra á mesma Maçonaria. Dizei, Maçons, que Principe, em que tempo, e em que parte vos declarou, vos fez a guerra? Huma só vez o temestes, e por isso vos reforçastes, e multiplicastes de tal modo, que hoje sois tres vezes mais em número, do que ereis antes.

Mas como, e por que meios póde a Maçonaria ser conhecida? Eis-ahi toda a difficuldade; porque não póde fazer-se a guerra ao inimigo, sem que elle seja conhecido, sem que appareça; recorrer á voz popular, he summamente perigoso, porque os Povos não se enganão no conhecimento dos Constitucionaes; aqui seu testemunho he seguro; mas no conhecimento dos Pedreiros ha bastantes difficuldades, que não he facil aos Povos o vencê-las. Ha bastantes Constitucionaes, que não são Pedreiros; e ha alguns Pedreiros, que se não declarárão Constitucionaes; ficárão invisiveis detraz da cortina á espreita dos successos, para acudirem sempre aos seus *Camaradas, se ficassem mal, procurando* manhosamente pelo Throno, e pela Maçonaria. Enfeitão-se tambem os Maçons com humas certas qualidades apparatosas, e seductôras; muita docilidade, beneficencia, affabilidade; huma vida assaz sobria, e regular; accommodação, ou acquiescencia ás idéas Monarchicas, Aristocraticas, e Religiosas; e ainda serviços apparentes ao Altar, ao Throno, á Fidalguia, e á Humanidade! Finalmente no interior são o mesmo diabo, no exterior, alguns, parecem bons homens! E como poderião elles, senão pela seducção, haver enganado os Principes, a Côrte, o Governo, e os Povos? Alguns confundem, e mal, a libertinagem com a Maçonaria: se a libertinagem he systematica, então he muito provavel, que ella seja Maçonica; mas se a libertinagem he de fraqueza, então póde distar muitos passos da Maçonaria: n'esta indistincção, na falta de caracteres externos da Maçonaria, para que se não confunda com a libertinagem, nem com a Religião, e Realeza simulada, eu aponto huma Regra, que a outro assumpto estabelecêo, ha mais de nove Seculos, o célebre, e Sabio *Agobardo*, Arcebispo de Lião na França — *Non ex vita metienda est fides, sed ex fide probanda est vita.* Ali fica essa Cruz, para atormentar os presumidos de Sabios: os

meus Leitores, que ignorarem Latim, perguntem a traducção d'esta proposição *adversativa* a algum *Cura*, mas que não seja ao mesmo tempo *Barbeiro;* porque acabo de vêr nesta Côrte = *O Cura, e Barbeiro d'Aldéa* =, que ás primeiras palavras, que vem de arrotar mostra que ignora totalmente a mesma Syntaxe da Grammatica Portugueza; que não conhece a força dos *Artigos*, das *Conjuncções*, e das *Preposições* da Lingua Patria; e que, finalmente, não sabe a differença, que vai de *hum pedaço de Portuguez* a *hum pedaço de hum Portuguez;* como se houvesse hum pedaço de dous Portuguezes, que a filiação legitima de legitimo Matrimonio não admitte, mas que soffre a filiação illegitima de huma creança Portugueza, á qual sua Mãi não póde dizer com exactidão, qual dos dous, ou de muitos seja seu Pai. Porém como o Clarim toca, elle não se importa com esse pobre *Cura*, e tão pobre, que ao mesmo tempo precisa ser *Barbeiro* pela Conjuncção — *e* — sem Artigo, que os separe, ou como artelho, que une as pontas do boi com a cabeça, em que apparecem: a seu tempo procurarei = *O Cura, e Barbeiro* =, pois que d'este homem com dous Officios precisa muito a Freguezia de Rebordosa, para aquellas aldeãs lhe quebrarem a roca sobre a cabeça.

Toca, meu Clarim, que depois da victoria tens Entremez *do Cura*, e *Barbeiro de Sevilha.* He portanto certo, e mais que certo que ainda se não fez a guerra á Maçonaria; guerra offensiva ás suas aggressões; guerra defensiva das suas doutrinas; guerra de morte á Maçonaria armada; guerra de despejo á Maçonaria disfarçada. Esta guerra he indispensavel, porque, sem que se faça, a necessaria paz, e tranquillidade nunca he restabelecida; para que a guerra tenha bom successo, carece-se de regras, que a ordenem; pois sem ordem tudo he confusão, tudo he horror, tudo he morte, e calamidades. Tres regras fôrão estabelecidas nos Numeros 53, 54, e 55: este estabelecerá todas as outras, e ao depois o Clarim, não sendo já necessario tocar á degola, será recolhido, para continuar na Defeza de Portugal idéas mais tranquillas, e mais sobrias no exame d'estas mesmas Leis, no desempenho das promessas feitas, na revista aos 56 Numeros, e no desenvolvimento de doutrinas uteis, e agradaveis. Seja pois a

QUARTA REGRA, OU LEI.

Pelejar contra a Maçonaria, ou com o valôr, ou com as trahições; pois como a guerra he justa, tudo he o mesmo. Esta Regra, ou Lei a prescreve Sancto Agostinho: Lysimacho ordena que suppra a pelle da Rapoza, quando

não chega a do Leão; esta Lei tanto se deve usar quando a guerra he de morte, como quando he de despejo: os Maçons a applicão aos Reis e aos Povos; humas vezes violentando-os com as armas, outras com as cabalas Ministeriaes e Diplomaticas: o modo de applicar esta Lei á Maçonaria será examinado, depois que o Clarim fôr recolhido a descançar.

QUINTA.

Procurar a victoria mais no valôr da industria que no da natureza; porque a poucos a natureza creou fortes, a industria a muitos: disse *Vigecio*, que he o meu Mestre da Guerra, sem perder de vista a *Polybio* e a *Xenofonte*, que são os tres appensados ao meu velho Larraga, além do *Marquez de Sancta Cruz* nas suas excellentissimas *Reflexões Militares* em Idioma Hespanhol, pois Hespanhol era elle, e grande Militar, filho e neto de outros, que ensinárão aos Inglezes que podem ser vencidos, como o fôrão muitas vezes, por mar e por terra.

SEXTA.

Aproveitar a neutralidade, a quietação, o armisticio, ou as trégoas, de que algumas vezes se enfeita a nunca tranquilla, a sempre conspiradora Maçonaria; porque essa he a occasião mais vantajosa para a fazer despejar dos postos que occupa, e para lhe tolher todas as esperanças, que nunca perde, de triumfar, ou pelas armas, ou pelas trahições. Esta Regra, ou Lei, foi posta em práctica pelos Inglezes em huma guerra que tiverão com a França; ajustárão-se trégoas entre huns e outros, e d'ellas aproveitando-se os Inglezes, tomárão aos Francezes hum importante Castello: queixárão-se estes; respondêrão aquelles que *as trégoas não impedião comprar e vender:* assim tambem o estado de fingida acquiescencia da Maçonaria não impede que ella seja trahida, comprada e vendida, muito principalmente porque a Maçonaria he mais temivel, quando se finge tranquilla, que quando se apresenta armada; com especialidade em Portugal, onde o Soldado e o Povo a desbaratárão sempre que ella se armou; porque o Vulgo Portuguez, tenacissimo das tradições Religiosas e Monarchicas de seus Avós, ainda, por fortuna do Throno, conserva hum odio figadal a todas as doutrinas e principios da Maçonaria, ou, o que vale o mesmo, ainda não pôde ser *maçonisado*, e retrahido da sua adhesão ao Altar, e ao Throno.

SEPTIMA.

Tactear as forças e as disposições da Maçonaria, e supplantá-la com as forças, e com as disposições do Povo,

e *do Soldado.* O Vulgo, conduzido por huma Filosofia molle, tende sempre á debilidade; he necessario pois reanimar a sua coragem, e o seu vigor, perdoando-lhe a sua fraqueza, os seus excessos, a sua ignorancia, e allucinação, e algumas vezes reprimindo a sua perversidade, e as suas licenças. Por outra parte he preciso observar a conducta da Maçonaria, e preparar-se para repellir todos os seus movimentos; saber introduzir-lhe o ciume, e a discordia, para a dividir; examinar a superioridade, que cada hum dos Maçons exerce sobre os outros, e o preço, que cada hum dá ao seu orgulho, ao seu odio, e vingança, á vaidade, e ás riquezas; *desengajá-los* huns dos outros; fazer finalmente heterogeneos os seus elementos, malquistos mutuamente os seus coriféos, aborrecidos huns a outros os menos principaes, e por ultimo desbaratá-los na sua confusão, e desconfiança. Politica superior, e triumfante! Eu vejo, respeito, amo, e adoro o Principe, que sabe conduzir-te á sua consistencia no Throno, e ao descanço dos seus Povos!

OITAVA.

Consultar os perigos, aproveitar logo a voz do Povo, que he sempre atrevido nos primeiros impulsos; mas reforçá-lo nos segundos; porque estes pertencem aos Principes, aquelles aos Povos. A voz de huma Velha seguida por hum homem humilde já principiou huma vez a restauração de Portugal: a voz de huma plebe pouco estimada dêo a independencia á Monarchia no anno de 1808: a voz de hum Povo pobre humilhou a Constituição no anno de 1823: a voz de Povos perseguidos, e dispersos dêo a Legitimidade a Portugal no anno de 1826! Dos Povos vem o principio de grandes cousas; mas só de homens grandes, só de Principes pode vir a perfeição, e acabamento d'essas grandes cousas; por isso he preciso consultar os perigos, para não desmaiar n'elles. A maior cousa, que podem acabar os Principes, he a extincção da Maçonaria; a voz do Povo proclama essa extincção, e se atreve aos primeiros impulsos: vejão os Principes os perigos, reforcem a voz, a animosidade do Povo, e acabe a Maçonaria.

NONA.

Lançar mão antes do ferro, que do ouro, para extinguir a Maçonaria; pois ainda que nas guerras civís pode mais o ouro, que o ferro, como dizem os Politicos, porque o ouro paga muitos ferros, não he assim nas guerras Religiosas, e muito menos em peitos Maçonicos, que fazem timbre de filantropos, despresadores de prata, e de ouro, que lhes venha das Monarchias, estando, como estão, esperançados de se apossarem das mesmas Monarchias

por esse mesmo affectado desprendimento de interesses, honras, e fortunas; pois com esse simulado desapego tem seduzido mais de huma vez aos Principes, e aos Governos.

DECIMA.

Nunca dar o menor indicio de temor á Maçonaria; porque, se o Governo, se os Povos conhecem temor no Principe, os Povos desmaião, os Maçons se ufanão, e o Governo, duvidoso, abandona a sua acção. Aquelle, que sabe que tem perdida a sua posição, finge que tem esperanças certas de a retomar, para que seu sequito, e seu crédito se não percão: querem os Politicos que, depois que hum Governo perdeo huma batalha, divulgue entre os seus Povos a victoria, para dar tempo a reparar a sua perda no reforço, com que devem acudir-lhe os seus governados. Hum Principe, que tem medo á Maçonaria, está perdido; nem seus inimigos o temem, nem seus Vassallos o amão, e obedecem; deixou finalmente de reinar, e de existir. Quem acobarda aos Principes he hum trahidor, he hum inimigo dos mesmos Principes: introduzir no Conselho de hum Principe a hum cobarde, e aterrador, he metter-lhe huma espia privilegiada, assalariada, e acreditada: tenha antes o Principe de combater com hum Exercito numeroso em campanha, que de aconselhar-se com hum cobarde, e terrorista. Seja o Conselheiro prudente, mas valoroso. Tenha o Principe amigos, mas considere que podem vir a ser inimigos. Tracte o Principe os seus inimigos de modo, que possa faze-los amigos. Não julgue o Principe tão facil o exterminio da Maçonaria, que o não repute difficultoso; nem o haja por tão difficultoso, que o não tenha por facil; assim não desmaiará no que he difficultoso, nem se descuidará no que he facil: prevenidos os perigos, desapparecem; não prevenidos, se amontoão: foge a morte de quem a não teme. Os triumfos escapão a quem os não busca. *A vida dos Reis*, dizia Affonso Rei de Napoles, o Magnanimo, *está nas mãos de Deos, e não na dos particulares.*

UNDECIMA.

Nunca amnistiar a Maçonaria, nem sobre isso admittir conselhos. Alexandre Magno dizia aos seus Medicos, que tambem tinhão parte nos seus conselhos: *Advirto-vos que eu não vos peço remedio para a morte, senão para a batalha.* Por esta fórma devia fallar hum Principe corajoso, e Catholico para os seus Conselheiros: *Eu não vos peço que me digais o modo, pelo qual poderei viver com os Mações; quero, e mando que me aconselheis o modo, pelo qual elles não sejão Mações, ou que não vivão nos meus Estados.* Assim pode fallar hum Principe, que Reina nos cora-

ções dos seus Soldados, e do seu Povo: premiados os bons, porque quem os não premeia, não os tem, e porque o premio dos bons he o castigo, e a emenda dos máos; não favorecendo a quem o não merece, porque se descontenta a quem o merece, e do premio de hum indigno todos se offendem, póde o Principe fazer justiça sem temor de ser desobedecido, antes na certeza de ser seguido, e defendido: basta-lhe á Maçonaria saber que he acomettida, para já se dar por vencida. Hum Principe cercado, ou escudado do seu Soldado, e do seu Povo, amparado da justiça da sua Causa, e do Braço do Todo Poderoso, que o protege, não teme o poder da Maçonaria; não pergunta: *Quantos são os Mações, que tenho a combater?* Antes pergunta: *Onde estão elles?* Estão no campo? *Soldados, e Povos! Vamos a elles, que são nossos; a morte seja o seu quartel.* Estão nos empregos? Oh! bem: *despejem dos seus postos, e empregos, sejão exauturados de todas as suas honras, e mercês, sejão despojados de todos os seus privilegios, liberdades, e isenções; percão tudo o que adquirirão, e em que augmentárão os seus interesses, e fortunas; tornem ao seu primeiro, e antigo estado. Agora sim*, dizia aquelle renomeado Macedonio, *que tenho de pelejar com todo o grande da terra!* Esta empresa he grande sem dúvida; he difficultosa; pede muito melindre, e sagacidade; mas ella não he impossivel, he necessaria, he util, he justissima, he digna de hum Principe, que dispõe a seu bel prazer do Soldado, e do Povo, e a quem o Soldado, e o Povo amava de todo o seu coração, mesmo vivendo seu Augusto Pai, porque lhe promettêra *o exterminio dos malvados Pedreiros Livres.* A maior parte delles já succumbio ao golpe das armas, resta que a outra parte succumba aos golpes da Politica, e da Justiça! A grande Obra está principiada; acaba-la; dar-lhe a ultima mão he huma empreza digna do Braço, e da Sciencia de hum Rei, que o Ceo formou para reger os Povos na justiça, e na paz! Tudo no Mundo he corruptivel, tudo n'elle acaba; mas a gloria, o nome, a honra de hum Rei, que dá a paz á Igreja, e aos Povos, he gloria incorruptivel, he nome eterno, he honra immortal! Esta gloria, este nome, esta honra não póde adquirir-se no presente seculo, senão pelo exterminio da Maçonaria!....

DUODECIMA.

Não abandonar jámais a guerra contra a Maçonaria (guerra directa, e indirecta, offensiva, e defensiva, clara, e disfarçada, Politica, e Religiosa, de lei, de armas, de morte, e de despejo) sem huma de tres condições: Paz

certa, Victoria inteira, ou morte honrada. Esta Lei he tomada de *Joanna Labrith.* He huma mulher forte que nos ensina; eu guardei esta Lei para com ella fechar o numero das doze Taboas, em que podem salvar-se o Catholicismo, os Thronos e os Povos: já que os homens perdêrão a força contra a Maçonaria, as mulheres, que tem sido a sua origem, sejão as que estanquem a sua impetuosa corrente. (Portugal teve huma Augusta Heroina, que assim pensava: não obrou assim, porque os Mações lhe roubárão a sua acção no Conselho Maçonico das Caldas da Rainha, quando deliberárão o como havia de reger-se Portugal por morte do seu Rei. Não esqueção estas Caldas, em que a Monarchia Portugueza foi *caldeada*, a Augusta Heroina foi proscripta da acção, que a Lei e o Costume lhe davão por fallecimento de seu Augusto Esposo) *Pode a Paz ser certa, diuturna e solida, em quanto se não fizer a guerra á Maçonaria?* Responda a Europa depois de quarenta e mais annos de huma luta, que não acabou, nem envelhecêo: *Pode chamar-se inteira aquella Victoria, em que a Maçonaria toda não he, ou exterminada, ou exauturada?* Responda a França: os vencidos erão Pedreiros, e os vencedores tambem; estes forão premiados, e a França ainda não teve hum dia de descanço: derramou-se o sangue do Soldado seduzido e do Soldado fiel: os Generaes escapárão vivos; delles huns forão premiados, outros esquecidos; a Victoria não foi inteira. Responda a Inglaterra: fallão em abono da Lei as eternas, e ruidosas questões entre os Radicaes e os Aristocratas; lá tambem tem corrido o sangue de parte a parte; mas os Chefes nunca são totalmente perdidos: verdade he que a Inglaterra descança, folga e brinca á custa das brigas continentaes; porém he certo que nem mesmo na Inglaterra tem sido inteira a Victoria. Responda a Russia, a mesma poderosa, e muito poderosa Russia: a Maçonaria a tem levado mais de huma vez á borda do precipicio; e se por grande não tem sido abysmada, tem sido abalada; ella não alcança huma Victoria, que lhe não custe mil perigos: a morte de Alexandre o Grande, as revoluções, as contínuas revoluções, por que tem passado Nicoláo I, assaz demonstrão que as Victorias, que a Russia alcança ha tempos, não são inteiras. Os Estados Pontificios tem dado aos Catholicos mais que chorar, do que fallar. A Hespanha, a Catholica Hespanha, depois de 1814 não tem estado hum momento, que não tenha sido convulsa: *Porlier, e Lacy, Menas, Ballesteros, Morilhos, Riegos, Queirogas*, he pouco: os mesmos Realistas Catalães, seduzidos pela Maçonaria, pedindo ao seu Rei com

armas, o que sómente devião supplicar com razões humildes, e obedientes, derão no anno de 1827 hum prato de mais á Maçonaria: os annos seguintes ainda não provão evidentemente que a Hespanha, a Catholica, a Poderosa Hespanha, tenha alcançado huma Victoria inteira da Maçonaria. Portugal, Portugal, Portugal ainda não alcançou Victoria inteira da Maçonaria; dar provas he offender a evidencia. Deixará pois Portugal de fazer a guerra á Maçonaria, em quanto não tiver, ou huma Paz certa, ou huma Victoria inteira? Meu Rei! Vamos a elles: se não alcançarmos huma paz certa, e huma Victoria inteira, o Vosso Soldado, e o Vosso Povo quer n'esse caso huma morte honrada: mas, querendo Vós, Meu Rei, antes que a morte, teremos paz certa, e Victoria inteira: a Vossa Politica, a Vossa Justiça, o Vosso Valôr podem triumfar da Maçonaria completamente.

Oh! Principes Catholicos! Attendei á vossa obrigação! Vêde, que *os Pedreiros Livres são inimigos da Fé*, e que os inimigos da Fé tambem o são das vossas Corôas! Que são inimigos da Fé, a Sancta Igreja vô-lo ensina, e vós não podeis deixar de acreditar no que ella ensina!.... Que são *inimigos das Vossas Corôas*, triste, e perpetua experiencia vô-lo mostra! Vêde, oh Principes Catholicos! que sois devedores a Deos, a Vós mesmos, e aos Vossos Povos? *A Deos*, porque Elle manda que zeleis, e defendais a sua Igreja, e Vós não podeis negar-lhe a Vossa Espada; porque, não para outra cousa, o Vosso Deos vô-la confiou! *A Vós mesmos;* porque Vós sois obrigados a conservar illibadas as Corôas, e o Poder, que Deos poz sobre as Vossas Cabeças! *Aos Vossos Póvos;* porque, fazendo justiça, deveis dar-lhes a paz! Oh! Principes Catholicos! Vêde, que *farto sangue tem derramado os Póvos pela Vossa Defeza!*.... O sangue dos Póvos, derramado tantas vezes pela Defeza dos Principes, brada ao Principes, que *dêm a paz, e o descanço aos Póvos*, tomando vingança da Maçonaria, que não cessa de revoltar os Póvos, e os Thronos! Oh! Principes Catholicos! Empregai Vossas forças, e Vossa Sciencia contra a Maçonaria: só assim tereis sequito no Mundo, e merecimentos no Ceo! E senão!..... ah!... ah!... ah!... ah!... ah!...

Suspiro pelo momento de poder dizer « VICTORIA, VI« CTORIA, VICTORIA pelo Grande Rei, e Senhor Dom MI« GUEL I! Brilhou a Quarta Divisão! Triumfou o Solda« do, e o Povo Portuguez! os rebeldes tiverão no Porto a « sua sepultura! perecêrão os nossos inimigos! Gloria, « e Honra á Quarta Divisão! Gloria, e Honra ao Solda-

« do, e ao Povo Portuguez! estão verificadas as predic-
« ções do Clarim! Meu Rei! nenhum outro Rei do Mun-
« do Vos iguala no Soldado, e no Povo! Premiai, Se-
« nhor, o valôr, e triumfai da Maçonaria! Julgai a Vi-
« ctoria, não pelo successo das armas, mas pelo favor de
« hum Deos, que Vos protege! O Clarim he hum Solda-
« do, he hum do Vosso Povo! Não lhe pertence pois elo-
« giar senão os seus Camaradas! Os Chefes louvarão os
« bravos Officiaes, que se distinguirão! O Commandante
« louvará os Chefes! Vós, Grande Rei, fareis justiça, co-
« mo sempre fazeis, ao valôr, e á virtude! Vós, Rei Fi-
« delissimo, triumfareis da Maçonaria; porque Deos poz
« nas Vossas mãos o esforço da sua Celestial Virtude, para
« que domineis *no meio dos Vossos inimigos — Virgam*
« *virtutis tuæ emittet Dominus ex Sion, dominare in me-*
« *dio inimicorum tuorum.*»... Mas pucho do meu oculo,
eu vejo, que muitos rebeldes tornarão a embarcar!... Cla-
rim, annuncia por fim, annuncia a

ULTIMA LEI.

Fazer-se Senhor do mar, para ser Senhor da terra. Esta Lei foi a maxima do primeiro Viso-Rei da India: elle era Portuguez, e como Portuguez podia estabelecê-la; porque hum Portuguez, sendo Senhor do mar, he Senhor da terra: de hum Portuguez aprendêrão esta Lei os Inglezes; mas n'elles não se tem verificado a maxima: Senhores são do mar, mas não Senhores da terra: do mar podem inquietar a terra, dominar não: isto he sómente proprio de Portuguezes. Portuguezes rebeldes entendêrão, que a Lei era tambem para elles: enganárão-se, porque são Portuguezes desnaturalisados: podem inquietar, dominar não: os Estrangeiros quizerão fazê-los Senhores do mar, entendendo, que por esta via os fazião Senhores da terra. Loucos, insensatos Estrangeiros! O Privilegio he de Portuguezes para Estrangeiros, não de Estrangeiros para Portuguezes! Em terras Portuguezas o Soldado, e o Povo Portuguez não podem ser dominados! Elles não podem deixar de dominar! Deos peleja pelo Senhor Dom MIGUEL: Quem prevalecerá contra o Senhor Dom MIGUEL? Barbaros! Se quereis a paz, deixai a guerra! Clarim, dá teu ultimo éco; põe huma surdina aos teus sons, e está á espreita!

Meu Rei, em quanto Vosso Irmão existir, em quanto rebeldes o precipitarem, em quanto Estrangeiros o aquentarem, Vós não tendes descanço, nem os Vossos Póvos! A Esquadra rebelde não cessará de inquietar-vos, e aos Vossos Vassallos! De inquietar he ella capaz; de dominar não! A Maçonaria de todo o Mundo trabalha contra Vós, e

contra Portugal! Não temais, meu Rei; Deos peleja por Vós! Pelejai Vós tambem por Deos! Castigai a Maçonaria, que he inimiga de Deos, e Vossa inimiga! Exterminastes os Mações pelas armas? Exterminai-os tambem pela Lei! Não prevalecêrão os que vierão invadir o Vosso Reino? Não prevaleção tambem os que estão no Reino. *Foris pugnæ, intus timores*, dizia o Apostolo S. Paulo. Meu Rei, os combates vem de fóra, mas dentro não faltão receios!

Grande Rei! O Vosso Soldado, e o Vosso Povo não poupa seu sangue pela Vossa Defeza! Dai-lhe, Senhor, a paz por premio no castigo, e no exterminio dos inimigos de Deos, dos Vossos inimigos, dos inimigos do Vosso Soldado, e do Vosso Povo! Os Ceos espreitão o que Vós fazeis! Os Póvos pedem-Vos humildemente justiça, e paz! Eu, meu Rei, em silencio, e em lagrimas peço a Deos, que Vos salve das emboscadas da Maçonaria! Que sejais feliz! Que Reineis por longos annos sobre hum Povo, que he digno de ter hum Rei! Que os Vossos Filhos, e Netos perpetuem por gerações eternas a Magestade de hum Rei, que não teve, não tem, nem ha de ter semelhante nos Reis da terra!!!

Lisboa 28 de Julho de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 57.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ŷ 15. Portuguezes! Ha vinte e oito dias que os rebeldes Pedristas pisão o vosso territorio! Ainda não tomais a offensiva?!!! Que he o que vos detem? He o grande número dos inimigos? Mas vós dizieis que elles erão poucos, e dizieis a verdade! Não tendes forças, que possão destroçá-los? Mas vós dizieis que ereis quasi noventa mil homens armados, além dos Povos, que em massa fazião Causa commum comvosco; e dizieis a verdade. Falta-vos valôr? Mas vós lisongeais-vos de corajosos, e com razão; pois sempre o fostes, ainda o sois, e sempre o sereis. Falta-vos fidelidade ao vosso Rei, e Amigo o Senhor Dom Miguel Primeiro? Mas vós dizieis que ereis summamente fieis, e na verdade o sois com heroismo; pois hum só de vós não passou para as bandeiras da rebellião; antes alguns dos mesmos tem corrido para os Estandartes da Legitimidade. Faltão-vos armas, polvora, e mantimentos? Mas vós vos tendes preparado quasi hum anno antes da invasão; e polvora, e mantimentos sobejárão, até para os inimigos na Cidade do Porto. Em que pois diminuírão as vossas forças, e as vossas resurças, para que não tomeis a offensiva? Que importa que as forças dos rebeldes se engrossassem com algumas quadrilhas de revolucionarios, que tiverão franca, e livre passagem para as suas bandeiras? Vinte mil familias ligadas á rebellião, (e não são mais as familias votadas ás Theorias Constitucionaes no Continen-

te Portuguez) são alguma cousa de entidade, para que elles possão zombar de mais de dous milhões e meio de Portuguezes, que querem Deos, e Rei Absoluto; que não querem senão o seu Dom MIGUEL, e que aborrecem a Dom Pedro? Que prestigio he este? Prevaleceráõ os poucos sobre os infinitos? Podem vinte mil familias ligadas á rebellião vencer as setecentas mil familias ligadas á fidelidade? Portuguezes! Vêde que a Europa tem seus olhos fitos em vós! As Gazetas Estrangeiras fallão, e fallassem ellas, como devem, em abono dos Portuguezes! Portuguezes! Olhai pela vossa honra! Tomai a offensiva, que he já tempo, e mais que tempo, de que vos desfaçais dos vossos inimigos! A offensiva he a alma da honra, do valôr, e da victoria! A defensiva he as mais das vezes hum signal de ignominia, e de cobardia, e hum triste agouro de desgraças! Clarim, toca, talvez sejas escutado; mas não toques a *retirar*; porque, retirando-te, podes perder-te! Clarim, toca a *avançar*, e tu serás vencedor! Portuguezes! Tomai a offensiva! Aqui achareis as razões, e as semrazões....

Promettêra o Auctor da Defeza de Portugal recolher o seu Clarim, quando escrevia o N.° 56; porque se lhe persuadíra que as Divisões 2.ª, e 4.ª do Exercito do Senhor Dom MIGUEL havião entrado victoriosas na Cidade das trahições. Em vão o Auctor quiz resistir *ás suasivas* dos seus *collocutores:* noticias telegraficas, Partes Officiaes, tudo se lhe fez presente, até por traslados, que, *dizem*, sahião de fontes limpas; e o Auctor, que não he *peteiro*, debalde resistia a engulir a pilula; mas finalmente engulio-a; e, o que he o cabo dos males, fê-la engulir, a quem, por fim, ha de remediar os nossos males. *Posso acreditar*, dizia eu aos que me intimavão a victoria das nossas armas, *em noticias telegraficas, e em Partes Officiaes, que tantas vezes tenho visto desmentidas? Acaso ignoro eu como obra a Maçonaria? Eu sei como os Maçons compunhão as suas Partes Officiaes no anno de* 1823. *Tudo erão triumfos, e tudo victorias nos Officios, e tudo mentiras na realidade. Eu não creio em Telegrafos, nem em Partes Officiaes, senão quando o Governo as publica. Os Maçons do anno de* 1823 *fôrão Maçons no anno de* 1826; *os Maçons de* 1826 *fôrão Maçons no anno de* 1828: *os Maçons do anno de* 1828 *não serão Maçons no anno de* 1832? *O Porto foi entrado pelos rebeldes sem resistencia; os rebeldes não abandonaráõ o Porto até derramar a ultima pinga do seu sangue; tenho pois mil, e mil razões para julgar que o Porto não*

tem sido entrado pelo Exercito Real. Conheço os Pedreiros; tenho annunciado os seus estratagemas, e não todos: a sciencia das Gazetas, ou adquirida pelas Gazetas, he sciencia das petas: Napoleão, e antes de Napoleão mil embusteiros, como elle, tem enganado a todo o Mundo: os Pedreiros Livres não são amigos do Senhor Dom MIGUEL: eu conheço a muitos Pedreiros: o Porto pois ainda está em poder dos rebeldes!... — Não seja desconfiado, pois quem he desconfiado, não he fiel: os rebeldes forão desbaratados; não resista á evidencia!...

Eis como todas as cousas são! Comi a *peta*, e dei-a a comer; mas foi *peta*: a Gazeta do Governo me não deixa mentir: a 2.ª, e 4.ª Divisão estão aonde estão; e os rebeldes estão aonde não estavão! Estas sim, que são verdades; que muitos lêm, e poucos entendem. Eu não faço senão hum Papel, e este Papel não serve para todos os dias, nem para todos os homens, porque he Papel da verdade! A Nação Portugueza desde o anno de 1820 até o de 1823, e desde 1823 até o de 1828 tem sido trahida muitas vezes! ElRei assim o diz, e eu não sigo outra voz, que a d'ElRei, e d'ElRei Dom MIGUEL PRIMEIRO. Os que fizerão papel revolucionario no anno de 1820 até o de 1823, e no anno de 1826 até o de 1828, não faráõ o mesmo papel desde 1828 até o de 1832! Muitos fazem papel de Realistas, e são Constitucionaes como huns burros!

Papel de Realista fez Subserra, e Palmella, Barradas, e Lacerda nos annos de 1823, 1824, 1825, e 1826, e elles fôrão o que nós chorâmos! Ora eu venho a provas evidentes, ainda que o meu Censor não gosta de tanta clareza, mas ha de ouví-las! Papel de Realista fazia em Agosto no anno de 1820 hum certo Militar (que eu conheço) quando dizia: *Como Militar hei de desembainhar a espada em Defeza do meu Rei, porque este he o meu juramento; mas como Cidadão, sou Constitucional desde os pés até á cabeça.* Elle passou logo para as bandeiras da rebellião do Porto!!! *Obedeço*, dizia outro, *como devo, ás Ordens de V...; e tal dia lá estou para coadjuvar a V... no desbarato da Facção do Porto!!!* E no mesmo dia foi *voluntariamente* a proteger a Facção do Porto, a que pertencia!!! Estes exemplos de fingimento de Realeza são sem número! Elles sabem que eu os sei; e por isso não sei eu como vivo, nem como escrevo! Elles ahi estão, e estão aos centos....

Mas dizem que este mesmo fingimento houve da parte

dos Realistas, que por esta forma supplantárão os Constitucionaes! *Tantos protestos de adhesão ao Systema Constitucional no anno de 1823; e em oito dias fórão seus auctores os primeiros, que restaurárão a Monarchia!* Assim o dizem elles: e por este modo a Velha Nação Portugueza, e o Governo, assim o Constitucional, como o Realista, tem sido enganados, e trahidos repetidas vezes por huns mesmos. Eu não fallarei do anno de 1826, porque sou emigrado na Hespanha, e os emigrados devem calar-se; porque *reagirão* contra hum Governo estabelecido, o qual ainda não foi declarado *nullo;* pois que os annos do Reinado do Senhor D. Miguel contão-se desde 1828, e não desde 1826, admittindo-se hum *interregno* em huma Nação, que tinha Leis, e tinha *Rei de Direito!!!*... Pois n'esse espaço *vacuo*, como se não sabia de que lado viria a viração das fortunas, das honras, e da segurança, muitos andárão com os ventos, que corrião; e ora se fingírão Constitucionaes, ora Realistas; e ninguem sabe ainda o que elles são, ou, se alguem o sabe, não o diz; ou porque não póde, ou porque tambem se finge: mas o certo he que nos annos de 1826, 1827, e 1828 houve muitos trahidores; porque ElRei assim o diz na sua Real Proclamação de 10 de Julho deste anno, e houve nos mesmos annos muitos fracos, indecisos, e cobardes; porque assim o pronunciárão as Côrtes no anno de 1828; e como *ninguem he trahidor senão de cobarde*, e como *das cousas, que se ignorão, a maior he o medo*, segundo dizem que dizia o melhor Portuguez, D. Nuno Alvares Pereira; ainda que para mim tenho que hoje *ninguem he trahidor senão de Constitucional, ou Pedreiro*, e que *das cousas, que se ignorão, a peor he o fingimento;* resulta que nos annos de 1826, 1827, e 1828 houve muitos trahidores, trahidores por trahição, e por indecisão; e muitos fingidos por systema, e por volubilidade. O que será no presente anno de 1832, o anno o dirá... Mas Portugal tem hum Rei, e hum Governo, que depois de tantas experiencias, e observações não póde ser illudido. E o Soldado, e o Povo Portuguez? Ah! a sua fidelidade, e o seu valor não podem ser trahidos! Já não ha em Portugal quem não saiba, o que são fingimentos! Tremão porém os fingidos! He já tempo de que todos os Portuguezes mostrem que são, o que forão seus Pais, e Avós! O trahidor obra sempre como amigo daquelle, a quem atraiçoa! O fingido tira a capa, que o cobre, logo que póde! Dos fingimentos dou huma prova! Os trahidores darão a sua,

e com ella terão, e receberáõ a sua paga; a morte! Trahidores! Vêde o vosso fim! Fingidos! Eu vos desmascaro, ou antes o Portuguez mais prezado de Realista, o Padre *José* Agostinho de Macedo, elle mesmo vos desengana, que assim como soube enganar os Constitucionaes, e Pedreiros, assim os Pedreiros, e Constitucionaes querem enganar os Realistas! A prova he evidente, e he Classica! As deducções são luminosas, e ellas podem estender-se a todas as Classes! O maior Realista de Portugal enganou os Constitucionaes, de palavra, e por escripto! Hum Sabio, hum Ecclesiastico, hum homem de bem soube fingir; e os Pedreiros, os Constitucionaes, os malvados não fingiráõ? Argumento *de vós para vós*, ou *ad hominem!* Portuguezes! Eu vos apresento hum homem de bem, que enganou! Vós examinareis pelos factos, se ha outros, que vos enganem com os titulos de homens de bem. Hum Realista se fingio Constitucional! Eis a prova, e ao mesmo tempo o argumento, de que muitos Constitucionaes se fingiráõ Realistas.

Tripa por huma vez. Livro Primeiro, e Ultimo. Dividido em dous Folhetos: *N.*° 5.° = a pag. 65 no *Postscriptum* diz seu Auctor o Padre José Agostinho de Macedo estas notaveis palavras » Não ha, nem póde haver sce» na mais ridicula que ver-me a mim mettido com elles » (com os Constitucionaes) no ultimo Acto da Comedia » Regeneradora (nos mezes de Março, Abril, e Maio de » 1823)..... porém ha circumstancias taes, e tão impe» riosas, que obrigão o homem mais constante a represen» tar, o que não he, e a identificar-se em apparentes senti» mentos com os seus mesmos inimigos, e perseguidores, » escrevendo como elles escrevem, fallando, o que elles fal» lão, louvando, e promovendo, o que elles louvão, e pro» movem.... Se eu quizesse ir viver da mendicidade, e » morrer de indigencia por longas, e estranhas terras, eu » não prostituíra a minha penna aos vãos caprichos, e re» cursos de revolucionarios agonisantes. » A pag. 66 = » Que faria nas minhas circumstancias o homem mais pru» dente?... Contemporizar com elles, prometter tudo, e » não fazer nada, entrar-lhes dentro do coração para lhes » apanhar as disposições, que fazião, e as resoluções, que » tomavão... A primeira cousa, que exigírão de mim, foi » que redigisse eu, amplificasse, e enfeitasse os Boletins » do Exercito Constitucional... A pag. 69... representan» do o papel de Constitucional, sendo-o com tanta verda-

» de como hum Comico he Tamerlão Rei da Persia, quan-» do o representa. » Ora este artificio, de que se amparou o Padre José Agostinho de Macedo, lhe valêo tanto entre os revolucionarios, que o julgárão Constitucional no fundo d'alma, como elle mesmo diz a pag. 66; e os que assim o julgárão forão nada menos que José da Silva Carvalho, e Manoel Gonçalves Miranda, que não erão *tolos de mais*. Eu não tenho voto sobre as doutrinas do Grande Padre Macedo; profundamente o respeito, ainda que nem em tudo o sigo. Esse homem só a si mesmo póde igualar-se. Elle ainda outra vez se fingio hum acerrimo defensor da Legitimidade de D. Pedro, para com esta capa suster a Causa da Realeza. Quiz ainda terceira vez fingir-se Constitucional, ou *Moderador*, e *Amalgamador* dos Constitucionaes com os Realistas, e destes com aquelles, a impulsos de huma Authoridade, que assim lho demandou no mez de Agosto de 1829, quando a *Besta* estava meio esfolada: porém foi interrompido por huma voz muito menor, que a d'elle. *Se V. se fingir terceira vez, o Povo Portuguez, não sabendo o que V. he no fundo da sua alma, deixa-lo-ha para sempre; porque os Portuguezes podem ser illudidos duas vezes; tres, não; porque não são tolos.*

Em todas as guerras, e especialmente nas civis, os vencidos serão havidos como trahidores; mas nestas o trahidor não se manifesta senão quando está vencedor o Partido, que defende. O Padre Macedo na sua *Tripa por huma vez* tomou por epigrafe hum retalho da Satyra 3.ª de Juvenal— *Vivat Asturius ibi, vivant qui nigra in candida vertunt*, a qual traduzio por esta maneira:

» Sobre os cornos da Lua *Asturio* viva,
» E viva quem converte o negro em branco. »

Eu, que nem na traducção sei imitar o genio original do Grande Macedo, traduziria a Epigrafe ao meu proposito por outra maneira.

Sobre o cadafalço os Malhados morrão
N'elle morrão, os que Realistas se fingem.

D'este artificio do Sabio enganador dos Constitucionaes colhi eu a *Arte de atraiçoar*, ou de enganar, tantas vezes posta em pratica pelos estonteados Constitucionaes, mas já felizmente conhecida pelos experientes, e observadores Realistas. Que os Realistas não percão de vista, o que tantas vezes experimentárão, e observárão!!! Troia póde resistir a todas as forças da Grecia: mas Troia não soube resistir aos enganos, e trahições!!!

Ha circumstancias taes, e tão imperiosas, que obrigão o homem mais constante a representar, o que não he, e a identificar-se em apparentes sentimentos com seus mesmos inimigos, e perseguidores, escrevendo como elles escrevem, fallando o que elles fallão, louvando, e promovendo, o que elles louvão, e promovem. — He doutrina do Padre Macedo; foi approvada, e he corrente entre os Constitucionaes. Assim estes fementidos representão de Realistas, o que não são, identificão-se em apparentes sentimentos com os mesmos, a quem elles detestão, e perseguem; escrevem como os Realistas escrevem: fallão, o que os Realistas fallão; louvão, e promovem, o que os Realistas louvão, e promovem! Até quando esta simulação! Até que os Realistas não tenhão esperanças de se salvarem do abysmo, em que a trahição os despenhou! Até que os Constitucionaes possão á cara descoberta mostrar, o que no fundo da sua alma são!

Nos terriveis apuros de os Constitucionaes serem perseguidos pelos Realistas dominantes, que faráõ os Constitucionaes mais prudentes? *Contemporizar com os Realistas, prometter-lhes tudo, e não fazer-lhes cousa alguma, entrar-lhes dentro do coração, para lhes apanhar as disposições que fazem, e as resoluções que tomão, para lhas supplantar em tempo conveniente.* He doutrina do Padre Macedo; foi approvada, e he corrente entre os Constitucionaes. Assim estes aleivosos contemporisão com os Realistas; tudo promettem aos Realistas, e nada lhes fazem; entrão-lhes dentro do coração; apanhão-lhes as disposições, que fazem, e as resoluções, que tomão; e ao depois lhas supplantão, e perdem a bom tempo! Quando acaba esta contemporisação, e estas promessas? Quando elles podem oppôr-se aos Realistas cara á cara, peito a peito!

A esta Comedia, em que os Constitucionaes entrão como Actores, representando o papel de Realistas, sendo-o com tanta verdade como hum Comico he Tamerlão Rei da Persia, quando o representa, ou com tanta verdade como hum máo Sacerdote he Christo, quando faz o seu papel; ou como hum Judas he Apostolo da Fidelidade, quando acompanha com o seu Divino Mestre, e com os outros verdadeiros Apostolos, a esta Comedia devem os Constitucionaes a sua conservação nos Empregos, e ainda o augmento das suas fortunas; não participando da sorte dos mais, que gemêrão nos degredos, ou que forão apeados dos seus Cargos, Postos, e Empregos!!!

Eis em summa a Arte de enganar! Eu não sou capaz de fazer huma Arte! A de atraiçoar fica em projecto; e, se a poder ultimar, apparecerá impressa em outro Paiz, que não seja Portugal, que he Paiz Classico da Fidelidade! Apparece agora a Arte dos Enganos, porque o Grande Macedo a achou na *Tripa por huma vez*, e a poz em prática obrigado pelos Constitucionaes, para os enganar, como os enganou, desenganando ao depois a todos os bons Portuguezes com tanta força, e erudição, que, se elles tornassem a ser enganados, não poderião escusar-se com a ignorancia, mas com huma cegueira fatal, que Deos permitte algumas vezes para castigo dos Soberanos, e dos Povos! Ahi vão as Regras da Arte dos Enganos, as quaes Regras os fementidos, e aleivosos Constitucionaes exactissimamente observão.

PRIMEIRA REGRA DOS ENGANOS CONSTITUCIONAES.

Representar o que não são, e identificar-se em apparentes sentimentos com os Realistas, a quem elles altamente detestão, e aborrecem! ! !

SEGUNDA.

Escrever como os Realistas escrevem! ! !...

TERCEIRA.

Fallar, como os Realistas fallão! ! !...

QUARTA.

Louvar, e promover, o que os Realistas louvão, e promovem! ! !...

QUINTA.

Contemporizar com os Realistas! ! !...

SEXTA.

Prometter tudo aos Realistas, e não fazer-lhes cousa alguma! ! !...

SEPTIMA.

Entrar dentro do coração dos Realistas, para lhes apanhar as disposições, que fazem, e as resoluções, que tomão!!!...

OITAVA.

Fazer por todos os meios acreditar aos Realistas que os mesmos, que forão muito Constitucionaes, são verdadeiramente Realistas no fundo das suas almas!!!...

NONA.

Conservar-se, e empoleirar-se nos Empregos, representando o papel de Realistas; mas sendo-o com tanta verdade como hum Comico he Tamerlão, Rei da Persia, quando o representa!!!...

Noves fóra?.... nada de Realistas, e tudo de Constitucionaes!!!...

Cabião aqui, se eu quizesse campar de Logico, immensos Theoremas, Problemas, Postulados, Corollarios, e Consectarios, que serião mais interessantes, que os Aforismos de Hypocrates: mas eu não sou homem capaz de tão grandes cousas: nasci sómente para contar quatro historias do passado, e com ellas entreter a vida presente; que só d'este modo levava a sua vida minha Avó, que era tão boa mulher como aquella velha, que acclamou Rei ao Senhor Dom João Primeiro, e que foi seguida por hum Tanoeiro; e esse Tanoeiro sou eu. O Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO está acclamado; mas procuro hum Alferes de Cavallaria, que seja tal como Dom Nuno Alvares Pereira; e os Seculos de *simulação* mo mirrárão! Dom Nuno Alvares Pereira fez desnecessarios os outros Generaes ao Senhor Dom João Primeiro: esses Generaes erão do Partido da Senhora Dona Leonor; ou, ao menos, duvidavão arrostar com o Competidor do Senhor Dom João Primeiro: hum Alferes de Cavallaria defende o Reino, e o Defensor do Reino, e elle vence; porém este Alferes he o Excellentissimo Senhor Dom Nuno Alvares Pereira, Condestavel de Portugal, Tronco dos seus Serenissimos Reis, e de toda a Grandeza da Europa. —*Primeiro está ser leal que agradecido:* (estas são as palavras, que o eruditissimo Padre Frei Antonio de Escobar põe na bôca do Heróe, de que vou fallando, em huma entrevista, que teve com o Senhor Dom João Primei-

ro na occasião dos seus maiores apuros) *não ha dúvida que obrigue a ser trahidor: acudâmos ao Reino, para que não morra: fez-nos grandes o nosso valôr, não nos faça pequenos a nossa ambição: não póde vencer-nos o poder, não o possa tambem a industria: aos apertos deve o heroico as resoluções grandes: se o poder inimigo nos estorvar, o libertar a nossa Patria, não nos poderá impedir morrermos em sua defensa; e a morte em acção tão lustrosa será o nosso maior credito!!!* Esta linguagem he a da honra, da virtude, e do valor.

Grandes do Reino, e Vós, em primeiro lugar, os que descendeis do Grande Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira, olhai pela Patria, olhai pelo Throno, olhai pela vossa honra! Outros, que tambem prezão de Grandes, e sómente o são na trahição, estão á testa das fileiras rebeldes, que combatem por D. Pedro! A Questão não he sómente entre Irmão, e Irmão: he tambem entre os verdadeiros Grandes, e falsos Grandes! O poder de D. Pedro, e dos falsos Grandes, que o defendem, não he temivel; a sua industria sim; he muito; e muito para temer; ella se reforça na *simulação*, ou na Arte de enganar, que he propria de todos os Constitucionaes!

Verdadeiros Grandes do Reino, vêde que o Grande Conde de Amarante, e o Grande Marquez de Chaves já não existem! Os que auxiliárão áquelles Grandes Defensores do Reino, e da Grandeza, huns não existem; outros poucos passárão para as bandeiras da rebellião; outros estão mirrados; outros apeados; outros estão em baixo! Parece-me vêr sahir do sepulchro o Veneravel D. Nuno Alvares Pereira, e que assim falla aos Verdadeiros Grandes do Reino, como em occasião semelhante fallou aos do seu tempo — *Companheiros meus, ou vós vos não lembrais de que sois Portuguezes, ou eu me engano no que vejo. Quem por servir a Patria, despreza em si o seu sangue, não ha de estimá-lo em seus Irmãos. Se se contamina, tirar o proprio he saude; a Medicina o persuade. Se desprezo o interior, que me alenta; como hei de guardar o exterior, que me infama? Por escapar o corpo ha quem se córta hum braço. Tudo hei de emprehender em defensa de Portugal. Já vencemos nossos inimigos, não desesperemos de tornar a vencê-los. Ainda sômos os mesmos, elles ainda não são outros. Se vos retirais, direi que a vossa cobardia vos vence, e não o seu valôr.*

Portuguezes, tomai a offensiva: a Europa inteira vos

observa, e ella se admira!!! Vê-se, o que se não esperava; espera-se, o que se não vê!!!....

Tantas vezes tem sido trahida a Nação Portugueza desde o anno de 1820 até o de 1828, que he preciso desconfiar muito, e cuidar em tudo! No anno de 1820, os que mais devião a Portugal, mais o atraiçoárão, e menos o defendêrão! No anno de 1823, os que mais devião defender a sua Patria, forão os que mais a ião abysmando! A empreza do segundo Conde de Amarante, e Marquez de Chaves foi execrada pelos mesmos, que devião abraçá-la! Os nomes horrorosos de Subserra, e Palmella, de Barradas, e Lacerda, de Rendufe, e de outros já banidos pela Lei podem ser citados sem medo! Saldanha, e José Corrêa de Mello tambem são admittidos no texto! Mas os trahidores, os Constitucionaes, que representárão o papel de Realistas nos annos de 1823, 1824, 1825, e 1826 forão muitos mais! A Censura soffrerá, ao menos, que n'essa relação se mettão todos os rebeldes, que acabão de desembarcar, invadindo o desgraçado Portugal! Os Constitucionaes, que fizerão o papel de Realistas em todos esses annos, podem ser taxados de suspeitos *(ao menos)* nos annos seguintes! No anno de 1826 muitos, que muito devião á amizade do Senhor Dom Miguel, á Patria, e ao Throno forão, os que menos desempenhárão a sua divida! Os Grandes do Reino, que então tomárão, e agora ainda seguem a facção de Dom Pedro, são hum testemunho, que as Leis, e as Sentenças não podem deixar de admittir! Os nomes do Marquez de Chaves, dos Viscondes de Monte-Alegre, de Villa-Garcia, da Azenha, e de Molellos; os nomes de Pinto da Silveira, de Telles Jordão, e de Magessi; os nomes dos Coroneis, Tenentes Coroneis, Majores, e mais Officiaes, que Commandárão, ou Cavallaria, ou Infanteria, ou Caçadores, ou Artilheria, ou Milicias, ou Voluntarios, ou Ordenanças, ou Guerrilhas, todos esses nomes forão vistos com horror, forão desprezados, forão desnaturalisados, forão finalmente votados á execração pública! Isto he público: á evidencia ninguem resiste! Mas o Grande Rei, o Justiceiro, o Virtuoso Rei e Senhor Dom Miguel I lhes fez, e faz justiça! Sómente os rebeldes Partidarios de D. Pedro tem jurado eterna proscripção ao valôr, e á virtude.

Portuguezes, que não fingis de Realistas, vós, que formais a quasi totalidade da vossa Nação, vós, que devéras quereis Deos, quereis Rei, e Rei Absoluto, e Rei o muito

Alto, muito Poderoso, muito Magnifico, e muito Amavel Senhor Dom Miguel I, vós de que temeis? Dos inimigos? Já os vencestes; são os mesmos, e são ainda menos. Da sua industria? O vosso valôr, e a vossa fidelidade triumfárão sempre de tudo. Da trahição, e da simulação? Algumas vezes fostes trahidos, e enganados; mas sempre triumfastes, sempre vencestes: Deos está comvosco! ElRei está á vossa frente, e combaterá ao vosso lado! O Exercito está firme heroicamente! Não ha trahições; não ha fingimentos; se houvesse porém trahidores, e simulados, o Governo tem força, tem valôr, tem sciencia; a sua acção he rapida! Portuguezes, tomai a offensiva; d'ella virão sempre a vossa honra, e os vossos triumfos! o Clarim o demonstrará; segui a Voz do vosso Rei, e Defensor!

Meu Rei, e Senhor: permitti que eu repita a falla, que o Grande Condestavel de Portugal fez a Vosso Augusto Progenitor de Boa Memoria: *huma determinada ousadia he o unico meio para escapar dos maiores perigos: não ha vantagens nos rebeldes: he mais a Vossa justiça, que o seu poder. Vamos, Senhor: a ousadia de accometter he já principio da victoria: melhor he o braço do que fere, que o daquelle, que repara: Empresas arduas na pressa tem a força, e na dilação o damno!!!* A offensiva tem dado sempre honra, e victoria aos Vossos Augustos Ascendentes contra os inimigos, que os offendêrão! A defensiva, Senhor... As minhas impetuosas lagrimas embargão-me a voz..... O silencio porém falla muito expressivamente ao Magnanimo Coração de Vossa Magestade..... Hum Poeta me toma a palavra....

Acode, e corre, Pai, que se não corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.

Camões.

Lisboa 4 de Agosto de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 58.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Tomai a offensiva, que he já tempo, e mais que tempo!

A' offensiva bradou ElRei, quando chamou ás armas o seu Soldado, e o seu Povo! A' offensiva vos chama a salvação do Vosso Rei, e da Vossa Patria! A' offensiva vos chama a salvação de vós mesmos, das vossas familias, das vossas casas, e dos vossos bens! A' offensiva vos chama a vossa honra já talvez duvidosa em toda a Europa!!!

A' offensiva vos provocão as atrocidades dos rebeldes commandados por Dom Pedro! Ah! Principe barbaro, e sacrilego! Negai outra vez a Patria, que vos vio nascer! Negai que sois filho do Augusto Rei, e Senhor Dom João Sexto, e da igualmente Augusta Rainha, e Senhora Dona Carlota Joaquina! Negai que sois Irmão do Augusto Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro, da Augusta Princeza da Beira, e das Serenissimas Senhoras Infantas! Dizei antes que sois hum monstro de irreligião, e de tyrannia! Assim he que sollicitaes os Portuguezes? E se assim os tractaes quando os requestaes com a paz, que farieis se os dominasseis pela guerra? Atila, Totila, Genserico, os Godos, e Ostro-Godos, os Vandalos, e os Alanos, os Sarracenos, o mesmo barbaro Turco, não tem sido tão barbaros, e tão crueis, como vós sois! Haveis feito maiores estragos em Portugal, que jámais lhe fizerão todos os seus

inimigos! Se a vossa demanda fosse justa, o Ceo vo-la perderia pelas injustiças, com que a promoveis!

Portuguezes! Os Officiaes, e Soldados, que por doentes não podérão retirar-se do Porto no dia da invasão de Dom Pedro forão barbaramente assassinados pelos subditos de Dom Pedro! — Os Mosteiros de Religiosas tem sido profanados, violados sacrilegamente! As Religiosas forão pasto da brutalidade dos subditos de Dom Pedro, e do mesmo Dom Pedro! — Os Conventos de Sancto Agostinho, e de S. Francisco no Porto acabão de ser saqueados, e queimados por ordem de Dom Pedro! Dous Religiosos da mesma Ordem forão mortos, e arrastados pelas ruas da Cidade! — O Templo da Sé do Porto, todos os mais Templos, e Conventos da Cidade tem sido saqueados, ultrajados, e desacatados! — Os Templos da Cidade de Braga, seus Conventos, e especialmente o da Congregação, tiverão a mesma sorte! Não se respeitárão os Vasos Sagrados, nem as Sanctas Reliquias, nem a mesma Sacratissima Eucharistia!!! — O Convento de Religiosos Capuchos da Cidade de Pennafiel foi igualmente roubado, e violado, e depois entregue ás chammas! — A Igreja de *Recárem*, e todas as mais do Concelho de *Aguiar de Sousa*, e outras, em que os subditos de Dom Pedro podêrão entrar, tem passado pelos mesmos roubos, profanações, e desacatos! — Todos os Povos, por onde os foragidos de Dom Pedro tem feito passagem, forão entregues á mesma pilhagem, e devastação; aos mesmos excessos de furor, e de deshumanidade! — O Mosteiro de Conegos Regrantes de Sancto Agostinho em *Grijó* acaba de ser sacrilegamente roubado, e desacatado! As Sanctas Cruzes, e as Sanctas Imagens forão destroçadas! Hum Religioso doente foi cruel, e atrozmente morto! Estes erão homens inermes, e tranquillos, estes erão doentes, e decrepitos, que os subditos de Dom Pedro tem barbaramente sacrificado á sua vingança!

Dizei, Senhores Diplomatas da Europa, em que vos offendêo a Nação Portugueza, para que lhe introduzais hum Principe, que tão barbaramente a tracta? Auxiliareis vós por mais tempo a hum Principe, que não respeita a Religião, e as Leis do Paiz, a que elle diz ter Direito; hum Principe, que invade os Templos, e as Casas da Religião; que não poupa o sangue innocente; que entrega ao furor dos seus Soldados a viuva, a casada, a donzella, e a Religiosa; que exerce a carnagem sobre os doentes, sobre os decrepitos, sobre homens inermes, e tranquillos?...

Jornalistas Estrangeiros! Sobre factos públicos, e notorios, não sobre declamações parciaes, e estudadas, corregi a errada opinião, que imprimistes no espirito Publico das Nações, para as quaes escreveis. Vêde qual dos dous Principes he o Tyranno, se o Senhor Dom MIGUEL, que excede na Clemencia a Tito; se Dom Pedro, que excede em crueldade a Caligula, e a Nero!!! Eu não quero mostrar pelo meu Rei a minha obrigação, que os Estrangeiros reputarão huma parcialidade! Advoguem os factos de Dom Pedro a Causa do meu Rei, e sobre elles julguem os Estrangeiros, de que lado estão as Virtudes, e as Qualidades proprias de hum Principe! Dom Pedro campa de sedicioso como os *Graccos;* de intemperante como os *Luculos;* de ímpio como *Jeroboam;* de idolatra como *Juliano;* de violento como *Alexandre;* de vingativo como *Diocleciano;* de mentiroso como quasi todos os *Gregos;* de indomavel como todos os *Tyrannos!* Elle tem genio para destruir, não para conservar; faz sua a Justiça; não reconhece as Leis; promove a desobediencia, e fomenta a desunião; falta, ao que promette; perdôa, a quem não deve, e castiga, a quem o não offende; tracta os pequenos como a grandes, e os grandes como a pequenos; confunde o crime com a virtude, e só distingue a licença, e a arbitrariedade; Principe desigual, não faz os subditos seus amigos, mas inimigos; Pai aspero, não faz os filhos obedientes, mas desesperados; Chefe inconsequente, não faz os Soldados submissos, mas fugitivos, e rebeldes; injusto na distribuição dos premios; escasso, e mesquinho nas distincções; só aos baixos, e licenciosos engrandece; e aos outros, no mesmo que lhes dá, os apouca; he finalmente hum *Domiciano*, e hum *Heliogabalo* na crueldade, e na devassidão; excessivo em tudo, moderado em cousa nenhuma! Dizei, Publicistas Estrangeiros! He Politica roubar, e queimar os Conventos, e os Templos; matar homens inermes, e tranquillos; levar a licença até aos mesmos recintos da honestidade: exercer a pilhagem, e a devastação? Concilião-se assim Povos affeitos a viver na sua Religião, acostumados á paz, e á tranquillidade: Povos, que jámais virão os incendios, e os roubos licenciados: Povos, que jámais virão as mortes públicas, senão executadas por Sentença, e Lei? Quer Dom Pedro dominar os Povos, que destroe; Vassallos, que tyrannisa? He Politica a anarchia, a violencia, a carnagem, e a tyrannia? E he assim que se fundão, estabelecem, e consolidão pertenções ao Throno?

Onde está a paz promettida, a propriedade, a segurança, e a liberdade offerecidas? Que opinião póde adquirir hum Principe, que destroe, e não edifica; que não conserva, mas anniquila? He Politica dar os maiores Titulos da Grandeza do Reino a homens os mais abjectos, e mais aborrecidos no Reino? He Politica banir immediatamente o Marquez Monteiro Mór do Reino, e outros Grandes, que tem boa opinião em todos os Povos do Reino, e intrusar nos seus Titulos, e nas suas Casas a homens aborrecidos, e execrados em todo o Reino? He Politica despojar, exauturar, e desapossar os Duques de Cadaval, e de Lafões, que são Parentes dos Senhores Reis de Portugal; que pelo lustre do Sangue Real, pelo esplendor da sua educação, pelo brilhantismo das suas Casas, pela antiguidade dos seus Titulos, pela sua liberalidade, e magnificencia com todos, assim Nacionaes como Estrangeiros, pelas suas eximias, e ingenitas virtudes, e qualidades, e pela sua perpetua, inabalavel, visivel, e heroica fidelidade ao Altar, e ao Throno levárão sempre apoz de si, levão, e hão de sempre levar o séquito, a estima, a admiração, o respeito, a veneração, e o amor de todos os Portuguezes?

Dizei, Publicistas Estrangeiros! he Politica em Portugal intrusar nos Titulos, nas Honras, nos Palacios, e na Alta Jerarchia dos Duques de Cadaval, e de Lafões a outros que, ainda que Fidalgos, são o desprezo, e a abjecção de todos os Portuguezes; que não tem por timbre a fidelidade, e a virtude; que são de huma linhagem, que não passa de dous seculos de alguma distincção; que finalmente nunca forão universalmente admirados, nem ainda conhecidos dos Portuguezes nos dias da sua maior gloria? He Politica insultar, desprezar, ridiculisar, e vilipendiar os Parentes da Casa Real, e sempre fieis á Casa Real? Se he Politica, não o foi assim a de nenhuma Testa Coroada em algum seculo; não o foi a dos mesmos Principes Intrusos; não o foi a do mesmo Napoleão; não foi assim a dos mesmos Republicanos! Essa foi Politica sómente de *Dom Quichote de la Mancha*, Cavalheiro da Triste Figura, que fez ao abjectissimo *Sancho Pansa* Governador da Insula Barataria. Se houver algum Escriptor, que me diga, que já em Portugal houve Duques proscriptos por trahidores; respondo, que esses Escriptores são revolucionarios, insensatos, e de máos figados, como aquelles, que citão os nomes dos malvados, e dos abjectos na presença de fieis, e virtuosos, que tem o mesmo nome! He isto in-

sultar a Sociedade, promover a desconfiança, e fazer causa commum com os inimigos da Grandeza. *O Cura, e o Barbeiro d'Aldéa* cahe tambem no mesmo desproposito no segundo Numero; antes d'elle o fizerão outros, e n'esta parte me parecêrão, *ao menos*, inconsiderados! Hum Realista não despedaça a Monarchia! A Monarchia he a união proporcional dos Grandes com o Rei, e dos Povos com ElRei, e com os Grandes! Morro de desejos de vir a este objecto! Os Grandes de antiga linhagem não precisão da minha penna: os Povos talvez que sim; porque he necessario fazer-lhes vêr, que a ousadia de invectivar a primeira Grandeza he hum projecto da Demagogia, inimiga da Aristocracia, e dos Povos! Portuguezes! os vossos Duques vos mostrão o caminho da honra, e da fidelidade! Elles vão onde a honra vai! Combatem nas fileiras Realistas, e á voz do Senhor Dom MIGUEL I mostrarão a todo o mundo, que D. Pedro, além das Leis, que o privão do Throno, não tem Politica, não tem Virtudes, não tem qualidades algumas, que o fação digno de Reinar.

Mas dizei ultimamente, Publicistas Estrangeiros: He Politica eleger Ministros, que a Nação toda aborrece, e exécra; ligar-se com Soldados, com Chefes, e com Partidarios, que a Nação toda já vencêo, já desbaratou; procurar auxilios de Inglezes rebeldes, que a Nação toda abomina, e de Francezes tambem rebeldes, que a Nação toda odeia? He Politica fazer pazes, e travar amizade com os mesmos, que perseguírão a seu Augusto Pai, e tambem a elle mesmo? He Politica levar os Póvos á obediencia pela força, pela carnagem, pelos roubos, pela destruição, pela anarchia, pelo exterminio da sua Religião, das suas Leis, e dos seus costumes? He Politica privar os Póvos do pão necessario; carregá-los de contribuições insopportaveis; obrigar ás armas aos que não podem; insultar as suas familias; calcar a sua honra; humilhar as suas virtudes, e inclinações; roubar finalmente aos Póvos até a esperança do seu repouso? Respondei, decidi, julgai, Publicistas Estrangeiros; sêde imparciaes, como eu estou neste momento, em que me dispo das obrigações, que as Leis, o Juramento, o amor, e a gratidão me impõe! Embora as prevenções anteriores escondão aos vossos olhos as Virtudes do Senhor Dom MIGUEL! Mas vêde a conducta de D. Pedro em Portugal; examinai seus factos, e julgai, se he digno de Reinar hum Principe, que he inimigo dos Póvos, que os destróe, que os rouba, que os queima, que os massacra!

Vós, Portuguezes, tomai a offensiva, que he tempo, e mais que tempo; não porque os rebeldes possão jámais dominar-vos, mas porque na defensiva muitos damnos vão, e alguns perigos podem ir; e na offensiva ganhais honra, tirais de dúvidas a Europa sobre a vossa fidelidade, e valór; asegurais a victoria; poupais sangue; economisais fazenda; vingais as injurias recebidas; resgatais as vossas familias, e os vossos bens; adquiris o desejado, preciso descanço, e repouso; fazeis-vos crédores do Rei, e da Patria; tornais-vos espantosos aos inimigos, assim no interior, como no exterior; livrais-vos de novas aggressões, e barbaridades; evitais a anarchia; dais bom exemplo aos vossos vindouros, e huma importante lição a todos os revolucionarios do mundo; e ficais vós, os vossos filhos, e netos com hum nome de feliz memoria em todas as Nações do Universo! Eia pois, a todos vos repito

Leaes Portuguezes,
Mostrai ás Nações,
Que debalde teimão
Por Pedro os Mações.

A's armas, ás armas,
Vamos á offensiva!
Que Pedro pereça!
E Dom MIGUEL viva!

Tem sido tão escandalosa, tão enganadora, e tão violenta a conducta de D. Pedro, que os mesmos suspeitos de Constitucionaes, e de Mações, que, segundo as Folhas Estrangeiras dizem, andão entresachados no Exercito do Senhor Dom Miguel, e os que, segundo as mesmas Folhas presumião, passarião immediatamente para as Fileiras Pedristas, esses mesmos tem ficado firmes no Exercito Realista com assombro dos Liberaes Estrangeiros, e com satisfação de todos os Realistas. Nem hum só Official empregado no Serviço do Senhor Dom Miguel passou para as bandeiras de Dom Pedro! Tanto he certo, que todos elles conhecem a Razão do Senhor Dom Miguel, e as sem razões de D. Pedro! Tanto he certo, que todos elles prézão a sua Patria sobre todas as theorias da Revolução! Tanto he certo, que todos elles confião no Governo do Senhor Dom Miguel, como he certo, que este Governo se adqui-

rio reputação pela sua Politica, pela sua Administração, e pela sua Probidade! Promessas de D. Pedro; invitações com grandes augmentos de Postos, de Honras, de Titulos, e de Fortunas; alliciações estrangeiras, tudo tem sido baldado! D. Pedro, pelo seu caracter doloso, inconsequente, e desigual não inspira confiança a alguem! D. Pedro, pelo seu genio destructor, violento, e hostil, tem excitado o odio de todo o Exercito Realista! Seis mezes de divida aos Officiaes do Exercito do Senhor Dom Miguel, pela grande penuria do seu Erario, não movêrão a nenhum Official a acceitar os Soldos, e os augmentos de Postos, que Dom Pedro, e os Estrangeiros lhes offerecem! Correi-vos de vergonha, e callai-vos, Jornalistas Estrangeiros! As vossas esperanças fôrão frustradas! Reconhecei que a Officialidade Portugueza não se move pelo dinheiro, nem pelos Postos, nem pelas fortunas! O principio motor da Officialidade Portugueza he o desempenho da palavra, que dêo! Sêde certos, Realistas, que os vossos Officiaes estão comvosco; que elles combatem ao vosso lado; que elles não abandonão as Bandeiras do Senhor Dom Miguel.

Mas quanto he baixo, e vil o caracter de Dom Pedro, e dos que o aconselhão! Alliciar Officiaes, seduzí-los com augmento de Postos; prometter-lhes honras, e fôrtunas! Ah! isso insulta mais que tudo a honra da Officialidade Portugueza! Isso he não conhecer o caracter dos Portuguezes! Essa he huma marcha grosseira, e aviltadora! Hum só não ha no Exercito Realista, que não conheça os Direitos do Senhor Dom Miguel: hum só não ha, que não tenha jurado livremente defender os Direitos do seu Rei: os Officiaes Portuguezes combatem pela sua Opinião, e pelo seu Juramento: esta Opinião, este Juramento, finalmente, a Honra não são aviltadas entre Portuguezes pelo ouro, pelos Postos, nem pelas promessas! Dom Pedro! Vindes enganado; aconselhárão-vos mal; vós vos tendes esquecido do caracter dos Portuguezes! Se os não podestes corromper nos annos de 1822, e de 1823, quando estaveis nos dias da vossa maior gloria, pertendeis corrompê-los agora, agora nos dias da vossa ignominia; agora, que vindes expulso vergonhosamente pelos vossos mesmos Brasileiros; agóra que estais conhecido por todo o mundo, como hum desgraçado sem caracter, sem palavra, sem boa fé, sem opinião, sem honra! Olhai que os mesmos, que vos seguem, não conhecem em vós Direitos alguns ao Throno: que elles tomárão o vosso Partido, porque os Es-

trangeiros lhes persuadírão que vós ereis o vencedor, e que farieis a sua fortuna! que elles se revoltárão contra o Senhor Dom Miguel, não porque não conhecessem nelle todos os Direitos ao Throno, mas porque teimárão em querer violentá-lo a que protegesse huma Carta Constitucional, que a maioria, ou a quasi totalidade de Portugal não quer! Olhai que os que vos acompanhão não gostão de vós; que, se o Senhor Dom Miguel lhes désse a amnistia, que tantas vezes sollicitárão; se o Senhor Dom Miguel lhes conservasse as vidas, os Postos, e os Empregos, vós terieis sido abandonado; ha muito, vós não terieis hum só, que vos séguisse! Tanta he a vossa desgraça! Tanto haveis perdido a opinião pelo vosso caracter sempre doloso; pelo vosso genio sempre inquieto; pela vossa condição sempre desigual! Vós não tendes Direitos alguns ao Throno, nem algumas virtudes, e qualidades, que vos fação digno, e capaz de reinar!

Quanto por outra parte: a marcha do Senhor Dom Miguel he Augusta, he franca, he nobre, he Real! Hum só Official rebelde não tem sido invitado, para que abandone a Dom Pedro: não se lhe tem offerecido dinheiro, nem Postos, nem fortunas, para que elles deixassem a rebellião isolada em só Dom Pedro, era sufficiente que o Governo do Senhor Dom Miguel lhes offerecesse a conservação das suas vidas, e a subsistencia, que lhes viesse do seu nascimento. Mas o Senhor Dom Miguel tudo tem entregue ás Leis, e ao valor das Armas! Deixa os rebeldes ao arbitrio dos Juizes, e muitas vezes lhes vai á mão, moderando o rigor da justiça: Elle tem caridade para detestar a vingança; tem fortaleza para ser superior a paixões, a que outro Soberano não saberia renunciar; tem liberalidade para perdoar as offensas, que tem recebido; mas tambem tem prudencia para fazer que a sua Clemencia não degenere em fraqueza; quer moderar as penas, que são legitimas, mas não quer ficar devedor á justiça, porque hum perdão absoluto torna as Leis despresiveis, augmenta os crimes, castiga as virtudes, faz audazes os máos, descontenta os bons, e mette a Sociedade em desordem, e em confusão. *A misericordia, e a verdade se encontrárão; a justiça, e a paz se abraçárão*, diz o Divino Espirito Sancto: *Misericordia, et véritas obviaverunt sibi; justitia, et pax osculatæ sunt.* Psal. 84. ℣. 11. He necessario castigar os crimes, que revoltão a paz pública, os crimes, que fôrão commettidos, não por azar, não por infelicidade, não

por ignorancia, mas de proposito, a sabendas, por costume, por má inclinação, e malignidade, por conspiração, aleivosia, e trahição. He necessario indemnisar os enormissimos prejuizos causados á Real Fazenda, e reparar os grandes estragos feitos aos Povos. Hum perdão, que não fosse coarctado por estes limites, causaria o despreso de hum Principe, e o faria apparecer aos olhos do seu Povo complice dos criminosos. *He grande clemencia ser cruel alguma vez*, dizia hum Politico Italiano: embora haja suavidade no castigo; mas não haja negligencia, porque esta augmenta o número dos crimes: a morte de muitos pode destruir a Sociedade: deixar-lhes a vida, mas privá-los da sua subsistencia, he querê-los sempre delinquentes: fazer desgraçados a muitos, he fazê-los desesperados. O Senhor Dom João Primeiro não se vingou de muitos, que lhe *atravessárão* os seus Direitos á Corôa; mas arredou-os do seu serviço, e não se fiou mais nelles, porque isso sería temeridade, e imprudencia, alem do desgosto, e descontentamento, em que naturalmente ficarião, os que o havião ajudado, e servido com lealdade. A Politica pois do Senhor Dom Miguel Primeiro tem sido em tudo Augusta, franca, e nobre. Elle não comprou o Throno, premiando os que tem sustentado seus Direitos; contentou-se de organisar o Exercito, quanto era preciso, para a Defeza do Reino; empregou, e conservou os que erão indispensaveis em as outras Repartições do Estado; e não privou, nem desapossou a alguem das suas fortunas, senão quando as Leis, e Leis estabelecidas nos Reinados anteriores, os achárão nocivos ao Estado. Elle não comprou a paz aos inimigos, alliciando-os, seduzindo-os, e peitando-os, para que abandonassem as bandeiras de Dom Pedro; contentou-se apenas de conceder a vida, e o repouso nas suas casas, e entre as suas familias aos Soldados, que livremente deixassem a rebellião; e tanto bastou para que se tenhão já apresentado numerosas porções em todas as Provincias, em que elles podem desembaraçar-se da oppressão dos rebeldes; com armas vem huns, e outros sem ellas, cada hum como póde; mas todos sem as suas mochilas, que os Chefes lhes tem recolhido a bordo: os que se apresentão não são somente das recrutas, que Dom Pedro fez nas Ilhas, são dos mesmos seduzidos para a rebellião no anno de 1828! Tanta he a confiança, que os Soldados de Dom Pedro tem posto na Clemencia do Senhor Dom Miguel! Tanto he má a opinião, que Dom Pedro tem entre os seus Soldados!

Dom Pedro assoldadou Estrangeiros, e só estes ficaráõ a seu soldo em quanto fôrem pagos e recompensados com a pilhagem: elle não ganhará a victoria, porque Soldados estrangeiros dão mais ruina que proveito; para offender a huma terra inimiga servem, mas não para occupar hum Paiz, que o Principe quer fazer seu pela paz. Tanto he certo que D. Pedro pertende fazer guerra a Portuguezes, não domina-los. O Senhor Dom João I. servio-se hum tempo dos Inglezes ao Commando do Duque de Lancastre; mas, se se fiasse sómente dos Inglezes, o Senhor Dom João I. seria perdido; pois que os Inglezes o abandonárão quando lhes fez conta fazerem a paz com a Hespanha! O Senhor Dom Fernando quiz tambem servir-se de Inglezes, e elles não lhe ganhárão a victoria; antes lhe causárão grandes estragos, e aos seus Povos! O Senhor Dom Antonio servio-se tambem de Inglezes, e elle foi morrer lá em París, como hum desgraçado! Mas Dom Pedro, Portuguez degenerado e desnaturalizado, esquecêo-se dos revezes que soffrêrão seus Augustos Avós, ajudados de Estrangeiros, como se esquecêo do Sangue, das Virtudes e do bom Nome que seus Augustos Avós lhe deixárão, e que elle perdêo! He Politica em hum Principe, que se diz ser Portuguez, assoldadar Estrangeiros para conquistar Portuguezes? He isso tornar peior huma causa má, boa que ella fosse; os meios que toma para sustenta-la são improprios, são indecentes, atê são alarmantes para Portuguezes, que estão affeitos a concertar as suas desavenças sem chamarem gente de fóra do Reino! Não he assim que os Principes Portuguezes alcançárão a victoria entre Portuguezes! O chamamento de Estrangeiros irritou os Portuguezes, e já elles não podem ser dominados!

Que Soldado Portuguez do Exercito do Senhor Dom Miguel passou para as bandeiras de Dom Pedro? Nem hum só Miliciano, nem hum só Realista, nem hum só da Primeira Linha, nem de Artilheria, nem de Cavallaria, nem de Infanteria, nem de Caçadores! Não he preciso que os Officiaes os contenhão, que lhes recolhão as mochilas, ou que os vigiem! Elles estão firmes de seu bom grado! Invitações de Dom Pedro, Premios, Exhortações, Perdões, Manifestos e Proclamações são outras tantas provocações do seu odio e do seu encarniçamento com a rebellião! Mal fornecidos e mal pagos, pelas circumstancias da guerra, pela escassez do Erario e pela localidade das posições, que occupão, não ha hum só Soldado que acceite huma,

e duas moedas de ouro, com que os Estrangeiros os sollicitão, e requestão! Estrangeiros Partidarios de Dom Pedro, envergonhai-vos, já que não sois capazes da honra, nem de outros sentimentos, ou affecto de justiça! Vêde como o Soldado, e o Povo Portuguez confião do Senhor Dom MIGUEL! Vêde como o Soldado, e o Povo Portuguez não confião de vós, nem de Dom Pedro! Vêde como os mesmos Soldados rebeldes procurão de seu bom grado recolherse ás Bandeiras do Senhor Dom MIGUEL, e como elles fogem das de Dom Pedro.

O Senhor Dom MIGUEL, marchando sempre de huma maneira Augusta, e Nobre, nem procura a guerra, nem foge da paz; certo de que a boa guerra faz a boa paz, e de que os rebeldes não desistem da injusta empresa, senão depois de desbaratados, não os provoca; mas nas provocações, que lhe fazem, a todos vence, porque são fracos, e a poucos mata, porque são seduzidos. Senhor das vidas dos outros, quem despresa a propria em Defeza do seu Reino, elle faz a guerra como hum valoroso irritado; mas não faz a guerra aos Soldados humildes, senão aos Chefes soberbos; faz a guerra não voluntaria, mas necessaria; assim conserva a sua reputação no seu Exercito, e no seu Povo; animoso, ousado, e destemido tem feito ver á Europa inteira, que da mesma irritação tem tirado forças para vencer, Exercitos para pelejar, ressurças para o sustentar: assim a necessidade he a mais excellente mestra da guerra; a justiça, e a constancia são as suas invenciveis protectoras. O Senhor Dom João I. já se fez respeitar dos Inglezes, e Hollandezes, e temer dos Hespanhoes, e dos Africanos! Maiores triumfos, maiores glorias tem Deos guardado para o Senhor Dom MIGUEL I.

Onde estão pois, dizei, Jornalistas Estrangeiros, as perfidias, as aleivosias, as trahições, os dolos, as imposturas, as velhacarias, as seducções, as alliciações, os subornos, e as peitas? Em Dom Pedro, e de cousa nenhuma lhe tem aproveitado! Tanta he a injustiça da sua causa! Tanto he pessima a opinião, que se tem adquirido! Tão claros, e evidentes são os Direitos do Senhor Dom MIGUEL! Tanta he a confiança, que o Soldado, e o Povo Portuguez tem na Probidade, e na Politica do seu Governo! Tanta a honra, e a fidelidade Portugueza!

Onde estão os roubos, os sacrilegios, a carnagem, a vingança, a violencia, e a tyrannia? Em Dom Pedro: á evidencia dos factos não resistem argumentos, cavillações, nem sofistarias!

Onde estão os Direitos ao Throno, as Virtudes dignas de reinar, a franqueza, a boa fé, a reputação, a justiça, a probidade, a honra, e a opinião? As Leis, e os factos depõe evidentemente a favor do Senhor Dom MIGUEL! O Soldado, e o Povo Portuguez, e até os mesmos Soldados rebeldes são testemunhas invenciveis, e irrefragaveis!

Onde está a Clemencia, e o Espirito de Paz? Se a Facção rebelde se submettesse, e entregasse á discrição, abandonando as armas de sua livre vontade, o Senhor D. MIGUEL mais Generoso que *Porsenna* com *Mucio Scevola*, diria aos Chefes rebeldes: *Ide, contai a Dom Pedro que eu vos concedi a vida, quando vós vinheis dar-me a morte!* Sim, o Senhor Dom MIGUEL, Maior em tudo que *Alexandre o Grande* com *Póro* Rei da India, lhes diria: *Ide para Dom Pedro, livres acompanhai-o, e satisfeitos os roubos da Real Fazenda, e dos Povos, dizei-lhe que eu até o reconheceria Imperador do Brasil, não por amor d'elle, mas para mostrar ao Mundo inteiro, que não sou como elle!*

Porém, Portuguezes, tomai a offensiva! Os Estrangeiros já conhecem a Razão do vosso Rei, e as semrazões de Dom Pedro! Elles tambem conhecem, e admirão a vossa honra, e fidelidade em tão vertiginosos seculos! Mas elles desejão ver o vosso valor, para o admirar em hum seculo, em que os Exercitos tem sido, em algumas Nações, cobardes, e fracos na Defeza da sua Religião, do seu Rei, e da sua Patria! Eia, Portuguezes, vamos a elles, que são nossos!

Lisboa 6 de Agosto de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 59.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, esoutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Tomai a offensiva; porque sómente assim segurareis a victoria, e fareis brilhar a vossa antiga honra na Europa!

Ainda hoje he lembrada com horror de alguns, e talvez com saudade de outros, aquella matança feita a toque de sino, e a hora de Vesperas na Sicilia no dia 30 de Março do anno de 1282, na qual hum só Francez não escapou vivo, fosse elle Militar, ou Paisano, Solteiro, ou Casado, Clerigo, ancião, ou menino; as mesmas mulheres não tiverão privilegio, sendo as grávidas procuradas com maior cuidado, para que não ficasse raça de Francez em toda a Sicilia. Essas forão as Vesperas Sicilianas, ainda hoje decantadas em todo o mundo, de que alguns tem *justamente* horror, e outros huma *cruel* saudade. Todavia ignora-se o Auctor d'esta Conjuração: querem huns que fosse Miguel Paleologo, talvez assim denominado, porque, desejoso de restaurar o Imperio do Oriente no estado, em que estava, antes que os Romanos se assenhoreassem delle, e depois dos Romanos os Francos, o tirou a estes, ficando elle Imperador de Constantinopla: e bem que elle fosse Grego, e os Gregos são naturalmente dolosos, todavia sinceramente trabalhou com todas as suas forças em promover a concordia da Igreja Grega com a Latina; e, quanto foi da sua parte, a conservou até a sua morte; motivo este, por que seu fi-

lho, e successor Andronico o *privou de sepultura*, que tanto he o ódio, e a crueldade, que a impiedade aconselha! Grande arteiro era, sem dúvida alguma, este Miguel Paleologo, e mui esforçado; pois no dia 25 de Junho do anno de 1261, sómente com oitocentos Soldados, poz fóra de Constantinopla a Balduino II, e a toda a sua Côrte, e Tropa. Que acções prodigiosas não tem commettido a ousadia, o valor, e a animosidade! Mas querem outros que o Auctor das Vesperas Sicilianas fosse *Pedro*, Rei de Aragão, pois com a sua Armada esteve á espreita da festa, e não acudio a ella; podendo dizer-se d'elle, que = *se não bebéo na taberna, folgou n'ella* = pois logo invadio, e occupou livremente toda a Sicilia. Mas esta he huma cousa, que os Francezes, sendo escabichadores de todas as antiguidades, tendo todo o interesse n'esta averiguação, ainda hoje ignorão, e já agora ficaráõ em jejum como estão: Miguel Paleologo como Grego, e grande arteiro era capaz de aconselhar as Vesperas: e *Pedro*, (basta-lhe o nome) por cruel, não era menos capaz: este nome de *Pedro* entre Hespanhoes não designa a melhor cousa, ao menos tôlo, ou velhaco: aquelle *Pedro* da Castella, que envenenou a sua mulher, e que mandou matar tres irmãos d'elle mesmo, certamente não foi cousa boa; mas outro seu irmão o atravessou com a espada, e não foi mal feito; porque para hum matador deve haver outro, ao menos pela Lei. Em Portugal não sei como soava este nome *Pedro:* se até agora, os que se chamárão com este nome, não forão máos, o *Pedro do Brasil* sahio tão tô-lo, tão velhaco, e tão máo, que, ao meu parecer, de hoje em diante não haverá hum só Portuguez, que se queira chamar *Pedro;* e antes consentirá *dar-se aos perros*, que soffrer hum nome, que he a origem de todos os horrores, e desgraças, que, ha dez annos, tem soffrido, e vai soffrendo a Nação Portugueza, certamente merecedora de melhor sorte. Quanto a mim tenho tal zanga com o nome de *Pedro*, que mesmo ouvindo nomear algum Sancto d'este nome, ou vendo a sua Imagem, arripião-se-me os cabellos, e não he de medo, que o não tenho, mas he de me lembrar se algum *Pedro Sancto* terá ido ao Brasil, porque então perder-lhe-hia o respeito, se eu não fosse Catholico, ainda que me não recordo, que algum Sancto deste nome tenha estado no Brasil: mas não paguem os Pedros bons por *Pedro máo*, nem os Pedros Sanctos por *Pedro Trahidor*. Meus leitores não estranhem esta linguagem; porque sendo, como sou, Portuguez em

todo o sentido, conservo ainda algum fogo da minha naturalidade, imitando de alguma fórma áquelles Hespanhoes arrebatados, que no excesso da sua irritação, porque os Portuguezes se subtrahissem ao seu dominio, acclamando, como devêrão acclamar, por seu Rei o Senhor Dom João IV., e porque em tantos encontros fossem estrangalhados, dizião mais de fogosos, que de ímpios — *Vaia; que si San Antonio és Portugues, tambien és un picaro.*

Ora vejão como as Vesperas Sicilianas trouxerão mais *duas carradas* de idéas para a Defeza de Portugal; e dizião alguns *pios*, que se me ia acabando a Musa, quando ainda ella está em pannos menores! Muito máos devião ser já n'aquelles tempos os *Monsicurs* Francezes, ou muito aleivosos os *Monsignores* Napolitanos, pois as taes Vesperas forão celebradas por estes, e choradas por aquelles: huns cantavão o seu *piú, piú*, e outros o seu *sacre nom de Dieu:* huns fazião o *basso*, outros o *contr'alto:* a Opera era Italiana, a Tragedia era Franceza! Mas assim se havia disposto o animo do Povo, que apenas o Capitulante das Vesperas *Marciacs* dêo signal, todos cantárão — *Muorano* — e, dito, e feito, morrêrão todos os Francezes, sem que hum só ficasse vivo, nem os mesmos fétos na vulva de suas Mãis! Dêo-me no gôto essa carnagem feita nas mesmas grávidas, pois poderia succeder que ellas o estivessem dos mesmos Italianos, ao menos algumas; porque já n'esses tempos nem os Napolitanos erão muito continentes, nem as Francezas erão muito regateiras, pois não tinhão esse commercio por contrabando; e n'essa hypothese (dada, mas não concedida, porque se he verdadeira, não he muito arrazoada) a morte seria feita nos mesmos Napolitanos; se he certa a doutrina do meu Larraga sobre a geração humana, bem que o grande Naturalista Buffon andou lá mexendo outras idéas, no que mostrou que sabia imaginar, mas não acertar. Fosse como fosse, os Napolitanos entendêrão que devião matar as Francezas grávidas, por serem Francezas, e porque, o que ellas podião dar á luz, qualquer que fosse o feitor, como tambem era cousa Franceza, lhes não podia ser favoravel para o futuro; no que os Napolitanos mostrão que são huns excellentes Jardineiros, pois não só attendem ás plantas, mas á terra, em que ellas nascem. Deve ser por esta razão que hum Portuguez de idade de oitenta annos (e viva elle outros oitenta) me enviou de Elvas hum recado com a encommenda, de que, se o Clarim podesse tocar hum dia a Vesperas Sicilianas, ainda

que esse dia fosse o vigesimo quarto de Agosto do corrente anno de 1832, duodecimo anniversario da malfadada Revolução do anno de 1820, não esquecessem as malhadas de qualquer idade, que ellas fossem, ainda que estivessem grávidas; ou mesmo velhas, que fossem, poderião ser serradas ao meio, como o he todos os annos a fastidiosa Senhora Dona Quaresma. Ora não se queixem de mim as Senhoras malhadas, assim novas, como velhas, pois bem sabem que sempre lhes tive boa vontade, porque nunca me fizerão mal por desejos; mas d'esses flatos não faz caso hum homem de boa massa: queixem-se do *Homem de Elvas*, e, se o não conhecem, saibão que se chama *Pedro;* mas não he *Pedro o Brasileiro*, he *Pedro* Portuguez, Realista, Christão, e inimigo jurado de todos os defensores, e defensoras do *Pedro malas artes*. Se o Clarim pois tocasse a Vesperas Sicilianas, tambem tocaria para as malhadas, gravidas que ellas estejão; porque hum Realista antigo dêo esta ordem, e não digão ellas — *hui*, nem *ai*, porque o homem chama-se *Pedro:* eu cumpro com o recado, e com a encommenda não cumprirei, se todas as malhadas me disserem com todas as veras, ainda que eu não creio nas choramingas das mulheres — *arrenego de Dom Pedro, e de todos os que o defendem, não só pelos males, que elle, e elles fizerão, e vão fazendo aos Portuguezes, como porque elle, e elles fizerão, e vão fazendo guerra barbara á Sancta Religião de Jesus Christo, ás Igrejas, e aos Conventos; e porque elle, e elles fazem guerra ao Senhor Dom MIGUEL I, Legitimo Rei de Portugal, no que tem tanta justiça, e razão como os ladrões, que sahem na Falperra, ou no Marão, ou na Azambuja.* Ora, ricas malhadas, se assim fizerdes, e deveras, como vo-lo digo, ainda que chegasse a tocar a Vesperas Sicilianas, tocaria sómente para os malhados de alto a baixo: e se não, toco, e as Vesperas serão comvosco, ou sejais gravidas, ou carcassas.

Ora d'esta vez as malhadas esconjurão-me, e mandão-me para onde eu não vou, ainda que o grande artigo, que lhes diz respeito está no fundo do tinteiro com todas as borras necessarias. Isso he caridade, Padre? Vesperas Sicilianas?... Irra! Oução-me: se não for caridade, será justiça, que por justiça se mata muita gente em Portugal, e *na Hespanha* (disse-me lá hum Realista em *Castel Ruiz*, que foi o *Ponto Euxino* dos Viscondes de Monte Alegre, e de Villa Garcia, e do seu Secretario Torres, sendo eu o Confessor do Triumvirato isolado nos annos de 1827, e de

1828) *tambem se enforca por caridade!* Forte caridade Hespanhola! Mas o tal Hespanhol tambem se chamava — *El Señor Don Pedro.* Ora a caridade bem ordenada principia-a cada hum por si mesmo, disse Sancto Agostinho: e como Realistas, e malhados não podem viver juntos na mesma casa, sendo necessario que morrão huns, ou outros, morrão antes os malhados, que são os máos, e juntamente com elles morrão as malhadas, que não são as que fazem menos barulho, e menos desordem: vejão lá se a morte não he huma caridade, que se faz, a quem se mata, para que deixe de fazer mal; e aos que vivem, para que vivão tranquillos, e justos. Ainda por outra razão se póde entender que a morte deve desejar-se para os malhados por caridade: *caridade*, dizem alguns (mas esta não he a Sancta Caridade, não he Caridade Christã, e Religiosa) *he cada qual desejar aos outros, o que lhe desejão:* ora os malhados, e malhadas desejão a morte aos Realistas: logo os Realistas (segundo os principios da caridade malhada) devem desejar a morte aos malhados, e ás malhadas; bem que segundo os principios de Caridade Christã, e Religiosa os Realistas devem desejar para os malhados, e malhadas, que elles, e ellas se arrependão, e convertão das suas malhadices; e, sendo impenitentes, que a Justiça exerça o seo dever por amor da paz, e concordia entre os Principes, e Povos Christãos, augmento, e exaltação da Sancta Fé Catholica, e extirpação das Heresias, e especialmente da Maçonaria, que he o complemento de todos os erros, e impiedades.

Que os malhados desejão a morte aos Realistas, e que lha procurão a torto, e a direito, he isso tão certo, e evidente que, pertender disputa-lo, he querer negar que a luz do meio dia he brilhante. Como porém os pyrrhonicos tudo neguem, ou ao menos de tudo duvidem, offereço-me para outra occasião buscar, e achar n'elles mesmos provas, que não possão negar, sem que do mesmo passo neguem a sua existencia. O certo he que os Realistas classicos, quero dizer, aquelles que nunca se bandeárão com a revolução, tão persuadidos estão de que os Pedreiros desejão beber-lhes o sangue, que no Porto os Coronels Realistas, os mais affervorados, e que menos temem as balas, não só não comião, nem bebião com os taes malhados, mas até, receando sempre o assassinato, vigiavão muito em não ser supplantados, ou nos generos, que compravão, ou nas casas, em que moravão. Tanto no Porto he aleivosa a Maçonaria!

Eu mesmo, que (segundo disse hum *Christovão* na Rua Augusta, cá em Lisboa, onde a Maçonaria mesma he mais civilizada, e mais flexivel) *estou pago, e comprado pelos Pedreiros Livres, para cuidar na Defesa de Portugal*, sem embargo de nunca haver recebido de algum Pedreiro huma esmola de seis vintens para hum Sermão, nem de quarenta reis para huma Missa; eu mesmo, que tenho comido, e bebido muita vez com os Pedreiros, pois que *inter pocula*, he pilhar-lhes as suas baboseiras, ainda que jámais comi, nem bebi com o Senhor *Christovão*, tendo para isso algumas occasiões na cidade das mantas; eu mesmo, repito, confio tanto dos malhados como dos burros da Campeã no mez de Maio, e já por sincero me não pilhão. Adeos, Senhor *Christovão!* tenho o pesar de lhe dizer que nem Realistas, nem malhados fião de V. hum ceitil, e eu de V. menos, e de Realistas puros sim; he a dizer, dos que se não bandeárão: se V. quizer dar resposta, que sua seja, dê-a com tempo, antes que toque a Vesperas, porque a toque de sino poderá V. não ouvir, o que já cá está.

Mas as malhadas? dirão ellas, (e *ellas* he o tractamento, que se lhes deve dar) *nós nunca desejámos, e muito menos procurámos a morte aos Realistas* — Trapasseiras! sempre falladoras, e mentirosas sempre! Essas furias insaciaveis em todas as suas paixões, no odio, na vingança, e na ira excedem ao mesmo diabo: *non est ira super iram mulieris*, disse o Divino Espirito Sancto. Huma para ter o seu *Rodriguinho*, que estava na França, outra por amor do seu *Zezinho*, que estava nas Ilhas; esta pelo seu *Simãozinho*, aquella pelo seu *Candido*, humas, e outras por estes, e por aquelles desejão beber o sangue de quasi tres milhões de Portuguezes; são capazes de pôr fogo á Hespanha inteira, de acabar com os Estados Pontificios, e de submergir os Estados Unidos. Tanta he a furiosa *magnitude* do seu odio! Aquella revolução do extincto Regimento 4.° de Infanteria tambem foi obra das malhadas, e malhadas de alto bordo, e de primeira classe! E que pertendião ellas? Dar cabo de todos os Realistas de Lisboa, e fazer desapparecer de Portugal o seu Legitimo Rei, e Defensor o Senhor Dom Miguel I!. E para isso as mulheres, naturalmente mesquinhas, de quem o tirar cinco reis he mais difficil que arrancar a maça das mãos de Hercules, se desprendêrão de hum bom par de mil cruzados! D'onde tanta maldade em mulheres Portuguezas, que erão o symbolo da paz, da humanidade, e da moderação? Da malhadice?!... E quan-

to mais velhas mais tresloucadas?! A mim, que não tenho noticia de huma malhada, que não conheça n'ella todas as baixezas das *Lydias*, das *Glyceras*, das *Chloris*, e das *Lyces*, que Horacio cantava; ou da *Velharrona Afra*, que o Hespanhol Marcial retratava, muito me custou a acreditar, que não adoecesse das mesmas impotentes molestias huma *malhadaça* de primeira classe, que hum amigo meu isentava do Rol por carcaça: vai senão quando lá perto de Rebordosa (que lá ao longe he onde as cousas algumas vezes melhor se sabem) averiguei, que frequentava muito a casa da dita hum Fradalhão alto como o maior mastro, que se fabrica na Ribeira, e com cachaço dos bois gordos de Mouriz! Dei n'ella: lá sempre o Frade; o Frade sempre lá; isto deve ser cousa má! Ella não está doente!... De saude o lugar dos Frades com as mulheres he o Confessionario nas Igrejas!... *Ergo latet anguis in herba!*... O dito dito; se as mulheres são malhadas, he porque já perdêrão a vergonha; he porque não tem virtude; he porque são ímpias: ora, não se escandalizem; se para as fragilidades ha capa, a qual he a Caridade, como diz o Apostolo — *Charitas operit multitudinem peccatorum* —, para a irreligião não ha capa, que chegue: creião ellas em Deos, não sejão ímpias, amem, e obedeção ao Senhor Dom Miguel Primeiro, não se conspirem contra os Portuguezes, que O defendem, e com isso tenhão por certo, que peço a Deos Misericordia para mim, e para todos, e todas. Mas senão, o Clarim, se tocar a Vesperas Sicilianas, não exceptua da morte as malhadas, ou novas, ou velhas, ou leves como o vento, ou grávidas como o chumbo.

Hum Marechal Hespanhol dizia no anno de 1826 — *Se os revolucionarios levantarem o grito, até as suas mulheres grávidas hão de perecer, para acabar de huma vez com esta raça vil de ímpios.* — Eu não poderei demonstrar, que as virtudes sejão hereditarias, e innatas, muito principalmente depois do peccado original, se bem que ha gerações inteiras, e successivas em longos Seculos, que não tem outro caracter, que o da piedade, da paz, da sobriedade, da doçura, da moderação, e da tranquillidade; gerações em fim, e raças virtuosas, beneficentes, pacificas, amaveis, e, ao parecer, predestinadas para fazer a felicidade, e a honra da Igreja, e do Estado, e para encher no Ceo o vacuo, que n'elle deixárão os Anjos das trevas: havia assim, antes que a Maçonaria corrompesse as gerações, Povos inteiros, Villas, e Cidades: ainda hoje em al-

guns Fidalgos de antiga linhagem vislumbrão estes caracteres de beneficencia, de virtude, e de honra. Mas se eu não posso demonstrar que as virtudes são, algumas vezes, hereditarias, sobejão luminosos argumentos, de que os vicios, assim os fysicos, como os moraes, vem da mesma geração, e se herdão de Pais, e de Avós: ha creanças, que as Mãis parírão inquietas, revoltosas, turbulentas, e como destinadas para fazer a desgraça, e a deshonra da Sociedade. Scipião o Africano dizia que sua Mãi o não parira Soldado, mas General: assim podem hoje dizer muitos, que suas Mãis não os parírão tranquillos, sobrios, bemfazejos, honrados, e virtuosos, mas revolucionarios, viciosos, malfazejos, perturbadores, impios, e trahidores. Essa Cidade do Porto, a sua maioria póde dizer de si que elles já nascêrão para não serem fieis ao Rei, e á Patria, para não serem tranquillos, nem honrados, em fim, para não fazerem senão a desgraça, e a deshonra de Portugal em todas as conjuncturas, e occasiões, que podessem desenvolver o seu antigo germem de iniquidade, de turbulencia, de selvagismo, de brutalidade, e de trahição, do que tem dado provas exuberantes desde a memoria dos Seculos. He rarissimo vêr bom, sincero, fiel, avisado, padato, e sisudo a hum, que tenha nascido de Pais máos, velhacos, trapasseiros, tôlos, inquietos, e revoltosos. Hum filho de hum trahidor apparece trahidor na primeira occasião, que se lhe apresenta opportuna! O Seculo não me desmente. Tantas informações de *vita, et moribus*, e das qualidades de Pais, e Avós Paternos, e Maternos, como se fazem para Frades, para Clerigos, e para Cadetes (Oh! Se ellas fossem exactas, não apparecerião tantos Frades, tantos Clerigos, e tantos Cadetes, que tem feito, e fazem a desgraça, e a deshonra das suas Profissões, e da Patria! Pois *cada cuba cheira ao vinho, que tem!*) era bem razoavel, que se tomassem para outros muitos empregos, exercicios, e estados; era bem, que as tomassem, os que pertendem contrahir Matrimonio, para se não ligarem mutua, e reciprocamente com pessoas, que viessem de familias marcadas com o ferrete da maldade; de assim se não ter feito, tem resultado a adulteração moral das familias, e a origem de raças, que, ao parecer, vem para inquietar o repouso da Sociedade. O Conde de *Gimonde* na Hespanha no seu Testamento, a Disposição a respeito da unica filha, que lhe ficava, a declarava herdeira de todos os seus bens, ainda que chegasse a casar com homem de condição desigual, e mes-

me vil, se esse homem fosse Realista; mas se casasse com algum revolucionario, ainda que fosse de condição igual, e mesmo superior, a desherdava em tudo aquillo, de que a podia desherdar. Grande exemplo, se elle fôr imitado por todos os Realistas! Mas a estas cousas virei em dias mais tranquillos com maior clareza.

Logo das Vesperas Sicilianas, se ellas fossem justas, não devem escapar as malhadas, ou velhas, ou novas, ou desembaraçadas, ou grávidas, e estas não só em razão de si mesmas, como pelos fetos de iniquidade marcados já no ventre com o ferrete da malhadice. Geração de Viboras! Até quando serás tu soffrida por hum Deos Vingador Implacavel da impiedade!

Mas essas matadôras Vesperas não são justas. Da sua justiça sómente Deos, e ElRei podem conhecer: Deos, porque he o Supremo Justiceiro; ElRei, porque he o Lugar Tenente de Deos na Terra, e a Elle cumpre exercer a justiça, e a vingança, pois a Espada foi-lhe confiada por Deos, para castigar, e exterminar os inimigos de Deos, inimigos directos, que ácinte, e por systema perseguem a Igreja de Deos; e esses inimigos directos são os malhados. Em quanto se não celebrarem estas Vesperas, ou Matinas que sejão, sobre as Lojas Maçonicas, que se reunião no Porto antes da invasão dos rebeldes, e que se reunem ainda hoje em Lisboa, se a voz Publica he verdadeira, onde se tracta, e promove como o Throno ha de ser derrubado, como o Soldado, e o Povo ha de ser vencido, como os Realistas hão de ser trahidos, como os Conventos, e os Templos hão de ser roubados, e queimados, como ElRei ha de ser illudido, como o seu Erario ha de ser exhausto, como a rebelhão ha de ser reforçada, ajudada, e soccorrida; em quanto essas Lojas não forem extinctas, não ha de haver segurança no interior, não ha de haver paz firme, e estavel, não ha de haver consistencia no Throno, confiança no Exercito, nem riqueza, ou sufficiencia no Erario. Quaes, senão essas, são as *tarefas diarias de huma Propaganda, que, ainda que cuidadosamente occulta no principio, já não teme apresentar-se ao Publico?* Tomei a linguagem do Presidente da Confederação Germanica á Dieta no mez de Junho do corrente anno. Que n'esse mesmo tempo, ou quando eu estava em Rebordosa, se me não permittisse dizer á Nação Portugueza, como o citado Presidente acaba de dizer á Alemanha, *que a revolução se aproximava a passos agigantados ao seu complemento; e que, para re-*

bentar, só lhe faltava que a Dieta dilatasse mais algum tempo a sua tolerancia! Poderei eu dizer, como o mesmo Presidente diz á Alemanha, *que a experiencia demostra que a Confederação se enganára no meio de conservar hum dos seus primeiros objectos, a saber: conservar a segurança interior?* Pois enganou-se a Dieta Germanica? Não me enganava eu, se tivesse o poder do Imperador da Austria; bastava-me a sciencia do meu Larraga. Primeiramente punha em dieta a todos os Funccionarios Publicos, que fossem membros, ou complices da Propaganda, fossem elles Generaes, Marechaes, ou Brigadeiros, Desembargadores, Provedores, ou Corregedores, finalmente a todos, altos, e baixos: em segundo lugar punha em dieta a mesma *Dieta*, por se haver enganado, ou o engano fosse estudado, ou natural; em terceiro lugar: se a dieta não fosse sufficiente, para conservar a segurança interior, dispunha o Soldado, e o Povo, e mandava tocar a Vesperas sobre os revolucionarios, e sobre as suas mulheres, sem escaparem as grávidas, para que não ficasse hum só vastago da revolução. Ora esta dieta faria-a consistir primeiramente em desempregar todos os Maçons, ainda que estivessem na mesma *Dieta:* em segundo lugar punha a todos os Maçons em dieta de Frade, a saber, pão, e agua; quero dizer, para que se não assustem, poucos meios de subsistencia, para os não terem de fazer revoluções. Ora verião se com isto ficava a Alemanha segura, que nem huma rocha firme a igualava em consistencia, e em duração. Desenganem-se os Soberanos: *ou elles acabão com a Maçonaria, ou esta dá cabo dos Soberanos;* e por onde a Maçonaria começa he pelo engano dos mesmos Soberanos.

Mas eu quero conceder alguma cousa á Malhadaria, e tenha ella a minha concessão por de boa fé, porque sou de palavra, o que até o mesmo Dom Pedro conhece; pois offereci para pagamento da sua divida o rendimento, que me pertencia da Igreja de Rebordosa, e lá o tem, e tem a Igreja, que pouco lhe pode aproveitar, pois o Seminario Patriarchal de Santarem tinha lá somente hum Calis, e huma Pyxide, e tudo isso não pesa trinta onças de prata; e hum Missal, e tres Paramentos, que lá estavão com alguns accrescimos, que lhe ajuntei da minha pobreza, não valem outro tanto: mas o donativo foi sincero, porque *o que não podes haver, dai-o pelo amôr de Deos;* eu cedi-lhe essas cousas, sabendo mui bem que Dom Pedro por lá vinha, e por lá parava, em quanto não apparecer hum Ga-

neral Realista, que se chama o Senhor *Avançarás*, que por ahi anda. Notem os meus leitores que o donativo, de que aqui se falla, o fiz no *N.º 45 da Defesa de Portugal* escripto aos 30 de Junho; e já o poderá haver feito no mez de Março, porque os meus amigos, e honrados Realistas de Penna-fiel me ouvirão então dizer que o Minho era o theatro da guerra; que o Porto era a Capital de Dom Pedro; que..... que..... elles lá se recordaráõ com mágoa das minhas predicções, e eu com lagrimas lh'as recordo; para que no Juizo Divino me sejão muito boas testemunhas de que as cousas tem sahido, e vão sahindo como elles não esperavão, e como eu temia! Meu illustrado amigo Bernardino José Estrella, Professor Regio de Latim, o honradissimo Medico Vasconcellos, e o virtuoso João de Mello, Abbade de S. Vicente do Pinheiro, ficão citados para darem testemunho, e reconhecerem novamente que *meu coração, meu mestre*. Se o Minho, e o Porto tivessem acreditado, e entendido a minha voz, Dom Pedro não acharia huma só onça de prata, com que cevasse a pilhagem dos seus malvados, e sacrílegos Soldados! Praza aos Ceos que, não esquecendo-se das suas antigas misericordias com Portugal, frustrem as minhas predicções sempre tristes, em quanto a Maçonaria não fôr apeada em todo o Mundo!!!

A concessão pois, que eu faço de boa fé aos malhados, he que as Vesperas Sicilianas não sejão de justiça, havendo Leis, e Politica, que possão exterminar a Maçonaria: mas serão ellas de caridade? Certamente que sim, se a caridade fôr malhada; he a dizer, se a caridade consistisse em que nós desejassemos para os outros, o que elles nos desejão a nós.

Houve nas Côrtes Malhadas do anno de 1823 hum Projecto de conceder hum mez de anarchia á Nação Portugueza, para que nesse espaço de tempo podéssem os Constitucionaes, que erão os que estavão com as armas na mão, matar nos Realistas, como lhes désse na vontade!!! Ora este Projecto não foi approvado, porque os Pedreiros, e os Constitucionaes erão muito menos, que os Realistas, sem embargo de todos os seus Batalhões Civicos! Lembrou-me então o improviso de hum Versejador Hespanhol:

Venieron los Agarenos,
Y nos molieron a palos;
Porque pueden mas los malos
Quando são menos los buenos.

Tiverão então os Constitucionaes em vista o immenso número dos Portuguezes bons; temêrão *que os feitiços se virassem contra os feiticeiros*, e retirárão a proposição. Barbaros! Esse projecto, e desejos ainda existem nas vossas viperinas entranhas! Onde estarieis vós, se os Realistas pensassem como vós? Hum só de vós escaparia vivo? Não serião mortas as vossas mesmas mulheres grávidas, que ellas estivessem de vós, para não ficar hum só feto da impiedade? Tremei, carnívoros! Mas os Realistas tem caridade Christã; tem Religião; não tomão a justiça pelas suas mãos; obedecem ao seu Rei, o Grande, o Justo Rei, e Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO!

Porem, Portuguezes, á Voz do vosso Rei, ás Ordens dos Generaes, e dos Chefes, que vos commandão, tomai a offensiva sobre os rebeldes! Não lhes deis descanço, nem tempo, de que elles possão desenvolver sobre vós o seu plano de huma anarchia universal! Vêde bem que os rebeldes, e seu Chefe Dom Pedro tem jurado a morte aos Realistas; e que elles cumpriráõ seus horrorosos projectos, se vós lhes deixais tempo, e descanço! Pereção elles sem compaixão, e vivei vós, que tendes Religião, vós, que quereis hum Rei, vós, que tendes no Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO o Defensor das vossas gerações!

Lisboa 8 de Agosto de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 60.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumùs; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ŷ 15. Portuguezes, a vossa hora he esta! Não queiraes dar a vossa vez aos inimigos! Elles devem morrer ás vossas mãos! Ou sim, ou não! Escolhei: ou vencer, ou morrer! Vêde que não pelejais sómente pela victoria; tambem pelejais pelas vossas vidas! Não os poupeis; pois *quem seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre!*

Era huma Sentença dos Militares antigos —*A quem foge, caminho de prata.* — Eu, que sou hum fiel seguidor da Antiguidade, não posso accommodar-me a este parecer, ao menos na presente lucta, em que se tracta, nada menos, que de salvar a Religião, e o Throno. Os inimigos, fugindo, não deixão de ser inimigos; elles não fogem, para nos dar a paz, mas para voltar á guerra: *se não vai d'esta*, dizem elles, *ha de ir de outra:* assim sempre obstinados, sempre teimosos retirão-se, como os Persas, para voltarem á carga; humilhão-se algumas vezes, para levantarem depois a cabeça: assim o tem mostrado a experiencia em todas as guerras de Religião, e de Opinião; he para admirar, que elles adquirão proselytos, quando parecem desbaratados; que elles, retirando-se, se fação mais fortes, e mais seguidos! Todas as Campanhas dos Catholicos com os Hereges são outros tantos exemplos, do que acabo de dizer: hoje vê a Europa todas as Heresias dos Seculos passados

reproduzidas e reanimadas na Maçonaria: aqui foi o seu valha-couto: quando os inimigos da Igreja se vírão destroçados pelos Principes Catholicos; ou conhecendo que não podião resistir-lhes, ou sentindo-se precisados da paz, então se fingírão tranquillos e pacificos, e ostentárão de tolerantes: n'este seu repouso, entendendo que não poderião triumfar sobre a Igreja, sem que do mesmo passo triumfassem dos Principes que a defendião, dispõe juntamente a guerra ao Altar e ao Throno, guerra Civil e Religiosa: começárão a extraviar a Opinião Publica em todas as materias da Antiguidade; relaxárão a Moral; introduzírão novas doutrinas, novos sentimentos e costumes; encaminhárão os Povos a verem com indifferença o Clero e as Corporações Regulares, e successivamente com aversão e invéja, e logo lhes perdêrão o respeito, o amor e o temor reverencial, que d'antes consagravão aos Principes, aos Grandes Delegados do seu Poder e ás Altas Classes. Os Principes infelizmente dormírão a somno solto, e não sentírão a vibora que se escondia no seio dos seus Estados! Foi tal a sagacidade dos Maçons, e tanto soubérão disfarçar seus sinistros fins, affectando muitas vezes de Religião, e sempre de tolerancia, de filantropia, de humanidade e de adhesão aos Principes, que os Principes desapercebidos os deixárão introduzir nos Cargos mais importantes da Sociedade, d'onde elles podérão filiar muita gente em todas as Classes do Estado: em huma palavra, a Maçonaria tem feito huma espantosa revolução intellectual e moral em todo o Mundo, e o Mundo do Seculo passado e do presente não he o mesmo Mundo dos Seculos anteriores; outras idéas, outros costumes, outro gosto: a Opinião Civil e Religiosa he totalmente diversa da que todas as Gentes tinhão no seu coração, antes que a Maçonaria entrasse no coração do Estado e dos Governos! O engano dos Principes tem consistido em que se persuadírão de que era melhor despresar as Heresias que persegui-las; e foi assim que as Heresias Religiosas, sem deixarem de o ser, se fizerão Politicas: a experiencia de todos os tempos tem demonstrado que a Opinião *não se vence, se não se convence:* ora se os Principes conhecêrão que não podérão convencer a Opinião, devêrão fazer a guerra *aos opiniosos*, e guerra de exterminio, ou de morte, porque só assim ficaria a Opinião vencida. Esta guerra de exterminio não a continuou a Alemanha Catholica, e hoje soffre inquietações Politicas, para o exterminio ou tranquillisação das quaes

tem de recorrer á Força Militar; e não lhe parecendo sufficiente a sua propria, se ampara dos Exercitos da Prussia, sem que os Pensadores possão dizer com segurança se as actuaes Providencias Politicas e Militares da Alemanha lhe daráõ hum repouso de muita duração. Póde a Politica e a Força paralysar por algum tempo o andamento revolucionario da Maçonaria; mas impedi-lo para sempre, só a Força póde; porque a Maçonaria, que he hum grande complexo de todas as Seitas Politicas e Religiosas com ramificação em todas as Classes dos Estados, não desiste dos seus projectos de avassallar todas as Sociedades ás suas doutrinas, sentimentos e costumes; e he tão sagaz que, sendo hum pouco deprimida, se asyla na mesma Força Militar e na mesma Força Politica. Não he absolutamente compressivel o elasterio da Maçonaria, em quanto os Principes não conhecerem que cousa seja a Maçonaria, a sua quantidade, as suas diversas qualidades, ou especies, os seus directores, as suas lojas, os seus meios e o seu fim.

Ab aquilone pandetur omne malum, disse a Sagrada Escriptura, o que eu, tempos ha, entendo por esta fórma: que do Norte, he a dizer, da Alemanha se espalharia por todo o Mundo o grande mal da Maçonaria; pois que na Alemanha teve origem a Maçonaria; d'ahi passou para a França, e para a Inglaterra, e para outros Paizes; e da França, e Inglaterra passou para a Hespanha e Portugal: estes dous Paizes, que pela Divina Misericordia forão pouco accessiveis ás Heresias Religiosas, franqueárão as suas portas ás Heresias Politicas, que a Maçonaria enfeitada de *Religiosa*, de *Filantropica* e de *Financeira* soube introduzir-lhes. Frederico da Prussia, chamado o Grande, quando teve noticia de que já na Hespanha havia hum Maçon, envasilhou mais meia duzia de garrafas de bom vinho! A esse tempo já elle estava mui satisfeito de Portugal: a expulsão dos Jesuitas foi para a Maçonaria hum grande triumfo, precursor de outros maiores; a extincção do Tribunal da Inquisição franqueou-lhe as portas para a livre disseminação das suas Heresias Religiosas e Politicas. Verdade he que hoje a Alemanha está em acção contra a Propaganda Maçonica; e se a sua acção fosse, não sómente de Força Militar e Força Politica, mas tambem de Força Religiosa, poderião os Pensadores esperançar-se de que a Maçonaria receberia a morte, onde começou a ter a sua vida. Os Principes Catholicos da Alemanha soffrêrão a guerra dos Hereges, e tiverão a desgraça de lhes dar a paz,

e na paz o tempo necessario, para elles cambiarem a sua frente Religiosa, e se apresentarem com a face Politica mais agradavel aos interesses dos Povos, e por isso mais facil de ser bem acceite; assim estão hoje os Povos imbuidos, e embriagados em Doutrinas Maçonico-Politicas, e assaz dispostos, para verem com menos carranca as praxes anti-Religiosas enfeitadas com as seductoras côres de — *Finanças — Interesse Publico — Igualdade — Liberdade — Despreoccupação*, etc.

A França teve varias guerras Religiosas com os seus mesmos Vassallos; seus Soberanos porém recorrêrão mais de huma vez ao Systema das transacções, e das concessões; e por fim se aquietárão com elles, dando-lhes a paz, e o repouso, ou tolerancia, que desejavão: n'esse descanço a Maçonaria se reforçou, engrossou, e dispoz de maneira, que se arrojou a dar a Lei, não sómente aos Soberanos da França, como aos d'outros Paizes da Europa; de hum piparote acabou ella com Luiz XVI, e com todas as Instituições Monarchicas, e Religiosas do Paiz; o Episcopado, o Sacerdocio, as Corporações Ecclesiasticas, a Grandeza forão dissipados ahi pela Maçonaria, como o pó subtil he arrebatado pelo mais impetuoso vento; desde esse tempo nenhum Monarcha póde contar-se verdadeiramente seguro no Throno, nem alguma Nação póde julgar-se tranquilla, e socegada; bambaleárão todas as Classes Civís, e Religiosas de todos os Estados da Europa, e da America. Havia dito o Divino Salvador — *Non est discipulus supra Magistrum*, que *o discipulo não he superior ao Mestre*; e he huma verdade, como o he tudo, o que Deos disse: porque, sendo alguem Mestre da verdade, como a verdade he huma só, *una veritas, et una Deitas*, não póde o discipulo saber mais, que o Mestre. Mas, quando alguem he Mestre do erro, como os erros são muitos, póde o discipulo ser superior ao Mestre: assim Roma foi discipula da Grecia, e Roma se avantajou á Grecia no Magisterio dos erros: por esta fórma a Maçonaria da França foi discipula da Maçonaria da Alemanha, e a Maçonaria da França he de longos tempos superior á Maçonaria da Alemanha em impiedade, na invenção, em artificios, em número, e em força. Porque he que o Club Regulador da Maçonaria, estabelecido em Paris, manda á Maçonaria da Polonia, da Belgica, da Alemanha, da Italia, dos Estados Pontificios, etc. que fação hum movimento de subversão, e em hum abrir, e fechar de olhos apparecem revolucionados os Po-

vos da Polonia, da Belgica, da Alemanha, da Italia e dos Estados Pontificios, etc.? Sem dúvida he pela superioridade que tem sobre a Maçonaria d'esses Paizes; e he tambem porque a Maçonaria n'esses Paizes he numerosa, e he influente; e he outro sim porque esses Governos se *tem enganado nos meios de conservar a segurança interior;* não havendo outros meios certos, seguros e estaveis que matar os Maçons rebeldes, ou exaltados, e obrigar a despejo aos accommodados, ou moderados. E porque he que a Maçonaria Directora que existe na França não tem alcançado o mesmo sequito da revolução na Hespanha e em Portugal n'estes ultimos annos? He porque a Maçonaria n'estes dous Paizes não he tão numerosa, nem tão influente nos destinos da Monarchia: e he tambem porque os Governos d'estas duas Nações se tem *enganado menos nos meios de conservar a sua segurança interior*, mettendo as armas nas mãos dos Realistas; e he outro sim, porque estes dous Povos ainda não estão desabusados, desmoralisados e imbuidos no gosto das Heresias Religiosas e Politicas. Verdade he que tanto na Hespanha, como em Portugal tem havido e ha seus *hiatos e bocejos;* argumento de que ainda se não expedio, ou se não cumprio á risca a ordem de despejo a todos os Maçons.

A Inglaterra nunca veio devéras ás mãos com os seus Vassallos sobre discordias Religiosas. E como podia assim não succeder, se o seu mesmo Soberano Henrique VIII foi o Corifeo da irreligião e da impiedade? Desde então seus Cortezãos (tanto pode o exemplo dos Reis!) se fizerão voluptuosos, effeminados, molles, cobardes, indifferentes para todos os negocios da Religião e da Monarchia, e somente ambiciosos da conservação e do augmento das suas fortunas. Ahi os Inglezes fôrão do mesmo passo Hereges Religiosos e Hereges Politicos: ahi começou o odio aos Reis, ao Sacerdocio e á Grandeza: o espirito da irreligião, e da rebellião logo se fez quasi geral: huma Marqueza, a de Arbella, tentou ser Rainha: (não esqueça que em Portugal as Fidalgas, que são malhadas, e são muito poucas, tambem conspirão contra o Throno, inspiradas do espirito das Ingrezias!) Jacobo Primeiro soffrêo tres conspirações; das duas primeiras se livrou elle, porque Deos queria visivelmente salvá-lo; mas elle não quiz; contentou-se apenas de justiçar alguns; e a maior parte ficou impune, tendo a melhor occasião de se vingar no seu sangue: era tímido Jacobo Primeiro, e tão tímido, que se lhe gelava o sangue á

vista de huma espada desembainhada; seus Conselheiros erão outros que taes; elles não querião sangue; *paz, paz e mais paz;* e essa paz alagou de sangue a Inglaterra, e acabou com os seus Reis, e com os Grandes! Já a esse tempo devia andar por lá a Senhora *Filantropia*, que he a gabadinha dos Liberaes e dos Realistas *tôlos:* Jacobo Primeiro livrou-se da terceira conspiração, permittindo aos seus mesmos inimigos que tractassem de morte a todos os Catholicos, que elles entendessem lhes erão contrarios aos seus planos! Pouco tardou que a Maçonaria não fosse dominante na Inglaterra: ímpia, rebelde, obstinada, inquieta e teimosa como em toda a parte, ella todavia tem hum signal caracteristico, que a distingue muito da Maçonaria Franceza, e he o ouro: pelo ouro tudo ella faz e tudo deixa de fazer; pelo ouro tudo toléra e tudo reprova; pelo ouro he ella guerreira, e he pacifica: assim a Maçonaria Moderadora, estabelecida na Inglaterra, sendo que he o Paiz, onde ha menos moderação, pois que ahi se dá a morte por crimes, que em outros Paizes se castigão com huma leve prisão, he a Maçonaria das transacções e das accomodações, em vez de que a Maçonaria Franceza he a Maçonaria das revoluções e das exaltações, que não transige, nem se accomoda, senão fazendo a guerra, derramando sangue, destroçando, talando, queimando e devastando os Povos. A Maçonaria Ingleza vai para a guerra pelo ouro, e pelo ouro vai para a paz: approva a revolução dos outros Paizes, se a revolução lhe interessa; e persegue a revolução, se ella a prejudica: outras vezes, e o ouro he sempre o principio motor, ella he interventora, mediadora, arbitra e conselheira: humas vezes diz á Maçonaria Franceza = *Faça que dorme, pois não he tempo agora.* = Outras vezes lhe diz = *Levante-se, que são horas.* = Huma e outra Maçonaria tem Filiaes em Portugal e na Hespanha. Assim he como as Nações se vêm em revolução, quando se presumem em paz; e se vêm em tranquillidade, quando temião achar-se em revolução! Por isso os Governos *se tem enganado mais de huma vez nos meios de conservar a segurança interior e nos meios de fazer forte e permanente essa segurança.* Tristissimas e reiteradissimas experiencias o demostrão na Europa e na America!

D'onde a origem de tão desastrosos males, como tem soffrido todos os Soberanos e todos os Governos, e como temem de soffrer? Quando acabará essa terrivel convulsão interior, assim Religiosa, como Politica, que agita a to-

dos os Povos, e que assusta a todos os Governos? Por quanto tempo huma Dynastia se acredita segura no Throno? Considerão-se permanentes as Classes antigas, os grandes Proprietarios, e as Corporações Ecclesiasticas? Não temem todos? Seu interior nãô palpita, e como que presagia a sua ruina? Será porque todas as arvores agigantadas, e corpulentas cahem de velhas? Não. O Edificio Politico não cahe jámais, antes, quanto mais velho, tanto mais seguro, *quando a Religião he a sua base.* Mas a base está abalada, e o Edificio bambalêa Politica, e Religiosamente. Eis a origem de tantos desastres! Não se tem cuidado em restaurar a base. Eis o porque os Thronos, os Governos, as Classes, e os Povos estão convulsos no interior!

Tantas *Conferencias*, tantos *Protocolos*, tantos *Actos Definitivos*, e *Deliberativos*, tantas *Sessões*, tantos *Congressos*, tantas *Notas Diplomaticas*, tantos *Assentos*, como os Governos da Europa tem feito, para *conservar a segurança interior;* e a Europa sempre convulsa no interior! Sobre os meios de conservar a segurança interior tem os Governos escripto mais, que Fagnano sobre as *Decretaes;* que o Cardeal de Luca sobre as eternas, e nunca terminadas *Decisões da Rota;* que Pignatelli sobre as *Consultações Canonicas.*

Hoje sahe todo o meu Larraga a campo! A Tia do *Beco dos Agulheiros* apresentou no Theatro Literario seu sobrinho *o Piolho Viajante!...* Mas o Cão ladra á Lua... Cão grande, sentindo-se ameaçado de hum *Dogue*, ergue a perna, e... despresa-o .. O Número 47 está escripto.... zurrá-lo, he fazê-lo eterno... Carrega-se de tomentos huma roca, põe-se-lhe o fogo, e lá vai... *Sic transit vanitas hujus sæculi...* Depressa acabão as imposturas! Mas vamos ao que illustra, e não appareça mais da millionesima parte do meu Larraga.

Sem embargo de tantas providencias, como os Governos da Europa tem dictado, *para conservar a segurança interior*, a Europa vacilla, bambalêa, treme, e ignora se os Partidos, que a agitão, a submergirão. Pode applicar-se á Europa, o que o Poeta Claudiano chorava do Imperio Romano!

Heu! heu! quam brevibus pereunt ingentia causis!
Imperium tanto quæsitum sanguine tanto
Servatum, quod mille ducum peperere labores,
Quod tantis Romana manus contexuit annis
Proditor unus iners, angusto tempore vertit!

Huma só cousa a Maçonaria, mais com seus artificios que pelas suas armas, tem abalado e quasi destruido a todas as Monarchias da Europa! O sangue corre, ha quasi tres seculos, para restaurar a paz, e *para conservar a segurança interior*, e a paz não apparece; segurança interior, verdadeira, perfeita e permanente não ha; milhões de victimas tem sido sacrificadas na guerra por amôr da paz, e a *Maçonaria* tem tornado inuteis tão custosos; tão immensos e tão lamentaveis sacrificios! Hum Filosofo, que existisse hum seculo antes de Descartes, e que alcançasse até o dia em que assigno estas linhas, se elle escrevesse huma Historia de todas as *Campanhas Politicas e Religiosas* de todos os Estados da Europa, poria mais clara que a luz do meio dia esta conclusão = *Os Governos dos differentes Estados da Europa terião poupado esses milhões de victimas se evitassem no principio as differentes Heresias Politicas e Religiosas, e com ellas a Maçonaria, que he hum immenso complexo de todos os erros Politicos, e Religiosos, com ramificação em todas as Classes da Sociedade, a qual Maçonaria revolta a paz pública, de tres seculos a esta parte.* =

D'esta conclusão sahiria outra subalterna = *As antigas Dynastias estarião de posse dos Thronos de seus Maiores, e não serião jámais desthronadas, se cada hum Soberano nos dias do seu Reinado houvesse declarado, e feito a guerra de exterminio a todos os Maçons rebeldes, e guerra de despejo a todos os Maçons moderados, ou tranquillos.* =

D'esta sahiria ainda huma terceira = *As grandes Classes do Sacerdocio e do Imperio e os Povos terião conservado a sua segurança interior, e conservá-la-hião verdadeira, perfeita e permanente, se não deixassem imbuir-se, infectar-se e corromper-se das Heresias Religiosas e Politicas que a Maçonaria lhes imprimio; extraviando a opinião pública ácerca das antigas e respeitaveis tradições Ecclesiasticas, Monarchicas e Classicas.* Acho estas tres conclusões em huma só proposição, que *Isocrates* disse a *Demosthenes* = *Religionem serva, quam a majoribus accepisti.* —

Tantos Principes desthronados; tantas Classes elevadas do Sacerdocio e do Imperio proscriptas, ou sempre ameaçadas de proscripção; Reis mortos, ou perseguidos, ou despojados, não vingados; Summos Pontifices aggredidos e ludibriados, não desaffrontados; Altas Classes rou-

badas, odiadas, e votadas á extincção, deshonradas; os Bourbons, huns no cadafalso, e outros em terra, vistos com indifferença; Thronos humilhados pela Maçonaria, tractados com apathica neutralidade; o espirito público extraviado, e não reconduzido.... ah!

Luserat occisos, spoliatos luserat atrox
Neutralitas! Europa jacet! disse hum Poeta. Com elle direi a cada hum dos Soberanos da Europa — *Fœdere facto*
Mella cliens gustet, renuenti spicula fige.

Fazendo alliança huns com outros, alentando os Vossos Vassallos submissos, fazei a guerra á Maçonaria renitente; á Maçonaria, que com as armas se rebella, com os empregos maquina, com os artificios engana, com as simulações illude, com as letras seduz. perverte, e corrompe. Para fazer esta guerra com acerto, guerra de morte, e guerra de despejo; para se não enganar nos meios de *conservar a segurança interior;* para que esta segurança seja verdadeira, perfeita, e permanente, he preciso voltar aos primeiros principios, ou á origem da *Maçonaria;* examinar como ella se introduzio, como se propagou, como illudio, como finalmente extraviou a Opinião Publica, fazendo-lhe adoptar as suas Heresias Religiosas, e Politicas. Qualquer Sabio, que escrevesse huma Obra de *Disquisições Maçonicas*, faria hum serviço mais importante á Religião, e ao Estado, que o Padre Martinho Delrio com as suas *Disquisições Mágicas.* Eu não julgo sufficiente para esta grandiosa, immensa, e necessarissima empreza o conhecer a Maçonaria na sua quantidade, ou saber quanto he o numero dos Maçons; he necessario conhecer tambem, e principalmente, a qualidade da Maçonaria, os seus diversos meios, e fins: vêr o que foi que arrastou os homens ao Maçonismo; porque a alguns leva-os ahi o interesse; a outros a seducção; a huns a libertinagem, a desmoralisação; e a outros hum espirito de incredulidade, e irreligião! O principio motor do coração humano não he hum só; a Maçonaria estudou, e aproveitou as diversas paixões do homem; e sagaz, dispõe d'ellas para o seu fim: devem ter-se em vista dous principios, hum negativo, outro positivo: aquelle he — *não tomar a não causa por causa* — este he — *ter por causa aquella, que nas mesmas circumstancias produz sempre os mesmos effeitos.* Eu deduziria destes dous princi-

pios algumas Regras, para conhecer, e distinguir a Maçonaria: sem este conhecimento, e distincção os Governos podem ser sempre *enganados nos meios de conservar a segurança interior*, e esta não póde ser verdadeira, perfeita, e permanente, sem que a Maçonaria seja extincta na sua causa, e nos seus effeitos, pela morte, e pelo despejo. Eis huma *Tentativa Politica, e Religiosa*, a que o tempo, a experiencia, e mais detido exame darão a necessaria perfeição.

PRIMEIRA REGRA.

O primario principio motor da Maçonaria he a libertinagem; o segundo he o interesse: todavia a libertinagem, e o egoismo não são signaes caracteristicos da Maçonaria: estes dous principios produzírão hum terceiro, a saber: o desgosto, e descontentamento Religioso, e Politico; e este terceiro he caracteristico de todas as heresias Politicas, e Religiosas.

SEGUNDA.

As Heresias Politicas, e Religiosas produzírão o Scepticismo, e o Pirrhonismo, assim Religioso como Politico; he a dizer, a incredulidade Religiosa, e Politica, ou a soberba da Razão contra o Altar, e contra o Throno: e este he hum signal caracteristico da Maçonaria.

TERCEIRA.

A soberba da Razão contra o Altar produz a zombaria, e a mofa (quando não he o mesmo Atheismo sem disfarce) dos Dogmas da Fé, o ridiculo, e a inobservancia dos Preceitos da Lei, e da Igreja, especialmente d'aquelles, que mais encontrão as paixões, e os interesses do coração humano.

QUARTA.

Esta soberba da Razão contra o Altar se atreve, não só aos Dogmas, e Preceitos, como ás suas primeiras, e segundas consequencias; notando-se, que contra estas a Razão he delinquente, quasi sempre, de proposito, pois nas terceiras delinque, muitas vezes, por ignorancia.

QUINTA.

A soberba da Razão contra o Throno produz o escárneo, a murmuração, e o desprezo da Supremacia dos Reis, da Elevação das Jerarchias, e da Grandeza das Corporações Ecclesiasticas.

SEXTA.

Esta soberba Politica atreve-se a negar a obediencia aos Reis; a deprimir-lhes o seu Poder; a diminuir-lhes a

sua Authoridade; a disputar-lhes a justiça das suas Leis; e consequentemente a recusar-lhes o serviço, ou com tributos, ou com as pessoas.

SEPTIMA.

Atreve-se consequentemente a soberba Politica a demandar ás Altas Classes, e ás Corporações Ecclesiasticas a sua Elevação, Dignidades, Riquezas, Privilegios, e Regalias; negando-lhes a justiça dos seus Titulos, e a sua valldade; a validade, e a justiça da sua Posse; mettendo em dúvida todas as Tradições Politicas a este respeito, e todos os Monumentos, que as comprovão.

OITAVA.

Ultimamente a soberba Politica não reconhece Direitos Positivos na Superioridade, ou nos Reis, ou nos Delegados dos Reis, que os representão; ou nas Classes do Sacerdocio, e do Imperio, que os sustentão; ou mesmo nos Chefes-familias, que formão a Patria; nem reconhece Deveres necessarios na inferioridade, ou nos Vassallos, ou nos Subditos, ou nas Classes segundas, ou nos mesmos filhos-familias; e consequentemente a soberba Politica não reconhece alguma gradação natural, ordem, ou dependencia na Sociedade.

NONA.

Estes oito signaes caracteristicos da Maçonaria hão de procurar-se antes na sua doutrina, ou de palavra, ou por escripto, que nas suas acções, ou nos que as exercem: porque a doutrina, quanto pertence aos primeiros principios Religiosos, e Politicos, e ás suas primeiras, e segundas consequencias parte de hum Systema estudado da Maçonaria, ou das Heresias Religiosas, e Politicas; e as acções, e os agentes apparecem muitas vezes movidos pelo interesse, e pela libertinagem, sem que todavia sejão sempre o effeito de hnma doutrina systematica, ainda que muitas vezes são effeitos causados, promovidos, e aconselhados pela Maçonaria.

DECIMA.

Distinguir pois entre a doutrina, e a acção; entre o que vem da libertinagem, e das paixões, e o que vem do systema; entre o que nasce da Maçonaria, e o que nasce da corrupção natural do homem; entre as causas, e os effeitos; entre a Maçonaria agente, directora, e aconselhadora, e os meios, e instrumentos, que ella emprega; finalmente entre o Motor, ou Movente, e os entes postos em movimento.

Por falta de attenção a estas Regras, e especialmente

á ultima, os Governos tem-se enganado mais de huma vez, e he provavel que muitas mais se enganem *nos meios de conservar a segurança interior, e de fazer esta segurança verdadeira, perfeita, e permanente:* porque — *não se tem opposto hum dique á doutrina, e ao Systema.* — *Tem-se tomado por causa, o que he effeito.* — *Tem-se feito guerra aos instrumentos da Maçonaria, e não á Maçonaria.* — A Maçonaria as mais das vezes despede a pedra, e esconde a mão: dar hum pontapé na pedra, e não cortar a mão de quem a despedio, he muitas vezes *dar em si mesmo.* Voltando pois á idéa, de que parti:

A quem foge, não caminho de prata, mas caminho de Lei: este caminho he — *fazer a guerra, e guerra crúa aos rebeldes armados, ainda que fujão* — porque elles não fogem para deixar a guerra, mas para na fuga se dispôr outra vez para a guerra; porque elles não fogem para pedir perdão, e procurar a paz, mas para pedir amnistia, e voltar á Revolução: *guerra de morte aos Chefes da rebellião, guerra de despejo aos Soldados da rebellião; áquelles, porque obrão por systema, e o seu systema não morre, senão morrendo elles; a estes, porque a libertinagem, o egoismo, e a desmoralisação podem algumas vezes extinguir-se, extincta a occasião: aos Mações, que fogem para o artificio, e para a simulação; aos que se escondem detrás dos parapeitos dos seus empregos, ou da sua moderação, e tranquillidade, guerra de despejo, torná-los incapazes de obrar.* A este exame da Maçonaria conservada, voltarei em campo mais dilatado.

Principes Christãos, Deos Vos manda que arrojeis dos Vossos Estados a Maçonaria. *Auferes malum de medio tui.* E em outro lugar da Sancta Escriptura — *Ut de civitate Domini tollerent omnes, qui operabantur iniquitatem.* A Maçonaria he a que obra, e promove a impiedade por systema!

Portuguezes, vós, que servis a Deos, e a ElRei, desbaratai os Pedreiros Livres, que acabão de insultar o Altar, o Throno, a Patria, e a vós mesmos! Vós nascestes para ajudar a Europa Christã ao exterminio da Maçonaria! Cumpri os vossos destinos! Acabai com os vossos inimigos!

Lisboa 10 de Agosto de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 61.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ŷ 15. Portuguezes, a elles, que a hora do seu exterminio he agora!

Completando eu nesta data oito lustros, e hum anno de idade, passada huma parte na ignorancia, e o resto em trabalhos communs ás diversas estações do homem, e nos especificos, e individuaes das respectivas classes, exercicios, e circumstancias, nunca me senti como agora tão curvado de hum enorme peso de desgraças, que me vejo compellido a queixar-me como o Sancto Job se queixava: *Quare de vulva eduxisti me? qui utinam consumptus essem, ne oculus me videret?* Para que nasci eu? Oxalá tivesse perecido logo que nasci, para que alguem me não visse.

Pois que mal lhe acontecêo, Senhor Padre, (dirão alguns dos meus leitores) que assim se queixa? Até aqui tão valente, tão esforçado, tão constante, e ainda tão immortal, que sobrevivêo ás calamidades da guerra Peninsular, passou por todas as Revoluções da Hespanha, e de Portugal *inoffenso pede*, sem dar hum tropeção, ainda que foi *quebra cabeças* dos Revolucionarios, affrontou todos os perigos, em que o poz a Maçonaria, e até mesmo vencêo o peso dos males da sua mocidade, peso em verdade espantoso a toda a humana condição: e agora aborrece-se de viver? Em guerra sempre comigo mesmo, que he guerra, de que ninguem escapa, e em que poucos são vencedores,

em guerra sempre com as innovações, e com os innovadores, sempre em guerra com a terrivel Maçonaria depois que a conheci, sempre em trabalhos por alcançar a verdade, e em desejos de a manifestar a todo o Mundo, agora conheço que sou, *vox clamantis in deserto*, hum Filosofo, que não sou ouvido d'alguem, por muito que levante a minha voz: hum montão de inimigos influentes espezinha as minhas verdades, os meus pensamentos, e as minhas intenções: como pois não devo estar aborrecido da existencia? Querendo ser sempre util aos meus semelhantes, tenho-me feito pesado a elles, e a mim; a elles, porque não querem a verdade, e a mim, porque por ella me aborrecem, e perseguem. De quatro factos praticados em hum anno por qualquer homem nas mesmas circumstancias, e sobre a mesma materia inferião os pensadores, qual fosse o systema d'esse homem; e esta illação era ajustada ás regras do Criterio Filosofico, Theologico, e Juridico: mas eu, seguindo outro Criterio em ordem mais extensa, não deduzia essa illação, se não de dez factos praticados em hum anno pelo mesmo homem sobre a mesma materia, e nas mesmas circumstancias: e podem queixar-se esses homens, sobre quem tenho feito as minhas illações, depois de concessões tão vantajosas, e tão amplas? Pois que he isso, Senhor Padre? Explique-se, acabe com esses enigmas, não faça tanto alarme com tão pequenas cousas, não nos deixe em embrião.

Pois he tão pequena cousa ser a verdade despresada, aborrecida, e perseguida? Dá hum Realista hum escorregão por azar, e por elle he sempre tido por máo homem no conceito da Maçonaria, que para esse juizo toma por base aquella Sentença do Angelico Terror da impiedade — *Malum ex quocumque defectu* — e conette hum Maçon todas as maldades, de que he capaz, obrando huma acção boa por erro, por acaso, ou por simulação, e logo he preconisado por excellente, tomando por base o Maçonico principio — *Bonum ex quacumque bonitate* — E he assim, que os Realistas são supplantados, e os Maçons são exaltados!

Cada vez o entendemos *menos*, dirão os meus leitores. A verdade nasceo da terra, diz a Sancta Escriptura = *Veritas de terra orta est* = ainda que eu entendo que esta verdade, da qual diz o Divino Espirito Sancto que nasceo da terra, he Jesus Christo Senhor Nosso, Verdade Increada, e por isso a Justiça do Eterno Pai olhou para elle lá do Ceo = *et justitia de cœlo prospexit* = e tanto se comprazeo d'essa verdade, que a arrebatou para si; creio que

Jesus Christo elle só he a verdade, que nascêo da terra, verdade incapaz de enganar, e de ser enganada, pois que os homens todos forão julgados por Deos capazes do engano activo, e passivo = *omnis homo mendax.* = Ora essa mesma Verdade Celestial para poder apparecer, e ser vista na terra teve de vestir-se da túnica, fórma, ou especie da mortalidade, porque sem essa figura o Mundo não poderia soffrer o seu resplendor. Ahi tem pois os meus leitores, voltando cá para as nossas verdades humanas, como ellas precisão de inculcar-se, e de apparecer á Sociedade com a sua fórma, ou figura, como se dissessemos, com a sua especie de véo, ou de casca, porque de outro modo não passão: núas, e crúas envergonhão a gente, causão desgosto, e dissabor, aborrecem, e até provocão a cholera-morbo moral: hão de pois, e devem apresentar-se as verdades com a sua casca, e depois cada hum dos leitores lá para comsigo, sem que a sua mesma camisa o saiba, descasque-as como poder, e engula-as como lhe parecer; e se lhe não servirem mande-as de presente á Maçonaria com as cascas, que na casca os queria eu vêr a todos elles, pois em quanto á Maçonaria lhe não tirarem couro, e cabello, sempre o Mundo ha de saber a verdade de meias, e ha de viver de meias com a paz, e com a revolução, com o Altar, e com o Throno, com a Religião, e com a impiedade. A tal extremo se vê reduzido o Mundo pela iniqua tolerancia, que elle concedêo, e vai concedendo á Maçonaria, que já a verdade não he admittida senão como contrabando passado, e mettido com folhas de Rhetorica, a qual, dizem, foi inventada para persuadir, e deleitar, e essa persuasão, e deleitação não póde conseguir-se n'este Seculo senão amalgamando a verdade com a mentira, ou a Realeza com a Maçonaria. Infernal amalgamação, que assim tens dado, e vás dando cabo da Europa, e da America! Assim he como os Governos se tem enganado nos meios de *conservar a segurança interior.* A Alemanha se conhece em perigo; a França está em hum volcão; a Inglaterra á borda do seu precipicio; a Polonia pouco saudavel; a Hollanda doente; a Italia trémula; os Estados Pontificios convulsos; a Hespanha convalescente; Portugal em febres; em huma palavra, toda a Europa, e a America está em parocismos. Meus olhos não vêm senão a Maçonaria vencida, e quasi sempre do mesmo passo vencedora! E não era bom não haver nascido, para não vêr desgraças, e calamidades, que parece não tem fim! Porém já que nasci para trabalhos, e porque to-

do o mortal está obrigado a soppportar os do seu Seculo, como diz o grande *Flechier*, continúo mettendo os hombros ao trabalho, e á guerra contra a Maçonaria, mas de modo que seus tiros não empeção os meus trabalhos: flanqueallos-hei á direita, e á esquerda; as minhas armas serão sempre a verdade constituida por factos geraes não personalisados: *irá o ovo com a sua casca.*

Factos; e factos gloriosos de immortal memoria poderia eu apresentar hoje aos meus leitores, até para os consolar de idéas tristonhas, que algumas vezes apparecem dispersas aqui, e alli nestes Numeros sobre os agigantados passos da Maçonaria, se esta Obra tivesse por objecto dar Noticias ao Público: cá estão já cozidas ao meu Larraga (e não com linhas azues, e brancas) varias Letras fidedignas, que relatão os successos das Armas Portuguezas nas Divisões 2.ª e 4.ª Attendo-me ao seu circumstanciado contexto, eu descreveria como, quando, e onde o briosissimo Povo Portuguez armado em massa mostrou ao inimigo, que o não temia; que o aborrecia; que o arrojava; que era capaz de o desbaratar, se o não contivessem: Gloria ao Valorosissimo Povo Portuguez! — *Tum vero ad vocem celeres. qua buccina signum*

Dira dedit, raptis concurrunt undique telis
Indomiti Agricolæ.... decernunt, atrâque lucæ
Horrescit strictis seges ensibus; æraque refulgent
Virgil. Æneid.

Não ha hum Rei que, como o Senhor Dom Miguel, tenha hum Povo tão seu, tão brioso, tão valoroso!

Eu descreveria como, quando, e onde os intrepidos Voluntarios Realistas mostrárão ás Tropas Rebeldes, já velhas, e robustecidas no exercicio das armas, que sabem affrontá-las, encurralá-las, e desbaratá-las. Victoria aos Heróes Realistas, que apenas fardados, e regimentados enchêrão de confusão, e de ignominia a Tropas aguerridas, assim Nacionaes como Estrangeiras!

..... *Nec non et Troia pubes*
Ascanio auxilium castris effundit apertis.
Virgil. Ibidem.

Envergonhem-se os infames partidistas de Dom Pedro, calumniadores, e perseguidores dos bravos Voluntarios Rea-

listas, e vejão que ahi achárão a maior coragem, disciplina e subordinação, onde pensárão haver maior fraqueza, confusão e desordem.

Eu descreveria como quando e onde os fidelissimos, e infatigaveis Milicianos mostrárão ás Tropas Rebeldes da 1.ª Linha que elles, quando combatem pela Religião e por hum Rei Absoluto, não cedem em valôr, em constancia e em soffrimento aos Exercitos mais disciplinados e mais enthusiasmados. Triumfo aos valorosos Milicianos Portuguezes, que ensinárão ás Tropas da 1.ª Linha que se podem rivalisar com elles na disciplina, não podem excede-los no valôr, quando a peleja he pela Religião e pelo Rei

Direxere acies; non jam certamine agresti
Stipitibus duris agitur, sudibusve præustis.
Virgil. Ibid.

Corrão-se de pejo os que despresavão as Milicias Portuguezas, julgando que abandonarião o Campo, logo que ouvissem as primeiras descargas do inimigo, e vejão que ahi achárão a maior constancia, onde esperavão mais pusillanimidade.

Eu descreveria como, quando e onde os Corajosos, e Imperterritos Militares da 1.ª Linha mostrárão que não cedem á presença, aos ameaços, ás seducções e ás promessas de hum Principe Competidor; que elles não temem as falanges rebeldes, ou n'ellas venhão audazes Francezes, ou fatalistas Inglezes, ou obstinados e desesperados Portuguezes; que elles vêm a sangue frio e de rosto sereno o sangue, a mortandade e o pavôr.

Quondam etiam victis redit in præcordia virtus;
Victores que cadunt Danai: crudelis ubique
Luctus, ubique pavor, et plurima mortis imago.
Idem Virgil.

Admire o Mundo como o Senhor Dom Miguel fez seu o Povo, seus os Voluntarios, seus os Milicianos, seus os Soldados da 1.ª Linha! Veja o Mundo se ha hum Povo e hum Soldado como o Portuguez! Emmudeção os Liberaes, assim Nacionaes como Estrangeiros, Protectores de Dom Pedro, e reconheção de huma vez que a Nação Portugueza se não humilha por todos quantos estratagemas lhe arme a Maçonaria Estrangeira! Mas eu tenho para esta

tres Corpos de reserva, que, oito mezes ha, m'envion C. R. de B.; e ainda fica ás minhas ordens huma forte Columna, que está de emboscada, e sahirá a campo, quando fôr desalojado o perfido, o infame, que introduzio os rebeldes em Portugal. Lá vão os tres Corpos de reserva, e por ordem he o primeiro

SONETO.

Senhores Liberalões d'Europa
Legisladores natos de Secretas!
Nós temos Leis primarias, e mui rectas,
Por ellas decidir a nós só toca.

A odio, e á vingança nos provoca
Vêr que enjeitadas crias com mil tretas
Nos queirão empurrar como a patetas.
— *Não queremos* — Nem dadas, nem por troca.

O vil Maçon com porcas traficancias
Do Throno a ElRei não tira, nem desherda,
Por mais que maneje vís ignorancias.

Hum Tyranno estrangeiro aqui não herda:
Luso valôr não treme d'arrogancias;
Não sejão asnos; vão.....

SEGUNDO.

Eis por peccados malfadada Europa
N'altas Secretarias vê Secretas....
Mas contra a força, e tramas indiscretas
Cá temos fogo, ferro, e fiel Tropa.

Ah! Em que *jus* se funda, ou em que *tópa*
Querer-nos impingir como a patetas
Odiveis amos com audacia, e tretas?
Portugal de Francezes não he *rópa*...

Liberalão, por manha, e traficancias
Do Throno hum Rei querido não desherda,
Nem de Pedreiros prosperão as petulancias.

Hum doudo, estranho, e hostil!!! Não, cá não herda:
Temos dicto: e se vem novas instancias,
Irão ballas; e vão.....

Advirto que o Auctor deixou em cada Soneto hum verso manco; rogo em seu nome aos Pedreiros de fóra, e dentro do Reino, que os inteirem por sua honra, e por seu gosto.

TERCEIRO.

Hum bando heterogeneo de canalha,
Epilogo da fome, e da morrinha
Busca a terra das tripas, lá se aninha
No chão, por entre o cisco, e entre a palha.

Realista Luso os pesca, e logo malha
De taes cachorros na dorsal espinha,
Pois sabe que essa Cafila daninha
Morde quem a sustenta, e agazalha.

Torpes filas do Heroe d'alta demencia
Contra nós açulados á victoria,
Lá fogem a tiros... Pedreiros; paciencia...

Gorou-se a empreza: mas Canina historia
Em vergonha, juizo, e sapiencia
Vos põe de Pedro a par: Que infame gloria!

Eu descreveria finalmente, e por fim de verso, como, quando, e onde a impavida Esquadra Portugueza zombou da astucia estrangeira do perfido Sartorius... Mas ainda não he tempo, e temos muito tempo para fazer vêr ao Mundo inteiro que os Gregos, os Carthaginezes, os Romanos, os Macedonios, os Persas, e outras quaesquer Nações conhecidas podem, quando muito, igualar os Portuguezes em valôr, excede-los não: que os Portuguezes d'este Seculo conduzidos por hum valoroso Rei reanimárão em seus peitos a estupenda, e prodigiosa coragem d'aquelles seus antepassados, que fizerão tremolar victoriosas as Bandeiras Lusitanas na Europa, na Asia, na Africa, e na America, ... Porém o relatorio circumstanciado das acções, e combates, em que o Povo Portuguez, e os Soldados das tres Armas, e das tres Linhas desenvolvêrão o seu nunca envelhecido caracter de valôr, de firmeza, e de intrepidez não he o objecto d'esta Folha, a qual só de factos reiterados, e bem constituidos deduz Regras para a Defeza Religiosa, e Politica de Portugal. Nem mesmo convem antecipar as publicações do Governo, sem embargo de Documentos da

maior authenticidade, e de grande luz, que existem em meu poder, porque não deve hum Escriptor particular roubar ao Governo a acção, que he sómente propria d'elle, de louvar, de disfarçar, de reprehender, e de occultar tudo o que convem ás suas grandes vistas em huma Campanha, que he Politica, e Civil, além de Religiosa; por outra parte os emulos, e menos discretos poderião tachar-me de alguma parcialidade, não obstante não considerar, que haja algum capaz de me desmentir de facto em tudo, o que tenho escripto, e por isso « *Quod scripsi, scripsi*: » senão he conveniente que eu aponte factos, terá sido conveniente, justo, e bom que elles se tenhão perpetrado, e que ainda continuem a perpetrar-se? Se a amizade, ou o odio, se as promessas, ou os ameaços, se o temor, ou a esperança manejassem a minha penna, eu não teria denunciado, os que denunciei; eu não teria louvado, os que louvei; teria incensado a Maçonaria, teria sotoposto a Realeza: mas eu não sei, não posso, não quero, não devo desmentir-me a mim mesmo; os que querem, os que devem desmentir-me, vejão lá se sabem, e se podem: contra factos não valem argumentos; a opinião perde n'aquelles toda a sua força. Porém nem mais huma linha, eu o protesto sinceramente: não haja d'hoje em diante hum só Maçon, que possa queixar-se com fundamento, de que eu o invectivo com particularidades: a revolução, a Maçonaria será atacada em geral, e em ordem extensa. Em vão pois instão comigo, que torne este Papel em Noticioso: Estas instancias, que repetidas vezes se me tem feito por parte d'alguns Portuguezes, e por parte d'alguns Estrangeiros (não são Hespanhoes) são baldadas: eu não sirvo a vistas particulares, e muito menos a de homens bilingues, e sempre dolosos, que tem sido, e ainda são a origem das desgraças de Portugal, e do Brasil: tenho dito mais de huma vez que não sou Inglez, nem Francez; he perder o tempo esperar, ou pertender *à dextris, et à sinistris* que me retracte: lá se avenhão, e deixem-nos em paz. Disse...

Não posso pois contentar os desejos do Publico de saber mui circumstanciadamente o que passa no Theatro da Guerra: o Publico sería satisfeito á sua vontade, ao menos o Publico das Provincias do Norte, se continuasse o *Correio do Porto:* seu Redactor apurando a verdade sempre com a maior delicadeza, animando com a melhor dexteridade o espirito das Provincias, faria ao Estado os importantes serviços, que sempre lhe tem feito. Como a mi-

nha amisade he sempre imparcial, para que ella não tivesse a nota de lisongeira, eu me dispensei, bem a meu pesar, do prazer de louvar a honra de *Antonio José Gomes Pinto*, que no seu donativo de hum conto e duzentos mil réis, que poz á disposição do Governo para sustentar o Throno do Senhor Dom Miguel, não sendo elle hum Capitalista, nem hum Proprietario, mostrou estar inflammado de maior zelo pela Causa do Altar, e do Throno, que os Capitalistas, e Proprietarios, que não seguirão o seu nobre exemplo de desinteresse, de fidelidade, e de brio verdadeiramente Portuguez. Esse Redactor pois encheria os desejos do Publico, e os meus: a elle poderia recorrer o honrado Juiz de Fóra da Villa de Ovar, para desmentir a noticia, que ha tempos se publicou, de que em aquella Villa se havião soltado vozes sediciosas contra o Governo do Senhor Dom Miguel, sendo certo que essa noticia foi falsa, e falsissima; nem era de acreditar que se verificasse em huma Villa pacifica, e quasi na sua totalidade affeiçoada ao Throno, e á Augusta Pessoa do Senhor Dom Miguel, e muito menos na presidencia do bravo Juiz de Fóra, que poderia talvez esquecer-se das Leis, para em hum momento perder pela força o audaz sedicioso, se elle existisse. Eu pois não escrevo para desmentir noticias publicadas, nem para noticiar successos particulares: a minha penna somente se move em Defeza de Portugal: as regras, que eu prescrevo para esta Defeza, estão deduzidas de factos geraes do mesmo Portugal, e de alguns outros Estados da Europa, e da America: este he todo o meu trabalho; se elle acertar no fim, no grande, imperioso, e necessario fim de apear a Maçonaria em Portugal, e nos outros Estados da Europa, e da America, eu sou feliz, porque vejo o Mundo feliz: mas se este fim se não conseguir, se a Maçonaria não fôr apeada, se ella resulta vencedora do mesmo passo, que apparece vencida, então não vendo o fim aos meus trabalhos, nem ás revoluções; considerando-me infeliz em hum Mundo infeliz, perdida a esperança de que a geração, que vai succeder-nos, viva na tranquillidade, na observancia da Religião, no seguimento das suas antigas Leis, e na submissão absoluta aos seus Monarchas, perdida a esperança, que he o ultimo bem, que pode perder-se, e que perdido se não recobra, perdido este ultimo dado do coração humano, que ninguem joga, esta ultima carta, que ninguem aventura, perdido este engano de todos os males, não tendo mais que perder, nem mais que esperar; então meu espirito posto

em huma situação, que somente no inferno tem semelhante, naturalmente se queixa, e diz: *Para que nasci eu? Não me seria melhor morrer no mesmo nascedouro, huma vez que a Maçonaria nem na mesma morte morre? Quare de vulva eduxisti me? qui utinam consumptus essem, ne oculus me videret?* Em este estado de horror me sinto algumas vezes, quando considero, e *sei* que *a Maçonaria Diretora*, *e a Maçonaria Moderadora* (Veja-se o N.° 60) certas de que a Victoria vai declarar-se em favor do Senhor Dom MIGUEL, pois que o Ceo O protege, e o Soldado, e o Povo Christão peleijão por Elle, se mancommunárão estas duas furias, para que a segunda não largasse a posse da Fidelissima Nação Portugueza....: quando considero, e *sei* que huma, e outra *Maçonaria* se conjurárão em introduzir a revolução na *Siberia*, em insurgir novamente a *Polonia*, em quebrantar o poder da *Russia*, em trazer sempre inquieta a *Alemanha*, em tornar interminavel a Questão da *Hollanda*, e da *Belgica*, em ter sempre em agitação os *Estados Pontificios*, e a toda a *Italia*, em conservar o moto continuo na *Grecia*, em alarmar sempre a *Hespanha*, em servir-se de *Portugal*, aproveitando o seu actual, e estudado enfraquecimento, como de hum degrão para as vistas da *Maçonaria Moderadora*....: quando considero, e *sei* que.....

Porém, Portuguezes, Deos está pelo Vosso Rei, e Senhor Dom MIGUEL, e por vós! Em Deos, em ElRei, e em vós estão fundadas todas as minhas esperanças! Eu me animo a pensar com todo fundamento que a Maçonaria vai ser apeada em Portugal; que a Maçonaria não influirá mais nos vossos destinos, e nos destinos das vossas gerações. Pois que os Estrangeiros estão certos de que a Victoria he por vós contra os rebeldes partidistas de Dom Pedro, Portuguezes, apressai esse dia da vossa gloria, e da vossa salvação; apressai esse dia de desesperação, de ignominia, e de confusão para os Pedreiros Livres de dentro, e de fóra do Reino! Portuguezes, Soldados, os Pedreiros Livres cahirão no laço, que lhes desejavéis! Elles pelas suas injustiças, pelos seus roubos, pela sua conducta violenta, sanguinaria, incendiaria, e irreligiosa se attrahirão o odio, e a execração de todos os Estados da Europa, até dos mesmos Constitucionaes! Elles vão ser abandonados d'essa mesma intervenção indirecta, com que mal aconselhados, e enganados Estrangeiros pareciño protegê-los: esses mesmos interventores indirectos, já desenganados pela unanime cons-

lancia de Portugal na Defeza do seu Rei Dom Miguel, já procurão estudar o modo, pelo que mostrem seu arrependimento das injustiças, que vos tem feito, e como hão de obter a vossa anterior benevolencia, e amizade! Acabai pois huma empreza digna de vós: atacai os vossos inimigos na certeza de que os vencêis: o vosso Rei vos exhorta a que renoveis o mesmo ardor da vossa Defeza, da Defeza da Patria, e do Throno, como fizestes com victoria nos mais violentos ataques, que se tem feito a este Paiz classico da Fidelidade, do Valôr, e da Independencia: sêde Portuguezes, e reconhecei no vosso Rei o valôr, o zêlo, e as virtudes dos seus Augustos Predecessores, de hum Dom Manoel, de hum Dom João Primeiro de Boa Memoria, de hum Dom João Segundo, que ensinou a ser Reis os Reis do Mundo; de hum D. Diniz, que fez quanto quiz; de hum ... Segui, imitai o exemplo, pardor, e o timbre do vosso Rei: mostrai ao Mundo inteiro que sabeis zombar de todos os Pedreiros Livres, qué os não temeis, que os desbaratais, e perdeis todas as vezes, que elles se apresentão em campo.

Soldados, Povos, o vosso valôr, a esperança das recompensas, e dos premios, que á vossa firmeza concederá hum Rei Magnificente, o prazer de vêr restituida a paz, e a tranquillidade pública, a gloria de vêr o inimigo vencido, e humilhado o aleivoso Porto na mudança da Relação para Lamego, e da Companhia do Alto Douro para o Peso da Regoa, e augmentada, e consolidada a prosperidade da Agricultura, e do Commercio das Provincias do Norte independentemente do Porto, como a Voz Publica proclama, e como a Opinião Popular applaude, tudo deve empenhar-vos em atacar os rebeldes com huma coragem digna de Realistas. Somente a vossa firmeza pode dar-vos a Victoria!

Soldados, Povos, a gloria foi sempre a vossa ardante paixão: o amôr da vossa Sancta Religião, do vosso Rei Dom Miguel, e da vossa grande Patria foi sempre hum nobre estimulo, e incentivo para animar, e fazer invencivel o vosso valôr. Vêde, Portuguezes, os vossos Altares queimados, os vossos Templos demolidos, os vossos Conventos arrasados, as vossas casas roubadas, as vossas familias vilipendiadas, os vossos campos talados; vêde em fim o vosso Deos offendido, e ultrajado: Vingai a vossa Religião, vingai o vosso Rei, vingai a vossa Patria, vingai o sangue dos vossos companheiros derramado pela cruel mão da mais atroz perfidia.

Portuguezes, vossos pais, vossas mulheres, vossos fi-

lhos, vossos irmãos, os vossos anciães demandão o vosso valôr. Vêde que, se sois vencidos, arrastareis as cadêas da mais pesada escravidão, e só a morte porá termo ás vossas angustias; não espereis dos rebeldes partidistas de Dom Pedro piedade, ou moderação! Se sois vencedores, vós tereis as bençãos do Ceo, os premios do Throno, os louvores da Patria, o amôr dos vossos Patricios, a estima, e a admiração do Mundo inteiro! Portuguezes, escolhei a sorte; victoria, ou morte!

Porem, gloria seja dada aos Realistas Portuguezes por todas as gerações! A Esquadra Real, empenhando toda a sua força, *como deve empenhar*, sobre o rebelde Porto, porque a primeira Lei he a salvação do Estado, e o Exercito Realista, avançando intrépido sobre as Tropas rebeldes, offerecem ao Ceo o espectaculo mais digno da protecção do Ceo! Sim, Portuguezes, pelejai por mar, e por terra, porque o Ceo por toda a parte coroará os vossos esforços pela sua Causa com o Triumfo, e com a Victoria.

Lisboa 14 de Agosto de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 62.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Ainda não? Que lhe esperais?

Dez vezes tocou o Clarim, e a Offensiva ainda não foi tomada pelos Realistas, que conste, até o dia do fecho d'este Papel! Todo o Mundo está em expectação, e ainda que não ha, quem não saiba que a Victoria he pelo muito Alto, muito Poderoso, e muito magnifico Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro contra o impotente desespero do rebelde, perjuro, e sacrilego Competidor, todavia o Mundo todo arde em *impacientes desejos* da certeza de facto, como elle tem a certeza de Direito, não sómente pelos evidentissimos, e incontestaveis argumentos da Lei, como pela manifesta experiencia, e observação, de que o Ceo protegêo sempre o seu Ungido, e Defensor Dom Miguel, e de que o Soldado, e o Povo Portuguez tem sido sempre inven-

civel, sempre inexpugnavel todas as vezes, que peleja pela sua Religião, pelo seu Rei, e pela sua Patria.

O argumento de que *Alexandre o Grande* subjugou todo o Mundo, que elle conhecia, com o escasso número de trinta mil Macedonios, não colhe aos Realistas Portuguezes. Então podião muito os estratagemas, as perfidias, as trahições, as compras, e vendas, e a sagacidade de huma parte; e da outra a ignorancia, o engano, a impericia, a fraqueza, e a cobardia; sobre tudo então queria Deos que as Nações barbaras, idolatras, e supersticiosas acabassem humas com as outras, porque todas havião incorrido no seu irrevogavel Decreto de exterminio: verdade he, que as Nações Vencedoras, e Conquistadoras tomavão sempre a offensiva, porque Deos havia posto nas mãos dos seus Chefes o azorrague da sua ira; e as Nações vencidas, e conquistadas tomando a defensiva soffrêrão, como as bestas prezas á manjadoura, todo o peso dos males, a que havião sido condemnadas pelos Eternos Decretos. Mas a Nação Portugueza, ou tome a offensiva, ou a defensiva, não póde ser vencida, não póde ser expugnada; nem os estratagemas, nem as perfidias, nem as trahições, nem a sagacidade, nem as compras, e vendas, nem a ignorancia, nem o engano, nem a impericia, nem a fraqueza, nem a cobardia podem fazer outra cousa mais, que prolongar os padecimentos; mas extinguir a Nação? Não. Deos a tem escripta no grande Livro das Nações, que não perecem: afflicta, oppressa, attenuada póde ella ser, porque tem peccado; mas extincta, e anniquilada? Não; porque ella não desamparou ao seu Deos: talvez o motivo dos seus muitos padecimentos n'esta nossa idade, e n'estes circumstancias seja a tolerancia concedida á Maçonaria, á impiedade systematica, aos peccados, que provêm, não de fragilidade, mas de sentimentos; porque Deos não quer que a irreligião fique impunida, que ella seja tolerada, permittida, consentida, e approvada; e castiga Deos os Principes, que não castigão os impios por systema. Hum Escriptor Francez no meio de *Paris* no anno de 1824 dizia, que o Governo de *França* era Atheo, e que protegia, e promovia o Atheismo; isto dizia elle, e o demonstrava por huma fórma, e maneira, que não podia ter, nem teve replica; d'es-

te principio demonstrado, e não contestado deduzia elle que, se não era chegado o fim do Mundo, a Igreja de Jesus Christo existiria segundo as suas infalliveis promessas; mas de tal sorte sería attenuada, que pareceria invisivel na perseguição, que logo se lhe moveria; até que da sua mesma humiliação resurgisse gloriosa, e purificada em todos os seus membros; e dizia elle, que para a attenuação da Igreja concorrerião logo os Francezes invadindo a todos os Paizes da Europa, e alagando-os de sangue com maior effusão, que na ultima época. A demonstração foi feita, e ninguem pôde contestá-la: os Francezes ainda não fizerão huma invasão geral, bem que a *Belgica*, *e os Estados Pontificios* já forão pisados com pretextos de pacificação; mas a revolução foi constituida na França, o Throno de S. Luis está bambaleando, os Altares forão prostrados em muitas partes, e todos os Estados da Europa se sentem receosos de que aquella predicção, então desprezada, venha agora a ser verificada.

Eu não posso predizer á Nação Portugueza tão tristes calamidades, porque o seu Governo nem he Atheo, nem protege o Atheismo; antes elle tem ostentado o seu Catholicismo á face da terra, e que aborrece os Atheos: mas por quanto esta Nação, que invoca o Deos de seus Pais, e Avós, tem soffrido, e vai soffrendo, doze annos ha, catastrofes, que não era possivel imaginar; como o violento desterro do seu Libertador, o Senhor Dom Miguel, a perda da maior parte dos seus Estados, os insultos, e ultrajes feitos por Estadistas Estrangeiros, e agóra ultimamente a barbara incursão de huma cohorte de *Patricidas*, eu devo suspeitar, a exemplo d'aquelle erudito Francez, que ella soffre estes grandes castigos do Ceo, não como agente do Atheismo, mas como paciente, e tolerante da Maçonaria; e creio que este meu pensar não seja muito errado; pois que se a Maçonaria não fosse tolerada em Portugal, se ella fosse extincta, nem Portugal sería privado hum só momento do seu Libertador, nem o Brasil deixaria de lhe estar unido, e sujeito como d'antes, nem os Estrangeiros lhe terião perdido o devido respeito, e acatamento, nem essa horrorosa turba de malvados teria vindo assolar seus Povos, e as suas searas. *Ab alto venit*, digo eu: tão grandes ma-

lei sómente do Ceo podião vir a Portugal: eu não posso achar outra causa, nem outra razão. *Ou Deos ha de ser obedecido, ou os Thronos, e os Povos hão de ser castigados:* Deos manda que a Maçonaria seja exterminada, mas Deos não tem sido obedecido: logo os Thronos, e os Povos hão de ser castigados. Esta doutrina tem sido publicada em Portugal com as approvações, e licenças necessarias no tempo do Governo Real: não me affasto pois das Leis da Censura, e, insistindo sobre essa doutrina, não me canço de repetir que, *ou os Principes Catholicos dão cabo da Maçonaria nos seus Estados, ou a Maçonaria dá cabo dos Principes, e dos seus Estados*, que he o mesmo que dizer, que *Deos castigará os Principes, e os seus Povos:* as provas, e os exemplos estão á vista, e, se elles se não vêm, he porque chegou o tempo d' os olhos não verem, d' os ouvidos não ouvirem, d' as mãos não palparem, e d' o entendimento não entender.

Ha prova mais clara que a estada no Porto de huma *mão-cheia* de ladrões, e assassinos á vista das numerosas Tropas Realistas, que lhe estão na frente; a devastação dos Conventos, e das Igrejas, a assolação dos Povos, e das searas, a morte repentina de muitas familias assustadas, a fome, e a miseria de todos os habitantes do Minho! Que males te faltão á soffrer, desventurada Nação Portugueza! A fome, e a guerra já estão de volta comtigo! Falta-te a peste, que he conseqüencia d'essas duas espantosas calamidades do genero humano; nenhum outro mal te falta senão a *Chólera-morbo*. D'onde vem a tua perdição, ó Portugal! Da tolerancia da Maçonaria: se a Maçonaria estivesse exterminada, tu viverias na tua abundancia, tu não estarias em guerra comtigo mesmo. E não temes que o Ceo entorne sobre ti o resto do calis da sua ira, a *Chólera-morbo?* Este ultimo azorrague, com que Deos tem mostrado ao Mundo que elle existe, começou a açoutar a *Persia*, e todos esses Paizes da *Asia*, em que Deos tem sido desconhecido; continuou flagellando a *Russia*, onde Deos não he venerado em toda a verdade; veio descarregando sobre a *Polonia*, onde a impiedade se ateára; correo para a *Italia*, onde a Maçonaria não he escassa; passou para a *Alemanha*, onde a tolerancia das Seitas he preconisada; a

tocando de passagem, mais ou menos, outros Estados semelhantes, veio fixar o seu quartel da matança na *Inglaterra*, e na *França*, onde a Maçonaria ferve em cachão! Apósto eu que a maior parte dos Medicos, e dos Libertinos mófão d'este meu modo de discorrer; não faltaráõ homens desmoralisados, que os imitem n'esta zombaria; os ricos inconsiderados tambem brincaráõ; mas a *Chólera-morbo* mófa da sciencia, e da erudição dos Medicos, e dos Libertinos; zomba dos homens desmoralisados, e brinca com a vida de todos, assim ricos, como pobres. He o açoute de Deos, que a todos chega, a todos fere, e não perdôa senão a quem elle quer. *A peste tem assolado a muitos Paizes*, diráõ alguns, que prézão de Filosofos, (assim prezassem elles de Christãos) *e ainda não havia Maçons:* não o nego; no Reinado do Senhor Dom Sebastião houve huma peste em Lisboa, que a fez despovoar; mas durou poucos mezes: todavia, se então não havia ímpios por systema, havia libertinos, e desmoralisados com excesso, como nos attestão os bons Historiadores d'aquelles tempos; e ímpios, e desmoralisados houve sempre em todos aquelles Povos, a quem Deos açoutou com a peste: porém como a libertinagem, e a desmoralisação não erão systematicas, a peste foi sempre ahi passageira, e não se aquartelou, como agora, que tambem foi acampar huma grande força na America Ingleza. Ora, duas Nações ha na Europa, que não tem sido açoutadas por Deos com este medonho flagello da sua vingança, o qual não poupa rico, nem pobre, fidalgo, nem plebéo, nem pessoa de qualquer condição, estado, ordem, e sexo: mas ellas vivem, e devem viver em susto, porque não ha preservativos contra as Disposições Divinas, tanto assim, que os mais bem estudados tem sido desmentidos pela introducção d'esse horroroso matadouro: eu peço ás duas Nações, que experimentem hum só remedio *anti-cholerico*, a saber, o exterminio da Maçonaria; porque depois de exterminada esta peste Moral, a libertinagem he facil de se exterminar; e, se posto em praxè este remedio com todo o rigor, não quizer Deos affastar d'ellas o flagello da sua chólera, queixem-se, e digão-lhe affoutamente, pois que Deos he Justiceiro, e Misericordioso — *Deos! fizemos o que vós mandastes; exter-*

minimos totalmente a Maçonaria; a libertinagem, e a desmoralisação estão a desapparecer; os fracos já se arrependem: Logo, porque nos castigais? Eu confio na Bondade Divina, que he infinita, e superior á malicia dos homens, que verificado em Portugal, e na Hespanha o exterminio da Maçonaria, Deos espalharia nas duas Nações, e nos seus Principes a saude, a abundancia, e a paz: mas se assim o não fizerem, veremos, e soffreremos, verão, e soffrerão.

O Padre açouta o ar, dirão muitos dos meus leitores, rindo-se talvez destas palavras, como se fossem sandices — *Eu açouto a Maçonaria* — que he o açoute dos Principes, e dos Póvos, e o chamariz da ira Divina sobre os Principes, e sobre os Póvos — *Onde está essa Maçonaria?* — Ora a pergunta não era de esperar senão de algum tolo, ou de algum velhaco! Eu vi, estando na *Hespanha*, a lista, ou relação nominal dos principaes Pedreiros de Portugal; ella fôra impressa em *Paris*, para dar a conhecer ás Lojas da *França* os Confrades, com que podião contar na premeditada Revolução do meio dia da Europa. Os Hespanhoes, *os mesmos Constitucionaes*, e *Cammuneros* se admirárão de vêr em Portugal tão crescido numero de Maçons! Fidalgos, alguns; Ecclesiasticos, tenho pejo de o dizer; Militares, era huma pouca vergonha; Paisanos, hum desaforo: destas duas ultimas classes havia alguns entre os Realistas emigrados na Hespanha, por isso algumas cousas forão como forão, e não como devião ser. Sendo a Maçonaria tão numerosa, quanto o não será a libertinagem? Eis a origem de todas as nossas desgraças, da barbara guerra, em que estamos involvidos, da fome crúa, que no Minho se padece, das mortes repentinas, que por lá voão, e do receio da *Cholera-morbo*, que tanto nos assusta!

Nem se me diga que eu sou muito crédulo a huma relação, ou lista impressa em Paiz estrangeiro a arbitrio de hum qualquer, talvez com o fim de semear a desconfiança entre os Portuguezes, e na qual tambem meu nome podéra vir estampado, ainda que o não foi, nem devia ser: a dita relação, ou lista comprehendia sómente os Maçons de lote, pois escrever os nomes dos Maçons baixos era impossivel, a não ser em hum calhamaço do vulto da *Provo-*

dia Latino-Portugueza: mas esses nomes, que ahi vinhão escriptos, muitos já a aturada, e commum fama os apregoava; outros já alguns pensadores os farejavão, que já era tal *o fartum*, que o seu exterior despedia! *Como póde ser que alguem saiba quaes são os Maçons, se entre elles ha hum juramento de inviolavel segredo?* Ora ahi está hum argumento produzido pela tôlice, ou pela velhacaria: a Maçonaria he publica em muitos Paizes; e na *França*, e *Inglaterra* os Maçons fazem gala do *Sambenito*; seus nomes são ahi conhecidos, conhecidas são tambem as suas Lojas, e até são públicas muitas das suas Sessões, e sómente são secretas aquellas, em que se tractão pontos capitaes, ou fundamentaes da Maçonaria: além d'isto ha Apostatas na Maçonaria, ainda que poucos o são com perfeita sinceridade, e conversão; *e quando ralhão os Compadres descobrem-se as verdades:* o segredo tambem não he tão inviolavel, como elles o querem; meia duzia de garrafas de bom vinho, e huma qualquer *marajona matreira* põe na rua todos os trastes, e tarécos das Lojas com os seus pêlos, e signaes, ou com todos os seus ffs, e rrs: outras vezes ha Realistas *tão ladinos*, que com quatro garatujas enganão a alguns adeptos embasbacados, e os confessão, até lhes sacar, ao menos, que elles pertencem a tal Loja, e que n'ella estão Fulano, e Sicrano, pois de outra cousa não sabem os *Choristas* da Maçonaria. Ha menos de hum seculo, que a Inglaterra publicava ter mais de 140 Lojas, e algumas dellas erão filiaes na *França*, na *Hespanha*, e em *Portugal*; porque n'esses tempos não podia a Maçonaria esvoaçar-se muito por estes Paizes com medo de ser enxergada pela *Sancta Inquisição*, e pelos sagazes *Jesuitas*, que tem olhos de lynces: depois que a Maçonaria se vio livre destes medos cá nestas partes do Continente Europêo, ella se estabelecêo *Lojas Principaes* no proprio Paiz, independentes das Lojas da *Inglaterra*, mas todas ellas colligadas, mais, ou menos entre si, contando-se todavia a principalidade das Lojas pela sua antiguidade, ou pelos seus grandes serviços, não havendo porém alguma absolutamente independente; salvo o caso de que venhão ás mãos humas com outras sobre *postos*, *empregos*, *prestações*, meios, ou fins; porque n'essas circumstancias, mais sem pejo, e sem vergonha, que as re-

gateiras, como ellas, alevantão as *cobré-vergonhas*, pegão do *chinélo*, e se açoutão desapiedadamente, que dá pena a quem os não conhece. Ha pois em Portugal Loja Principal; e não he huma só, e ha consequentemente Lojas filiaes, e estas são sem numero, porque estas não tem numero certo, e as de *Portugal* são tantas, como as que a *Inglaterra* contava ha menos de hum seculo; mas todas colligadas com as Lojas de *França*, e de *Inglaterra*: tambem não ha numero certo nos Maçons de cada huma das Lojas; cada qual, com licença da Principal, póde recrutar a seu bel-prazer, e admittir os que bem quizer, dando porem parte ao *Grã-Mestre*: assim por esta fórma a Maçonaria em Portugal se tem tornado excessivamente numerosa, tanto que elles mesmos se arrependem de haver feito tão grandioso recrutamento, pois que os *Galuchos* das Lojas não guardárão o segredo conveniente, fizerão muitas vezes barulho antes de tempo, e deitárão tudo a perder. Mas houve hum tempo, em que a Maçonaria de Portugal se vio na precisão de augmentar o numero das Lojas, e dos Maçons, para encher a sua Caixa, ou Thesouraria, com o fim de fazer prosperar a Revolução, e de a reforçar com soccorros pecuniarios, e com o povo Maçonico. Em cincoenta moedas de ouro, de valor de 4800 réis foi collectado hum *Mercador no Porto*, que principiou a sua vida em almocreve, e acabou em adepto das Lojas: o homem entrou lá huma vez sómente para lhe *chupitarem* as tantas moedas, que erão então bem precisas á Maçonaria, (pois este recrutamento do pobre tolo foi no anno de 1822, quasi no fim da Tragi-comedia) promettêrão-lhe o Habito de Christo, e derão-lho; offerecêrão-lhe arrumar a sua numerosa sobrinhada; e assim o fizerão; pois apezar de terem sido voluntarios nos annos de 1827, e 1828, e de ter fallecido seu Tio com as *quebraduras* proprias de todos os Mercadores, que não tem juizo, elles ahi estão em huma Repartição, em que subsistem, não só em razão da palavra, ainda que poucas palavras cumprem os Maçons, mas porque esses mesmos Sobrinhos forão Civicos, e estão na eschola Maçonica!

Dous mil Pedreiros Livres conta o Porto no mez de Maio do anno de 1823, me disse aquelle pobre tolo adepto, que, havendo entrado na Collecção como *Pilatos no*

Crédo, todavia não quiz saber mais das Lojas, e continuou a viver na fé de seus Pais, e Avós; e, n'esse grande numero, sómente 160 sabião alguma cousa do que era Maçonaria. No anno de 1824, julgando-se os Pedreiros Livres em grande perigo de morte, pelos successos do dia 30 de Abril do mesmo anno, depois que poderão desfazer-se do seu *Terror*, augmentárão o seu recrutamento para se reforçarem pelo seu numero, e pela simulação da Realeza de 1823: no anno de 1826 tiverão de duplicar a sua força, não só para adquirir séquito na esperada Carta Constitucional, como para agencear meios de pagar o porte da Carta, e Defensores, que a sustentassem; *trezentos mil cruzados para o Carteiro*, cem mil para *Fulano*, cem mil para *Sicrano*, cem mil para *aquell'outro*, era muito dinheiro! As Lojas existentes no anno de 1824 não podião supprir a tanto: as mesmas de 1826 não satisfizerão toda a *Collecta*, foi preciso recorrer aos roubos das Igrejas, que por esses tempos apparecêrão feitos por salteadores, e taes salteadores nunca forão agarrados: e como o podião ser, se elles erão Maçons, e tinhão alta protecção?

Todavia as Lojas Maçonicas de Portugal, numerosas como ellas são, jámais concordárão seriamente sobre os meios, e fins: no mesmo anno de 1826, não querendo que o *Terror Legitimo* os dominasse, quero dizer, o Senhor Dom Miguel, que he o *Terror da Maçonaria*, e o Principe, a Quem as Leis chamavão ao Throno, e outro sim receosos da dominação de hum Principe, que he Maçon, mas he Despotico, e Violento em todos os seus procedimentos, a Maçonaria Portugueza, dividindo-se entre si, quiz dar o Throno a huma terceira Pessoa: elles havião forjado huma Ordem do Senhor Dom João VI que, removendo do Throno os dous Filhos Varões, declarasse outro herdeiro, e successor; para isso havião elles engajado huma parte da Tropa, assalariado a hum povo vagabundo, e mendigo, impresso hum extraordinario numero de Proclamações, e distribuido os Póstos, e Lugares, que cada hum dos revolucionarios devia occupar: esta conjuração existio, e d'ella nos dá toda a certeza huma Publicação impressa na Officina Regia no corrente anno de 1832 com as licenças necessarias. Quão bella occasião n'erse tempo para destroçar a

Maçonaria dividida! Mas chegou o *Carteiro*; a conjuração não póde realisar-se; os nomes dos Maçons conjurados ficárão escondidos!

Logo a Maçonaria he summamente numerosa em Portugal? Sim, muito, e muito; os factos, os successos fazem a prova; demonstração que não tem replica: hei de voltar a este campo immenso, sem personalisar, para evitar queixumes, e censuras. Eu escrevo com liberdade á sombra de hum Governo inimigo da Maçonaria; se elle a protegesse, eu teria sido prohibido destas Publicações: porém a libertinagem ainda a excede; e a indifferença Religiosa he desmarcada: d'essa tolerancia da Maçonaria, d'ahi vem os males de Portugal, a estada de hum punhado de rebeldes no Porto, a assolação do infeliz Minho, e mes sustos, de qúe Deos acabe de entornar o calis da sua ira, a pestilencial *Cholera-morbo*, que vai despovoando o mundo inteiro.

Mas como podemos evitar esses males? Tres meios temos para isso, a saber; o exterminar a Maçonaria; reprimir a libertinagem, despertar a piedade Religiosa: os dous primeiros meios são quasi da mesma natureza; a libertinagem cahe do mesmo passo que a Maçonaria cahir; e a piedade Religiosa fará o resto: creio que só por estes meios abriremos as portas do Ceo, e alcançaremos da Divina Clemencia a suspensão da sua terrivel ira; só assim a Guerra acabará por huma vez, virá a paz, e a abundancia, e a saude corostrá tão preciosos bens: tentemo-los, e, se não acertarmos, renuncio á minha propria existencia, compromettendo-me a soffrer, como enganador, ignorante, e máo conselheiro, todos os males, que se merece o mais perverso Maçon! Conheço que estas cousas não agradarão a todos: mas eu me defendo com o agudo Epigramma de João Oven:—

Qui scribit laudatur ab his, culpatur ab illis,
Lectoris vultu statque, cadítque sui.

Porem não me entristeço com que os Pedreiros e en-

tristeção, antes folgo; e muito mais, se a sua tristeza produzir a sua conversão: mas isto he *pedir Peras ao Olmo.*

He impossivel exterminar a Maçonaria, sendo ella tão numerosa, como acabo de ponderar. — Assim he como os Soberanos se tem enganado com hum receio, que não he mais de huma têa de aranha. Tres duzias de Maçons, que em Portugal fossem abaixo, a Maçonaria estava em terra: em o Governo exterminando a Maçonaria Directora, ou Influente, e a Maçonaria Moderadora, o que se conseguia com o exterminio de tres duzias de homens; tudo o mais era hum sopro: esta grande cadêa da Maçonaria em Portugal prende em poucos homens; os mais são huns pobres asnos: elles discorrem, julgão, obrão, e se movem em todas as direcções, porque acreditão quanto lhes dizem os Maçons directores. Lá lhe mettem estes *que a França, e a Inglaterra intervem nestas, e naquellas cousas; que isto está feito; que o Partido vencedor he este; que todos os homens de bem assim pensão; que tudo está disposto; que não he possivel resistir*: e os pobres tôlos presos á grande cadêa, como burros continuados pela conjuncção corda, vão apoz dos seus directores, e forcejão por suster o mesmo, que acreditão; ora (como acaba de me escrever hum Magistrado) extincta a causa, os males terminão: tirada a acção do motor, o movimento cessa: nada mais facil: o Governo tem em suas mãos o freio da Maçonaria: fique a Directora, e a Moderadora sem acção, e os baixos Maçons estão *ipso facto* exterminados: basta desempregá-los, e não empregá-los; com isto os rebeldes do Porto julgar-se-hião no mesmo momento perdidos, e sem acção; acabaria acaso então a guerra; a paz resurgiria; a abundancia appareceria; e a saude talvez fosse estavel, e permanente, sem susto, nem receio: eu conheço bem os Maçons baixos, e de quanto elles são capazes: coitadinhos! de nada servem, e para nada prestão; huma chibata os faz ir para a Causa do Throno, se o Governo cortasse a direcção, a influencia, e o movimento da Maçonaria alta!

Mui rapidamente vão jogados estes pensamentos; mas elles entraráõ hum dia no seu regular andamento. Em huma palavra: para exterminar a Maçonaria em Portugal, não se precisa de muitas mortes, de muitas cadêas, nem de

muito barulho, nem ainda de muita força; bem que, se esta fosse precisa, nenhum Governo do Mundo tem como o Governo Portuguez hum Soldado, e hum Povo, que he o exemplo do valôr, e da fidelidade de todo o Mundo: a heroica Nação Portugueza não quer Pedreiros, e tanto basta para que elles possão ser exterminados com a maior facilidade: havendo entendimento, e vontade, a Maçonaria alta está em baixo sem sangue, sem motim, e sem algum perigo. Ah! Que os motores da Maçonaria são muito poucos, ainda que os movidos por ella são em grande número! *Et nunc Reges intelligite, erudimini, qui judicatis terram.* Vêde, ó Principes Catholicos, que os Maçons se conjurão contra Deos, e contra vós! nas vossas mãos está acabar com a Maçonaria com a mesma facilidade, com que se faz em cacos a obra de hum Oleiro: *et tanquam vas figuli confringes eos.* Os Povos altamente gritão que elles não querem Pedreiros: huma só voz retumba em todo o Orbe Catholico — *Desfaçamo-nos dos malvados Pedreiros Livres; rompamos as prisões, com que nos tem violentado; sacudamos por huma vez o seu jugo.* — *Dirumpamus vincula eorum, et projiciamus a nobis jugum ipsorum.* Psal. 2.

Exterminada a Maçonaria, tirando-lhe a acção á Directora, e privada da sua influencia a Moderadora, não empregando, e desempregando os Maçons, convencidos elles mesmos da sua impotencia, e convertidos aos seus deveres pela Politica, já desenganados de que não podem resistir ao poder de Deos, e dos Reis, e tendo experimentado quanto he mais suave viver debaixo do imperio da Justiça, e da Clemencia dos Reis, que debaixo do cégo, tumultuoso, e sempre arriscado prestigio dos *Grãos Mestres* da Maçonaria, a libertinagem, e a desmoralisação, sentindo-se sem esteio, por si mesma cahe, e se curva ás alliciantes impressões da Religião, e da Politica, estando de mãos dadas o Clero, e a Magistratura. Ah! Tempos dourados! Quanto excitais a saudade do Catholico Pensador! Então ás guerras domesticas succederia huma paz fraternal, união de sentimentos, e de costumes, mútua confiança, e coadjuvação, tranquillidade estavel, e permanente! Então os Povos não estarião inquietos, agitados, e convulsos como agora estão; não temerião huns dos outros; não desconfiarião alternada-

mente de si mesmos; se inimigos estranhos os accommettessem, na unidade da acção popular elles serião desbaratados! Se em taes, e tão ditosas circumstancias a Nação Portugueza estivesse nestes annos, de certo eu não veria que os rebeldes podessem entrar, e occupar o Porto; e, se o entrassem, eu não os veria permanecer nelle tanto tempo, assolar o Minho, devastar os Povos, roubar, e queimar os Conventos, e as Igrejas, e reduzir Portugal a hum estado de miseria, e de horror: eu não veria esta indifferença Religiosa.. .. terrivel, medonha indifferença, que reunida á libertinagem, e á tolerancia da Maçonaria, faz com que qualquer, que tenha lido a Historia de Israel, e as Historias da Igreja, tema, e trema de que a ira de Deos acabe de vasar as suas fezes sobre os duros de coração, que resistem aos seus Preceitos, que não attendem á sua Voz.....

O Povo Portuguez tem Religião, invoca o seu Deos, e confia nelle. — Assim he pela Divina Misericordia; mas eu vejo que o Soldado, e o Povo vai para o campo da batalha; que elle ahi peleja, e ahi morre, sem que os seus Chefes, e os mesmos Sacerdotes o tenhão disposto, e exhortado ao arrependimento dos seus peccados, e d'aquellas desordens, que a guerra sempre traz comsigo. Quanto seria agradavel ouvir antes d'entrar em combate huma voz, que por todos os combatentes se expressasse nestes, ou n'outros termos — *Meu Deos, em defeza do vosso Sancto Nome, e do Nome do vosso Ungido, Nosso Rei Dom MIGUEL, vamos atacar os vossos, os seus, e os nossos inimigos: ao Nosso Rei não temos offendido; a Vós, Justo Deos, sim, muito, e muito, de que muito nos péza: acceitai, Misericordioso Deos, a nossa fé, o nosso arrependimento, e estes trabalhos, e sacrificios, que offerecemos á gloria do vosso nome; e por elles dai-nos, ou huma victoria completa sobre os rebeldes, ou huma morte sancta na vossa presença!!!* E sobre este Acto de Contricção não recahiria a Absolvição Sacramental!!! Tenho presenceado alguns combates; mas isto não vi, não ouvi, nem sei que hoje se faça! Será isto pelejar, e morrer Christãmente? Terá sempre Deos a piedade de conceder a victoria ao número, e ao valôr? Os successos de todos os Exercitos não pendem do Supremo Senhor d'elles?

Mas que? Quantas são as Cathedraes, as Collegiadas, os Conventos, as Igrejas, as Capellas, e as Basilicas, em que os Sacerdotes, e os Povos inermes tenhão invocado o auxilio do Deos dos Exercitos, para que dê valor, e victoria ás Tropas Realistas, que pelejão pelo Senhor Dom Miguel; para que affaste do seu Povo o açoute da sua ira; para que prostre, humilhe, desfaça, e anniquile a soberba, a contumacia, a obstinação, e o poder dos rebeldes; e para que o seu Anjo reduza a pó as interminaveis conjurações da Maçonaria? Que qualidade de guerra he esta, em que a Religião he insultada pelos partidistas de Dom Pedro, e o favor da Religião não he invocado publicamente pela Nação, que defende ao seu Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro? Se a Nação armada em massa paga ao seu Rei o serviço da guerra, os inermes não pagaráõ a Deos o tributo da Oração? Que deve pensar d'isto o Christão reflexivo? Que he o que não deve temer, e recear? *Não ha perigo*, (dizem os tolos, e os malvados) e o inimigo ainda não foi vencido!!! *Não precisámos de recorrer a Deos*, (dizem os Maçons, os libertinos, e desmoralisados, e os indifferentes) e o inimigo nos ameaça por toda a parte!!! Ah! Quanto he certo que os Maçons são infieis a Deos, e ao Senhor Dom Miguel! Como he verdade que os libertinos, e desmoralisados olhão com indifferença para a Sorte do Senhor Dom Miguel, e da Monarchia Portugueza!

A Maçonaria, a libertinagem, e a indifferença Religiosa, e Política tem sido, e he a causa dos males, que a Nação Portugueza soffre, e dos que teme soffrer! Extingua-se pois a causa, para que os terriveis effeitos cessem! Mastiguem bem os pensadores aquella Sentença de *Vigecio*, Liv. I. Cap. 1. — *In omni prælio non tam multitudo, et virtus indocta, quam ars, et exercitium soleant præstare victoriam.* — Fique em Latim: e eu em Portuguez digo aos Portuguezes, e a todos os Povos do Mundo, que os artificios, as simulações, e as obstinadas perfidias da Maçonaria tem atirado muitas vezes de pernas para o ar o edificio da Realeza, ao parecer, o mais bem consolidado. Extingaõ os Governos Catholicos a origem das suas desgraças, e elles, sem susto, e sem receio de novas calamidades, alcançaráõ a victoria *sem oscillações*. Portuguezes! Vamos aos rebel-

des: invoquemos a Deos; em Deos temos toda a nossa esperança; porque não soffre a Justiça, e a Clemencia Divina, que os rebeldes triumfem....

Lisboa 20 de Agosto de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 63.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apol. C. 14. ℣. 15. Portuguezes! Que lhe esperais? O que ha de ser ao tarde, seja já. A Maçonaria já não vai senão com remedios heroicos; usai-os, que na vossa mão está o heroismo!

Celebraráõ os rebeldes no Porto n'este dia o anniversario do malfadado 24 de Agosto do anno de 1820? Seráõ elles tão ditosos, que ainda possão neste dia, tendo sobre si mais de ametade do Exercito, e dos Póvos em massa, insultar impunes, e descarados a desgraçada Nação Portugueza com a bacchanal recordação do dia, mez, e anno, em que tirárão ao Soberano os tres Poderes, de Legislar, Julgar, e Executar; em que tolhêrão a Portugal os Tres Braços do seu Estado, Clero, Nobreza, e Povo; em que roubárão a huma parte dos Portuguezes as suas tres caracteristicas qualidades, Valôr, Virtude, e Honra; em que estancárão as tres fontes da Prosperidade Publica, Agricultura, Marinha, e Commercio; em que espalhárão as tres Parcas, ou Furias, que tudo perdêrão, *Civilisação*, *Liberdade*, e *Igualdade*; em que assoalhárão as tres Cabeças da Maçonaria, Fraude, Simulação, e Perfidia? Ah! minhas lagrimas, não affectadas, nem hoje pintadas, mas então reaes, impetuosas, e públicas corrêrão n'esse infausto, aziago, e amaldiçoado dia! Hoje succumbiria ao peso de tão triste recordação; hoje arrojaria pelos olhos a minha pesada vida, se a Providencia não a detivesse; se toda a minha esperança não estivesse em aquelle Deos Todo-Poderoso, que nunca faltou a Portugal com as suas misericordias: sim, hoje es-

talharia de dôr na consideração, de que Portugal está aos pés *dos mesmos revolucionarios*, *que desde* 1820 *até* 1823, *e desde* 1826 *até* 1828 *abysmárão a Nação em hum sem numero de males.* Fraudulentos, Simulados, Perfidos! Não temo as vossas censuras; esta he a mesma linguagem do Augusto Rei a, Quem defendo: Elle assim se expressou na sua Proclamação ao Exercito, na segunda Ordem do dia 10 de Junho do corrente anno de 1832: não podeis pois tomar-me a palavra; não vos personalizo, ainda que vos conheço, porque ElRei não quiz personalisar-vos, e conhece-vos: a vossa trahição he pública; já não ha, quem não a conheça: Estrangeiros, e Nacionaes fallão: vossas obras vos desmascarárão: *vós sois os mesmos revolucionarios de* 1820, 1821, 1822, e 1823; *de* 1826, 1827, e 1828: aos vossos pés está Portugal; mas o Soldado, e o Povo hão de supplantar-vos: já fostes *vencidos em outras occasiões*; e se fosseis mortos, não vos *atreverieis agora a cometter o crime mais indigno.* Mas Portugal aos pés dos revolucionarios! — Sim: E quem o duvida? Forão já elles expulsos? Não: elles ainda *atacão a sua Patria: acompanhados de alguns Estrangeiros mercenarios, e vís, só tem em vista fazer fortuna em Portugal. Soldados! Libertemos agora de huma vez a nossa Patria d'esses indignos inimigos, que ha tanto tempo a perseguem.* São estas ainda as Augustas Expressões d'ElRei na citada Proclamação. Ora Portugal ainda não está *libertado d'esses indignos inimigos*, pois ainda o *perseguem:* Logo Portugal..... A consequencia he clara: Posso eu aclará-la mais? E não deveria succumbir a esta dôr, e ainda á desesperação? A' dôr sim, porém Deos me detem: á desesperação, não; porque minha esperança está em Deos, e Deos não falta com a victoria aos Soldados, e ao Povo, que tem feito, fazem, e farão, quanto está ao seu alcance, para *libertar* o seu Rei, e Senhor Dom Miguel, e a sua Patria d'esses indignos *revolucionarios de* 1820, *e de* 1826, *que ha tanto tempo perseguem* a Religião, o Throno, e a Nação. Revolucionarios! Haveis de perecer ás mãos dos Soldados, e do Povo: em vão trabalhais contra Deos, contra ElRei, e contra os Soldados, e Povos Realistas; podeis fazer-nos padecer, mas não haveis de poder triumfar: estais conhecidos!!!.....

E como não tremerião os revolucionarios, se o Clarim tocasse n'este dia a Vesperas Sicilianas? Mas quão medonho som! Indicado, ou antes brincando por mera hypothese no N.º 59 desta Publicação em hum andante Historico, Scientifico, e Moral, só com o fim de conservar no Publico a mesma sancta indisposição contra os inimigos do Al-

tar, e do Throno, e de arredar os revolucionarios do seu premeditado plano de anarchia, na certeza de que lhe seria tolhido, por hum igual movimento de reacção da parte dos Realistas, estas Vesperas Sicilianas ahi retratadas com horror, e tocadas como irreligiosas, e anti-Christãs, ellas fizerão arripiar os cabellos a muitos estrangeiros, e estrangeiras, residentes n'esta Côrte; gelou-se-lhes o sangue; perdêo-se-lhes a côr, e ficárão hirtos como as Estatuas do Egypto. Que peccados tem commettido contra a Nação Portugueza esses Estrangeiros, e Estrangeiras, para que as Vesperas lhes fizessem tantas cocegas, tanto susto, e pavor? Terão comido alhos? Parece que sim, pois, segundo o Adagio Portuguez, *quem se queima, alhos come.* Veio hum bom, e erudito Inglez á barraca, em que habito, e me pergunta: V. escrevêo para que todos os Estrangeiros fossem degollados no dia 24 deste mez — Ah! *Godemes*, lhe respondi eu em Inglez, por que não sei outra palavra: Quando escrevi eu essa Ordem? — O homem respondendo-me, ora em Portuguez, ora em Hespanhol, pois diz que entende bem estas duas Linguas, ainda que eu o não entendo bem em alguma (contarei este nosso diálogo de algaravia, passado na Quarta feira 22 do corrente, porque he cousa curiosa de se contar, e de se ouvir, e ainda mais de me vêr a mim, a mim!!! mettido com Inglezes) me disse: V. escrevêo essa Ordem, quando tocou a Vesperas: huma Senhora Ingleza m'encarregou de vir aqui a toda a pressa a saber a verdade, porque está summamente assustada — Então cheirará mal? — *Nó, diablo, nó se ria V.: la muger está em cinta* — Então, ou parir, ou rebentar. — E se tiver hum movito? (voltou elle ao Portuguez.) — *Eso és la misma cosa*, lhe respondi em Hespanhol. — *Veña; diga-me V. la verdad; porque la cosa és séria*, e todos os Estrangeiros estão com muito cuidado; (tornou ao Portuguez) já pedirão para que se mettesse a Esquadra Ingleza no Téjo por bem da humanidade de todos os Estrangeiros; e para desengano já se mandou comprar *la Defensa de Portugal: (mistiforio, ou mixordia* de linguas*) falle V. com franqueça* — Ahi tem o N.° 59, leia, e convença-se, de que vossês são pedaços de....: (Estive para lhe applicar a receita Hespanhola) lêo, e convencêo-se — Nós sômos huns loucos — *Tu dicis* — Andamos enganados. — Muito tempo ha, e não he de boa fé. — Se eu tocasse a Vesperas, era sómente para os revolucionarios Portuguezes; a nossa guerra he com elles; com os Estrangeiros estamos em paz; ainda que em amizade com poucos. — V. és hum grande *hombre*. — Desejo fazer grande a Nação Portugueza, que já o

foi, e ainda o póde ser, se se descartar dos Maçons — *No* falle V. contra Maçons, *que és perdido* — *Quod scripsi scripsi* — *Doi-le a V.* hum conselho: fuja de Portugal; que Dom Pedro *queda de riba* — Pendurado! — *Nó: yo salvo a V.* *venga* para Inglaterra. — Hei de morrer Catholico, e Miguelista. — *V. és hombre de bien* — *Veio huma* garrafa de vinho: Escorripichamos a garrafa, e foi contente como humas Paschoas, certo de que póde beber na minha barraca, e viver na sua, que eu com esta gente não m'entendo. A cousa assim passou com toda a verdade; e n'aquelle dia Inglezes, Francezes, e Italianos comprárão o N.º 59 da Defeza, sendo á porta do Livreiro huma feira mais numerosa, e muito mais alegre, que a da Regoa lá para o Alto, e altamente infeliz Douro!

Oxalá que as Vesperas Sicilianas decidão a todos os Estrangeiros a lêr todos os Numeros da Defeza de Portugal, e a mastigá-los duas, e tres vezes; porque alguma utilidade póde resultar a elles, e a nós. Os Estrangeiros tem de facto sido enganados mais de huma vez: entre elles ha homens de muito boa fé, e nimiamente crédulos: seus ouvidos tem sido cheios de écos Constitucionaes, e tem faltado sagacidade, e ainda vontade para desimpressioná-los: se em todos os Portuguezes houvesse hum amor positivo pelo Senhor Dom Miguel, o amor, que he arteiro, houvera feito prodigios politicos em favor da Nação Portugueza! Será possivel que os filhos das trévas, os Maçons sejão mais sagazes, e prudentes, que os Realistas? Ou haverá muito Maçon com capa de Realista? Se eu bullisse em todo o teclado, sahiria huma *Zangarreada* peior, que a das Vesperas Sicilianas: largo pois mão de certas teclas, não quero puxar por todos os registos, e acabo a verdadeira anecdota das Vesperas Sicilianas.

Ora ao lêr esta minha passagem com o Inglez algum Valentão Ferrabraz dirá para si, que o Padre he hum fraco; pois se o caso assim passasse com elle, dava-lhe quatro rodadas de cacete. Vá de galhofa: eu sou huma formiga na presença de hum Inglez qualquer, todo me interiço de medo, ou porque elle tem mais força do que eu, ou porque assim o imagino: se he imaginação, eu não posso vencer-me a mim mesmo: se he realidade, eu não posso vencê-lo a elle: por este modo não falto a mim mesmo; porque hum dos deveres da prudencia he não medir as forças, com quem he muito superior n'ellas, ou porque realmente assim he, ou por que assim he imaginado, pois tambem a imaginação produz algumas realidades. Por outra parte, he a maior loucura do mundo, que alguem perca ambos os

olhos por tirar hum só ao seu inimigo, ou que alguem fira ao seu inimigo na ponta de hum cabello, expondo-se a receber huma estocada no coração. Ainda mais: julgo que he huma grande incivilidade desfeitear alguem em minha casa, e que não devo retribuir-lhe na mesma moeda, ainda que seja desfeiteado por elle, seguindo nesta parte aquella Regra do Apostolo — *Vince in bono malum.* — Mas eu quero fartar-me de razão, e por isso continúo dando mais razões da minha real, ou estudada fraqueza em este mesmo estilo joco-sério. Hum homem bem educado, e pensador soffre em sua casa ao seu hospede incivilidades, e impertinencias, que não sabe disfarçar aos seus criados, aos seus filhos, nem á sua mesma mulher, a quem muito estremece. Hum Estrangeiro ainda merece mais contemplação, que hum hóspede Nacional; porque são outras as regras da sua civilidade; outros os seus usos, e costumes; outros os seus habitos, e propensões; e por isso o homem bem educado, e pensador contemporisa com elle, e lhe cede em muita parte da sua razão, bem persuadido, de que certas cessões, e condescendencias são os primeiros laços da Sociedade. Convem igualmente, segundo outra Regra do Apostolo, que nós soffrâmos aos outros, para que elles nos soffrão a nós; porque este he o meio mais seguro de evitar as desordens na Sociedade. Ainda outra Regra do mesmo Apostolo obriga a todo o homem bem educado, e pensador a que se não impaciente, nem altere, ou perca as estribeiras ás menores injurias, que se lhe fação — *Date locum iræ* —. Ainda outra Regra ordena ao homem bem educado, e pensador, que dê tempo ao tempo; que espere o tempo; que tome o tempo; e que não perca o tempo; porque o tempo tudo traz, e tudo leva; tudo lembra, e tudo esquece; tudo ganha, e tudo perde; e não tem tempo, quem não conhece o tempo.

Estas razões parecerão muitas, e todas ellas são poucas para hum covarde, como eu, poder desculpar a sua falta de valôr. Ha dias, que eu me achava no Cartorio do Tabellião João Luiz Fernandes Braga, com occasião de reconhecer por elle huma letra, que não era para receber dinheiro, porque essas letras ha tempos, que elle não reconhece, pois que de lá, como só Realistas apparecem, fugíão todas as letras, que valem dinheiro: ora, como ía dizendo, já mui avançadas as Vesperas d'esse dia, chega ahi hum Inglez, e pergunta pelo dito Tabellião: responde-se-lhe, que não estava alli: interna-se o meu Inglez no segundo aposentinho do mesmo Cartorio, ou na segunda casinhola daquella morada, onde eu me achava na mesma

demanda: apparece com o seu chapéo encasquetado na ruiva cachola, estando todos os que alli estavão, descobertos, até eu com ser o Abbade Primaz de Rebordosa, e com todas as minhas Medalhas, e honrarias; eu, que tenho privilegio de cobrir a minha caveira *delante del mismo Dios*: levantámo-nos todos os circumstantes, e eu mais cheio de respeito me inclinei tanto, que cheguei com a cabeça aos pés na figura de hum *ouriço cacheiro*; insta o Inglez perguntando pelo mencionado Tabellião, e segunda vez se lhe disse, que não estava alli: *Onde está?* insiste elle; e se lhe diz, que a tirar huma devassa: *Que me importão a mim as devassas? Eu quero reconhecer mia letra: sua obrigação he estar aqui; mas eu lo ensinarei; ou tenha su casa fechada, ou esteja aqui: Não sabe que sou Inglez? A Inglaterra ha de castigar esses pocos desaforos:* e foi-se embora. Eu que isto ouvi, confesso a minha fraqueza, de medo fiquei com tal molestia, que ainda hoje não tenho as tripas direitas; foi-se o homem, e eu apoz d'elle fugi, que nem sei, por onde vim, nem o que vi; mas figurou-se-me na minha fantasia vêr entrar dez Náos Inglezas pela porta dentro do Cartorio do pobre Braga; o certo he que nunca mais tornei a entrar no tal lugar dos meus medos, sem perguntar antes, se lá está algum Inglez! O caso foi tal, e qual; o que póde não ser verdade, será a minha fraqueza, e aquillo da entrada da Esquadra pelo Cartorio a dentro: mas tive meu susto de que o Tabellião Braga, só pela razão de ser muito honrado, muito Realista, e muito prudente passasse por algum incómmodo, d'esses que tem promovido a monita secreta da Maçonaria, para remover do Serviço Publico os mais distinctos Portuguezes. Lá vai, disse eu para os meus botões, o pobre Braga; não lhe bastava entisicarem-no com o fazer tirar algumas duzias de Devassas Officiosas, que só rendem para o Carcereiro, com o haverem enviado a viajar por essas Ilhas Açôres em busca de rebeldes, que não forão tomados na Terceira, e que forão deixados em S. Miguel, com o haverem obrigado a trabalhar para o Bispo, ficando-lhe as mãos çujas de tinta, e a sua casa, e familia limpa, e varrida, do que elle gastou por lá, por esses mares, e por essas terras; e ainda assim mesmo do rendimento de hum Officio, em que he simples Serventuario, (pois propriedade para Realistas velhos custa a apparecer) offerecêo para sustentar a Causa do Senhor Dom Miguel, e da Nação Portugueza quarenta mil réis cada hum anno por espaço de seis: caso este mui semelhante ao d'aquella pobre mulher, chamada Marianna Rola, acontecido no lugar do Espinhal, julgo que da Comarca

das Cinco Villas de Chão de Couce no mez de Maio do anno de 1809 !! elle passou assim. Achava-se então o Exercito Portuguez em Campanha contra o Exercito Francez em tal necessidade de pão, que foi preciso, para elle não perecer á fome, sollicitar pelas casas dos particulares o seu sustento como por esmóla: (E hoje acontece o mesmo em huma guerra Civil? Ah!!...) áquella pobre mulher não se lhe pedio soccorro algum, porque o Corregedor pedinte sabia o seu estado de penuria; porém ella sahe ao seu encontro, e lhe diz: — *Eu sei a diligencia, em que andais, e admira-me, que não requeresseis o meu donativo, talvez porque conheceis a minha pobreza: acceitai pois os pedaços de pão, que trago n'este regaço, e direi a esses ricos que prestem o que tem em beneficio dos Libertadores da Patria, assim como faz a pobre Rola, pois que este pão alcançado pelas esmólas he, o que tinha para o meu sustento, e de boa vontade eu soffro esta privação, e sacrificio; porque mais devo eu fazer pela Religião, pelo Soberano, e pela Patria.* — Tal foi o caso, e que tem hum *simil* no Tabellião Braga, e na actual Campanha tem muitos sequazes n'esses Districtos do Religioso Minho; mas para acabar de contar o mais da pobre Marianna, direi que ella foi assassinada pelos Francezes no anno de 1810: esta mulher foi hum poderoso incentivo para os poderosos: Mover-se-hião por elle os Portuguezes abastados no presente anno de 1832? De muitos tenho noticia, que não; porque são *malhados*, ou egoistas, ou não querem Deos, nem Rei, ou sómente a sua barriga he o seu Deos, e o seu Rei — *Quorum Deus venter est* —, disse o Apostolo. Do caso exemplar, e edificante d'esta pobre mulher vive ainda hoje huma testemunha sem alguma suspeita, o Illustrissimo e Excellentissimo, e sempre respeitavel Conde de Basto, que mandou fazer suffragios pela alma d'aquella piedosa mulher no Convento da Senhora da Soledade de Cabeceiras de Basto, de que elle he hum Especialissimo Padroeiro. Bella occasião me subministrava esta mulher, para dar huma saltada em tantas mulheres vaidosas, e desapiedadas, que não só impedem a seus maridos de soccorrer o Estado, mas até lho impossibilitão com as despezas, que elles se vêm obrigados a fazer, pelas contentar, em luxo, em superfluidades, e em ninharias, com que ellas, se são carcassas se fazem o ridiculo dos Povos, e se são novas dão em que fallar aos mais silenciosos, e prudentes. Mas, como fez Ovidio, e não cumprio — *Propono numquam magis componere versus* —, não quero andar de voltas com essas mulhereszinhas, em quanto lhes não vasar o tinteiro sobre os seus vicios; porque então

ponho-as todas em pratos limpos. Esperem lá, ou avenhão-se com o Tabellião Braga, ou mesmo com o Padre Mestre Braga, que este está-lhes mui obrigado pela protecção que aqui lhe dispensarão á Maçonica, e pela continuação da mesma lá na Figueira, onde as brancas azuladas fizerão a segunda parte das de Lisboa.

Ora já os meus Leitores não podem ter dúvida, que aquelle susto, que me causou o Inglez no sobredicto, ou maldito Cartorio, não só fez huma revolução nas minhas tripas, como na minha cabeça; pois tanta cousa não viria aqui em tom de Zanguizarra, e em passo de chula, se o cerebro podesse guardar algum concerto, ou amanho nas suas especies intellectuaes; porém estes são embrulhos, que servem para muita cousa; o Clarim agora está de emboscada; se se descobre, se a patada apparece, temos touros da Chamuca; todos elles serão de morte: deixem-me trabalhar alguns dias n'este chavascal, que pouco falta para entrar em campo aberto. Voltando pois ao caso do Inglez, o honrado Tabellião seguio meus conselhos, ou annuio a meus rogos. — Não assopre essa faisca, lhe disse, e pari; não dê entidade a pequenas cousas; não faça huma grande lavareda, que he facil apagar no seu principio; saiba que o Inglez estava tomado da pinga; não se tome com bebados, nem com tolos, nem com loucos; faça-se pateta, e que não sabe de cousa alguma; se voltar ao seu Cartorio, não o reprehenda, ainda que tenha huma loja de chapéos na cabeça; antes tracte-o com cortezia; dê-lhe tres mil Senhorias em hum minuto, e muita feita de cão; os homens não são os mesmos em todas as horas; ha muita differença de Inglezes a Inglezes, mais, ou menos como em todas as Nações. Dito, e feito: nada houve, nem devia haver; porque o Inglez ameaçador esquecêo-se no dia seguinte, do que dissera á hora de Vesperas.

Mas eu me não esqueço das Vesperas Sicilianas. Suponhão os Estrangeiros, que eu as aconselhasse! Quantas traições, e perfidias tem elles commettido do mesmo, ou ainda de maior lote! Quantas Cidades aleivosamente queimadas! Quantos Navios perfidamente tomados, roubados, e incendiados, ou mettidos a pique! E se tantos males podessem poupar-se as Nações com humas Vesperas Sicilianas, não seria hum mal menor? Seria muito desacerto com a morte de dous mil homens em huma hora evitar a morte de vinte mil em hum anno? Não deve preferir-se o mal menor?

Em que os escandalisa o Padre, por fallar nas Vesperas Sicilianas? Se mesmo elle aconselhasse que no dia 24 de

Agosto do anno de 1832 fossem mortos simultaneamente os Malhados, e Malhadas de Portugal, produziria esse conselho o desejado effeito? Mas produzisse-o elle; não acabaria assim a revolução por espaço de dous Seculos? Que victimas se não poupavão em tão longo espaço? Que bens preciosos não resultarião á Nação Portugueza?

Como se não escandelisárão os Estrangeiros de que nas Côrtes, ou na má Governadeira do principio do anno de 1823 hum *Preopinante* liberticida lembrasse hum mez de anarchia sobre os Realistas Portuguezes? Como se não offendêrão de que esses Catilinas escrevessem, que a arvore da Liberdade Constitucional não medrava, sem que fosse regada com sangue carcunda? Como se lhes não arripiárão os cabellos, de que o seu Pedro, o Nero Portuguez, aconselhasse a mesma enxurrada de sangue aos seus sequazes? Ignora o Publico Hespanhol que os seus *Robespierres* no anno de 1814 tinhão decretado assassinar em todos os Povos notaveis do Reino em hum mesmo dia, que havia ser o de *Corpus Christi*, a todos os *Servilões* de nome, com o signal de que aquelle Hespanhol, a quem outro lhe mostrasse huma certa moeda de huma *legenda* especial, não lhe apresentando immediatamente outra da mesma qualidade, fósse immediatamente *apunhalado* pelo liberalão! Saibão, sim, saibão os Portuguezes todos de toda a idade, condição, estado, e sexo, que a Junta Maçonica Directora de Portugal, á frente da qual vem o feroz, e sanguinario Pedro, tem igualmente decretado, se tomasse posse de todos estes Reinos, assassinar, não ao acêno de huma moeda, mas ao pronunciar huma palavra, a todo, e qualquer Portuguez, que *in continenti* não dissesse a correspondente, pela maneira, e forma, que os Judeos practicárão, servindo-se da palavra — *Isboseth !!!*

Ora eu não tenho prégado a morte de huma maneira positiva senão em guerra justa, e em defeza propria; mas embora a prégasse. lá acharia entre esses Estrangeiros mil mestres do assassinato, do Regicidio, e da matança no Sacerdocio, e na antiga Nobreza. Porem digão-me: a morte de cincoenta coriféos da Maçonaria no anno de 1817 não teria poupado immensos males, que se seguírão á Nação Portugueza nos annos de 1820, 1821, 1822, e 1823, alem das suas incalculaveis perdas fisicas, e moraes? A morte de cem homens revolucionarios incorrigiveis no anno de 1823 não teria poupado tantas mortes, milhares de mortes, tantos padecimentos, infinitos padecimentos, que tem soffrido a Nação Portugueza? Pode alguem responder-me?

Disse-me aquelle Inglez, bom homem, e erudito, quan-

do veio visitar-me em outra occasião, que se os Escriptores Inglezes tivessem noticia do meu Papel, certamente me responderião de huma maneira capaz de me impôr silencio. Respondi-lhe com huma gargalhada, e com huma bravata Hespanhola: Tres mil Escriptores Inglezes não serião capazes de responder satisfactoriamente a hum só dos meus argumentos: repito, sem me rir, e nem brincar, com toda a seriedade, a mesma fanfarronada; elles não poderáõ impugnar-me em huma só razão da Defeza de Portugal, ainda que por hum dos seus *pithonissos* fizessem resurgir o seu Baccon, o seu Lokio, o seu Newton, nem o seu, e meu amado Milton; sejão-me embora superiores em noticias; eu hei de fazer-lhes confessar a minha superioridade em Dialectica: esta he huma guerra literaria emprehendida em Defeza de Portugal: os Governos jámais fôrão responsaveis huns aos outros por semelhantes contendas entre homens de penna: salve-se somente o respeito aos Soberanos, aos seus Ministros, aos seus Representantes, e Funccionarios Publicos; da minha parte está feito o meu protesto de acatamento á Authoridade, mesmo á do Consul Inglez residente n'esta Côrte, ou de outro qualquer Consul da mesma Nação, que resida em qualquer dos Estados, e Dominios do Senhor Dom Miguel. Este he o Direito das Letras. Estou por elle; todas as concessões, e partidos lhes faço; menos da Honra, e Optimo Nome do Senhor Dom Miguel, das Virtudes da Nação Portugueza, e da minha razão: mas saibão os contendores, antes de entrarem em campo, que as *Prosopopeas* são admittidas em todas as discussões literarias, e que o Governo Portuguez não tem tanta imbecillidade, que hoje prohiba, o que sempre foi consentido em todo o Reino, a saber, *pôr o ramo em huma porta, e vender-se o vinho em outra.* Mas nós não podemos entrar na contenda: os Inglezes não estão obrigados a entender, e menos a escrever na Lingua Hespanhola, ou na Portugueza: eu tambem estou desobrigado de escrever na Lingua Ingleza: escolhamos a Latina; se meu estilo não fôr *Ciceroniano*, como de certo não he, será o vulgar *Jesuitico*, quanto baste para a commum intelligencia. O assumpto está proposto.

1.° O Senhor Dom Miguel, meu Rei, e Senhor, tem as qualidades mais amaveis, e mais excellentes do Mundo todo.

2.° O mesmo Augusto Senhor tem as virtudes mais proprias para reinar.

3.° Elle he altamente piedoso, bemfazejo, e amante da paz.

4.° Elle he capaz de salvar os seus Povos e de fazer a sua prosperidade, porque os ama e zela o seu bem-estar.

5.° Elle deseja e desejou sempre com ardor do seu coração conservar a sua Nação em alliança e amisade com todos os Estados e Paizes com quem de longos seculos se conservára alliada e amiga.

6.° Elle não tem paixões e resentimentos particulares de vingança, de odio ou de capricho a que queira satisfazer.

Logo o Senhor Dom Miguel deve ser Rei de Portugal, segundo todos os principios e presuppostos Inglezes.

Pelo contrario: 1.° Dom Pedro tem as qualidades mais odiosas e mais execraveis do Mundo todo.

2.° Elle não tem virtudes algumas proprias, para occupar hum Throno qualquer.

3.° Elle he altamente arrebatado, violento, inquieto, e inimigo da tranquillidade.

4.° Elle he incapaz de salvar seus Povos e de fazer a sua prosperidade, porque não ama alguem e he indolente á sorte dos que governa.

5.° Elle não he capaz de suster consequentemente a alliança e a amisade de Portugal com outro qualquer Estado ou Paiz da Europa.

6.° Elle abunda em paixões e resentimentos particulares, de capricho, que deseja satisfazer.

Logo Dom Pedro não deve ser Rei de Portugal, segundo os principios, e presuppostos Inglezes.

Ora como jámais os arguentes possão convencer-se da verdade, nem deduzir huma conclusão, que lhes seja vantajosa, sem que exponhão o estado da questão, e convenhão em principios, eu tomo sobre mim esse pequeno trabalho.

Estado da Questão.

Portugal e a Inglaterra tem diversos interesses intellectuaes e reaes: o interesse intellectual de Portugal he a intolerancia Religiosa e Civil: o interesse intellectual da Inglaterra he a tolerancia Religiosa e Civil: o interesse real de Portugal he o augmento da sua Agricultura e da sua Marinha: o interesse real da Inglaterra he a conservação e o augmento do seu commercio e exportação.

Agora cabia aqui mui naturalmente assentar nos principios por onde *estas Questões* poderião decidir-se a *aprasimento das duas Nações:* mas metto-me na concha, porque ignoro se me deixaráõ estender muito as unhas de fóra. Qual outro pobre, que não tem mais de huma velha chou-

pana, em que se abrigue do rigor das Estações, e vendo-a arruinar-se, corre aqui, corre alli; aqui, e alli tapa, cá, e lá repara, mas nunca faz os reparos com perfeição, e segurança; outro tanto me succede a mim com estas Publicações em Defeza de Portugal, não lhes dando jámais aquella perfeição, e consistencia, de que o Edificio Religioso, e Politico precisa. Se os tempos fossem mais tranquillos; se o vento assoprasse do lado, que eu queria; se não estivesse com a mão, e com a bôcca no Clarim, este Número 63 agradaria mais aos literatos amantes da sua Patria, que todos os outros do seu agrado, sem exceptuar o 56, e o 60; a todos sería superior. Mas com estudo volto ás Vesperas Sicilianas, e dou fim.

Para apear a Maçonaria, talvez nem huma morte fosse precisa; a Politica sería sufficiente. Logo não sou Apologista da morte.

Para desarmar a rebellião, e tolher as suas erupções, hum pouco de sagacidade era bastante em alguns mezes do anno de 1828; a Politica pôde fazer tudo nos annos de 1829, 1830, e 1831; a Politica ainda pode fazer alguma cousa no presente anno de 1832.

Mas onde a Politica não chegou, chega a bravura, o valôr, a intrepidez, a coragem, a fidelidade, a constancia, o soffrimento, a subordinação, o heroismo dos Soldados, e do Povo! Elles são os valentes da Igreja Catholica Portuguezes, aos Rebeldes, que Deos peleja pelo vosso Rei Dom Miguel, e por vós! Deos he o Politico Supremo da Nação Portugueza! Elle desfaz as ignorancias, e as simulações! Elle emenda os desacertos, os enganos, as impoliticas, e as trahições! Portuguezes, Deos he por vós! Sua he a Causa! Vossa he a victoria! Gloria a Deos! Louvor aos verdadeiros Realistas Portuguezes!

Lisboa 24 de Agosto de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 64.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! A elles, que são poucos! Vôs sois muito superiores em número, e em força aos vossos inimigos; o vosso valôr lhe o valôr dos Portuguezes honrados, e que sabem cumprir o seu dever; e a vossa Causa he a Causa da Religião, do Throno, e da Independencia Nacional, que os vossos inimigos sempre tem atacado, e que tambem agora atacão; em huma palavra, a vossa Causa he a mais justa, e a mais sagrada. Portuguezes! ElRei espera, e confia das vossas Armas, e da vossa Lealdade o mais completo, e glorioso triumfo! Apressai esse momento.

Se como o modestissimo *Gerson* compoz o immortal Opusculo — *De parvulis ad Christum trahendis* — do modo, por que as crianças hão de ser chamadas para Jesus Christo, fosse eu encarregado de formar huma Artesinha de *os rebeldes se reduzirem á devida obediencia*, estudando antes para os outros, que para mim, renunciaria a todas as delicias, e commodidades da vida, segundo a recommenda-

ção de *Horacio* na sua Arte Poetica, para me fazer com a copiosa eloquencia dos *Ciceros*, dos *Eschines*, e dos *Demosthenes*, com a grave facundia dos *Ausonios*, com a fluente amenidade dos *Plinios*, com a persuasiva sabedoria de *Ulysses*, e com o estilo sentencioso de *Seneca*, pagando todos os direitos á grande Alfandega das Sciencias, procurando elevar-me como *Platão* sobre a esfera commum dos homens, para fazer hum importantissimo serviço a Portugal; pois que as Nações, como diz *Justiniano*, defendem-se assim pelas Armas, cómo pelas Letras — *Imperatoriæ Majestatis proprium est non solum armis decorari, sed etiam legibus armari, ut utrumque, et belli, et pacis recte gubernetur*.....

Qual seria esse serviço importantissimo a Portugal, se meu poder fosse tanto? Desmontar as Revoluções pela Politica, antes que pelas Armas — Fazer tudo por amôr da Paz — Não provocar jámais a guerra assim no interior, como no exterior — Procurar contentar sempre, descontentar nunca — Não dar motivos.....

Corto a linha; estendê-lahei a seu tempo; e se a apresentar em pedaços, ou retalhos, tenhão os meus leitores a bondade de unir todos os Números escriptos, e que escrever, e nelles acharáõ quasi completo o Edificio da Realeza, ou a Náo do Estado, se me fôr concedido rematar o *chapiteo* de pôpa á prôa.

A má administração de justiça he ordinariamente a causa das Revoluções!.... Perdoar todas as vezes, que se pode perdoar, porque a justiça vindicativa entre os homens não se deve exercer para os punir todas as vezes, que delinquem, mas para os ensinar, a que não delinquão com frequencia; esta parte da justiça não he para matar senão os incorregiveis; he para emendar os homens, que são *dociveis* pela sua natureza. — Não premiar, honrar, distinguir, agraciar, e privilegiar senão, a quem com evidencia se deve; porque a justiça distributiva entre os homens não se deve exercer para fazer amigos, compadres, e afilhados, mas para fazer bons, uteis, e exemplares; esta parte da justiça não he para fomentar caprichos, paixões, e arbitrariedades; he para animar as virtudes raras, feitos singulares, e custosos, acções arriscadas, e gloriosas. — Examinar as causas.....

Torno a recolher a linha ao novello: o Clarim está de

emboscada, ou de embrulhada, e por estas figuras, que hé o dito *ovo com a casca*, vou dizendo, o que muitas vezes se não tem feito, e o que sempre devia, e deve fazer-se; e como por estas, e por aquellas cousas, por taes, e taes injustiças, por aquelles, e mais aquelles desacertos as Revoluções tem sahido debaixo dos pés, e ainda não apparecêo outra Arte de as evitar, e de as reprimir, que a da Guerra, sendo mais poderosa a Politica, mais justa, mais util, mais honesta, e mais amavel. Oh! Babel Civil!....

Cecrope, Rei do Egypto, foi o primeiro, (ao que dizem) que instituio o *Areopago; Solon* o estabelecêo em Athenas. Este era hum Tribunal de Justiça Universal: os Soberanos estavão á testa d'elle; ahi davão audiencia aos seus Povos sobre todos os seus negocios, e pertensões: ahi se reunião aquelles tres predicados, que no sentir de *Philo* são necessarios para o Poder se fazer amar, e respeitar, a saber, *Magestade*, que produz reverencia, *Gravidade*, que incute respeito, *Beneficencia*, que move a amor, e amisade: ahi os pobres tinhão protecção, as viuvas amparo, os orfãos asylo, os delinquentes, e aggressores castigo, os virtuosos estima, os benemeritos premio, os Militares honras, e mercês, os Povos todos a devida consideração: ahi se conservava a justiça inteira, illesa, incorruptivel, e independente do soborno, das peitas, dos compadrios, das coacções, e dos temores: ahi se decidia da justiça da paz, e da guerra: ahi se tractava da conveniencia, e desconveniencia da alliança, da communicação, e do commercio com as outras Nações: ahi se fugia de todos os extremos, do rigor, da tolerancia, da condescendencia, do orgulho, da baixeza, da temeridade, da humiliação, da ousadia, da vileza: ahi se escolhião os Generaes para a guerra, dictavão-se-lhes as regras, nomeavão-se-lhes os subalternos, e a todos se lhes proporcionavão os meios de alcançarem a victoria para a Patria: ahi se calculavão as forças do Estado, como ellas podião augmentar-se, e como as Classes, e os individuos se havião de coadjuvar, e felicitar reciprocamente: ahi tomava-se o peso ao Estado comparativamente com elle mesmo, e com os Estados Estranhos: ahi finalmente os Soberanos, se não sabião, aprendião a reinar, e a conhecer os seus governados, sendo seu Poder absoluto, e independente, mas não de maneira que vivessem, obrassem, e

trabalhassem abandonados a si mesmos, porem ajudados, soccorridos, illustrados, acompanhados, e seguidos sempre dos membros do *Areopago*, tornando-se assim tanto mais forte o Poder Soberano, quanto elle estava concentrado, e desenvolvia huma acção universal. Este não era hum Tribunal de processos, de formalidades, de arengas, e de muitas palavras, ou de muitos escriptos; elle era hum Tribunal de realidades, de huma acção grandiosa, e efficacissima, de effeitos proveitosos, e permanentes: não era hum Tribunal de passar o tempo: elle era hum Tribunal de salvar o Estado nas suas Classes, e individuos. E se isto assim não foi, assim o pintárão; porque as Historias muitas vezes descrevem os seus Heroes, não como elles fôrão, mas como o devêrão ser, ou como os Historiadores querião que elles fossem; assim o Mundo he ensinado muitas vezes, e assim vou eu indo algumas vezes com o *ovo na sua casca.*

Em Portugal houve tambem o seu *Areopago*, mas com outro nome; pois desde os principios da Monarchia no tempo do Senhor Conde Dom Henrique até o Senhor Rei Dom Sancho Primeiro todos os Soberanos decidião por si mesmos as Causas de todos os seus Vassallos, e todos os negocios do Reino, ajudados de Ministros, a que hoje se dá o nome de Desembargadores do Paço, Tribunal este, que no Reinado do Senhor Dom João I tinha o titulo de Desembargo d'ElRei, e Conselho d'ElRei, até que no Reinado do Senhor Dom Affonso V. tomou o titulo de Desembargo do Paço. Tanta foi sempre a attenção, que os Senhores Reis de Portugal prestárão aos negocios, e interesses do Estado, e dos Povos, que não somente se despachavão na sua presença, mas por si mesmos os decidião, e por esta forma todas as cousas andavão a aprazimento d'ElRei, e dos Povos, porque em todas ellas reinava a justiça, assim na paz, como na guerra, assim na alliança com as outras Nações, como na desalliança, assim na vingança dos crimes, como no premio das virtudes, tanto na distribuição das graças, e mercês, como na igualdade dos contractos, e dos interesses: este era o Tribunal da harmonia dos Reis com os Povos, e dos Povos com os Reis: o Senhor Dom João II foi o primeiro, que fez alguma variação neste *Areopago* Portuguez, classificando os negocios, ainda que as materias da Corôa sempre se decidião na presença d'ElRei;

e assim continuou no Reinado do Senhor Dom Manoel. O Senhor Dom João III assignou a esses Desembargadores hum lugar no Paço, a que se chamava — Casinha — onde elles se ajuntavão, e combinavão as materias, que depois devião decidir-se na presença d'ElRei. O Senhor Dom Sebastião foi o primeiro, que largou, e demittio de si a Presidencia d'este Tribunal; mas então a Monarchia Portugueza ía caminhando a bandeiras despregadas para a sua caducidade, como effectivamente caducou no seu mesmo tempo, por haver seguido máos conselhos, por não haver dado attenção aos negocios públicos, por se haver entregue ao seu genio fogoso, e á sua inexperiente idade. Assim não succederia á Nação Portugueza cahir nas mãos dos Estrangeiros, se o Desembargo do Paço, tomando collectivamente a attitude, que lhe convinha, fazendo até hum sacrificio de esforço, e de valôr, chegasse á presença do Senhor Dom Sebastião, e lhe impedisse a sua sahida de Portugal, fallando-lhe com energia, e com reverencia — « Senhor! A Salvação do Estado he a sua primeira Lei: Vós não podeis « faltar a esta Lei, porque vos deveis lembrar que nasces- « tes mais para os Povos, que para Vós: os Povos querem « vêr-vos perto de si, e não affastado, como quereis estar: « a Nação não tem outro fiador da sua existencia senão a « Vós: não podeis pois, faltando ao que deveis a Deos, a « Vós, e á Nação, para quem Deos Vos creou, seguir con- « selhos tão errados, tão indiscretos, e acaso tão inimigos « como os que resolveis seguir. — » Porem a idade dourada da Monarchia Portugueza havia acabado, se antes, como Christão, não devo levantar mais o meu pensamento, reconhecendo, segundo a Sancta Escriptura, que Deos castiga muitas vezes os Reis pelos peccados dos Povos, e outras castiga os Povos pelos peccados dos Reis.

O certo he, que desde esse tempo o Desembargo do Paço não teve mais aquella consideração, e influencia nos destinos da Monarchia Portugueza, que teve na primeira, e segunda idade: os Filippes de Castella, que da Alemanha trouxerão para a Hespanha o costume de reger os seus Povos por Ministros d'Estado independentemente d'estes Senados Nacionaes, introduzírão tambem em Portugal este mesmo uso, e estilo, ficando d'ahi em diante o *Areopago Monarchico* convertido em hum Tribunal Supremo da Lei sem

interferencia nos negocios da Paz, e da Guerra, e nos outros proprios do Governo Real. Todavia elle, tomando alguma vez a attitude do Supremo Conselho da Castella, desenvolvêo, como este, em algumas crises da Monarchia, huma magestade propria, de quem teve na sua origem a instituição de salvar o Throno, e a Patria: e com mayor gloria este Tribunal tem sido o *apogéo* da sabedoria, da honra, e da gloria. O cargo de Desembargador do Paço foi muitas vezes o premio, que os Monarchas davão ás Pessoas Illustres em recompensa dos seus distinctos serviços, como praticou o Senhor Dom João III com Dom Gonçalo Bisno de Lamego, pelos que lhe fizera na Embaixada á Côrte de França, e na negociação de Baiona; e o mesmo Senhor Dom Sebastião praticou igualmente, conferindo o Cargo de Presidente ao Arcebispo d'Evora Dom João de Mello, sobre o que houve as suas cousas. Finalmente, não obstante que este Tribunal Supremo já não he aquelle *Areopago Monarchico* da sua primeira instituição, sempre os Desembargadores do Paço forão Varões Egregios pelas suas Letras, pelo seu Sangue, e pelas suas Virtudes. Ramificação, ou Braço d'esse *Areopago* póde considerar-se na sua origem o Tribunal da Supplicação; que já existia antes do Reinado do Senhor Dom João I, pois que *Duarte Nunes de Leão* na Chronica d'este Grande Rei diz, que elle mudára este Tribunal de Santarem para Lisboa, e lhe déra Regedor; e chamou-se Desembargo da Supplicação, por causa dos *Supplices Libellos*, que alli se apresentão; e que nos tempos dourados da Monarchia erão despachados pelos mesmos Soberanos, aprendendo elles por esta fórma a conhecer praticamente as injustiças dos Juizes dos Póvos, e a remediá-las, e reprimi-las com a sua Authoridade Magestatica. Tanta foi a vigilancia dos Senhores Reis de Portugal pela tranquillidade, e prosperidade dos seus Póvos; e foi por esta via, que os Póvos ganhárão, e conservão eterna affeição aos seus Reis.

Não posso accommodar-me ao parecer d'aquelles, que tambem chamão *Areopago* á Relação do Porto, a qual dizem fôra concedida por Filippe I de Portugal, e II de Castella nas Côrtes de Thomar do anno de 1581 a instancia dos Póvos das Provincias do Minho, e Trás-os-Montes; porque esse Relação foi sempre hum méro Tribunal de ou-

rialidades, de contendas vulgares, e de Papeis escriptos, e algumas vezes por alguns dos seus Membros, o tem sido de embrulhos, e de caricaturas. Justa era a instancia das duas Provincias; mas o local, como o Porto, só podéra instituí-lo hum Rei, que não era Portuguez, sendo Lamego o mais central para os Póvos requerentes, e ainda mais merecedor por mil titulos de Nobreza, e de Fidelidade; porque o Porto por si mesmo se tem feito indigno mais de huma vez de ter huma Relação, merecendo muitas vezes, e agora mais que nunca, ter Carrascos em lugar de Desembargadores.

A que proposito vem este fófefolha de cousas? dirão alguns dos meus leitores. — Pois vossês não querião os ovos com a casca? Pois ahi tem huma duzia d'elles, e he duzia de Frade; descasquem-os lá como, e quando quizerem, e vejão se algum d'elles está chôco, em quanto eu vou chocando outra duzia para mandar de presente para outra parte. Se as Revoluções são effeito da má administração de justiça, he claro que os Tribunaes, que a não administrão, influem nas Revoluções, ou as causão; porque as provocão, tirando a honra, e a fazenda, (que são a Systole, e a Dyastole da vida humana) a quem se lhe deve, e dando-a a quem lhe não pertence; castigando como dous, a quem nem duzentos erão bastantes, e com duzentos, a quem dous emendavão; informando, e promovendo a favor de quem mal merece a vida, e contra quem muito mais que a vida merece; finalmente, olhando não para os pés dos Póvos, mas para as mãos, e transtornando por esta guisa toda a ordem da Sociedade, e da tranquillidade. Que longos, e eternos litigios, levados a duas, e tres gerações, sem que a ultima lhe veja, nem espere vêr o fim, produzidas estas delongas por miscelaneas, e rabulices, em que amontoando-se Leis, Razões, e Curialidades, só a verdade, e a justiça não apparecem! Que immensas chicanas em huma Causa, que podéra terminar-se em huma hora! Que atrocias injustiças, e lesões enormissimas em huma Questão, que he tão justa, e tão clara, que qualquer homem de razão natural, não corrompida, poderia demonstrar com tanta evidencia, como aquella axioma — *Se a cousas iguaes accrescentares cousas iguaes, todas ellas serão iguaes!* — São tantos os abusos, taes os escandalos, e violencias, que ha homens,

que antes querem ter hum voraz incendio nas suas Propriedades, que huma demanda sobre as mesmas! Sendo os homens naturalmente amantes da justiça, elles fogem, quanto podem, dos Tribunaes, onde ella se julga, decide, ou despacha! Ora hum Paiz demandista, e litigante he hum Paiz rixoso, e contendor: hum Paiz contendor he hum Paiz inquieto; hum Paiz inquieto, elle não vive contente, satisfeito, e tranquillo; elle pois está disposto para huma Revolução. D'aqui se deduzem algumas consequencias de peso para todos, e quaesquer Estados.

PRIMEIRA.

Nenhum Estado se póde julgar feliz, e tranquillo, não havendo contentamento, satisfação, e tranquillidade nas Classes, e individuos do mesmo Estado.

SEGUNDA.

Hum Estado, que não promove o contentamento, a satisfação, e a tranquillidade nas suas Classes, e individuos, especialmente se essas Classes, e individuos tem alguma consideração, e influencia no Publico, esse Estado he ameaçado da sua ruina, e dissolução.

TERCEIRA.

Logo o Estado he obrigado a fazer quanto póde (porque a mais do que póde não he elle obrigado) para ter contentes, satisfeitas, e tranquillas todas as suas Classes, e individuos.

QUARTA.

Para que alguem ame a sua Patria, e o seu Governo, he preciso que esse Governo, e essa Patria se lhe fação amaveis.

QUINTA.

Logo o Governo, que deseja, não sómente a sua conservação, mas especialmente o bem do Paiz, que governa, deve fazer tudo, o que póde, para ser amado dos Póvos.

SEXTA.

Todo o Paiz, e todo o Governo se faz amavel, administrando bem prompta, e inteira justiça, exercendo a beneficencia com todos, e promovendo o contentamento, a satisfação, e a tranquillidade; he a dizer, a subsistencia, e a prosperidade de todas as suas Classes, e individuos.

SEPTIMA.

Todo o Governo he obrigado, quanto póde, a remover tudo o que he odioso aos seus governados; a reprimir com doçura, e suavidade as paixões populares; a suffocar com prudencia, e á extinguir com moderação os impetuosos, turbulentos, e desoladores movimentos de rancor, de odio, e de vingança, que frequentemente caminhão á insubordinação, á guerra civil, e á anarchia.

OITAVA.

Todo, e qualquer Governo, que he amado de todos os que governa, pela boa administração de justiça, pela sua beneficencia, pela doçura, suavidade, e prudencia do seu caracter, esse mesmo Governo vem a ser respeitado, e amado dos Paizes estranhos.

Mas rangem as molas do Edificio, que vou estabelecendo; os Governos tem-se enganado mais de huma vez nos meios de *conservar a segurança interior*, a qual segurança jámais póde ser consistente, forte, e perfeita, se os Governos se não fazem amaveis aos seus governados; se elles lhes não administrão justiça; se elles elevão a grandes Cargos a homens, que não são do agrado do Paiz; se elles não premeião a virtude; se elles não castigão os incorregiveis; se elles não promovem a subsistencia, e a prosperidade das Classes, e dos individuos; se elles finalmente abandonão a Primeira Lei do Estado, que he a utilidade, o contentamento, e a felicidade do Publico. Este engano, de que vou fallando, acaba de o reconhecer, e confessar em si mesma a Confederação Germanica.

Dous são os gráos da Sabedoria: *affastar-se do erro*,

procurar a verdade. Dous são tambem os gráos de hum bom Governo; *fugir do mal, seguir o bem:* foge-se do mal, desmontando a Maçonaria, a qual, não tendo por base a Religião, a boa fé, e a sinceridade, procura encaminhar o Governo Monarchico á sua dissolução, e ruina, fazendo-o odioso aos Póvos, pela confusão da virtude, e do crime; pela amalgamação da justiça com a injustiça; pela má distribuição dos premios, graças, honras, mercês, e empregos; pela supplantação da fidelidade, do valor, e do heroismo; pelo abandono da subsistencia, e prosperidade das Classes, e dos individuos; pela provocação das paixões populares; pela perseguição *maliciosa* das discordias civís; e pela propagação do desconceito dos Monarchas nos Estados Estranhos. — Segue-se o bem, procurando homens justos, e bemfazejos, amigos da prosperidade do seu Paiz, que promovem o bom nome da Nação com as Nações Estranhas; que fazem sacrificios por amor da Paz; que a todo custo affastão a guerra, tanto no interior como no exterior; que dão ao tempo, o que he proprio do tempo; que fogem de todos os extremos; que cedem, quando ceder he util, necessario, e não desairoso; que supportão com valor, e com dignidade as contradicções, e difficuldades proprias do seculo, e da posição, em que se achão todos os Paizes; que finalmente não tem em vistas senão a satisfação, a utilidade, e a felicidade do Publico; promovendo-a, e fomentando-a em todas as Classes, e individuos pelas mesmas fontes proprias do Paiz.

Diz Cornelio Tacito de Helvidio, que elle se applicára a fortalecer o Estado mais, que a si proprio; e lá dizem, que no tempo do Imperio de Alexandre Severo servírão de defeza, de ornamento, e de decoro do Estado Ulpiano, Julio, Pomponio, Africano, Marciano, e outros discipulos do insigne Papiniano. Eu não sei se isto foi assim como dizem: o que eu sei he que Petilio fallou com muita discrição aos Soldados, que se querião amotinar pelas injustiças, dos que os governavão, quando lhes disse: — «Assim como vos vêdes obrigados a soffrer com resigna- «ção as esterilidades dos annos, a demasiada abundancia «das chuvas, o excessivo preço das cousas pela falta, que «ha d'ellas, e outros muitos males, que de tempos a tem- «pos traz a Natureza, com a mesma resignação devais sof-

«frer o luto, e a aureza, dos que vos governão, tendo «por certo, que haverá defeitos em quanto houver homens, «esperando todavia que estes males, de que vos queixais, «não sejão contínuos, e que a elles succedão cousas melho- «res.» Ora digão lá os Traductores, se sorti em bom Portuguez esta passagem, que traz o citado Tacito no Liv. 4. das suas Historias — *Quomodo sterilitatem, aut nimios imbres et cætera naturæ mala, ita luxum, vel avaritiam dominantium tolerare: vitia erunt donec homines: sed neque hæc continua, et meliorum interventu pensantur.*

Seja assim: este he hum grande Conselho Politico, e Christão para todos os Povos do Mundo, que entendem ter razões de queixa, dos que os governão; pois seu soffrimento, e resignação evita a revolução, e a anarchia, que he o cabo dos males, e de males, que mais tarde, ou mais cedo os Governos perspicazes, e justos procurão emendar, e remediar, como a Europa acaba de vêr na tentativa, que a Confederação Germanica vem de fazer, para *conservar a segurança interior*. Mas quando os males são repartidos, ou administrados pelas mãos da Maçonaria, como ella tem as cem mãos do gigante *Briaréo*, tornão-se tão pesados, e tão insoppportaveis, que com a força do seu peso as molas dos Estados rangem, e os Estados vem a terra, por mais escoras, que lhes ponhão, a impulsos contínuos, e violentos do desespero dos Povos, que se vêm privados dolosamente da sua subsistencia, e prosperidade, que vêm os Exercitos trahidos, sêccas, e esgotadas as fontes da sua mantença, abandonados os orfãos, e as viuvas, desanimada a virtude, fomentado o crime, exaltado o ímpio, abatido o justo, obscurecida, e aviltada a Gloria Nacional perante as Nações Estrangeiras, desacreditado o Soberano, e o Paiz com os Estados Estranhos, cercado o Paiz de inimigos domesticos, e de fóra, pairar, e fazer bordos por todas as Classes, e individuos a pobreza, a miseria, a fome, a desordem, a confusão, a desconfiança, o susto, o terror, e por fim a ultima desolação, e ruina. Tal foi a posição de Portugal no anno de 1823, e no de 1828, antes que o seu Augusto Libertador, o Senhor Dom MIGUEL, restituisse aos Povos a esperança da sua liberdade, e dos bens preciosos, que lhes havião sido roubados pelas cem mãos da Maçonaria. Estes são successos públicos, que ainda excitão as

lagrimas do Povo Portuguez; lagrimas de tristeza na recordação dos espantosos males de que a Maçonaria o teve acabrunhado; lagrimas de prazer na consideração de que Seu Rei e Senhor Dom MIGUEL he o Baluarte do Estado, o muro inexpugnavel da sua defeza, o Palladion da sua paz e prosperidade, o sustentaculo da sua grandeza.

Se a Maçonaria não vogasse n'esses annos em Portugal; se ella tivesse sido apeada, Portugal não teria chegado á degradação e ignominia a que chegou; feito o ludibrio de todos os Governos civilisados da Europa, o escarneo de todos os Estrangeiros, o ridiculo, o opprobrio e o labéo de si mesmo pelos desacertos, e pelas estudadas loucuras e traficancias do seu Governo revolucionario, perfido, maçonico e anarchico. Mas vencêo e triumfou de tudo o *Desejado* dos bons Portuguezes!!! Gloria a Deos, e a ElRei!

Com prazer e contentamento teráõ os Historiadores do Reinado do Senhor Dom MIGUEL a ventura de escrever de Portugal o que de Israel escrevêo o Historiador Sagrado no Livro 1.º dos Machabeos, Cap. XIV — «Toda a «Terra de Judá esteve em grande paz, em quanto Simão «vivêo; porque elle foi mui cuidadoso de procurar á sua «Nação toda a qualidade de bens; e por isso todos os seus «Povos vivêrão mui contentes e satisfeitos, em quanto el-«le governou: Cada hum cultivava as suas terras, que re-«tribuião ao seu trabalho com a abundancia dos seus fru-«ctos; e os anciãos se ajuntavão frequentemente para tra-«ctarem do modo de fazer com que os Povos fossem mais «venturosos: a mocidade estimulada pela paixão da gloria «applicava-se aos estudos Militares, e por esta fórma todo «Israel trasbordava em regozijo, descançando cada hum á «sombra das suas vinhas e das suas figueiras, sem receio «de que alguem lhe fizesse mal. *Não houve quem lhe fizes-«se guerra. Fez, que as Leis fossem observadas á risca, «e tirou da Nação a todos os viciosos e impios.* Engran-«decêo os Templos e augmentou-lhes os Vasos Sagrados. «*Fez justiça, guardou palavra a todos, e não omittio di-«ligencia alguma para engrandecer e fazer feliz a sua «Nação.*»

Eis-aqui a idéa de hum Governo Justo! Elle não póde ser abalado, em quanto assim obra: os Povos o amão;

os Estrangeiros o respeitão. Hum Governo assim constituido não póde ser derrubado: o amor dos seus governados o sustenta: a sua base he a Religião, e a Justiça; a sua acção he a beneficencia a todos; seu fim he engrandecer, e fazer felizes os seus governados; a este grandioso fim, que constitue a utilidade, e a felicidade do Publico, a qual he a Primeira Lei do Estado, a este justissimo, e importantissimo fim dirige hum bom Governo todos os seus movimentos, todos os seus cuidados, e todos os seus trabalhos: Como póde elle não ser amado dos seus Povos? Como póde elle deixar de ser respeitado pelos Estranhos? Como haverá, quem lhe faça guerra?. D'esta idéa, que a Sagrada Escriptura me subministra deduzo, argumentando *à contrariis, et dissimilibus*, idéas mui vantajosas, mas mui pesadas sobre todos os Governos Maçonicos, ou Constitucionaes.

PRIMEIRA.

Hum Governo injusto está em riscos de perder-se a si, e de perder os seus governados.

SEGUNDA.

Esse Governo não póde ser amado pelos seus Povos, nem respeitado pelos Estranhos.

TERCEIRA.

Elle está pois sujeito ás revoluções no interior, e á guerra no exterior.

QUARTA.

He Governo injusto, desamado, desprezado, e perigoso, o que não *he mui cuidadoso de procurar á Nação toda a qualidade de bens, fazendo que os seus Povos não vivão contentes, e satisfeitos*, quanto he possivel segundo as circumstancias.

QUINTA.

Por esta fórma he injusto aquelle Governo, que *não faz observar, e cumprir as Leis á risca*, e que *não tira do Estado a todos os impios*.

SEXTA.

Assim he injusto aquelle Governo, que *não guarda palavra a alguem*, e que *não faz alguma diligencia, para engrandecer, e fazer feliz a sua Nação.*

Eis a verdadeira caricatura do Governo Constitucional dos annos de 1820, 1821, 1822, e 1823! Eis o verdadeiro retrato do Governo Constitucional de 1826, 1827, e 1828! Eis a verdadeira imagem do Governo de Dom Pedro na desgovernada terra do Porto! Ahi estão pintados os Maçons, os revolucionarios, os inimigos do Altar, do Throno, e da Patria! Odio pois, e odio eterno á Maçonaria auctora de todas as desgraças de Portugal! Odio, e interminavel odio a todos os Governos Maçonicos, e Constitucionaes, que se estabelecêrão em Portugal! Guerra, e crúa guerra ao Governo actual do Porto! Elle não póde deixar de perecer pelas suas injustiças, pelas suas aleivosias, e pelas suas ignorancias, que são as tres furiosas Cabeças, que dérão com a Cabeça em terra a todos os Governos injustos, aleivosos, e ignorantes, como tem sido quantos Governos Constitucionaes tem havido em Portugal, e sempre perdidos pela sua impolitica, pelos seus desacertos, e pelas suas arbitrariedades, onde jámais, como a experiencia mais aturada, e reflexiva tem mostrado, houve senão desejos de arruinar o Altar, o Throno, e a Patria.

Para estas importantissimas deducções trouxe eu o *Areopago* da Grecia, que erão os ovos com a casca, que havia promettido aos meus leitores. — *Audiens sapiens sapientior erit; et intelligens gubernacula possidebit.* Proverb. Cap. I. ℣ 5.

Portuguezes, Soldados, acabai com os rebeldes! Defendei o Vosso Rei, e Senhor Dom MIGUEL, que he «Religioso sem hypocrisia, bem intencionado de coração, verdadeiro nas suas palavras, constante nos seus propositos, justiçoso sem indignidade, piedoso sem baixeza, remunerador com igualdade, liberal com prudencia, affavel com gravidade, forte com generosidade, moderado sem negligencia, cuidadoso de bons Ministros, activo nas suas resoluções, e prestes na sua execução.» — Retrato quasi em tudo da Apostrofe, que ao Principe Dom Theodosio fez o

grande Portuguez, e grande Escriptor Antonio de Sousa de Macedo.

Portuguezes! Caminhai pela estrada da virtude, e da gloria, por onde o Vosso Rei vos conduz! Elle deseja a vossa paz, e prosperidade! Elle quer fazer-vos grandes, e felizes! Vós, depois da guerra, vivereis contentes, satisfeitos, e tranquillos! A Agricultura retribuirá aos vossos trabalhos com a abundancia dos seus fructos! A Marinha exportará as riquezas da vossa terra para as Nações Estranhas, e recebereis d'ellas em troco o seu ouro, o seu respeito, e a sua amizade!

Portuguezes! Confiai em Deos! Sêde fieis aos seus Preceitos, e a vossa prosperidade será como hum mar, que nunca se esgota. Portuguezes! Tende por certo que o Nome do Vosso Rei, e o vosso Nome estão escriptos por Deos no grande Livro, dos que jámais perecem na sua presença, e na sua misericordia. *Nomen ejus, et nomen tuum non sunt attrita à facie mea.* Eia pois, Portuguezes, batalhai por Deos, pelo Rei, e por vós!

Lisboa 26 de Agosto de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 65.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! A *Julhada*, e a *Agostada* já lá forão! De quem será a *Setembrisada?* Vêde, Portuguezes, que este he o mez da colheita, ou para nós, ou para elles! Não percais o tempo, que elle não volta.

De tres termos consta, ou se fórma o Syllogismo, dizem os Dialecticos, para fazer huma boa deducção; porque, se mais tiver, elle será vicioso. Em tres tempos dividem o tempo os Grammaticos, e mais que tres ainda alguem não imaginou. De tres mezes querem os Agricultores, que sejão os seus fructos, por estarem menos expostos á intemperie das Estações, e por virem mais a tempo para os seus misteres. Este numero — tres — duplicado produz cousas da maior consideração entre os homens, e que merecião mui sérias reflexões; mas eu não vou com este numero a esses infinitos objectos. Dizem que na Arithmetica Financeira dous, e dous não são quatro, e será assim; porque, segundo a Filosofia Pythagorica, Deos não gosta do numero par, mas do impar — *Numero impari Deus gaudet:* — porém na Arithmetica Divina, em que os pares não entrão em linha de conta, dous não fazem hum, nem hum faz

dous; mas tres são hum, e hum he tres; porque o numero impar hé o numero da Divindade; Tres Pessoas, hum só Deos; hum Deos, Tres Pessoas; hum tres, tres hum; Unidade na essencia, Trindade nas Pessoas. Esta Arithmetica Celestial he a *Cruz* dos Arithmeticos impios: querendo elles reduzir o Mundo todo aos seus Algarismos, só a Deos não podem reduzir; porque a Divindade não se calcúla por Algarismos humanos, mas por Algarismos Divinos, e estes não se achão nos homens, mas sómente em Deos, a quem os homens devem entregar a sua fé, e o seu entendimento. He para rir a arrogante fatuidade dos homens, que enganando-se, e desmentindo-se quasi sempre na Arithmetica Financeira, e na Arithmetica Politica, não sabendo jámais como hão de conservar, augmentar, e administrar a Fazenda, ignorando quasi sempre a arte de governar os Pôvos, porque não conhecem as suas quantidades, e qualidades moraes, nem como podem interessar ao seu Paiz, e aos Paizes Estranhos, queirão esses mesmos homens acertar na Suprema, e Incomprehensivel Arithmetica Divina, onde errárão seu cálculo todos os que não entrárão no estreito, e sagrado circulo da Fé. Em huma prisão achou *Anaxagoras* a quadratura do circulo, que não tornou mais a ser descoberta: em huma prisão achou *Nevio* os cúmes do Parnasso, e d'elles formou alli a melhor parte das suas Poesias: em huma prisão voluntaria compoz *Euripides* as suas celebradas Tragedias. Assim na Sagrada prisão da Fé, onde a razão humana, essa luz fusca do entendimento não deve ter entrada, ou accesso, senão para ouvir com docilidade, ahi se aprende a Arithmetica Divina, que o mesmo Deos ensina, Deos incomprehensivel, que sem a luz da razão humana, sómente com a docilidade da Fé, por mais occulto que pareça, de todos os homens póde ser conhecido, quanto aos homens he possivel, porque elle, sendo invisivel, a todos falla, e falla ao coração por taes écos, que todos o podem ouvir; podendo dizer-se aqui, o que a outro assumpto dizia o Poeta *Ovidio — Latet, nullaque in luce videtur. Omnibus auditur. Sonus est, qui vivit in illa.* — He pois a Arithmetica Divina differente em tudo da Arithmetica humana, ou ella seja Financeira, ou Politica, ou Filosofica, ou de qualquer nome, que lhe queirão dar. Em Deos, como não precisa de Syllogismos, ha hum só termo, que he a sua Omnisciencia, ou Omnipotencia: em Deos, como nunca precisou dos tempos, nem está sujeito aos tempos, não ha mais de hum tempo, se assim póde chamar-se

a sua Omnipresencia, ou Immutabilidade, ou Sempiternidade: em Deos não ha mezes, porque todos os mezes, todos os annos, toda a eternidade he para elle hum só instante presente: em Deos, ainda que o vulgo diz que *Deos escreve direito por linhas tortas*, não ha mais de huma linha, que he a sua illimitada e incomprehensivel Immensidade.

Mas que tem que vêr a Arithmetica Divina com a Defeza de Portugal? Ora essa he boa! Pois não está Portugal sempre nas mãos de Deos? Sim, nas mãos de Deos; porque, ainda que Deos he hum só, não tem huma só mão, mas muitas: mão de inescrutaveis segredos, que os homens não são capazes de penetrar; mão de Justiça, a que os ímpios não podem resistir; mão de Misericordia, que os malvados não podem desarmar: *in manus tuas commendo spiritum meum*, dizia o Profeta Rei: nas Vossas mãos, oh! Deos! ponho a minha alma: n'estas Poderosas, Justiceiras e Misericordiosas mãos entregão a Deos a sua alma pelas mesmas palavras os Christãos verdadeiros; Portugal sempre usou da mesma deprecação Sancta, e por ella entrega a sua alma confiadamente nas mãos de Deos. Qual he a alma dos Portuguezes? A sua Religião, o seu Rei, a Independencia da sua Patria. Pois os Portuguezes, ou em perfeita saude, ou na mais desesperada agonia, quando a sua Religião, o seu Rei e a sua Independencia parecem estar no seu occaso, entregão-se nas mãos de Deos, e Deos lhes salva a sua alma. Ora com esta Arithmetica Sagrada não contão os Maçons, que atacão a Religião, o Rei e a Independencia dos Portuguezes, os Maçons assim do Reino, como de fóra do Reino, e por isso todos os seus Calculos Diplomaticos, Politicos e Financeiros lhes sahem errados; porque não tem em linha de conta a Linha dos Segredos, das Justiças e das Misericordias de Deos sobre Portugal.

Eu espero que não se reclame este Numero, como se reclamou o 59 sobre as Vesperas Sicilianas, que eu nunca inculquei, nem aconselhei, nem persuadi, e muito menos sobre Estrangeiros: eu não sou capaz de contravir, nem ainda por pensamento, á Politica do meu Rei. Se a recordação das Vesperas Sicilianas he hum crime, criminosos são todos os verdadeiros Realistas Portuguezes, que desejárão de todo o seu coração que o Exercito de Operações as executasse no dia 24 de Agosto sobre todos os rebeldes acoutados no Porto, sem escapar hum só; pois que o Prazo do Regio Perdão, ou Indulto a favor dos Soldados já expirára

no dia 15, segundo vejo das Partes Ofûciaes lançadas n'essa Gazeta: se as Vesperas Sicilianas, nunca por mim applaudidas em sentido, que não fosse Religioso, e Monarchico, fizerão tantas cócegas de susto, e de terror aos malvados, talvez por ser mui funesta para elles a hora de Vesperas, podia eu fallar d'outra hora menos desagradavel; a hora de Matinas Francezas, d'aquellas que os Francezes Catholicos celebrárão no dia 24 de Agosto de 1572 sobre os Calvinistas, chamada essa matança a de São Bartholomeu, a que eu daria o nome de *Bartholomeada Franceza;* porque n'esse dia, mez, e anno, reinando Carlos IX., e consentindo-o, e approvando-o seu Governo, fez-se a matança muito de manhã em todas as Cidades da França, excepto huma, sobre os Calvinistas, principiando pelos seus Chefes, e Poderosos. Ora isto he contar, o que se fez na França com approvação do seu Rei, e Governo, zelosissimos Defensores do Catholicismo; não he persuadir que se repitão aquellas Vesperas, nem estas Matinas *Bartholomaicas*, porque, além de que o dia 24 de Agosto já lá vai, e outro não volta no anno de 1832, sómente o meu Rei sabe, o que he util, conveniente, honesto, e politico, limitando-me eu a fallar sómente, no que se fez, e no que he possivel fazer-se, argumentando *de factis ad factibilia:* se ElRei, e o Governo entendessem convir a renovação da *Bartholomeada* sobre os malvados Pedreiros Livres, e assim o ordenassem, que Realista Portuguez deixaria de executar fidelissimamente as Ordens do seu Governo? E não o mandando ElRei, que Realista Portuguez se atreveria a emprender a *Bartholomeada* sobre os malvados Pedreiros Livres?

Se assim como os Estrangeiros estranhárão a dita *Bartholomeada*, que não aconselhei, estranharem a *Setembrisada*, que agora aconselho ao Exercito Realista que execute sobre os malvados *Portuguezes Partidistas de Dom Pedro* no Porto; se a quizerem impedir com o pretexto, de que ella contravem á Politica do meu Rei; se a Maçonaria conseguir que os Realistas não aproveitem o seu S. Miguel das uvas, que tarde vem, e pouco dura, e que percão o unico tempo da sua colheita, o que eu não posso acreditar, porque a Religião, e o Rei, e a Independencia dos Portuguezes está nas mãos de Deos, e Deos *embirrou*, em qne os Portuguezes sejão Catholicos, e Independentes, e em que o Senhor Dom Miguel seja o seu Rei; se tanto a Maçonaria podér sobre Portugal, não poderá alguem impedir-me, que eu vá para hum Paiz, onde sem empecilhos,

e sem censuras ponha a calva á mostra, desfie o panno, e mostre todas as linhas do novello da Maçonaria: Sim, se a Maçonaria conseguisse os seus fins, eu mostraria em Paiz Livre, que á Defeza de Portugal não faltou a Nação, o Soldado, e o Povo Portuguez, e que ella, a Maçonaria foi a fonte das calamidades de Portugal. Tenho todos os Protocolos desta demonstração, a qual dará ao Mundo inteiro desenganos pasmosos, e visiveis da minha eterna proposição, a saber, *que, ou os Soberanos dão fim á Maçonaria, ou a Maçonaria dá fim aos Soberanos.* Letras authenticas, e fidedignas de Magistrados, de Militares, e de Ecclesiasticos, todos de illibada fidelidade em todos os tempos, e de valor provado á força das balas, em quem não ha, quem se atreva a pôr pechas, demonstrarão de facto huma proposição, que interessa ao conhecimento de todo o Mundo; a saber, *que o Mundo he enganado em todos os seus Calculos Sociaes, quando a Arithmetica Religiosa não he a Sua Pauta, ou Taboada de conta.* Tremão os Maçons, se eu ponho os pés fóra de Portugal: suas illusões, seus enganos, suas perfidias hão de apparecer ao Publico, pois que, se temporariamente conseguirem os seus fins, devem saber que a Religião, o Rei, e a Independencia dos Portuguezes está nas mãos de Deos, e Deos ha de salvar esta *alma Portuguesa* pelos seus Segredos, pela sua Justiça, e pela sua Misericordia, quando os Maçons menos o temerem, quando elles se contarem vencedores. *Si Deus pro nobis, quis contra nos?* Se Deos está por nós, os Realistas, de que se glorião os Pedreiros?

Ah! Que este papel he revolucionario, diráõ os reclamadores, assim Estrangeiros, como Nacionaes. Oca bem; examinem-se todas as Leis, e Regulamentos da Censura, ainda mesmo esses, que forão *taxados* nos Governos Constitucionaes; se os infrinjo, justamente sou impedido; e senão, sou arguido injustissimamente, ou a Lei está defeituosa; mas d'este ultimo caso, preencha-se, e ou a preencherei. Aqui em Portugal, ou em outro qualquer Paiz, (se a Maçonaria tanto podesse contra Portugal, que de certo não ha de poder, porque Deos não quer) escreverei sempre em Defeza de Portugal, da sua Religião, do seu, e meu Rei Dom Miguel, e da sua Independencia, e por amor d'estes objectos escreverei sempre contra a Maçonaria.

Escrever tanto contra a Maçonaria, he excitar verdadeiramente huma revolução. A quem excito? Se aos Maçons; elles são sempre revolucionarios, ou ás claras, ou

ás occultas, e tanto mais temiveis, quanto elles possuem a arte, e muitas vezes os meios de enganar, e de trahir: se aos Povos, eu desejo de todo o meu coração que elles, *debaixo da direcção de Soberanos Catholicos*, façáo guerra crua, e eterna á Maçonaria até dar cabo d'ella por todas as fórmas. Todavia ainda não offendi a hum Maçon, ainda não nomeei alguem, podendo dizer com S. *Jeronymo* na sua Epistola a Nepociano — *Nullum læsi, nullius nomen mea scriptura signatum est.*

Esta Publicação fallou em Zés, em Manoeis, e em Marias: offendéo pois á Lei da Censura, que defende as personalidades. Ha muitos *Zés*, muitos *Manoeis*, e muitas *Marias* em Portugal: salvos os nomes dos banidos por Sentença, nenhum outrem foi especialisado: *generalis de vitiis disceptatio est*, continúo com S. *Jeronymo* na citada Epistola: tracto de combater a Maçonaria, que he a causa de todas as desgraças Religiosas, Monarchicas, e Politicas de Portugal: patenteio os seus factos, não nomeio os seus perpetradores; a Lei da Censura não tem sido violada, porque não ha ainda alguma, que véde escrever contra a Maçonaria.

Mas quaes são esses Maçons? Essa nomeação he a, que entendo prohibida pela Lei: mas alguns d'elles estão inscriptos n'esses Catalogos dos *Galradores* Nacionaes nos Congressos das duas revoluções Portuguezas do anno de 1820, e do anno de 1826; a doutrina, que elles expendêrão sobre as Instituições Religiosas, e Monarchicas de Portugal, assaz os dá a conhecer; elles se publicárão a si mesmos; não sou eu, e todavia não os personaliso: seus factos os descobrem; o Povo falla, e a sua voz he, muitas vezes, a voz de Deos; *vox populi, vox Dei.* Não posso pois desdizer-me, em quanto elles não fizerem huma séria, e sincera retractação, expondo a sua vida em defeza de Portugal Religioso, e Monarchico: assim se retractárão dous Maçons no anno de 1827, mostrando seu arrependimento na morte, que denodadamente soffrêrão em defeza dos Direitos do Senhor Dom MIGUEL, e a esses mesmos não personalisо; porque talvez a Lei de Censura não soffra, que se diga que elles erão Maçons, ainda que elles o disserão a meio Mundo, envergonhados de terem sido seduzidos, e gritando em bem altas vozes — *Morrão os malvados Pedreiros Livres.*

Todavia esta Publicação he tachada de revolucionaria, e muita gente, que se sente personalisada nas suas in-

vectivas, está no maior gráo de irritação contra o seu auctor, a ponto de muitos Nacionaes, e Estrangeiros lhe terem jurado a morte. Respondo a todos elles de huma maneira, a não admittir replica — *Qui mihi irasci voluerit, prius ipse de se, quod talis sit, confiteatur:* he a resposta, que S. *Jeronymo* dêo na citada Epistola aos seus adversarios, todos elles malvados, e sectarios: na sua ira, no seu odio, nos seus ameaços estão confessos, e convictos, de que são ou Maçons, ou seus Protectores, ou seus Apaniguados, que devem soffrer a mesma pena de inimigos do Altar, e do Thróno, como os Apaniguados dos Fidalgos, e Desembargadores gozão de privilegios por disposição das Ordenações do Reino Liv. 2.° Tit. 39. Os que se julgão personalisados, debaixo de nomes communs a muitas pessoas, não tem tido bastante delicadeza em se darem por offendidos; porque por esse mero facto mostrárão que elles erão os taes, de quem eu fallava; podendo bem succeder, que na minha mente me dirigisse a outros, o que algumas vezes succedêo, vindo por este modo a reforçar os meus argumentos, e a multiplicar os meus conhecimentos.

Quanto á morte, que se me tem jurado pelos revolucionarios Nacionaes, e Estrangeiros; se Deos me perdoasse os meus peccados por este sacrificio, eu mesmo faria força á Maçonaria, para que pozesse fim immediatamente a huma vida, que aborreço de viver, pois que a meus olhos apparece sem cessar hum abysmo universal, que parece ameaçar todas as fortunas, e todas as vidas dos bons Portuguezes. Hum Fulano, que jámais foi nomeado nesta Publicação, senão talvez por alguns dos seus factos, acaba de dizer junto ás margens do desgraçado Douro no dia 21 de Agosto — *Esse patife hei de eu ser, quem lhe ha de dar o pago, e o tempo o mostrará* —: o motivo ultimo d'esta promessa mortal foi hum dos ultimos Numeros da Defeza! Coitado! Ignora elle que, se a Maçonaria Directora triumfasse, elle mesmo seria irremediavelmente huma victima sua, nos seus empregos, na sua fortuna, na sua familia, e mui provavelmente na sua vida! Digo isto de compadecido sobre a sorte d'esse homem, meu matador gratuito. Desenganai-vos, Liberaes, e vós mesmos Maçons moderados, que a Maçonaria, que está com as armas na mão, se ella fosse vencedôra, o que Deos não ha de permittir, ella não transigiria, não perdoaria, não pouparia, não empregaria, antes desempregaria, prenderia, condemnaria, e castigaria a todos aquelles, que lhe não houvessem feito servi-

ços positivos, e terminantes; a todos aquelles, que tem prestado algum favor á Causa da Realeza! Portuguezes! Ouvi huma só verdade, e tomai sentido — Os rebeldes tem gente para occupar todos os Postos, Cargos, Empregos, e Exercicios da Nação Portugueza! Os Estrangeiros, que tem vindo em soccorro da rebellião, destinão-se a substituir todos os lugares de todas as Repartições, Estações, e Officinas do Reino! Sómente rebeldes, e rebeldes não equivocos, vão ser empregados pelos Chefes da rebellião! Cessem pois, Portuguezes, cessem as vossas illusões, onde a esperança de transacção he huma quimera! Vêde que não só pelejais pela vossa Religião, pelo vosso Rei, pela vossa Independencia; e pela vossa Honra; pelejais tambem pelos vossos Postos, pelos vossos Cargos, pelos vossos Empregos, e pela vossa subsistencia, e subsistencia das vossas mulheres, dos vossos filhos, e das vossas familias — Decidi-vos pois, ou a morrer de balas, ou a morrer de fome!

E póde nesta consideração prezar a vida hum Realista Pensador? Não se percebe o volcão, que nos ameaça? Eu não amo viver assim. Varias Authoridades Ecclesiasticas, Civis, e Militares me tem annunciado esta conjuração de morte: algumas Letras conservo ainda a este respeito: os Estrangeiros tambem me offerecêrão da sua parte esta mimosa noticia: mas tenho entregue a minha vida nas mãos de Deos, que he infinitamente mais poderoso, que o Mundo todo. Saibão porém os Cozinheiros, e mesmo os Pasteleiros, (Pasteleiros he nome, que em algumas partes da Hespanha dão aos amalgamadores da Realeza com a Malhadaria) que não tenho de morrer das suas dóses: os Medicos podem tambem perder esse sentido; porque já na idade de 19 annos disse a hum, que o primeiro dia da minha molestia era para meter-me na cama, o segundo para me confessar, o terceiro para tomar o Sagrado Viatico, o quarto para receber a Sancta Extrema Unção, o quinto para dar minha alma a Deos, sem passar pelas mãos dos Medicos, dos Cirurgiões, e dos Boticarios.

Qual he o objecto d'este Número? Este não he hum ovo, he huma salada de hervas cruas com a sua pimpinéla, hortelã, coentros, cebolla, sal, azeite, e vinagre, para lhe tirar a sua crueza, a fim de que por ella não seja reclamada pelos Estrangeiros, nem pelos Nacionaes. Eu fallo de mim; n'este *mim* vai muita gente boa; e estes *eus*, que parecem tão fortes, e tão presumpçosos, são para evitar os *Heus* da Sexta Feira Sancta no Enterro do Divino Sal-

vador do Mundo. Mais outro acipipe: são achegas para hum Edificio, que está a apparecer por momentos. Vão descobrir-se os segredos da Maçonaria, segredos para os pouco experientes, verdades claras, e luminosas para os versados na Historia dos tempos.

Quaes são esses segredos da Maçonaria? São os factos; e os factos são segredos, para quem não tem Logica; para quem de tres termos não deduz huma boa consequencia; para quem de tres tempos não conhece hum; para quem não quer que os fructos sejão de tres mezes; para quem não sabe reduzir tres a hum, e hum a tres. Aqui volta a Arithmetica Divina, e a Arithmetica Humana, e este tractado vai descobrir grandes tractados.

Os homens geralmente na primeira idade vivem só de hum tempo, que he o presente; do preterito não, porque o não vivêrão; do futuro tambem não, porque lhes não lembra: pouco mais, ou menos, assim passão a sua vida os brutos, porque são incapazes de reflexão: assim, pouco mais, ou menos, vivem tambem os revolucionarios, porque o preterito esquece-lhes, e o futuro desconhecem-no. Na segunda idade os homens vivem de dous tempos; do presente, porque o gozão; do preterito, porque o passárão, e não vivem do futuro, porque o vêm longe. Na terceira, e ultima idade os homens vivem de outros dous tempos; do preterito, porque lhes excita a saudade; do futuro, porque aperta com elles o medo; e não vivem do presente, porque padecem, e o padecer mal se pode chamar viver. Nesta idade estou eu, que he a idade da experiencia, da paciencia, e da previdencia; experiencia, do que passou; paciencia, do que passa; previdencia, do que ha de vir. A estes tres tempos podem reduzir-se os tres termos; termo do passado, termo do presente, termo do futuro, ou, como dizem os Aristotelicos, termo *a quo*, termo *per quem*, e termo *ad quem*: por esta forma se podem reduzir tambem os tres mezes, ou as tres Estações da Agricultura; mez de semear, ou plantar, mez de regar, e mez de colher. Assim vão as cousas na Arithmetica Social, Financeira, e Politica: mas na Arithmetica Divina vão as cousas por aquelle principio: — *Quæ sunt eadem uni tertio, sunt eadem inter se:* — tres são hum, e hum he tres; tres Pessoas, e hum só Deos: na essencia tudo he huma unidade. Mas como isto crêm os Catholicos, e não crêm os ímpios, e huns, e outros não entendem; aquelles, porque somente no Ceo será o premio da sua Crença a luz beatifica d'esta *Unidade Trina, e Trin-*

baldados seus immensos trabalhos, e sacrificios heroicos de toda a especie pela Defeza da sua Religião, do seu Rei, e da sua Independencia; pois que em caso de desesperação.. ? *Senhor Deos, Misericordia! Senhor Deos, Misericordia!* (conclue assim huma Letra de 29 de Agosto) O que as outras Letras dizem, são verdades, que não parece conveniente, e politico o dizerem-se. Deos sabe que não minto: as cousas, que parecem agora occultas, hão de ser postas em toda a sua luz, no lugar, e tempo, que Deos permittir. Malvados! Portugal ha de ser salvo! Rebeldes! Vós não tendes de triumfar! *A Questão he entre dous Irmãos*, (dizem alguns perversos) *e ambos tem razão!!!* Catilinas, Marios, Syllas, trahidores á Patria! A Questão he entre Realistas, e Constitucionaes! Qual d'elles tem razão? Desmascarai-vos; acabai por huma vez!.... Eu tenho estudado os vossos nomes; elles ahi vão, e vão em segredo, para que vos não queixeis, nem me arguais; hum proximo futuro vai patentear o que se occulta.

Protocolos.... Notas.... Convenções.... Mediações Diplomaticas.... Tractados, ou Tractados.... Amnistias.... Reintegração dos rebeldes.... Conservação de todos!!!.... Conventos abolidos para a Divida Publica.... Expoliação Ecclesiastica.... Supplantação do Soldado, e do Povo.... Escoamento de todos os recursos.... Desfallecimento do Espirito Portuguez.... Expectativas sedusoras.... Projectos apparatosos.

Portuguezes! ElRei vos chamou ás Armas; para que as empregueis contra os rebeldes, e alcanceis d'elles hum triumfo glorioso, e completo! Aproveitai o mez de Setembro! Não deis aos vossos inimigos os termos, que elles tem maquinado para a vossa perdição! Hum só termo, hum só tempo, hum só dia! Seja elle já, e acabem em hum momento os inimigos da Religião, e do Rei! Seja o mez de Setembro o mez dos Realistas Portuguezes! Não se espace por mais tempo o cáhos, o tenebroso cáhos! Portuguezes! Levantai vossos olhos ao Ceo: ahi tendes o vosso auxilio! Salvai a Religião, salvai o Throno, salvai a Patria, olhai por vós mesmos! Vêde que a demora do triumfo pode ser a causa da vossa perda! Mas Deos he por vós! Portugal não perece!

Lisboa 5 de Setembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia, 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 66.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣. 15. Portuguezes! Chegou o tempo de vencer, ou morrer! Não ha outra alternativa! A escolha he vossa! O auxilio do Ceo não vos falta! Confessem os vossos inimigos o vosso valôr, e heroismo na sua derrota, e ruina.

Quem me mettêo a mim em camisa de onze varas! Para que procuro cinco pés ao gato, se elle não tem mais de quatro! Talvez quizesse dizer isto hum Magistrado, no que acaba de me escrever — *Deixe o thema, ou está perdido; mettéo-se em hum pélago, de que lhe he impossivel sahir-se salvo.* — Ora os meus Amigos persuadem-se, que eu não tenho estudado todas as dimensões do pélago, antes que n'elle entrasse. Como lhes não tenho citado outro Auctor, que o Larraga, entendêrão que nem a Taboada soubesse. Para lhes evitar este engano, estou quasi resolvido a enviar o Larraga para as Regiões Austraes; elle já divagou pela Galliza no anno de 1826, e no anno de 1827 andou de guerrilha no Reino de Leão, na Castella Velha, em Soria, na Rioxa, em Aragão, na Navarra, e nas Provincias Vascongadas: meus Amigos devem fazer-me a justiça de acreditar que sei de contas, ainda que eu nem com Deos queria contas; porque, se entra n'ellas comigo, não serei justificado na sua presença. Ora vamos ás provas de que sei a Taboada argumentada.

32 — Noves fóra? 5, e vem a conta a ficar em 27 = 63 — Noves fóra? Nada, e em nada fica esta conta para quem não entende de Algarismos Allegoricos — *Qui potest capere, capiat.*

Lancei a Sónda ao pélago, e á terra, em que vivo, e em que habito, e conheci a profundidade do mar, e a qualidade do terreno. Quem não sabe alguma cousa de Nautica, e de Instrumentos Inglezes, difficilmente poderá entender-me. Não entro em pélago sem o sondar.

Estava eu na idade de 14 annos, e assistia a huma corrida de touros, porque isso não me era vedado, nem escandaloso, ou indecente, pois nem era Regular, nem Ecclesiastico. O palanque estava firmado sobre esteios, ou pedestaes pouco seguros; apenas hum parecia de alguma consistencia, mas estes defeitos não erão conhecidos: eis que range o tabolado, e a *fotrica* parece vir abaixo, e perder a todos os que alli estavamos; porém apenas o ranger foi percebido, hum ancião versado em semelhantes catastrofes diz tres vezes — Ai! — e pegando-me do braço dá hum pulo comigo, e os dous nos salvámos da morte, que soffrêrão os que não entendião, ou não quizerão entender. Pois como podia soster-se hum tabolado, por muito bom que elle fosse, pregado, e amarrado a esteios podres, e carunchosos! Era huma loucura, ou grande ignorancia contar-se seguro muito tempo em tão debil situação: eu era huma creança a esse tempo, mas o velho experimentado salvou-me, e fiquei ensinado, advertido, e escarmentado, para nunca entrar em edificio algum, nem me assentar em cadeira, escabello, ou canapé, que antes lhe não veja os pés, ou esteios; e se os acho pouco seguros, ou fico de fóra, ou me assento a huma borda, de maneira que com hum ligeiro movimento esteja sobre os meus pés, de que só me confio. Ora anteponha-se o número maior ao menor, e os meus Leitores cahirão na conta, de que a minha Arithmetica he a da experiencia, do que passou, da observação, do que vai, e da previdencia, do que póde vir: estes tres numeros constituem hum só, que he o da esperança em Deos, mas trabalhando sempre.

Confesso que estou desmemoriado! Tão grande he a multidão de cousas, que se offerecem á minha idéa, que as preteritas esquecem, e as mesmas, que são presentes, humas com outras se confundem; porque se assim não fosse, seria tal o embrulho de preteritos, que apresentasse aos meus Leitores, que hum Seculo lhes não seria sufficiente, para desembrulharem tantas cousas, como tem passado pela *Aduana* dos meus sentidos, e da minha intellecção.

Acabo de receber a tristissima noticia, de que os rebeldes, quando entrárão em Pennafiel no dia 18 de Julho do corrente anno, (esta noticia já a publicou o Governo, e por isso me atrevo a tocar esta tecla; pois se não estivesse publicada ficaria sómente annotada no meu Protocolo; co-

mo outras muitas de grande entidade, escriptas por testemunhas presenciaes, e dignas de todo o credito por mais de hum titulo, que dizem referencia aos successos Politicos, e Militares do Reino, e ás suas Causas, e Effeitos em todos os pontos das Operações, depois do dia 7 de Julho até 3 de Setembro, sem esquecer Ovar, Aveiro, e a Figueira nas costas; Braga, Guimarães, e Amarante no interior; mas este parenthesis vai largo, e comprido.... Tanto são compridas, e largas as minhas historias!) arruinando a morada de meu amigo Bernardino José Estella, Professor Regio de Latim na mesma Cidade, de estado Viuvo, porque a invasão lhe despachou a mulher para a Eternidade, dérão com o meu Livro de Memoria, ou de Razão dos annos de 1826, e de 1827, que estava em custodia n'aquella Casa, e certamente o mettêrão no fardel, e o levárão de presente a Dom Pedro, para que visse aquillo, que muitos amigos do Senhor Dom MIGUEL não vírão, e podérão vêr no anno de 1828: mas essa não era a occasião; foi-o agora para os nossos inimigos, e elles nos farão justiça. Tristissima noticia na verdade, porque me fez perder a esperança, que havia concebido, de que ainda viria tempo, em que Portugal visse de bons olhos huma boa parte dos trabalhos Politicos dos seus Realistas Emigrados na Hespanha.

Em aquelle Livro estavão as Actas da Procuradoria installada na Cidade de Lugo na Galliza no anno de 1826, para promover os Direitos, e o Regresso do Senhor Dom MIGUEL, e a Salvação do Exercito Realista, da qual Procuradoria erão Membros o Marquez de Chaves, Presidente; o Brigadeiro Francisco de Moraes Madureira Lobo, Vice-Presidente; o Coronel Francisco Antonio Leitão; o Capitão de Artilheria Diogo Antonio Gutterrez; o Luiz de Fóra José Guilherme Pereira Coutinho de Vilhena; e Secretario o agora auctor da *Defeza de Portugal*; os tres primeiros já estão com Deos, e os tres, que restamos, pouco demoraremos a nossa juncção com elles. Vêr-se-hião ahi Exposições a Principes Reinantes, a Herdeiros, e Propinquos do Throno, aos seus Ministros, e Conselheiros, que muito concorrêrão para subverter as cabalas de alguns Diplomaticos Liberaes d'aquelles tempos: a verdade dos factos, a justiça dos pensamentos, a energia das idéas, tudo partia em unidade de corações votados a todos os Sacrificios pela salvação do Altar, do Throno, e da Patria. Vêr-se-hia ahi o verdadeiro Estado da Questão de Portugal; a série dos acontecimentos, que tiverão lugar neste Reino desde Fevereiro de 1823 até Julho de 1826; a successão de factos Constitucionaes, e Revolucionarios desde a promulgação da Carta; a illegalidade do Governo Portuguez; as

intrigas, que se havião promovido para o seu estabelecimento, e conservação, e todos os projectos da Democracia; tractando-se porém com todo o respeito, e reverencia o Augusto Chefe do mesmo Governo, e salva sempre a dignidade, a honra, e a justa consideração da primeira Grandeza do Reino.

Vêr-se-hião n'esse Livro de Memoria Letras dignas do immortal nome do Marquez de Chaves justificando perante o Governo Hespanhol a sua entrada em Portugal, para salvar este Reino da Demagogia, e da Usurpação, e o seu Manifesto á Nação Portugueza, diverso em todo o sentido d'hum, que apparecêo impresso em seu nome, antes que elle o visse; Manifesto aquelle, em que apparecia toda a força da attracção, na verdade bem mais conveniente em todas as Guerras Civis, que as forças repulsivas, em quanto houver esperança de vencer antes pela concordia, que pelas armas.

Vêr-se-hião ahi Letras do Brigadeiro Madureira, que testemunhavão a sua infatigabilidade em promover o Espirito Realista em todas as Classes.

Ahi sería curioso, e digno de toda a consideração o exame de varias Memorias Justificativas que o Visconde de Monte-Alegre offerecêo a diversos Principes, Estados, Ministros, Generaes, e Conselheiros sobre a grande Questão Portugueza ácerca da Successão ao Throno, que devia decidir-se pelo Senhor Dom Miguel, por interesse de toda a Europa: sobre a verdadeira Opinião Portugueza ácerca d'este objecto: sobre o Espirito do Exercito Portuguez, e sobre outros artigos de interesse do mesmo Exercito.

Vêr-se-hia ahi o original, ou authographo da Apologia dos Realistas Portuguezes Emigrados na Hespanha; Peça de bastante interesse, e peso em aquelles tempos.

Vêr-se-hia ahi huma Exposição franca, ingenua, e livre ao Governo Portuguez feita pelos Realistas Emigrados na Hespanha, na qual Exposição elles supplicavão áquelle Governo, (que elles consideravão de Facto, e não de Direito) não huma amnistia, não alguma transacção, mas huma Audiencia com Salvo Conducto para sustentar n'ella, á face de toda a Côrte, e Cidade de Lisboa os Direitos do Senhor Dom Miguel, e as justas razões, por que elles Emigrados não reconhecião o Governo Portuguez então existente.

Perdêo-se sim aquelle Livro de Memoria, ou de Razão; mas eu me indemniso, e indemniso o Publico d'esta perda com este pequeno *Index*, ou Extracto das nobres materias, que alli se tractárão com dignidade, com decóro, e com energia, sem azedume, sem virulencia, sem provocações.

Tambem jaz nas trevas, e sem consideração alguma, ou ao menos não vio a luz pública a Historia Politica, e Militar dos Portuguezes Emigrados na Galliza, escripta pelo Brigadeiro Madureira, e comprovada com oitenta Documentos Justificativos, a qual elle assignou na Cidade de Soria no mez de Julho do anno de 1827: ella narra toda a sorte de acontecimentos succedidos a esses Realistas Emigrados, assim na Galliza, como nos cento e tres dias de Campanha em Portugal, como na re-emigração até aos dias da assignatura. Eu sei que essa Historia não provocava parcialidades, nem fazia arguições algumas: reflectia porém na demora da entrada do Exercito Realista em Portugal, que devêra ser nos ultimos dias do mez de Outubro de 1826, ou nos primeiros dias do mez de Novembro, e notava como desacerto Politico, e Militar o plano, que alguns concebêrão, e todos forão forçados a seguir, de não occupar immediatamente a Provincia do Minho, e a Cidade do Porto; julgando elle com a commum opinião, que a occupação do Porto, como a segunda Cidade do Reino, e Capital considerada das tres Provincias do Norte era a extincção mesma do Governo Constitucional, abrindo estrada á Grandeza, e aos Realistas de Lisboa para coroarem a empreza do Marquez de Chaves, que se julgava com forças, e recursos sufficientes para poder defecar de Tropas a Capital do Reino, e para as affrontar, e debellar *paulatinamente*, tomando a defensiva na dita Cidade do Porto.

Jazem tambem nas trévas, e sem alguma consideração, como a dita Historia redigida pelo Brigadeiro Madureira, bem que esta foi acceite por Sublimes, e Augustas Personagens, as importantissimas Peças Justificativas, que dizem respeito aos Planos, e Successos Politicos, e Militares dos Portuguezes Emigrados em Hespanha pela parte do Alemtéjo, do Algarve, da Beira Alta, e de Bragança, muitas das quaes importantissimas Peças eu vi, li, e examinei por fortuna minha, e com grande prazer da minha alma. Ahi vêr-se-hia a sagacidade, a finura, a delicadeza, a energia, a penetração, a dignidade, em fim a Politica de Corações Religiosos, e Realistas, com que forão promovidos os Direitos do Senhor Dom MIGUEL, e o Seu Regresso; com que foi nutrido, alimentado, e conservado o Espirito Publico do Exercito, e das Classes de Portugal; com que foi manejada, e movida a grande Causa da Independencia Portugueza. Gloria aos seus Auctores! Por não ser arguido de parcialidade, quando hum Escriptor Publico não póde tomar alguma em huma Causa Publica, não me atrevo a tributar minhas homenagens de louvor, e de respeito aos nomes de Magessi, de Telles Jordão, de Monte Alegre, de

Villa Garcia, de Mollellos, de Azenha, de Rosa Coëlho, d'outros Rosas, dos Cardosos, dos Fonsecas, dos Araujos, dos Teixeiras, dos Rebochos, dos.... dos.... dos.... Este Abecedario seria infinito, sem que todavia elle fosse capaz de satisfazer aos bem merecidos louvores de tantos Portuguezes Emigrados: hum só não houve de todos, os que sabem lêr, e escrever, que não brandisse no descanço a sua penna para promover o bom exito da grande Causa Portugueza, trabalhando em todas as direcções possiveis para nutrir, e manter a Opinião Publica: o valor, a coragem, a intrepidez, e o denodo dos Realistas Portuguezes Emigrados, seus inimigos o testemunhárão com o seu sangue, e com as suas derrotas em Trás-os-montes, no Alem-téjo, na Beira Alta, e no Minho: a sua constancia, o seu soffrimento, se no heroismo ha gráo superlativo, os Hespanhoes o reconhecêrão com admiração, sem embargo de que estes não são diminutos em hyperboles.

Mas para que he este testemunho, impossivel de ser contraditado, de louvor, e de reconhecimento aos Realistas Emigrados na Hespanha? Não he já fóra de tempo? Ou não haverá ainda tempo? — Eu não conheço os tempos, porque sómente Deos os tem em seu poder: mas o passado he huma grande lição, e argumento para o presente: se eu quizesse voltar a penna para os acontecimentos dos Realistas desde 1823 até 1828, este seria hum pélago que não poderia ser bem preenchido por mil vélas: porém attendo ao presente, e como elle he de vindimas, e de colheitas, e esta Estação pouco dura, rendo este justo tributo aos acontecimentos preteritos dos Realistas Portuguezes, porque o futuro está fechado na mão do Todo-Poderoso, e ignoro se Elle o desfechará sobre Portugal, de modo que tenhâmos de tremer da sua Justiça, ou de agradecer a sua Misericordia; esta implorâmos, e esperâmos todos os Christãos, porque a bondade de Deos não tem numero, nem medida.

Conheça porém o Mundo todo que os Realistas Portuguezes fizerão tudo, tudo quanto lhes foi possivel para salvarem a sua Religião, o seu Rei, e Senhor Dom Miguel, e a Independencia da sua Patria! Saiba ainda o Mundo que os Emigrados na Hespanha concebêrão, e tractárão o projecto de irem buscar o Senhor Dom Miguel a Vienna de Austria, e de O pôrem Salvo, e Livre na Hespanha, para proceder como fosse do Seu Real Agrado: os incomparaveis Auctores deste Projecto vírão todas as difficuldades, e todos os impossiveis; porém elle seria executado, e levado a devido effeito, apezar de todos os obstaculos, porque se havião calculado, e posto em segurança,

e infallibilidade todos os meios da execução; a noticia de que o Senhor Dom Miguel regressava a Portugal por effeito de Convenções Diplomaticos tirou o trabalho aos projectistas, mas não os póde privar da gloria! *Nil mortalibus arduum est! Obstupescite Cœli!!!*

Em huma palavra: a Camara dos Deputados, os Officios recebidos pelo Governo Constitucional, as medidas de conservação, e de defeza por elle adoptadas, o chamamento, e o soccorro das Tropas Inglezas, e huma Publicação feita n'esse tempo pelos Academicos Constitucionaes, dão hum superabundante, e mui glorioso testemunho ao valor, á fidelidade, e ao heroismo de todo o Exercito Realista do Commando do Marquez de Chaves. Mais de quarenta mil Portuguezes de todas as classes, estados, condição, e sexo, que em alguns dias povoárão as fronteiras da Hespanha, além dos Realistas, que estavão concentrados nos Depositos; as Cadêas, e Castellos entulhados de milhares de Portuguezes, que erão dos mesmos sentimentos, que os que se havião expatriado; os montes, e os desertos povoados de infinitas victimas dos mesmos votos pelo regresso, e pelos Direitos do Senhor Dom Miguel, apresentão á consideração do homem pensador reflexões do maior peso, e da mais visivel luz. 1.ª Que jámais Portugal esteve tão identificado nos seus sentimentos, mais *engajado* na defeza do Throno, e mais sacrificado pelos desejos da sua Independencia. 2.ª Que jámais a Diplomacia Constitucional ostentou tanto de inconsequente, de arbitraria, e de caprichosa com Portugal, como na actual época; porque ella nunca increpou ao Governo d'esses tempos de Tyrannia, de Violencia, e de Despotismo, tendo elle condemnado de proscripção, de confisco, e de morte a tantos, e tantos milhares de Portuguezes, que seguião a Opinião Commum do seu Paiz; quando ella actualmente increpa de Tyrannico, de Violento, e de Oppressor ao Governo do Senhor Dom Miguel pelo simples facto de reter em custodia a pouco mais de dous mil Constitucionaes teimosos, e obstinados, e de repellir com armas a huns poucos de milhares de homens, que pertendem sustentar com armas huma rebellião conhecida, em que elles se constituírão mui voluntaria, e maliciosamente, affastando-se não sómente das Leis mais positivas, e luminosas do seu Paiz, como da Opinião de quasi todo o Clero, de quasi toda a Grandeza, e de quasi todo o Povo do Reino: então dizião os Escriptores Constitucionaes sobre a perseguição de tantos, e tantos milhares de Realistas — *ahi tem o premio do seu fanatismo* — e ainda desejavão que se *centuplicasse* o numero dos perseguidos: pois agora digo eu sobre a perseguição, ou justa detenção,

e castigo d'esses poucos Constitucionaes estrauados — *ahi tem o premio da sua obstinação* — e desejara de todo o meu coração, que se diminuisse o numero d'esses homens desgraçados.

Pela parte pois, que me coube em sorte nos trabalhos, e nos sacrificios dos Realistas Portuguezes, ou no anno de 1820, ou nos de 1823, 1824, 1825, 1826, 1827, e 1828, e mesmo na presente, e terrivel crise do corrente anno de 1832, eu digo, como em retirada, a todos os Portuguezes, o que muitos bem conhecem, que tenho feito tudo o que me tem sido possivel, acaso fazendo-me superior a mim mesmo, para salvar a Religião, o Throno, e a Independencia dos Portuguezes, trabalhando *intus, et foris*, assim no Reino como fóra d'elle, sem poupar-me de maneira alguma, cumprindo como bom Portuguez, que segundo a sua classe, e a sua esféra deve haver por suave, e glorioso expôr tudo, o que póde pelo bem do seu Rei, e do seu Paiz. Deos me he testemunha, direi com o Apostolo S. Paulo. *Deus scit quia non mentior.* Assim podesse dizer com o mesmo Apostolo, que tenho sido util para todos: — *factus sum omnia omnibus.* — Porém não foi assim; eu nunca desejei, nem hei de desejar ser util á Maçonaria, bem que tive, e terei sempre vontade, de que os Maçons seduzidos, que são muitissimos, voltassem, e voltem sinceramente para o aprisco Sagrado, e suave da Sancta Igreja de Jesus Christo Senhor Nosso, porque fóra deste recinto os Maçons seduzidos serão sempre victimas dos extravios, dos frenesis, das loucuras, e das interminaveis revoluções dos Maçons seductores. Tristissimas, e reiteradissimas experiencias podião ter-lhes já aberto os olhos; porém a sua maldade certamente os cegou — *Malitia eorum excæcavit illos* — o que me induz a acreditar que esta he a Mão de Deos, que vai carregando sobre este Seculo incredulo, e vertiginoso.

Meus correspondentes, que talvez se queixem do meu silencio, e incommunicação, devem inferir da parte, que tenho tomado na grande Questão Portugueza, que elles me culpão sem razão de não apresentar ao Publico as suas Letras, e noticias, que de todas as partes m'envião, porque essa apresentação, ou publicidade contraviria á Politica do Governo; nem elles devem arguir-me de que, ao menos, não offereça as suas Letras ao Governo; *primo* porque eu não sou orgão, nem instrumento do Governo; *secundo* porque o Governo está perfeitamente inteirado pelos seus Subalternos de tudo o que acontece, e de tudo o que convem. Seja pois mais hum terceiro motivo do meu silencio em toda a extensão da palavra, porque espiritos inquietos, fazendo o papel de adivinhadores, arguem de revolucionarias as

minhas Publicações, dizendo que em taes, e taes Numeros *sas-feri* a estas, e aquellas Authoridades, e a estes, e aquelles Chefes, estando eu intimamente convencido de que todas as Authoridades, e todos os Chefes cumprirão, e cumprem á risca as Ordens, que se lhes enviárão, e que se lhes enviáo pelas differentes Repartições do Governo; porque, se não as cumprissem, o Governo tem toda a força para os emendar, ou remover, como, e quando convier á sua Politica: he principalmente por este motivo Politico, e para não fazer a vontade á Maçonaria, que tanto forceja por acabar com esta Publicação tão desejada da maior parte da Nação Portugueza, que eu não dou huma só Letra aos meus conhecidos, por mais que elles se authorisem com titulos de Chefes, de Authoridades, de Empregados, e de Funccionarios. Embora os malvados, os revolucionarios se queixem de mim: já lhes respondi varias vezes — *Quod scripsi, scripsi.* — No antecedente Numero lhes dei a ultima decisão com S. Jeronymo — *Qui mihi irasci voluerit, prius ipse de se quod talis sit, confitebitur.* Esta Publicação não ferio pelo seu proprio nome, e com caracteres especiaes alguma Authoridade constituida — *Neminem specialiter meus sermo pulsavit.* — Verdade he que algumas vezes apresentei, e vou apresentando alguns espelhos de reflexo; se alguem, vendo-se nelles, se acha maculado, as maculas não vem do espelho: *generalis de vitiis disceptatio est.* Tracto somente de debellar a Maçonaria rebelde; a Nação Portugueza deseja ardentemente vê-la extincta, e com este calôr tem varias vezes tomado as armas. O Governo marcha neste sentido. Digo-o pois de huma vez a todos os Portuguezes, e tomo a Deos por testemunha da sinceridade das minhas palavras, que o Governo dirige as suas Operações Politicas, e Militares, como convem ás suas altas vistas; que para ultimar o seu grande fim, escolhêo os Chefes, e os seus Subalternos em todas as Repartições, como foi do seu agrado; que esses Chefes, e Subalternos em todas as Repartições tem satisfeito, e satisfazem os desejos do Governo. Esta intima persuasão do meu entendimento illustrado sobre o que acabo de dizer, e esta pública Manifestação devem tranquillisar, e cerciorar a muitas pessoas sobre as minhas idéas expendidas até este Número. A Defeza de Portugal marcha de hum passo firme, e certo a sustentar a grande Causa da Religião, do Throno, e da Independencia Nacional!

Em vão pois pertendem alguns maior claridade nas minhas idéas, querendo que eu fosse como o Sol, que dissipasse todas as trévas: era para isso necessario que elles, e eu estivessemos em posição respectivamente propria, porque nem o Sol illumina, quando padece ecclipse total, nem os

homens podem ser illuminados, quando estão em infinita distancia do Sol. Nascido em Aldêa, e regressado, ha pouco, de huma Aldêa, eu não sei explicar-me senão por termos rusticos. Tardavão-me muito para a Missa Conventual em Rebordosa os moradores de huma Aldêa, *Fijó* de nome, e arguindo-os em huma vez pela sua excessiva, e ordinaria demora, se desculpárão com, que elles não tinhão Sol: examinei, o que duvidava, e effectivamente era quasi como elles dizião, porque o Sol alli se avistava commummente pouco mais de tres horas nos dias menores: tanto he lobrega, e obtusa aquella situação, e tanto he certo que os Portuguezes sinceros não sabem mentir: todavia não deixei de avivar aquelles rusticos, dizendo-lhes — *Não desculpem a sua pirguiça: já que o Sol lhes falta na sua Aldêa quasi sempre, procurem o Divino Sol de Justiça, que illumina de dia, e de noite, e elle lhes servirá de lus para cumprir os deveres da Religião.* Sem embargo destas quasi continuas trévas, em que está aquella porção dos meus Freguezes, elles não são tão faltos de razão como alguns da immediata Freguezia de *Sobrado*, dos quaes dizem aquellas gentes d'alli, que em huma occasião vendo de noite a Lua, e olhando para o Rio, que he o denominado *Ferreira*, onde foi a célebre acção de 23 de Julho d'este anno, como alli vissem o reflexo da Lua, julgando entre si que o que lhes parecia vêr debaixo das aguas fosse huma *brôa de unto*, dous d'elles se lançárão ao Rio, e como fosse caudaloso, lá ficárão, não escarmentados, mas afogados. Estas duas anecdotas, a primeira certa, me ensinão que não devo lançar-me ao pélago, sem saber antes se o posso sulcar sem perigo, nem convem dar maior claridade ás minhas idéas, porque a Maçonaria em todo caso espalha sobre ellas trévas, que eu não posso affastar.

Não que eu tema a Maçonaria, mas temo os titulos, com que ella se adorna, sobre o que contarei mais huma historieta, que passou na Provincia de Trás-os-Montes nos annos de 1822, e 1823. Havia em huma Comarca daquella Provincia hum Medico havido por bom na sua habilidade, e nas suas intenções, se bem que eu sempre desconfiado arrenegava delle: mas como *unusquisque suo sensu abundat*, o commum das gentes o chamava nas suas molestias, como a hum *Esculapio*, ainda que muitos se fôrão escoando para a eternidade: eu cada vez mais desconfiado d'aquella *endromina*, porque via que erão Carcundas quasi todos os mortos, porem a outra gente nem na morte dos seus aprendia, occultei meus pensamentos com pejo de suspeitar mal de hum homem acreditado: vai senão quando, na papelada do José da Silva Carvalho apparece huma Letra do honradissimo,

e habilissimo Medico, em que lhe dava parte de haver despachado na Alfandega da morte a sessenta Carcundas influentes, deixando seus corpos em tributo á Causa Constitucional; e dizia a Letra que, se todos os seus Collegas tivessem feito outro serviço igual, o Marquez de Chaves não haveria sublevado a Provincia de Trás-os-Montes. E agora? Foi certo, ou não? disse eu para alguns Realistas; e elles disserão — agora sim: — porem, lhes repliquei, agora assobiem-lhe ás botas; os mortos estão mortos, e o trahidor está rindo-se: desenganem-se, meus amigos; prevenir o futuro, remediar o presente, que o passado não tem remedio.

Que tem que vêr toda esta salgalhada com a presente Publicação! Despede-se por ventura, que assim nos expurra tantas cousas, que não podem engulir-se todas de huma vez? Ou acabou-se-lhe o seu dizer? Nem acabou, nem acabará. Esta foi huma satisfação a todos os Realistas Portuguezes, e a ultima resposta a todos os revolucionarios. A experiencia do passado, a observação do presente são as duas premissas das que, annos ha, deduzo consequencias para o futuro, e até hoje tenho-as sempre acertado; mas Deos sempre sobre tudo, para me não enganar, porque os Segredos de Deos ninguem os conhece, e eu os respeito, e adoro, e não investigo. A Historia das Revoluções, a lição das Campanhas Religiosas, Politicas, e Militares da Europa, depois que as Seitas apparecêrão, me subministrão hum grande cabedal de idéas justas, uteis, e necessarias; ellas apparecerão!

A sua Publicação não pode deixar de ser vida como revolucionaria, porque V. pertencêo á Divisão Transmontana, e pertence á Emigração Realista de 1826, 1827, e 1828. = Ora acabemos com isso. Essa he a verdadeira origem do odio Maçonico a esta Publicação: a Maçonaria forcejou tudo quanto pôde, por supplantar a Heroica Divisão Transmontana; mas respondão-lhes ainda hoje os Viscondes do Peso da Regoa, e de São João da Pesqueira, que estão com as armas na mão: elles me desaffrontarão.

Quanto aos Emigrados de 1826, 1827, e 1828, a Maçonaria tem redobrado, e continúa a redobrar seus esforços pelos reduzir á ultima ruina! Ainda hoje a Maçonaria trabalha, e trabalhou constantemente desde o seu regresso, pelos pintar como revolucionarios! Barbaros! ainda agora se me batem os dentes com desejos de que o Governo vos trincasse todos os vossos projectos! Mas esta fatal conjuração da Maçonaria foi predita pelo Capitão General Longa, e não havia Portuguez conhecedor das manobras Maçonicas, que a não previsse.

Se neste Seculo houvesse aquella Liberdade de Imprensa, que Portugal teve no Reinado do Senhor Dom João IV,

qual outro *João Pinto Ribeiro*, que muito concorrêo para a feliz Acclamação d'aquelle Augusto Senhor, e que ao depois escrevêo a Obra, que titulou — *A Acção de Acclamar o Senhor Rei Dom João IV, foi mais gloriosa, e digna de honra, fama, e remuneração, que a dos que o seguirão acclamado.* Lisboa 1644: — eu, que de alguma maneira concorri para a Acclamação do Senhor Rei Dom MIGUEL I, escreveria tambem em hum Volume em 4.°, como elle, a seguinte demonstração — *A acção de Acclamar o Senhor Rei D. MIGUEL PRIMEIRO, estando Elle ausente do Reino, e sendo muito duvidoso o seu regresso, foi mais gloriosa, e digna de honra, fama, e remuneração, que a dos que O Acclamárão presente; e a acção dos que O Acclamárão regressado foi mais gloriosa, e digna de honra, fama, e remuneração, que a dos que O seguirão acclamado.* — Que se me não permitta a mim no anno de 1832, o que se permittio a *João Pinto Ribeiro* no anno de 1644!

Porem, Portuguezes! Vós sois hum só Ente Politico, Moral, e Religioso, ligados ao Vosso Rei, e Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO, e á vossa Patria! Os rebeldes vos atacão na vossa Religião, no vosso Rei, e na vossa Independencia! Conservai a vossa Unidade, porque hum só he o vosso Deos, hum só o vosso Rei, e Senhor, e huma só a vossa Patria: nesta Unidade Religiosa, Politica, e Moral, nesta União, da qual depende a força, e o triumfo, correi contra os rebeldes, voai sobre os revolucionarios, despedaçai-os, cortai-os, retalhai-os! Aproveitai o vosso São Miguel: elle he chegado; não o deixeis escapar, sem que primeiramente colhais huma Victoria completa, e terminante sobre os inimigos do Altar, do Throno, e da Patria! Eia, Portuguezes! Vencer, ou morrer!

Lisboa 6 de Setembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 67.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Forão já vencidos os rebeldes? Se o não forão, quando os haveis de vencer? Todos os Realistas da Europa vos fazem esta pergunta, estando todos elles bem certos, de que a victoria he vossa: todavia respondei-lhes, e satisfazei-os com as vossas obras.

Com cadêas de ferro, dizia Platão, que Deos aprisionára as almas das gentes de baixa condição; com cadêas de ouro as almas dos Principes; com cadêas de... as dos ... e por esta fórma enigmatica, ainda que fabulosa, ía este Filosofo explicando a indole, e propensão, ou a inclinação, e genio de cada huma Classe dos homens, ensinando como cada hum devia ser conhecido, e dirigido, para se não perder o tempo, nem se errar a vocação, entregando-se a estudos, empregos, exercicios, e trabalhos, de que a natureza, o temperamento, e a sua estructura o affastão. He n'este sentido, que esta Parabola de Platão he commentada pelos seus discipulos, e affeiçoados, e bem; porque, se essas proposições fossem tomadas á letra, ellas serião mais injuriosas aos Principes, que ás pessoas de baixa condição; pois mais pesadas são as cadêas de ouro, que as de ferro; mais duradouras aquellas, que estas; porque estas quebra-as a força, destróe-as a industria, come-as a agua forte, móe-as a lima, e gasta-as o tempo; porém aquellas mais compactas, menos compressiveis, e mallea-

vem moço-se do martello, riem-se da industria, brincão com a agua forte, escarnecem da lima, e zombão dos Seculos; por onde se vê que a gente de condição baixa, aprisionada com cadêas de ferro, mais facilmente póde adquirir a sua liberdade, que os Principes aprisionados com cadêas de ouro.

Mas se as cadêas de ferro se tomão no sentido da sujeição, da dependencia, da oppressão, dos trabalhos, das infelicidades, das miserias, e da pobreza, em que ordinariamente vivem em alguns Paizes as gentes de baixa condição; e se as cadêas de ouro se tomão no sentido da altura, da elevação, da independencia, da liberdade, das delicias, das commodidades, dos prazeres, do fausto, do brilho, do esplendor, da felicidade, e da riqueza, em que vivem ordinariamente os Principes; ainda assim mesmo não he facil de julgar com acerto, qual das duas fortunas seja mais suave, mais sopportavel, e menos perigosa; se a adversa da gente de baixa condição, se a próspera, e alta dos Principes. Pondo agora de parte as Considerações do Ceo, que nunca devião arredar-se dos olhos dos Povos humildes, e dos Principes Exaltados; do Ceo, que parece mais facil, e mais franco aos pobres, pagando sómente por entrada o direito do soffrimento, que he como o Real d'agua em huma vida tão breve, e tão versatil, do que he facil, e franco aos Principes, que carregados, e dilatados com os volumosos fardos dos prazeres, e das riquezas mal podem andar pelo caminho estreito da virtude, que guia para a eterna felicidade; pondo (repito) de parte as Considerações do Ceo, eu acho que as cadêas de ouro no sentido, em que vou fallando, são mais pesadas, menos sopportaveis, e mais perigosas para os Principes, do que o são as cadêas de ferro para as gentes de condição baixa. Em que sustos, receios, temores, e cuidados não devem viver os Principes, que cercados de ouro, e de prazeres, dominão em hum Povo pobre, opresso, desgraçado, e faminto? Hum Povo cercado, e carregado sempre de trabalhos, e de fome; que se vê abandonado á miseria, e á morte; que não tem, quem o ajude, e soccorra; que pede pão, e não acha, quem lho reparta; que ambiciona trabalhar, para se alimentar, e só encontra, quem lhe nega os trabalhos, para o ter sempre em maiores trabalhos; que com o suor do seu rosto lustra, e abrilhanta a alta condição do seu Principe, e da sua Côrte, recebendo em retribuição do seu suor novas fadigas, novos gravames, novos impostos: esse Povo não se tem in-

surgido mais de huma vez contra o seu Principe, e contra a sua Côrte? Esse Povo não tem humilhado mais de huma vez aos Principes, e aos seus Cortesãos? Não tem elle espoliado os Palacios dos Reis, e as Casas dos Grandes! Que he o que levou a Luiz XVI ao Cadafalso? Que he o que esbulhou a sumptuosidade dos Grandes da França? Não foi a cobiça, e o furor de huma Povo esfomeado, a quem se lhe fez acreditar que as suas desgraças, os seus trabalhos, a sua falta de pão para si, para suas mulheres, para seus filhos, e para as suas familias vinha do Rei, da Grandeza, e do Clero! Era o Povo Francez obediente, humilde, e soffredor, porque geralmente era Christão; porém elle não quiz ouvir fallar em Religião, quando lhe faltava pão! Dificilmente se prega o jejum, a quem está cahindo de fome: o jejum sómente parece facil, segundo o sentir de hum Sancto Padre, a quem tem o estomago farto. O exemplo da França não he unico sobre esta materia: O Brasil desesperado por esfomeado pela má administração de Dom Pedro, que sómente tractava de si, do seu fausto, dos seus prazeres, e do seu divertimento, quiz renovar a Scena de França; e se Dom Pedro não passou pela guilhotina como Luiz XVI, deve-o á Maçonaria, que lhe dêo *escapúla* para vir a fazer a desgraça do Povo Portuguez, que elle muito se apraz no seu coração de vêr hum dia reduzido aos ultimos apuros da fome.

Mas ai dos Principes, que não vêm em roda de si senão ouro, abundancia, riquezas, e felicidade, em quanto as gentes de condição baixa, que ordinariamente formão a maior parte da população de hum Paiz qualquer, penão na maior indigencia, e penuria; em quanto os viuvas, e os orfãos estão no ultimo desampare, e abandono; em quanto as classes laboriosas não achão nos fructos da sua lavoura, com que possão sustentar as suas mesquinhas fortunas, sendo tudo pouco para satisfazer os impostos públicos; em quanto as classes mercenarias procurão o trabalho para terem pão, e até se lhes nega o mesmo trabalho, com que honrosamente o adquirião; em quanto os artistas buscão trabalhar nas suas artes, para d'ellas se alimentarem, e todos os meios de subsistencia se lhes difficultão! Ai dos Principes, que não ouvem senão a Cortesãos, que todos os dias lhes dizem — *Que tudo vai bem* — e os affastão de ouvir os gemidos dos Povos, que dizem bem — *Que tudo vai mal* —! Ai dos Principes, que illudidos pelo ouro, que nos seus Paços corre a seus devidos tempos, ignorão que, os que o seu

vem, estão mal pagos, e mal contentes, e satisfeitos! Que perigos não correm esses Principes illudidos, e mal aconselhados, se a maioria dos seus Povos, conhecendo-se perdidos, e abandonados, vendo-se sem subsistencia, e sem esperança de pão, se persuadem que as suas calamidades, os seus trabalhos, a sua penuria, e a sua fome vem, e procede da má administração, e da insensibilidade dos seus Principes, e dos seus Cortesãos? — *Frustra vivit qui sibi, et non aliis vivit* — disse São... Chrysologo; Sentença, que os revolucionarios n'este Seculo tem aproveitado em redundantes, e fagueiras frases, para provocarem os Povos á rebellião, e ao Regicidio, ou desthronisação dos seus Principes! Por estes estimulos seductores, e alarmantes foi empoleirada a revolução do Porto do anno de 1820!

Maçons! Conheço-vos, ou não? Mas o vosso odio attesta do meu conhecimento! A Maçonaria trabalha sempre neste dobrado sentido: *enganar os Reis — desgraçar os Povos:* dizer aos Soberanos que tudo vai bem, e fazer sentir aos Povos que tudo vai mal: procurar que os Soberanos não vejão as desgraças dos Povos, affastando-os de que oução seus tristes queixumes, e seus tocantes gemidos; e persuadir aos Povos que os seus penosissimos males, e padecimentos vem da indolencia, da insensibilidade, e da má administração dos seus Soberanos: distrahir os Soberanos da necessaria, e devida attenção aos negocios públicos, e fazer acreditar aos Povos que seus Soberanos se não importão de sua sorte: arredar os Soberanos do trabalho, a que são obrigados a dar-se no laboriosissimo governo público, entretendo-os com divertimentos distantes, e alheios das indispensaveis occupações de hum Rei, persuadindo-os de que os Povos vivem ditosos, e não precisão de contínuos desvélos, e cuidados, e embutir aos Povos que os Reis são sómente para si mesmos, e não para elles; esgotar as Rendas do Estado em obras superfluas, e ridiculas, como se fossem interessantes, e necessarias, e não applica-las ás cousas, e objectos da primeira necessidade, e urgencia; fazer tudo em nome dos Reis, e nada por amor aos Reis; quebrar o mutuo ligame dos Reis com os Povos, enchendo aos Reis de enganos, e aos Povos de calamidades: e depois de todas estas, e de outras semelhantes manobras fazer que os Povos se persuadão, de que o Soberano he inepto, he incapaz, he Despota; que elle não serve; e conseguintemente que, sendo a Primeira Lei dos Povos a utilidade, e a felicidade dos mesmos Povos, elles devem depôr os Sobe-

ranos, que promovem as suas desgraças, e eleger outro, ou outra forma de Governo, que promova o seu interesse, e o seu bem. Eis como se introduzio nos Povos o anarchico, sanguinario, e terrivel principio da Soberania Popular! A Maçonaria trabalha na Europa, muitos annos ha, sobre este *circulo vicioso*, talvez não bem conhecido por todos os Governos, porque acabo de vêr que a Dieta Germanica vem de confessar publicamente, que o Governo *se enganára nos meios de conservar a segurança interior!* Praza aos Ceos que tambem a Dieta não fosse enganada, nos que adoptou.

A lição das Historias Publicas, e Occultas da primeira Revolução da França, quando foi suppliciado o seu Rei, o melhor homem do Mundo, Luiz XVI, e quando a Grandeza, e o Clero Secular, e Regular forão por esses ares; ainda a lição de outras Historias anteriores, e posteriores do mesmo Paiz, e de outros Paizes; a mesma lição de tudo, o que os Constitucionaes escrevêrão em Portugal desde 1820 até 1823, e desde 1826 até 1828; sobre tudo huma profunda meditação, de quanta he capaz a minha alma, aturada, e quasi contínua por huma notavel porção de annos, me tem collocado, a meu vêr, na attitude Filosofico de conhecer radicalmente a Maçonaria, as suas causas, os seus effeitos, os seus instrumentos, as suas occasiões, os seus pretextos, os seus meios, e todos os seus pontos de vista. Vasto campo, em que, ajudando-me Deos, tenho de apresentar hum numero quasi infinito de idéas, de conhecimentos, de observações, de regras, e de consequencias, que poderáõ ser uteis, se forem aproveitadas! Eu desejo apreseatar ao Mundo hum *Espelho de corpo inteiro!* Veja-se n'elle todo o Mundo: os que forem Pedreiros, lá se conhecerão que o são: eu não faço, nem finjo Pedreiros; formo o Espelho; elle representará sem defeitos aquelles, que os não tiverem, e não encobrirá a quem os tiver! Fação-me todos a justiça de não imputarem a mim, nem ao Espelho as faltas, que em suas palavras, e acções estão! Mas eu tenho hum ponto, que me assignalou hum Portuguez amante da sua Patria: Vou a elle.

Syllogismo Maçonico.

Os Reis são para os Póvos, e os Póvos são para os Reis; os Póvos servindo aos seus Reis com as suas fazendas, pessoas, e vidas, tanto quanto convem á Salvação do Estado; os Reis promovendo, quanto lhes he possivel, a

felicidade dos seus Póvos, não lhes tomando as suas fazendas, pessoas, e vidas, senão tanto quanto convem á dignidade do Throno, e á independencia do Estado. — Esta proposição, que he *a maior* do Syllogismo, he de eterna verdade.

Fulano, Rei, não promove em cousa alguma a felicidade dos seus Povos, antes lhes toma as fazendas, pessoas, e vidas, mais do que precisa a dignidade do Throno, e a independencia do Estado — Esta proposição, que he *a menor* do Syllogismo, póde ser certa algumas vezes, mas he sempre escandalosa, provocativa, offensiva, e tumultuaria a sua enunciação.

Logo os Póvos devem depôr esse Rei, porque destróe os fins da Soberania, e anniquila o Pacto reciproco, que há entre os Soberanos, e os Póvos, ou a Primeira Lei, que he a utilidade, e a felicidade, assim dos Reis, como dos Póvos, e por isso podem estes escolher outro Rei, ou outra fórma de Governo, que promova, e conserve aquelles fins, ou aquelle Pacto, e Lei reciprocos, e mutuos. — Esta *consequencia* he erronea, subversiva, e anarchica; porque estabelece o sanguinario, feroz, e anti-Social Principio da Soberania Popular, dando aos Póvos a Suprema Judicatura sobre os Reis, e facilitando a appellação dos Reis para os Póvos, o que produz todos os furores, todas as loucuras, e todas as paixões mais sórdidas, mais extraviadas, e mais revoltantes, e destructivas para a paz, tranquillidade, e conservação da Sociedade.

Os factos, e exemplos, que em confirmação da doutrina estabelecida na consequencia allegão alguns pertendidos de Sabios, não são menos anarchicos, e subversivos; e argumentar de hum erro para outro erro, de huma desordem para outra desordem, de hum crime para outro crime, de factos ruinosos para outros ruinosos, he fundar o abysmo, e o cáhos dos erros, das desordens, dos crimes, e das subversões. O que alguns dizem dos Summos Pontifices de Roma, que antigamente, ouvidos os Póvos, absolvião a estes do juramento de fidelidade, e de obediencia, que havião prestado aos seus Reis, e em consequencia depunhão os Reis, porque promovião entre os seus Póvos a immoralidade, a injustiça, a corrupção, os sacrilegios, a impiedade, e a irreligião não provaria outra cousa, que a crença, e commum persuasão, em que os Summos Pontifices, e os Póvos estavão, de que o Supremo Poder Espiritual abrangia a faculdade de depôr os Reis, quando estes não convinhão á

edificação dos Fieis Christãos: ha quem diga que essa praxe ainda não pôde ser convencida em toda a evidencia de erronea, de ímpia, de inconveniente, e de excessiva de authoridade: seja o que fôr de essa praxe já antiquada, e em desuso, ella não admittia a appellação dos gravames dos Reis para o Juizo anti-social, erroneo, absurdo, incompetente, e anarchico dos Póvos, mas admittia sómente a appellação para o Supremo Vigario de Jesus Christo, Lugar-Tenente de Deos na terra, pelo que pertence á Fé, á Piedade, e nos Costumes. O certo he que, se essa praxe continuasse n'este seculo, ella de certo seria exercitada pelo Summo Pontifice Romano contra Dom Pedro, e a prol dos Catholicos Portuguezes, immediatamente a Sua Sanotidade constasse que esse Principe foi hum filho rebelde a seus Augustos Pais, e Reis, e escandaloso a toda a Nação, e que elle he hum Pedreiro Livre, pois elle mesmo o confessou pela sua assignatura; que protege os Pedreiros Livres, e todos quantos crimes se conhecem de impiedade, de sacrilegios, de profanações, de immoralidade, de devassidão, e de escandalos de toda a especie. Porem o recurso dos Reis para os Póvos não foi conhecido entre os Catholicos, senão depois que a impiedade das Seitas introduzio a appellação dos Summos Pontifices para os Concilios, declarando-se com escandalo geral, que os Papas são inferiores aos Concilios, e que os Concilios podem julgá-los, condemná-los, e depô-los!!! Assim, dizem os revolucionarios: *os Reis são inferiores aos Póvos, e os Póvos podem julgá-los, condemná-los, e depô-los!!!* Eis a Maçonaria Religiosa, e Politica unidas para derrubar os Altares, e os Thronos!!! Vejão os Principes Catholicos as doutrinas, que tem deixado disseminar entre os seus Póvos!!! Protectores da Igreja! Se deixastes minar o Supremo Poder do Vigario de Jesus Christo, como quereis seguro, e inabalavel o Vosso Poder, o Vosso Throno, e a Vossa Magestade! Faço alto, e ponho huma mordaça á minha lingua, para não offender mais a Maçonaria por esta vez!

Eu não admitto a Superioridade de Nação sobre os Soberanos, senão para declararem na vacancia do Throno a Pessoa, a quem elle pertence, ou decidir na competencia de muitos Contendores, a qual d'elles assiste o Direito: mas isto não he depôr Reis, nem exercer Superioridade, ou Soberania sobre elles, como não he depôr Papas, nem ter Superioridade aos Papas, o declarar em hum Scisma, ou discordia, qual d'elles he o Supremo Vigario de Jesus Christo.

Sinto-me com forças para satisfazer a todas as objecções dos revolucionarios da Igreja, e das Monarchias! Mas vou expender hum

Syllogismo Diplomatico Liberal sobre hum Throno, qualquer, em Vacancia.

Todo, e qualquer Principe declarado pelo seu Paiz herdeiro de hum Throno julgado vacante, que não promove a felicidade d'esse Paiz, de maneira que faça a felicidade dos outros Paizes, com os quaes elle d'antes tinha Tractados de Commercio, e de Negociação reciprocos, mutuos, e respectivos, não deve ser reconhecido, nem ajudado por esses Paizes, sem embargo de todas as Leis do Paiz, em que elle foi declarado, e jurado Soberano; porque não cumpre a Lei Suprema d'esses Paizes, que he a utilidade, a conveniencia, e a felicidade dos mesmos; antes deve ser repellido, e inquietado, e procurar-se, promover-se, e ajudar-se outro, que observe essa Lei Suprema da utilidade, conveniencia, e felicidade dos ditos Paizes — Esta proposição, que he *a maior* do Syllogismo, não encerra algum principio de justiça, mas todos os da conveniencia, e utilidade, que he a Lei Suprema de todos os Estados Liberaes, especialissimamente na vacancia de hum Throno, a qual elles julgão como huma nova, e livre eleição, e mudança de Dynastia, ou de Principe. Os Portuguezes, naturalmente sinceros, e probos entendêrão mal, quando discorrêrão que a sua grande Questão sobre a Successão ao Throno seria julgada, e approvada por todos os outros Paizes pelas justissimas Leis de Portugal, devendo antes entender que ha Paizes, que não se ligão ás Leis dos outros Paizes, mas ás d'elles mesmos, e elles não tem outra Lei com referencia aos outros Paizes, que a sua utilidade, conveniencia, e felicidade, a que elles chamão a Suprema Lei do Estado em Negociação, Alliança, e Commercio com os outros Estados: se houvesse esta previsão, e juizo, a meu parecer, para obter o Reconhecimento do Senhor Dom Miguel por todos os Paizes, seria necessario aproximar humas Leis ás outras, e *canjar* humas com outras, ou, em outros termos, fazer vêr a esses Paizes em questão, com quem Portugal mantinha d'antes relações mutuas, e reciprocas de Commercio, que o Senhor Dom Miguel queria, e quer proporcionar de tal maneira a felicidade dos seus Povos, que elle conservaria a mesma conveniencia, utilida-

de, e felicidade a esses Paizes, quanto fosse possivel, segundo as circumstancias. Sobre estas bases notei, e reflecti eu que discorria Guilherme Walton nesta Questão mais do que sobre as bases Portuguezas, pertendendo interessar a Inglaterra mais com as suas Especulações Commerciaes, que com as Especulações de Leis Portuguezas, ás quaes somente estão ligados os Senhores Reis, e os Povos de Portugal. O Estoicismo Legal, já ha Seculos que se esgueirou entre as torrentes da Filosofia Liberal, e para o renovar, e suster neste Seculo he necessaria força, e grande força: discursos são para entreter o tempo, e poucas vezes para fazer valer a razão. Este meu modo de discorrer não he *á parte post* dos successos; he, ou bom, ou máo, *á parte ante* d'estes successos, e da mesma Acclamação. Julgo que os Viscondes de Monte Alegre, e de Villa Garcia, e o Bacharel José Guilherme Pereira Coutinho de Vilhena se recordárão de me haver ouvido *delirar* por esta maneira no *exilio de Miranda do Ebro* lá nos *Clubs Realistas*, a que eu era admittido nas eternas noites do inverno de 1827, e 1828. Eis como discorria segundo este sentido — « A Diplo-« macia, de tempos a esta parte, considera nos Principes « a posse, pela qual reinão, não o Direito, pelo qual de-« vem reinar. Dom Pedro foi mettido de posse de Portu-« gal, e a Diplomacia não se importa da injustiça da sua « posse. Os Portuguezes, que, seguindo o costume dos Se-« culos passados, não nos importando do facto, temos so-« mente olhado para o Direito, embargámos a posse de D. « Pedro, e acclamámos o Senhor Dom MIGUEL, estabe-« lecendo a sua acção como Procuradores dos seus Direi-« tos, e da Independencia de Portugal, e por isso pagare-« mos as custas *ex causa*. Resta que o Senhor Dom MIGUEL, « regressando, confirme este negocio bem tractado, e to-« mando posse de todo Portugal, como de Direito Lhe per-« tence, contrarie a posse de facto de Dom Pedro; mas « para isso he necessario que antes segure a seu favor todas « as Possessões Ultramarinas; porque huma só Possessão, « que Lhe falte, a sua Posse não será reputada universal. « Esta he a segunda Instancia d'esta Demanda Portugueza, « mas ainda então se não pode julgar ultimada; he neces-« sario ainda contradictar os Embargos, que a esta Posse « mettérá Dom Pedro, e o seu rebelde Partido; he neces-« sario tambem que a Posse do Senhor Dom MIGUEL, que « he de Direito, segundo as Leis Portuguezas, seja reco-« nhecida de Direito, segundo as Leis dos outros Paizes;

« advertindo que estas Leis na maior parte dos Estados, « segundo a Diplomacia corrente, são a conveniencia, a « utilidade, e a felicidade d'esses Estados: porque não de « outra forma lhes pode interessar o dito Reconhecimento. « Verificadas todas estas cousas, a Posse do Senhor Dom « Miguel será havida como huma Posse Diplomatica, Pa- « cifica, Solemne, e Legal universalmente. » — Tal foi o sentido, em que então discorria: vejão os Politicos no anno de 1832, se este Discurso está ajustado ás idéas, e aos successos presentes. Mas o periodo espaçou-se muito: vou pois á *menor* do Syllogismo.

O Senhor Dom MIGUEL não promove a felicidade dos seus Povos com relação á conveniencia, utilidade, e felicidade dos outros Estados, com quem esses Povos tinhão anteriores Tractados de mutua, e reciproca Negociação, e Commercio. — Eis a arbitrariedade dos que tem maior força sobre os que a tem menor! Eis o despotismo Diplomatico sobre Paizes de sua natureza, e por Direito Livres, e Independentes! Eis as discordias alimentadas, e promovidas! Para debellar esta *menor*, que he o argumento *herculeo* da Diplomacia de varios Paizes, offereci no N.° 63 a minha *Tentativa*, que prometti, e prometto sustentar em Idioma Latino contra tres mil adversarios, demonstrando que o Senhor Dom Miguel quer de todo o seu coração promover a felicidade dos seus Povos, não somente sem detrimento, mas até com referencia á utilidade, conveniencia, e felicidade dos Paizes, com quem Portugal estava d'antes em negociação, e commercio, sustentando por esta forma, quanto fôr possivel com as circumstancias, os anteriores Tractados de reciproca Alliança, e Interesse.

Logo o Senhor Dom MIGUEL não deve ser reconhecido, nem ajudado por esses Paizes Estranhos, aos quaes não interessa na sua anterior conveniencia, utilidade, e felicidade, que nesses Estados he a sua Suprema Lei para as Relações Diplomaticas com os outros Estados; antes deve ser repellido, e inquietado, e promover-se, e auxiliar-se em seu lugar a Dom Pedro, de quem pode obter-se, e esperar-se, que pela sua mesma necessidade, e interesse relacione a felicidade dos seus Povos á conveniencia, utilidade, e felicidade dos outros Estados, com quem Portugal tractava d'antes em commercio, e em mutua, e reciproca negociação de interesses. — Eis a triste, errada, e bellicosa *consequencia* de premissas tambem erradas, injustas, e arbitrarias! Principios de conveniencia, ou desconveniencia for-

não consequencias de conveniencia, ou desconveniencia, e consequentemente de intervenção, ou não intervenção; de paz, ou de guerra! Estes Principios, e deducções talvez não fossem previstos, considerados, e examinados maduramente em tempo opportuno por alguns Portuguezes sinceros, e probos, que julgavão ligar a Diplomacia dos outros Paizes ás Leis antigas, e fundamentaes de Portugal; como se a conveniencia, a utilidade, e a felicidade pratica dos outros Paizes estivesse identificada com as theorias, com a justiça, e com as razões das antigas Leis Portuguezas somente reconhecidas pelos Portuguezes, e que somente a elles dizem respeito, e impõe Deveres, e Direitos. Para debellar esta consequencia, e os seus fundamentos tão funestos, e tão fataes aos Portuguezes, offerece a dita *Tentativa* em demonstração de que Dom Pedro pelo seu genio violento, arrebatado, e inconsequente, pela sua falta de caracter, de palavra, e de boa fé; pelos meios, e instrumentos, que elle tem adoptado; pelos elementos heterogeneos, e dolosos, que o cercão, pela sua posição sempre incerta, voluvel, e versatil, e por mil, e mil circunstancias, que de todas as partes, em todos os tempos, e em todas as vicissitudes o perseguem, o distrahem, e o desencabeção, não pode promover em alguma maneira fixa, e estavel a felicidade dos seus Povos, e muito de forma, que possa interessar, e constituir alguma conveniencia, utilidade, e felicidade dos outros Estados, com quem Portugal estava d'antes em relações de Commercio mutuo, e recíproco! Esta *Tentativa*, se viesse a campo em contenda com os Adversarios do Senhor Dom MIGUEL, abriria os olhos a muitos Diplomaticos, que tem sido enganados, e illudidos, e que incautamente enganárão, e illudírão, e ainda enganão, e illudem aos seus Principes, e aos seus Paizes sobre os seus verdadeiros, e sólidos interesses de conveniencia, de utilidade, e de felicidade com a Nação Portugueza Constituida, e Representada segundo as suas antigas, justas, e fundamentaes Leis na Augusta Pessoa do Senhor Dom MIGUEL, Rei amavel, bemfazejo, pacifico, amigavel, e consequente nos seus desejos, e projectos!!!

O debate entre Lord Wellington, e Lord Grey na sua Camara na Sessão de 15 de Agosto ultimo ácerca da presente posição de Portugal abre-me huma feliz occasião de tocar no dito Syllogismo, e nos outros discursos da Diplomacia Liberal: assim darei ainda algum brilho á grande Questão Portugueza comparativamente com a Inglaterra;

não esperem os Inglezes Radicaes achar fundamentos de entranharem este Numero, e o que se segue sobre o mesmo assumpto, porque irei com tento, para não contravir á Politica do meu Rei. Esta he a ultima Instancia, em que pugno pelo bem de Portugal, e por fazer a vontade a hum Portuguez honrado, que arde em zêlos, e em cuidados pela felicidade da sua Patria.

Mas, Portuguezes, Soldados! O vosso valôr deve decidir esta grande Questão Nacional, na sua ultima Instancia Militar! Vós deveis sentencear, e repellir pela vossa coragem os Embargos de força, que os rebeldes Partidistas de Dom Pedro tem posto aos Direitos do vosso Rei, e Senhor Dom Miguel! Vós terminareis assim todas as Réplicas Diplomaticas! Portuguezes, Soldados! Que os vossos Syllogismos não sejão somente de Direito! Que elles concluão, e confirmem o mesmo Direito pela força das Armas, emique sempre tendes sido superiores aos vossos inimigos! Que os rebeldes não possão no Tribunal da Guerra, fazer mais alguma Instancia, e Réplica contra a vossa Independencia, ainda que todo o Mundo sabe que vós, tão constantes nos revezes, como na prosperidade, levareis a vossa grande Questão até o *Tribunal das Mil e Quinhentas!* Portuguezes! A Victoria he obra de hum momento da vossa decisão! A vossa constancia, e firmeza em toda a vossa sorte não pode ser debellada em huma eternidade por todos os estratagemas da Maçonaria! Vêja o Mundo que vós não cedeis aos vossos inimigos, ainda que elles eternizem os vossos padecimentos!!!.....

Lisboa 7 de Setembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 68.

Nos fuimus fortes; et nós modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca ó Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! He chegado o tempo da vossa colheita sobre os inimigos do Altar, do Throno, e da Patria! Não o deixeis passar, sem que os vençais; porque Deos, que vos concedêo sempre a victoria, não espaçou para sempre o tempo da peleja! O tempo he este! Vós ignorais, se tereis outro!

A ardente sede das Virtudes, das Artes, e das Sciencias he, segundo *Seneca*, o resultado dos feitos gloriosos, e dos nobres exemplos dos antepassados, que são as Leis mais vigorosas, para os que amão a honra, e a gloria; e, segundo *Homero*, os melhores Preceitos para a educação da mocidade: o lustre do nascimento he huma fortuna, ou hum acaso; mas a virtude he huma felicidade, que se adquire principalmente pela docilidade, por este bello habito, que dá agudeza ás resoluções, e lhes tira a precipitação; que inspira o enthusiasmo ás paixões nobres, e no mesmo enthusiasmo conserva a presença do espirito, sem a qual a verdadeira grandeza não existe. Se eu tivesse hum estilo tão sublime, e tão alinhado como o de *Livio*, ou tão erudito como o de *Varro*, satisfazendo ás idéas de *Platão*, subtilisaria o meu engenho, apuraria o meu juizo, enriqueceria a minha memoria, e com gravidade, perspicacia, e

profunda meditação revolveria a Historia particular, e universal de todos os Povos, ou a Sciencia dos factos, dos usos, e dos costumes dos diversos Seculos do Mundo, á qual *Cicero* chama Luz dos tempos e Depositaria dos Successos; *Seneca* — a eschola commum do genero humano; e eu — a Vingadora dos crimes impunidos, e Premeadora das virtudes esquecidas —, e por essa Historia demonstraria 1.° Que a Virtude he difficil de se adquirir, e ainda mais difficil de se conservar: 2.° Que muitos nascem Grandes, e nem todos o são na realidade: 3.° Que a Grandeza hereditaria he muito menos gloriosa, que a Grandeza adquirida: 4.° Que os Principes, podendo tudo quanto he necessario para a conservação dos seus Estados, não podem fazer que n'elles nasça a Virtude e a Grandeza Patria, se não a animão com a esperança; nem podem fazer que n'elles se conserve essa Virtude e Grandeza, se não a estabelecem com a devida retribuição; e por isso precisão os Principes de hum dobrado genio superior; do Creador, para que a Virtude, e a Grandeza nasça; do Conservador, para que a Virtude, e a Grandeza hereditaria não morra: 5.° Que os Governos devem ter grandeza de caracter, de rectidão, e de sabedoria, para servirem e coadjuvarem o genio Creador e o genio Conservador dos seus Principes: 6.° Que essa grandeza de caracter, de rectidão e de sabedoria sómente se póde ostentar na imparcial administração da justiça; na Sciencia da Economia especulativa e pratica; na justa applicação do Direito das Gentes; e na sã e genuina intelligencia dos Tractados com as Nações Estranhas; porque estas altas qualidades são a salva-guarda dos proprios Estados, assim no interior como no exterior, assim na Paz como na Guerra; tanto na Real Fazenda, como na Diplomacia, as quaes altas qualidades procedem, não de hum espirito qualquer, communmente instruido, vulgarmente zeloso, e ordinariamente virtuoso, mas de hum espirito reflexivo, combinador, previdente e comparativo, que podem chamar-se como as quatro Virtudes Cardeaes, que fazem nascer, e conservar a verdadeira Virtude e Grandeza nos Estados, a tranquillidade e prosperidade no seu interior, a Paz e Respeito no Exterior. Qual seja a Estação mais propria para fazer nascer e brilhar a verdadeira Virtude e Grandeza Nacional, ainda hoje he incerto entre os

mais abalisados Politicos: porém *Appio Claudio*, e *Quinto Metello* dizião ao Povo Romano que lhes era mais util o tempo das perseguições, que o do descanso; porque elles viã entendarem-se os costumes, e os Imperios hiam avante com os trabalhos, e exercicio das armas, e tornarem atraz com o descanço; mas eu não estou por ora tão versado n'esta alta Politica Gubernativa, e Militar, que possa dizer outra cousa, senão que a Virtude, e a Grandeza nasce, e que ella se conserva em todos os Estados, quando os seus Principes, e Governos sabem, le querem animar-la, e conserva-la: de mim ninguem póde dizer, que seja homem de letras; mas todos podem chamar-me *vir desiderium*, *homem de desejos*, como foi chamado o Profeta Daniel, tem qué, se d'elle posso tomar o sobrenome por imitação, tenha d'elle as virtudes, e aquelle espirito Celestial, que lhe fizerão vêr o tempo certo, em que havia de faltar em Israel o Altar, a Victima, e o Sacerdocio. Quem sabe qual he aquelle tempo marcado por Deos, e sellado com o seu impenscrutavel Segredo, em que os impios obrarão impiamente, e elles não entenderão — *impie agent impii; neque intelligent omnes impii* —, e se esse mesmo será o tempo, em que o Grande Principe MIGUEL, que he o unico auxiliador de Deos em todos estes Mysterios de afflicção — *Nemo est adjutor meus in omnibus his, nisi MICHAEL* — se levantará com todo o seu poder, e valôr a prol do Povo de Deos, salvando-o das suas calamidades, e perseguições? *In tempore autem illo consurget MICHAEL Princeps Magnus . . . et in tempore illo salvabitur populus* . . . Tremei, impios, malvados inimigos do Throno, e da Igreja de Portugal, se o Senhor Dom MIGUEL, a Quem a Mão de Deos protege, se levanta com todo o seu Poder, e Valôr para salvar a sua Nação! Nenhum de vós conhece esse tempo, nem os Segredos de Deos — *neque intelligent omnes impii* —; mas esse tempo ha de vir — *et veniet tempus!!!* — Porém os meus desejos talvez me affastárão das minhas idéas; eu volto a ellas.

Os Portuguezes forão verdadeiramente Virtuosos, e Grandes nos seus trabalhos, e no exercicio das armas; porque a sua Virtude, e Grandeza foi animada, e conservada; o seu valôr, e esforço he huma excellencia ingenita, e indelevel, que sempre os tem distinguido entre os Povos do

Mundo: no repouso, e descanço a sua gloria parecêo diminuir-se alguma cousa. Ardo em insaciaveis desejos de cantar a sua Virtude, e Grandeza na presente guerra, que he a eschola do Heroismo Portuguez, por mais que a Maçonaria procure atravessar, escurecer, e macular os seus mais avantajados Discipulos; mas o tempo da victoria he chegado, meu coração a deseja, e presente; estes desejos, e presentimentos não serão desmentidos; successo tão feliz, e tão esperado pelos verdadeiros Portuguezes, como não esperado pelos malvados Pedreiros Livres, me animará a dizer com verdade que a mão de Deos anda a favor do Senhor Dom Miguel; *manus Domini erat cum illo*, como o Sancto Evangelho canta de S. João Baptista. Todavia em quanto não apparece este dia grandioso da Nação Portugueza, eu celebrarei sómente a sua commum, e ordinaria virtude, que he o seu caracter em todos os tempos, a saber; a sua fidelidade, e obediencia, que he o vinculo de todo o Corpo Mistico, e Politico, o qual liga o Povo com o Soberano; esta Fidelidade, á qual os Romanos dedicárão huma Estatua no Capitolio ao lado da de Jupiter, e que entre os Portuguezes anda sempre a par da Religião.

Fidelidade Religiosa, e Politica. Os testemunhos d'esta Virtude, sem a qual a Religião he hum cahos, e as Monarchias anarchias, são communs, são geraes, são mutuos, e reciprocos em todas as Classes, em todas as Terras, Cidades, Villas, Freguezias, e Aldêas de Portugal, sem excepção de huma só; de maneira que, se algum Estrangeiro perguntasse: Qual he a Classe, a Terra de Portugal, que toda ella seja infiel á Religião, e infida ao seu Soberano? Eu lhe responderia; que Portugal he o Paiz Classico da Fidelidade a Deos, e ao Rei; e que esta Fidelidade he o seu caracter de todos os tempos, como em os Paizes Demagogicos a infidelidade a Deos, e a infidencia ao Soberano he o distinctivo de muitas das suas Classes, e de algumas das suas Cidades, Villas, e Povoações, que estão marcadas com o negro ferrete da perfidia: as provas do que acabo de dizer a respeito de Portugal n'estes Dias de fluctuação de todos os habituaes sentimentos, e costumes das Sociedades, estão patentes a todo o Mundo, não sómente por meio d'essas Gazetas, e Folhas, que voão por todo elle, mas tambem nos manifestos resultados d'esa

mesma Fidelidade; porque, o que o Vulgo diz, que *são mais as vozes, que as nozes*, e que he mais o que se diz, que o que se faz, não serve para os Portuguezes, que em todos os tempos fazem mais, que o que dizem.

Tantos, tão solemnes, e tão reiterados Protestos de adhesão, e de fidelidade á Religião, e ao Rei como tem feito, e continuão a fazer os Povos de Portugal, offerecendo os seus bens, as suas pessoas, e as suas vidas em defeza d'estes dous objectos — Religião Sancta de Jesus Christo, e Dom Miguel Rei Absoluto —, e isto não sómente nos dias de bonança, mas nos de calamidade, e perigo á face do Principe Competidor, quando a Maçonaria lhe suppõe todas as vantagens, quando os Politicos Liberaes agourão como certa a sua victoria, mostrão com a maior evidencia que esses Protestos não são exigidos, para impôr á Diplomacia com a Unanimidade Nacional, com que a mesma Diplomacia se tem deixado enganar, e de proposito s'engana muitas vezes, erguendo em Lei Regulamentar da sua approvação, e reconhecimento essa Unanimidade *de Papel*, que em Portugal não tem querido reconhecer, sendo ella huma Unanimidade de Facto, e de Direito, mas que esses Protestos são totalmente voluntarios, e espontaneos, para mostrar ao seu Rei que Elle póde dispôr com absoluta liberdade em defeza dos seus Direitos, de todos os bens, de todas as pessoas, e vidas dos Portuguezes.

Estes Protestos não são como aquelles de *mania*, e de *moda*, que se fazião nas duas Epocas Constitucionaes, os quaes o Congresso Democratico, e o Governo por elle constituido inspirava, aconselhava, e exigia das Classes, e das Terras do Reino, para prova pública da Concordia Nacional, valendo-se, ora de promessas, ora de ameaços, para que elles se escrevessem, e assignassem: o Governo do Senhor Dom Miguel não os inspira, não os aconselha, não os exige, nem promette, nem ameaça, para que elles se fação — *Providentia regitur* — O Ceo move a Nação Portugueza. Não são Protestos de mera formalidade, que á vista do inimigo elles escaceem, elles desappareção, elles se anniquilem; antes nas mesmas barbas, assaz envergonhadas, do Principe Competidor elles se augmentão, elles se redobrão, elles respirão maior animosidade: abale-se a terra com o rouco, e medonho estrepito da artilheria, e da

fuzilaria inimiga, retinão as rudes montanhas, e as lobregas cavernas com os matadores eccos das armas rebeldes; trema a terra com o peso das suas mortíferas falanges, a Fidelidade Portugueza não se abala, não treme, não esmorece, antes em altas vozes nascidas do coração ella protesta que não quer outra Religião, que a Catholica Romana, unica verdadeira; outro Rei, que o Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO, Unico, que em Sua Vida tem Direito ao Throno de Portugal; outras Leis, que as Primitivas, e Fundamentaes da Monarchia, Unicas, que tem dado, e que podem dar a Prosperidade, e a Paz. Não são protestos ficticios, que os seus assignantes abandonem, passando na mesma hora, em que os assignão, ou pouco depois, para as Bandeiras, contra as quaes havião protestado, como frequentissimamente succedêo nas duas Epocas Constitucionaes, em que os Felicitantes, e Comprimentadores da Demagogia passárão para as Bandeiras da Realeza, deixando com a bôcca aberta os patarateiros das Liberdades Constitucionaes; são protestos de coração, que os seus assignantes vão no mesmo instante, ou na primeira occasião opportuna, sellar com as suas obras, e rubricar com o seu sangue, inflammados em desejos de acabar com os inimigos da sua Religião Catholica Romana, e do seu Rei Absoluto o Senhor Dom MIGUEL PRIMEIRO; são protestos, que estão impressos no coração, antes que sejão estampados no papel; são protestos, que não nascem de hum enthusiasmo do momento, ou de huma accessão passageira; elles partem do calôr vital dos Portuguezes, do seu mesmo sangue, do seu mesmo espirito: desde a mesma fria campa protestaráõ elles que não querem outra Religião, outro Rei, outras Leis. Não julguem os meus leitores que esta ultima proposição seja huma Hyperbole arrebatada da Nação, que me dêo o ser: não he improvavel este prodigio, quando creanças de hum anno, e hum dia, ainda pendentes do peito de suas Mãis, sem consistencia na sua debil lingua, sem força nos orgãos da sua voz, todavia balbuciando de huma maneira perceptivel, cantão — *Rei chegou — Dom MIGUEL he o nosso Rei* — o que mais de huma vez me tem feito recordar d'aquelle Verso do Psalmista — *Ex ore infantium, et lactentium perfecisti (Deus) laudem propter inimicos tuos, ut destruas inimicum, et ultorem: Deos aperfeiçoou o lou-*

vor do Senhor Dom MIGUEL pelas vozes dos meninos de peito, por causa dos seus inimigos, para perder o inimigo, e vingativo Dom Pedro.

Esta Fidelidade Religiosa, e Politica está constituida, não só pelos reiteradissimos, e solemnissimos Protestos dos Portuguezes de todas as Classes, e de todas as Terras do Reino, Protestos feitos á vista dos rebeldes, e á face das suas orgulhosas armas, mas pelos factos, factos não equivocos, não forçados, mas voluntarios, espontaneos, e claros. Esses quantiosos soccorros de toda a especie, que os Portuguezes de todas as Classes, e de todas as Terras do Reino tem offerecido, e dado a bem da Defeza da sua Religião, e do seu Rei, sendo infinitamente mais as suas prestações voluntarias, que as exacções urgentes do Estado; esses donativos multiplicados, e interminaveis de cereaes, e de generos de toda a qualidade para todo o genero de serviço do Exercito; esses adiantamentos voluntarios, e sobrecelentes ás requisições do Governo das Decimas, e dos Impostos extraordinarios; essa promptidão, e como precipitação, com que os Povos voluntariamente acodem com o seu pão, com o seu vinho, e com toda a sorte de viveres, e de fornecimento para a subsistencia do Exercito, e para o curativo dos doentes; essas dádivas, nunca acabadas, por huma Nação, que se julga pelos Estadistas Estrangeiros no mais horrivel estado de pobreza, e de penuria; esse desprendimento dos seus bens, das suas commodidades, e da sua subsistencia, com que os Portuguezes de todas as Classes, e de todas as Terras do Reino, constituindo-se, digamos assim, e ás suas familias a meia ração, para que não faltem as commodidades possiveis ao Exercito Defensor da Sancta Religião de Jesus Christo, e do Senhor Dom MIGUEL, Rei Absoluto; este desapego do presente, com absoluta indifferença, e descuido do futuro, que entregão á Providencia de hum Deos Conservador; este desapêgo, que he o caracter distinctivo das almas generosas, não he elle huma prova evidente, e heroica da Fidelidade Religiosa, e Politica dos Portuguezes? Não demonstra huma unanimidade pela sua Religião, e pelo seu Rei, a ponto de se poder dizer dos Realistas Portuguezes, o que a Sagrada Escriptura diz dos Primitivos Christãos no tempo dos Sanctos Apostolos, a saber: que todos elles tem hum só espirito, e huma só fé? *Unus spiritus, et una fides erat in eis.*

Maçons Financeiros, Calculistas Constitucionaes, Diplomatas do Seculo XIX, e vós todos os que vos persuadieis perder, e que era perdido o Senhor Dom Miguel, e a Nação Portugueza pela escacez das suas finanças, envergonhai-vos da vossa ignorancia, e maldade, dos vossos errados cálculos, das vossas necedades Estadisticas! O Senhor Dom Miguel, e a Nação Portugueza não perecerão por falta de arbitrios, de meios, e de ressurças! Os Portuguezes querem salvar a sua Religião, o seu Rei, e a sua Independencia: elles obrão prodigios, e Deos lh'os confirma: este he hum Povo fiel a Deos, e a quem Deos alimenta, e conserva com huma abundancia maravilhosa; a mão de Deos não se acanhou com o decurso dos Seculos: Portugal pode em mui poucos annos triplicar a sua colheita em pão, em vinho, em azeite, e em toda a especie de misteres, e de usos para a vida humana: elle pode tambem em mui poucos annos duplicar as suas rezes, e prover conseguintemente de cereaes, de carnes, de vinho, e de azeite as Nações estereis, resgatando d'ellas pela Agricultura o ouro, que ellas lhe levárão pela sua Industria. Se o Numerario escacêa em Portugal pelas Manobras da Maçonaria, e da maldade, os Portuguezes tem tanto, quanto basta para poder conservar, e defender contra os seus inimigos a sua Religião, o seu Rei, e a sua Independencia. Portugal he a Terra da Promissão, e dos Prodigios! Deos não falta aos Portuguezes Christãos. Eia pois, Nações da Europa, fazei justiça á Nação Portugueza; não sejais por mais tempo indifferentes aos Direitos do seu Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro, Direitos constituidos pela Lei, e pela unanimidade heroica dos Portuguezes.

Essa coragem Religiosa, desenvolvida por tantos Ecclesiasticos Seculares, e Regulares, offerecendo-se a levar o peso das armas em defeza do seu Rei, e da sua Patria; essa valentia, com que elles arrostão os perigos, e as fadigas da guerra; essa animosidade, com que o Povo Portuguez lança mão da espingarda, para extirpar os rebeldes, esquecido da sua lavoura, das suas searas, dos seus interesses, e dos interesses das suas familias; essa execração eterna, que tem mostrado aos Partidistas de Dom Pedro os anciãos decrepitos, as mulheres inermes, e os mesmos incapazes das armas, abandonando voluntariamente as suas moradas, e

os seus Povos, sem alguma insinuação do Governo, nem das Authoridades, logo que os malvados assomão; as Orações contínuas, e fervorosas, as devotas plegarias, os ardentissimos, e arduissimos votos, e promessas, que todos os dias fazem os Portuguezes, especialmente o devoto sexo feminino, e especialmente as Religiosas de todas as Ordens, para que Deos faça victorioso o Senhor Dom MIGUEL, e a Nação Portugueza dos rebeldes Partidistas de Dom Pedro, e das insidias da Maçonaria; tudo isto não he hum argumento incontestavel da Fidelidade Religiosa, e Politica dos Portuguezes, e da sua perfeita unanimidade sobre os Direitos do Senhor Dom MIGUEL?

Taes são as provas de huma opinião geral, e livre impressa no coração de todas as Classes, e de todas as Terras do Reino! Embora digão os malvados Pedreiros Livres que este espirito unanime dos Portuguezes he sustentado pelo Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos, e dos da Justiça, pela maior parte: conservado, sim, porque elle louva a virtude, e a fidelidade; inspirado, e insinuado, não, porque os Portuguezes pensão, e obrão nesta Questão mui livremente, e com toda a espontaneidade, e íntima convicção do seu espirito. Quererião os malvados que o digno Ministro não désse louvores á virtude? Ah! Perfidos! Vós já predissestes a demissão d'este virtuoso Ministro, annunciando-a dous mezes antes que ella succedesse, nas Folhas Constitucionaes da França, e do Brasil no anno de 1829!! Cócegas tem causado á revolução este Illustre *Furtado de Mendoça!* Sem dúvida herdou do saudosissimo Dom Prior Mór de Christo a perseguição, com que os malvados o inquietárão logo no começo da revolução do anno de 1820! Tenho em meu poder este Documento legal, que principia *— Dizem os abaixo assignados...* e dizem contra os actos *inconstitucionaes* do Prior Mór *Dom Luiz Antonio Carlos Furtado de Mendoça*, arguindo-o 1.° de haver dito *que os Deputados devião ser todos reunidos no Campo de Sancta Anna:* 2.° de haver igualmente dito *que os Deputados devião fazer as suas Sessões no Hospital de São José:* 3.° de haver dito *que o incendio acontecido em hum dos Quarteirões do Terreiro do Paço fora melhor que succedesse na Sala das Côrtes, quando alli estivessem os Deputados:* 4.° de haver dito *que as suas Pastoraes nunca favorecerião se-*

não ao Legitimo Governo, que era o do Rio de Janeiro: 5.° que nas suas *longas* Homilias nos Domingos de Quaresma dissera *que o Evangelho não fallava em Constituição:* 6.° que dissera *que o Juramento feito ás Bases da Constituição não era legal, por ser violento:* 7.° que dissera *que a Constituição prestes havia de acabar:* 8.° *que elle nunca fizera festejos, nem saudes senão ao Rei, sem o nomear Constitucional.* — Estas, e outras arguições não as vio ainda o digno Ministro, porque a maior parte dos Documentos d'aquella tristissima Epoca fôrão trancados, para salvar os seus péssimos auctores: porem tudo vem ter a esta minha *Aduana;* e, se a Maçonaria conseguisse seus fins em Portugal, eu em outro Paiz despacharia para o Publico estas mercancias, que agora são de contrabando, tendo ellas sido livres em outros tempos. Os tres primeiros assignantes estão hoje empregados no... talvez porque se ignorão estas suas *boas* feitorias. Quanto he certo, o que ouvi a hum Sabio, muitos annos ha — *Quem para traz não olha, adiante não vai: Ex antecedentibus infertur consequens.* — Poderáõ ter mudado de sentimentos, mas sem provas não creio: huma aggressão tão louca, e tão furiosa ao Dom Pitto Mór, (hum dos maiores esteios da Realeza, em quanto vivêo) pedindo ao *Demoniaco Congresso* hum, que fosse Constitucional; prova huma radical perversidade de sentimentos, e de costumes. Mas embora o digno Ministro ignore o que passou; saiba porem o que passa.

Quando os Póvos vêm passear pelas suas barbas a homens, que, estando presos hum anno pelos seus crimes mais numerosos, que os milagres de Sancto Antonio, e dos que se julgava, farião huma visita á pobre Viuva do Cáes do Tojo, devendo á sua soltura ao favor de huma só testemunha, a quem se lhe prometteo a serventia de hum Officio, e a protecção de Magistrados, que se aquartelão algumas vezes nas casas dos réos de Estado, comendo, e folgando com as suas familias; (Quantos muito desejão que os Fortes, principiando pelo da *Ericeira*, rompessem o fogo sobre esta cambada de homens injustos, que provocão as paixões populares!) quando os Póvos vêm que muitos com pelle de carneiro encobrem o ser de lobos, subsistindo de Cargos, e Empregos, que ao parecer não desempenhão com outro fim, que o de descontentar; quando os Póvos

vêm que os Juizes consentem que os seus Alcaides isentem transportes, e desembarguem generos por dinheiro, fazendo grandes vexames, e injustiças na distribuição dos incommodos necessarios da Sociedade; quando os Póvos vêm que os bens sequestrados aos rebeldes forão arrematados, por exemplo, por 20, e logo passados ás familias rebeldes por 30, podendo, e devendo elles arrematar-se por 80, que era o seu justo valôr, e conseguintemente que os sequestros pouco, ou nenhum proveito trouxêrão á Real Fazenda; quando os Póvos vêm que os processos dos rebeldes nunca tem fim, nem obtém livramento, senão os que tem aquillo de — *Por quanto vós* —; quando os Póvos vêm que a Decima está atrazada de alguns annos, e que ella monta a alguns centos de contos nas Superintendencias de Lisboa, e a muitos centos de contos em todo o Reino, e isto por conta da má arrecadação dos Compadrios, e da má solução dos Cobradores, e dos Ministros; quando os habitantes das margens do Douro vêm que ainda continuão as Obras das Estradas Publicas, não abundando muito n'ellas bons Empregados, e escaceando o dinheiro para o Exercito, sendo que na Guerra Peninsular aquelles Cofres forão destinados para as Despezas da Guerra, e suspensas aquellas eternissimas Obras; quando esses mesmos habitantes vêm que passão livremente para o Exercito sem passaporte, e sem o devido exame, e circumspecção muitas pessoas a titulo de saberem, e communicarem o que vai no Theatro da Guerra, e ellas se metem no Porto, levando o que cá vai, e trazendo o que lá mentem, com o que aterrão os Póvos pacificos, fazendo hum serviço aos rebeldes; os Póvos em todos estes, e semelhantes casos acodem ao Auctor da *Defeza de Portugal*, encarregando-o de ser Correio de más novas para o Governo: mas elles, que não estão para aturar tantos recitos, e eu, que não devo distrahi-los d'outros cuidados mais urgentes, faço suar o Prélo com o pezo d'estes desabafos populares, expressos por pessoas de toda a confiança, é verdade, e por este meio ataco os vicios, e os pertendo reprimir, sem personalisar os viciosos, que devem temer que seus nomes vão á presença dos competentes Ministros d'Estado, e que estes cohibão seus abusos. Tremão os que provocão o descontentamento dos Póvos! O Governo de Sua Magestade não au-

thorisa as injustiças, e não soffrerá para sempre! Fação alto na maldade, se não querem que o Governo desça ao castigo dos seus auctores, Fulano, e Sicrano, e....

Pois tanta fidelidade Religiosa, e Politica, e sahe-se com abusos, e maldades de alguns Funccionarios Subalternos? Eis hum argumento dos Estrangeiros. — Ora calem-se; não vejão hum argueiro no olho alheio, tendo nos seus huma trave; examinem o que passa em sua casa, e accommodem-se. Fraquezas, ignorancias, descuidos, desordens, injustiças, excessos, e abusos ha de haver entre os homens, em quanto houver homens = *Vitia erunt, donec homines* = e todavia os Portuguezes são os menos viciosos de todos os Póvos do Mundo! Nenhuma Nação conhece o Perfeitismo rigoroso, absoluto, e universal: eu não disse que a Sanctidade fosse o caracter dos Portuguezes; sim disse, digo, e direi que a Fidelidade Religiosa, e Politica he o distinctivo dos Portuguezes, e que este distinctivo he heroico na presente lucta em defeza da Religião Sancta de Jesus Christo, e do Senhor Dom MIGUEL I Absoluto.

Vejão, senão, esta paz, e tranquillidade *Octaviana*, que reina em todos os angulos de *Lisboa*, e de todo o Reino: onde os rebeldes não estão, todos os Portuguezes, que não estão com as armas na mão, ou no serviço do Exercito dormem toda a noite nas suas camas a somno solto, Realistas, e Constitucionaes. — *Alguns destes forão presos.* — Trinta, ou quarenta homens em huma Povoação de quatrocentas mil almas, não he exemplo, que algum homem sensato cite. Quantos milhares, e milhares jazem nas Cadeias em outros Paizes, sem embargo de se não acharem na lucta, e collisão, em que Portugal está? A Cadeia, em este caso dos Portuguezes, he hum impedimento para não obrarem mal alguns *doudivanas* nimiamente furiosos, e crédulos ás inspirações da perfidia, e he tambem huma segurança da sua vida contra a irritação dos Realistas, que tirarião a lingua áquelle, que por méra casualidade proferisse o odioso nome de Dom Pedro. Envergonhem-se os que fazem imputações ao Chefe da Policia da Côrte, e Reino! Reconheção os Estrangeiros a unanimidade Portugueza! Dous por cento são os Constitucionaes de Portugal, e a decima parte, que resulta d'esta computação, que he mui facil de se demonstrar, terá sido, a que tem soffrido

alguns incommodos pela sua obstinação, e contumacia; as nove partes tem respirado livres, e tranquillos, e livres respirarão sempre se permanecerem socegados, e passivos! Novelleiros exaggeradores da perseguição ao Partido de Dom Pedro, não calumnieis mais o Governo Suave, Paternal, e Moderado do Senhor Dom MIGUEL! Vêde que as vossas imposturas tem sido funestas para o Commercio, e para a felicidade do Vosso Paiz! Fallai verdade, ao menos huma vez, e com ella confessai que a Nação Portugueza, quasi em a sua totalidade está unanime sobre os Direitos do Senhor Dom MIGUEL, e sobre a conservação das suas Leis Fundamentaes! A Fidelidade Religiosa, e Politica de todas as Classes, e de todas as Terras de Portugal na presença do Principe Competidor, e das suas Tropas, pela maior parte, Estrangeiras, he hum testemunho, que os Escriptores não podem contradictar.

Mas o Porto não tem essa Fidelidade Religiosa, e Politica. — Eis outra estrangeirinha. No Porto ha duas qualidades de gentes a considerar: a 1.ª he o seu Clero Secular, e Regular, a sua Nobreza, e os seus Tribunaes, que eu sempre julguei estranhos ao Porto, posto que a maior parte são alli nascidos, ou naturalisados, mas não originarios dos primeiros seculos da Monarchia: a 2.ª as Classes infimas, e abjectas de vadios, ociosos, *misteres*, e villãos, que seguem todos os partidos, em que se lhes prometta igualdade ás Classes altas, e abundancia de numerario, no que são muito empavonados, e muito crédulos pela sua corrupção de costumes, e pela sua adherencia aos Estrangeiros: esta qualidade de gente, ainda que nem toda ella originaria do Porto, nem ahi nascida, ou naturalisada, todavia fórma a maioria do Porto, e he a que ahi faz maior monte, e barulho; porque he a que grasina, a que pertende dictar a Lei, e a que procura fortuna pelas Revoluções, em que tudo se lhes promette, não que ella se importe da razão das cousas, mas da esperança, que ellas lhe offerecem. Pois a primeira qualidade do Porto tem dado, e dá positivas provas de Fidelidade Religiosa, e Politica: na presente crise o Excellentissimo Bispo, meu respeitavel Prelado, este Veneravel Ancião da Igreja Lusitana, o seu Cabido com todos os seus Empregados, todos os Parochos, e todas as Corporações Regulares, com excepção de muito

poucas pessoas, toda a Nobreza, todos os Tribunaes, todas as Pessoas de distincção, e todos os homens de bem voluntariamente abandonárão a Cidade, quando Dom Pedro ahi se assomou; desprezárão suas promessas, e seus ameaços; consentirão na privação dos seus empregos, e subsistencias; e expozérão-se a toda a sórte de padecimentos, e de penalidades pela sua fidelidade á Religião, e ao Senhor Dom Miguel I! Que esses honrados Portuenses achem todo o agasalho possivel nos lugares, para onde elles se retirárão a bem da honra da sua Patria. A segunda qualidade do Porto, a que eu chamo Porto pelo seu numero, essa não mostrou Fidelidade Religiosa, e Politica: crédula a persuasões estrangeiras, visionaria de fortunas, e de riquezas, ella fez huma sórdida Côrte ao Principe Competidor, não por adhesão á Sua Pessôa, nem aos seus Direitos, mas huns por falta de valôr, huns em se separarem do seu ninho, outros porque esperárão achar no ventre da *Besta Grega* ouro, prosperidade, e augmentos; mas elles achárão armas, fôrte, oppressão, perigos, trabalhos, e violencias, e eis que já abandonão a Cidade todos, os que podem evadir-se d'esse lugar de horror, de escravidão, de morte! Tanto he certo, que elles não tinhão verdadeira fidelidade a Dom Pedro, nem á Carta Constitucional, ou que elles ignoravão quem era Dom Pedro, e a Liberdade, e Igualdade, que em seu nome se lhes offerecia! Vêde, Estrangeiros, a *Unanimidade Portugueza*! Vêde a Fidelidade Religiosa, e Politica de quasi todos os Portuguezes! Admirai-a, approvai-a, e reconhecei-a em testemunho da vossa boa fé! Mostrai ao Mundo que sois justos! *Mas qual he o resultado Nacional d'essa Unanimidade?*

Portuguezes, Soldados, respondei com a vossa victoria a esta maliciosa pergunta! Eis he chegado o vosso tempo! A's Ordens do Excellentissimo Visconde do Pezo da Regoa, ás sabias, vigorosas, e bem meditadas Ordens do Terceiro Silveira, do Perpetuo Defensor da Aristocracia Portugueza, do Acerrimo Perseguidor da Demagogia, de hum General, que deve seus Póstos, não ao favor, mas ao valôr; que supplantou os Demagogos, logo que os conhecêo; que na Guerra Peninsular dêo exemplos de pericia, e de animosidade ás Tropas, que Commandou, e de Arte, e de dexteridade aos Nacionaes, e aos Estrangeiros; que

nunca foi empregado, antes perseguido, e inquietado pelo Governo Constitucional de 1826, 1827, e 1828; que em 1823 espantou os Revolucionarios de 1820; que enviou contra os Revolucionarios de 1826 a dous Filhos para combaterem no Exercito Realista do Marquez de Chaves, seu Sobrinho, e darem exemplo de constancia, e de soffrimento aos Portuguezes Emigrados na Hespanha; ás Ordens de hum General, que em 1828 só com hum Batalhão de Infanteria, e hum punhado de Soldados duvidosos mordiscou fortemente na grossa cauda do Exercito rebelde, que já se adiantára em força até Pombal; ás Ordens de hum General, que não aprende agora, mas muito ha tem ensinado a vencer, ou morrer; combatei, sendo-lhe subordinados; e corajosos fazei vêr ao Mundo que a Vossa Fidelidade Religiosa, e Politica não tem igual no Mundo! Dai a Victoria a Portugal, e perca a Maçonaria as suas esperanças!

Lisboa 13 de Setembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 69.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Esta he a vossa hora, a hora de vos desaffrontar dos inimigos da vossa Religião, e inimigos do vosso Rei, e da vossa Patria! Acabai com elles por huma vez, que assim o demanda a vossa honra, e a vossa salvação! Vêde que a occasião de vencer, se huma vez se vai, outra não volta! Não vos queixeis de que se perdêo o tempo, mas de que o deixastes perder! Na velocidade de huma acção, se se perde, fica tempo para se recobrar; mas na demora, perdendo-se a acção, até o tempo se perdêo; porque o inimigo o tomou! Os successos são os mestres dos ignorantes, que, tendo olhos para o presente, não antevêm o futuro! Portuguezes! Apressai o tempo da victoria; lembrai-vos que muitos se perdêrão por demorados, e poucos por ousados.

Mas não sei o que meu coração sente; he tal o seu alvoroço, que a mão trémula deixa cahir o Clarim da Guerra, e pega da Palma da Victoria! Eu corro em espirito, e vou a ter com o meu Rei — «Senhor, meu Rei! *Domine,*

mi Rex: sou portador perante vós de huma bóa noticia! *Bonum apporto nuntium:* porque o Senhor vos salvou hoje da mão de todos os que se havião rebellado contra Vós! *Judicavit enim pro te Dominus hodie de manu omnium, qui surrexerunt contra te.* 2. Reg. C. 18. ℣. 31. — » Eu não sei quando chegará este hoje, mas elle ha de chegar, porque a Causa he de Deos, e Deos a tomou por sua conta; em chegando pois este hoje, o Clarim se recolhe cheio de prazer e volta ás suas anteriores tarefas, desejando muito que nunca Portugal torne a achar-se em o abysmo, em que seus inimigos o quizerão despenhar nestes mezes de desolação; porem como este hoje se ignora, se he hoje, se ámanhã, se passado ámanhã, para não cahir na incoherencia de tocar á Guerra, quando a mais completa Victoria já tenha estabelecido a Paz, previno este proximo futuro, e annuncio a recolhida do Clarim com a noticia acima, que por momentos estará verificando-se; tendo por esta forma continuado o Clarim seus toques durante a Guerra, e cessando de tocar, logo que a Victoria apparece, e por este modo ficão os meus Leitores advertidos dos destinos do Clarim e dos successos da Guerra.

Successos prósperos, a Victoria, a Paz: Quem o duvida? Não he este o resultado da Unanimidade Portugueza na sua Fidelidade Religiosa e Politica! O Senhor Rei Dom João II., por seu Embaixador Luiz Gonçalves Malafaia, desafiou aos Reis de Castella, só porque lhe demoravão huma resposta; e ameaçou a França, só porque lhe faltava hum papagaio na restituição de huma Caravéla, que lhe roubárão os seus Piratas! E podem os Portuguezes ser jámais vencidos na presente lucta contra D. Pedro? Pôde a Nação Portugueza romper com os Inglezes no Reinado do Senhor Dom Sebastião, e já então era a velhice de Portugal, e obrigou a essa Nação a não navegar para as Conquistas de Portugal! E podem os Portuguezes ser agora vencidos por todas as cabalas, e intrigas de Dom Pedro? O inimigo, qualquer que elle seja, deixa de ser vencedor, logo que se lhe não tem medo: essa, que chamão prudencia, he muitas vezes signal de cobardia e de trahição; quem sempre foi prudente nunca foi valente; e quem nunca foi valente, nem pode ser prudente aconselhando, nem feliz executando: o medo de dez Israelitas pegou em hum

instante a seiscentos mil! Que estragos não causará elle em huma Junta de Ministros, ou em hum Quartel General? Quem tem medo, não ouve razões!

Madureza no conselho, presteza na execução. O conselho apressado he precipitado: a execução vagarosa he commummente perdida: conselho, que se toma, e não se executa, he feto, que se concebe, e não nasce: tomar sempre conselhos, e não executar jámais algum, longe de ser indicio de grandeza de alma, he o da sua grande fraqueza, pois nada faz, sem que a necessidade obrigue: perder a occasião, que se apresenta, esperando por outra, que parece melhor, he despresar o facil, e certo pelo difficil, e incerto; he não prevenir as contingencias; he não conhecer o presente; he entregar-se aos varios vaivens da fortuna, que se deve aproveitar, quando apparece risonha: querer obstar a todos os inconvenientes, he não querer executar jámais cousa alguma, porque não ha negocio, por muito bom, que elle seja, qua não tenha difficuldades, e perigos: quem a todas as cousas põe dúvidas, e não as desfaz, ou não quer fazer cousa alguma, ou de todas ellas desespera: quem em hum Conselho foi de voto contrario áquelle, que se tomou, he incapaz de se lhe confiar a execução d'aquillo, que não votou, ou porque não tem animo para executar, quem não teve habilidade de aconselhar, ou porque he tal o orgulho do coração humano, que deseja tornar impossiveis as cousas, que elle julgou impossiveis, somente porque a sua opinião prevaleça, ainda que tudo se perca: em as cousas se fazerem agora, ou depois, vai tanta differença, como he, ou a certeza de ellas se ganharem, ou o risco de se perderem; porque, se *de hora a hora Deos melhora, tambem de hora a hora algumas vezes peiora:* se para obrar se espera que todos queirão, nunca será executada cousa alguma, porque aos homens nunca faltárão dúvidas, sempre lhe sobejárão opiniões, e muitos nunca se fartão de ignorancias, e de maldades: demorar o que he util, he sempre hum crime; tomar muitos conselhos, e nada fazer, he impossibilitar, o que se deseja: executar tarde, o que podéra executar-se cedo, he tornar desagradavel o mesmo, que se consegue: ir de vagar no que se podéra ir de pressa, ainda que se consiga o que se deseja, he arriscar-se, he expôr-se, e he querer perder-se: tornar duvidosa huma victoria, que está

nas mãos, se não he argumento de grande trahição, he prova incontestavel de torpe ignorancia: julgar do acêrto, ou do desacêrto de huma guerra pelo bom, ou máo exito, que ella teve, he culpa, ou da ignorancia, ou da perversidade. Francisco I da França, tendo perdido a batalha de Pavia, aonde ficou prisioneiro, disse que, se muitas vezes dispozesse aquella batalha, sempre a disporia da mesma maneira; porque a sua perda não viera da má ordem da batalha, mas de circumstancias, que não estavão ao alcance de algum homem prever, nem remediar, se as previsse. Mas tantas sentenças, como aqui vão expendidas, ainda que sem ligação, ao parecer, sensivel, bem que para mim a tem intellectual, carecem de ser confirmadas por exemplos com a mesma ligação, ou desligação.

O Sancto Rei Dom Affonso Henriques vencêo a quatorze Reis Mouros junto a Santarem, porque os sobresaltou inopinadamente, não consultando as forças dos seus Portuguezes, que erão muito inferiores em número, mas o seu valôr, em que erão muito superiores; e a justiça da sua Causa, que o Ceo protegia, não deixou fugir a occasião, porque acaso em outra o valôr, e o mesmo Ceo lhe faltarião. O Senhor Rei Dom João I encarregou-se de defender o Reino contra as pertenções da poderosa Castella; e, como nunca perdêo occasião, sempre ganhou as batalhas: este mesmo Senhor, modêlo de Reis esforçados, e sagazes, desafiou ao Duque, Conde de Hollanda, pelos navios, que seus Piratas lhe havião roubado, e os Hollandezes tiverão por conveniente satisfazer inteiramente a hum Principe, que a tudo se atrevia; seus Conselheiros em tão grandes, e tão difficultosas emprezas, fôrão o Chanceller Mór, João das Regras, o Arcebispo de Braga, Dom Lourenço, e João Affonso de Azambuja; e para dar a célebre batalha de Aljubarrota, tomou conselho com o Doutor Gil Dossem; elle requeria dos seus Ministros, e Conselheiros tres qualidades sómente, *amôr*, *sabedoria*, *e segredo*, nas quaes estão simplificadas as cinco, que Cicero, o grande Politico de Roma, exigia dos Ministros, *força*, *laboriosidade*, *sagacidade*, *previdencia*, *e presteza*. Para não citar quasi todos os Senhores Reis de Portugal, de quem fallão as suas Chronicas, Chronicas imparciaes, que d'hum mesmo passo louvão as suas virtudes, e não poupão as suas faltas, os Senhores

Reis Dom João II, Dom João III, Dom Sancho I, Dom Díniz, Dom Manoel, Dom Affonso IV, e Dom Affonso V fôrão tão resolutos, tão activos, tão denodados, e obrárão tantos prodigios em favôr de Portugal, que bem se deixa vêr que elles nunca perdêrão a occasião, adoptando o principio de = *faça-se hoje o que hoje parece bom, e necessario, e depois venha o que vier;* = porque a temeridade, se occasiona perda algumas vezes, sempre deixa lugar para o remedio; e as demoras, as irresoluções, e as delongas, se algumas vezes acertão, perdem sempre o tempo; e, se não acertão, não tem remedio. Todos estes grandes Reis fôrão grandes, porque acertárão a ter grandes Ministros, e Conselheiros: estes temião a Deos, e erão verdadeiros, e desinteressados; conduzião a Nação, não a violentavão; erão elles eleitos até na Classe mediocre, na qual ha tambem por onde escolher; e trabalhando sempre muito, e sempre bem, porque tinhão muito que esperar, e que temer, contrabalançando a soberba dos poderosos, e as sedições do vulgo; contentando-se com pequenas recompensas, nada deixavão de fazer, que interessasse aos Reis, e aos Povos, assim na Paz, como na Guerra, como nas razões de Estado com os Estrangeiros: elles finalmente correspondião á Voz do Povo, que os abonava antes de serem empregados, fazendo a felicidade dos Reis, e dos Vassallos, de maneira que nem os Reis fazião jámais grandes faltas, porque tiverão sempre bons Ministros, nem os Povos corrião jámais risco de serem perdidos, porque a Náo do Estado era dirigida por habeis, e bons Marinheiros. Ditosos tempos, em que os Reis não tiverem de se queixar, como o Imperador Diocleciano, de que se colligavão quatro, ou cinco Ministros, para enganar o Imperador, aconselhando-lhe o que ha de fazer; e elle, que está mettido no Paço, não sabe a verdade, e he obrigado a estar pelo que elles lhe dizem, empregando a pessoas, que não convem que se empreguem, e affastando aquellas pessoas, que devião empregar-se; em huma palavra, hum bom, acautelado, e optimo Imperador, elle he vendido, e atraiçoado por quatro, ou cinco homens. Refere esta passagem lamentosa de Diocleciano o célebre Flavio Vopisc. in Aurel. = *Colligunt se quatuor, aut quinque, atque unum consilium ad decipiendum Imperatorem capiunt. Dicunt quid probandum sit; Impera-*

tor, qui domi clausus est, vera non novit, cogitur hoc tantum scire, quod illi loquuntur; facit judices quos fieri non oportet, amovet à Republica, quos debeat obtinere: Quid multa? *Bonus, cautus, optimus venditur Imperator.*

Venturosa Nação Portugueza! Ditosos Reis, Ditosos Póvos! Elles se amárão, e amão com amor de Pais a Filhos, e de Filhos a Pais! Em Portugal nunca se conhecêrão as trahições dos Ministros para com os Reis, em quanto a Maçonaria não se entabolou no Ministerio: fallo relativamente aos dous ultimos annos do Reinado do Senhor Dom João VI, porque essas trahições forão públicas, e ElRei as chorou, e Portugal as soffrêo, e seus lastimosos effeitos ainda permanecem; mas Portugal, pela Misericordia Divina, tem hum Rei Bom, Prudente, e Optimo, que faz esquecer aos Portuguezes pela Justiça, Suavidade, e Providencia, com que Reina, as dolorosas recordações dos seus ultimos infortunios!!! Sim, os Portuguezes forão consolados dos seus males passados, e estão contentissimos, e satisfeitos, porque Deos lhes dêo hum Rei, que em Sabedoria, em Bondade, e em Virtudes não faz desejar o Reinado dos melhores Soberanos de Portugal, de que vou traçando estas breves linhas com vistas sómente na madureza dos seus Conselhos, e na presteza da sua execução. Callem-se pois os inquietos envenenadores dos meus pensamentos!

Mas voltando ainda huma vez aos Senhores Reis Dom João I, D. João II, e D. João III; o primeiro acompanhando, e caminhando a pé com os que se retiravão de *Torres Vedras*, aliviando os mais cançados com huma mula, que tinha para si; o segundo rasgando a manga da camisa, que tinha vestida, para na occasião de hum Baptismo supprir hum panno, que alli faltava; o terceiro carteando-se com seus Vassallos de baixa condição, que lhe escrevião com sinceridade, o que muitas vezes lhe encobrião os seus Empregados, mostrárão que elles amavão aos seus Póvos, que vigiavão sobre os seus Ministros, impedindo-os de obrarem mal, e obrigando-os a procederem bem; pois como esses Reis procuravão de tudo haver noticias, e conhecimentos, nunca lançavão mão de quem não era capaz de servir, nem se expunhão a seguir informações erradas,

nem trocavão as pessoas, e os empregos (o que he o mesmo que trocar as chaves das fechaduras), e todos os Empregados, Valídos e Cortesãos, temendo ser descobertos, continhão-se do mal, e erão mui cuidadosos de obrar o bem: lê-se com particularidade do Senhor Dom João III que elle se aproveitava muito de *malsins*, como se dissessemos, *más linguas*, porque sempre fallão mal, mas fallão de ordinario a verdade; e perguntando-lhe hum seu Camarista, porque os ouvia? respondêo-lhe; *porque me contão o que vós e os homens de vossa qualidade me não dizem, e devião dizer-me.* Ora este he hum plagiato, porque em materia de Historias a invenção nunca póde ser louvavel, pois he fabulosa: vejão os meus leitores a *Fernão Lopes*, a *Rezende*, a *Mariz*, a *Goes*, a *Faria*, a *Rui de Pina*, a *Duarte Nunes:* eu não levanto a lebre, nem cito grandes Politicos da Hespanha, da França e da Italia, sem que algum delles seja *Montesquieu*, *Richelieu*, *Machiavello*, ou....

Ainda nos ultimos venturosos tempos da Monarchia Portugueza, fallo do Reinado do Senhor Dom Sebastião, pois desde então Portugal não augmentou hum palmo de terra mais as suas Conquistas, antes pouco a pouco foi perdendo terreno, esse Magnanimo Rei, ainda que nem sempre houve madureza nos seus Conselhos, teve presteza sempre na sua execução, como se vio em aquella questão que se suscitou com a Rainha de Inglaterra Isabel: os navios Inglezes, é este he o caso, já então pertendendo ser Senhores de todos os mares, navegavão nas Costas de Guiné com lesão e prejuizo da Marinha, do Commercio e dos Direitos de Portugal, acontecimento verdadeiramente proprio para muitas Notas, Conferencias, Negociações e Enviaturas Diplomaticas; mas aquelle Esforçado Rei, por não fazer o remedio difficultoso, para não dar lugar a que os piratas se engrossassem e a que os mercadores Portuguezes se retirassem, e para que o Governo Inglez não podesse prevenir-se, fez represálias no Commercio e nos Navios Inglezes, e depois disto entrou em Negociações Diplomaticas com o Governo Inglez, que, vendo-se prevenido, por não perder o que se lhe tomára, fez o que o Senhor Dom Sebastião desejava. Esta he a passagem mais galante, para mim, de todo o Reinado do Senhor Dom Sebastião, a qual

me dá a conhecer que elle. e o seu Ministerio entendia muito bem de Politica e de Diplomacia.

Passagem semelhante a esta do Senhor Dom Sebastião, que mostrou em como a Nação Portugueza, mesmo na sua velhice, despedia os seus derradeiros alentos com valôr e denodo, sem se temer, na sua mesma decrepitude, do poder colossal das Nações Estranhas, parece-me a que succedêo n'estes ultimos tempos entre a Cidade de *Parga* na Albania sujeita ao dominio das Ilhas Jonias, e o Governo Inglez: foi aquella Cidade ameaçada de huma invasão pelos Inglezes, e seus moradores lhes representárão que não se retirando immediatamente, elles queimarião as casas, as mulheres, os filhos e tudo o que fosse Inglez, e depois com as armas na mão irião morrer nas dos seus inimigos! Tal effeito produzio esta resolução, que os invasores abandonárão a sua empreza. Vejão os meus leitores quanto he bella esta Politica e Diplomacia! Ella não he filha do medo, e he Mãi do triumfo, pois em hum dia conclúe o que em muitas Notas, e em alguns annos não podéra ser concluido. Já poucos Discipulos de *Pen* affrontárão as colossaes forças da Grã-Bretanha! Os pescadores da Hollanda debellárão a independencia do seu Paiz contra o gigantesco poder de Filippe II de Hespanha! Os pastores da Suissa desembaraçárão-se do jugo Austriaco; e esta grande Potencia vio quebrado o seu poder nas montanhas da Helvecia pela animosidade invencivel de *Guilherme Tell!* Em todos estes casos todas as Notas, Conferencias, Negociações, e Enviaturas Diplomaticas se reduzírão á Intervenção de Valôr e á presteza na resolução. Esta fórma de acabar com todas as difficuldades Politicas parece-se muito com aquella maneira por que *Alexandre Magno* cortou os enredos, e as implicações do nó gordio, que lhe apresentava o sagaz, e manhoso *Dario*. Mas volto ao meu assumpto, que ainda não sei qual he.

Madureza nos conselhos e presteza na sua execução. Este parecia ser o thema; e o fim, dirão alguns inquietos, e impacientes pelo desbarato dos rebeldes, que he huma aggressão, ou censura ao Governo do meu Rei, por não ter concluido ainda o exterminio de huma invasão, que parecêo commummente poder dissipar-se em muito poucas semanas; imputação esta verdadeiramente louca e descabel-

lada, em que os seus auctores me fazem assaz injuria, em se persuadirem de que prézo pouco a minha liberdade, e ainda a minha vida, pois que a aggressão a hum Governo legitimamente constituido, só com a morte póde ser castigada. Protesto sinceramente que, não só por temor, como por consciencia, e muito principalmente por amor, e amor forte, e efficaz pelo meu Optimo Rei, e Senhor Dom MIGUEL I, quando descrevo alguns rasgos dos Senhores Reis de Portugal, e dos Soberanos dos outros Paizes, bem como os bons Ministros, e Conselheiros, que elles tiverão, descrevo na minha mente o meu Amabilissimo Rei, e a sua Administração: as Obras d'aquelles Reis, e d'aquelles Ministros por si mesmas fallão em seu abono: as Obras do meu Rei, e do seu Ministerio por si mesmas depõe em seu favor: Portugal está em huma posição critica, e arriscada, como nunca esteve; hum chuveirão de difficuldades, e contradicções, assim domesticas como estranhas, cercão de toda a parte a esta Nação briosa; a Maçonaria atravessa as suas melhores resoluções; a Diplomacia oppõe-se, quanto póde, á independencia d'esta Nação Livre. Que Direito tem quaesquer Nações a ingerir-se na administração interior de Portugal? Se ellas não tem este Direito, porque se lhes ha de conceder? Todas as Nações tem disposto do seu Throno a seu bel prazer, e talvez nem sempre conforme o Direito, e não forão impedidas; e sómente ha de ser impedida a Nação Portugueza, declarando que o seu Throno pertence em Direito ao Senhor Dom MIGUEL? He sómente pelo Direito da força, ou da revolução que ellas intervem? Portuguezes! Antes morrer com gloria, que viver com ignominia: não morrâmos escravos, se não podemos viver livres, e independentes! Até quando, ó Portugal, has de ser hum Paiz sem consideração, e dependente dos Estrangeiros em quasi todas as tuas transacções! Desmembrada, e retalhada a Monarchia Portugueza pelo genio da revolução, pelas manobras da Maçonaria, pelos estratagemas dos Estrangeiros, e pelas inepcias, e loucuras de Dom Pedro; rotos os laços do sangue, e dos interesses, que união reciprocamente todos os Portuguezes de ambos os Mundos; excitadas as commoções Religiosas, e Politicas em todos os Dominios Portuguezes do Ultramar; introduzida, e sustentada a mais barbara rebellião no Continente Portuguez;

Não está Portugal ameaçado da sua dissolução? Estará esta Nação sem esperanças? Portuguezes! Vossos heroicos acontecimentos passados, a madureza dos vossos conselhos, e a presteza da sua execução em outras crises, os exemplos de outros Paizes e de outros Póvos devem despertar-vos a sahir do cáhos! Tendes no Senhor Dom Miguel hum Rei, que não cede em magnanimidade a algum Soberano do Mundo! Sigâmo-lo, sirvâma-lo e obedeçâmos-lhe.

Onde vou dar? Não sei. Grecia era hum Paiz pequeno, e fez-se respeitar do poderosissimo Xerxes. Leonidas, o bravo Leonidas morrêo com gloria ao lado de trezentos homens corajosos, e morrendo espantou os inimigos da sua Patria. Portugal porém não mendiga exemplos de heroismo! Portugal já se fez temer da Hespanha, respeitar da França e obedecer da Inglaterra! Portugal já abatêo por muitas vezes as Luas Othomanas nas Costas d'Africa, abalou a Asia, subjugou a America e coalhou o mar de Esquadras! Se os Portuguezes todos não são hoje os mesmos, a maior parte ainda o he, e póde vir a ser superior aos dos Seculos que allego, porque tem hum Rei Magnanimo, e este Rei tem muito onde escolher, para levar a Nação ao estado de gloria e de opulencia dos melhores Seculos! Para os grandes revézes temos a Hespanha, nossa Alliada natural; habitamos a mesma Peninsula, temos os mesmos principios, os mesmos sentimentos, os mesmos interesses, e sustentaremos os mesmos Sagrados Direitos: com a França e com a Inglaterra sómente podemos ter relações de Commercio e de huma Alliança eventual. Mas não ha revéz em Portugal quando ha madureza nos conselhos e presteza na sua execução!

Não sejamos pirguiçosos, porque a pirguiça não he propria de Portuguezes velhos e honrados: esse animal *(pirguiça)* quadrupede he indigena do Brasil; elle anda (se he certo o que dizem bons Escriptores) meio passo em cem passos, e meia legua em cem dias: da cabeça de Vulcão sómente podem sahir Bufos guinchando canticos tristes: os sapos conchos são incapazes de dar hum pulo, e muito menos hum vôo: os grous nunca formárão huma syllaba, por muito que acertem a sua direcção. Voltemos pois aos dias da nossa virtude, que o forão da nossa gloria: não he necessario para isso, que recorramos a Seculos re-

motos; basta que nos recordemos, do que fizemos no anno de 1808, e que estejamos prestes a reproduzi-lo, quando fôr preciso; então não houve outras Notas, Conferencias, Negociações, e Enviaturas Diplomaticas, que o nosso valôr; esta foi toda a Diplomacia dos Portuguezes, e dos Hespanhoes contra a poderosa Nação Franceza; começamos por matar os nossos inimigos, fomos valorosos, e subordinados, levámos as nossas armas á França, e depois que a vencemos, principiámos com ella as nossas Negociações Diplomaticas. Valorosa, e Concludente Diplomacia! Portugal, seguindo-a, nunca dobrou seu altivo collo ao jugo Estrangeiro.

Mas em Portugal anda o dedo de Deos: *Digitus Dei est hic.* Assim exclamei eu involuntariamente na noite, que precedêo ao dia, em que assigno estas linhas, acordando de hum terrivel *pezadêlo*, que me succedêo depois de huma profunda meditação sobre a situação de Portugal, que produzio na minha alma impressões mui desaprasiveis; eu me sentia suffocado, e com hum peso, de que me não podia desembaraçar; gritei alto, e mui alto por muitas vezes, tanto que meus mesmos gritos me acordárão, mas nem mesmo acordado podia desembaraçar-me; sentia-me preso, e effectivamente não podia fazer o menor movimento, conhecendo eu a necessidade de me mover, porque hum só movimento, que désse ao meu corpo, elle me livrava da consideravel oppressão, que me affligia. Terrivel estado na verdade, e não exaggerado. Quero mover-me, e sinto que não posso! Conheço acção em todos os meus membros, e acho presa esta acção! Eu me affligi sobre maneira, e então disse, convencido do que dizia — *Digitus Dei est hic*, e me entreguei todo á Divina Bondade; por fim movi-me, e eis me acho bom. Eis, disse eu para mim immediatamente depois d'este successo, assim deve ser a presente situação de Portugal: elle quer desembaraçar-se, tem acção vital em todas as suas partes, e todavia sente-se como preso. Qual he o remedio? Desperta-lo, porque a indisposição, em que se achão os atacados do *pezadêlo*, cessa, immediatamente os espertão. = Mas aqui anda o dedo de Deos — *Digitus Dei est hic:* este dedo está em favor do Senhor Dom Miguel: logo que elle aponte a este Magnanimo Rei, e Lhe indique a hora do movimento, a presteza da

Sua Regia Execução terminará todos os males e oppressões de Portugal.

Não ha vitalidade em todas as partes da Monarchia; pois as Finanças estão a dar o ultimo bocejo! — Valha-te Deos por Finanças; ahi está a molestia do *Incubo*, *ou do Pezadelo!* Espertem o doente, e veráõ como cessa o seu embaraço! Forte argumento da Maçonaria e do Estrangeirismo! E he por ahi que pensão os malvados levar Portugal á sua ultima dissolução? Coitadinhos! Verdade he que os Estrangeiros tem levado o nosso Numerario á ultima fallencia, tendo diminuido de huma maneira mui sensivel o Commercio Portuguez; pois que na Europa, na Asia, na America e na Africa o balanço d'estes ultimos annos he contra Portugal na differença de muitos milhões! Tal tem sido o plano revolucionario da Maçonaria e dos Estrangeiros de reduzir Portugal ao ultimo estado de abatimento, para lhe impôr o seu jugo á sua vontade! Mas quem sabe, quantos e quaes são os recursos e os meios de Portugal n'este mesmo estado de depredação? Ha algum Financeiro, ou Nacional, ou Estrangeiro, que tenha reduzido a justo calculo todas as forças de Portugal a este respeito? Miseraveis ignorantes! Hum só d'elles não sabe de quanto Portugal he capaz! Os recursos dos Portuguezes são inexhauriveis! Esses mesmos Cambistas e Rebatedores, Machos e Femêas, todos os mezes me subministrão huma prova, sem que elles o conheção de que ha muito Numerario em Portugal; venha a prova.

Persuadem-se os Estrangeiros, e pelas suas suasivas acreditão as cohortes dos Cambistas e Rebatedores Portuguezes, que Dom Pedro sóbe ao Throno de Portugal, e que a Carta vem a dançar a chula por todo Portugal — Cambio do Papel Moeda 23 e 24 por 100 — Rebate dos Soldos do Exercito Realista — 60 e 80 por cento — Então ha dinheiro ou não? Julga-se pelo contrario, que o Senhor Dom Miguel está seguro (como está, e segurissimo) no Throno, e que a Carta vai despachada para as Cloacas — Cambio do Papel Moeda 30 e 32 por 100 — Rebate dos Soldos do Exercito Realista 6 e 8 por 100! Então Senhores Financeiros, Cambistas e Rebatedores! Que quereis, que se diga de vós, ou que se vos faça! Reina Dom Pedro na vossa persuasão, e então ha dinheiro? Reina o Senhor

Dom Miguel, e então não ha dinheiro? Logo ainda Portugal tem muito Numerario, e esta consequencia he clara pelas variações do Cambio, e do Rebate. Quer-se hum remedio para que o dinheiro appareça? Espertem, os que estão accometidos do *Incubo*, ou do *Pezadêlo*. Se o toque a Vesperas Sicilianas me não fosse vedado, com elle eu poria o Cambio, e o Rebate a 5 por 100. — Mas como este remedio he illegal, he anarchico, e anti-Christão, eu não o lembro, nem o proponho: sei outro mais efficaz, mais legal, mais conveniente, e mais Christão, com o qual ou os Cambistas, e Rebatedores havião de vir, ao que a Lei, a Justiça, e a Virtude exigem, ou elles não poderião cambiar, nem rebater senão a Carta Constitucional pelo preço dos trapos, e farrapos das ruas; a indicação d'este meio não me compete, pois se me competisse, as Viuvas, o Exercito, e o Publico não soffrerião todo o peso dos males, de que se queixão.

Certamente não póde haver cousa mais tragica, e ao mesmo tempo mais escandalosa, do que vêr em certos dias apresentarem-se á entrada da Thesouraria Geral das Tropas huns poucos de Rebatedores, e Rebatedoras, que á semelhança das aves de rapina se ferrão no cachaço dos miserandos Empregados para lhes sorverem o pouco sangue, que ainda os anima. Esses malvados sanguesugas do Estado, que perpetrão tão odiosas transacções com toda a impunidade não se lembrão, de que hum dia póde o Governo tomar em consideração esta desordem, e melhorar a dolorosa situação, em que effectivamente se encontra a Officialidade do Exercito por huma associação de malvados, que podem pagar com a cabeça tão pretextadas injurias, como fazem aos Empregados do Estado. Semelhantes Harpias fomentão hum geral descontentamento nos Amigos d'El-Rei, e da Patria, pondo-os no mais terrivel apuro, e colhem por usuras prohibidas por todas as Leis immensos fundos para darem *pabulo* ás mais sordidas paixões, á mais funesta desmoralisação, e aos interesses, e vistas da rebellião. O pequeno, porém verdadeiro quadro do que succede aos Alferes effectivos do Exercito, que he applicavel a todas as Graduações, dá huma exacta demonstração da desordem, que venho de indicar.

Soldo de Alferes..... 15$000 —
Rebate a 45 por 100..... 6$750 —
Cambio em 7$500 de Papel Moeda a 25 por 100..... 1$875 —
Vem a receber liquido..... 6$375 —

Veja-se como existião os descontos sobre as Guias da Oficialidade effectiva nos tempos anteriores a este, em que estamos. Em Dezembro de 1831, 8 a 9 por 100! Em Janeiro de 1832, 13 a 14 por 100! Em Fevereiro, e Março 16 a 18 por 100! Em Abril, e Maio 20 a 24! Em Junho, e Julho 30 a 32! Em Agosto, e Setembro 40, 45, e 48!!! Oh! Cahos! Oh! Cahos!!!...

Sobre esta desordem lembrava hum interessado, que, attentas as circumstancias precarias da Nação, seria acertado se fizesse ponto no pagamento dos mezes atrazados, e que os mezes presentes se pagassem em dia, pois com isto os Rebatedores, e Rebatedoras descançarião das suas rapinas, e o Exercito receberia os seus pagamentos reaes, e não quasi nominaes, como agora recebe. Esta providencia parece boa para alguns mezes; mas eu tenho discorrido outra certa para hum Seculo; porém a sua indicação não me pertence.

E a final de contas qual he o objecto d'este Numero? Parou em Finanças a madureza nos conselhos, e a presteza na sua execução? Tambem este poderia ser hum objecto principal: mas não he elle: o verdadeiro objecto he o encoberto, que se descobrirá a seu tempo. Parece-lhes a alguns, que eu sou como *Penelope* que desfaça em hum dia, o que fiz em outro; enganão-se; sigo diversos caminhos, que galão para hum mesmo fim; não são contradicções; são mudanças dos signaes, para que a Maçonaria se não aperceba, tanto a Maçonaria de dentro, como de fóra do Reino.

Portuguezes! Vós combateis contra todos os elementos! Mas vós tendes hum Rei Magnanimo! Tendes em vosso favor hum Deos, que O defende, e que vos protege! Não trepideis de todos os revolucionarios, que se conspirárão contra a Independencia, e contra a Religião do vosso Paiz! Elles não hão de vencer-vos, porque vós nunca fostes vencidos, nem Deos quer, que o sejais! Sêde prestes na

execução, do que haveis começado! União, Constancia, e Valor! Vós não pereceis! Soffrei; e sêde certos, que o Vosso Rei, e Vós haveis de triumfar de todas as cabalas da revolução! Portuguezes! O Mundo inteiro ha de ficar admirado da vossa Victoria, e toda a Maçonaria ha de reconhecer a sua impotencia contra vós!

Lisboa 20 de Setembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 70.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Setenta dias erão, os que, ao parecer, poderião os rebeldes demorar-se no vosso Paiz! Oitenta era o maior espaço de tempo, a que poderia ter chegado o seu impotente esforço, e desespero! Porém mais de oitenta não póde produzir-lhes outra cousa, que a sua ultima dissolução, e ruina! Aproveitai pois esse ultimo termo, em que elles devem aprender, que he impossivel insultar sempre a constancia, e o brio da vossa heroica Patria!

Em huma guerra civil, quanto mais se espaça a ruina da facção, tanto mais ella se prevalece, e ampara do terror, da illusão, do poder, e das seducções, para enfraquecer a opinião do Vulgo, que muitas vezes se desvanece pela sua pouca subordinação, e confiança nos que o dirigem. De que os rebeldes subsistão ainda em territorio Portuguez, seus Correios, e Emissarios levantão, que elles serão a final vencedores; que já tem conseguido vantagens sobre o Exercito Realista; que abundão em recursos, e em reforços, que lhes forão subministrados por estes, e aquelles Paizes. Entrárão no Porto em auxilio dos rebeldes, noti-

cião os agentes dos mesmos rebeldes, tantos centos de Polacos, tantos centos de Inglezes, e tantos centos de Francezes; que tudo isto entra aos centos como as sardinhas em canastra; e entrando tantos centos d'estes, e d'aquelles em todas as semanas, e em todos os dias, segue-se que já estão no Porto, reduzindo a somma todos esses centenares, mais de cem mil homens ao serviço de Dom Pedro. Ora, mentindo-se muito em todas as guerras, e especialmente nas civís, n'esta da malhadice mente-se com tal descaramento, e desaforo, como nunca se mentio em tempo algum, depois que o Mundo he Mundo: mas agora são Pedreiros, os que mentem, e estes primogenitos do diabo não cessão de mentir, porque he aqui, na impostura, na exaggeração, e no transtorno da opinião pública, onde elles fazem consistir toda a sua esperança, e o seu triumfo; como he guerra de opinião, dizem elles, façamo-la guerra de imaginação, mintamos sempre, e de todos os modos procuremos enganar os Realistas; porque estes de tantas mentiras, e de tantos enganos em alguns cahirão; e em se enganando algumas vezes, e em se conhecendo, ou acreditando enganados, perderão a cabeça, e a farão perder aos outros, esmorecerão, de tudo desconfiarão, até da mesma verdade, e de si mesmos entre huns, e outros, e por esta maneira perderão a esperança, e a confiança, julgar-se-hão perdidos, e nós ficaremos vencedores a quasi nenhum custo, porque n'esse estado de desalento, de desconfiança, e de *desesperança* nós começaremos a attrahi-los ao nosso partido com toda a qualidade de seducções, e de promessas; dir-lhes-hemos que já passárão para o nosso lado tantos, e tantos centos d'estes, e d'aquelles Regimentos; que sigão o seu exemplo, em quanto he tempo; que não acreditem no seu Governo por fraco, impotente, e inepto; que se convenção finalmente que Dom Pedro está sustentado por tantas Nações, de quantas elle tem Soldados. Com effeito, esta malvada canalha de Pedreiros Livres, e dos bandalhos, que fazem parelha com elles, tem estudado, e trabalhado em todas as fórmas, pelas quaes podem bigodear aos bons Portuguezes; ora pintando as verdades como mentiras, ora enfeitando as mentiras como verdades, sempre impondo, sempre trahindo, de maneira que, a acreditar n'esses impostores, e trahidores, tudo vai bem, quando na verdade

vai muito mal, e outras vezes tudo vai mal, quando na verdade vai bem. A este systema de noticias Pedreiraes, com que os occultos emissarios, agentes, e partidarios de Dom Pedro trabalhão por transtornar a cabeça aos Realistas, em huma certa occasião respondêo J. A. L. S. C. B. no seguinte repentino

SONETO.

Embora se affadiguem os Pedreiros
Querendo-m' imbutir — *Tudo vai bem* —
Qu' eu não os acredito nunca, além
D'aquillo, em que sei só, são verdadeiros.

São ladrões, são patifes, são brejeiros,
E n'isto todo o meu credito tem:
Porém novas, escuso que m'as dêm,
Que não quero m'illudão por Matreiros!

Não duvido da sua filantropia
E sei bem tudo, o quanto elles tem feito
Que melhor não o fazem na Turquia.

Tenho pois já formado meu conceito,
Que he conforme á mais sã Filosofia:
= Que só tirada a causa, cessa o effeito. =

Ora, anque pêse á Maçonaria (esta frase — *anque pêse* — he quinhentista, e usada pelos Classicos da Lingua Portugueza, que foi n'estes, como em Duarte Nunnez de Leão, Macedo, Pinto, Barros, e outros muitos, que eu estudei a propriedade, os idiotismos, a energia, e as graças nativas d'esta maviosa Lingua) pois, anque pêse á Maçonaria, hei de desenvolver essas causas, e esses effeitos, que tem atormentado o espirito da Nação Portugueza, mas que não tem podido extinguir a Fidelidade Religiosa, e Politica da maioria dos Portuguezes; porque Deos, que plantou n'elles a sua Fé, elle mesmo não a tem deixado perecer, elle mesmo a conserva, e conservará, humas vezes por meios fortes, outras, e são as mais, por meios, ao parecer, pouco seguros, para confundir, e perder a sciencia dos sabios, a for-

ça dos fortes, e a prudencia dos prudentes. Este Fiado Divino, com que os Portuguezes tem sido cobertos de virtude, e de perseverança na sua Religião, não póde ser descosido por todos os corta-fios da Maçonaria; póde apparecer em Portugal o *Fiado Descosido*, para abonar a Carta Constitucional, e a intrusão de Dom Pedro, valendo-se das artes, e das simulações das tres Parcas, adornando-se de Religiosas, e de Honestas: mas o Fiado Divino, que he de tres fios, a saber, Fé, Esperança, e Caridade, não póde ser descosido em Peitos Portuguezes, por mais que a Maçonaria duplique, e triplique as suas forças. Ora eis-me tem os meus Leitores *tolo com arte;* mas não estranhem este epitheto, porque em Portugal se escrevêo huma obrazinha assaz instructiva com este titulo — *O Tolo com Arte, e o Tolo sem Arte.* — Ella não he tão antiga como o Classico, e Curioso *Palmeirim*; mas contém doutrinas interessantes; não achei esta Obra nas *Cuevas de Salamanca*, que escrevêo o célebre *Botelho de Moraes e Vasconcellos* em estilo satyrico, ironico, e mordaz, que he bem proprio, e como natural entre os Portuguezes, que n'elle dérão lições de muito saber a todo o Mundo: a dita obrazinha achei-a em Braga no anno de 1818; e, quando fallo de Braga, suscitão-se-me saudades de todo o Minho, de que aquella Cidade póde considerar-se como Capital, e Côrte, onde brilhárão sempre as Sciencias, que mais interessão á Religião, e ao Estado. Esta obrazinha tem algumas parecenças com a *Historia de las Cuevas de Salamanca*, ainda que o *Tolo com Arte* não teve aquella Carta de Privilegios, que foi concedida ao célebre *Botelho*, a qual principia —.

Io Celestina la Astuta
Por merced de Satanas
Emperatriz Poderosa
D'el embuste, y la maldad;

e depois de pôr todos os seus interminaveis titulos, começa a contar os privilegios, que lhe concede, pela maneira, e fórma do theor seguinte —

Por el le concedo que
Se convierta en alcatraz
En murciegalo, en borrico
En Oso, en lobo cerval,
Y en lo que gustare. Solo
Converter-se no podrá
En Franc-mason, ni Machado.

Ora este grifo he meu, que tambem quero pôr alguma cousa de minha casa; e a dita Carta de Privilegios tão extensos como o he a ordem d'huma grande Batalha he rubricada pela maneira seguinte —

Firmó abajo el Secretario
Cachidiablo de Satan.

Mas eu deveria tomar o sério, se o mesmo *Botelho* me não advertisse que o Mundo já não está para muita seriedade, como elle mesmo executou seguindo aquella Letra do immortal *Gongora.*

Arrimen-se yá las véras
Y celebren-se las burlas,
Pues dá el Mundo en niñerias;
En fin como quien cadúca.

Ora oução-me os bons Portuguezes, e, como diz o dito Botelho, o Diabo seja surdo, entendendo que o Diabo he o Carteiro, que veio cá com estas noticias, e idéas Pedreiraes, ou Constitucionaes, disfarçadas algumas vezes com o traje de Religiosas, e Realistas, que são como caixas encouradas, ou Caixeiradas fingidas.

Tolo com Arte me parecêo sempre o grande Padre José Agostinho de Macedo, de quem se póde dizer com toda a verdade, que quando escrevêo bem, ninguem o fez, nem fará melhor — *Ubi bene, nemo melius;* e quando escrevêo mal, (concedendo por favor aos seus adversarios esta insustentavel hypothese) ninguem o fez, nem fará menos mal: em seu estilo (que verdadeiramente he seu, original, e inimitavel) joco-sério, satyrico, ironico, e mordente, elle fez huma guerra viva a todos os inimigos da Igreja, e do

Estado; elle foi o Açoute dos Pedreiros Livres, e de todos os Innovadores Religiosos, e Politicos; nunca disse mal senão dos vicios, e nunca disse bem senão das virtudes; algumas contradicções, que se lhe querem notar, não são senão *antinomias*, e estas existem em os Auctores mais Classicos de todas as Sciencias, em ambos os Direitos, Canonico, e Civil, nos mesmos Sanctos Padres, e ainda na mesma Sagrada Escriptura: tal he n'esta aquella maxima — *Non respondeas stulto juxta stultitiam suam;* — Não respondas ao tolo conforme á sua tolice — comparada com esta outra — *Responde stulto juxta stultitiam suam;* — Responde ao tolo conforme á sua tolice. Eis-aqui o tolo com arte, e eis como obrou muitas vezes o immortal Macedo, esse Verdadeiro Sabio, que acaba de ser ultrajado por Zoilos, que sempre vivêrão ciosos do seu nome, ciosos na Literatura, ciosos Politicos, e ciosos *Sociaes*. Ora entendão-me lá! O Padre Macedo foi grande; as suas producções literarias de toda a especie o justificão, e defendem: se elle não foi *maximo* no Reino dos Ceos, *Requiescat in pace*. Porém — *si quis sine peccato est, mittat in eum lapidem* — a mão que se atreve a denegrir a sua Vastissima Sabedoria, deveria ser cortada ao machado, se estivesse em prática aquella Sentença de hum Affonso Rei de Castella — *Mendicatis frugibus ossum!!!* Eu não sou legatario do grande Macedo para a sua Defeza, mas para a Defeza de Portugal; as lagrimas, que sobre o seu tumulo derrama a Literatura Portugueza, lagrimas que os verdadeiros amantes das Letras não *cançarão de chorar*, as lagrimas de todos os Realistas Portuguezes, que devem aos seus Escriptos a tenacidade do seu caracter Politico sobre as materias, que este Seculo questiona, o odio rancoroso, que os malvados Pedreiros ainda lhe conservão, e finalmente a mesma maledicencia dos Zoilos justificão, abonão, defendem, e immortalisão o nome *immortal do immortal Macedo.*

Vou pois á Maçonaria, aonde me chamou o ultimo Verso do Soneto, e vou seguindo as regras do *Tolo com Arte*, que he aquelle, que distingue os tempos, e as pessoas, tomando ácerca d'estas aquella Sentença — *Captiose cum captiosis loquendum est* — Sentença, que na sua prática involve algumas contradicções aos olhos dos tolos sem arte, mas significativas antinomias na consideração dos

tolos com arte, ou dos verdadeiros judiciosos, advertindo que as contradicções involvem opposição perfeita na essencia, e natureza da cousa, ou nas circumstancias, e qualidades, que entrão na mesma essencia, e natureza; e as antinomias involvem huma contradicção apparente, que se não oppõe á essencia, e natureza da cousa, nem ás circumstancias, e qualidades, que entrão na mesma essencia, e natureza. Em tempos, em que tanto se falla, e tanto se escreve, e em que somente os Pedreiros, e os Constitucionaes querem campar de fallar, e escrever bem, carece-se muito de muito tino Logico para distinguir as contradicçeõs, e as antinomias; aquellas são proprias, e essenciaes a todos os inimigos da Igreja, e das Monarchias, (já todos sabem que eu fallo em objectos Politicos, ainda que algumas vezes pareça que não) e as antinomias são muitas vezes indispensaveis aos defensores da Igreja, e das Monarchias, para supplantarem os seus inimigos. Vá huma prova, que me diz respeito, sentindo porem muito fallar em meu abono, porque nem careço de justificações, nem mendigo testemunhos abonatorios, pois nem temo, nem ambiciono, ainda que espero: no anno de 1820 justifica-me huma Portaria do Governo do Porto no mez de Setembro, que me removêo para Braga, não sei pelo que; elles lá o souberão, e sabem; fizerão a minha Apologia: no anno de 1826 accusou-me o *Conde de Villa Real*; todo o Mundo sabe pelo que, e a sua accusação tambem faz a minha Apologia: eu não personaliso; Deos perdoe a todos, que da minha parte estão perdoados, pois nem outra cousa cabe na minha Alçada, que.....

Pois nesse anno de 1820, achando-me removido de Tras-os-Montes para Braga, e proximo a ser enviado para a Hespanha com certa Nota, que não era Diplomatica, mas Carcundatica, *Chirographum mortis*, para se me dar lá o Despacho, que se dêo a muitos Ecclesiasticos da *minha nota*, requeri ao Governo do Porto já *monopoliado* em Lisboa, que se me désse liberdade, e empenhei a muitos *influentes*, mas em vão; pelo que elles não quizerão empenhar-se, não sei, sei somente que ainda hoje não estão meus compadres; então escrevi a hum incognito, dizendo-lhe — Eu sou Constitucional, porque sou pobre. — Exarou-se immediatamente a Portaria da minha Absolvição. Quanto

era de versado em noticias do caracter Portuguez aquelle Doutor e Lente Coimbrão, pois acreditou na minha proposição principal pela sua causal, sendo que todos ou quasi todos os Portuguezes pobres são Realistas pela graça de Deos!!! Vendo eu tanta bondade, ou filantropia em certos Governantes, temendo todavia aquillo da *Nota* que se me comminava das Lojas, requeri aos Legisladores Carta de Naturalidade em Portugal, pois do Governo Real já eu a alcançára no anno de 1818, e fundamentei a minha pertenção em que era Constitucional, porque seguia a *maioria* da Nação Hespanhola: a causal era *contra producentem*, porque a maioria da Nação Hespanhola era e foi sempre pela Causa do Altar e do Throno; apercebêo-se da minha tolice com arte toda a *Commissão da Constituição* pelas suas informações particulares, e foi de parecer *que Não*; porem os mesmos Governantes, que em 1820 influírão na minha Absolvição, tornárão a influir para a minha Naturalisação; e foi-me dado o competente Titulo: fiquei penhorado por esta isenção d'aquella *Nota*, e consultando o caso com hum Bacharel Carcunda mór, que no anno de 1827 ficou na Hespanha *in sæcula sæculorum*, agradeci em Papel, offerecendo a minha vida pelos *Sabios* Representantes da Nação Portugueza: o favor era de agradecer para hum Carcunda Original, que fôra duas vezes preso no anno de 1820! Estas são contradicções, quando a minha essencia e natureza era evidentemente Carcundatica, qualificada em duas prisões no mez de Setembro do anno de 1820, tempo em que nenhum outro Ecclesiastico experimentou a perseguição Constitucional senão o *Dom Prior Mor de Christo*, o Prior da Igreja de Ponte de Lima, e o Padre Mestre *Braga*! Estas são antinomias, ou amphibologias de hum preso e perseguido! Assim agora todos os presos por Constitucionaes e revolucionarios obstinados dizem de si que são muito Realistas, e toda a gente sabe que elles são *lupi rapaces*, lobos carniceiros! E aquella qualificação de *Sabios* convinha a todos os Representantes? Não: mas ella não podia ser recusada áquelles Representantes, que votárão 1.° pela Religião Unica Verdadeira; 2.° pela Censura prévia em todos os Escriptos, e especialmente nos Religiosos; 3.° pelo Veto Absoluto d'ElRei. Ora todos esses votárão pela minha Naturalisação; de certo elles merecião a minha gratidão, e

a tiverão; e ainda tem a minha affeição, salvos os que ao depois não fôrão de proposito consequentes na Defeza da Religião, e do Throno; sou amigo do homem, não sou intolerante das suas inconsequencias de sentimentos, e de costumes, quando ellas procedem de ignorancia, de fragilidade, ou de alguma coacção; somente sou intolerante da impiedade, e da desmoralisação systematicas, quando ellas entrão na essencia, e natureza do homem.

Asim he como o tolo com arte possue a de discernir os enganos, embustes, mentiras, e trapaças dos tolos sem arte, dos Constitucionaes, e dos Maçons, e tem o poder de os supplantar, e confundir, quando as circumstancias o auxilião, porque elles redundando sempre em palavras, e não lhes fixando jámais o seu sentido, dando-se a conhecer, se perdem. Elles ignorão que huma proposição principal não pode ser bem entendida sem a sua incidente, quando esta he restrictiva, ou determinativa; elles ignorão o que são qualificativos, ou incisos ampliativos, e os que são restrictivos, e entrão na substancia da cousa! Tanto he certo que muitos dos que lêm, e escrevem, campando talvez de eruditos na aura popular, até ignorão a crítica Grammatical! São como aquelles, que com cinco réis de Latim julgão ser Latinos, misturando alhos com bugalhos, e tomando como Latino, o que he peior que Grego! Assim não são Latinas aquellas palavras substantivas *Barbator*, *Batalia*, *Curatus*, etc., e todavia são usadas pelos que não sabem linguagem. *Legisti*, *sed non intellexisti; si enim intellexisses*, *non improbasses.* Os Fariseos andavão mortos por apanhar a Jesus Christo em algum crime na sua conversação — *ut caperent eum in sermone* —; mas perdêrão o feitio contra a Divina Sabedoria, porque era, e he a summa Verdade. Assim andão hoje os Carteiros, e os Revolucionarios, como aquelle outro Romano á caça de moscas; he facil conhecê-los, e confundí-los.

Mas aonde vai o Clarim? A' Defeza de Portugal contra a Maçonaria. Elle não se desvia da Ordem do Dia, por mais diversões, que se lhe proponhão: *Stellæ manentes in ordine*, *et cursu suo*, *adversus Sisaram pugnaverunt.* Judic. C. 5. Corro todas as fileiras, e na ordem de Batalha, seja qual fôr o campo, em que se me ataque, tendo noticias do aggressor, ainda antes que elle appareça, desba-

rato os inimigos da Independencia de Portugal. Tendo estado em contacto com os revolucionarios de 1820, pela lição dos seus Escriptos, pela conversação com muitos d'elles, e pela perseguição, que nunca deixárão de mover-me, estudei muito pelos conhecer, e julgo-me *omnisciq* nos assumptos da revolução; eu achei que os que fôrão *verdadeiramente* revolucionarios no anno de 1820, o fôrão tambem no anno de 1826, no de 1828, e agora! Assim as suas doutrinas, as suas proposições, os seus escriptos, as suas noticias commummente as tomo na ordem inversa, e descubro ordinariamente que he certo — *Que só tirada a causa cessa o effeito.* — Supponhamos que hum Pedreiro Livre, que no anno de 1823, no de 1826, e no de 1828 não desmentio o seu caracter do anno de 1820, agora no anno de 1832 escreve a seguinte proposição em noticia — *Pedro matou a Antonio.* — Pois eu tomo esta proposição, como se dissesse — *Antonio matou a Pedro* —; e passados alguns dias, examinadas as cousas, a minha proposição resulta verdadeira. A linguagem Maçonica tem huma marcha propriamente sua, que a maior parte das gentes não conhece, ainda que algumas vezes se enfeita de côres Realistas, e com estas affecta de sincera, e verdadeira; porem ella he sempre dolosa, equivoca, e trapaceira. Eu posso dizer muita cousa a este respeito, porque a lição dos seus Escriptos, e a conversação com muitos d'elles me tem posto ao facto do que he a Maçonaria. He necessario estar mui versado nas Cathegorias, e nos Predicamentos Aristotelicos, ou Peripateticos, para conhecer tudo o de que a Maçonaria he capaz; o campo he immenso, e a minha empreza Literaria, Moral, e Politica ía a corrê-lo todo; mas estando hoje com o N.° 70 de volta, ainda não tenho podido andar senão á roda do campo, e isso mesmo em detalhe; não extravasárão as minhas idéas, nem perdi o fito; porem a Maçonaria apresentou-se-me em toda a parte, e me obrigou a fazer-lhe a guerra pela ordem, que eu não traçára. Não sou visionario, não finjo Maçons, a fantasia, ou o fanatismo Religioso, e Politico de certo me não illudem. Existem Maçons em grande número; duvidar d'isto he duvidar da existencia do Sol: seu fim he revolucionar todos os Paizes nas suas Instituições Religiosas, e Monarchicas; elles vão conseguindo este fim; seus effeitos por toda a parte apparecem. Logo só tirada a causa....

Ora, vá hum bosquejo das minhas idéas sobre as Acções, e Escriptos dos Maçons. Primeiramente certifico-me ácerca de qualquer pessoa, se elle he Maçon, e cerciorado que seja, de que o he, vejo, e examino em segundo lugar. Que he, o que elle faz, diz, ou escreve? 3.° Em que lugar? 4.° Em que tempo? 5.° Quem o acompanha, segue, e rodeia? 6.° Em que occasião, e circumstancias? 7.° Quaes são os seus recursos? 8.° Quaes são os seus fins, ou vistas para o presente, e para o futuro? 9.° Que he, o que elle póde, e não póde fazer? 10.° Se elle póde, ou não póde obrar de outra maneira? Examinadas todas estas particularidades com a mais minuciosa analyse, como eu sei que todo, e qualquer Maçon pertende sempre, e por todos os modos conservar, e adiantar a sua fortuna, e a dos seus! Não trahir-se a si mesmo, nem algum dos seus; enganar, e illudir sempre, e por todas as vias aos Soberanos; desgraçar, e perder á todos os que se oppõe aos desejos, e ás vistas d'elle Maçon, eu já sei que elle obra, falla, e escreve sempre debaixo destas vistas com dólo, com equivocos, e com trahição: Catholico com os Catholicos, Realista com os Realistas, Vassallo muito humilde com o seu Rei, mas sempre Maçon, sempre doloso, sempre embusteiro, sempre trahidor: se obra, falla, e escreve alguma vez com veracidade, he porque não póde, nem lhe faz conta obrar, fallar, e escrever por outra fórma: se não engana, não mente, não atraiçôa alguma vez, he porque d'essa vez não póde, não lhe faz conta; porém sempre que póde, e que lhe faz conveniencia, elle atraiçôa ao Soberano, e á sua Patria, e fingindo, dizendo, e escrevendo sempre, que elle he amigo do seu Soberano, e do seu Paiz; de sorte que, se póde cometter trahição, elle a comette, e consegue os seus desejos; e se não a póde cometter, elle conserva, e augmenta a sua fortuna, e a dos seus, como amigo do seu Rei, e da sua Patria. Em que terrivel cáhos a Maçonaria tem abysmado os Paizes, em que ella he dominante, e influente!!! Oh! Quanto á ignorancia dos ardís, e estratagemas dos inimigos de hum Paiz tem pérdido, e arruinado esse Paiz!!! Quanto não he pesado, e ronceiro o movimento da Náo do Estado, quando os que o governão vêm sómente hum palmo adiante do seu nariz! Em tal caso, por muito valentes, e esforçados que sejão os Póvos, elles serão como as féras, que se

matão mordendo nas cadeias de ferro, em que estão agrilhoadas! A Maçonaria he a ruina de todos os Estados, em que ella domina, e influe; porém a ignorancia, a imprevidencia, e a impolitica dobra as cadeias, que pesão sobre os Póvos. Aqui chegava, e começava a sahir dos galhos da penna a Arte Maçonica, e a Arte das Trahições; mas ainda não he tempo de ostentar que.... Baste dizer — *que só tirada a causa cessa o effeito.*

Porém são tantas as causas, primarias, e secundarias, independentes, e dependentes, unicas, e associadas, livres, e necessarias, proximas, e remotas, influentes, e influidas, moventes, e movidas, materiaes, e formaes, efficientes, instrumentaes, occasionaes, permanentes, e versateis, *monotonas*, e *polytonas*, que para conhecê-las todas, e como cada huma d'ellas, e todas unidas obrão, e produzem a desgraça Religiosa, e Politica dos Estados, he necessario saber de calculo muito mais que *Euclides*. Essa Folha revolucionaria do Porto rebelde, chamada — *Chronica do Tempo* — mostra seus receios da minha penna, dizendo, que ella lhes he mais temivel que muitas baionetas! Qual será o motivo d'esse medo rebelde? Porque excitei os Póvos a huma guerra Religiosa? E que he o que os rebeldes mais atacão, que a Sancta Religião de Jesus Christo? Porque convenci os Póvos de toda a illegitimidade, e de todas as maldades de Dom Pedro, e de toda a legalidade, e de algumas Virtudes do Senhor Dom Miguel? As Leis do Paiz, os factos do Intruso, e os do Legitimo Rei demonstrão a justiça da convicção popular. Porque escrevo para outros Paizes, e sou infatigavel na Defeza Religiosa, e Politica de Portugal? Sou quasi só para debellar n'esses Paizes a tantas Folhas Constitucionaes. Porque *descobrirei a causa, e cessará o effeito?* Este he principalmente o temor, que da minha penna tem concebido os revolucionarios! Sim, malvados; sabei que a final correrei todo o panno, e sereis vencidos. Portugal não ha de perecer! A Maçonaria ha de ser supplantada; ha de se tirar a causa, e o effeito cessará: trapaças, embustes, maldades não aturão sempre! *Deus super omnia!*

Oitenta dias contão os rebeldes no Porto; he o mais que podião contar; fóra d'este espaço, elles acharão a sua verdadeira dissolução. Portuguezes! cumpri os communs de-

sejos, e fazei certa, pela mais completa victoria, esta minha bem fundada predicção. Ora eis-aqui estou feito hum *omniscio*, e sou por isso increpado, como se désse Leis aos Generaes, quando eu tracto de sustentar a animosidade do Exercito, a animosidade Religiosa, e Politica, erguendo-me em hum Escriptor do Exercito de Operações, como se dissesse — *Præfectus Legionum.* — Dirigir as operações do Exercito, executar as evoluções da Campanha, desenvolver as manobras militares, avançar, atacar, retirar, tomar a offensiva, e a defensiva pertence aos Chefes do Exercito; porém excitá-lo, movê-lo, persuadi-lo a tudo isto he proprio de todo, e qualquer, que deseja a salvação do seu Paiz. A direcção Religiosa, Moral, e Politica dos Exercitos he huma inspecção, e attribuição, que desde muitos seculos anda separada dos Generaes em Chefe: Heitor Trojano foi o primeiro, que fez essa separação. Que outra cousa he senão o Cargo de Intendente de Policia do Exercito? Elle vale como entre os Romanos o titulo de *Præfectus Legionum:* em todos os grandes Exercitos, e bem ordenados ha este Cargo, ou Emprego. O Exercito Portuguez na Guerra Peninsular o vio desempenhado proficuamente pelo Desembargador *José Antonio de Oliveira Leite de Barros*, hoje dignissimo Conde de Basto, e o Exercito lhe foi devedor de huma boa parte dos seus triumfos. Actualmente exerce este Emprego no Exercito de Operações o Desembargador *João Gaudencio Torres*, e varias Letras de homens conhecedores o acclamão — *Libertador do Exercito:* — em que sentido lhe dão este glorioso epitheto, não sei; sómente sei, que o Libertador do Exercito he do mesmo passo Libertador da Patria: he titulo verdadeiramente glorioso; eu contentava-me com o de — Exterminador da Maçonaria — se conseguisse tirar-se a causa, porque então cessava o effeito.

Quantos Religiosos, Ecclesiasticos, Filosofos, e Letrados tem aconselhado, e dirigido os Exercitos? Quantos, que não forão Militares, conhecêrão a Arte Militar Theorica, e formárão bellissimos planos de Campanha? A quantos d'aquelles não tem devido os Exercitos combatentes a sua Victoria, e os Paizes a sua Liberdade? As Historias estão cheias d'esses successos, e os nossos tempos os verão repetidos: as Theorias da Guerra não são sempre proprias dos Chefes dos Exercitos: poucos Generaes houve de grande

nome, que não ouvissem a pessoas de diversa profissão: a Politica da Guerra he cousa diversa do exercicio da peleja: os planos de Campanha nem sempre forão formados pelos Generaes, ainda que a sua execução sómente a elles pertence: a conveniencia de tomar a offensiva, e a defensiva, a precisão de seguir a opinião do Exercito, a arte de manejar, e de aproveitar essa mesma opinião, são o resultado da lição, da experiencia, da observação, da meditação, e da reflexão. Muitos Exercitos, e muitas Campanhas se tem perdido no Mundo pela trahição, pela ignorancia, pela cobardia, pela indecisão, pela impericia, pela indisciplina, e pela precipitação dos que capitaneárão esses Exercitos; mas muitos mais se tem perdido pelo orgulho, pela inercia, pela imprevidencia, pela impolitica, pela indocilidade, e pela má disposição dos Chefes: muitas vezes conselhos particulares remediárão todas estas faltas, e ensinárão aos Generaes, que a Filosofia, e a Theoria da Guerra não he privativa delles. A Guerra he a eschola dos Militares, e tambem dos observadores: a lição, a conversação, e a meditação sobre o que tem passado em humas Campanhas, dão muitos conhecimentos para outras. Quantas vezes os Generaes se vêm obrigados a confessar que errárão o plano, e que perdêrão o tempo? Muitas, infinitas destas faltas reconhecêrão em si mesmos os melhores Guerreiros do Mundo, e muitas vezes já depois de perdidos, sem esperança de remedio! Se a Victoria não fizer ao Clarim recolher os écos da Guerra, como li Obras Classicas Militares, vi, e presenceei alguns successos, conversei, e ouvi a bons Professores Theoricos, e Praticos, voltarei a este assumpto por convite. *Epaminondas* foi hum Filosofo de Thebas; elle era amigo de *Pelopidas*, General das Tropas d'aquelle Paiz: *Pelopidas* ouvia, e aproveitava muito os conselhos de *Epaminondas*, e este veio a ser hum grande Guerreiro, e hum General affamado. Será caso que eu venha ainda a dar huma figura para huma Cruzada Catholica contra a Maçonaria? Ou chegaremos a esse extremo? Eis me prestes....; e prestes estão todos os bons Portuguezes, para nos maiores apuros salvarem a Independencia da sua Nação. Portugal he a Terra dos Viriatos.

Portuguezes! Vencer, ou morrer he o timbre do Nosso Rei, e he o nosso timbre! A mão de Deos nos protege!

Soffràmos o peso da Guerra, e no soffrimento trabalhemos sempre para a Victoria! O sangue dos nossos irmãos brada por vingança. Vinguemo-los pois, e mostremos aos rebeldes, que a morte, ou a Victoria he a nossa alternativa! Portuguezes! Se morrermos na lucta, morrendo na graça de Deos, morremos martyres, porque a nossa fé nos dá a corôa do martyrio! Nós pelejamos pela nossa Religião; morrer por ella he viver para a eternidade! Vamos aos inimigos da nossa Religião, e do Nosso Rei! Vamos, e morrâmos, ou vençâmos, que vencer, ou morrer foi sempre a nossa gloria, e a prova do nosso valor, e da nossa fé! Portugal não ha de ser nunca dominado por ímpios. Sômos Christãos, oh! Portuguezes! Vivâmos pois, e morrâmos como Christãos valorosos, e Deos coroará os nossos esforços!

Lisboa 26 de Setembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 71.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Será este o tempo? Re-pondei, e segui as Ordens d'ElRei; pois, seguindo-as, o triumfo he certo, porque valôr não vos falta, e o Ceo está por vós.

Não ha entre os homens cousa alguma, que esteja absolutamente isenta de defeitos, e de imperfeições: achão-se defeitos, e imperfeições em todas as fórmas de Governo, sem que os possão remediar os systemas de *Platão* na sua Republica, de *Thomaz Moro* na sua Utopia, de *Harrigton* na sua Occana, de *Bacon* na sua Atlantide, de *Campanella* na sua Cidade do Sol, de *Fenelon* na sua Novella, de *Hume* no seu... Todos os syllogismos de *Aristoteles*, todos os raciocinios de *Socrates*; todas as analyses Mathematicas de *Leibnitz*, e de *Wolfio*, todas as profundas reflexões dos Publicistas, e Politicos, ainda que vá na sua frente o decantado *Montesquieu*, não são capazes de tirar todos os defeitos, e imperfeições a qualquer fórma de Governo; o mais que a Sabedoria humana póde conseguir, he diminuir o número dos defeitos; extingui-los todos, he absolu-

talmente impossivel; todavia o Governo menos defeituoso, e imperfeito he o Governo Monarchico, ou de hum Chefe só: esta demonstração está feita por muitos Escriptores judiciosos; e ainda que elles não a fizessem, sobeja a experiencia e a observação: eu acho a prova das minhas doutrinas entre os inimigos d'ellas; os mesmos Governos Representativos, ou Aristocraticos, ou Democraticos marchão sempre para a Monarchia com huma tendencia violenta, e que nunca acaba; tudo corre entre os homens para a unidade por huma paixão natural; e se a unidade se não estabelece por toda a parte, he porque todos a disputão e pertendem. Logo o Governo Monarchico he conforme á Natureza; e todavia elle abunda em defeitos e imperfeições, porque a Natureza he tambem defeituosa e imperfeita: estes defeitos e imperfeições corrigem-se pela Religião e pela Razão; mas como a Razão Humana nunca attinge o perfeito absoluto em todas as cousas, e ainda mesmo na Religião, eis o porque o Governo Monarchico sendo conforme á Natureza, á Religião e á Razão não he totalmente isento de defeitos e imperfeições, sem embargo de que he tanto menos defeituoso e imperfeito quanto mais se aproxima á Religião e á Razão. He no conhecimento de seus defeitos e imperfeições que o Governo Monarchico procura emendar-se, diminuir o número dos males e atalhar a origem das desgraças: mas, se elle quizesse estabelecer o *perfeitismo* absoluto, cahiria nos mesmos males que desejasse evitar, constituindo-se em hum Governo *indefinatural*, e não Social, que he o que sómente serve para este Mundo: assim, os que censurão todos os defeitos do Governo, sem lhe poupar nem hum só, caminhão para o Fanatismo Politico, e são consequentemente revolucionarios, porque procurão os impossiveis na Ordem da Sociedade: o mais, que podem fazer os Escriptores Publicos he illustrar o Governo, fazer-lhe conhecer a origem d'aquelles males que se podem remediar, e concorrer para diminuir ou encurtar a medida das desgraças: reprehender ou querer emendar tudo, he perder tudo, porque defeitos, males e desgraças ha de haver na Sociedade, qualquer que seja a fórma do seu Governo: viver e não soffrer he hum impossivel na vida presente, em que nunca forão saciados todos os desejos: to-

davia, o homem deve aspirar, e aspira a soffrer o menos, que lhe fôr possivel; este desejo sómente se consegue vivendo debaixo do Governo Monarchico, porque he n'elle, onde menos se soffre: de hum homem só poucos males, poucas desgraças, e calamidades podem vir; elle nunca póde ter interesse em fazer muitos desgraçados. Hum Deos! Hum Rei!

A este ponto caminha sempre a Defeza de Portugal debellando a Hydra Maçonica, que está empenhada em acabar com o Altar, com os Thronos, e com os Povos, enroscando-se de mil maneiras, para conseguir o seu fim. A principal rosca, de que esses malvados Pedreiros atirão seus golpes sobre a Nação Portugueza he a zizania, e a desconfiança semeada, onde mais se carece de união, e de confiança: esta má semente acaba de lançar o perfido Auctor da *Chronica Constitucional* do Porto, Publicação, que ahi se faz n'estes dias de desolação para illudir, e para corromper. Que venha agora com o Relatorio de alguns Pedreiros Livres, pertendendo darmos a conhecer, e que eu o acredite sobre a sua palavra quasi sempre mentirosa, e calumniadora, o ímpio, o inconsequente, o patife, o Republicano, o mais esturrado de todos os Pedreiros, e de todos os revolucionarios! Fallo do Escriptor d'essa *Chronica Constitucional*, ou d'essa Chronica dos embustes, e das imposturas, ainda que alguma outra verdade tambem ahi apparece! Persuade-se esse miseravel homem, que eu o não conheço? Ora, recorde-se elle do que disse na Sessão Constitucional, ou Revolucionaria de 27 de Fevereiro de 1821, que *a Constituição decidiria os casos, em que o Rei era delinquente, e que então já não era Rei!!!* E he este o monstro, o que defende a Dom Pedro? E Dom Pedro acompanha-se d'esse tigre? Desgraçado Principe, se subisse ao Throno! Elle sería levado ao cadafalso pelos mesmos, que agora o servem! O Escriptor da *Chronica Constitucional* sería o primeiro a formar-lhe a accusação! E essa alma venal quer dar-me a conhecer os Pedreiros Livres? Acaso não conheço eu por todas as suas opiniões propaladas na Assembléa Revolucionaria da primeira época, especialmente sobre materias Religiosas, e attribuições Magestaticas, que elle he mais execrando que *Freret*, mais abominando que

Condorcet, mais sanguinario, que *Robespierre?* Lembrate, homem sem vergonha, sem pejo, e sem caracter, do que disseste na Sessão Preparatoria de 24 de Janeiro de 1821, a saber, *que nem perigo, nem violencia, nem poder algum impediria, que se désse á Nação a justa liberdade, que ella reclama:* Fallaste como a jumenta de Balaam, e sendo sempre hum Profeta da revolução, profetisaste então huma verdade, que tem o seu complemento n'estes dias: nem perigos, nem violencias, nem intrigas, nem Maçons, nem poder algum impediráõ que a Nação tenha a sua Independencia, que ella reclamou, e reclama na exaltação, e na conservação do Senhor Dom Miguel no Throno, que justamente Lhe pertence.

Querendo esse tresloucado revolucionario dar-me a conhecer alguns Pedreiros Livres, e calumniando alguns fidelissimos Empregados no Exercito Realista, para que as Vesperas Sicilianas recahissem sobre elles em anarchia, e desordem, sendo que essas Vesperas hão de executar-se sómente sobre os Chefes, e Conductores da ímpia invasão, diz de mim, que he hum Problema, *se defendo Portugal, se o arruino:* esse Problema, ou Dilemma está resolvido pela sua natureza; porque eu defendo Portugal Catholico, e Monarchico, e arruino essa pequena porção de Portuguezes Pedreiros, e Constitucionaes, e n'este sentido está a Defeza de Portugal, na ruina da Maçonaria, e da rebellião, verificando-se as duas proposições, sem que ellas possão ser problematicas senão para os revolucionarios, e para homens de má fé: he por esta razão que a minha linguagem he corrente, e clara sem a turvação de frases empoladas, para que o Vulgo possa entender-me á sua vontade. Portuguezes! Soldados! Obedecei aos vossos Chefes! Não acrediteis as intrigas dos agentes de Dom Pedro! Acautelai-vos das mesmas verdades proferidas, ou escriptas pelos revolucionarios, porque, verdades mesmo que sejão, ellas trazem sempre veneno! Vós não podeis perecer unidos: divididos vos querem os rebeldes, para perder-vos! Mas a *Chronica Constitucional* treme da *Defeza de Portugal*, diz hum Ecclesiastico do Arcebispado de Braga, como de hum Exercito de cincoenta mil combatentes.

Nunca os Escriptores Constitucionaes forão consequen-

tes nas suas idéas, e proposições: esse mesmo homem, de que vou fallando, Corifeo dos revolucionarios, e que esteve á testa d'elles mais de huma vez, não com as armas na mão, porque não tem valôr, mas com a lingua, e com a penna, porque he copioso, ainda que não he erudito; esse monstro, que tantos sarcasmos arrojou em outros tempos sobre o caracter de Dom Pedro, agora não cessa de tecer-lhe elogios, e panegyricos, que as suas obras desmentem. Forme-se hum parallelo exacto do caracter Publico, e Pessoal do Senhor Dom Miguel, e de Dom Pedro: a mais atroz calumnia não póde obscurecer a evidencia: o Caracter Publico, e Pessoal do Senhor Dom Miguel he igual, consequente, generoso, sincero, franco, religioso, amigavel, bemfazejo, comedido, affavel, sobrio, moderado, soffredor, pacifico, e virtuoso em todo o sentido, assim na Ordem Christã, como na Ordem Social; o caracter Publico de Dom Pedro, que o testemunhem o Brasil, as Ilhas Açôres, e agora o Porto; elle horrorisa! Seu Caracter Pessoal no mesmo Brasil, e nas Ilhas envergonha! Agora no Porto elle faz o papel de.....

.....

.....

Os Portuguezes nunca tal vírão, nem ouvírão, nem imaginárão em hum Principe. A *Chronica Constitucional*, para desempenhar o seu Titulo, deveria contar esses factos por dias, e por horas, os lugares onde... as pessoas que...; mas os Portuguezes honrados devem mostrar-se agradecidos ao silencio do seu Auctor, por lhes não excitar penas, que lhes farião estalar o coração: elles estão satisfeitissimos das Altas Virtudes, e Qualidades Religiosas, Politicas, e Sociaes da Augusta Pessoa do Seu Rei, e Senhor Dom Miguel, e não precisão de vêr horrores, baixezas, e infamias em...; Dom Pedro está repellido do Throno por todas as Leis, e tanto basta, para que todos os Portuguezes o não queirão, nem devão reconhecer por seu Rei, ainda que elle fosse digno de ser amado.

Mas porque nos não contará a *Chronica Constitucional* as virtudes, e as boas qualidades das suas Tropas? Ah! Que o monstro tem de esconder a maldade dos seus aos olhos do Publico, para não excitar a indignação de todos os Po-

vos do Mundo! Elle poderia contar milhares de violencias feitas por esses Cannibaes ás familias pacificas do Porto, de insultos a pessoas innocentes, de aggressões á honestidade, de ataques á propriedade, e liberdade individual, de sacrilegios, e de roubos ás Igrejas, e ás Pessoas consagradas a Deos. Eu não quereria que elle me contasse, pois já o sei, que o *Alferes do Cão*, Sargento Mór do Concelho de *Aguiar de Sousa*, pelo Governo Rebelde do Porto do anno de 1828, logo que os malvados assomárão a essa Cidade no presente anno, se apresentou na minha Freguezia de *S. Miguel de Rebordosa*, acompanhado de doze façanhudos armados, e aquartelando-se em casa de hum meu Parochiano, d'onde expedio Ordens a todos os Capitães das Ordenanças do Concelho, que hu'as não cumprirão, comèo os olhos ao dito meu Parochiano, e o teve preso, só pela razão de me haver comprado alguma louça *Franciscana*, e outros trastes da mesma riqueza, e valia, parte das quaes cousas o dito *Cão* quebrou, arguindo fortemente ao comprador, por haver negociado com hum Ecclesiastico rebelde! E que tal he o Direito dos Rebeldes! Mas a rebellião sempre foi retroactiva!. Se algumas Authoridades não poupassem aos malvados inimigos da Nação, não repetirião elles scenas tão escandalosas; mas quanto a mim pertence, perdôo estas odiosas personalidades. Porem estaráõ todos nesta disposição Christã? Não seráõ redarguidos com muita justiça os amalgamadores, ou Pasteleiros, que tem dado azos aos malvados impunes, para repetirem, e augmentarem seus crimes? Mas eu venho em seguida a esta digressão. . . .

Contar-nos-hia a *Chronica Constitucional*, se ella amasse a verdade, que entre os roubos, que elles commettêrão no Convento, e Igreja dos Congregados da sempre leal Cidade de Braga, o fizerão de huma muito rica, e devota Imagem de Nossa Senhora das Dôres, e logo a vendêrão pelo vil preço de doze vintens. Contar-nos-hia como os seus celebrados prendêrão o Escrivão *Domingos de Carrazedo*, do Concelho de *Amares*, e o Alfaiate *José Bicho*, da Cidade de Braga, e levando-os comsigo na sua retirada para o *Porto*, depois de lhes terem dado pelo caminho muitas chuçadas com as baionetas, logo que chegárão á *Barca da Trofa*, estando já semi-mortos os desgraçados presos, os fize-

rão retirar da estrada, e ahi os fuzilárão, sendo esses dous homens de boa vida, e sã consciencia, e tendo-os achado inermes, e tranquillos. Que crimes havião commettido estes infelizes? Assim ficárão orfãos seus muitos filhos pela crueldade d'estes barbaros! Se elles houvessem entrado em *Braga*, ou fizessem a sua retirada entre fogo, ainda que os homens inermes, e tranquillos nunca devem ser perseguidos, dir-se-hia que as Tropas de Dom Pedro obrárão, o que muitas vezes fizerão as Tropas de Napoleão, entrando em alguma Terra, em que experimentavão resistencia; mas não tendo esses barbaros achado resistencia na dita Cidade de *Braga*, porque o brioso, e esforçado Visconde de *Montealegre*, ficando só em todo o *Minho*, não pôde com quatrocentas baionetas bisonhas resistir utilmente a forças superiores em dobro, elles mostrárão ser mais atrozes, e crueis, que todos quantos inimigos invadírão Portugal. E esse he o Exercito Pacificador, e Restaurador da Nação Portugueza! E he assim que se diz de Dom Pedro ter hum genio popular, e aprasivel? Vêde, Portuguezes, e considerai quanto sería triste a vossa sorte, se Dom Pedro, e os seus Satellites vos dominassem? Infelizes! Sêr-vos-hia melhor, e mais suave emigrar para a Turquia, e ahi viver á discrição do Grão Sultão, que experimentar a sede de hum Governo Constitucional como o de Dom Pedro, que a todos promette liberdade, e priva da vida aos mesmos inermes, e tranquillos, que lhe não resistem. Contar-nos-hia a *Chronica Constitucional* que.... Mas baste por ora de mil e hum contos desgraçados, que o coração não pode levar de huma vez só, sem estalar de dôr.

Que diráõ a isto esses Prégadores da *misericordia?* Sim, misericordia para os Realistas, vingança sobre os rebeldes, e sobre os seus fautores. Que poderia responder qualquer Reverendo, ou Reverendissimo aconselhador da paz, a quem huma numerosa familia, coberta de lucto, e de dôr, descalça, e núa, faminta, e sem alivio algum, lhe disesse = *Estou sem marido, que me alimentava, e vestia; estamos sem Pai, que nos dava de comer, e de vestir; que nos educava, e que nos proporcionava os nossos destinos para o futuro; os malhados lhe dérão a morte, sem que elle lhes fizesse outro mal, que o de ser Christão, e amigo do*

Senhor Dam MIGUEL: agora aonde iremos? Que será de nós?.... = Que responderia esse Reverendo, que acaso não perdôa, a quem lhe escarra na sombra? Suppriria elle a essa desgraçada familia a falta de seu marido, e de seu Pai, alimentando-a, vestindo-a, e calçando-a, dando-lhe educação, e proporcionando-lhe seus destinos para o futuro? *He sorte da guerra*, dirá elle; mas a familia responderá *que seu Marido, e Pai não andava na guerra; que era homem inerme, e tranquillo.* Dirá elle que *use do seu direito contra os matadores.* Mas os matadores são todos os rebeldes, e elles constituem hum só Ente Moral; paguem-no pois todos com as suas vidas, e com as suas fazendas pelo que fizerão, pelo que fazem, e para que mais não façáo; sejão indemnisados, quanto fôr possivel, todos os que soffrêrão prejuizos! Portuguezes! Vingança, Vingança, e mais Vingança sobre os rebeldes! As armas fôrão-vos entregues, para que exerçais a Vincheta Publica em defeza da vossa Religião, do vosso Rei, da Independencia do vosso Paiz, e de vós mesmos! Vossos Pais, vossos Irmãos, vossos Filhos, vossos Parentes, vossos Amigos, vossos Patricios, mortos pelos rebeldes, bradão a vós que os vingueis! Vingai-os; vós não podeis perdoar a vida aos inimigos armados; só ElRei tem esse Direito, ainda que deveis ser generosos com os que entregão as armas, porque sobre esses tambem só ElRei tem Direito. Estas, e não outras, são as Regras da Justiça, e da Misericordia.

Prégar, ou intimar a paz em outro sentido he obrar como aquelles falsos Prégadores, dos que disse hum Profeta que *annunciavão a paz, e tal paz não havia — Pax, pax, et non erat pax.* — Misericordia com impunidade absoluta dos crimes de Lesa-Magestade Divina e Humana, não he Misericordia, he injustiça, he crueldade, he loucura, he demencia, he finalmente, em fraze Apostolica, querer conciliar a luz com as trévas, ou a Jesus Christo com Belial. Para mim os que intimão essa conciliação, moderação, ou amalgamação, promovem a revivencia da Constituição. Desejar, e promover o exterminio dos inimigos contumazes da Igreja, do Throno, e do Estado por affecto á vindicta pública, por vêr a Igreja, o Throno, e os Povos em paz, e tranquillidade, não por satisfazer cada hum ao seu genio,

ás snas paixões e aos seus interesses, este he hum dever, he huma obrigação, he huma virtude: os Sanctos Patriarchas e Profetas, os Reis Sanctos, os Sacerdotes zelosos da gloria de Deos, ardêrão sempre nestes justos desejos e os promovêrão com todas as suas forças, e fôrão por isso louvados por Deos: as Sanctas Escripturas estão cheias d'estes testemunhos: esta he a doutrina de todos os Sanctos Padres e dos Theologos da Igreja: esta he a praxe de todos os Reis, de todos os Bispos e de todos os Povos Catholicos: as diversas Cruzadas promovidas e feitas contra os Sarracenos são provas de sobejo. Todo o Christão portanto está obrigado a denunciar, a accusar, a testemunhar e a concorrer por todos os meios justos contra os inimigos da Igreja, do Throno e do Estado. Todo o Christão he obrigado a armar-se contra estes inimigos e a exercer nelles a vingança pelo modo, forma e ordem que as Authoridades competentes lhe determinarem. Sendo todo o Christão obrigado a perdoar ao seu inimigo as offensas e injurias particulares que d'elle tenha recebido, ainda que não seja obrigado a perdoar os damnos e detrimentos que d'essas offensas lhe tenhão resultado, elle não he obrigado, não pode, não deve perdoar, nem vêr com indifferença as offensas, as injurias, os damnos e os detrimentos que os inimigos fazem á Igreja, ao Throno e ao Estado. Sim, a Caridade he soffredora, e he compassiva, mas não he injusta, não he insensivel, não he indifferente, não he apathica, não neutralisa com a impiedade e com a irreligião; pelo contrario ella he activa, ardente e zelosa em promover a gloria de Deos; e a gloria de Deos promove-se bem, ou pelo exterminio ou pela reducção dos inimigos do Altar e do Throno. Já disse mais de huma vez que hum ventre saciado prodigalisa louvores ao jejum, e o acha facil, porque o não cumpre; tambem a Castidade he cousa mui natural aos que não sentem os estimulos da concupiscencia! Pela mesma forma não irar-se, ser manso, não vingar-se, he natural aos que não soffrem, e tão natural como que o contrario sería huma monstruosidade exorbitante da natureza animal. Esses Prégadores da moderação, da transacção e dos perdões, que não sabem o que he soffrer a menor privação, incómmodo, injuria, offensa, perda ou per-

seguição, que pela Defeza da Igreja, do Throno, e do Estado lhes tenhão causado os inimigos do Altar, e do Throno, como que vivião, comião, e folgavão de mão commum, grande favor farião á Igreja, ao Throno, e aos Povos, e grandes provas darião de seu zêlo pela verdadeira paz, e caridade Evangelica, se fossem para as fileiras rebeldes, e as reduzissem, e convertessem aos seus deveres, mostrando-lhes, e convencendo-os de que a aggressão, que fazião a Portugal, era injusta, e escandalosa mais que outra qualquer, que se tenha feito em algum Paiz do Mundo; que a Causa do Senhor Dom Miguel era de Lei, de Direito, e de Razão; que a Causa de Dom Pedro era huma Causa de depravação, de impiedade, de licenciosidade, de libertinagem, e de rebellião; e assim, que largassem as armas, e se entregassem á discrição do Senhor Dom Miguel, que he muito piedoso, que aborrece a vingança, que não quer sangue, antes ama o perdoar, o fazer bem, e o ter seus Póvos em paz, e tranquillidade! Então diria eu pela bôca grande, que esses Prégadores annunciavão a verdadeira paz, e a Caridade Evangelica; e concorrendo tambem da minha parte para a tranquillidade entre todos os Portuguezes, daria o meu — *Pax vobis* — a esses Realistas *maganões*, *esturradões*, e *revolucionarrões*, como eu: Fação alto, meus Camaradas, cesse rumor, vão para os seus Quarteis, esperem lá as ordens do nosso Rei, e sejão certos que o Senhor Dom Miguel perdôa a todos os seus inimigos, pois que já todos Lhe implorárão perdão, mas de tal modo perdôa, que elle os não põe sobre vós nos Cargos Publicos: Portuguezes! Soldados! March! March! Tóca a Campainha da Misericordia! Mas oução lá! Sentido! Levem as armas comsigo, e promptos á primeira voz; porque estamos mais que fartos de petas, e tretas revolucionarias, que nos offerecem a paz, quando não podem fazer-nos a guerra. Senhores Reverendos, ou Reverendissimos amalgamadores! eis o caso; concertemo-nos sobre elle, ou prégai aos rebeldes a paz, ou eu prego aos Realistas a guerra; porque se prégais aos Realistas a paz, em quanto os rebeldes não cessão de os perseguir, sereis tidos, e havidos por nós, como fautores da rebellião — *unus ex illis*, — pois já outr'ora fallastes como elles, e a prol d'elles, e, ao parecer, hoje fa-

zeis o mesmo, ainda que por outra fórma. Os Póvos não estão dispostos como os Frades, que debaixo do azorrague do seu Prelado, prostrados, e com as costas núas, a cada golpe, que sobre elles se descarrega, dizem — *Mais pelo amor de Deos.* — Mas n'esse caso o Prelado não he inimigo, não he ímpio, não he perseguidor, não he vingativo; elle obra como hum Pai, que dá aos seus filhos pão, e páo: em vez de que os rebeldes obrão como sacrilegos, como foragidos, como barbaros, como inimigos da Igreja, do Throno, e dos Póvos. O Clarim deseja ardentemente a tranquillidade, e a paz, e por ella tem feito preces, e votos fervorosos a Deos, Auctor da verdadeira paz, d'aquella paz, que o Mundo não póde dar, e que os Prégadores do Mundo não sabem, ou não querem prégar. Paz com todos os Christãos, que tem hum mesma fé! Paz, amizade, confraternidade, conciliação, e convivencia com todos os Portuguezes, que tem a mesma Religião, e que reconhecem por seu Rei Absoluto o Senhor Dom Miguel I, e com todos os que derem verdadeiras, sinceras, permanentes, e não equivocas provas da sua conversão a estes justos principios da Independencia da Monarchia Portugueza! Mas com todos os outros Portuguezes, que não tem a mesma Religião, e que não reconhecem o mesmo Rei; com todos aquelles, que vivem obstinados, e contumazes na sua rebellião Religiosa, e Politica, com esses não haja paz, nem tolerancia, salvo se ella, pelo bem do Estado, fôr ordenada por Sua Magestade Fidelissima o Senhor Dom Miguel I, Rei Absoluto, e Independente das Facções Constitucionaes, e Maçonicas; porque só Elle he o Senhor da Paz, e da Guerra! Com algum d'esses malvados não haja amizade, confraternidade, conciliação, e convivencia; porque na bem considerada, e bem provada razão de inimigos da Igreja, do Throno, e de Portugal, o Direito, as Leis Divinas, e Humanas, as Disposições da Igreja, e do Estado defendem, prohibem, e vedão toda, e qualquer communicação, por muitas, e mui ponderosas razões, e especialmente pelo perigo de que a conversação com os malvados não corrompa os bons sentimentos, e costumes dos Portuguezes fieis: *Corrumpunt bonos mores colloquia prava.* Este he o meu parecer, o meu voto, e o meu proposito: Portuguezes Hon-

rados, que formais a maioria da Nação, segui-o, e vós vereis desapparecer a rebellião!

He n'esta paz, e n'esta *perdoança* concebida n'este sentido, que os Póvos viveráõ contentes, satisfeitos, e tranquillos. Porque: como poderá aquietar-se, por exemplo, huma Freguezia, (vá hoje de cousas de Igreja, que he a minha seára) que tem por seu Parocho a hum Sacerdote tido, e havido, ou, ao menos, infamado publicamente por hum Maçon, e Irmão Terrivel de huma Loja, e que nas suas doutrinas, expendidas em voz alta, e sonóra, e exaradas em Papeis, que todos lêrão, dêo provas exuberantes de ser hum classico revolucionario da Igreja, e do Estado? Por esta fórma, e theor ha muita cousa, que se parece a esta. Que escandalo não seria para huma Diocese, se ahi se d'esse licença a todos os Sacerdotes prezos, e culpados como revolucionarios para usarem das suas Ordens? Que fatal exemplo não sería para qualquer Diocese, se fossem nomeados para seus Visitadores alguns Parochos, que no mez de Junho de 1828 tivessem assignado livremente o Auto da infame rebellião do mesmo anno? E que, que, que sería se entre estes Visitadores fosse algum tido, e havido sempre por Constitucional, e de mais a mais fosse parente de algum rebelde julgado, e de algum *Magistricida de Condeixa?* Se taes cousas acontecessem, que pensarião, que dirião os Póvos? Seria por esta fórma, que os Póvos se confirmarião na sua Fidelidade Religiosa, e Politica? Mas tem estas cousas acontecido, ou acontecem em algum Terra de Portugal? Responda o abaixo assignado. Hum Frade em hum certo Convento, cantando Missa em hum certo dia do anno passado, dêo a Collecta por Dom Pedro Imperador, e Rei!!! Foi processado, mas despresado como doudo! Que tal está a filantropia! Outros por ahi ha, e tambem são..... Louvemos a Deos! Estes escandalos são rarissimos; elles não provão senão, que em Portugal ha Maçons, e quem os tolere! Alguns d'elles passão por doudos; mas são doudos de tal qualidade, que no Governo Real se fingem dementados, para ficarem impunes, e no Governo Constitucional apparecem carregados de juizo como os burros. Estes acontecimentos excitão a indignação, e provocão as palavras improprias de hum Papel Público.

Mas estas proposições tornão problematico, *se defendo Portugal, se o arruino.* Sim, eu desejo defender os Portuguezes amigos do Senhor Dom Miguel, e desejo arruinar os Portuguezes inimigos do Senhor Dom Miguel: ás armas pertence a guerra, e ellas estão dirigidas por Chefes Valorosos, Peritos, e Fieis a toda a prova: á penna pertence coadjuvar a opinião dos bravos defensores do Altar, e do Throno, e apontar ao Governo do meu Rei a origem, e principios das desgraças dos seus Póvos, para que as atalhe, e diminua, quanto lhe for possivel: a esperança he a alma dos Portuguezes Fieis: elles sentem que a *amalgamação* tenha frustrado os seus trabalhos. « Meu Rei, e Senhor! O abaixo assignado, vosso muito humilde « Vassallo, conhecendo, que Vós sómente sois o Senhor Absoluto da Paz, e da Guerra, e que o Direito de castigar, e de perdoar he exclusivo da « Magestade, vem aos VOSSOS PES, em nome dos « Vossos Póvos, a implorar de Vós huma só graça « em premio dos seus esforços pela Vossa Conservação no Throno, e he que não empregueis senão a « Vassallos, que Vos tenhão dado verdadeiras provas de Fidelidade, para que os Vossos governados « gosem da paz depois da Victoria: pelas suas vidas, « pelo seu sangue, pelas suas cicatrizes fazei-lhes « esta graça, que parece ser de justiça, de conveniencia, e de necessidade. Senhor! elles todos « Vos pedem, e o abaixo assignado em seu nome, esta « Merce. — *Ne dominentur nobis inimici nostri.* »

Apontar algumas desordens, será isto ser revolucionario? Onde he que não ha defeitos, e imperfeições? A incorrupção não he dóte privativo de alguma Classe da Sociedade, nem do Exercito, nem da Magistratura, nem do Sacerdocio, nem de outra qualquer Corporação do Mundo. O Apostolado não podia offender-se de que se lhe dissesse, que tinha hum Iscariotes; nem o Exercito póde offender-se de que se lhe diga, que tem alguns menos honrados, e menos peritos; nem a Magistratura, de que tem alguns menos justos; nem o Sacerdocio, de que tem alguns máos; nem os Fidalgos, de que tem alguns banidos, nem... nem ... nem...: porque isso acontecêo, e acontece em todos

os tempos, mais, ou menos, e d'isso houve, e ha toda a publicidade de Facto, e de Direito: isto não he lembrar peccados velhos, já purgados, já esquecidos, e consequentemente não he indispôr, não he insultar, não he maldizer, nem revolucionar; porque se não lanção em rosto defeitos ás pessoas de bom nome, nem se lhes *exprobrão*, ou improperão acções, que elles, ou as suas familias não tenhão commettido. Incivil, desattento, descomedido, e insultante seria qualquer, se no recinto de huma Familia toda honesta, virtuosa, bem acreditada, e estimavel dissesse, que aquella Familia já tivera (havia 200 annos!) huma mulher infame, hum homem de torpe condição, hum ladrão, hum trahidor, hum... Que pena mereceria este homem no juizo d'aquella amavel, e virtuosa Familia? E se esse mesmo homem assoasse em público essas vergonhosas lembranças, não se diria d'elle, que pertendia desconceituar, e deslustrar essa Familia? E se essa Familia fosse de hum nome especial na Sociedade, á qual a Sociedade lhe tivesse, guardasse, e devesse muito respeito, muita predilecção, e muita reverencia, porque ella concorria, e concorrêra muito em todos os tempos para o bem estar, e para o esplendor da mesma Sociedade, esse má lingua não seria reputado justamente hum aggressor da mesma Sociedade? Desgraça, ou industria! ella inventou sacatrapos, e sacarolhas, mas não *saca-más-linguas*, instrumento tão preciso n'este caso, pois que o machado para elle não serve.

Onde está esse, que se jacta de herdar o sangue dos Nun' Alvares Pereiras? Perguntava em 4 de Outubro de 1831 o rebelde *precursor* da rebelde expedição de *Dom Pedro*, insultando a illibada fidelidade dos dous Excellentissimos *Duques* do Cadaval, e de Lafões, que, como se fossem hum só, constituem ambos a *flor intacta d'este Con-Regio Titulo*. Fidelissimos sempre a seus Augustos Primos os Serenissimos Srs. Duques de Bragança, e Soberanos de Portugal, estes Nobilissimos Titulos do *Cadaval*, e de *Lafões*; esta palavra — *Duques* — não deve ser proferida com mingoa n'esta presente lucta, em que os Portuguezes honrados tem seus olhos fitos no seu Rei, e Senhor Dom MIGUEL I, e na Real Familia *Portugueza*, e successiva, e immediatamente em seus Primos os Excellentissimos *Duques do Ca-*

daval, e de Lafões, para imitar, e seguir os seus exemplos, e as suas virtudes.

Portuguezes! Escutai os écos do Clarim! Elle deseja conduzir-vos pelos caminhos seguros da Religião, e da Realeza! O Governo Monarchico he o unico, que póde garantir a vossa fé, a vossa honra, e a vossa propriedade, e liberdade! Elle só póde satisfazer todos os vossos desejos, e esperanças! Elle só póde conservar o Sacerdocio fiel, a Nobreza hereditaria, e todas as vossas antigas, e amaveis instituições, leis, usos, e costumes! Esperai tudo do vosso Optimo Rei, e Senhor Dom MIGUEL I! Confiai dos Chefes, que vos commandão! Obedecei ás Authoridades! Imitai a nobre Fidelidade Religiosa, e Politica dos vossos *Duques* sempre illibados! Segui o exemplo da Grandeza Fiel de todo o Reino! Não deis ouvidos á perversidade das intrigas! Mostrai ao Mundo que sois superiores a todas as seducções, como o sois no valôr, e na constancia! Portuguezes! Soldados! Fazei que o Clarim suba o vosso nome aos Astros, e que elle repita sem cessar — Os Portuguezes são dignos do amor, e da admiração do Mundo inteiro.

Lisboa 28 de Setembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 72.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Quando o inimigo não he vencido pela Offensiva, deve ser desbaratado pela Defensiva. Não sejais sómente animosos na prosperidade; porque, quando as cousas vão bem, todos os Povos do Mundo são valentes; mas vós, que sempre fostes superiores a todos, ostentai que sois corajosos nos revezes, intrepidos nos perigos, alentados nas adversidades, firmes em todos os extremos! São passados tres mezes de Campanha; mas, se ella durasse tres Seculos, vós devieis aturar todo o seu peso, arrostar todos os seus horrores, debellar todas as suas contingencias! Vós combateis por hum Rei Amavel, que vai combater ao vosso lado: comvosco vai tomar parte este Rei Magnanimo em todos os vossos trabalhos, e fadigas! Portuguezes! Conheça o Mundo inteiro que, se vós podeis ser algum tempo victimas d'hum Principe inimigo, nunca sereis seus dominados; seus vassallos, nunca, nunca jámais! A's armas! A' guerra! Redobre-se o vosso valôr; augmente-se a vossa coragem; e o tempo dará a victoria aos que tiverem constancia! A guerra, que fazeis, he justa; continuai os vossos sacrificios por amor da Justiça, da Religião, da Legitimidade, e da Honra!

Se fosse preciso discutir-se a justiça da guerra, que a Nação Portugueza faz a huma minima fracção sua, que se oppõe á Publica, Legal, e Solemne Decisão dos Tres Estados, e a injustiça da reacção, que faz á Nação essa minima fracção auxiliada, e reforçada por meios revolucionarios estrangeiros; sem recorrer aos Theologos, Canonistas, e Juristas das outras Nações, poderia este assumpto

ser bem examinado por huma reflexão comparativa sobre Classicos, Antigos, e Respeitaveis Escriptores Portuguezes, quando elles demostrárão os Direitos da Senhora Dona Catharina, filha do Infante Dom Duarte sobre a Successão da Corôa de Portugal; ou quando convencêrão de perfidia a Alemanha, e a Castella sobre a prisão, accusação, e processo do mesmo Infante Dom Duarte; ou quando justificárão a Acclamação do Senhor Dom João IV: mas esta justiça, ou injustiça, tomada em abstracto, poderia vêr-se melhor no Tractado — *De bello justo, et injusto* — que escrevêo hum célebre Portuguez do Seculo XVI. Porém esta discussão não he necessaria na presente Questão: a Nação Portugueza decidio do Direito da Successão do Throno, e da sua Independencia do Brasil. Ora este Direito está atacado por hum punhado de Portuguezes vendidos ás Facções estrangeiras, e por estrangeiros assalariados, e conspirados pelos elementos constitutivos dos seus Paizes; e n'este estado a Nação Portugueza sustenta seus Direitos pela força, ou pela guerra, que muito rasoavelmente foi definida — *Ratio ultima Regum* — pois que não ha outro meio de suster a Legitimidade, e a Independencia: a conservação do Decoro Real, os bens, e direitos dos Povos, a mesma honra dos Tres Estados do Reino, exigem que a guerra se faça, e que os Povos sirvão n'ella com as suas fazendas, e pessoas: todavia esta guerra, da parte da Nação Portugueza, he puramente Defensiva, pois que não se faz outra cousa mais, que repellir com as armas os inimigos, que atacão os seus Direitos, e a sua Independencia: não he certamente guerra Offensiva, a que a Nação Portugueza faz, porque ella não ataca a Nação alguma, nem algum Principe, com quem d'antes vivesse em paz: em paz vivião d'antes os Portuguezes, e os Brasileiros; e o mesmo Dom Pedro, Soberano d'estes, não foi aggredido pelos Portuguezes na Acclamação da sua Independencia, porque esta Independencia dos dous Povos fôra reconhecida, e sanccionada pelo mesmo Dom Pedro, e por todas as Nações alliadas de Portugal, e do Brasil: logo a guerra Offensiva he feita por Dom Pedro, que vivendo d'antes em paz, e amizade com a Nação Portugueza, quebra agora, e infringe essa paz sem provocação alguma da parte de Portugal, auxiliando-se para essa Offensiva, não dos Brasileiros seus Vassallos, que elle *livre, e espontaneamente* abandonou, e os quaes ainda continuão a viver em paz com Portugal, mas de hum punhado de Portuguezes, que jámais representárão, nem podem representar a Nação Portugueza, nem de Facto, nem de Direito; e como esse punhado de Portuguezes, já desbaratados, repellidos, e faltos absolutamente de todos os meios

para continuarem a sua opposição ao todo da Nação, não fosse força sufficiente para Dom Pedro poder fazer a guerra a Portugal, elle aproveita todos os meios revolucionarios, que os estrangeiros lhe offerecem. Elle pois he auxiliado para fazer a guerra Offensiva a hum Paiz, que lhe não fizera provocação alguma no acto de Acclamar a sua Independencia; Independencia, que elle mesmo reconhecêra, e sanccionára, e com elle havião reconhecido, e sanccionado todas as Nações alliadas de Portugal, e do Brasil.

Mas em que consideração he Dom Pedro auxiliado? Certamente que o não he na de Soberano do Brasil, que elle *livre, e espontaneamente* abdicou; sendo certo por outra parte que o Brasil está em paz com Portugal, e que esse auxilio lhe não he dado para regressar ao Brasil: tambem não he auxiliado na qualidade de Soberano de Portugal, que elle tambem *livre, e espontaneamente* abdicou por todos os seus actos praticados, e expressos a favor da Independencia do Brasil; sendo certo por outra parte que todas as Nações estão em paz com Portugal. Logo elle he auxiliado na qualidade de aggressor de Portugal com o apparatoso pretexto de fixar a sua Independencia na Pessoa de sua Filha; porém esta he Filha de hum Principe Brasileiro, e a Nação Portugueza quer a sua Independencia na Pessoa de hum Principe Portuguez; logo esse auxilio he dado a Dom Pedro contra o Senhor Dom MIGUEL, e contra a Nação Portugueza: logo o Senhor Dom MIGUEL, e a Nação Portugueza, com quem todas as Nações estão em paz, estão accomettidos por auxilios estrangeiros. Estes auxilios estrangeiros são públicos, e por isso as minhas proposições não encontrão a actual Politica do Governo Portuguez; além de que este reconhecêo, e declarou que os elementos da Expedição de Dom Pedro são pela maior parte estrangeiros. Logo os Portuguezes estão em guerra com esses estrangeiros, e esta consequencia he clara, e já pública em Direito; porque estrangeiros são quasi todos os elementos da Expedição de Dom Pedro, como foi declarado pelo Governo Portuguez: mas todos os Governos estão em paz com o Governo de Portugal; logo o Senhor Dom MIGUEL, e a Nação Portugueza estão em paz com todas as outras Nações, como está declarado; e estão do mesmo passo em guerra com esses estrangeiros, como he público, e está reconhecido; porque a aggressão, que se fez ao Senhor Dom MIGUEL, e á Nação Portugueza he composta, pela maior parte, de auxilios estrangeiros! Ora eis ahi a paz, e a guerra ao mesmo tempo entre as mesmas pessoas, e conseguintemente conciliado aquelle principio de contradicção—*Quodlibet est, aut non est*—o qual não póde ser conciliado até

agora por todos os Sabios dos Seculos passados! Que enigma he este, que jámais foi apresentado entre as Nações civilisadas? Paz, e Guerra ao mesmo tempo entre os mesmos Paizes! He o enigma da revolução! He o *Status in Statu!* He a Tolerancia Absoluta, Religiosa, e Politica, Civil, e Militar! He a liberdade, e soltura de todos os descontentes do Mundo, para obrarem como lhes parecer, com permissão, e consentimento do Mundo todo!

A Expedição de D. Pedro he composta, pela maior parte, de elementos estrangeiros: esta he a base das idéas, que tenho expendido soltamente em varios Números d'esta Publicação, e de algumas outras, que vou expender agora de passagem: vasos, armamentos, petrechos, equipamentos, recursos de bôca, e de guerra, e até gentes de outros Paizes formão a maior parte da Expedição de Dom Pedro contra o Senhor Dom Miguel, e contra a Nação Portugueza: o Governo assim o declarou, e estas são cousas demasiadamente públicas, para que podessem occultar-se, e para que fosse vedado fallar-se n'ellas: ora todas as Nações dizem que estão em paz com a Nação Portugueza, em quanto he certo, e certissimo que são estrangeiros quasi todos os auxilios, de que Dom Pedro se prevalecêo, para fazer a guerra Offensiva á Nação Portugueza, sem embargo de que todas as Nações tem protestado a mais stricta *não-intervenção*, e neutralidade na lucta de D. Pedro contra a Nação Portugueza: logo essas Nações, d'onde vem auxilios a D. Pedro, permittem, e consentem esses mesmos auxilios, que sahem d'ellas mesmas! Logo os Governos d'essas Nações, que estão em paz com a Nação Portugueza, e que protestárão não intervir a favôr de Dom Pedro contra a Nação Portugueza, não intervem, ou não impedem que os seus Governados, e Subditos não intervenhão contra a mesma Nação Portugueza! Esta repetição de palavras, que a mim mesmo he fastidiosa, e *horrisona*, julgo-a necessaria para acclarar este enigma por termos menos indecorosos á Politica actual: logo (e continúão as consequencias immediatas da mesma base pública de Facto, e de Direito) os Governos d'essas Nações, que estão em paz com a Nação Portugueza, e que não intervem a favor de Dom Pedro contra a mesma Nação Portugueza, permittem que os seus Governados, e Subditos fação a guerra á Nação Portugueza! Pois que outra cousa he o Governo permittir aos seus Subditos fazer a guerra ás outras Nações, (debaixo de qualquer pretexto, que se conceda essa permissão, ainda que esse pretexto seja commercial, e vantajoso ao mesmo Governo, e aos seus Subditos) que permittir-lhes, e não impedí-los que passem a alistar-se no serviço dos inimigos das

outras Nações, que lhes dêm, emprestem, ou vendão, e levem a esses inimigos vasos de guerra, cavallos, armas, petrechos militares, dinheiros, e todos, e quaesquer utensilios de bôca, e de guerra, sem as quaes cousas o inimigo não poderá de maneira alguma fazer a guerra, preparar-se para ella, nem continuá-la? De que outra forma se ajuda a hum Alliado a fazer a guerra ao inimigo de ambos, com a única differença de que no caso da verdadeira Alliança Offensiva, e Defensiva os Governos mandão, e no presente caso de auxilios a Dom Pedro os Governos, que os não impedem, os permittem, e consentem que lh'os dêm, e facilitem os seus Governados? Em qualquer dos casos, ou mandando, ou permittindo, as cousas são humas, e as mesmas, e huns, e mesmos os effeitos, e resultados a favor do auxiliado. Esses soccorros de gentes, de dinheiros, de armas, de cavallos, de vasos, e de viveres; essas subscripções contínuas; essas Sociedades publicas, e occultas; todas essas cousas tem sido impedidas? Não: logo fôrão permittidas. Tem ellas sido retiradas da sua acção, e movimento, para que desandem as suas consequencias, e effeitos, e mais não obrem a prol de Dom Pedro contra a Nação Portugueza? Não: logo.....!

Não sei qual deve ser a deducção, que eu possa tirar. Existe huma grande Cruzada Revolucionaria contra o Senhor Dom Miguel, e contra a Nação Portugueza! Esta Cruzada não tem sido impedida no seu principio, nos seus progressos, e nos seus effeitos! As Nações da Europa tem presenciado passivamente essa Cruzada contra o Senhor Dom Miguel, e contra a Nação Portugueza, como se todo, e qualquer Governo não tivesse Direito, e Dever de prohibir aos seus Governados toda, e qualquer intervenção contra aquellas Nações, com as quaes esses Governos não estão em guerra: eu prescindo de todas as razões, em que possa fundar-se essa permissão, ou tolerancia; se essa he, ou não, intervenção de facto, que o Direito das Gentes reprove, he exame, que me não pertence: lá se avenhão os Diplomatas sobre o conhecimento, do que os Governos podem permittir aos seus Governados; mas parece-me que por esta arte não pode haver paz entre os Povos, pois que elles podem fazer a guerra, a quem quizerem, debaixo de formas indirectas, sem que os Governos sejão por isso responsaveis! Porem este exemplo seguido na America Hespanhola, e agora em Portugal, pode vir a ser mui fatal á Paz de toda a Europa! Porque (por exemplo) como poderia a França conservar a sua Independencia, se todos os Governos da Europa consentissem a todos os seus Governados que passassem a alistar-se no serviço dos inimigos da França,

e que lhes déssem, emprestassem, ou vendessem, e levassem contra a França vasos de guerra, artilherias, Armas, polvoras, balas, dinheiros, cavallos, viveres, e todos os misteres, para se lhe fazer, e continuar a guerra? Poderia a França por essa forma conservar a sua Independencia? Não diria ella que todos os outros Povos lhe fazião a guerra, ainda que não estava em guerra com os seus Governos? Sería ella satisfeita de que estes Governos lhe dissessem — *Nós não intervimos nas vossas Questões; mas não impedimos que aquelles dos nossos Governados, que não estão ao nosso actual Serviço, se alistem, e armem contra vós; que façáo causa commum com os vossos inimigos internos; e que, se assim lhes fizer conta, e quizerem, lhes dém todos os soccorros, que poderem?* Supponhamos que isto mesmo acontecesse com a Inglaterra!!! Poderia por esta forma conservar-se a Independencia de qualquer Paiz? Sería por estes meios mantida a Paz da Europa, por mais que se dissesse que os Governos todos querião a Paz, e que deixavão a cada huma Nação a liberdade de examinar as suas Questões, e de apaziguar as suas dissenções internas? Vejão os Diplomatas onde caminhão estas chamadas *Não intervenções!* Digão todas as Nações Independentes, se assim pode haver segurança, paz, e tranquillidade! Que terá adiantado a Confederação Germanica, se contra a sua segurança interior se promoverem exteriormente semelhantes abalos? Apercebei-vos, Soberanos da Europa! Apercebei-vos da Guerra Universal, que por toda a parte se medita, e prepara por estes meios revolucionarios, ao mesmo tempo que se vos não falla senão em Paz, em Segurança, em Neutralidade, e em *Não-Intervenção!!!!!!!!!*

Portuguezes! Eis o nosso caso! Huma Cruzada Constitucional, não de algum Governo, ou de alguma Nação, mas de amigos tolerados da Revolução, se tem armado contra nós! Auxilios estrangeiros de toda a especie se tem dado, e continúão a dar-se a Dom Pedro contra nós, não por parte de algum Governo, mas por huma porção dos seus Governados, inimigos do Senhor Dom Miguel, e nossos inimigos, tolerados, e consentidos por formas indirectas, e insolitas! Mas, que tememos? Morramos embora, porem não sejamos seus escravos! Todavia Deos protege a nossa Causa, e os Soberanos da Europa *já considerão a injustiça, com que somos perseguidos;* nem todos nós havemos de morrer, nem algum de nós será escravo de Dom Pedro, e dos seus amigos, e fautores! O Nosso Dom Miguel he hum Rei Magnanimo! A Mão de Deos anda com Elle! Portuguezes! Tambem o Ceo formará huma Cruzada em nosso favor, porque nós defendemos tambem a sua Causa

perseguida por todos os amigos da Revolução, todos elles tolerantes Religiosos e Civis, e por isso mesmo inimigos da Unidade da Sancta Religião! Portuguezes! Soldados! Ecclesiasticos! Formemos tambem nós huma Cruzada em Defeza do nosso Deos e do nosso Rei! Concorrâmos com as nossas pessoas e com as nossas fazendas, quanto nos fôr possivel, para sustentarmos a nossa Sancta Causa! Soffrâmos o frio, a nudez, o rigôr da estação e todas as privações, incómmodos, fadigas e trabalhos da guerra, porque da nossa constancia ha de vir a nossa admiravel Victoria! Sustentemos o nosso Juramento e os nossos Votos Sagrados, de pelejarmos pela nossa Religião, pelo nosso Rei e pela nossa Independencia! Se temos constancia, pois que temos a Deos por nós, que poderá o Inferno contra nós! Portuguezes! Vós mesmos, os que algum tempo seguistes outra opinião, vede que a Causa do Senhor Dom Miguel he huma Causa verdadeiramente Portugueza, e que a Causa de D. Pedro he Causa verdadeiramente estrangeira! Unamo-nos, pois que a Nação inteira he offendida, e todos nós estamos ultrajados! Façamos vêr ao Mundo que as opiniões nos esquecem quando a nossa Independencia he vilipendiada! Sejamos todos Portuguezes d'ora em diante, para todo sempre, para que os nossos inimigos não zombem do nome de Portugal, da Patria da Fidelidade e do Heroismo.

Mas eu não tractava n'esta Publicação ácerca da guerra, Offensiva e Defensiva no sentido, em que ella he o estado em que por meio da força se adquirem ou se defendem os Direitos: eu fallava da guerra como do mesmo acto das hostilidades, ou das operações das armas, e he neste sentido que os primeiros eccos do Clarim, especialmente nos mezes de Julho, e Agosto, bradárão á Offensiva; he a dizer, áquella especie de hostilidades, pela qual o inimigo he evidentemente desbaratado e vencido, não lhe dando lugar, a que no repouso se fortifique e entrincheire, augmente as suas forças, estabeleça e consolide o seu poder, e adquira, e ganhe opinião: o Clarim tocou a desbaratar o inimigo, sem perder tempo de o forçar e bater; e as razões d'esses toques tomavão-se do mesmo methodo de guerra, que os inimigos havião adoptado n'esse tempo; pois que elles não tractárão de adiantar terreno, nem de tomar a Offensiva, senão tanto quanto lhes convinha, para assegurarem a sua Defensiva, fortificarem os seus postos, augmentarem as suas forças e os seus subsidios, recrutarem e disciplinarem os partidarios, attrahirem mais proselytos, ganharem opinião dentro e fora do Reino, e obterem dos seus amigos nas Nações estranhas soccorros de dinheiros, de gentes, de va-

sos de guerra, de cavallos, de viveres, de armamentos, e toda especie de mediação, e intervenção indirecta, alem d'aquillo de *Protocolos*, *de Notas*, e d'essas cousas mais, que tem differentes nomes na Diplomacia, e que todas ellas vem a produzir somente dous effeitos. As razões dos toques do Clarim estão justificadas no decurso de tres mezes; pois que os rebeldes verificárão huma grande parte dos seus desejos, menos aquillo da Diplomacia, que hoje anda mui ennevoada sobre cousas de maior Vulto, que essas gentalhas de Dom Pedro, e aquillo da opinião dentro em Portugal, porque os Portuguezes são mui briosos, e mui honrados, para abandonarem a Causa do Senhor Dom Miguel, e da Independencia do seu Paiz, que elles Acclamárão, e Jurárão *de sua livre vontade*, e que hão de manter, defender, e conservar a despeito de todas as vantagens, que os inimigos do Senhor D. Miguel, e da Nação Portugueza julgão ter obtido em todo este espaço de tempo. Sim, Portuguezes! vós haveis de vencer, porque a vossa constancia he superior a todos os obstaculos, e revezes da guerra!

Está pois justificado o toque á Offensiva; a Defensiva, que os inimigos havião tomado, o abonava; e tudo, o que tem acontecido nestes tres mezes, attesta de que o Clarim acertava a marcha das Operações do Exercito. Elle desejava muito que para este fim se nomeassem Generaes *Avançarrazes:* felizmente lá vai hum, o brioso, e intrepido *Telles Jordão*: ainda ha outros na mesma ordem, e na inferior havia, e ha muito Militar *Avançarraz*, dos que eu, pelo que d'elles tenho presenceado, julgo que, se commandassem força bastante, não se retirarião jámais da frente do inimigo, sem que o destroçassem. Grande *Avançarraz* foi o Marquez de Chaves; seu nome ainda hoje excita as saudades dos verdadeiros Realistas Portuguezes; em quanto este Heroe de Tras-os-montes, e do Exercito Portuguez tomou a Offensiva, foi sempre vencedor; na mesma Defensiva elle desbaratou muitas vezes os inimigos do seu Rei, porque foi sempre *Avançarraz*; sendo certo que, ou avançando, ou retirando, pode hum bom General, tendo forças sufficientes, destroçar os seus inimigos; do que derão bons exemplos os *Persas*, que forão imitados, e seguidos pelos *Hespanhoes*, e pelos *Portuguezes* nas suas guerras com os Romanos: elles se retiravão muitas vezes, ou por necessidade, ou por artificio, e nas suas retiradas voltavão á carga sobre seus inimigos. He assim como os Generaes destros, e corajosos manejão as forças do seu Commando, de maneira que, ainda que seus inimigos tenhão conseguido sobre elles algumas vantagens, sempre ficão em disposição de os repellir de alguma forma, de se defender

d'elles; e delhes tolher os fructos do seu triunfo. Hum General, que não prevê *todos*, *todos* os revezes, e perigos, dado o caso, que elle seja valente, he máo General, he inutil para a Defeza da sua Patria, he hum temerario, que sacrifica o seu Exercito, e o seu Paiz; digo, dado o caso que seja valente; porque, se he fraco, elle não serve senão para enfraquecer o valor do Soldado, e para dar o triunfo ao inimigo sem algum custo.

Avançarraz foi o Visconde de Monte Alegre na tomada da Praça de Bragança no anno de 1826, ainda que he constante por confissão de todos que, se elle operasse, sem dependencia, a rendição da Tropa Constitucional de Bragança conseguir-se-hia em meia hora, sem alguma effusão de sangue, atacando quatro horas antes, em vez de ter custado tres dias de sitio, e de vivo fogo com grande perigo, por se começar o ataque mais tarde do que podêra começar-se.

Avançarrazes forão tambem no mesmo anno de 1826, sobre a mesma Causa da Acclamação do Senhor Dom Miguel em Rei Absoluto de Portugal, os outros Chefes de Divisão, e de Corpos, em quanto operárão por si sós, sem dependencia de alguem: elles desbaratárão, e desalojárão os inimigos por toda a parte. Mas, logo que todos estes Realistas *Avançarrazes* fizerão a sua juncção, delongando-se em discussões sobre planos de Campanha, e sobre organisação de forças, dando lugar ao inimigo de se refazer, e reforçar, elles já d'ahi em diante não levárão a melhor em todos os conflictos!

Mas estas são cousas pequenas, e a que se lhes não dá, nem dêo entidade, ou porque a virtude dos homens vivos não tem tanta estima, como a dos que já morrêrão, ou porque outras muitas considerações; proprias do Seculo, roubão, ou disputão o merecimento: eu concluo pois com huma observação geral, que não pode ser controvertida — *Em quanto os verdadeiros Portuguezes tomárão a Offensiva; em quanto elles avançárão a tempo, e a horas, elles roubárão a acção aos seus inimigos, tirarão-lhes o tempo de se reforçarem, e refazerem; de meditarem, e seduzirem; de corromperem, e de trahirem; os verdadeiros Portuguezes finalmente, avançando, e tomando a Offensiva, forão sempre vencedores dos seus inimigos, e lhes ficárão muito superiores em forças moraes; sendo muitas vezes inferiores em numero!!!* — Esta he huma observação minha, pelo que pertence ás Campanhas Realistas de 1823, de 1826, e 1827, e de 1828: mas certas circunstancias do tempo vedão-me progredir no exame d'estes factos, e das consequencias, que d'elles se deduzem para a presente Campanha. Dou pois hum passo atraz.

A Campanha Peninsular, essa guerra, que se sustentou, por espaço de seis annos, contra o mais poderoso, e temivel Conquistador do Universo, foi a eschola, em que os Pôrtuguezes dérão, e tomárão as melhores lições da Arte Militar, assim na Defensiva, como na Offensiva: n'aquella parte a heroica defeza da Ponte de Amarante pelo General Francisco da Silveira, a das Linhas de Lisboa, a da Praça d'Elvas, e outras, mas poucas, porque os Portuguezes são de tão grande animo, que não gostão de encerrar o seu valôr em pequeno espaço, mostrárão que elles conhecem todos os meios de desfazer os seus inimigos; mas foi na Offensiva, onde os Portuguezes campárão sempre de vencedores, ou avançando em Campo plano, ou escarpando as collinas, e os outeiros das mais rudes montanhas, ou escalando as mais empinadas Praças, ou assaltando as mais terriveis trincheiras, trepando sobre cadaveres seus, e inimigos, elles fizerão vêr ao inimigo que não ha valôr, não ha industria, não ha tactica, que possa prevalecer sobre a animosidade, e firmeza dos Portuguezes. Porém igualmente me he defezo a mim dar louvores demasiados aos que vivem; cito sómente as suas acções, para que se repitão os exemplos. *Lord Wellington, e Lord Beresford* são os preconizadores das virtudes Militares, e Politicas dos Portuguezes: as Ordens do Dia ao Exercito abundão n'estes gloriosos testemunhos. Havia então *disciplina;* porque os Chefes dos Corpos, e das Fileiras estavão convencidos, de que *sem disciplina* o valôr torna-se muitas vezes inutil, e algumas vezes perigoso: havia *subordinação*, porque os Soldados obedecião cégamente aos Chefes, e obedecião-lhes, porque depozérão n'elles huma illimitada confiança: havia *intrepidez*, animosidade, e firmeza, porque estas são virtudes ingénitas dos Portuguezes: havia *união* em todos, e em todas as Operações Militares, porque de Soldado a Soldado, de Official a Official, dos Soldados aos Officiaes, e dos Officiaes aos Soldados, de todos ao seu Chefe, e de seu Chefe a todos havia mutua, e estreita amizade; era commum o perigo, e a necessidade, e assim era reciproca a coadjuvação, e o auxilio; tal era a identidade de sentimentos, e de opiniões, que no Exercito não se conhecia outra rivalidade, nem outra emulação, senão a da virtude, e da gloria.

O Chefe aproveitava a opinião do Exercito, ou a dispunha, e manejava como convinha ao bom exito da lide; e o Exercito s'entregava inteiramente á vontade, e disposição dos seus Chefes, porque estava todo elle persuadido, que elles o não conduzião ao matadouro, mas á gloria de vencer os seus inimigos com a menor perda possivel! Tanto era certo, que os Chefes, quando tomavão conta das

Tropas, *ou já gozavão de boa opiniáv entre ellas*, e cuidadosamente a conservavão, ou, se ainda não tinhão adquirido opinião alguma entre as Tropas, procuravão estabelecê-la, e adquirí-la á custa dos maiores desvélos, fadigas, e sacrificios; porque em verdade, *Chefes, que tem má fama, são perniciosos no Exercito*; os que não tem fama alguma devem trabalhar muito pela adquirir; e os que a tem adquirido não devem *deitar-se a dormir*, antes trabalhar muito pela conservar; porque nos Exercitos em tempo de guerra *a boa fama difficilmente se adquire, custosamente se conserva, facilmente se perde, e, depois de perdida, muito difficilmente se recobra;* pois onde são tantos os perigos, muitos mais devem ser os cuidados. *Illimitada deve ser a confiança*, que o Exercito tenha no seu Chefe, e por isso grande deve ser a *sua fama, e reputação*, ou mui vantajosos devem ser os seus talentos, e virtudes para a adquirir, conservar, e suster; mas tambem, para que o Chefe possa conservar a boa fama, que justamente se adquirio, carece de ter huma *authoridade illimitada* sobre o Exercito, e sobre as suas Operações; porque, se a authoridade do Chefe for embaraçada por Ordens limitadas, ou pouco illustradas, em tempos difficeis, em que o Governo do Paiz não póde prever, nem prevenir tudo, consultar em tudo o mesmo Governo, esperar sempre pelas suas Ordens, he traçar huma marcha vagarosa, quando ella deve ser rapida, he expôr-se a perder tudo, e a sacrificar tudo: *huma authoridade illimitada* he justa, e necessaria a hum *Chefe affamado*, que todo se desvéla pelo seu Rei, e pela sua Patria: essa authoridade sem limite ao Chefe das Operações he essencial a huma Nação, que se acha atacada por toda a parte de *inimigos astutos, emprehendedores, e ardilosos*. Mas n'esse caso guarde-se bem qualquer Nação de confiar o Commando em Chefe a mãos debeis, inexpertas, ou perfidas, que não tenhão outro alvo, que o egoismo, e a indifferença para tudo, porque a Nação será perdida. Convem muito vêr, que qualidade de guerra se tracta, e contra que gentes; porque, se a guerra he contra hum Conquistador Estrangeiro, que ameaça a todos os Paizes, podem ser empregados contra elle quaesquer Militares, que amem o seu Paiz, e que detestem a usurpação, *se por outra parte forem dotados das outras qualidades necessarias!* Se a guerra he civil, convem muito, que s'empreguem sómente homens *da mesma opinião*, e que tenhão dado provas de bastante honra, *e firmeza de caracter, para se não bandear com os contrarios!* Se a guerra he Religiosa, não podem empregar-se em Defeza da Religião senão homens, que tenhão a mesma crença, e, para assim dizer, *o mesmo*

coração! Se a guerra he Monarchica, he necessario lançar mão de pessoas, que tenhão mostrado *interesse pela Monarchia*, e aversão por todas as fórmas de Governo, que lhe são contrarias! Se a guerra he contra Pedreiros Livres, he indispensavel que.... ! Mas eu não quero que a *Chronica Constitucional* do Porto diga segunda vez, que he hum problema, *se defendo Portugal, se o arruino*, ainda que sobre isso já tenho respondido, *que....*

Eu tenho observado que os Protestantes, nas suas guerras de Culto contra os Catholicos, jámais confiárão as suas Tropas a Chefes Catholicos! Tenho igualmente observado *que os Republicanos nunca lançárão mão de Chefes, que tenhão dado algumas provas de adhesão ás Instituições Monarchicas!* Eu vejo que Dom Pedro tem empregado ao seu serviço *pessoas de toda a sua confiança*, traidores sim, *mas não a elle;* infidos sim, *mas não ás liberdades Democraticas....!* Porém outro passo atraz, e venhamos aos dias das glorias Militares de Portugal Religioso, e Monarchico! Deixemos que a geração presente seja lembrada, pela que lhe ha de succeder. A lucta actual he de huma natureza diversa de todas, quantas sustentou Portugal nos Seculos das suas Monarchias; ella entrará no meu exame; e....

Portuguezes! Vós sois superiores a todos os vossos inimigos! Seus ardís, seus estratagemas, seus elementos, pela maior parte, estrangeiros, não hão de prevalecer contra vós! Sêde constantes; soffrei hum pouco mais, e sereis vencedores! Vai apparecer-vos, como nos dias da sua maior gloria, e valôr, o Rei Magnanimo, o Incomparavel, o Grande Rei, e Senhor Dom MIGUEL! *Sim*, Portuguezes, *Vai dissipar a tempestade!* Seus inimigos desapparecerão á sua presença, como o pó mais ligeiro ao arrebatador sôpro do mais impetuoso vento! Portuguezes! Não o duvideis, *a Victoria he vossa!* Deos, e ElRei tem Decretado que vençais, e este Decreto não póde ser contradictado por todos os esforços da Maçonaria!

Lisboa 6 de Outubro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 73.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Sustende o peso das armas; continuai a carga sobre os inimigos da vossa Religião. do vosso Amabilissimo Rei, e da vossa Cara Patria! Mostrai ao Mundo que ainda sois, e sereis sempre os mesmos, que sempre fostes, honrados, animosos, constantes, e infatigaveis em todas as vossas emprezas! Nenhuma mais justa, que esta, em que de vosso bom grado justa, e sanctamente vos mettestes, de livrar o Throno do poder de Dom Pedro seu usurpador, a Patria da tyrannia das Facções, e a vossa Religião do intolerantissimo jugo da licensiosidade Maçonica, e Constitucional! Portuguezes! Ao aceno do Grande Rei, que he o Senhor das vossas Victorias pela Divina Misericordia, vamos, corramos, voemos sobre os seus, e nossos inimigos!

Sem virtude não ha disciplina, sem disciplina não ha verdadeiro valôr. Estas são as tres cousas precisas em qualquer Exercito; *virtude*, *disciplina*, *e valôr*. Emilio Paulo, como refere Tacito, exigia outras tres — *Corpus ut quam validissimum*, *arma apta*, *et animum paratum ad subita imperia* — o que vem a ser as mesmas tres, que eu exijo, mas por outra ordem, a saber; *virtude*, *e valôr* no — *animum paratum ad subita imperia*, e *disciplina* no — *arma apta* — porque aquillo de — *corpus ut quam validissimum* — refere-se ás forças do Corpo, de que eu não tracto, as quaes pendem muito da sua structura organica, do temperamento, do Clima, da educação, do costume, do exercicio, e do trabalho. Platão está conforme sobre estas mesmas qualidades: elle quer que o Soldado seja homem de bem, e que tenha fidelidade, sagacidade, velocidade, e fortaleza; pa-

rece-me que estas não as mesmas cousas por diversas formas, e conceitos: até os Lacedemonios, sendo certo, o que diz Plutarco, pintavão com lanças, e outras armas na mão a Deosa Pallas, e a outras Divindades, (na verdade Deos he hum só, e não ha muitos Deoses; *mas Deosa não ha alguma*; isso he cousa, que inventárão os Gentios, e he palavra, de que se servem os peralvilhos, e os loucos, para requestar mulheres; e se estas escutão esta palavra, ou estão igualmente loucas, ou malhadas, ou dispostas para a loucura, e malhadice;.. porém a seu tempo, minhas ricas malhadas.....) para darem a entender que o valôr deve estar unido á virtude, e que o ser guerreiro he huma propriedade Divina. Ora, como eu tracto de cousas pertencentes ao Exercito, e tracto por convite, segundo indiquei no N.° 70, havendo muitas cousas, que estão em desordem, ou que não estão na ordem, que muita gente quer, não estranhem os meus leitores que as idéas Militares, que vou expender, não estejão na ordem, que elles querem, pois que nem estão na ordem, em que eu mesmo as tenho concebido: acaso esta desordem seja agradavel, e util para n'ella se dizer, o que de outra forma não soffreria este miseravel, e desordenado tempo, que se dissesse: Vamos ao Exercito.

Que não ha *disciplina sem virtude*, o disserão *Lipsio*, e *Valerio Maximo:* porem a virtude he mui trabalhosa pela sua natureza, como diz Aristoteles; porque não ha maiór trabalho, que vencer as paixões, e appetites, a que todo homem he naturalmente propenso, mais ou menos, segundo a sua indole, qualidade de temperamento, educação, que recebêo, e habitos do Paiz, em que vive: saborosos são sem duvida os fructos da virtude; mas as raizes d'esta são amargosas. Ora, se he muito trabalhoso a cada hum vencer as suas proprias paixões, e appetites, sua indole, sua educação, seus habitos, e costumes; quanto não será trabalhoso fazer que os outros, que tem outras idéas, e outra vontade, vençáo as suas paixões, habitos, e costumes! Todavia esta he a grande tarefa dos Chefes! Quanta gloria não será a sua gloria, se a desempenharem! Mas *hoc opus hic labor*. Se os Chefes não sabem vencer as suas paixões, e máos costumes, nem jámais cuidárão d'esse trabalho, e exercicio; se elles não tem virtude, como a infundirão nos Soldados? Como os emendaráõ? Como os amoldaráõ! Como os tornaráõ capazes de serem uteis ao Estado! Ah! Que estas cousas não esquecêrão no papel a todas as Naçóes cultas, e muito mais ás Catholicas! Mas na prática, he huma desgraça! Somente os vicios vogão!

Porem de que virtudes estou eu fallando, que sejão precisas no Exercito? Será das Virtudes Catholicas, ou Evangelicas? Sem duvida; pois sou Catholico, estou em huma Paiz Catholico, e escrevo especialmente para Catholicos. *Dem-me Soldados*, diz Sancto Agostinho, *que sejão taes como o Evangelho quer que sejão, e verá o mundo como o Evangelho assegura a Defeza dos Estados.* Os Iraelitas, em quanto praticárão diligentemente a Lei de Deos, nunca forão vencidos, nem subjugados, antes forão sempre vencedores, e sempre ditosos; elles erão então os melhores soldados do Mundo. Os Catholicos, ainda que a felicidade, que Jesus Christo, *Deos, e Homem Verdadeiro* lhes promettêo, não foi para a vida presente, que em breve acaba, mas para a eterna, que sempre dura, todavia elles assombrárão o Mundo com o seu valôr, e com as suas victorias. Os Imperadores Romanos forão sempre vencedores, em quanto admittirão a muitos Christãos no seu serviço, e nas suas fileiras, sem os perseguirem pela differença do Culto; aquella gloriosa Legião Thebana, toda de Christãos, que tantos serviços havia feito ao Imperador Maximiano, não o assombrou menos com o valôr das suas armas, que pela fortaleza, que mostrárão na sua mesma face, quando, intimados por elle para abandonarem a Religião Catholica, lhe responderão = » *Nos somos vossos Soldados, mas tambem somos servos de Deos; presamo-nos disto, e confessamos ingenuamente, que a vós devemos o serviço da Guerra, e a Deos o serviço da Fé.*» Tanto brilhavão em aquelles saudosos tempos as virtudes Catholicas, e n'ellas a disciplina, e o valôr!

Os Heterodoxos, e outras gentes, que não seguem o Catholicismo, são valorosos, e todavia não tem as virtudes Catholicas — Este argumento he muito plausivel, para ridicularizar as Tropas Catholicas, e insultar o Evangelho! He para fazer rir a ignorancia dos Filosofos dos nossos dias, e para lamentar a maldade, com que sempre discorrem! O Evangelho não forma Soldados, forma virtuosos; elle não ensina a Arte da guerra, nem a disciplina, nem a tactica; mas elle ensina a soffrer, a obedecer, a invocar a Deos, a confiar n'elle, a submetter-se á sua Divina disposição, a respeitar as Authoridades, a amar, honrar, e servir aos Reis, e acceitar de boa vontade a morte em Defeza da Religião, do Throno, e da Patria: esta doutrina está confirmada; e alentada com a esperança de huma eternidade ditosa, e morrendo-se em Defeza da Religião, dá toda a certeza da gloriosa, e immarcescivel Corôa do Martyrio: esta he a doutrina do Evangelho, esta he a firme crença dos Catholicos; logo, se a esta crença ajuntarem el-

les a prática da virtude, como esta virtude he sólida, e tem hum fundamento certo, elles serão os mais bem disciplinados; pois que *sem virtude não ha disciplina, não ha valôr*: logo, quanta mais virtude, tanta mais disciplina, e quanta mais disciplina, tanto mais valôr: dada pois identidade de tactica, igualdade de campo, ou de local, de pericia, e de forças, *sendo estas cousas perfeitamente iguaes*, a victoria decidir-se-ha em favor dos Catholicos, porque *cæteris paribus*, a victoria está da parte do maior valôr, o maior valôr da parte da maior disciplina, a maior disciplina da parte da maior virtude. Esta consequencia não he de capricho, he rigorosamente Filosofica, e Mathematica. Eu venho ainda á confirmação das razões, em que ella se funda, e vou a isso com hum fim mui interessante.

Cassiodoro, e *Valerio Maximo*, Escriptores, que os Filosofos tem de respeitar, dizem que a virtude he a firmeza da Disciplina Militar, e a segurança da paz, e tranquillidade do Estado — *Militaris disciplinæ tenacissimum vinculum, in cujus sinu, ac tutela serenus, tranquillusque beatæ pacis status acquiescit.* Ora, como em todas as cousas humanas ha sempre mais, e menos, pois que o maximo, e o minimo absoluto não he conhecido entre os homens; onde houver maior virtude ha de haver maior disciplina, como pelo contrario; onde houver menor virtude, ha de haver menor disciplina: agora bem: da disciplina vem o valôr, dizem todos: logo, de maior disciplina maior valôr, como de menor disciplina valôr inferior: ora, do maior valôr, *(cæteris paribus)* sendo todas as mais cousas perfeitamente iguaes, vem a Victoria. De que lado pois estará a Victoria, senão da superioridade do valôr, da superioridade da disciplina, e da superioridade da virtude? Mas supponhamos que todas as cousas são iguaes, e que a differença está sómente na virtude, em que os Catholicos excedem aos seus inimigos: Quem prevalecerá? Os Catholicos sem dúvida, a virtude, a virtude; porque a virtude triumfa sempre; Deos a protege, Deos a soccorre, Deos a faz vencedôra.

Respondão os incredulos: a demostração he vigorosa, elles não o podem negar. *Mas os factos a desmentem. Lá em tal parte os Catholicos forão vencidos; em outra parte elles estavão a rezar o Rosario, e inimigos menores em forças os desbaratárão; ainda em tal parte...* Basta de factos. Pergunto: Erão iguaes em posição, em pericia, em tactica, em armas, e em conhecimentos Politicos, e Militares? Não: logo esses acontecimentos provão contra os que os allegão, ou nada provão. Soffrão os meus Leitores

estas incidencias; tenho ouvido mofar muito, e a muitos; e o peior he que alguns d'estes não parecião aversos ao Catholicismo das praticas Religiosas dos Exercitos Christãos! Immudecei ímpios, que tudo pertendeis corromper, ora discorrendo, ora zombando, ora praticando!

Qual Soldado soffrerá melhor os trabalhos, fadigas, privações, e incómmodos da guerra? Aquelle, que crê que o soffrimento he huma virtude, hum dever, e hum merecimento para a vida eterna, ou aquelle, que crê que o soffrimento he hum mal, huma penalidade, huma paixão, que não produz bem algum, ao que soffre? Qual Soldado obedecerá, e respeitará *de melhor mente* as Authoridades, e amará, honrará, e servirá ao seu Rei com melhor disposição? Aquelle que crê que obedecer, respeitar, amar, honrar, e servir ao Rei, e ás Authoridades por ElRei Constituidas, he huma obrigação, he huma Lei, e hum Preceito, que liga a consciencia debaixo de peccado mortal, sendo a sua infracção em materia grave, ou aquelle, que crê que obedecer he hum acto de necessidade, a qual todos devem forcejar por vencer; que respeitar he hum acto do medo, que se lança fóra, derrubando o poder; que servir, honrar, e amar ao Rei he hum acto da paga, da recompensa, e da força, as quaes cousas faltando, alguem não he obrigado a amar, honrar, e servir ao Rei? Qual Soldado pelejará com maior valôr, arrostará os perigos com maior firmeza, e encarará a morte com maior serenidade, e presença de espirito? Aquelle, que invoca a Deos, confia na sua Misericordia, submette-se de boa vontade á sua Divina Vontade, e espera com fundamento huma eternidade feliz, e bemaventurada, ou aquelle, que não invoca a Deos, ou porque não crê n'elle, ou porque duvída d'elle, ou porque desconfia da sua Divina Misericordia, ou porque quer que elle não exista, ou porque os terriveis remorsos da sua consciencia maculada com infinitos peccados, de que não quer arrepender-se, lhe impõe hum espantoso temor da morte pela infeliz eternidade, que o espera, ou porque não acredita na eternidade, ou duvida d'ella, e não quer enterrar as suas paixões, e gostos na fria campa? Respondei, Filosofos, Incredulos, Heterodoxos, Impios, Pedreiros Livres. Onde a immoralidade, a incredulidade, e a impiedade são a alma do Soldado, e dos seus Chefes; onde a eternidade he duvidada, ou não acreditada; onde a virtude, e o peccado são tidos como palavras vãs; onde o inferno, e o Ceo são reputados como chimeras ridiculas, e imaginadas; onde os Direitos, e os Deveres são julgados como cousas frivolas; onde os brutos, e os homens são ava-

liados pela mesma cousa; onde a vontade propria he a regra de obrar, póde haver ahi verdadeira disciplina, valôr verdadeiro? *Porém assim mesmo são valorosos, são disciplinados, e contra factos não valem argumentos*, respondem os que aborrecem as doutrinas Catholicas. Sim; mas essa disciplina, esse valôr vem da muita força de páo e da muita falta de pão; são Soldados esfomeados, que se subordinão e pelejão, porque do contrario a sua morte he certa, ou pela fome ou pela força; ora faça-se huma experiencia; a todos esses Soldados estrangeiros, que andão a serviço de Dom Pedro, dê-se-lhes pão sem o exercicio das armas; e tire-se-lhes o páo, e veremos se elles voltão ao fogo, se elles tornão a pelejar, se elles tem nunca mais disciplina, nem valôr: são homens tirados do excesso de huma povoação faminta, por me servir de huma expressão de Dom Pedro, aos quaes Dom Pedro dá de comer pelo trabalho da guerra, tendo-lhes promettido no fim da lucta (mas a lucta não acaba em seu favôr, como elle se figura) emprega-los nas Officinas, Fabricas e Terras de Portugal. Portuguezes, que subsistís e sustentais as vossas familias do vosso jornal, ou pelo cultivo das terras, ou pelo trabalho nas Officinas e Fabricas do vosso Paiz, álerta! Vêde que esses estrangeiros querem roubar-vos a vossa subsistencia. Mas eu concluo: se todos os Soldados, se todos os Chefes, se todos os Exercitos fossem compostos e formados (o que he impossivel, pois todos os Paizes tem idéas da Divindade, da Eternidade, da Virtude, do Peccado, de Deveres e de Direitos) de Filosofos, de Atheos, de Incredulos e de Pedreiros Livres, elles não terião valôr, nem disciplina, e por isso, ainda que muito numerosos fossem, qualquer homem, que fosse de valôr e que se não espantasse da multidão, poderia fustiga-los, desbarata-los, dispersa-los e subjuga-los com a mesma facilidade com que hum homem só dirige, domina e intimida a huma récua de jumentos. Vejão lá o grande medo que eu tenho dos Filosofos, Atheos, Incredulos e Pedreiros Livres, deixados sós sem auxilio dos outros homens que elles trazem illudidos! Hum qualquer Sectario d'esta especie tem a disciplina e o valôr de huma gallinha, que não se arremeça contra algum, não tendo pintos ao redor de si!!!

O valôr vem da disciplina; sem virtude não ha disciplina; logo a virtude he a primeira base da organisação moral dos Exercitos: ora, como os Exercitos são tanto mais valorosos quanto mais disciplinados, e tanto mais disciplinados quanto mais virtuosos, sendo sómente verdadeiras Virtudes as que a Religião Catholica ensina, pois as ou-

tres, que não procedem de huma Fé Catholica e Divina, ou são sómente imagem da virtude, ou disposições para a virtude; para que os Exercitos sejão valorosissimos, para que elles sejão muito disciplinados, convem que sejão virtuosissimos; porque ahi ha maior valôr, onde ha maior disciplina, e esta disciplina não póde chegar a ser maior, onde não ha a maior virtude. *Ora, quererá o Padre que os Exercitos sejão Sanctos e Perfeitos em todas as virtudes?* Esta pergunta he de Jacobinos. Era bom, e muito bom que as Tropas fossem Sanctas e Perfeitas em todo o genero de Sanctidade e Perfeição: mas eu não tracto d'esta Sanctidade exaltada, onde não ha mácula, nem sombra de imperfeição, porque o perfeitismo absoluto não he possivel entre os homens. Não, eu não quero incorrer na nota de *exaltado*, ou de *esturrado*, qualificação, que aos Realistas sem mácula tem dado os Realistas moderados, he a dizer, aquelles que vierão para a Realeza por malhas, e trasmalhas: que tem mais de hum ninho, como as aves de arribação; que jogão com páo de dous bicos; que estão a huma das duas; que..... Eu fallo de huma Sanctidade *moderada*, ou de huma virtude mediocre: alegrem-se... que já estou moderado; mas he aqui....!

Eu queria que o Exercito fosse virtuoso, quanto he possivel; que houvesse nelle os menos males e desordens possiveis; que tivesse o habito de obrar conforme as disposições da justiça natural; que satisfizesse os seus principaes deveres para com Deos, para comsigo mesmo e para com os seus semelhantes; que elle não fosse vassallo do peccado; que não fosse captivo das suas paixões e appetites; que se não entregasse aos excéssos e ás demasias; que guardasse o deposito da Fé; que não deixasse apagar totalmente a luz da Religião; que não perdesse de todo o temor do Inferno; que sempre concebesse a esperança do Ceo; que amasse de alguma maneira ao seu Deos com hum affecto de gratidão, de ternura e de reverencia; que seu coração estivesse de tal sórte disposto, que não sentisse grandes embaraços em se converter a Deos, e em se arrepender dos seus deslisamentos. Não posso pedir menos, nem tolerar mais. Hum Exercito organisado por esta fórma teria huma virtude *moderada*, sufficiente para ser bem disciplinado, e para ter o valôr necessario nos combates, perigos, trabalhos, incommodos, privações e penalidades da guerra; elle não trepidaria, não vacillaria, não sería coberto de dôr, e de infelicidade em todos, e quaesquer encontros, conflictos, revezes e alternativas da guerra; elle acharia sempre o caminho do triumfo e da Victoria, bem distante

d'aquellas Tropas desmoralisadas por costume, viciosas por habito, depravadas por educação, corrompidas por systema; que servem, sem cessar, ao peccado; que se não poupão ás paixões, e appetites; que se votão a toda a sórte de excessos, e demasias; que abandonão a Fé; que extinguem de todo a claridade da Religião; que nem temem o Inferno, nem esperão o Ceo; que totalmente se esquecêrão de Deos, e não tem para elle o menor sentimento de bondade, e de respeito; que tem seu coração amassado com a maldade, e endurecido no vicio: Tropas assim organisadas, melhor direi desorganisadas, não tem disciplina, não tem valôr, trepidão, e vacillão onde não ha que temer; são infelizes, e desgraçadas em quasi todos os encontros, perigos, trabalhos, e penalidades da guerra, são finalmente fracas, e não conhecem jámais a estrada da Victoria: destes taes Soldados se póde dizer, o que o Sancto Rei David dizia dos peccadores do mesmo lote: *illic trepidaverunt timore, ubi non erat timor; infelicitas in viis eorum; viam pacis non cognoverunt.*

E se a esta desmoralisação accrescerem idéas revolucionarias, sentimentos constitucionaes, e doutrinas, e principios Maçonicos? Então esses Militares assim imbuidos não sómente serão fracos, tímidos, e cobardes, qualquer que seja a guerra, em que elles andem, mas, de mais a mais, espalharáõ o susto, o pavor, a desconfiança, o terror, e o medo por toda a parte; e se a guerra fôr contraria ás suas idéas, sentimentos, doutrinas, e principios, especialmente se esses Militares forem Officiaes, Commandantes, ou Chefes, não só se não exporáõ aos perigos da guerra, porque ninguem se aventura a morrer no campo, em defeza he huma opinião, que não tem, mas até não conduziráõ os Soldados para a Victoria, porque ninguem deseja que prevaleça huma opinião, que não segue; e se os conduzirem, não será indo com elles para os lugares mais difficultosos, mas arriscando-os, expondo-os, e sacrificando-os, como quem os mette no matadouro, e os entrega á disposição do carniceiro. De todas as fórmas, de tudo o que tenho presenciado, tenho colhido estas observações.

PRIMEIRA.

Todo o Militar vicioso, e desmoralisado, no sentido em que acabo de fallar, não he subordinado, não he valoroso.

SEGUNDA.

Todo, e qualquer Militar dado com excesso, e demasia aos prazeres da carne, ao regalo, e molleza, e á crapula, e ebriedade, he fraco, he tímido, he falto de valôr,

e de coragem. Houve tempo, em que nos Exercitos combatentes se não consentia hum Militar casado: e permittir-se-ha hoje que todo, e qualquer Militar possa ter mulher por *fas*, e por *nefas*; a torto, e a direito? Os Soldados, que são alistados de Povoações molles, e effeminadas, onde as mulheres, e o vinho são objectos indifferentes nos costumes, são os peiores Soldados do Mundo. Pondo de parte a debilidade organica, em que esses vicios constituem aos que os exercem *ex professo*, a debilidade moral, a pusillanimidade he espantosa, como a Filosofia, e a Experiencia reconhecem todos os dias: Tropas *mulherengas*, que assim podem chamar-se estas, de que vou fallando, desbaratão-se com a maior facilidade: toneis de vinho, que podem assim nomear-se as Tropas, que s'embriagão por officio, esgotão-se, e acaba-se com elles quasi sem custo algum. Accresce a consideração dos horrorosos estragos, que o *virus venereo* tem produzido em todos os Exercitos; não ha Militares mais *podres* em todo o Mundo: essas Tropas *Lazarentas* basta serem accomettidas para serem vencidas, á semelhança do que já succedêo nas Monarchias Israelitas com os *recem-circumcisos*. Grande lição para todo o Mundo, se elle a aproveitasse contra as Tropas revolucionarias, que ordinariamente estão infectadas dos vicios, de que falla esta observação! Os Chefes, que estão possuidos de hum verdadeiro genio Christão, de affecto aos seus Soldados, e de amor á sua Patria, procurão affastar, quanto he possivel, dos Corpos do seu Commando estas miserias, e estes vicios torpes, vergonhosos, e destructores da boa ordem, da disciplina, do valôr, e ainda da saude, e da vida; não sómente dão bons exemplos aos Soldados, não tornando notorias, e escandalosas as suas proprias imperfeições, mas tambem lhes retirão todas as occasiões mais perigosas da sua desgraça. Contarei o expediente, que a este respeito tomou o bravo *Fonseca Pinto* (que he tambem hum dos *Avançarrazes*, de que fallão alguns Numeros d'esta Publicação) com o Regimento de Infanteria de Chaves do seu Commando, quando estava na Cidade do Porto: ião-lhe quintando o seu Regimento humas Companhias de *Vasos de podridão*, talvez mandadas de proposito para esse fim pelos Pedreiros d'aquella Cidade, que não perdem occasião, nem diligencia alguma de corromper, e perder na ordem physica, e na ordem moral os mais bravos Soldados Realistas; as ditas mulheres vinhão desafiar a commum fraqueza dos Soldados, mesmo junto dos seus Quarteis: o mal não era facil de remediar civilmente, porque se responderia com aquelle ordinario desproposito — *Quem não quer molhar-se, não anda*

á chuva. — Eis o expediente: huma róda de cacete, por hum par de noites, sobre aquellas miseraveis esfrangalhadas emissarias, que se aproximavão aos Quarteis; o cacete trabalhou não em fórma de quem mata, mas de quem amassa: o caso he, que as ditas *Lazaras* nunca mais procurárão os Soldados de Chaves ; e este Regimento, em quanto esteve debaixo do immediato cómmando do dito Coronel, andou d'ahi em diante são como hum pero. Ora vejão lá a virtude do Cacete! Até he *anti-venereo!* He cousa, que ignoravão todos os Medicos. Mas venha a observação, que segue, pois tão longos caminhos não podem ser andados em hum só dia.

TERCEIRA.

Todo, e qualquer Militar, acostumado á deserção, e ás ladroeiras, nunca he bom Soldado, não he disciplinado, não he valoroso: o mais para que pode servir, he para hum assassinato, para huma trahição. Os Militares habituados ao perjurio, e ás blasfemias podem algumas vezes ser valorosos, mas he hum valôr de hum desesperado; elle nunca he feliz, porque Deos tem Decretado a desgraça do perjuro, e do blasfemo, e este Decreto não he reservado para a eternidade, como outros muitos da Divina Justiça; elle he executado tambem na presente vida, e isto he indefectivelmente, porque a experiencia, e a observação attestão constante, perenne, e diariamente que o perjuro, e o blasfemo são desgraçados, e perdidos, mais hora menos hora, mais dia menos dia, mais anno menos anno. Os Soldados alistados de Povoações habituadas a ladroeiras, e a malfeitorias, onde os criminosos ficão impunes por meio de huma occultação de alguns mezes, onde as Authoridades, ou por disidias, ou por temor, ou por compadrio, ou por venalidade, ou tambem por complicidade, não administrão Justiça, não vigião pela tranquillidade, não promovem a civilisação, e o amôr da humanidade, esses Soldados são máos, são péssimos, são o contagio dos seus camaradas, e companheiros d'armas: todavia a disciplina, e a severidade militar pode corrigí-los, emendá-los, e torná-los uteis, ainda que difficilmente seráõ virtuosos deveras, por aquella Sentença de — *Quem más manhas ha.....*

QUARTA.

Todo, e qualquer Militar, possuido de idéas revolucionarias, recheado de sentimentos constitucionaes, e adherido a doutrinas, e a principios Maçonicos, ou ligado, e associado a essa Seita, sem que tenha dado verdadeiras, e *permanentes* provas de haver abjurado essas idéas, sentimentos, doutrinas, principios, e a Seita, elle nunca será

valoroso em huma Campanha Realista; elle nunca se arriscará aos perigos em defeza de huma Opinião, que não lhe a sua; elle nunca forcejará porque prevaleça hum Systema, que não segue; elle commetterá trahição, quando lhe fôr possivel, contra Bandeiras, que não estão no seu coração; elle desertará para o Campo inimigo, quando se lhe offerecer occasião, onde tem seus votos, e seu juramento; elle finalmente transtornará toda a ordem do Exercito. Ao virtuoso *Cyro* dizia seu Pai *Cambysses*, como conta *Xenofonte* na vida de Cyro, Liv. 2.°, que hum Exercito, onde houvesse perversos, era como hum Côro de Musicos, no qual, assim como o bom concerto de todos os individuos faz resultar a harmonia, assim tambem do desconcerto de algum (muito mais sobresahindo a sua voz, ou o seu instrumento) provém a desconsonancia do todo.

QUINTA.

Somente o Soldado virtuoso no sentido acima explicado he o verdadeiro valoroso; porque se a natureza lhe não dêo valôr, a disciplina, e a virtude lho communicão. Os Soldados alistados de Povoações bem morigeradas, laboriosas, amigaveis, e bemfazejas, são os melhores Soldados do Mundo, porque são homens de bem, taes quaes os queria Platão; a experiencia attesta constantemente em abono desta proposição em todas as Nações da Terra: elles são o ornamento, e a segurança de seu Paiz; fazem a gloria de seus Pais, e das Terras, em que nascêrão, e em que fôrão educados: são a flor dos Exercitos. Nesta escolha trabalhárão sempre os grandes Generaes: o conhecimento dos Paizes, e o conhecimento dos costumes, para a escolha dos Soldados he tão necessario a hum General, como o he o conhecimento das Historias, pelas quaes, vendo as causas, por que humas batalhas se ganhárão, e outras se perdêrão, tira d'ahi lições para a Defeza da sua Patria..... Assim Alexandre imitou a Achilles; Julio Cesar a Alexandre; Scipião a Cyro..... *Caspité!* Parece que tenho lido alguma cousa das Campanhas Militares da Persia, da Grecia, de Roma, de Carthago, da Asia, da França, da Hespanha, de Portugal, de.... Por esta forma alguma cousa poderei dizer ao Exercito, ainda que não seja na ordem, que muitos desejavamos. Mas ordem nas ideas d'este Seculo desordenado! Porem não mettamos os pés pelas mãos.. Tracto da Virtude, este assumpto merece ainda outro N.°, e seguir-se-ha a Disciplina, e o Valôr. Vá ainda outra observação.

SEXTA.

O Soldado virtuoso, e o Soldado desmoralisado, no

sentido acima definido, morrem no Campo de differente maneira; este como hum desesperado, ou como hum fraco, que vê a morte sobre si, e não sabe se Deos está ao seu lado; aquelle acceita a morte com valôr, e com resignação, e até morre com gosto, porque se persuade com razoavel fundamento que Deos he por elle. Caso: Hum Soldado de Cavallaria de Trás-os-Montes, sendo ferido mortalmente pelas onze horas do dia 23 de Novembro de 1826 no ataque feito a Bragança, e visitado por alguns camaradas na manhã do dia seguinte, que lhe perguntárão: como estava? «*Estou cheio de dôres;* respondêo, *e sem dúvida morro. Mas vós venceis?* — Sim, a victoria não tem dúvida. — *Pois como vós vençais, e o Senhor Dom MIGUEL venha a ser Rei de Portugal, morro contente, porque espero que Deos salve a minha alma!!!*» Com lagrimas ouvi estas palavras ao moribundo, que logo fallecêo, e com lagrimas as repito: eis a morte de hum Christão de virtudes *moderadas*, mas que as acrisola na effusão do seu sangue em Defeza da sua Religião, do seu Rei, e da sua Patria. Impios! Enchei-vos de confusão! Barbaros inimigos, atrozes calumniadores das Tropas Realistas emigradas na Hespanha! Correi-vos de pêjo, e immudecei! Tendes vós obrado acções de igual valôr, e muito menos superior a esta! Mas eu lembro-me dos mortos *pelo amôr de Deos:* he esta a minha obrigação. *Quem se lembra dos vivos por amôr do Rei, e da Patria?!!!*

Portuguezes, Soldados, que estais em campo em Defeza das Leis de Deos, dos Direitos do nosso Rei Absoluto, o Senhor Dom Miguel I, e da Independencia do vosso Paiz! Vós todos sois fortes como os fortes Machabeos! Sêde tambem vós todos virtuosos como elles! Invocai o vosso Deos, e elle dar-vos-ha a verdadeira virtude, e o verdadeiro valôr, para triumfar completamente dos rebeldes partidarios do Usurpador!

Lisboa 8 de Outubro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 74.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣. 15. Portuguezes! Soldados, que vos achaes em Operações contra os Rebeldes! ElRei Nosso Senhor, Penhorado cada vez mais pelo vosso fiel, brioso, e denodado comportamento, que tendes mostrado, Tem Resolvido Fazer-vos a honra de vos Ir Passar huma Revista, e Dar-vos assim hum testemunho do Apreço, que Lhe merecem os vossos relevantes serviços! Sua Magestade Reconhece o valôr, disciplina, e boa vontade, com que vos tendes distinguido na Defeza do Seu Throno, e da Independencia, e Honra da Nação! = Ordem do Dia N.º 70, dada no Quartel General no Paço de Caxias em 7 de Outubro de 1832. = Portuguezes! Soldados! Gravai no vosso coração estas Regias Palavras, que merecem escrever-se com letras de ouro sobre o marmore, e sobre o bronze! Vêde como o *Moyses Lusitano* cobre o rosto da Magestade, para ser tractavel, conservando a superioridade para ser obedecido — *Operiebat... faciem suam,... quando loquebatur ad eos.* — Elle

com Suas Palavras aplaca os monstros — *in verbis suis monstra placavit* — e a Sua Presença, como se diz do Senhor D. João II — *que ensinou a ser Reis os Reis do Mundo* — refrêa a ousadia de muitos, e grandes conjurados: Sua Grande Affabilidade attrahe as vontades, concilia o amor, e obriga com mais suavidade, que a que as fabulas contão de *Orpheo*, e de *Amphion*, os animos mais duros, que penhascos, mais altivos, que leões, mais féros, que tigres; mais Benigno, e Affavel, que os Imperadores Romanos *Adriano*, *Trajano*, *Antonino*, *Tito*, e.... que os Senhores Reis de Portugal D. João I, D. João III, D. Manoel, e.... que Todos, Todos quantos Reinárão: Quem não militará com gosto nas Suas Bandeiras? Quem não amará a hum Rei, que a todos os Seus Vassallos ama, que até ás cousas graves obriga com brandura? Quem não soffrerá de boa vontade todo o peso das armas, todo o rigor das estações, todos os trabalhos, e perigos da guerra em defeza de hum Rei, que melhormente que o grande *Alexandre*, que fez assentar na Sua Cadeira hum Soldado velho, para que se aquentasse, e que aquelle General *Lysimacho*, que rasgou a touca, que lhe servia de diadema, para tomar o sangue, que corria da ferida de hum seu Soldado, está disposto para acudir a todos os incommodos, a todas as privações, e a todos os desgostos, dos que tão decisivas provas Lhe tem dado do seu valôr, e fidelidade? Portuguezes! Soldados! Este he o vosso *Cesar*, da presença de Quem todos sahem alegres, ninguem se retira triste! Elle captiva os animos de todos; não entrega a Sua Authoridade na mão dos seus validos; tracta a todos sem fausto, sem grandeza, e sem altivez, como hum bom Pai tracta os seus amados filhos! A Sua Amizade para com todos os Seus Vassallos he a base, sobre que firma o Seu Throno! A Sua Bondade he flor, que não murcha nos contratempos; saude, que se não enfraquece com os annos; vida, que não morre nos maiores perigos; serenidade, que se não turba nas mais perigosas adversidades; Sol, e Lua, que se não escurecem com as mais densas trévas; mar, que se não turba com as mais furiosas tempestades; porto, onde ninguem periga, e todos se salvão — *erat enim Moyses vir mitissimus* — diz a Sagrada Escriptura do Guerreiro, e Legislador de Israel,

Numer. C. 12. *y*. 3., e as Historias Portuguezas repetírão o mesmo elogio ao Nosso Rei, e Senhor Dom MIGUEL I, Soberano Suavissimo, que a todos obriga, a todos captiva com as Suas Palavras, e com as Suas Obras: a Graça, o Favor, a Amizade, a Benevolencia está espalhada nos Seus Labios!

Portuguezes! Soldados! ElRei faz-vos a honra de vos Ir Passar huma Revista! Pois, que tanta he a vossa ventura, fitai vossos olhos no Seu Magestoso, e Amabilissimo Semblante, e vós reconhecereis que Elle he o mais engraçado, o mais amavel de todos os homens, de Quem parece poder dizer-se com a Sancta Escriptura — *Speciosus forma præ filiis hominum* — o mais bem figurado, o mais bello, o mais vistoso, o mais gentil de todos os homens! Venturosos Póvos! Vós gozais huma dita de vêr o Vosso Rei, que os Seculos passados não gozárão, e com inveja desejárão! Vêde com bons olhos a Sua Augusta Fisionomia, e considerai como o Seu Rosto está Sellado com huma luz do Rosto da mesma Divindade; vêde como no Seu Real Semblante brilhão, fulgurão, e resplandecem todos os dotes da Magestade, e da Realeza, Justiça, Prudencia, Fortaleza, Bondade, Magnificencia, Constancia, Firmeza, Valôr, Animosidade, Clemencia, Religião, Affabilidade, Virtude, e.... Heroismo. Portuguezes! He o Libertador, hé o Pai, he o Amigo, he o Defensor de Portugal, que vos faz a honra de vos Ir Passar huma Revista! Louvai a Deos, Agradecei ao Nosso Rei tanta honra, tanto beneficio, tanta mercê! Vós sois os mais ditosos de todos os Povos do Mundo! Cortai vergonteas das oliveiras, colhei ramos das arvores, espalhai-os sobre a estrada, que vai pisar o melhor dos Reis do Mundo; estendei sobre o caminho os vossos mantos, e com palmas, e louros sahi ao encontro de hum Rei cheio de amor pelos Seus Vassallos, que vai triumfar completamente de todos os Seus inimigos, vossos oppressores! Adorai a Deos, porque o Seu Anjo vai ter comvosco! Póvos! Exultai de prazer, porque a vós vai o vosso *Moyses*, levando na Sua Mão o Poder de Deos, para vos livrar da oppressão, e da tyrannia! Sim, Portuguezes, Soldados! Se as Historias dizem que ElRei D. Diniz fez quanto quiz; a Europa confessará *que ElRei Dom MIGUEL Fez Quanto Quer!*

Clarim! Tóca neste mez de Outubro, porque este he o tempo da Redempção para todo Portugal! *Clangetis buccina mense septimo, propitiationis tempore in universa terra.* Levit. C. 25. ℣. 9. (O mez septimo, segundo a computação Hebraica, responde ao septimo dia da semana, em que Deos, descançando da Creação do Universo, se mostrou propicio ao Ceo, e á Terra, como Satisfeito de os haver Creado; e, segundo a opinião vulgar, responde ao primeiro mez do anno, conforme a Lei Natural, tempo, em que Deos tirou do cáhos o Universo, o qual tempo he, ou parece ser, com pouca differença, o mez de Outubro.) Clarim! Repete agora o que requerias no dia 4 de Agosto, (veja-se o N.° 57 todo elle) quando tomaste aquella falla, que o Grande Condestavel de Portugal Dom Nuno Alvares Pereira dirigio ao Senhor Rei Dom João I, na occasião dos maiores perigos — *Meu Rei, e Senhor! Huma determinada ousadia he o unico meio para escapar dos maiores perigos: não ha vantagem nos rebeldes: he mais a Vossa justiça, que o seu poder. Vamos, Senhor; a ousadia de acommetter he já principio da Victoria: melhor he o braço do que fere, que o d'aquelle que repara: Empresas arduas na pressa tem a força, e na dilação o damno.* —

Mas, como toca a repetir, e o que he bom não desagrada, ainda que se diga mais de huma vez, sendo boas, e muito boas, e talvez agora mui a proposito aquellas fallas do immortal, e veneravel Dom Nuno Alvares Pereira, transcriptas em aquelle já verificado, e agora mais que nunca memorando N.° 57, repetirei opportunamente, o que agora convem observar-se na execução da Ordem do Dia, que a minha penna traslada em boa ordem. « Sua Magestade só « tem a recordar áquella parte do Exercito, á qual ainda « se não tem offerecido occasião de combater os inimigos da « Patria, o quanto convem que continúe a desempenhar, « como até agora tem feito, os deveres, que a cada hum « competem na posição, em que se acha collocado, man- « tendo o socego, e a segurança no interior do Reino, de « que os Povos se fazem sobre maneira crédores pelos vo- « luntarios, e generosos esforços, que tem feito para salvar « o Estado. »

Portuguezes! Soldados! Vêde como Nosso Rei, e Pai,

Resolvendo-se a fazer huma limitada ausencia da Capital, para Ir Passar huma Revista ás Tropas, que se achão em Operações contra os Rebeldes, de nada se esquece, de tudo se lembra para nos manter em socego, e em segurança! Grande Rei, que a todos obriga, a todos penhora com as Suas Palavras, com os Seus Cuidados, e Providencias! Reconhece que as Tropas não combatentes tem desempenhado os deveres, que a cada hum competem, e lhes recommenda, o quanto convem que continuem; porque os Povos são dignos, de que as Tropas os protejão pelos voluntarios, e generosos esforços, que tem feito para a subsistencia, e commodidade das mesmas Tropas! A gratidão he a alma de todas as palavras, e acções do Nosso Rei! De todos os seus Vassallos se faz amavel! Jámais o Mundo teve hum Soberano, que tanto merecesse ser amado; nem Tito Vespasiano, nem Adriano, nem Alexandre, nem Marco Antonio em Roma; nem... mas não busquemos exemplos fóra de Portugal, nem quantos Reis teve a Nação Portugueza tractárão melhor as suas Tropas, e os seus Povos! Quem he que póde deixar de O amar? Quem não quererá obedecer-Lhe? Quem não morrerá gostoso no Seu Serviço, e Defeza? Portuguezes! O Nosso Rei não quer o Throno senão para nós, para nos fazer ditosos, para nos ter amigos!

Socego, e Segurança quer o Nosso Rei para nós! Os cuidados, as afflições sómente as quer para Si! Grande Rei! Não tem havido, nem haverá outro, que seja igual a Elle, em procurar o bem dos Seus Povos! Elle recommenda ás Tropas, que não estão em Operações contra os Rebeldes, que procurem, e mantenhão a tranquillidade aos Povos como em recompensa dos voluntarios, e generosos esforços, que elles tem feito para salvar o Estado! Povos de Portugal! Em verdade que, no que tendes feito, e no que fazeis, servistes, e servís a Deos, e ao Rei; mas tambem he certo que servistes, e servís a vós mesmos! Que sería de vós, se Deos, e o Rei não fossem por vós? Os Povos sem socego, sem segurança são o mesmo cáhos, ou o turbilhão das unidades em desordem, e sem união alguma. Ainda se não sabe, se Deos he mais benefico para com o homem, pelo haver creado, que pelo conservar, ainda que todos reconhecem que a conservação he a continuação da

mesma creação. Portuguezes! Verdade he que vós nascestes Portuguezes; mas vós não poderieis continuar a ser Portuguezes, se o Senhor Dom MIGUEL não fosse o vosso Poderoso Conservador. Que sería de vós sem ordem? E a quem se deve esta ordem conservadora da vossa Sociedade, e ainda da vossa existencia? Ao Nosso Rei, e Senhor Dom MIGUEL. Louvado, e Servido Elle seja por todos os Portuguezes.

Como o Mundo sería o cáhos, se não houvesse equilibrio nos seus elementos; o Corpo hum cadaver se estivessem em lucta as suas partes componentes; a Musica hum estrondoso, e horrisono estrépito, se não houvesse justa proporção nas suas vozes, e nos seus sons; a Poesia huma confusão, se não houvesse regra, e cadencia no seu metro; a Rhetorica huma *algaravia*, se não houvesse huma justa collocação nas palavras, e discursos; a Filosofia huma *bacharelice* rude, e grosseira, se não houvesse nexo, e ligação nos seus argumentos, e deducções; a Arithmetica huma loucura, se não houvesse ordem, e gradação nos seus numeros; a Geometria huma sandice, se não houvesse medida nos compassos; a Architectura huma ruina, se lhe faltasse igualdade nas suas regras; a Pintura hum horror se não houvesse harmonia nas suas côres; como finalmente o todo he inconcebivel sem as suas partes, assim o Estado Portuguez, que he huma Sociedade de muitos debaixo da authoridade de hum Rei, pois que o Estado Portuguez he Monarchico pela graça de Deos, elle não poderia existir sem união, sem obediencia, sem justiça, sem leis, que são as que constituem o socego, a segurança, e a tranquillidade; pois que sem socego, sem segurança não ha senão inimizades, discordias, motins, sedições, e tumultos: mas esta paz, e tranquillidade, que em todos os Estados resulta da justiça, das leis, da obediencia, e da união, no Estado Portuguez prende de mais a mais no amor de huns Portuguezes aos outros, e no amor de todos ao seu Rei; pois que a principal base da Sociedade Portugueza he a sua matua, e reciproca amabilidade. Portuguezes! Soldados! O Nosso Rei com o louvor, e reconhecimento, que a todos acaba de mostrar, como effeito da grandeza da sua Bondade, que louva, reconhece, e agradece aquillo mesmo, que se Lhe deve, a todos nós nos

obriga, e prende com as suas Palavras, e Providencias, a que estreitemos cada vez mais os laços do amor, que nos ligão em Sociedade; a que por elles vivâmos socegados, e tranquillos; a que obedeçâmos ás Authoridades, observemos as leis, e cumprâmos todos os deveres de Portuguezes, porque assim estaremos seguros no interior, as armas farão forte, e invencivel esta segurança; e os nossos inimigos, achando-nos unidos, socegados, e tranquillos, se ousarem acommetter-nos, seráõ esmigalhados aos nossos pés, e feitos em pó pelo valôr, e pela união. Portuguezes! O Nosso Rei nos penhora com o seu louvôr, e reconhecimento; penhoremo-Lo nós a Elle com a nossa gratidão, e continuando a cumprir os nossos deveres: sejamos sempre dignos, de que o Nosso Grande Rei nos ame, e nos louve, como Elle he sempre digno, de que nós O amemos, e louvemos por todo sempre. Rei amado, adorado, querido, e sempre desejado; pela sua Bondade, pela sua Virtude, pela sua Prudencia, pela sua Sabedoria, pelo seu Valôr, Elle he o Pai da geração presente, e o Fundador dos Seculos futuros da Monarchia.

Que sería feito, no presente Seculo, da Igreja Portugueza, se Deos não a provêsse de hum Protector, de hum Conservador, e de hum Exemplo tão poderoso, e tão efficaz como o Nosso Rei, e Senhor Dom MIGUEL! Quem poderia dar culto a Deos com liberdade, se este Rei Piedoso não amparasse essa liberdade! Esse Culto Religioso, conforme as Leis, Preceitos, e Disciplina da Igreja, que nossos Pais, e Avós sempre observárão, não sería misturado de erros, de profanações, de impiedades, de *modernices*, finalmente de heterodoxias? Não sería esse Culto Sancto, e Sagrado perseguido, aviltado, e como apupado pela Maçonaria? Qual sería o Pastor de Israel, que se atrevesse a intimar a Lei de Deos, e as Verdades do Evangelho, e da Tradição entre os assobios dos Pedreiros Livres? Quantos se não introduzirião a prégar a liberdade do erro, e da irreligião, verificando-se d'elles aquella Sentença — *Prophetæ tui viderunt tibi falsa?* Quantos acaso não farião pé atraz, como aquelles falsos, e cobardes de Israel, dos quê se disse — *Abalienati sunt retrorsum?* Onde estarião as Corporações Religiosas dos dous sexos, o Clero Catholico,

as Irmandades, e Confrarias, se o Nosso Grande Rei, e Senhor Dom MIGUEL não tivesse livrado os seus Portuguezes do poder da Maçonaria? Sem duvida, Portuguezes, tudo, o que he Religião, e Igreja, estaria no andar da rua; as Ordens Regulares secularisadas; o Episcopado, e o Sacerdocio perseguido; as Irmandades, e Confrarias banidas; os Templos, os Sanctuarios, e todos os Monumentos do Christianismo arrasados, ou profanados; os Sacramentos, as Devoções, e todas as Praticas da Religião, e da Piedade insultados, escarnecidos, e vilipendiados; a Cruz de Jesus Christo nosso Deos, e Salvador sería desarvorada, e em seu lugar sería exaltada a maldita trolha dos malvados Pedreiros Livres: em huma palavra, Portugal, sem o Nosso Piedosissimo Rei, e Senhor Dom MIGUEL, sería a Sede do Imperio Universal do Atheismo, ou do Indifferentismo, que a Maçonaria pertende! Portuguezes! Estas são verdades sem exaggeração: se os Rebeldes não as pozerão em prática em toda a extensão da palavra, he porque acharão que ainda não era tempo: se esses malvados fallão ainda em Religião, he porque pertendem illudir-nos, he porque ainda não he tempo de correr o panno de todo; de tirar a máscara; de levantar de todo o negro véo da sua irreligiosidade; nem Deos tal ha de permittir que elles dominem, porque se dominassem!..... Portuguezes! Viva Deos! Viva El-Rei!

Que sería tambem de nós outros sem o Nosso Amabilissimo Rei, e Senhor Dom MIGUEL? Onde irião ter as nossas leis, usos, e costumes, a nossa honra, e liberdade, a segurança das nossas fortunas, e das nossas mesmas vidas? O primeiro de tudo, a que os malvados darião resto, sería sem dúvida á Grandeza do Reino, supplantando-a por huma Representação estouvada de Demagogos enfeitados de novas distincções, e honras, que affectassem a Aristocracia; depois de supplantada ardilosamente a Grandeza Hereditaria, tudo o mais sería hum pequeno almoço para a insaciavel cobiça de Revolucionarios, que nunca se satisfazem!

Portuguezes! Ou nós merecemos ter este Rei, ou não merecemos: se O merecemos, adoremos a Deos, porque he justo; se O não merecemos, louvemos a Deos em acção de graças, porque renovou as suas antigas misericordias com

os seus Portuguezes: mas de qualquer forma façamo-nos dignos de que elle nos conserve este Grande Rei, que neste Seculo de desolação, e de afflicção he o Fiador da Religião dos nossos Maiores, e da nossa existencia, e da existencia das Gerações futuras: *Domine, salvum fac Regem*: Deos! Conservai-nos o Nosso Rei, e Senhor Dom MIGUEL, porque na sua conservação vai a conservação do vosso Culto, e a nossa conservação. E qual será o Portuguez, que não morra de amôres pelo seu Rei, e Senhor Dom MIGUEL, por este *Christo do Senhor*, por este *Ungido de Deos*, que representa na Terra o Poder, a Justiça, a Clemencia, a Grandeza, e a Bondade do mesmo Deos? Mas vêde, Portuguezes, os Cuidados, e as Providencias do Nosso Optimo Rei pela Capital do Reino, e admirai, e agradecei a Sua Bondade.

« Pelo que pertence á Cidade de Lisboa, Confia Sua « Magestade em que as Tropas, que a guarnecem, conti- « nuaráõ, durante a Sua Ausencia, a fazer o Serviço, co- « mo até agora, e Conta mui seguramente com a zelosa, « e reconhecida cooperação do Corpo da Guarda Real da « Policia, e Companhias de Voluntarios Realistas Urba- « nos, para a conservação da tranquillidade, de que tem « gozado a Capital do seu Reino, tranquillidade, que Es- « pera achar sem mudança no Seu Regresso a ella; sendo « este importante Serviço tambem muito distincto, e inte- « ressante nas actuaes circumstancias. »

Grande Rei! Que tanto Vos desvelais pela felicidade dos Vossos Vassallos! Ide descançado sobre a tranquillidade da Capital, porque a Cidade de Lisboa jámais fez huma Revolução! Seu socêgo nunca foi abalado senão por Militares revolucionarios, e por gentes, que não pertencião realmente á sua População! Lisboa não se commove senão para a Restauração do Reino, e para a sua Defeza, como succedêo na Acclamação de Vossos Augustos Progenitores, Dom João I, e Dom João IV, e na Vossa Acclamação! Lisboa, que he a Sede da Monarchia, he tambem a Sede da Paz, e da Realeza! O Senado, a Grandeza, o Clero, o Povo, e os Tribunaes, que no anno de 1828 Vos Acclamárão, e Jurárão, estão promptos a renovar, a suster, e a defender a Acclamação, que de Vós fizerão, e o Juramen-

to, que a Vós prestárão! Lisboa, a Sensata, a Pacifica, a Leal, a Honrada, a Constante, a Virtuosa Lisboa, não muda de caracter! Vós, Grande Rei, sois Rei pela Graça de Deos, e pela Lei; mas tambem sois Rei pela vontade de Lisboa! Este Povo brioso, justo, modélo de fidelidade, e de Realeza, este Povo, exemplo de todos os Povos do Mundo, tem hum só caracter, e este caracter he de defender-Vos, e de dar a sua vida por Vós! Este he o seu juramento, he o seu costume, he a sua lei, he em huma palavra a sua vontade! Vós, Grande Rei, tendes obrigado a todos os habitantes de Lisboa com a Vossa Bondade, tendes penhorado a sua vontade com as Vossas Regias Qualidades, tendes captivado o seu coração com as Vossas Virtudes: Ide, Amôr, Delicias, e Esperança de Lisboa; Ide, mas lembrai-Vos que não só Vos acompanhão os Vossos Cuidados pela Capital do Vosso Reino, acompanhão-Vos tambem, e acompanhar-Vos-hão sempre os cuidados, os corações, os desejos, as lagrimas, as saudades, as orações, e os votos dos verdadeiros Lisbonenses! Ide, Grande Rei, que tantas lagrimas de amôr, de prazer, de saudade nos tendes causado, e nos causais!!! Os Anjos de Deos Vos levem nas suas mãos na Vossa Ida, e Vos conduzão no Vosso Regresso, para que não soffrais o menor incómmodo! A Poderosissima Rainha do Ceo, a Virgem Sanctissima, a Mãi do Nosso Deos, Nossa Senhora da Rocha, Vá á Vossa Direita em Vossa Guarda, e Defeza! Seja este Refugio, e Amparo dos Portuguezes a Invencivel Rocha, que esmigalhe todos os Vossos inimigos, que Vos faça Triumfante, e Vencedor de todos, os que Vos desconhecem! O Deos dos Exercitos Vos guarde, ampare, e proteja!

Portuguezes, Sacerdotes do Altissimo, Religiosos de todas as Ordens, e Vós Devotas Religiosas, Esposas de Jesus Christo, Christãos, nós todos, ainda que sejamos peccadores, oremos humilde, fervorosa, e incessantemente a Deos Nosso Senhor pela vida, saude, e prosperidade do Nosso Amabilissimo Rei, e Senhor Dom MIGUEL!

Seculos passados da Monarchia! Dizei se tendes gozado hum Rei Amavel, Esforçado, e Virtuoso, como O que nós temos na Augusta Pessoa do Senhor Dom MIGUEL!

Lisbonenses! Vós não precisais de ser exhortados á

tranquillidade, á observancia das Leis, ao cumprimento dos vossos deveres, á manutenção do vosso Juramento, á fidelidade ao Melhor dos Soberanos! Vós sois naturalmente fieis, sensatos, reflexivos, pacificos, e virtuosos! Porem se mão estranha, e occulta ousasse arrojar a anarchia sobre a Séde da Fidelidade, da Paz, e da Realeza, as Tropas, que guarnecem esta Cidade, e especialmente o Corpo da Guarda Real da Policia, e as Companhias de Voluntarios Realistas Urbanos não só conservarião a tranquillidade da Capital do Reino, mas porião em observancia a Lei Marcial sobre os anarchistas; e os malvados perecerião sem remissão, para que Sua Magestade Visse satisfeitos Seus Amaveis Desejos, de não achar mudança alguma no Seu Regresso. Porem não ha que temer no interior da parte de Revolucionarios estranhos á População briosa de Lisboa: a Policia Civil, a Magistratura, as grandes, profícuas, sábias, e importantissimas providencias *das Justiças* salvaráõ, como sempre tem salvo, a Cidade de Lisboa do terrivel flagello de huma revolução popular.

Mas se tresloucados conselhos do impudentissimo Sartorius decidissem o tresloucado Usurpador a destacar precipitadamente huma Força rebelde sobre as Costas immediatas á Capital? Essa sería a feliz occasião de *o Herdeiro do Sangue do Grande Condestavel, Dom Nuno Alvares Pereira*, mostrar á face do Mundo inteiro que elle com o Sangue herdára a Honra, a Fidelidade, a Virtude, o Valôr, a Ousadia, o Heroismo, e a Victoria. Todos os Grandes do Reino, todos os Fidalgos, todas as Tropas, todo o Povo, pois que de todos merece a estima, a confiança, e a amisade, o seguirião na Defeza da Capital do Reino. *Porem se houvesse alguem, que se mostrasse indeciso, tímido, e movido de considerações.....* o fidelissimo, o briosissimo, o preclarissimo General da 1.ª Divisão, o Eximio, e Excellentissimo Coronel General dos Batalhões de Voluntarios Realistas, o Egregio *Duque do Cadaval* os animaria, e decidiria a vencer, ou morrer, servindo-se das palavras, que em occasião quasi semelhante pronunciou seu Ascendente Dom Nuno Alvares Pereira — *Companheiros meus, ou vós vos não lembrais, de que sois Portuguezes, ou me engano, no que vejo. Quem, por servir a Patria, despreza*

em si o seu sangue, não ha de estima-lo em seus Irmãos. Se se contamina, tirar o proprio he saude; a Medicina o persuade. Se despreso o interior, que me alenta, como hei de guardar o exterior, que me infama? Por escapar o corpo ha quem se corta hum braço. Tudo hei de emprender em Defeza de Portugal. Já vencemos nossos inimigos, não desesperemos de tornar a vence-los. Ainda somos os mesmos, elles ainda não são outros. Se vos retirais, direi que a vossa cobardia vos vence, e não o seu valor. Primeiro está ser leal, que agradecido. Não ha duvida, que obrigue a ser trahidor: acudamos ao Reino, para que não morra: fez-nos grandes o nosso valor, não nos faça pequenos a nossa ambição: não pode vencernos o poder, não possa tambem a industria: aos apertos deve o heroico as grandes resoluções: se o poder inimigo nos estorvar o libertar a nossa Patria, não nos poderá impedir morrermos em sua defensa; e a morte em acção tão lustrosa será o nosso maior credito!!! Lisbonenses! Esta linguagem he a da honra, da virtude, e do valôr! Esta he a linguagem interior, e sentimental do *Herdeiro do Sangue* do Grande Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira! Lisbonenses! Não o duvideis: se tão loucos e temerarios fossem os Rebeldes, a vossa Cidade tem Tropas numerosas, e corajosas, para os fazer em postas: contai com todas ellas, e com a zelosa, e reconhecida Cooperação do Corpo da Guarda Real da Policia, e Companhias de Voluntarios Realistas Urbanos: contai com as energicas providencias de hum Governo empenhado até morrer na Defeza do Reino: contai com a Grandeza decidida a sacrificar-se no serviço do Senhor Dom Miguel: confiai totalmente da heroica resolução do fidelissimo, briosissimo, e preclarissimo Duque do Cadaval, *Herdeiro do Sangue e da Honra* do Grande Condestavel de Portugal Dom Nuno Alvares Pereira.

Lisbonenses! Vós tendes immensos penhores, de que a vossa Cidade não será jámais occupada pelos Rebeldes! Alem das grandes forças, que a defendem, tendes em vosso favor o mesmo Deos, que supplicado por sua Mãi Sanctissima, vossa Padroeira na sua Conceição Immaculada, e vossa Visivel Protectora na sua Prodigiosa Imagem da Rocha, enviou em vossa guarda o seu Anjo, que vedará a

entrada ao novo *Sennacherib*, de maneira que não possa ataca-la, nem arvorar n'ella as suas Bandeiras, e será obrigado a voltar por onde vier, sem triumfo, sem victoria; quebrado o seu poder; desbaratadas as suas forças; corrido de confusão, e de vergonha! Invocai a Deos para que, na hypothese de alguma aggressão, proteja, e salve esta Cidade por amor do seu Culto, e do seu Servo, o *David Portuguez*, o Nosso Amabilissimo Rei, e Senhor Dom Miguel! Confiai da Divina Protecção que, em tal caso, succeda ao Usurpador, querendo dominar esta Cidade, o mesmo, que a *Sennacherib* no ataque a Jerusalem — *Per viam, qua venit, revertetur, et civitatem hanc non ingredietur, dicit Dominus: protegamque urbem hanc, et salvabo eam propter me, et propter David servum meum.*

Portuguezes! Soldados! o Nosso Grande Rei vai passar huma Revista ás Tropas fieis, briosas, e denodadas, que se achão em Operações contra os Rebeldes! Achará Sua Magestade todas as cousas ao seu Real Agrado?!!!.....

Haverá nas Fileiras alguns Militares menos peritos, menos honrados, menos fieis, menos valorosos, menos subordinados?!!!.....

Haverá no Commissariado alguns Empregados, que tenhão vexado os Povos com requisições exorbitantes, que tenhão feito roubos á Fazenda, e aos Vassallos, estragado generos, inutilisado, e arruinado viveres, palha, feno, e....?!!!....

Haverá cousas, que magoem o Ternissimo Coração do Nosso Grande Rei?!!!.....

Parece-me vêr a humas poucas mulheres com os semblantes pallidos, e cinzentos, todas tremulas, e convulsas, palpitando-lhes o coração, embargado o folgo, entrecortada a sua voz, e destrançados os cabellos, rasgados os vestidos, e todas afogadas nas suas lagrimas, abraçarem-se com os pés d'ElRei, e dizer lhe, como disserão a Jesus Christo Senhor Nosso as duas irmãs Martha, e Maria sobre a morte de Lazaro, irmão d'ellas. *Senhor! Se viesseies antes, nossos Maridos, nossos Filhos, nossos Pais, nossos Irmãos, e nossos parentes não estarião mortos — Domine, si fuisses hic, non esset mortuus frater meus! — Senhor! Vinde, e vede, onde, e como elles jazérão. — Domine, veni, et vi-*

de! Morrêrão na Vossa Defeza! Morte Gloriosa! Mas se Vós estivesseis aqui, talvez que não morressem! Porém, Senhor, Triunfai, Vencei: em Vós temos melhor Irmão, melhor Pai, melhor Soccorro, que os que perdemos!....

Sim, Muito Alto, Muito Magnifico, e Muito Poderoso Rei, e Senhor! Cingí a Vossa Espada — *Accingere gladio tuo,...potentissime!* Vós Sois Grandioso em tudo! Desenvolvei, completai os Grandiosos Projectos da Decretada Revista! A Victoria he a Vós! Conheção os Portuguezes que devem tudo a Vós, para que todos elles sejão tudo para Vós, como Vós sois tudo para elles! Na Vossa Real Presença as deserções acabão; os fracos se alentão; os descontentes se callão; os crimes desapparecem; as discordias immudecem; as conjurações não se atrevem; e o valôr, a virtude, o brio, o denodo, a subordinação, a honra, a fidelidade, e o heroismo renascem, surgem, florecem, brilhão, e fulgurão! Vós levais na Vossa Augusta Pessoa o Triumfo, a Victoria, a Paz, e a Prosperidade! As Tropas, e os Povos, na Vossa Presença, antes escolherão morrer com gloria, que viver sem honra.

A necessidade não tem lei, nem admitte conselho.

Os máos successos para animos valorosos servem de incentivo para maiores emprezas.

Grandes cousas não se acabão sem grandes perigos, e trabalhos.

Tudo he vencivel, tudo he expugnavel para corações animosos.

Todas as grandes cousas parecem difficultosas, antes de serem emprendidas:

Ao valôr, e á justiça nada resiste.

Quem diz, que se não ataque, quando convem, obriga a atacar, quando o inimigo quer.

Quem não aproveita a occasião, quer dá-la ao inimigo, e perde-la.

Senhor! Os Portuguezes diráõ da Revista, que Ides a passar ás Tropas, que estão em Operações contra os Rebeldes, o mesmo, que se disse do invicto Cesar, que Fostes, Vistes, e Vencestes. *Veni, vidi, et vici.*

Portuguezes! Soldados! O Nosso Grande Rei he a alma de todo o Reino: na Sua Real Presença pois, confortai-

vos, e obrai com diligencia, e o Senhor será comvosco em bens: he Politica Divina — *Confortamini, et agite diligenter, et erit Dominus vobiscum in bonis.* Paralipom. 2. C. 19. ℣. 11.

MEU REI, E SENHOR! *QUANDO O FORTE ARMADO GUARDA SUA PORTA, TUDO, O QUE POSSUE, ESTÁ EM PAZ!* — He sentença de Jesus Christo Nosso Deos, e Salvador; e he de eterna verdade, como o são todas as Divinas Palavras. *Cum fortis armatus custodit atrium suum, in pace sunt ea, quæ possidet!!!* Luc. C. 11. ℣. 21.

Lisboa 10 de Outubro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 75.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Assim como a ceifa não he feita ordinariamente de huma vez, quando ella he muita, assim os inimigos, que são, e hão de ser os vossos ceifados, como são muitos, não podião ser vendimados de huma só vez! Renovai pois a batalha ao aceno do nosso Rei, e descarregai o ultimo golpe sobre os Rebeldes! Elles devem acabar ás vossas mãos pela vossa constancia, e denodo! Constancia, e união, Portuguezes; e o Mundo admirará a vossa Victoria sobre os inimigos de todo o Mundo! Porém he preciso, que ao vosso valôr ajunteis a virtude, porque he esta o melhor penhor do triumfo.

Deveria n'este N.º preencher toda a Proposição, de que *sem virtude o valôr não he verdadeiro;* mas he tal a posição da minha alma, que me conheço quasi sem alentos alguns intellectuaes, para continuar as minhas tarefas. Dérão-me huma tosa tal, que perdi os sentidos; ella não veio de perto, pois nem a senti; mas soube que fúi tosado, porque mo disserão, e inda bem que foi tosa de noticia; pois estas não quebrão costélas, nem partem braços, nem causão outra sensação, que aquella, que a fantasia quizer darlhes: a tosa veio da Inglaterra, e, como de tão longe veio este mal, não podia elle ser temivel, a quem, como eu, não adoece da molestia de imaginação, ou, em outra frase, de medo. Foi meu tosador o Auctor da *Aurora*, esse valentão, que não quiz acompanhar o seu Sol, *Pedro Só*, para este Paiz: dita *Aurora*, que não he a do dia, mas a da noite, envolta entre os crepusculos vespertinos dos nevoeiros, e das fumaças de *Londres*, não antecedendo a luz,

mas atrahida as trevas, não espalhando a claridade; mas derramando a confusão, vasou toda a sua remela, e baboseiras sobre as decantadas *Vesperas Sicilianas*, e por esta fórma o caréca me tosou por tal feitio, que não me deixou sentido para me **desforrar** senão com o desprezo, que he o meu especifico remedio contra essa epidemia de Publicações Liberaes, de que tantos se dóem; porém em mim as bichas não pégão: pegassem antes as Vesperas Sicilianas sobre os que d'ellas se queixão, e já a *Aurora* do Inferno com todos os seus tenebrosos não atassalharia mais as Luzes Religiosas, e Politicas dos bons Portuguezes, que cheios sempre de cogitações de paz, e de humanidade, desejão todavia remedios fortes, heroicos, e extraordinarios a males violentos, e insolitos. Quando o mal he de ronha, ou de raiva, todos aconselhão a applicação do ferro, porque só elle o descobre, e extirpa: como os vicios se aviventão, e conservão, he encobrindo-os, e apadrinhando-os: *alitur vitium vivitque tegendo*, disse Virgilio: descubra-o pois, e arranque-o o ferro, ou seja á hora de Vesperas, ou de Matinas. Os Povos rudes animão-se melhor á guerra com estas *ferreas* doutrinas, que por pensamentos deliciosos; antes elles querem ouvir as crueldades de Prometheo, ou de Tantalo, que as delicias de Minerva, ou de Venus; a guerra he sonata Pedreiros: Que melhor toque para electrisar os Povos, que a lembrança das Vesperas? Tremêrão d'ellas os malvados no Porto: d'ellas até treme a *Aurora* em Londres! Tranquillise-se, que o sangue não anda de lá para cá, nem de cá para lá, e não espere huma só palavra mais, porque seria loucura *gastar cera com tão ruins defuntos*. Huma *Aurora* tão desenxabida não merecia que eu me desenvencilhasse das suas fratricidas mãos, senão com esta desenxabida resposta.

Mas d'esta não sentido tosa da fusca, e tenebrosa *Aurora* estou mais que satisfeito, e contentissimo, porque n'este Mundo os males andão de mistura com os bens, e ás dôres succedem algumas vezes grandes consolações: *com as verdes vem as maduras*, ou, como se diz, *hum no cravo, outra na ferradura*. Finalmente os Revolucionarios, e eu somos inimigos: todos os Ministros de Dom Pedro estão empenhados em fazer-me feliz, e glorioso; e quando digo — *todos os Ministros* — falo em todos os Rebeldes, que andão na sua companhia, e que sabem assignar o seu nome, ainda que entre elles ninguem assigna de Cruz, porque todos aborrecem, e perseguem a Cruz: pois todos estes Rebeldes, que escrevem por Dom Pedro, e que fazem a sua Comitiva, são seus Ministros; e elle, Dom Pedro, o Ministro de todos elles, podendo bem chamar-se o Criado dos

seus Criados, porque todos elles são Mandões, e elle o mandado por elles; que tal he a sorte vergonhosa de hum Principe, que se liga com Pedreiros, e Revolucionarios da gemma! Ora esses Ministros, ou *Folheteiros* acubão de me promover, e despachar. Em que? *Em Capitão.* Era tudo o que eu desejava; mas depois de tantos annos de fadigas, e trabalhos já estava como desperssuadido, e desesperançado de obter tanta honra, e mercê, que só aos Revolucionarios podia dever. *Militei* em diversas occasiões, e tempos, ou meu nome andou na lista dos que militavão, mas sempre nas Bandeiras do Altar, e do Throno, e nunca passei da classe de Soldado, e isso mesmo sem soldo, e nem ao menos etape: ao qué mais pude chegar foi a Secretario, ou *escrevinhador* nas Secretarias; officio, ou emprego, que me tem procurado muitas vezes, mas sempre *interinamente*, e nunca de Estado, porque quando me mettião nestas barafundas, ou já não havia Estado, ou estava agonisante: em varias Secretarias *escrevinhei* muitas vezes, mas erão Secretarias *Fradescas*, e *Ecclesiasticas*, que para nada prestão, no conceito de algumas gentes, ainda que por lá se chega ao conhecimento de muitas cousas, que tambem por cá succedem em todas as Secretarias Seculares de qualquer nome. Achárão-me com geito para borrar papel, á falta de homens, e para materias *Militares* me alistou, ou tomou meu nome o Commandante em 2.° de huma *Cruzada Militar Ecclesiastica*, que se encetou na Hespanha na Guerra Peninsular, e que não appareceo em grande Corpo, porque cessára a necessidade da sua creação: o dito Commandante em 2.° era hum *Parocho*, que obtivera do *Marquez de la Romana* as dragonas de Capitão, não sei pelo que. Pois que póde saber hum *Clerigo* da Arte da Guerra? Porém foi mania *da Hespanha* em aquelles calamitosos tempos: todos quizerão ser Militares, e entre elles appareceráo muitos *Clerigos*, e *Frades*, que chegárão ao Posto de *Capitães*, *Majores*, *Tenentes Coroneis*, *Coroneis*, e *Brigadeiros*, e alguns d'elles forão *Governadores!* Estes *Ecclesiasticos* commandárão *Corpos*, e os organisárão, e disciplinárão, e ao depois os levárão ao fogo, e com elles escangalhárão a varios Regimentos, e Chefes *Francezes*; escalárão Praças, assaltárão brechas, e fizerão outras mil cousas da fortuna, que dérão muito, em que fallar, e em que entender aos Generaes, assim *Francezes*, como *Hespanhoes*: em quanto muitos d'estes Senhores cuidavão em traçar planos, e dormião sobre essas traças, lá andavão os meus *Fradinhos*, e *Clerigozinhos* aos tiros com os *Francezes*, que era hum regalo vêr, como estes fugião, e como aquelles vencião: verdade he que os vencedores trazião no

seu corpo balas para repartir por muita gente; porque houve algum, que em huma só Acção recebêo, e trouxe dezesete encaixotadas no corpo: estes *Frades*, e *Clerigos* entendião da *póda*, que era huma maravilha: eu mal me lembro do Padre *Merino*, que praticou, e ensinou a *Arte da Guerra* aos mesmos Militares de profissão; ahi andão n'esse Exercito *Hespanhol* muitos Officiaes da Eschola do dito *Merino*. Ora o meu Commandante em 2.° não era de tanto lote; mas fizera de huma vez hum terrivel destroço nos *Francezes*, tomára-lhes duzentos homens, e mandou-os, que fossem *resuscitar em París*, o que eu muito duvído que elles cumprissem; porque, os que morrem por cá n'estas partes da Peninsula, sejão de que Nação forem, não podem resuscitar senão quando Deos os mandar; e tenho por fé que a todos os filhos de Adão concebidos em peccados nos acontece outro tanto: n'esses tempos, em que vou fallando, era eu hum parvo, que pensava que a *Arte da Guerra* era só propria de homens *fardados*, e alinhavados por huma certa fórma; tanto assim que, vendo esses homens *com muitos distinctivos* julgava que esses erão os *Guerreiros mais peritos;* mas o meu Commandante tirou-me d'aquellas parvoices, e já agora, como fui desimpressionado nos primeiros beiços da minha razão, ninguem venha cá com essas cousas; porque fui, e vou vivendo, e fui, e vou aprendendo outras.

Esta ronha de *escrevinhador* nas Secretarias Militares, pelo que pertencia a cousas *Politicas*, e *Economicas*, apegou-se-me em *Portugal* em varias das suas crises, do que podem attestar muitos vivos, pois os mortos não fallão; mas servi sempre sem banda, sem dragonas, e sem alguns distinctivos, e, o que he o cabo dos males, sem honras, nem mercês, nem ainda Patente. Só aos Revolucionarios podia eu ser devedor do complemento dos meus desejos, pois que o Grande Padre *José Agostinho de Macedo*, que me instituio no Cargo da *Defeza de Portugal*, não me legou o seu Posto de *Major* dos Realistas, nem ao menos no de Cabo; ou porque não pôde fazer-me esta cessão, ou porque eu não era ainda merecedor de tanta cousa. Rebentava eu pelas ilhargas por trazer banda, e dragonas, ou galões; e pelo conseguir faria quantas caricaturas de mim se exigissem; mas os Realistas não me achárão capacidade: achárão-ma os Revolucionarios pelos importantissimos serviços, que lhes tenho feito! A banda, e huma dragona ao menos pertendia eu no anno de 1828, quando, depois de ser preso Politico pelas Tropas Constitucionaes, me convidárão para me alistar nas *Guardas Civicas*. Eu sou homem de toda a feição, qual outro *Gil Blaz de Santilhana;* de

carne, e osso como os Revolucionarios, podia como elles ser hum bom Civico: *acceito*, lhes respondi, *com a condição, de que me façáo, no menos, Alferes, e de mettter guarda sómente, e para todo sempre nas entradas do Rua de tal com o direito de exigir de cada hum, que pertenda por lá passar, dous cruzados novos para despezas da Campanha:* os maganões não quizerão, porque a banda, e esse serviço era sómente para elles, e assim não tiverão o gostinho de me contar nas suas *Filas*. Mas felizmente chegou agora a minha vez; os homens fazem as contas do Grã-Capitão, e me promovem.

Ora pois saibão, quantos quizerem saber, das minhas fortunas, e adiantamentos com os Partidarios de *Dom Pedro*, que por seu despacho, dado na Cidade do *Porto*, Capital sómente de si mesma, sou *Capitão*. Porém *Capitão* de que! Se o fosse de *Tropa de Linha*, servindo com os Revolucionarios, eu engulliria o pret, e etape, e todos os mais vencimentos da maior parte dos Soldados da minha Companhia, dando-os por promptos, e presentes, mas tendo-os licenciados, ou em suas casas, ou no meu particular serviço, e interesse; e se fosse em Cavallaria, os mesmos Cavallos com todos os seus aparelhos, e até ferraduras terião de entrar no meu bucho; porque este máo exemplo dão em algumas Nações aquelles Capitães, que por sua relaxação, má fé, e falta de temor de Deos fazem contas de Grã-Capitão, sem se lembrarem, que hão de dar contas a Deos, (já que no Mundo não ha quem lhas tome, ou ha quem tudo encobre) dos roubos, que fazem á Real Fazenda, e aos mesmos Soldados; dos prejuizos, que em taes cousas causão aos Póvos; e do escandalo, que dão á Moral Publica. Militar houve, que no tempo da Guerra Peninsular teve em sua Casa, e Quinta dezeseis Soldados por espaço de dous annos; e os Soldados por temor das balas trabalhavão nas terras do dito Chefe, deixando em seu beneficio todos os seus vencimentos, sem que o dito, ou maldito Chefe, que augmentou a producção das suas terras no tresdobro, lhes désse senão lenha, agua, e humas *versas*, e casa, pois a cama, luz, sal, adubo, e pão era subministrado pelas respectivas familias dos Soldados, melhor direi, infelicissimos escravos! A que pontos não chega a maldade, e a desmoralisação dos homens, que se não importão do Serviço de Deos, d'ElRei, e da Patria, e que não tem outro alvo, que o egoismo! Deshumanidade! Tu és o caracter distinctivo de todos os Revolucionarios, ou dos que estão prestes para todas as Revoluções. Mas não he da Primeira Linha, de que eu sou Capitão pelo despacho dos Revolucionarios.

Se elles me fizessem *Capitão de Milicias*, servindo com os Revolucionarios, por licenças, e dispensas, a minha capoeira estaria sempre sortida: na minha despensa não faltarião jámais os bellos presuntos, paios, e as gordas pernas de vitella: e na minha caixa as grandes teias de cem varas de panno de linho; a cultura dos meus Campos não me sería dispendiosa; em huma palavra, eu sería *o rico homem* da minha Terra, e até os cães me respeitarião: porque he assim, como vai entre as Milicias áquelles Capitães desmoralisados, e revolucionarios, ou prestes para o serem, dos quaes os Póvos dizem pela bôca pequena que *tem alma de cão.* Mas tanta fortuna não querem os Revolucionarios para o meu papo. Não foi pois este o meu Despacho.

Se fosse *Capitão de Ordenanças*, servindo com os Revolucionarios, e obrando como Revolucionario, eu sería hum *Bachá* no districto da minha Companhia: geiras, sementeiras, ceifas, colheitas, vindimas, tudo sería gracioso; voarião para minha casa as aves de penna, e as depennadas; porcos em pé, e sem pés, o arroz, o bacalháo, o assucar, o chá, e o café; sería finalmente hum antigo Almocadem, ou, em bons termos, o *Papa-Companhia*; porque he assim como obrão os que servem aos Revolucionarios; que não tem huma migalhinha de honra, de probidade, e de vergonha; tractando sómente de satisfazer aos seus interesses, e nunca ao interesse do Soberano, e dos Póvos; tomando para si muito de proposito áquella maxima — *Nullum pratum sit, quod non pertranseat luxuria nostra.* — Foi desta fórma que procedêrão todos esses Capitães, ou de Cavallaria, ou de Artilheria, ou de Caçadores, ou de Infanteria, ou de Milicias, ou de Ordenanças, que em 1820 se prestárão de sua livre vontade para a Revolução; que em 1823 não a desamparárão; que em 1826 a continuárão; que em 1828 a renovárão; e que agora em 1832 a reforção, promovem, e sustentão. Não podendo dar boa conta dos seus Póstos, desejando proseguir nas suas ladroeiras, constituírão hum bando de degenerados, e bandalhos, que s'empenha em suster-se pela rebellião, e pelas revoluções; porque he por aqui, não pelo valôr, não pela pericia militar, não por alguma virtude, por onde elles abrírão brecha, para entrar a maiores Póstos; havendo algum, que chegou a ser *Marichal*, outros Brigadeiros, Coroneis, e Sargentos Mores, ou Capitães Mores, formando todos elles huma associação de rapinantes graduados, ou de ladrões fardados, tal qual existe n'essa desgraçada Cidade do *Porto.* Nem se diga que he o odio ao partido de Dom *Pedro*, quem assim m'os pinta: Qual Official de todos esses bandalhos, *que servem a rebelliáo*, de qualquer graduação,

que elle seja, gozava da nota de homem limpo de mãos, e de boas contas no Posto, que exercia? Não grita ainda hoje o Publico de cada hum d'elles, que era hum desalmado ladrão, homem de más contas, çujo de mãos, sem honra, sem probidade, e sem vergonha, além dos outros defeitos de desmoralisado, ímpio, malvado, e falto de Religião? Porém não he em Posto de interesse, em que os Revolucionarios, ou os *Folheteiros* de Dom *Pedro* me tem despachado.

Será em *Capitão* de algum Porto, ou Barra, de alguma Náo, de alguma Fragata, de algum Navio Mercante, ou de Mar e Guerra? Não. Como podia eu ser Capitão no Mar, se ainda o não fui em terra? *Quem não he bom Capitão em terra, muito máo he no mar.* Será em Capitão de Artifices, de Engenheiros, de...? Tambem não. Que mais denominações faltão? Talvez poderia ser *Capitão das Bombas:* mas nem isso; nada de Póstos, onde eu possa adquirir honra, privilegios, e interesses. Pois Capitão de Realistas? Menos: he nomenclatura, que os Revolucionarios não admittem. Seja pois em Posto, em que não possa ganhar senão infamia, perseguição, e morte. Logo devo ser Capitão de *Constitucionaes*, ou de *Civicos*, pois não vejo outra denominação, que se admitta nestes Reinos com alguma côr de Lei.

Sim, e já agora estão inteirados os meus Leitores. Os Escriptores da Rebellião appellidão-me — *Capitão de Ladrões!*... Ora ainda que elles me derão este Posto em sentido mui diverso, que logo explicarei, o qual me he mais honroso, que tudo o que hum verdadeiro Portuguez, e conseguintemente verdadeiro Christão, e Realista, póde presar de honra, e de gloria, todavia em sentido verdadeiro, e reconhecidamente genuino venho a ser Capitão de *Constitucionaes*, ou de *Civicos*, porque só elles são os famosos, e públicos Ladrões da Igreja, do Estado, e dos Povos. Assim he como os vituperios, que os nossos injustos, barbaros, atrozes, e infames inimigos nos fazem, são os nossos maiores elogios, e para elles são verdadeiros vituperios, e remorsos pelas suas injustiças, barbaries, atrocidades, e infamias. Jámais tanta honra tive em todos os dias da minha vida, como neste apôdo, em que os Revolucionarios mostrão, quanto he o temor, que elles tem dos *matadores pontos desta penna*, e quantos *desserviços* tenho feito á sua Carta, á sua Legitimidade, e finalmente a toda a sua Causa, que he a mesma Causa de todos os encarniçados inimigos do Altar, do Throno, e dos Povos Catholicos, e Monarchicos.

Capitão de ladrões!... Foi, ha tempos, preso nesta Capital hum homem *asseado*, e marchava com os seus an-

jinhos na forma do louvavel costume; a gente, que passava pela rua, poz-se a olhar para elle, julgando que era Malhado, pois o vião de casaca; e ordinariamente homens de casaca não roubão descaradamente, de maneira que venhão a ser presos, e os de rabona, ou de niza commummente não são Malhados, ainda que já hoje todas as cousas tem as suas excepções, e não são pequenas: ao dito preso huma côr lhe ía, outra lhe vinha, vendo que toda a gente, que olhava para elle, parecia folgar da sua prisão, e elle se tirou d'este embaraço, dizendo — *Não se riáo; não vou preso por Malhado, he por Ladrão; e em bom panno cahem estas nodoas.* — Ora, Revolucionarios, *applico-vos el cuento;* e vá outro, que tambem vos he applicavel. Fazia jornada por essas Terras hum Reverendissimo Religioso, que ía na sua Caleça, mui persuadido de que os máos Christãos respeitarião o seu manto; vai senão quando, hum d'esta gentalha, que vive de tudo, e a tudo se atreve, manda parar a Caleça, salta dentro, e deixa o pobre Reverendissimo em *cuécas!* despede-se do Religioso, e lhe diz — *Padre, tenha sentido com o seu Calceeiro, que he hum fino ladrão!* O Caleceiro he que o era!... *ergo* (e esta he a minha consequencia) *antes ladrão, que Malhado, que Constitucional, que Pedreiro Livre;* porque ladrão houve, que subio ao Ceo pelo seu arrependimento; ladrões ha, que roubão por extrema necessidade, e, cessando esta, deixão de roubar; e ladrões ha, que não commettem todos os excessos, que se contentão com alguns *cum quibus*, e poupão a honra, e a vida d'aquelles, a quem roubão. Porem Malhado, Constitucional, Pedreiro Livre, que tenha subido ao Ceo; que se arrependesse; que não tenha commettido todo genero de excessos, e excessos de todo genero; que se contente de pequenas, e de poucas maldades; que não tenha feito violencia á honra, e á vida d'aquelles, a quem acommette! Poderá ter havido, e haver; mas não consta, não ha certeza!

São ladrões desmarcados todos os Revolucionarios, e certamente já o erão antes de serem Revolucionarios, porque ninguem vai para a Revolução, que d'antes não tenha hum coração estragado, e perdido em todos os habitos da injustiça, e da maldade. Vèja-se, senão, como elles mettêrão a mão até o cotovêlo nas Terras, Coutadas, Quintas, e mais Propriedades da *Casa Real;* nos Direitos Banaes, nos Foraes, e nos Reguengos; nos Bens das Cathedraes, dos Mosteiros, e Conventos, e das Igrejas; no Real Erario, na Fazenda Real, na Marinha, no Arsenal, na Fundição, e em todos os Cofres Publicos; e, para não entrar agora em tanta cousa, que ha de entrar em exame, quando fôr

tempo, nas Caixas Militares. Dê-se hum Balanço de *Ha, e Deve Haver* a todos os Cofres do Estado, e da Igreja em todas as Repartições, em quanto por ahi *andárão* os Revolucionarios, sejão da Classe que fôrem, Constitucionaes, Malhados, e Pedreiros Livres, e vêr-se-ha que o roubo feito ao Throno, ao Estado, e aos Povos sóbe a milhares de milhares de contos de réis: Hospitaes Reaes de toda a qualidade, Hospitaes Militares Provisorios, Commissariado, Assento, Misericordias, e.... são infinitas cousas, infinitas as Repartições, Archivos, Secretarias, e.... infinitas as Administrações Publicas.... infinitos os Empregados... *Multiplicasti gentem.... et non magnificasti lætitiam....* Tantas gentes, como fôrão para a Revolução, e para a Pedreirada.... Tantos Empregados Publicos, como *seguírão* a Rebellião por diversas vezes.... Todos elles fôrão, e hão de ser, sempre que poderem, ladrões da Igreja, do Throno, do Estado, e dos Povos!.... Ora, Senhores Revolucionarios, que me haveis appellidado — *Capitão de ladrões* — já que sou vosso Chefe, obedecei-me; vamos a contas; demos o balanço aos Dinheiros da Igreja, e do Estado por todas as Repartições, Administrações, e Secretarias, onde tendes estado, e *onde estais*, (no *Porto* ha todas essas cousas, como se essa Cidade fosse hum Estado) e vejamos esses muitos milhões, que tendes roubado, ou dissipado; vamos a contas, Senhores Ladrões Mores!.... Oh! Que cousas não apparecerião!!! A que estado não tem sido reduzida a desgraçada Nação Portugueza!!! Todos os Revolucionarios, todos os Constitucionass, todos os Malhados, todos os Pedreiros Livres roubárão tudo, o que podérão!!! Portugal o sente, e o chora! Vendidas todas as propriedades dos ladrões de Portugal; vendidos até elles mesmos, e suas mulheres, e filhos, se hoje estivesse em uso a escravatura, e todas estas cousas cem vezes vendidas, e revendidas pelo summo preço, não satisfarião o *minimum* dos seus roubos á Igreja, á Casa Real, ao Estado, e aos Povos! Não cessarei de o dizer: Portugal tem chegado ao abysmo da penuria, por haver introduzido em algum tempo na administração dos seus interesses a tantos Revolucionarios, Constitucionaes, e Pedreiros Livres!!! Que infinitos Judas, que deverião ter sido enforcados pelos roubos, que fizerão, e pelos que *deixárão fazer!!!* Mas escapárão-se todos. Não he assim, *ahi estão*, elles ahi estão no Porto, salvos os que já morrêrão!!! E todos elles erão homens de bem, bem nascidos, bem educados, bem aparentados!!! Tinhão tractamento de Senhoria, e até alguns de Excellencia!!! Não entendo taes homens de bem, só se o fôrem os Ladrões Mores, e *que roubão com titulo!!!* Vamos a con-

tas! Dê-se o balanço, no que fôr possivel dar-se, em todas as Repartições, em que andárão Revolucionarios!! Aposto que só por este Artigo — *Contas de Ha, e Deve Haver* — não ha hum só Pedreiro Livre, hum só Constitucional, hum só Partidario de Dom Pedro, hum só inimigo do Senhor Dom MIGUEL, que não *seja pendurado*, e rebentado, como Judas seu Pai! Já se entende que fallo de todos os Empregados rebeldes, porque, *não sendo Empregados*, não ha caso. = *Senhor Padre*, dir-me-ha alguem, *alguns d'esses são .... alguns d'esses são .... alguns são Generaes!* = Nem para Ajudantes de Cabos os queria eu!!! Eu sou *Capitão de Ladrões*: este he o despacho, que me dérão os Pedreiros Livres. Eia pois, *Senhores Pedreiros*, vós todos deveis obedecer-me; vamos a contas; e, se algum de vós não resultar hum grande ladrão do Estado em qualquer das Repartições do Estado, enforcado eu seja: as contas hão de ser dadas na minha presença; eu nomearei os Revisores, ou Fiscaes á minha vontade: o pélago he immenso; mas eu tenho a sonda; se algumas cousas quizerem occultar-se em algum cantinho, eu as farei apparecer. Porem isto he clamar em vão: os Pedreiros não querem dar contas senão a outros Pedreiros, ladrões, e malvados como elles: não fui pois despachado em *Capitão de Ladrões*, porque não ha em Portugal alguma Companhia organisada de ladrões, não sendo as Companhias de Civicos, de Rebeldes, de Constitucionaes, de Malhados, e de Pedreiros Livres, ou *de Partidarios de Dom Pedro;* e a essas Companhias de certo eu não pertenço, nunca pertenci, nem jámais hei de pertencer; pois que as persigo, sempre as persegui, e sempre as hei de perseguir com todas as minhas forças de alma, e de corpo. Quanto certamente devem estar arrependidos, os que me appellidárão com este titulo de — *Capitão de Ladrões!* Com as suas mesmas armas fôrão repellidos, e destroçados. O apôdo cahio certamente sobre elles, e sobre os seus Partidarios, pois hum só não ha entre elles, que, entrando com elle a boas contas, não seja convencido com a maior evidencia de hum *ladrão descarado* em todos os seus Cargos, Empregos, e Póstos, ou elles sejão Civis, ou Ecclesiasticos, ou Militares, ou de qualquer natureza, e especie: ladrões roubando; ladrões *deixando roubar;* ladrões *dormindo;* ladrões acordados; ladrões contando; ladrões escrevendo; ladrões dictando; ladrões copiando; ladrões *mandando;* ladrões executando; he isto o que são todos os Revolucionarios, Constitucionaes, Malhados, e Pedreiros Livres em quaesquer Cargos, Empregos, e Póstos, nas Igrejas, na Fazenda, nas Secretarias, nos Tribunaes, no Exercito, em toda, e por toda a par-

te: he o que a desgraçada Nação Portugueza vio nas tres Revoluções, por que tem passado, entrando n'esta conta o presente Rebellião, onde o roubo se tem feito mais sentido, por mais escandaloso, e mais subversivo. De todos os Chefes, e Empregados nas Revoluções póde dizer-se o mesmo, que disse o Profeta Ezechiel — *Principes ejus in medio illius, quasi lupi rapientes prædam:* C. 22 — ou como disse o Profeta Isaias — *Principes tui infideles, socii furum:* C. 1 — Ora querem vêr como os Revolucionarios não tornão a appellidar-me *Capitão de Ladrões?*

Mas eu tomo o despacho no sentido, em que elles o pronunciárão — *Capitão de todos os que defendem o Throno do Senhor Dom MIGUEL* —. Este he o epitheto, que os rebeldes, e outros, *que não querem este nome*, dão a todos os Soldados, e Povos, que estão prestes a combater a facção de *Dom Pedro*: assim, pouco mais ou menos, acontecêo a huma mulher honrada que, sendo denostada com palavras denigrativas por outra, que gozava máo nome, lhe respondêo — *Chama-me, antes que to chame.* — Este apôdo he feito com especial designação aos Voluntarios Realistas! Assim os nomeavão os mesmos Revolucionarios *alapardados* n'este Reino! Que espantosa conjuração não formárão os Pedreiros Livres contra a creação, e organisação d'estes corajosos Corpos, que tanta gloria, e tanta firmeza tem dado, dão, e daráõ á grande Questão Portugueza! Que intrigas, horrorosas intrigas, especialmente contra os Batalhões de *Braga*, e de *Villa Real de Tras-os-Montes!* Chegárião a ponto de os malvados prevalecerem nas suas calumnias, se não as conhecesse, e despresasse a summa Prudencia, e atilada Penetração do Excellentissimo Coronel General, o Virtuosissimo *Duque do Cadaval!* Mas esses injuriados, trahidos, e vilipendiados Batalhões, todos elles bravos, e denodados, que tem sido o terror dos rebeldes, mostrárão á face de todo o Reino a sua moralidade, a sua boa ordem, e disciplina, a sua virtuosa educação! Calumniadores, inimigos dos Voluntarios Realistas! Seu sangue derramado valorosamente em todos os encontros com os Rebeldes brada ao Ceo sobre vós! E especialmente esses, que mais titulaveis ladrões, e Capatazes de ladrões, do Batalhão de *Villa Real de Tras-os-Montes*, não podem menos de encher-vos de remorsos, e de confusão, se vós sois capazes de arrependimento! Os revolucionarios não podião injuriar a todos os Soldados, e Povos defensores do Throno do Senhor Dom MIGUEL, sem que me injuriassem a mim! Porém a Nação Portugueza se defende de tão barbara, e negra imputação pelos seus bons costumes, pela sua beneficencia, e pelo seu caracter amigavel, e aborrecedor de malfeitorias.

Não ha Paiz algum na Europa, onde os ladrões, e os roubos sejão menos frequentes, que em Portugal; e isto não tanto pela justiça, que os pune, e reprime, como porque os Portuguezes tem entre si laços mui estreitos de amizade, e de bem querença commum. Os sacrilegios, e os desacatos aos Templos quasi nunca forão ouvidos em Portugal, senão depois da Revolução *Franceza;* e se augmentárão á proporção, que a Maçonaria progredia; a Maçonaria, que os inspira, que os manda, que os aconselha, que os apadrinha!

Porém, malvados Pedreiros, e Rebeldes, se eu fosse *Capitão*, como vós me chamais, *de Ladrões*, no sentido em que vós os tomais, que são, na vossa ímpia, e calumniosa lingua, os Defensores do Throno do Senhor Dom Miguel, se eu fosse Capitão de todos esses Defensores, vós não estarieis!... Vós serieis!... o Porto!... eu removeria!... eu!...; mas a hypothese não he sustentavel, e por isso as deducções ficão na massa das hypotheses: eu não sou senão hum Escriptor dos Heroicos Defensores da Religião, do Throno, da Independencia, e Honra da Nação, e dos Direitos do Senhor Dom Miguel: eu sou, ou pertendo ser, o flagellador de todos os Rebeldes.

Portuguezes! Soldados, que estais em Operações contra os Rebeldes, contra esses perfidos ladrões, e usurpadores do Altar, do Throno, e da Patria, roubai-lhes a vida, que he a só cousa, que tem a perder; dai-lhes a morte, que outra cousa não podem merecer! Ao aceno do Nosso Grande, Magnanimo, Valoroso, e Incomparavel Rei, exterminai os Inimigos do vosso Paiz! Dobrai a vossa natural coragem, reanimai o vosso ingenito valôr, e fazei vêr á Europa que para o total desbarato dos vossos Inimigos sómente carecieis da Presença do Nosso Heroe, do Nosso Libertador, do Nosso Rei! Portuguezes! Já não ha hum só Rebelde, que não tema ser vencido; confirmai-os no seu temor, e ganhai para o vosso Paiz a Honra, a Paz, e a Prosperidade perturbada pela mais infame Rebellião.

Lisboa 18 de Outubro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 76.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquandò erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ŷ 15. Portuguezes! Soldados! O tempo da execução d'esta letra corre agora pela immediata vontade do Nosso Grande Rei! Vós obedecei-lhe com diligencia, e o triumfo será a vossa sorte.

Arvorado pelos Revolucionarios em *Capitão*, não *de Ladrões*, sim de valorosos, que lhes roubão a vida, eu seria, se este Posto se me verificasse, obrigado a tomar posições convenientes para os meus Soldados; a instruí-los, e dispô-los para o combate; a soffrer com elles todo o rigôr das estações, e todos os incómmodos, e privações da Campanha; a conhecer a força, a tactica, e a qualidade dos inimigos; a não deixá-los refolgar; a atacá-los em toda a parte; a expugnar as suas fortalezas; a desalojá-los das suas trincheiras, e baluartes; finalmente a livrar o meu Paiz do seu poder, e usurpação; eu sería obrigado a dar aos meus Soldados exemplos de Religião, e de piedade; a ser prudente nos meus conselhos, e forte em todos os perigos; a facilitar-lhes a victoria com pouca effusão de sangue; a atacar pelos lados de menor risco; a postar columnas de reforço aos que avançassem; a descançá-los com Soldados de refresco; a animá-los, e contê-los no calôr da Acção; a electrizá-los no maior conflicto; a espiritualisá-los, e refazer as suas forças com algumas bebidas estimulantes; a acompanhá-los sempre, e em toda a parte; a provê-los de todo o necessario para suster a Acção; a cuidar de que os feridos não cahissem em poder do inimigo, e de que elles fossem

tractados com toda a caridade; e ser finalmente o Pai de todos os meus Soldados, empregando com elles todos os meus desvélos, e sacrificios, tractando-os com clemencia no meio da severidade. O desempenho de todas estas obrigações demanda grandes talentos, e muita virtude; pois quasi nunca a victoria, a honra, o louvor, a fama, e a gloria se conseguem por outra forma. Assim os Historiadores descrevem os grandes Capitães.

Se a Grecia louvou os seus Agesilas, os Pelopidas, os Epaminondas, os Alcibiades, os Themistocles, os....; se os Romanos louvárão os seus Scipiões, os Pompeos, os Casares, os Marcellos, os....; se em outras partes celebrárão os Hannibaes, os Hamilcares, os Hannões, os....; se immortalisárão os Hercules, os Alexandres, os Cyros, os Darios, os Xerxes, ou os Enéas, os Priamos, os Heitores, os Ulysses, os Achilles, os....; se....; mas isto será açoutar de nomes o vento: na Hespanha o Cid, o Gram Capitão, Dom João de Austria, o Marquez de Sancta Cruz, o....; na França o Marichal de Montrevel, o Marichal Duque de Villars, o Marichal Duque de Barwik, o....; porém nem cançar os meus Leitores, nem mostrar que tenho a memoria carregada de nomes de Chefes, que não adquirírão nome senão pela reunião de todas essas grandes qualidades, que acabo de descrever: hum Capitão sem talento, e sem virtude he hum ladrão do Estado, hum bandoleiro do seu Paiz, hum algoz dos seus Soldados, hum impostor para o Throno, e para o Governo; que mente no que diz, e no que não diz; que atraiçoa no que faz, e no que não faz; que perde, e avilta a sua Nação, assim na guerra, como na paz, ou por tôlo, ou por trahidor; advertindo que estes dous T T em hum Chefe produzem quasi sempre os mesmos effeitos para a Patria, e muitas vezes se reunem, mas infelizmente se acobertão com outros especiosos pretextos, que somente o talento, e a virtude põe á luz do Sol, ainda que, quasi sempre, tarde; para isso as Historias são a melhor cousa do Mundo, porque descobrem as virtudes, ou os vicios dos seus Historiados, e servem de Regra, ou de Criterio, para conhecer, discernir, e julgar, não somente o preterito, como o presente.

Ora tambem o Padre possuirá talentos, e virtudes militares? — Valha-me Deos com certas gentes! Pois por ter sido Frade, e agora ser Clerigo, estou privado de saber a Arte da Guerra? Os Heroicos *Çaragoçanos* na Guerra Peninsular não vírão os seus Frades, e Clerigos combater ao seu lado, defender as Trincheiras, e manejar as Peças d'Ar-

tilhenia, como se fossem Militares de profissão? Os immortaes *Valencianos* não devêrão aos seus Frades, e Clerigos a sua gloriosa resistencia ao General *Moncey*, quando as Publicas Authoridades querião abrir-lhe as portas? Os inventiveis *Geroneses* não tiverão sempre ao seu lado os seus Frades, e Clerigos nos maiores apuros? Não foi hum Clerigo, o que tomou a quasi inexpugnavel Fortaleza de *Figueiras*? Não são ainda memoraveis os nomes de hum Cura *Merino*, e de hum Frei *Asencio de Nebot*?.... *Chifres* da Revolução, e da Maçonaria! Pedi o testemunho dos Generaes *Inglezes*, que tão generosos, e tão benéficos se mostrárão para com os Frades, e Clerigos da *Hespanha* em reconhecimento dos seus talentos, e virtudes assim Militares, como Sociaes. Hum Frade *Hespanhol* em aquelles tempos escrevia ácerca de hum General *Inglez*, que elle possuia hum coração, e huma alma igualmente grandes. — *Hace el bien sin esperar gracias; el hacer-lo es la una gloria, a que aspira.* — Eu não espero ser tachado de volubilidade por este testemunho, que dou, de mutuo reconhecimento entre os *Inglezes*, e os Sacerdotes *Hespanhoes*: o principal dever de hum Escriptor Publico he não faltar á verdade, ainda mesmo sobre inimigos, de que elle falle. Faço esta prevenção, porque me consta que algumas pessoas no *Minho* tachárão de voluvel hum N.° d'esta Publicação, por hum certo elogio, que alli apparecêo; não advertindo que humas vezes he necessario valer á anarchia, e conter a desordem; outras vezes convem louvar aos pouco dignos de louvor, para que se fação dignos d'elle; algumas vezes louvar a alguns menos louvaveis, para reprehender os mais culpaveis; outras engajar na Causa a homens, que parecem indifferentes para ella; finalmente os que me criticárão de mudança, devião ter presente aquillo de, que *se beijão mãos, que se desejão vêr cortadas*; e considerar por outra parte que eu conheço perfeitamente os Revolucionarios Classicos de 1820, e que ainda ferem os meus ouvidos estes dous Versos feitos por hum da dança:

« Jurei Constituição, não temo a morte;
« Offereço a vida, por firmar-lhe a sorte.

Chifres da Revolução, e da Maçonaria! Vêde que vos conheço; e que talvez melhor que vós, ou, ao menos, em igual gráo a vós, possuo os talentos, e as virtudes Militares. A quem deveis vós a vossa consistencia no Porto, senão a Chefes *Inglezes*, e *Francezes*, e ainda *Allemães*, que vos ensinárão a Arte da Defeza de huma Cidade, que não

parecia defensavel? De que vos gloriaes? Não podeis, do vosso valôr, nem dos vossos conhecimentos: hum Frade, hum Clerigo vos iguala, e acaso vos excede: eu conheci sempre que não as tinhamos somente com os Portuguezes, mas principalmente com Estrangeiros, que formão o essencial, e o principal da Expedição pelo seu auxilio, e sobre tudo pela sua direcção, e planos. Sabisse de vós tudo o que he Estrangeiro material, e formalmente; e vós, ou não entrarieis no Porto, ou o terieis desoccupado com lingua de palmo! Eu desafio a todos os Revolucionarios na Arte da Guerra, e este desafio não me deve ser estranhado, pois que elles me arvorárão em *Capitão*.

Porem em virtudes, em maneiras de tractar os Soldados, e de fazer que elles me amassem como a seu Pai, eu excedo aos Revolucionarios em cento por hum. Oh lá! Isto mais he, porque os Revolucionarios présão de maneiras, para fazerem mui seus os Soldados. Não tem outras, que facultar-lhes a pilhagem, o saque, e todo o genero de licenciosidade: assim os captivava Napoleão, que he o General, que todos os Revolucionarios tem por modêlo: mas Napoleão nunca tractou dos seus feridos com caridade, deixava-os ficar no Campo ao rigor da estação, e á discrição do inimigo, e por todas as formas mostrava ser indifferente, e insensivel aos que derramavão seu sangue pela conservação do seu nome: tanto elle tinha de deshumano, e de cruel! Esta virtude da compaixão, e da ternura sobre os miseraveis Soldados feridos, e doentes não he propria de espiritos ímpios, irreligiosos, e sectarios da Maçonaria! Hum Pedreiro importasse menos da saude, ou das desgraças de hum Soldado, que de hum Cavallo! Na sua doença, no seu ferimento he onde as Tropas se namorão de seus Chefes, se estes tem humanidade, e sentimentos de ternura. Mas onde reina este amôr de compaixão, de sensibilidade, e de ternura? Não de certo no coração de algum Pedreiro Livre! Viessem estes ao Hospital Militar, que pelos annos de 1810, 1811, e 1812 se estabelecêo no meu Grande, e Real Mosteiro de S. Julião de *Samos!* Ahi verião esses desalmados, e deshumanos Chefes da Revolução como trinta Religiosos Benedictinos, professos em aquelle Mosteiro, offertados voluntariamente a este penoso, e contagioso serviço, tractavamos gratuitamente de oitocentos doentes de todo o genero de molestias, e de todas as Nações Belligerantes, cuidando nelles, como se fossem nossos irmãos, e muitos erão inimigos, sem asco, sem enjôo, fazendo-lhes todo genero de agasalho, assim espiritual, como temporal, quanto não era

absolutamente incompativel com a decencia propria de Ecclesiasticos, administrando-lhes os alimentos muitas vezes pelas nossas mãos; compondo-lhes as camas, vigiando no seu asseio, e curativo; promovendo-lhes todas as commodidades possiveis; encostando-os muitas vezes a nós mesmos; tomando-os nos nossos braços, e algumas vezes carregando com aquelles desgraçados vasos da podridão, e da morte. Juro a Deos que não exaggero: os nossos Hespanhoes, os Portuguezes, os Inglezes, os Francezes, Polacos, Italianos, e até Russianos vírão, e experimentárão a nossa caridade, a nossa beneficencia, e a nossa ternura a toda a hora do dia, e da noite, e isto não por huma semana, mas por espaço de mezes, e de annos, sem intermissão, sem enfado da nossa parte; estavamos familiarisados com todas as molestias Chirurgicas, e Medicas, com a corrupção, com o contagio, e com a morte! Nós os tractavamos como a nossos irmãos, ou como se elles fossem nossos pais, ou nossos filhos! Todos estes Soldados, aos quaes haviamos, ou dado a vida, ou a saude, ou adoçado a sua morte, estavão prestes a ir comnosco, se fossemos seus Chefes, até o fim do Mundo! Onde ha Virtude não falta valôr moral. Sim, esses Soldados, a quem assistiamos com tanto amor nas suas maiores tribulações, morrerião comnosco, e nós com elles.

Estas maneiras de fazerem todos seus os Soldados não conhecêrão jámais os Pedreiros Livres. E estes serão valorosos? Não. Napoleão, que não soube morrer em *Waterloo* ao lado dos *Francezes* que morrião por elle, foi hum fraco, hum covarde, hum vil: em huma Acção, em que se decide o resto, o General, que não morre com os seus Soldados, he hum inimigo dos Soldados, não tem valôr, não tem honra, não tem vergonha. Porém hum Pedreiro Livre não he capaz senão de infamias, de baixezas, e de trahições! Napoleão, por não ter sabido morrer n'aquella Batalha, em que vou fallando, na qual arrastou á morte os mais valorosos do seu Exercito, devêo soffrer Sentença de morte. Assim pensárão, e pensão ainda hoje os melhores Militares da Europa: os delirios, e erros de Napoleão, assim no Militar como no Politico, estão censurados por todos os conhecedores: já está averiguado que Napoleão não foi hum heróe, nem hum valoroso, foi simplesmente hum General astuto, que sabia engajar as suas Tropas, e leva-las ao matadouro. Mas deixemos já de huma vez os Chifres da Maçonaria, e das Revoluções: cheirão mal tantas cousas, como estão ditas ácerca de Pedreiros Livres: esta canalha não carece de ser pintada mais ao vivo, para

ser abhorrecida de todos os bons Portuguezes. Meu destino hoje, segundo as minhas promessas, retardadas muitas vezes por vistas particulares, e mais urgentes, he tractar da Virtude, que deve haver em todos os Portuguezes, e Soldados, que defendem as Bandeiras do Senhor Dom Miguel, que são as unicas Bandeiras da Lei, da Independencia, e da Honra de Portugal.

Da Virtude sim fallarei; porque valôr, geralmente, não he necessario incuti-lo em peitos Portuguezes, que de valorosos as apostão a todas as Tropas do Mundo. Diga-o o fanfarrão *Sartorius!* Coitadinho! Jaz ferido no Porto, e assombrado com todos os seus Officiaes, e com toda a sua Tripulação, da coragem, e bravura da Esquadra Portugueza, que renovou n'estes dias a gloria, e esplendor dos Seculos dos Gamas, dos Castros, dos Albuquerques, dos Mascarenhas, dos Menezes, dos Mendonças, dos Pachecos, e Pereiras, dos... bravos, e corajosos por mar, e por terra! Não, malvados Pedreiros Livres, não zombais dos Portuguezes, porque ao seu natural valôr ajuntão commummente a virtude, como que, sem virtude não ha verdadeiro valôr. «O Militar Atheo, que nada espera depois da sua «morte, tem toda a casta de motivos, para poupar a sua «vida, e na realidade a poupa quanto póde. O bravo Militar, a quem huma consciencia pura dá a esperança de «huma feliz immortalidade, vive, e morre como hum he«rôe. Se não fosse avivar idéas, que desejamos vêr sepultadas no mais profundo esquecimento, os revoltosos acontecimentos de 16 de Maio de 1828 nos prestarião abundantes meios, (e os acontecimentos de 1832 abundantissimos!!!) «para provarmos a primeira das nossas asserções.» Fiz gosto de trasladar estas linhas da importantissima Obra, que com o titulo de — *Direcções para os novos Militares* — publicou no presente anno o Brigadeiro de Cavallaria João Galvão Mexia de Sousa Mascarenhas. Eu terei muita honra de ser d'ora adiante plagiario d'este Militar Sabio, Bravo, e hum dos *Avançarrazes*, que estiverão emigrados na Hespanha: embora o calumnie a *Chronica Constitucional* do Porto: ácerca d'elle he atroz calumnia, que a minha affeição não desmentiria, se meus olhos o vissem no grande Catalogo dos Revolucionarios; não, não, não: o auctor da *Chronica* mistura *alhos com bugalhos*, e quer dar-nos *gato por lebre;* as verdades, que elle diz, são de notoria fama; mas em vão pertende á sombra da verdade iniplingir-nos a mentira. Não estranhem pois os meus Leitores, que algumas das minhas idéas sobre os deveres dos Milita-

ses sejão deduzidas da dita preciosa Obra, pondo de parte as já muitas vezes citadas Reflexões Militares do *Marquez de Saneta Cruz*, ou as Observações de *M. le Chevalier de Folard*, que me havia proposto sobre alguns pontos. *Galvão* será o meu modélo, porque elle escrevêo para Portuguezes.

A Virtude não deve ser equivoca, ou duvidosa, especialmente nos Chefes, ou Commandantes; porque de outra maneira os Soldados faráõ d'elles huma confiança duvidosa, o que será huma verdadeira ruina para o Exercito. Eu quizera que em Portugal se estabelecesse a Lei, de que *não gozasse dos Privilegios, Liberdades, e Regalias dos Portuguezes, o que não fosse conhecidamente Christão Catholico Apostolico Romano*, á semelhança do que dizia Cicero — *Nemo potest jure Quiritum liber esse, qui non est de numero Quiritum:* pois os Portuguezes forão sempre Christãos velhos, não sejão pois mettidos em Póstos, Empregos, e Cargos, os que não forem Christãos velhos, como o forão todos os Portuguezes, antes de virem essas Modernices, essas Filosofias, essas Maçonarias, que vão dando cabo da Virtude, e da Fidelidade — *Qui non est de numero Quiritum.* Ora este teclado vai corrido por esta fórma, porque de outra, ou não sei, ou não posso. *Supprão as trombetas*, dizia hum Organista, *o que eu não tenho de sciencia.* Devem os meus Leitores entender que eu fallo, não de Sanctidade, mas de Religião, e n'este sentido, *que ella não deve ser equivoca, ou duvidosa*, e muito menos entre os Portuguezes, porque estes em pescando, ou cheirando estes equivocos, e estas dúvidas nos seus Superiores não dão hum ceitil por elles, e sobre isso não admittem *amalgamações*, condescendencias, concordancias, ou tolerancias. Vêm, por exemplo, huns Milicianos que o seu Chefe está a conversar, e rir ao tempo da Missa; que não ajoelha á elevação da Sacratissima Eucharistia; que mistura carne, e peixe nos dias prohibidos pela Igreja; e que por esta, e outras vias zomba de todos os Preceitos Ecclesiasticos; ora se os Milicianos lhe não dão hum tiro, he porque são subordinados: mas seguirem-no ao fogo; obedecerem-lhe de coração; confiarem n'elle, morrerem, ou expôrem-se á sua ordem, he cousa que elles não fazem, antes lha prégão na menina do olho, na sua face, e nas suas mesmas bochechas á primeira occasião: he o que tenho reflectido sobre a conducta dos Milicianos de Pennafiel nos annos de 1823, e de 1828; e o pretexto, que tomárão não foi simplesmente a Realeza, foi essa falta de Religião, ou

essa Religião duvidosa, e equivoca, que notárão nos seus Chefes, já hoje banidos por Sentença. Oh! Se os Reis Christãos podessem obrar como os Povos! Certamente que, os que não amão o Catholicismo, não figurarião entre os Catholicos, e muito menos em Causa, em que se disputasse a veracidade da Religião! Parece que vou longe do meu fito, mas vou por aqui, e vou pela volta ao fim, que me tenho proposto, a saber; *não tolerar em materias de Religião;* logo, nem a Maçonaria. Não posso separar na Peninsula a Causa da Religião da Causa da Realeza: vou tentar, se posso explicar-me, ou se os meus Leitores podem entender-me.

Quizerão ser tolerantes os Imperadores *Heraclio* na sua *Ectese*, *Zenoes* no seu *Henoticon*, *Constante* no seu *Tipo*, *Carlos V* no seu *Interim*, e...; pertendêrão dar a paz á Igreja na tolerancia dos seus inimigos, e dérão a estes o mais seguro triumfo!!!! Oh!... Não sei, que me diga. *Molina* quiz tambem concordar a Graça, e a Liberdade; e os caprichos triumfárão!!! *Marca* (chamava-se *Pedro*) quiz conciliar o Sacerdocio, e o Imperio; hum, e outro tem estado, e estão em perigo!!! Oh! Cáhos! *Verum, et unum conveniuntur, sed error, et veritas adversantur.* Eu me exponho; porém não temo. *S. João Baptista* não adulou a *Herodes;* morrêo por isso; mas o Ceo lhe dêo vida mais feliz para sempre! *S. João Chrysostomo* não quiz concordar com huma Imperatriz; porém essa repugnancia foi o maior merecimento da sua Sanctidade! *Thomaz Moro* não quiz avir-se com *Henrique VIII;* mas essa foi a sua maior gloria! Eu não posso transigir com *Pedreiros;* não sou capaz da gloria entre os homens, nem a pertendo, mas desejo que, ou elles deixem de o ser, ou que não sejão tolerados; pois do contrario viremos a parar no que *Roma* com os seus *Triumviros*, com os seus *Marios*, e *Scilas*, com os seus *Catilinas;* no que a Italia com os seus *Guelfos*, e *Gibelinos;* no que a Inglaterra com os seus *Cromweis*, e...; no que a *Hespanha* com os seus *Communeros*, e...; no que a *França* com os seus *Convencioneiros*, e... ou sim; ou não. *Livio*, *Sallustio*, *Tacito*, e... nos dizem muita cousa de Revoluções, que póde servir, para quem as ama, e para quem as aborrece. ... Porém para eu saber, o que no Mundo foi, e o que ha de ir, se o Mundo teimar em ir, como tem ido, e como vai indo, os nomes, e as idéas de *Montesquieu*, de *Tamburini*, de *Wan Espen*, de *Febronio*, de *Pereira!!!*, de *Mably*, de *Rousseau*, de *Talleirand*, de *Mirabeau*, de

Danton, de *Brienne*, de *Gregoire*, de *Marat*, *D'Alembert*, de *Diderot*, de *Choiseul*, *D'Argenson*... (*Jesus!* Que o Padre dêo em doudo! Esperem lá, que agora vão nomes de algumas mulheres...) de *Pompadour*, de *Dubarri*, de... (*Intellexistis hæc omnia*, Chifres da Maçonaria?) estes, e outros infinitos nomes, e mais infinitas as idéas, que elles me subministrão, me convencem, de que não póde haver paz entre o erro, e a verdade; nem concordia entre a irreligião, e Religião; nem conciliação entre a Igreja, e a Maçonaria, sem que a Verdade, a Religião, e a Igreja sejão opprimidas, acabrunhadas, e amortecidas. A linha recta só póde ser recta de huma maneira; de outra qualquer será curva; e a curva o póde ser de mil maneiras. Nada de Religião equivoca, nada de Maçonaria tolerada; porque onde houver esta, e aquella, nada ha de Religião, nada de cousa, que boa seja. *Et nunc Reges intelligite, erudimini qui judicatis terram. Apprehendite disciplinam, nequando irascatur Dominus.* Exterminai a *Maçonaria*, porque, se não....

Onde a Religião he equivoca, que será a Realeza? Huma sombra, hum fantasma, huma illusão, huma hypocrisia, em fim huma trahição. *Viva o Orelhudo*, *Viva o das Orelhas*, proferião nesta Capital, no anno de 1829, certos homens, dos que alguns, que de tudo duvidão, e em tudo acreditão, duvidavão o que elles erão, e acreditavão o que não erão: hum oriado descobrio o enigma: querião os malvados dizer — *Viva Dom Pedro* — porque esse he o *Orelhudo*, *elle he o das Orelhas:* examinem-se esses bronzes, ou patacas de 40 réis; vêr-se-ha a Augusta Effigie do Senhor Dom João VI, e essa apparece com as orelhas cobertas: vê-se a Effigie de Dom Pedro, e ella apparece com huma grande Orelha ás moscas, como a de *Midas*, ou o Carneiro das favas em figura de *Senas*. — *Viva a melancia* — dissérão, e gritárão, e tornárão a dizer, e a gritar em hum banquete dado, ahi para perto d'onde se faz a Feira, chamada do Campo grande, certos figurões, ou figurinos, (eu não os nomeio, porque a Censura m'o defende, pois que se os nomeasse, onde lhes estaria a pelle?) Hum d'elles abalou no presente anno, por não dar o que se lhe pedia, e devia de justiça; outro está fóra... outro vegeta... outro... não me lembra!!! e tantos forão os Vivas, e as gritarias, que os moços, e *moças* da Quinta, onde era o banquete, acudírão ao *Viva a Melancia!* Se a *moça* não descobrisse este *negocio meridiano* do anno de 1829, ainda hoje estaria eu ás escuras, (eu, o escabichador dos Pedrei-

ros) de que elles querião dizer — *Viva a Julhada Franceza de* 1830. — Esta *trintada* estava predicta na Maçonaria, alta desde o anno de 1814, 1823, e 1827, o que eu posso demonstrar, e do que foi instruido, e convencido o Grande Padre *José Agostinho de Macedo;* mas a Apostolica, a Igreja, cortou-lhe, e cortar-lhe-ha as azas! Passavão aquelles homens dos *Viva a Melancia*, por Liberaes Moderados; e se a *Moça* não fosse, eu me iria inclinando, a que tambem poderião ser Realistas Moderados; mas Frei..... Fer..... Má..... (Nada de equivocos, que por elles os Thronos, e os Póvos estão em muito perigo!!!)

Porém ElRei está no Exercito, onde os equivocos são summamente funestos; mas na Real Presença taes equivocos desapparecem: a Virtude fulgúra á vista de quem não conhece, não estima, não préza senão a Virtude! Deos enviou o *Seu Ungido*, o Nosso Rei, e Senhor Dom Miguel, para dissipar os seus, e os nossos inimigos com a Sua Virtude! Os Grandes do Reino vão na sua Companhia, para fazer mais esplendida, e mais gloriosa a Revista, que se digna passar ao Seu Exercito, para infundir neste mesmo Exercito aquella Virtude sólida, e firme, de que talvez alguns carecessem por dúvidas, por desconfianças, por suspeitas, não por temor dos inimigos; porque os Realistas Portuguezes nunca temêrão os seus inimigos. Sim, os Grandes do Reino, em quem a Virtude he tão hereditaria, e natural como a fidelidade, a honra, e o valór! Portuguezes! Soldados! O exemplo he mais poderoso, que nunca! Nenhum outro Exercito da Europa se acha actualmente tão ennobrecido com a Presença de hum Rei Grande sobre tudo, o que na terra póde imaginar-se; e com a assistencia de Titulares Honrados, Valorosos, e Virtuosos sobre todo encarecimento. Mas a Virtude era o objecto d'este N.°: hum só modélo bastará, porque quando o exemplo he grande, e luminoso, amontoar outros he escurecê-lo.

A Magestade do Imperio consiste no sólido da Virtude, dizia o Imperador Severo, *e não nas muitas joias, e nos muitos diamantes:* mas *a Virtude*, dizia o Mestre de Trajano, *não nasce com o homem, nem lhe succede pelo acaso: adquire-se ordinariamente pelo exercicio, e trabalho.* Assim os Grandes nascem muitas vezes Grandes pelo lustre do seu sangue, pela esplendidez das suas fortunas, e pelo brilhantismo dos seus antepassados; mas esta não he a verdadeira Grandeza, se lhe falta o merecimento da Virtude, que he a que tudo ennobrece, e aperfeiçôa: verdade he, que mais faz hum Grande, sabendo conservar a sua

Grandeza, que hum pequeno, em chegar a ser Grande; porque a hum Grande o seu mesmo poder, as suas riquezas, o orgulho do seu fausto, e representação lhe servem de estorvo para adquirir a Virtude, quando o vicio n'essa situação lhe he muito mais facil, e como que vem a procurá-lo; em vez de que ao pequeno tudo são estorvos, ou ao menos sustos, e temores para conseguir o vicio, o qual, como que foge da sua pobreza, e humildade. Por esta fórma, se *Seneca* disse bem, que *Grande he só aquelle, que nas riquezas he pobre*, posso eu dizer, que *Grande he só aquelle, que na Grandeza he Virtuoso*, Virtuoso nas suas acções públicas, e particulares; Virtuoso com os seus iguaes, e com os desiguaes; Virtuoso em casa, e fóra de casa; Virtuoso até na companhia de pessoas, a quem ouve, e de quem se acredita; porque póde bem succeder que hum Grande seja Virtuoso no recinto da sua familia, e no governo da sua casa, e seja hum vicioso no público, e hum pródigo na administração do Estado; póde bem ser que elle seja Virtuoso com os seus iguaes, e desiguaes, e ao mesmo tempo esteja desacreditado pelas pessoas, a quem ouve, e de quem se acredita; fazendo máo lugar, adquirindo máo nome, e dando escandalo, por se confiar de pessoas mal conceituadas; por se deixar conduzir por homens escandalosos, por exemplo, por Pedreiros Livres. Hum Grande, para ser verdadeiramente Grande, não se lhe ha de notar a menor falta; ha de ser igual em tudo, em tudo perfeito, em tudo Grande.

Este Grande em tudo, no público, e no particular, com os seus iguaes, e com os seus desiguaes, em casa, e fóra de casa, e até nas pessoas, a quem ouve, e de quem se acredita; este Grande em tudo, Grande na Caridade para com os pobres, Grande no amor ao seu Rei, Grande na Fidelidade á sua Patria, em huma palavra, Grande na Virtude em hum seculo tão falto de Virtude; he.... (Não seja, que a natural rudeza destas minhas letras desluzão, e apouquem a sua Grandeza no valôr para os perigos, na affabilidade para a sua familia, na generosidade para todos, os que o implorão, no amor mais extremoso para a sua Patria, na assistencia mais fiel, e mais leal ao Seu Rei, na....) he.... (Finalmente, seja-me permittido nomeá-lo para exemplo, e edificação de todos os Portuguezes, que se achão em Operações contra os rebeldes) he o Excellentissimo *Duque de Lafões.*

Offerece-se para ir na Companhia do Nosso Rei na Revista, que Sua Magestade Vai passar ao Exercito Com-

batente! Admittido por ElRei para Lhe assistir nos incommodos, nos trabalhos, e nos perigos, implora o favor do Ceo para o Seu Rei, e para o Reino, mais que para si mesmo! Manda continuar as Preces na sua Capella para o mesmo Divino Soccorro! Confessa-se na vespera da sua partida com hum Religioso Exemplar! Recebe a Sacratissima Eucharistia poucas horas antes de partir! Despede-se da Sua muito amavel, e muito virtuosa Familia, e de todos os seus domesticos, e de pessoas estranhas, que o vêm partir! Vê o *Virtuosissimo Duque* as lagrimas dos seus, e dos estranhos, as dôces effusões de ternura, os sentimentos do amor, da amizade, e da gratidão! E superior a todos, a todos diz, com grande serenidade, e presença de espirito — *Peção devéras a Deos pela Vida, e Saude do Nosso Rei; e se tiverem noticia de mim, que fui morto, ou ferido, não o estranhem, porque a morrer vou, ou a vencer!!!*

Portuguezes! Se os *Excellentissimos Duques* não fossem vivos Retratos do Seu Augusto Ascendente Dom Nuno Alvares Pereira, seria preciso dizer que elle resurgira para defender o Senhor Dom Miguel I com o mesmo Valôr, e Virtude, com que defendêra o Senhor D. João I! Portuguezes! Soldados! Tão poderosos exemplos de Honra, de Fidelidade, de Valôr, e de Virtude devem animar-vos ao soffrimento dos trabalhos, á dureza dos combates, á crueldade dos perigos, e a vencer a mesma morte! Huma consciencia pura, ou purificada não teme passar para a eternidade, onde todos os males acabão, e todos os bens começão! Portuguezes! Soldados! *Se quereis morrer com Valôr, vivei com Virtude! A maior dita*, disse hum Sabio da Grecia, *he morrer ditoso; mas não morre ditoso, quem não vive virtuoso.* Seguindo estes religiosos principios, a morte não he temivel; a gloria, o triumfo, e a victoria são certos.

Lisboa 20 de Outubro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 77.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ŷ 15. Portuguezes! O Nosso Grande Rei com a Sua Alta Sabedoria, Valôr, e Heroicidade ordenará o tempo, em que se ha de executar esta letra, do total desbarato dos Rebeldes: a vós cumpre obedecer com presteza, e ardôr; e a vossa virtude terá o premio do triumfo.

Virtude no Exercito.

A Virtude he propriamente do Ceo, veio á terra, e fez a sua morada no coração dos homens. Habitará tambem ella no coração das mulheres? Sem dúvida, se o Ceo as auxilia, e se homens virtuosos as sustentão; do contrario, sómente por hum prodigio podem as mulheres ser, e permanecer virtuosas; pois abandonadas absolutamente a si mesmas não apresentão senão caprichos, inconstancias, e velleidades; e ahi, nestas qualidades verdadeiramente mulherís, não ha Virtude, que quer dizer, estabilidade, firmeza, e força. Porém quem achará essa mulher forte? Perguntou Salomão: *Mulierem fortem quis inveniet?* Rarissima he essa achada, e então mesmo se verá ahi o Ceo obrando, e o homem sustentando; porque a mulher por si só não he hum *todo perfeito*, mas hum todo (melhor diria, parte) confuso, debil, desordenado, e fraco, que carece de ser subordinado, regido, e dirigido; pois a mulher não nascêo para reger, dominar, e governar. *Sub potestate viri eris*, lhe disse Deos: *estarás ás ordens do homem.* Mas,

oh! meu Deos! E se esse homem fôr máo, vicioso, e depravado! Ainda assim mesmo a mulher não poderá dar-lhe as ordens, antes será a *ajudanta* das desordens, dos vicios, e das depravações do homem, se o Ceo não obra com ella hum prodigio. A Virtude tomada etymologicamente, vem de *vir*, do homem, como dizem os etymologos, ainda que as etymologias são pela maior parte caprichosas, confusas, e incertas: todavia, e em razão da raiz etymologica da Virtude, eu quero Virtudes, que venhão do homem, ou, por outros termos, que os homens não tenhão qualidades de mulher, ou que elles não sejão *mulherengos*, e ainda me explico: quero que os homens não façáo a Virtude, mas que a Virtude faça os homens; porque a Virtude feita pelos homens, como segue o genio, e as propensões da Natureza, he vária, he caprichosa, he voluvel, e por isso mesmo debil, e fraca; e a Virtude, sendo a *artifice* dos homens, como não nasce d'elles, mas do Ceo, he constante, he consequente, he permanente, e por isso mesmo vigorosa, e forte; em huma palavra, he verdadeira Virtude. Com estas abstracções metaphysicas, mas que tem todo fundamento nas verdadeiras idéas da Virtude, vai o *Clarim* ehpalbando, ou dispersando sons horrendos, que de toda a parte pertendem emmudecê-lo — *Vai embolsando hum bom par de contos de réis* — voz, que vem de soar a meus ouvidos, proferida por homens sérios, mas crédulos.

Mas não me fazem rombo por esta parte: todavia míngoa, e vergonhosa míngoa sería para o meu modo de pensar, se os Constitucionaes podessem provar que eu mentia, ou havia mentido huma vez sómente, e conseguissem mostrar, como alguns Estrangeiros imaginão, que prostituo a minha tal qual penna ao interesse. *Error cui non resistitur, approbatur; et veritas cum non defensatur, opprimitur.* Não consentirei pelo meu silencio que esta imputação prevaleça, e que a minha honra se opprima, não a defendendo; digo a minha honra, e até a honra da Causa de Portugal; porque mal poderia o Publico acreditar-me, se estivesse persuadido que as minhas doutrinas produzem o augmento da minha fortuna, e conseguintemente que os elogios, que a alguns tenho tributado, e os vituperios, com que a outros tenho querido emendar, procedem de hum systema ganancioso, como se eu fosse o *Ganapão das Lêtras*.

Em o N.° 9.° desta Publicação dizia eu — « Hoje me « acho em esta Aldêa de Rebordosa, servindo o Cargo de « seu Parocho pela pensão de pouco mais de duzentos mil

« réis: ... *apezar de tudo não escrevo para comer*: ... eu « tou contente da minha sórte. , , nada mais exijo que ser « util , quanto me he possivel. » Em o N.° 15.° dizia : « Portuguezes me pedirão que escrevesse, e não lhes ac« ceito outra paga, que a honra do convite. » *Ingenium quondam fuerat pretiosius auro*, era o pensamento, que sem presumpção , nem orgulho tinha eu tomado de *Ovidio* ; nem jámais quereria que se dissesse de mim, o que *Seneca* disse de muitos Escriptores do seu tempo — *Omne ludicrum illis in pretio est.* Epist. 125, *que dão valôr a todos os seus entretimentos.* Se todos os meus Leitores houvessem lido todos os Numeros desta Publicação, sendo justos comigo, não acreditarião que eu cahisse em huma contradicção, que muito contentaria aos Revolucionarios, de poderem dizer que eu tomára o trabalho literario da Defeza de Portugal, porque elle entrava na razão dos meus interesses; podendo então elles satyrisar-me com o Poeta *Marcial* — *Vis garrule, quantum accipis, ut clames accipere ut taceas?* Epig. Lib. 9. Do muito que em outros tempos *manuscrevi*, e queimei, não quiz outra recompensa, que a que contentava a Marco Varro: *dum hæc musinamur, pluribus horis vivimus.* Depois do desempenho dos exercicios da minha Classe, e Profissão, não quero viver, senão para escrever, como dizia Gellio de si mesmo — *Neque longiora mihi spatia dari vivendi volo, quam dum ero ad hanc facultatem scribendi, commentandique idoneus.* — Todavia jámais quiz o nome de Auctor, porque sempre me julguei mui humilde em todas as Artes, e Sciencias, ainda que em combate literario contra os inimigos da Religião, e do Throno, me julgo mui superior a todos elles, ainda aos seus mais affamados Escriptores, tendo lido os que entre elles tem merecido mais louvor: mais de huma vez disse por essa razão, que não queria meu nome estampado; mas como não estava em Lisboa fizerão o que quizerão de meu nome, e continuei soffrendo este aggravo, porque — *Vicit amor Patriæ* — prevalecêo o interesse de esclarecer aos Póvos rudes sobre alguns pontos, que parecêrão dignos de consideração: e todos os Correios recebo testemunhos de reconhecimento, por haver levado o Vulgo ao ponto, que se desejava, que era o *de não humilhar-se, nem deixar-se seduzir por todos os estratagemas, e doutrinas dos Revolucionarios.*

Mas diga-se, o que ha no caso d'esses *contos de réis* produzidos por esta Publicação; apezar de todas as instancias do meu *Agente* em Lisboa, para tirar algum lucro do

meu trabalho, sem embargo de não pequenas despezas, que esse mesmo trabalho trazia comsigo, não me movi da minha resolução; até que hum meu crédor, julgando-me com forças sufficientes para o embolsar do seu crédito sobre o Encarte, e Collação no meu Beneficio, me decidio a dizer-lhe, que se entendesse com o meu *Agente*, e visse se podia, e lhe convinha indemnisar-se por algum interesse desta Publicação; e lá, ou cá assentárão em exigir do Empresario *João Henriques* duas moedas de ouro por cada hum N.° da mesma Publicação, principiando a conta desde o N.° 14, pois os anteriores ficárão para o dito Empresario, que muito serviço fez ao Publico em se arriscar a semelhante Empresa, se he que eu tenho feito algum serviço ao mesmo Publico. Ao depois vim para esta Capital, pelos motivos, que os Pedreiros Livres sabem, e eu lhes farei confessar hum dia, pondo-lhes ao Sol a calva das suas perfidias indicadas até o N.° 40: e como em Lisboa me faltasse a subsistencia de mesa, que me proporcionava hum pequeno Predio da Igreja de Rebordosa, que eu alli cultivava, exigi (sem ter ainda prefeitas todas as minhas contas com os meus crédores, todos elles honrados) quatro mil oitocentos *sómente* por cada N.°; nem outros Recibos poderá mostrar o louvavel Empresario; começando esta nova conta no mez de Julho: ora deduzão os meus Leitores, segundo os seus calculos, as despezas do Correio mais que ordinarias por motivos, que não convém aclarar, e vejão, quanto deve ser *escholastica*, como sempre, a minha subsistencia. E se assim não obrasse, sería hum impostor, hum inconsequente, e contradictorio comigo mesmo: os Pedreiros bem sabem que os interesses nunca me movêrão; nem a minha lingua, nem a minha penna forão, nem hão de ser jámais prostituidas a hum pouco de metal, sempre despresivel na consideração do homem de bem, que o reputa inutil, quando excede os limites do indispensavel para viver. Que agradecimentos poderia eu esperar do Publico, e ainda de Deos, a quem desejo servir n'esta Publicação, se eu me enriquecesse por este trabalho? Dir-se-me-hia — *Jam accepisti mercedem tuam — Estás sobejamente pago do teu trabalho.* Os Officiaes Generaes, que me soccorrêo na Hespanha nos annos da nossa emigração, e outras muitas pessoas, que alli acabárão de me conhecer melhor, sabião, que do meu tal qual trabalho pela Causa eu não sollicitaria mais de huma subsistencia como Sacerdote pobre: attestem os que vivem. Requeri outra cousa? Não me contentei com o que se me dêo? Contentissimo certamente. Se hoje fosse removido para outro

Beneficio do mesmo appellido — *Parocho* — agradeço-lo-hia por estar hum pouco mais distante das insidias Maçonicas; elles bem sabem no que lhes fallo; por ahi n'essas tabernas do Porto..... Outra cousa não requererei, nem sou capaz de acceitar — Servir a Deos na minha Classe, e á Igreja no ensino subordinado das suas ovelhas; e a ElRei com a penna, e com a espingarda, se tanto fôr preciso para a Defeza de Portugal. Emmudeção pois os Revolucionarios, e sejão os Realistas menos crédulos á voz de alguns *Habitos*, que podem desmentir examinando as fontes, que cito. Se a Edição destas Letras estivesse a meu cargo, varios Numeros desta Publicação terião sido distribuidos gratuitamente onde conviesse, e assim virá a succeder na hypothese. Para escrever, não preciso senão de viver; porque acho injurioso, no meu modo de pensar, que se diga a hum Escriptor Realista — *Vossa mercê escreve, porque lhe pagão.* — Basta de satisfação. Não tenho sollicitado o favor dos meus *Elogiados;* rendo sómente tributos á justiça, e á verdade: sirvo a Portugal, ou trabalho pelo servir; porque a sua Causa he Religiosa, he Justa, he Sancta, he Sagrada, he a Causa de todo o meu coração: Portugal merece de mim todo o genero de sacrificios, e de desinteresse, e hei de desempenhar esta divida até o ultimo alento da minha vida. Que dividas não tem contrahido todos os Realistas emigrados na Hespanha! Quanto as suas Casas, e Familias estão arrastadas! Quando se livrarão elles, e como, dos seus créditos passivos! E não participei eu alguma cousa desta commum, e fatal sorte! Mas sirvâmos a Patria, e saiba a Patria que não haverá sacrificios, que pela sua Defeza não façâmos. Prestes a tudo, menos a soffrer a calumnia, porque a nossa honra pede que nos defendâmos: este he o caminho da Virtude, e de huma Virtude varonil, e incessante.

Eu me havia proposto n'esta Publicação outro objecto, que ainda não attingi seguidamente, *instruir o Vulgo em verdades Religiosas, e Politicas*, mas sem algum sal, nem pimenta: a Rebellião, e a Maçonaria sahio-me ao encontro por toda a parte com huma cara estanhada: elles quizerão que eu me calasse; ameaçárão-me, se continuava a fallar, e effectivamente seria esta a melhor Victoria, que elles alcançarião; então abandonei o fim, que me havia proposto, e comecei a navegar em todas as direcções sem rumo certo, até amainar a furiosa tempestade, para ir pacifica, e seguidamente ao meu fito; *faça eu o meu dever* (regra geral, que sempre me tem guiado) *e succeda, o que succeder*, ainda que seja chamado a voz infructuosa, ou

não ouvida — *Vox clamantis in deserto.* — Meu dever he profligar as trahições perpetradas contra a Patria, e insinuar os meios de as annoiquilar; cumprindo este dever, desempenho, segundo as minhas forças, o legado do Grande Macedo. A vinda do novo *Catilina* ao territorio Portuguez para devastar a, já não sua, Patria, estragar os seus costumes, e abolir a Religião dos seus Maiores, essa vinda, que a talentos apoucados parecêo sempre *hum nó-gordio Politico*, e aos mais avisados hum *mysterio de loucura*, tambem contribuio muito a affastar-me da vereda pacifica, que me havia destinado: eu presenceava a attitude guerreira, e a fidelidade decidida do Exercito, e da Nação, e via huma immensa Força Realista comparativamente com a Rebelde, e então deduzi, que, *la trahison la mieux ourdie*, a Maçonaria toda por huma combinação geral se sublevava em toda a Europa contra os Soberanos, e contra a Religião Catholica Romana, apparecendo em campo com todo o seu apparato, e já quasi sem mascára: lancei mão do Clarim, toquei, e tornei a tocar, mas sem grandes resultados, pois ouço que a Maçonaria, e a Rebellião na Europa avança a passos agigantados. Se eu não confiasse, em que os inimigos não hão de prevalecer sobre o Altar, e o Throno, porque esta he a Causa de Deos — *Quoniam non gaudebit inimicus meus super me* — diz hum Psalmo, teria certamente desfallecido. Quanto a Portugal, logo que o Nosso Grande Rei Resolvêo *Ir Passar huma Revista ás Tropas, que se achão em Operações contra os Rebeldes*, entendi que o Clarim não devia dar mais hum toque.

Porém eis que hum *Artilheiro* com tom de *ferro*, e de *bronze* me repete aquelle — *Clama, ne cesses* — *Toca, não pares hum só momento.* Eu lhe respondo — *Quid clamabo?* — Que posso eu mais tocar? *Contra os Maçons*, me diz. Ora, Senhor *Artilheiro*, carregue as peças com huns, e descarregue-as sobre outros, e está acabada a Tragedia com gloria. Valha-me a Senhora da Rocha! Se o *Artilheiro* não póde sem ordem carregar, nem descarregar, menos posso eu, que sou impedido de tocar á vontade. Todavia ahi vai em nome Deos, e d'ElRei o ultimo toque, e o unico da verdade — *Etenim homo in quo sperávi, qui edebat panes meos, magnificavit super me supplantationem.* — Pessoas, em quem Portugal esperava, e que lhe comerão o seu pão, forão as que principalmente o trahírão. Está contente o meu *Artilheiro?* Pois todos esses, que em outro tempo forão as esperanças da Patria, que vivêrão dos Soldos, que a Patria lhes dava, que da Patria tiverão premios, dis-

tinctivos, honras, e mercês, forão os que trahírão a Patria. Ora, por Deos, não me andem com adivinhas, nem deitem fel nas minhas palavras! Não estão elles no Porto? Ora isto he cousa, que todos sabem, que elles ahi entrarão, que elles ahi estão, e que elles ainda d'ahi não sahírão! Porém agora sahem! Agora sim! A' vista do Valorosissimo Rei, treme o Porto, a trahição não torna mais a *hinchar* a sua *gorja!*

Trahidores?... Sim: mas eu não conheço outros, que os rebeldes, e os seus fautores. Insta porém o *Artilheiro*, em que *eu os conheço a todos*, e para me convencer de doloso na minha *desconhecença*, me faz as seguintes perguntas, a que ajunto as minhas *cotas*, e dou as minhas respostas.

Sendo hum principio estabelecido — Qui semel malus, semper præsumitur malus in eodem genere mali — (ainda que eu perdoaria o — semel — a alguns, que nunca forão Maçons, mas o — secundò et tertiò — não perdôo a alguem:) em que tacha o Padre aquelles homens, que são empregados altamente pela Maçonaria quando está no seu Zenith? — Cota 1.ª: o *Artilheiro* he intolerante, como homem *de ferro*, *e de bronze;* eu perdôo tambem o *secundò*, aos que não erão Maçons, e este *secundò* foi quando o Senhor Dom João VI desembarcou em Lisboa, e jurou as *Bases da Constituição*, dizendo que *jurava de sua livre vontade;* pois que não he para todos os Vassallos o conhecer, quando os Reis obrão livre, ou coactamente; perdôo até o *tertiò*, aos que não erão Maçons, e este *tertiò* foi, quando o mesmo Augusto Soberano mandou Tropas contra a Heroica Divisão Transmontana, que O acclamára Absoluto; pela mesma razão, de que nem todos os Portuguezes podem saber em certas crises a verdadeira vontade do Soberano; perdôo até o *quartò*, aos que não erão Maçons, e este *quartò* foi quando o Senhor Dom Miguel Nosso Augusto Libertador sahio de Lisboa a debellar a Facção, que opprimia o Throno, e ainda encontrou opposição na mesma Facção, que se solapava com o Soberano; porque nem todos podião adivinhar, o que desejava hum Rei, que decretava contra seu Filho; perdôo até o *quintò*, aos que não erão Maçons, e este *quintò* foi quando o mesmo Augusto Soberano sahio de Lisboa, e junto de Seu Inclito Filho, o Heróe da Peninsula, declarou a Sua Verdadeira Vontade, e lhes concedo o perdão, porque a todos elles perdoou o Clementissimo Rei; perdôo até o *sextò*, aos que não erão Maçons, e este *sextò* foi no anno de 1824,

porque o mesmo Augusto Soberano se volvêo de toda a parte talvez coacto á direita, e á esquerda, e ninguem está obrigado a entender, nem a intrometter-se na Politica dos Soberanos; perdôo até o *septimò*, aos que não erão Maçons, e este *septimò* foi depois da morte do Senhor Dom João VI, porque em tal confusão de cousas nem todos podião, nem sabião obrar. Roma abrio-se para todos n'este N.° 77, cumprindo com a letra do Evangelho *usque septuagiés septies!* Jubileo universalissimo, Indulgencia, e Remissão *Plenarissima* a todos os Portuguezes illusos, e seduzidos, ignorantes, imbecís, covardes, agentes, e pacientes, de qualquer classe, condição, e sexo, pois tudo isto tem estado, e estará em eterno esquecimento! Todos ficão hoje perdoados! Mas empregados, ou conservados nos Empregos! *Nequaquam*, *minimè*, de maneira nenhuma, sem que antes passem tres vezes pela fieira da mais estreita purificação, mostrando ter dado provas verdadeiras do seu sincero arrependimento; esta graça não exceptua *senão os Maçons*: Alegrai-vos Liberaes de Portugal, e do Mundo todo! Estais perdoados de todas as penas no presente Seculo, mas não admittidos aos Póstos, e Empregos, por ora, até examinar a vossa conversão! Eu sou hum tolerantissimo absoluto, o homem mais liberal do Mundo: mas com os Maçons! *Vade retrò Satana;* fóra diabos; nem com vinte annos de arrependimento; porque mentem sempre como *Lucifer* seu Pai.

Cota 2.ª Eu não sei quando a Maçonaria esteve no seu *Zenith:* nascêo embrulhada em *capa parda*, e assim ninguem a vio senão depois de muito medrada; ora se ella tem chegado ao seu *Zenith*, he cousa, que não sei, porque era para isso preciso vêr, que ella declinava para o seu ocaso; mas tal cousa não vi, antes julgando pelos effeitos parece, que tem ainda de subir mais, em quanto lhe não forem *á gorja:* não me consta que até agora em toda a Peninsula se tivesse dado a morte a hum Maçon, só pela razão de ser Maçon, que he o motivo, porque tenho ouvido, e visto tanta cousa, e tanta cousa vou ouvindo, e vendo, que quasi estou atontado: está fundamentada a minha ignorancia a este respeito. Todavia, sendo certa a supposição que o meu *Artilheiro* faz na sua pergunta, dou a seguinte resposta — Tenho a todos esses na conta de trahidores.

Continuão as perguntas. *Em que conta tem o Padre aquelles homens, que com capa de Realismo patrocinão os julgados réos, os desempregados, os demittidos, e os desli-*

gados? Respondo: dada a hypothese, tenho-os na conta de tôlos, ou de trahidores, ou das duas cousas simultaneamente.

P. *Em que conta tem aos homens, que consentem nos Empregos a pessoas, de quem a voz pública, notoria fama, e commum opinião diz, que pelo que praticárão, e praticão, não são adherentes ás Leis Fundamentaes da Monarchia, ao Throno, e á Augusta Pessoa do Senhor Dom MIGUEL; sendo certo, que a trahição he como o peccado contra o Sexto Mandamento, que não admitte parvidade de materia?* — Cota: no Sexto Mandamento ha parvidade de materia por indeliberação, e por inadvertencia; e na Revolução ha parvidade de materia por illusão, e por ignorancia. — Respondo: dada a hypothese, tenho-os na conta de tôlos, ou de trahidores, ou das duas cousas simultaneamente.

P. *Em que conta tem aquelles homens, que tendo visto, o que os Revolucionarios, quando estão no polleiro, praticão com os Realistas na França, na Hespanha, e em Portugal; que a moderação he defendida por elles, quando exercem poder, pela forca, pela guilhotina, pela metralha, pelos açoutes, pelas palmatoadas, e pelas varadas, todavia estão mettendo sempre aos Realistas pelos ouvidos, e pelos olhos moderação, clemencia, piedade, e caridade Christã para com aquelles inimigos do Altar, e do Throno, dos quaes não consta, que se arrependessem em tempo algum?* — R. Dada a hypothese, tendo-os na conta de tôlos, e de trahidores conjunctamente.

P. *Em que conta tem aquelles, que pela proposta de amnistias, de perdões, e de contemplações aos Revolucionarios, lhes dão auxilio, para perpetrarem maiores attentados, fazendo impune o crime horroroso das revoluções?* — Respondo com distincção; se esse he o seu fim, são trahidores; se o fim he poupar-lhes as vidas, (mas nunca admitti-los a Empregos, Póstos, e Cargos Publicos) sem que jámais possão offender o Altar, o Throno, o Estado, e a Sociedade; dada, e verificada esta condição com toda a exactidão, para todo sempre, até á quarta geração, *coram Deo* o digo, que os tenho na conta de homens Christãos, e de bons Politicos, Amigos do seu Rei; e do seu Paiz; porque com todas estas condições observadas no rigor da letra penso da mesma maneira, e não condemno meus pensamentos de humanidade, e de clemencia para com todos os delinquentes, não sendo Maçons inconversos, por muito atrozes que sejão os seus crimes, com a condição, repito,

de que sejão collocados em tal posição, que nunca mais possão delinquir; antes, que elles possão emendar-se, e ser uteis ao Publico pelo exemplo da sua verdadeira conversão; porque o caso, ao meu vêr, está, em que os delinquentes se tornem incapazes de delinquir, arredando-os de todos os Empregos, Póstos, Cargos, e Occasiões, e n'essa *absoluta hypothese* será mais Christão, e mais Politico recorrer á Piedade, que á mortandade de homens, que já não podem ser máos; de homens, que ainda podem ser bons.

P. *Em que conta tem o Padre aquelles, que procurão affastar do lado dos Reis os seus Vassallos mais fieis, e decididos; que fazem odiosos ao Governo, ou Ministerio as pessoas, que tem dado as mais exuberantes provas de fidelidade; dando o nome de esturrados, exaltados, intrigantes, e perturbadores, aos que mais sacrificios tem feito pela salvação do Altar, do Throno, e da Patria?* — Respondo: se existem esses malvados sobre a terra, fazendo a guerra de intriga aos Vassallos mais fieis, e por outra parte aconselhando a moderação, a clemencia, e a amnistia a favor dos implacaveis inimigos do Altar, e do Throno; sendo então inevitavel a destruição do Throno, pois decepão os braços, que o podem sustentar, são *estupidarrões* em gráo superlativo; porque põe em leilão as suas cabeças, elevando ao cume do poder os inimigos do Altar, e do Throno; e abrindo-lhes as portas para Revoluções já mil vezes vistas, e não remediadas, senão á custa do sangue dos Povos: são *trahidoraços* em gráo *superlativissimo;* porque abysmão a Soberania, como com tristissima experiencia tem de confessar a França, a Hespanha, e o nosso Portugal: são *Rosas Cruzes*, ou, ao menos, *Venerayeis* na Seita do Diabo: se existe sobre a terra a raça, de que a pergunta falla, escolha para si hum dos tres qualificativos, com que justamente a designo, ou tome os tres conjunctamente; porque esse he o *triangulo*, sobre que se firma a constante Revolução do Mundo; a saber, *estupidez, hypocrisia, e refinada maldade.*

Estão respondidas todas as perguntas do meu *Artilheiro:* isto não he hum juizo, ou huma sentença; he huma opinião propriamente minha; se não agradar ao dito *Artilheiro*, deixe-me em paz, apegue-se á peça, ahi viva, e ahi morra, obedecendo, e não perguntando; porque se vierem novas instancias, respondo-lhe á Hespanhola — *Doctores tiene la Santa Madre Iglesia, que le sabrán responder.*

Ora vejão os meus Leitores (e por esta vez perdoem-

me, como, e pela maneira, que eu a todos perdôo, não sendo Maçons,) como me atontárão a cabeça, para que não fallasse seguidamente da Virtude, como prometêra; hum fazendo-me com hum bom par de contos de réis, e eu logo começo a pedir; outros importunando-me com arrasoados, e questões, que não sou capaz de julgar, quando eu peço a Deos que me dê juizo, para me pôr a coberto de tantas invectivas como tenho experimentado, e soffrido, e vou experimentando, e soffrendo pela mais justa, e mais Sancta das Causas, qual he esta da Defeza do Throno, e da Augusta Pessoa do Nosso Grande Rei, e Senhor Dom Miguel; da Liberdade da Sancta Religião, e da Independencia, e Honra da Nação Portugueza, a melhor, a mais briosa, a mais estimavel de todas as Nações do Mundo.

Virtude? Ah! Se ella descesse do Ceo, e mergulhasse no Inferno a perversidade, a hypocrisia, a trahição; se reduzisse a cinzas os conjurados, os assassinos... Assassinos? Que disse eu? Soffrerá o Ceo, permittirá Deos, entornar-se-lha sobre os Catholicos todo o calis da ira Divina?... Meu Deos! Em que vos offendemos? Se somos fracos nos costumes, somos firmes na fé: vossa gloria não se augmenta com a nossa ruina: talvez que o vosso credito se diminua entre os homens, se nos perdeis! Tristissimas recordações! Funebres idéas! Espantosissimos annuncios! *Domine salvum fac Regem.* Deos! Salvai o Rei das insidias, das conjurações, das aleivosias, das mãos sanguinolentas de inimigos assalariados! Que digo? Nem eu mesmo sei de mim; são...

Delirios da mais affectuosa saudade. Os grandes, e geraes festejos, e regozijos d'este Dia Anniversario do Natalicio do Nosso Rei celebrados n'esta Capital de todo o Reino com tal enthusiasmo, e sumptuosidade, qual sería se Sua Magestade estivesse presente, sem outra differença alguma, que a da sua ausencia, fazem certo a todo o Mundo, que os Portuguezes são briosissimos no seu amor, e na sua saudade pelo seu Augusto Soberano. He impossivel que no Mundo todo haja hum Nação, que iguale á Portugueza em amar o seu Rei, ainda que tambem he certo que não ha Rei no Mundo todo, que seja mais digno de ser amado, que o Senhor Dom Miguel.

Portuguezes! Soldados, que vos achaes em Operações contra os Rebeldes, vós todos, os que habitaes além do Mondego! Vêde que tendes de dar contas a Deos, e ao Mundo de como desbaratais completamente a Rebellião, e de como conservais, e defendeis a Augusta Pessoa do Nos-

so Rei! Sabei que a Maçonaria persegue de morte, e de morte aleivosa ao Nosso Grande Rei, a Quem nós todos amâmos além da morte! De fóra de Portugal se projecta, se maquina, se conspira... Vigiai cada hum de vós quanto vos fôr possivel, segundo a vossa situação! Mãos occultas, e estranhas, mãos plebeias, e sordidas, mãos pagas...! Portuguezes! Exterminai a Rebellião, e defendei a Augusta Pessoa do Nosso Rei, mais preciosa para nós, que tudo quanto o Mundo possue! Pereção os Rebeldes, e pereçamos nós todos com elles, se tanto fôr preciso, para que elles acabem: porém não pereça, antes seja sempre São, e Salvo o Nosso Preciosissimo, e Amabilissimo Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro!!!

Note-se, que no N.° 75 a paginas 4, onde diz — no anno de 1828 — deve lêr-se — no anno de 1823. — Outros erros typograficos ha em alguns Números, que seráõ corregidos, quando findar esta Publicação.

Lisboa 26 de Outubro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

EZA DE PORTUGAL.

N.º 78.

s fortes; et nos modò minùs; et nós aliquando erimus.

toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metas. C. 14. y 15. Portuguezes! Soldados, que em Operações contra os Rebeldes! Seguindo as be o Nosso Grande Rei vos der immediatamente vos passar Revista, vós não podeis menos de encer, e livrar o vosso Paiz dos monstros, que n, porque, *por muito que a virtude seja perse-hca he vencida.*

undo a scandalis, disse o Divino Salvador: o perdido pelos escandalosos, por malvados notofazem pública profissão das suas impiedades. E mbem perdido o Mundo pelos hypocritas, merecendo bem — *Væ mundo ab hypocritis?* Pelos hypocritas, que são como os sepulchros caiados por fóra, e por dentro cheios de abominavel, e contagiosa podridão! Hypocritas da Realeza, e da Monarchia, que dizem, que *não deve proceder-se contra outros Hypocritas, ou inimigos solapados da Sociedade humana*, pela razão de que isso *seria augmentar o número dos inimigos das Instituições Monarchicas, e até dos mesmos Soberanos!!!* Erro fatalissimo, que leva as vistas mais sinistras, o qual devêra ser anathematizado como hum dos principios mais funestos á Soberania! A per-

seguição, ou, em termos mais verdadeiros, a *moderada repressão* dos inimigos das Instituições Monarchicas em Portugal, não augmentou o número dos inimigos da Augusta Pessoa do Senhor Dom Miguel; os que hoje são seus inimigos, sempre o forão, e, naturalmente, sempre o hão de ser, assim como de todos os Soberanos do Mundo; não são inimigos novos, são os mesmos, antigos, e tão antigos como os seus principios de aversão á Soberania; a experiencia de todos os tempos, e especialmente de meio Seculo a esta parte nos tem mostrado que os Maçons, em lugar de *penitentes*, se tem tornado *pertinazes*, furiosos, e terriveis; sendo o cúmulo da ingratidão para com aquelles, que mais os tem favorecido, e perdoado; semelhantes á cobra, que o Lavrador mette no seio, para a agasalhar do frio, segundo a comparação de *Phedro;* exemplo, que infelizmente tem passado por nossa Casa, e por todos os Paizes, em que a Revolução tem sido *amnistiada*. Que foi, senão o que succedêo a Luiz XVIII, a Carlos X, a Fernando VII, e ao Senhor Dom João VI? Quantos mais favores se fazem dos Maçons, tanto peores se tornão. As rarissimas, e preciosissimas Virtudes do Senhor Dom Miguel, entre as quaes brilha, e muito sobre-sahe a Bondade, não podem dar lugar a inimigos, que não sejão os homens mais malvados, como são todos os Sectarios da Maçonaria.

He sobre os aconselhadores da *moderação*, com os Maçons; sobre esses hypocritas da Realeza, e da Monarchia; sobre esses *piedosos* com os inimigos do Throno, e rigorosos *intolerantes* com os amigos dos Reis, carregando-os de epithetos horriveis, para que os Maçons ponhão os pés no pescoço, dos que mais sacrificios tem feito pela Religião, e pela Soberania; he sobre esses *simulados amigos* dos Reis, que eu devo exercitar a penna, me diz hum *Artilheiro*; porque desta fonte pestifera se tem gerado todos os males, que presenciâmos; não deixando em silencio a nova invenção Maçonica da — *Não intervenção* — isto he, do *modo prático* de fomentar, augmentar, e proteger os Revolucionarios de todos os Paizes, oppondo esta disforme barreira á força, que os Soberanos devem fazer para acabar, com os que maquinão a sua ruina, e a de seus Povos.

Sim, meu *Artilheiro*, eu faria esses, e outros exerci-

cios de penna, se o Augusto Soberano, que nos rege pela graça de Deos, e por ventura nossa, não tivesse escolhido Ministros Sabios, e Providentes, que assaz conhecem estas, e outras cousas, e que sabem, melhor que nós, as medidas, que devem tomar para a Salvação da Monarchia; competindo-nos sómente a nós ouvir as nossas cabeças nos seus respeitosos Mandatos. Eu peço unicamente, como *Capitão*, exigir do meu *Artilheiro*, que faça o seu dever, sem arriscar a vida dos meus Soldados, a saber; *arrasar, e reduzir a cinzas a huma Cidade inimiga*, o que he bem facil; pois os Inglezes arrazárão, e queimárão huma no espaço de hum dia; não contemporisando com os interessados na conservação dos Edificios, e Propriedades da mesma Cidade, que he mais facil, e menos custoso de reedificar, do que o reparar a vida de tantos mortos, e manter tão numeroso Exercito: aquillo de — *dar ao gato, o que ha de comer o rato* — nunca deve esquecer. Esta Sciencia Financeira, Economica, Politica, e Militar entrava no Plano das minhas tarefas; mas já agora esqueça dizer, *que he melhor gastar dous milhões em reedificar huma Cidade, que dous em conquista-la; obrigar ao inimigo a buscar-nos nas nossas posições, em que de certa ha de ser destroçado, que nós buscarmo-lo nas suas, de que podemos ser rechaçados; perder dous mil homens em huma Acção, e segurar a victoria, que sacrificar na mesma dous mil homens em muitas Acções, e expôr a victoria*; agora esqueça tudo na certeza, de que ha de ser lembrado no futuro; porém nunca esqueça que a vida do bravo *Avançarras Francisco Peixoto de Magalhães* valia na presente posição mais, que todos os edificios da Cidade do *Porto*; pois que será mui custoso, e raro achar outro *Peixoto!* Deixemos estas cousas para outro dia, e por esta vez faça-se a vontade a hum *Artilheiro*, sobre o que deseja.

Intervenção Constitucional Ingleza manifesta pelos mesmos Escriptores Inglezes na grande Questão Portugueza.

Salvo o respeito, que se merece a Politica do Governo Inglez, seja-me licito, e permittido tractar os Escriptores, que elle consente, com o mesmo respeito, com que elles

tractão o meu Rei, e Senhor Dom Miguel, e o seu Governo, e a maioria da Nação Portugueza: não posso ser obrigado a tracta-los de outra fórma; colherei as suas passagens, que serão marcadas em formato *grifo;* ajuntar-lhes-hei a minha analyse, e resultará palpavel a impudencia, e a honra; a calumnia, e a verdade. *A Aurora*, Publicação Portugueza, que se faz em Londres, com o fim de animar os Rebeldes, e Constitucionaes de Portugal, traduz, e traslada no seu N.° 39 varias proposições do *Times*, Publicação Ingleza, e por ellas resulta público, o que todo o Mundo suspeitava, ou sabía; mas em que se não fallava por considerações particulares: nossos inimigos mesmos nos dão as armas, e a permissão de usar d'ellas; aproveitemos pois os seus argumentos, e a licença, que elles tem no seu manejo. Respeite-se o Governo Inglez; he justo, e conveniente; mas não he justo, nem conveniente que respeitemos hum Escriptor, que se oppõe á nossa Causa, ainda que lhe ficamos obrigados por nos descobrir esta opposição, que vamos combater. Eia pois

Diz o *Times* de 23 de Agosto, traduzido no N.° 39 da *Aurora* — «*Desde* 1826, *em consequencia da morte d' El-Rei Dom João VI, começárão dous Partidos Politicos armados a disputar-se o Mando Supremo em Portugal.*» — Mente! O Partido Realista não se armou, para disputar o Mando Supremo em Portugal, pois que o desejava nas mãos do Senhor Dom Miguel, a quem pertencia, e pertence, segundo as Leis Fundamentaes da Monarchia; e o Partido Constitucional não disputava esse Mando Supremo, pois o exercia, e exercêo até o Regresso do Senhor Dom Miguel, e ainda algumas semanas depois. *Desde então invariavelmente tomámos a defensão da Causa Constitucional, e dos Direitos do Primeiro Ramo da Familia de Bragança, como o interesse de Inglaterra, e do Mundo Civilisado o requeria.* — Esta passagem dá-me bella occasião, para cumprir a minha promessa feita no N.° 67, e esboçada em detalhe em alguns dos Numeros seguintes; sendo-me necessario muitas vezes não dizer tudo de huma vez, e prometter para ámanhã aquillo, que já hoje está feito, ou que sómente póde fazer-se d'ahi a mezes! Jámais se careceo tanto de artificio como n'estes calamitosos tempos, em

que homens artificiosos não cessão de trabalhar na destruição da Sociedade! Acho-me quasi só no Campo, mas sendo fraco em letras, e tretas com os homens Politicos, com os Revolucionarios valho por dez mil, pois todos elles para mim são menos, que hum insecto sem unhas, nem dentes!!!!!!

Com que *a defensão da Causa Constitucional, e os Direitos do Primeiro Ramo da Familia de Bragança interessa á Inglaterra, e ao Mundo Civilisado?* E se esse *Primeiro Ramo da Familia de Bragança* não defendesse a *Causa Constitucional*, a defensão dos seus Direitos sería *do interesse da Inglaterra, e do Mundo Civilisado?*... Logo os seus Direitos defendem-se sómente por amor da *Causa Constitucional!* Logo se o Segundo Ramo da Familia de Bragança defendesse a *Causa Constitucional*, seus Direitos serião *defendidos por interesse da Inglaterra, e do Mundo Civilisado!* Logo os Direitos não se defendem por serem Direitos, mas por amor da *Causa Constitucional!* Tomemos descanço em paragrafos, porque o caminho he mui comprido, ainda que espaçoso, e plano.

Dizia-me em *Villa Real de Tras-os-Montes* hum *Italiano*, desertor da sua Patria, e do Exercito de Napoleão; taful, e homem de má moral em todo o sentido, e de pessimos sentimentos em materia de Dogma, *bacalhoeiro* de profissão, Sargento, e Instructor, que fôra de Guardas Civicas na dita Villa no anno de 1823; por essas, e por outras, mas não por todas, preso varias vezes, e outras tantas solto por intercessão de homens piedosos, e nesta conta entrei eu, que até alguma vez o acoutei na minha choupana, persuadido, de que o poderia trazer a caminho de Salvação; hoje preso d'Estado, sendo hum dos seus crimes o tracto de morte, que fez á sua mulher! (acabemos a historia das longas, e nunca terminadas maldades deste acérrimo defensor da *Causa Constitucional*) dizia-me elle no anno de 1824 que a esperança de todos os Constitucionaes estava no Brasil, e na Inglaterra: ao que eu — E se Dom Pedro abandonar a Causa Constitucional? E se a Inglaterra tiver maior interesse na Causa da Monarchia?... Applico as hypotheses.

Que cousa he *Causa Constitucional*? A Causa, que

produz, e sustenta livres duas opposições. E póde hum Rei, estando livre, agradar-se sempre de manter dous Partidos, que mutuamente se despedação, e que mais de huma vez abysmão o Throno, e a Soberania? Qualquer Soberano não terá por melhor reinar sobre hum Povo unido, que dividido? E Dom Pedro nascido, e educado em hum Systema de paz, e de união, em que o Soberano governava sem opposição, não poderia abandonar hum Systema, em que nem elle, nem algum dos Partidos podem contar certa a consistencia, e duração? E se elle abandonasse, como de certo abandonaria, estando em sua plena liberdade, esta Causa, que produz, e sustenta as divisões, seria elle defendido pelos Constitucionaes? Qual he o Soberano que seja Constitucional de sua livre, e espontanea vontade? No Mundo não aspira tudo a simplicidade, e unidade? Os mesmos Governos Constitucionaes, os mesmos Republicanos não mostrão sempre huma tendencia rápida, e violenta ao Governo de hum só? Roma, a Grecia, Carthago, Veneza, França, e... todos os Governos Republicanos caminhárão sempre para a Monarchia. Entre duas opposições, ambas livres, e vigentes não póde haver verdadeira, e duradoura paz, e consistencia; o equilibrio dá-se no Mundo Fysico; mas he impossivel no Mundo Moral, Social, ou Politico, ou como queirão chamar-lhe: hum Systema, que produz, e sustenta duas opposições, he hum Systema de discordia, e de guerra intestina: a França o tem mostrado sempre, e a Inglaterra tem de confessar o mesmo de si mesma. Porem esta demonstração não he para hoje; ella entrava nas vistas d'esta Publicação, antes que ella fosse distrahida pelos acontecimentos, que tem tido lugar em Portugal, logo que tracei o meu Plano.

E esta *Causa Constitucional*, assim definida, pois que de facto não he outra cousa, póde *interessar á Inglaterra, e ao Mundo Civilisado?* Será de maior *interesse para a Inglaterra, e para o Mundo Civilisado* tractar com hum Paiz governado por duas opposições, que com outro, em que reina huma mutua, e reciproca concordia, e amizade? Em alguma das opposições ha de estar o erro, a má fé, e a falta de honra, e de probidade: tractar com huma das opposições sómente com exclusão da outra, será proteger,

e exaltar aquella, e opprimir, e humilhar esta; se a protegida, e exaltada fôr a do arro, e da má fé, a honra, e a probidade desapparecerão: tractar com as duas opposições simultaneamente, o que quasi nunca póde fazer-se, e nunca para sempre, he promover o estado de discordia, e das dissensões. Ou *interessará á Inglaterra, e ao Mundo Civilisado* hum estado contínuo de agitação, de revolta, e de guerra?. E n'este mesmo estado tem a *Inglaterra*, e o *Mundo Civilisado* a segurança de não serem perdidos?

Mas: Que entendem os Constitucionaes por *Mundo Civilisado*? Não he *Mundo Civilisado* na sua opinião, e linguagem os Estados Pontificios, ou a Soberania Ecclesiastica, e Civil de Roma; não o he a Russia, a Turquia, a Grecia, a Polonia, a Prussia, e a Alemanha; não o he a Italia com o Governo Monarchico, nem a França com o Throno dos Bourbons, nem a Hespanha com as suas Leis Fundamentaes, nem Portugal com o Senhor Dom MIGUEL; nem mesmo os Tonys são *Civilisados*, segundo a opinião, e linguagem dos Constitucionaes. Não são pois *Mundo Civilisado* os Governos Catholicos, os Absolutos, e os Aristocraticos de qualquer profissão. *He necessario Civilisar os Estados Pontificios, que gemem debaixo do Absolutismo Catholico*, dizem os Constitucionaes, e lá introduzem a Revolução, como se esta fosse a *Civilisadóra*, e não antes a destructóra, e a embrutecedóra das Sociedades. *He necessario Civilisar a Grecia*, e para isso desliga-la da dominação da Turquia, e eis a Grecia em anarchia, caminhando rapidamente para a sua total dissolução. *He necessario Civilisar a Turquia*, e para isso lhe mettem a guerra da Russia, sem que huma nem outra Potencia adiantassem mais, que a consumpção de muita gente, e de muita fazenda. *He necessario Civilisar a Polonia*, e para isso torna-la independente da Russia, e eis a Polonia reduzida a hum cáhos de miserias, e de desgraças, de que sómente o Governo da Russia póde salva-la. *He necessario Civilisar a Russia, e acabar com o seu poder colossal, que póde vir a espalhar a grosseria, a barbarie, a ignorancia, e o Absolutismo por toda a Europa*, e para isso se estabelecem Associações, que introduzão a discordia no interior da Russia, e o ciume nas outras Potencias, para dividir, desmembrar, e retalhar es-

te Imperio, como hum Poder assustador. *He necessario Civilisar a Alemanha*, e para isso pôr em combustão a Confederação Germanica; porque a reunião, e concordia de todos os seus Estados, e Dietas a constitue assaz poderosa, e temivel; e eis muitas Sociedades se reunem para trabalhar n'esta *Civilisação*, ou antes desmembração Austriaca. *He necessario Civilisar a Italia*, e eis a revolução se ateia, desmoralisa os seus Povos, e os corrompe, e perde. *He necessario Civilisar a França, que na continuação do Throno na Familia dos Bourbons se ia embrutecendo*, ou, em linguagem genuina, *ia augmentando muito o seu poder, as suas riquezas, e o seu commercio em todas as quatro partes do Mundo*, e eis os Bourbons no meio da rua; e como está tudo o mais, a França o dirá na diminuição consideravel do seu commercio, e riquezas, e no augmento, e progresso das suas discordias, das suas desordens, e do seu descontentamento. *He necessario Civilisar a Hespanha, porque no progresso do Governo Absoluto se vai incrassando como Cresso, e não convém que ella augmente muito o seu cabedal, que a póde constituir em estado de influir na ignorancia, e na superstição do meio dia da Europa*; revolucione-se pois, seja o Poder Real huma sombra, vão abaixo todos os Baluartes da Realeza, e sobre tudo *fóra Jesuitas*, e eis a Hespanha n'este andamento indo para a sua devastação, e consumpção. Eis o que he a *Civilisação* na linguagem Constitucional; *revolução, e mais revolução*. Portugal, na mesma linguagem, não he *Civilisado*; não he *Civilisado* o seu Clero Secular, e Regular; não he *Civilisada* a Aristocracia, e a Nobreza; não he *Civilisado* o seu Exercito, e Povo, por não estarem ligados á *Causa Constitucional*; e por não estar ligado á mesma *Causa Constitucional* o Senhor Dom Miguel, segundo Ramo da Familia de Bragança, tambem Elle não he *Civilisado*, e, o que he ainda mais estranho, não se defendem seus Direitos ao Throno; de maneira, que não ha Direitos sem *Causa Constitucional*, nem *Civilisação* sem *Causa Constitucional!!*...

A *Civilisação* pois, ou a *Causa Constitucional*, que he huma, e a mesma cousa não defende outros Direitos, que não provenhão d'ella mesma; não sustém Thronos alguns, que lhe não estejão ligados, e dependentes; teme-se

muito do Poder concentrado; oppõe-se á Aristocracia, ás grandes Corporações, ás Instituições da Antiguidade, aos usos, e costumes Religiosos, em huma palavra, a toda a Soberania, e Realeza! Hum Paiz qualquer, governado por Principios Monarchicos, ainda que estes não sejão Christãos, como na Turquia, ainda que sejão Scismaticos, e Protestantes, como na maior parte da Russia, Prussia, e Polonia, e como em muitos Estados da Alemanha, e d'outros Paizes, e muito mais, se elles são totalmente Catholicos, como na Italia, quasi em toda a França, na Hespanha, e em Portugal, se os Principios do seu Governo forem Monarchicos, e ainda mesmo Aristocraticos, esse Paiz nunca se considera *Civilisado*, segundo a opinião, e linguagem dos que a si mesmos se chamão *Constitucionaes*. He pois a Demagogia, a que sómente se reputa *Constitucional*, e a que a si mesma se chama *Civilisada*, e conseguintemente a que está em opposição com todas as outras gentes, que lhe não estão ligadas, e dependentes pela identidade de sentimentos, e pela communicação de interesses! Os Póvos das Provincias, segundo a opinião, e linguagem dos Constitucionaes, tambem não são *Civilisados!* O *Times* me subministra estas, e outras provas, que apparecerão no progresso do exame desta *Intervenção Constitucional* na grande Questão Portugueza, e em todas as Questões Monarchicas de todos os Paizes.

Quaes são pois os Verdadeiros *Constitucionaes*, e *Civilisados*, segundo a sua mesma linguagem, e opinião? Não de certo os Soberanos; não a Aristocracia; não os Corpos de mão morta; não o Clero Secular, e Regular; não a Nobreza dos mesmos Exercitos; não quaesquer gentes, que vivão, e se nutrão dos antigos usos, e costumes; não os Póvos rudes, que se não importão de theorias; não finalmente os Agricolas, que sómente se interessão da fecundidade dos seus Campos. Quaes são pois os Verdadeiros *Constitucionaes*, e *Civilisados?* Este he hum exame de grande importancia sobre a nossa Questão Portugueza, e sobre todas as Questões da Europa. Em tres Classes considero eu, muito tempo ha, que póde distribuir-se politicamente qualquer Estado do Mundo; Classe *Alta*, Classe *media*, Classe *infima:* a Classe *Alta*, da qual os Sobera-

nos são a Cabeça, que comprehende a Aristocracia, a Nobreza, e os Principaes Funccionarios do Estado, do Sacerdocio, e do Exercito, que vivem, e se nutrem das suas antigas possessões, privilegios, e regalias; que finalmente recebem todo o seu esplendor, e interesse da conservação da Realeza; esta Classe educada, e abrilhantada pelos principios Monarchicos não he *Constitucional* ordinariamente, não he tambem *Civilisada*, segundo a linguagem, e opinião dos que a si mesmos se chamão Constitucionaes. A Classe *infima*, a qual comprehende a todas as gentes Agricolas, e a todas as que dependem da Classe *Alta*, affeita a viver na simplicidade dos seus antigos usos, e costumes, na singeleza dos seus trabalhos, e misteres, e na singeleza das suas idéas, ordinariamente não he *Constitucional*, pois que se não importa de theorias, nem he *Civilisada*, segundo a linguagem, e opinião dos que a si mesmos se chamão *Constitucionaes*. Resta pois a Classe *media*, a qual comprehende as gentes industriosas, ou nas Letras, ou nas Artes, que nem participa da humilhação, e dos suores da Classe *infima*, nem da elevação, e do esplendor da Classe *Alta*; que desdenha d'aquella, e tem inveja d'esta; que se alimenta de huma, e deseja alimentar-se da outra; que não quer degradar-se, trabalhar, e soffrer como aquella, e arde por elevar-se, e engrandecer-se na altura, e felicidade desta! Comtudo n'esta Classe *media* ha muitas gentes, que estão ligadas, e dependentes da Classe *Alta*, e que por isso lhe vivem adherentes, e affeiçoadas, e ha outras, que, contentes da sua sorte, desejão a sua conservação, e por isso amão a paz, e abborrecem o estado de opposição; estas duas fracções da Classe *media* tambem não são *Constitucionaes*, nem são tidas, e havidas como *Civilisadas* por aquelles, que a si mesmos se dão o nome de *Constitucionaes*, e *Civilisados*. Eis-aqui o que ha no Mundo de *Constitucional*, e *Civilisado*; huma grande parte da Classe *media*, e todavia esta parte na verdade he grande, de mais de meio seculo a esta parte, depois que as Revoluções começárão a andar em voga, não porque as Revoluções *Constitucionalizem*, e *Civilisem* os Póvos, mas porque as Revoluções augmentão muito o numero da Classe *media*, diminuem assaz a Classe *infima*, e abatem consideravelmente a Classe *Alta*. Sim, as Revo-

luções, ou para triunfarem, ou para serem desbaratados, trazem a necessidade de augmentar os Póstos, Empregos, e Cargos do Estado, assim no Militar, como no Civil, e tambem alguma cousa no Ecclesiastico, ao menos nos Paizes Catholicos. Estes Funccionarios são pela maior parte tirados da Classe *infima*, á qual jámais voltão, resultando, que nas Revoluções são roubados muitos braços fisica, e moralmente á terceira Classe; e a Classe *Alta* he abatida consideravelmente, não só pelo muito, que nas Revoluções tem de perder das suas riquezas, e dos seus privilegios, como porque o grande numero da outra Classe, que se lhe aproxima, lhe diminue o seu esplendor, e brilhantismo.

Ora, esta Classe *media*, assim augmentada, e distinguida, crêndo-se com direitos iguaes á Classe *Alta*, não podendo voltar á terceira Classe, de que ordinariamente foi extrahida; não contente do meio termo, em que foi constituida, pertende escalar, assaltar, e tomar as riquezas, as distincções, as honras, as mercês, os privilegios, as regalías, finalmente, todo o esplendor, e brilhantismo da Classe *Alta*. Eis-aqui as duas opposições, que se dilacérão na Europa; huma por conservar, o que de longos seculos tem adquirido; outra por adquirir, o que entende haver merecido em poucos dias; parecendo-lhe ser mui pouca a distincção, que se lhe tem dado na Sociedade! Nesta opposição a terceira Classe he sempre a paciente. Da ambição da Classe *media* vem todos esses esforços por tornar odiosa a Classe *Alta*, denominando-a *oppressora*, *ociosa*, *morta*, *fanatica*, *superstiziosa*, *inutil*, *despotica*, *incivilisada*, e com todos os epithetos de horror, e de execração. Como esta Classe *media* maneja esta destructora, e anarchica intriga; como sustenta esta horrivel, e furiosa opposição; como fomenta, e protege esta sanguinaria revolta, e perseguição, ao mesmo passo, que se chama *Civilisada*; como ella arrasta ao seu Partido a huns poucos individuos da Classe *Alta*; como ella procura fazer-se com a Classe *infima*, interessando a alguns na sua mesma Causa, chamando-a *Causa Constitucional*, *Causa dos Póvos contra os Reis*, quando he Causa *contra os Reis*, e *contra os Póvos*, que são sempre as victimas em todas as Revoluções; *Causa da Liberdade contra o Despotismo*, e *Tyrannia*,

quando esses, que a si mesmos se chamão *Constitucionaes*, e *Civilisados* são os verdadeiros Despotas, e Tyranños; como em fim obra em tudo isto a *irreligião* com capa de Religião, a *ambição* com o manto da igualdade, a *tyrannia* com côr de liberdade, a Classe *media*, que está em opposição com a Classe *Alta*, o sabe, pois que obra com muito estudo, e muito de proposito: eu tambem o sei, porque muito de proposito tenho estudado muito por adquirir estes conhecimentos, que em linguagem pacifica me havia proposto dar ao Povo Portuguez, quando tracei esta Publicação: mas estes tempos de huma Revolução Militar, que persegue a Portugal, me distrahem do meu proposito; a elle voltarei em dias serenos, se Deos der a Paz ao Mundo, e a mim a vida, para abrir os olhos á Classe *infima* do Mundo attenuada, e oppressa pelas duas opposições em campo.

Eis todavia o Estado da Europa, ou, em que a Europa está constituida, e em que a Classe *media*, na sua maioria, quer abysmar os Thronos, a Classe *Alta*, e os Póvos; disputando, e roubando-lhes a sua Moralidade, a Realeza, a Soberania, a Paz, e a Prosperidade, que gozavão nos dias antigos. Se pois os Soberanos não poderem, ou não souberem reprimir esta erupção, e explosão medonha, inquieta, e turbulenta d'essa Classe, chamada *Constitucional*, e *Civilisada*, podem desde já renunciar á Soberania, e a tudo o que os Seculos antigos chamárão bom, util, agradavel, e honroso no Mundo!... Considere bem a Inglaterra, e todas as Nações da Europa se he do seu interesse sustentar, nutrir, e ter em pé estas duas opposições, que dividem, rasgão, e despedação as entranhas de todos os Póvos, pela maior parte educados, e apossados de longos Seculos nas idéas, doutrinas, e costumes da Soberania, da Aristocracia, da Realeza, e respectivamente da sua Religião. Estes dous Partidos não podem viver juntos, por mais que se allegue o exemplo dos Whigs, e Torys em Inglaterra, onde elles fizerão tanto barulho depois das desordens, que houve no tempo do Rei Carlos I até á morte da Rainha Anna, formando aquelles a opposição Republicana, e estes a da Authoridade Real! Veja a Augusta Casa de Hanover, depois que subio ao Throno da Grã-Bretanha,

se a Nação dividida em dous Partidos não tem sido ameaçada, mais de huma vez, de se affogar no seu proprio sangue! Considere, e pondere o actual Ministerio Inglez, se os Póvos não estão expostos á anarchia na manutenção de dous Partidos em vigorosa, e tenaz opposição.

Toda a Europa convirá que o Throno de Portugal nas Mãos do Senhor Dom Miguel não he favoravel á *Causa Constitucional*, e á essa *Civilisação*, que se pertende dar aos Portuguezes, affeitos de longos Seculos ás Instituições Monarchicas, á Aristocracia, ás Corporações Ecclesiasticas Seculares, e Regulares, e a outros usos, leis, e costumes, que datão dos principios da Monarchia, pelos quaes vivêrão, e prosperárão assim na paz, como na guerra; e deixárão viver, e prosperar as outras Nações, mantendo, e desempenhando com ellas fiel, e escrupulosamente os Tractados de toda a especie, a que se havião ligado. Convirá toda a Europa que o Throno de Portugal nas Mãos do Senhor Dom Miguel não protege a Demagogia, a licença absoluta das Opiniões Religiosas, e Civís, a irreligião, a desmoralisação, e a impiedade; e que pelo contrario Elle, segundo as Instituições Fundamentaes da Monarchia, protege a Aristocracia, a Nobreza, a Propriedade, a Liberdade Religiosa, as Corporações Ecclesiasticas, a Vinculação dos bens, e todos os elementos constitutivos da Realeza. Não poderá porém dizer a Europa que o Throno de Portugal nas Mãos do Senhor Dom Miguel embarace o andamento Politico, e Religioso (de qualquer natureza que elle seja) de alguma Nação do Mundo, que Elle se opponha á Opinião de algum Povo da Terra, que Elle tôlha o commercio, e a felicidade de nenhum Paiz. Porque pois se *defendem os Direitos do primeiro Ramo da Familia de Bragança?* Por que elle está ligado *á Causa Constitucional?* E não he claro que a Nação Portugueza tem mui livremente detestado essa Causa? Logo, porque principios, direitos, e fórmas se ha de obrigar a huma Nação inteira, a que siga huma *Causa Constitucional*, que a mesma Nação entende ser contraria á sua educação, ás suas idéas, e costumes, aos seus interesses, e á sua paz? Certamente a defensão da *Causa Constitucional*, e *dos Direitos do primeiro Ramo da Familia de Bragança* contra a Vontade

livre da maioria da Nação Portugueza, e contra os sólidos, e incontestaveis Direitos do Senhor Dom MIGUEL, tal defensão não póde ser feita senão por fórmas revolucionarias, que muito desdourão o epítheto de *Civilisados*, que para si tomárão mui graciosamente, os que a si mesmos se denominão *Constitucionaes*. Exigirá o *interesse do mundo Civilisado*, que se defenda o *minimum* da Nação Portugueza contra o *maximum*, e quasi total livre, e espontaneo da mesma Nação! Isto he *civilisação*, ou revolução, arbitrariedade, despotismo, e a maior de todas quantas tyrannias se tem exercitado no Mundo inteiro! Que poderá *interessar ao Mundo Civilisado* o *minimum* de huma Nação, sempre reluctante com essa decantada *Civilisação*?!!!

Mas eu venho aos *interesses da Inglaterra*, pelos quaes, diz o Times, que *tomára invariavelmente a defensão da Causa Constitucional, e dos Direitos do primeiro Ramo da Familia de Bragança*. A qual dos dous Partidos existentes na Inglaterra interessa esta *defensão da Causa Constitucional, e dos Direitos do primeiro Ramo da Familia de Bragança*? Aos Torys? Não certamente, pois a sua maioria não está no sentido d'essa defensão. Aos Whigs? Parece, que sim; pois alguns d'elles tomárão essa defensão. O Nobre Conde Grey, respondendo á Falla do Nobre Duque de *Wellington*, na Camara dos Lords, no dia 16 de Agosto do corrente anno, confessa que o Nobre Duque tinha direito de ligar os negocios de Portugal com os da fazenda de Inglaterra, e que ninguem podia por hum só momento duvidar que pedia o interesse da Inglaterra o conservar a paz em Portugal, e ninguem mais anciosamente desejava do que elle Conde, que a actual contenda tivesse prompta, e satisfactoria conclusão. Ora a este exame dos interesses da Inglaterra sobre os negocios de Portugal virei em o seguinte N.°, e por isso a materia presente *continuar-se-ha* nos termos da Lei, mas sempre tocando o Clarim.

Portuguezes! Soldados! Não vos deixeis arrastar jámais dos papeis subversivos, que do Porto se espalhão entre vós, para vos perder, e deshonrar. Nenhum outro Soberano póde fazer-nos felizes senão o Nosso Grande Rei, e

Senhor Dom Miguel. Nenhuma outra Causa senão a da Realeza, que seguem, e defendem tantos Grandes, tantos Nobres, todo o Clero, e todos os bons Christãos, póde dar-nos a paz, e a prosperidade, que desejâmos. Sejâmos todos constantes; tenhâmos Religião; presemos a honra; cumprâmos a palavra; guardemos o juramento; conservemos o nosso nome; vinguemos os nossos mortos; ganhemos gloria, e fama; defendâmos o nosso Deos, o nosso Rei, e a nossa Patria; e n'esta brilhante, e utilissima defeza *morrâmos, ou vençâmos; vençâmos morrendo, e morrâmos vencendo*, para que os nossos inimigos, os malditos Constitucionaes, os malvados Pedreiros Livres não escarneção, não zombem, não mofem de nós. Odio eterno, e implacavel aos inimigos do Nosso Deos, e do Nosso Rei! Viva sempre a Sancta Religião! Viva por todo sempre O Senhor Dom Miguel Rei Absoluto! Vivão os Verdadeiros Portuguezes!

Lisboa 29 de Outubro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 79.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Soldados! A voz do Nosso Grande Rei, e Senhor Dom Miguel deve ser o Norte das vossas Operações! Obediencia, União, Denodo, e Valôr! Vós não podeis deixar de triumfar! Mas invocai sobre tudo o favôr do Ceo!

Se o Ceo não protege o valôr, este não será triumfante; mas, para que o Ceo o proteja, he necessario invocar o mesmo Ceo: esta invocação, ainda mesmo feita pelos peccadores, he huma virtude, e hum acto, e prova de Religião. Sobre a pedra do Christianismo se levanta o artificio da boa disciplina; porque a Religião não entra sómente na obrigação particular dos Estados, mas tambem estende os seus preceitos ás obrigações geraes para com a Sociedade: a Religião refrêa os animos viciosos, regula as acções públicas, e particulares, dá authoridade ás Leis Civis, une os genios mais oppostos, porque os prende com as cadêas da Caridade, promove a ordem, e dissuade a transgressão da Lei. Os Estados de Militar, e de Christão

unem-se muito bem debaixo de hum Governo Christão. Toda a Antigüidade, até o mesmo Gentilismo, dêo grande peso, e valôr á Religião. Os Romanos em todas as suas Assembléas, antes de tractarem sobre os Negocios da Paz, ou da Guerra, propunhão os meios para a perfeita observancia da Religião, julgando por impossivel a felicidade da sua Republica, se n'ella faltasse a veneração dos seus Deoses. Quando *Romulo* lançou a primeira pedra da Fundação de Roma, levava n'ella escriptos os Dogmas da sua Religião, como attesta *Dionisio Halicaris*. *Numa Pompilio* valêo-se da Religião para evitar as desordens de hum Povo barbaro, e desenfreado. *Scipião* sempre consultava o seu Deos. *Publio Scyla* mostrava hum Sello de *Apollo*, insinuando que este lhe ordenava, e approvava as batalhas. *Sertorio* (não he o infame Pirata *Sartorius*, que nos nossos dias infesta os mares Lusitanos) remettia as suas dúvidas ao Conselho da Deosa *Diana*, e dizia que ella lhe mandava as suas decisões por huma Cerva. *Minos* affectava a audiencia dos Deoses. Tantas erão as ficções dos Gentios! E o certo he que com ellas prendião, e união o coração dos Povos, e dos Exercitos; e os seus Estados de tal sorte florecião, e prosperavão, que *Polybio* attribue a grandeza do Imperio Romano á pontual observancia da sua Religião. E haverá algum General Portuguez, que no Systema da sua Politica Militar não vincúle, e estreite os animos das suas Tropas á Religião de hum Deos Verdadeiro! Se hum General deve pertender que todas as suas Operações sejão filhas da reflexão, pensando de dia, qual outro *Cyro*, o que deve obrar de noite, e pensando de noite, o que deve obrar de dia, elle deve tambem, como *Cambyses* aconselhava ao dito *Cyro* seu filho, fazer todas as cousas, e tomar todas as suas disposições com as vistas em Deos, mantendo sempre, e indefectivelmente o seu Culto, e Veneração entre os seus Soldados. Ah! Em que Seculo estou escrevendo! Os Pedreiros zombão d'estas doutrinas. Mas em Portugal o Augusto Nome do Nosso Grande Rei, e Senhor Dom Miguel será mais immortalisado, que o nome de *Numa Pompilio*; porque em nenhuma cousa trabalhou mais, que em applicar-se ás cousas da Religião assim na paz, como na guerra.

David, conta a Historia Sagrada, que, em quanto andou occupado nas guerras necessarias ao estabelecimento da sua Soberania em Israel, não póde igualmente cumprir, o que desejava, e pertencia ao Culto; mas obtida a paz pelo vencimento dos seus inimigos, se entregou todo aos Hymnos, e Psalmos em louvor do Deos, que o fez triumfante. *Ezequias* estando em muita paz cuidava assiduamente de todo o esplendor, e brilhantismo da Religião. O Mundo por estes Cultos a hum Deos Auctor de todos os bens, assim na paz, como na guerra, respeita, e classifica no número dos Heróes, os que promovem estas observancias Religiosas, tão interessantes aos Povos.

A que gráo de Heroismo não deveráõ levar os presentes, e vindouros ao Nosso Admiravel Rei, que mesmo no calôr da guerra, tempo em que mal se podem refrear as paixões dos homens, zela tão exactamente o exercicio da Religião? Não fará a admiração, e exemplo de todos os Seculos este Portentoso Soberano, que nos tempos mais turbulentos recorre ao invariavel Propugnaculo da Religião, para obstruir os máos costumes, que o tempo da guerra traz comsigo; para que a Authoridade da Religião, que aperta muito mais que outro qualquer vinculo Natural, ou Legal, ou Voluntario, faça a cada hum dos individuos do seu Povo, e do seu Exercito bem morigerado, sobrio, comedido, e civilisado? Em que outros dous Polos, que nos da Religião, e da Justiça póde girar a Esfera de qualquer Estado?

Sem Religião, sem Justiça não se observão as Leis, que são os nervos de qualquer Povo, e Exercito; pois assim como os nervos ligão o corpo animal para não se desatar a maravilhosa maquina da sua organisação, da mesma fórma as Leis proporcionão a symmetria do Povo, e do Exercito, para que seja perduravel, e indissolvel entre os seus membros. Mas Leis sem Religião? He huma chimera. De nada valem a persuasão dos discursos mais bem alinhados, toda a doçura da voz de *Orpheo*, que attrahia a vontade dos homens, segundo as Fabulas dizem, ainda que fossem de pedra; toda a agudeza, e magnetismo da lingua de *Mercurio*, que tornava uteis para a Patria todos os entendimentos, e vontades de todos os homens; toda a elegancia

de *Agamenon;* toda a força attractiva de *Menelão;* toda a suavidade de *Nestor;* toda a copiosa affluencia de *Ulysses;* toda a grande facundia de *Páris;* toda a engenhosa oratoria de *Alexandre;* toda a efficaz discrição de *Achilles;* toda a apparatosa promptidão de *Augusto;* toda a pomposa gravidade de *Julio Cesar;* tudo isto sem Religião de nada val, ou he momentaneo, precario, incerto, e insubsistente.

Para pôr o Exercito Portuguez em ordem, (pois para Portuguezes escrevo) para attrahir os Soldados á Virtude; para lhes influir veneração, e respeito á Religião, nada tão efficaz como a Augusta Presença do Nosso Virtuosissimo, e Piedosissimo Rei, e Senhor Dom MIGUEL. Com o exemplo, que, segundo *Quinctiliano*, he a razão mais efficaz de persuadir, o Nosso Grande Rei propaga a virtude, acode ao virtuoso nas suas afflicções, soccorre-o na necessidade, alivia-o na pena, faz-se com Animo Real seu Companheiro nos trabalhos; he suave para os bons, respeitavel para os máos, modifica-lhes todos os incómmodos com o costume de soffrer, e faz voluntario o forçoso; sempre o mesmo em todos os successos, todo para a Religião, e para a Patria, lembrado sómente dos seus Povos, e dos seus Soldados, sómente de si mesmo se esquece! Portuguezes! Soldados! Que outra Nação do Mundo teve, tem, e terá hum Rei, e hum General, como nós temos na Augusta Pessoa do Senhor Dom MIGUEL, nosso Companheiro nos trabalhos, nosso Camarada nos perigos, nosso Irmão na sorte, nosso Pai nas afflicções?!!!

Do Nosso Rei sahe esta fortaleza, que he filha primogenita da prudencia, que, sahindo á luz nos braços da constancia, do conselho, e do soffrimento dos trabalhos, tem coroado de invenciveis tantos corações alentados: a fortaleza occupa não só hum verdadeiro assento no Magnanimo Coração do Nosso Rei, mas como huma centelha electrisa o Exercito, fazendo-lhe conhecer que na Religião estriba a fortaleza a sua força, e na justiça o seu triumfo, por onde os Portuguezes sempre animosos nos trabalhos inseparaveis da guerra, e sempre dispostos a acções heroicas, disputárão por tanto tempo a *Marte* o titulo de Arbitro da guerra, pois que elles amavão na morte o triumfo, aborre-

ção a infamia, e despresavão a propria vida em proveito da Patria, e do Soberano; capacitando-se, de que não são ditosos os Soldados, que sobrevivem aos males do seu Paiz, para quem elles nascêrão, não para si mesmos; e que sómente erão felizes, e gloriosos, dignos de que a Fama, e a Posteridade immortalisasse os seus nomes, quando em defeza da sua Religião, do seu Soberano, e da sua Patria morrião como Martyres da sua obrigação, da sua fidelidade, do seu valôr, e da sua constancia.

Com esta Virtude da fortaleza, que emana de hum Regio Coração Votado á Salvação da Religião, e dos seus Povos, o Nosso Magnanimo Rei, Magnanimo na guerra como na paz, dá execução ás causas, que a prudencia, e a justiça subministrão, aproveitando toda a opportunidade conveniente ás Operações; porque o valôr tem as suas forças nos braços da occasião, d'essa occasião, que os Romanos pintavão na figura de huma Nympha, e os Gregos na de hum Menino nú com hum pé suspenso no ar, e outro posto em huma roda, para mostrar a sua volubilidade, e que muitas vezes vai, e não volta; porque se a utilidade de hum medicamento applicado fóra de tempo corre grande perigo, de se não verificar, tambem a grandes riscos se expõe, o que nas suas resoluções não tem em consideração a conjunctura, e a occasião, pois que he principio assentado entre todos os Politicos, que a occasião he á chave, que abre as portas ao valôr, e mostra o caminho para as acções heroicas; mas, deixando-se passar, tudo se perde, porque ella (a occasião) tem a natureza de instantes, que passados não tornão, bem como as ondas do mar contínuas, e volantes, que, depois de vistas, nunca mais tornão a vêr-se.

Todavia o Nosso Esforçado, e Valorosissimo Rei, ainda que a occasião se escape, com igual serenidade, e constancia espera o cauterio da adversidade, e o lenitivo da bonança, mostrando fortaleza nos revezes, e moderação nas venturas; proporcionando sempre o animo com os acontecimentos; ora acautelando a perturbação na fortuna contraria; ora despresando o desvanecimento na fortuna prospera. Assim como as robustas arvores quanto mais são combatidas dos ventos, tanto mais firmes tem as raizes,

assim tambem este Real, e Grandioso Genio do Nosso Incomparavel Rei, quanto maiores são os trabalhos, e perigos que O cercão, tanto mais Elle firma a sua Magnanimidade; não se embaraçando, nem confundindo pela grandeza do abatimento: bem differente do afamado *Hercules*, que, para não soffrer os trabalhos, e as dôres das feridas, appetecia a morte, o Nosso Grande Rei tolera valente todos os incómmodos, e riscos da vida, mostrando Generoso, que faz tudo, o que póde na Defeza da Independencia, e Honra do seu Reino.

Rei o mais Valoroso de quantos tem cingido a espada! Elle não conhece o medo, esse falso mestre da prudencia, como diz *Plinio*, e verdadeiro Pai da cobardia: Seu Exemplo de não temer as circumstancias mais trabalhosas, e de arrostar os perigos mais visiveis, quando a honra da Sua Augusta Pessoa, do Seu Throno, e do Seu Reino o exigem, fabricou hum Exercito de ferro na forja das balas, e da morte! A energia, a actividade, o zelo, a efficacia, o enthusiasmo, o valôr, o denodo, a coragem, a intrepidez, o triunfo, e a victoria andão com o Nosso Grande Rei, porque a Religião, e a Justiça são o caracter do Seu Regio Coração, são o distinctivo de todas as Suas Augustas Qualidades, são o emblema de todas as Suas Magnificas Acções, são, em huma palavra, a alma da Sua Grande Alma! Portuguezes! Soldados! Onde acharemos nós hum Rei tão digno de ser amado, obedecido, e respeitado? Tem o Mundo inteiro algum Principe, que possa, e mereça ser-vos tão amavel, e tão bem acceite? E onde haverá hum General Esforçado, Valoroso, e Heroico, que mereça ser seguido, e defendido como o Senhor Dom Miguel, o Libertador da nossa Patria, o Restaurador das nossas Leis, e Liberdades, o Protector, e Conservador da Nossa Sancta Religião? Portugal não tem outro: o Mundo não tem segundo!!!

Não sei que foi, o que me trouxe para aqui! — *Jovis omnia plena.* — Certamente a lembrança do meu Grande Rei, e Senhor Dom Miguel. Quanto mais ausente de mim, mais presente O tenho, podendo dizer com mais propriedade, que o Poeta Latino. —

Ante, pererratis amborum finibus, exul
Aut Arabim Parthus bibet, aut Germania Tigrim
Quam nostro illius labatur pectore vultus.

Agora já não he preciso inculcar mais a Virtude aos Póvos, e aos Soldados, quando elles tem presente o seu Rei, e General, que he o Modélo de todas as Virtudes. Sómente da Sua Real Presença carecia esse Exercito enfunado em odio contra os Rebeldes, pois cada Corpo do mesmo Exercito rivalisa entre si sobre a maioria do odio, e cada Soldado he hum Leão, que mede a Victoria pelo ardor, que o devora, de acabar com a Rebellião. Talvez lhe faltasse sómente a Disciplina. Porém o Nosso Grande Rei com a Sua Justiça, Fortaleza, Exemplo, Affabilidade, e Religião vencerá todas as difficuldades, e em poucos dias apresentará ao Mundo hum Exercito respeitavel em todo o sentido, que recolherá tantas Victorias, quantas forem as occasiões, em que se houver de romper com os inimigos, ferir, escalar, penetrar, e despedaçar.

O premio dos bons, e o *castigo dos máos*, duas Deidades na linguagem de *Democrito*, e que, segundo escrevêrão *Plinio*, *Valerio Maximo*, e *Cicero*, são a Politica mais poderosa para conservar toda a Sociedade; esta justiça distributiva, e punitiva, que *Homero* chama *Virtude Celestial*, e *Aristoteles* denomina *Salvação da Patria*, será nas Mãos do Nosso Grande Rei, e General o meio de estabelecer no Exercito aquella attitude verdadeiramente militar, e guerreira, que mófa dos perigos, que zomba da morte: separando os bons dos máos, para que estes não inficionem aquelles, a todos moverá a obrarem o bem, e a absterem-se do mal; porque com esta Disciplina os bons com mais animo se empregão na Virtude, quando os máos são punidos, e quando o premio, e o louvor lhe sómente distribuido ao virtuoso; pois que o louvor he mui persuasivo; e a Virtude premiada, e reconhecida cresce, e revive, da mesma fórma, que a maldade se augmenta, ficando impune, e a Virtude murcha, se a desprezão. Quanto não he temivel em qualquer Sociedade, e mui principalmente no Exercito, a falta da justiça distributiva, e punitiva! Nada ha, que tanto faça os Soldados verdadeiramente Disciplinados

dos, como a justiça por meio dos premios, e das penas, ainda que não deve esquecer jámais, como dizia *Cambyses* a seu filho *Cyro*, que *a urbanidade, e a prudencia são o caminho mais curto, para os Soldados fazerem de boa vontade o mesmo, a que são obrigados.* Com a justiça se dá bem as mãos a clemencia, e a affabilidade, procurando na mesma severidade do castigo tal prudencia, que, com o menor damno possivel do réo, se satisfaça a vingança devida ao Crime, e á Offensa do Estado, segundo aquella Sentença de Cicero — *Difficile est dictu quantum concilient animos hominum amœnitas, affabilitasque.* — Todos os homens naturalmente, e de boa vontade obedecem áquelle, que promove a sua felicidade, obrando justiça com elles, e tractando-os com bondade no mesmo rigor. Portuguezes! Soldados! Qual Rei, Qual General tractou jámais os seus Póvos, e Soldados com mais brandura, e affabilidade, com mais clemencia, e piedade no mesmo uso da justiça punitiva? Qual Rei, Qual General promovêo mais a felicidade dos Seus Póvos, e Soldados como o Nosso Grande, e Incomparavel Rei, e General o Senhor Dom Miguel I? Sigâmo-lo, obedeçâmos-lhe, defendâmo-lo, porque da nossa obediencia ha de proceder a nossa Victoria, a paz, e a prosperidade.

Insensivelmente entrei em materia: depois que me arvorárão em *Capitão*, parece-me que estou sempre com os meus Soldados, todos elles defensores da Religião, do Throno, e da Patria, e que não césso de lhes dizer — Obedecei, porque a obediencia he o dever, e he a gloria de todo o bom Soldado, que deseja salvar o seu Paiz, e a si mesmo. — *Cassiodoro*, e *Valerio Maximo* não céssão de ensinar aos Militares, que vai mais na obediencia de hum Capitão, do que em gloriosas victorias, que elle alcance; e o grave Orador *Porcio* confirma esta doutrina com o exemplo dos Romanos, que tinhão por inalteravel o castigarem, aos que sem mandato pelejavão, e vencião, e não, aos que, sendo mandados pelejar, erão vencidos; e com o exemplo dos *Athenienses*, e dos *Carthagineses*, dizendo destes, que condemnárão á morte ao forte *Hannon* — *quod edicto Senatus minùs obtemperavisse putaretur* — porque havia respeitado pouco as Ordens do Senado; e sendo increpados os

Carthagineses de tão rigorosos nas suspeitas, *Porcio* os justifica dizendo, que *he menos mal o castigo nas suspeitas, que o exemplo no crime.* A *Sempronio* triumfante chamou *Athenas* a juizo, porque contra a Lei subíra ás muralhas, e defendêra a Cidade de hum grande assalto. *Manlio*, contra a ordem do Dictador, ainda que este era seu Pai, sahio a pelejar, e vencêo; mas foi decapitado por ir contra a Ordem. E que tal era o *Absolutismo*, e *Despotismo* daquelles Senhores Republicanos? E os de agora que tem a dizer da moderação, e equidade do Governo Real Absoluto? Verdade he, que essa obediencia Militar era mui precisa, para conter o capricho, e o orgulho de muitos Chefes, que com demasiada esperteza arriscavão as batalhas sem ordem, e algumas vezes contra ordem; e assim como as vencião, podérão não vencê-las, e então expôr a Patria a maiores perigos, e talvez á sua total ruina? muito bem, pois era castigada a sua temeridade, ainda que se seguisse a Victoria; porque tambem podia seguir-se a ruina; e hum Capitão não deve obrar ao acaso, nem arriscar tudo ao seu arbitrio. Mas eu como *Capitão* tenho aqui a dizer algumas cousas.

Os Generaes rivalisão muitas vezes entre si, levando a sua rivalidade, ciume, e odio a perderem-se mutuamente, não lhes importando que a Patria se perca, por satisfazerem as suas paixões particulares. Generaes tem havido, que devendo obrar de commum accordo, para desbaratarem o inimigo, se tem entre si mais odio, que ao mesmo inimigo, que devem atacar; e assim põe todo o empenho em se perderem huns a outros, não atacando, nem cooperando estes, quando atacão, e obrão aquelles, e assim alternada, e reciprocamente. General tem havido, que por inveja da gloria tem feito todo o esforço, para que outro General com as suas Tropas fosse sacrificado. General tem havido, que por disputar a gloria a hum seu Companheiro ataca por si só, e sem o auxilio deste, e querendo ostentar a sua independencia d'elle, e o seu valôr, tem mostrado a sua maldade, seu erro, sua loucura, e demencia. General tem havido, que para roubar a gloria ao Successor, que se lhe nomeou, ataca, antes que lhe succeda, e não só perde a sua gente, mas até a perde, para o que lhe succede.

Estas desobediencias, estas barbaridades, além da má intelligencia, da desintelligencia, e da ignorancia, tem succedido muitas vezes entre os Generaes; e quem paga estas trahições he a infeliz Patria, que sustenta estes monstros, mil vezes mais temiveis, que os proprios inimigos. Mas o cabo dos males he, quando o mesmo Governo dividido em parcialidades alimenta estas aliás intelligencias, ou desintelligencias, ou ignorancias, ou discordias, ou ciumes, que mais de huma vez tem atirado de pernas para o ar com o Governo, e com os Estados! Quantas vezes huin Governo, querendo desconceituar hum bom General, e perdê-lo, ou põe á sua disposição poucas forças incapazes de resistir ao inimigo, ou faz que outros Generaes o não soccorrão, ou o mette em posição de que lhe he impossivel sahir-se bem, ou lhe entrega a decisão de huma Causa, que já se julga perdida! Quantas outras vezes hum Governo, querendo dar opinião a hum General da sua devoção, sendo aliás hum Militar fraco, ignorante, e papalvo, põe ás suas ordens forças infinitamente superiores para destroçar hum inimigo pouco numeroso, e imbecil, ou por dar, e ganhar huma Acção, que não pesa huma oitava na balança da Patria! E a infeliz Patria sempre victima destes caprichos, e parcialidades! Ora vejão os Revolucionarios se eu sou hum grande *Capitão!* Mas hoje não he o meu negocio com os vivos; he com os mortos; e aqui a Historia he sempre livre, assim fosse sempre verdadeira, o que muito duvido, porque os Historiadores, commummente, tambem tem as suas parcialidades, e *paixonetas*. Porque se não diga, que fallo ao ar, venhão alguns exemplos d'essas Historias em confirmação, do que acabo de dizer sobre os Generaes, e sobre os Governos, e em comprovação, de que a obediencia cega ás Leis nem sempre foi seguida por alguns grandes homens, quando entendêrão que essas Leis punhão em perigo a Patria; querendo n'esse caso faltar á obediencia, antes que abandonar a Salvação do seu Paiz; exemplo arriscado, que só grandes homens podem imitar!

Depois da perda da batalha de *Cannas* pelos Romanos (já se entende que fallo de successos antigos) resolvêrão os Chefes das melhores Casas de Roma, reunidos em casa de *Metello*, abandonar a sua Patria, e procurar hum asy-

lo em qualquer Nação Alliada. (Que exemplo este, se podesse deduzí-lo a mil semelhantes!) Chega *Scipião*, o Africano, então apenas Coronel, e diz a essa multidão de cobardes, entre os quaes se contavão Generaes, e .... — *Juro de todo o meu coração que não abandonarei a minha Patria, nem soffrerei que alguem a abandone: se alguma de vós duvidar fazer este Juramento, saiba que eu o degolo.* — Foi seguido, mas desde então não houve peça, que não procurassem fazer-lhe aquelles Generaes, e Officiaes cobardes, e trahidores; porque ninguem folga de ser reprehendido em taes casos, ainda que a reprehensão seja mais que justa. O mesmo *Catão*, que passava por hum virtuoso Estoico, fez bastante por perder o grande *Scipião*; *Fabio* fez outro tanto; na Hespanha este grande General foi deixado com poucas Tropas, para não poder ganhar fama; e essas mesmas se lhe fizerão insubordinadas pela conjuração dos seus rivaes; muitos dos seus Subalternos não promovêrão melhor a sua gloria. As tentativas do Senado, e dos rivaes de *Scipião*, para o perderem, fôrão inuteis; todavia ellas pozerão-se em prática! *Scipião* passa da *Hespanha* á *Africa* contra as Leis de Roma, correndo risco de ser morto alli pelos seus inimigos, ou de ser julgado trahidor pela sua Patria! Mas hum grande homem tudo emprehende pela Salvação do seu Paiz! Quando elle passou a fazer a guerra aos Carthaginezes no seu proprio territorio, elle soffrêo as maiores contradicções do Senado de Roma! Em huma palavra, pois que este não he hum objecto de proposito, se *Scipião* conseguio o nome de *Africano*, não he porque se lhe não armassem mil laços, para o fazer cahir na execração do Povo Romano! Toda a Historia de *Scipião* confirma exactamente o que acabo de dizer sobre as parcialidades, que algumas vezes apparecem nos Governos, sobre a má intelligencia, desintelligencia, ignorancia, ciume, orgulho, inveja, presumpção, barbaridades, traições, e temeridades de varios Generaes, que perdêrão os seus Paizes, ou que os pozerão em grande risco de se perdêrem: a mesma Historia comprova que hum grande homem deve algumas vezes sacrificar as Leis, antes que a Salvação da Patria, quando de obedecer ás Leis se segue visivelmente a ruina da Patria.

Os successos de *Epaminondas*, e *Pelopidas*, Generaes

Thebanos, provão melhor a minha segunda asserção. As suas brilhantes victorias sobre a soberba, e indomavel *Esparta* íão a ser interrompidas, e frustradas, ou tornadas inuteis, se elles não continuassem a Campanha; mas a esta continuação, e progresso se oppunha a suspensão, ou demissão de Authoridade, sendo Lei de *Thebas* que nenhum General podésse commandar Tropas por mais de hum anno, sem que a sua Authoridade lhe fosse prorogada; porem para esta ampliação era indispensavel que o General se achasse presente na sua mesma Patria; e *Epaminondas*, e *Pelopidas* se achavão ausentes. Os dous Generaes tinhão dous partidos a tomar; ou abandonar a Campanha, e inutilisar as suas victorias, ou, continuando, incorrer no crime de infracção das Leis Patrias, e na suspeita de ambição, e de tyrannia, o que podia custar-lhes a vida; porem *Epaminondas*, e *Pelopidas*, que presavão mais a Salvação de *Thebas*, que as suas proprias vidas, julgárão quebrar o poder aos *Esparciatas*, qualquer cousa, que por isso lhes succedesse; salvárão effectivamente a sua Patria, domárão o orgulho de *Esparta*, e corrêrão risco de perderem as suas vidas nos braços da Lei, depois de terem adquirido victoria tão importante á força do seu valôr! Exemplo heroico, digno de ser imitado por grandes homens, que somente querem a gloria, a segurança, a paz, e a prosperidade para o seu Paiz.

Salve-se a Patria, ainda que eu pereça, diria eu como *Capitão* especulador, e imitador dos grandes Militares: antes quereria ser increpado de haver vencido sem ordem, que de haver sido vencido com ordem; eu satisfaria ás accusações, que se me fizessem depois da Victoria, como *Scipião*, e *Epaminondas* satisfizerão aos seus rivaes; e acharia na bondade do Governo a impunidade, que aquelles Generaes tiverão na impotencia do seu respectivo Senado. Sobejão respostas em favôr de quem vence, e respostas intergiversaveis, quando nos mesmos vencidos não faltão escusas, e algumas vezes culpaveis, do seu vencimento.

Porque entregou a Praça? dizem que se perguntou huma vez a hum Governador; e que elle respondêra: *por tres razões:* 1.ª *Por falta de polvora, e bala.* Contentárão-se da resposta, dizendo-lhe — *Basta.* — Mas eu não ficaria

satisfeito, sem ouvir as outras duas escusas, e sem levar sobre cada huma d'ellas as minhas perguntas ao infinito. *Porque não a requisitou em tempo?* E se a requisitou, e não lh'a dérão: *Porque? Quem? Porque a deixou tomar ao inimigo? Porque não calculou melhor a quantidade, de que precisava?* Supponhamos que elle entregou a Praça por falta de mantimentos; eu lhe faria as mesmas perguntas, e accrescentaria outras, segundo as circumstancias. Supponhamos que elle respondia: *Porque a Praça foi julgada indefensavel pela sua posição, pela sua construcção, por etc.* Eu lhe perguntaria: *Como he que o inimigo a fez defensavel?* Ignora-se que não ha posição alguma no Mundo, que a Arte, e o Valôr não faça defensavel? Defensavel he huma Povoação elevada, ou baixa, com muros, e sem elles! Defensavel he hum Valle, huma Montanha, hum Outeiro, huma Ponte, hum Rio, por pequeno que elle seja, huma Igreja, hum Palacio, huma Casa, huma Choupana, hum Bosque! Defensavel he huma Barra, huma Foz, hum Golfo, e isto sem Náos, sem Marinha! A Arte, e o Valôr formão pontos defensaveis até no ar; e seja esta exaggeração permittida a hum *Capitão* fogoso. Como tudo he defensavel, tambem tudo he conquistavel. Em huma palavra, eu poucas escusas approvaria aos vencidos, em vez de que todas admittiria ao vencedor, ainda que elle me dissesse: *inutilizei huma Cidade, que podia ser conservada, e hum Rio, que d'antes era navegado*: perdôo essas faltas, que depois da Victoria serão remediadas. *Vença-se*, dizia Napoleão, *seja como fôr, pois tudo deve ser sacrificado á Victoria.*

Ai de mim!... Esquecêo-me a encomenda do *Artilheiro!* Tenha paciencia, porque hum *Capitão* despachado de novo não arrota senão bravatas de valoroso, de engenhoso, de perito, de conquistador, e de invencivel! Eis o que tem hum génio fogoso, que sempre faz mais do que lhe mandão, e nem sempre o que lhe mandão. Succedêo-me (e perdôem-me a comparação) o que a hum Padre Capellão, a quem hum Morgado, confiado da honra do Clerigo, enviou a huma Feitoria a observar a conducta de huma mulher, que por falta de nome não perca; ella tinha as suas pechas, e dizião que se conduzia mal com os homens da Feitoria,

para quem ella cosinhava; e o Morgado não queria essas cousas em alguma das suas Estações: vai o Padre, mette-se na cosinha com a moça, come com ella, e informando-a o melhor possivel, ou com verdade, ou sem ella, pois, tanto me não contárão, abandona a observação, e vai-se a vender Rapé, e a medir alqueires de Milho em outra parte: vem a moça á conversa entre o Padre, e hum seu irmão; o Padre, dizendo d'ella mil masavilhas, e pintando-a como Dom *Quichote* pintava a célebre *Marituraes*; e o irmão, talvez se chamasse *Sancho*, dizendo d'ella mil pouca vergonhas; vierão á bulha, e tomando-se de palavras sobre a moça, disse *Sancho* para o Padre — Não kiches tanto a gorja, vai chantrear á Igreja; tu és outro tal como ella; — e a final de tudo chamou-lhe Pedreiro á semelhança, sendo que os Pedreiros não vendem Rapé, nem medem Milho, porque não tem pêso; de régoa sómente estão providos. Eis aqui tambem o que succedêo ao meu *Artilheiro*: encarrega-me de hum recado, e eu lhe fáço outro.

Hum Militar ordinariamente em tempos de guerra falta de guerra, ainda que lhe puchem a conversa para outra parte: cada hum falla na sua demanda, e eu na minha, que he sobre os Pedreiros, e sobre o modo de acabar com elles Militar, e Politicamente.

Pedreiros? Sim, e até no mesmo Exercito Realista. Pois que srão dous, ou tres Officiaes, que se passárão para a Rebellião? Hum d'elles conheço eu muito, homem de muito máos sentimentos, e sempre figurou como Realista: *Quem não os conhecer, que os compre*. Como Realista passou tambem no juizo de alguns, e como Constitucional na verdadeira opinião de outros, que não dissimulão, [ainda que este fez caras para toda a parte] hum *Saldanha*, chamado proprietario do Officio do Tabellião, *João Luiz Fernandes Braga*, que em data de 5 do corrente Outubro escrevêo da Cidade do Porto ao seu presumído Serventuario as proposições seguintes: — « Espero em breve dar-lhe hum « abraço. Aqui me mandárão dizer que ao Senhor he que « eu devo o favôr de me fazerem perseguir no centro, ... « Em fim nada de vingança; .... mas para isto assim acon- « tecer, he necessario que .... aliás na Côrte, Cidade, Vil- « la, Aldêa, ou Lugar; em Palacio, Casa, ou Choupana;

« em *Gruta*, *ou Subterraneo*, protesto-lhe que.... Para « qualquer dos dous casos empenho a minha palavra de « honra. Escolha — A. P. B. de Saldanha. — » Então he, ou não he? He o que sempre foi! Contra factos, que prestão attestações, justificações, e sentenças?!!....

Meu *Artilheiro*, vá ouvindo, e lendo estas; e para o seguinte N.° ouvirá, e lerá sobre a *Intervenção Constitucional de alguns Inglezes* na nossa Questão.

Portuguezes! Soldados! Vós sois a Nação mais amavel, e mais briosa de todo o Mundo! De vós nunca zombárão gentes algumas da Terra! Agora governados pelo Rei mais Amavel, mais Virtuoso, e mais Esforçado; quem não respeitará o vosso nome, e o vosso braço? Portuguezes! Soldados! Correspondamos aos Desejos, e Virtudes do Nosso Grande Rei, e nós seremos, o que sempre fomos, respeitados, e admirados por todo o Mundo!

Lisboa 30 de Outubro de 1832.

Alvito Bucla Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 80.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Soldados! Os Rebeldes são infinitamente menos, do que vós! Se os seus muitos mortos são substituidos, vós cresceis sempre sobre elles, porque a vossa Patria he fecunda em toda a qualidade de reforços! Vós não podeis ser vencidos, senão querendo vós mesmos! Mas semelhante baixeza não cabe em Peitos Portuguezes, sempre alentados em todos os perigos! Eia pois! Vamos a elles, quando o Nosso Grande Rei se dignar mandar-nos! Não temos, que temer, porque sômos muitos mais em numero, muitos mais em valôr, e infinitamente mais em justiça; pois D. Pedro, nem seus Filhos, nem seus Netos tem alguns Direitos a Reinar sobre nós! Todos os Direitos, que podem ligar Portugal a D. Pedro, e á sua Descendencia, não podem provir senão da *Causa Constitucional!* E, Portuguezes! Soldados! Qual de nós quererá ligar-se a huma Causa, que livre, e espontaneamente detestâmos? A huma Causa, que destróe a Nossa Religião, as Nossas Leis, e Liberdades, os nossos usos, e

costumes! A huma Causa que nos tem tolhido a nossa Marinha, o nosso Commercio, a nossa Industria, as nossas Fabricas, a nossa Agricultura, a nossa Prosperidade? A huma Causa que nos tem roubado a paz, a tranquillidade, o socego, a boa fé, a probidade, a confiança e a amizade? A huma Causa que nos tem enchido de amarguras, de confusão, de lagrimas, de discordias, de desordens, de desgraças, de odios, de vinganças, de sangue e de mortes? Portuguezes! Soldados! Onde está a nossa honra, a nossa fidelidade, o nosso valôr, a nossa constancia, as nossas promessas, os nossos juramentos e a nossa Religião? Que temos a temer? Já fômos mais pequenos, já os nossos inimigos forão maiores, e chegámos a ser grandes, e mui grandes, e os nossos inimigos, mui poderosos, nos respeitárão e temêrão! Temeremos (Oh! Vergonha! Oh! Insolencia!) Temeremos a

Intervenção *Constitucional* Ingleza sobre a nossa grande Questão?

Pois que *os Negocios de Portugal estão ligados com os da Fazenda da Inglaterra, é que o interesse d'este Paiz pede o conservar a paz em Portugal*, como confessa o Nobre Conde *Grey* na sua resposta á Falla do Nobre Duque de *Wellington*, na Sessão de 15 de Agosto, na Camara dos *Lords*, desejando *anciosamente* o Nobre Conde *que a actual contenda tenha prompta e satisfactoria conclusão*, não póde já deixar de dizer-se com libeidade que *a Inglaterra* tem encarado a grande Questão Portugueza pelo lado da sua Fazenda e dos seus interesses. Ora isto não he novo no Mundo, que os Direitos *Successionarios* sejão regulados pelo interesse, principio motor, algumas vezes, de grandes injustiças, illegalidades e violencias. D'aqui vem, ao meu vêr, esta distincção de Direitos Theoricos e Direitos Praticos. Se a Politica da Europa fosse sempre regulada por Direitos de theoria, não estarião hoje occupados alguns Thronos por algumas Familias, a quem hum Direito rigoroso lhes negava no seu principio alguma qualidade de jus, ou acção legal; os Paizes terião outros limites e demarcações, e muitas cousas não estarião como hoje estão.

He bom para hum Escriptor o traçar as linhas do Direito, que em theoria he hum só, e de huma só fórma, como a linha he recta de huma só maneira: mas os Politicos, e os Estadistas, que pouco se importão de idéas *Platonicas*, e *Estoicas*, attendem mais ao Systema Real, e Social, que a considerações ideaes, ou intellectuaes, que nada pesão na balança do interesse dos Estados; se alguns Direitos são hoje attendiveis na Politica são os Direitos Praticos, ou a Posse Pacifica. Ora, quando estes Direitos Praticos não estão consolidados, a Politica não se importa d'essas oscillações, quando são indifferentes, ou inoffensivas; e sómente, chamada a obrar, ou posta em acção, decide, e regula as suas operações pelo interesse, que ella, no seu calculo, lhe podem trazer. Assim são vistas, consideradas, e tractadas as Questões *Successionarias* em todo o Mundo pelos Paizes, que estão em contacto com os da Questão. Que Paiz da Europa s'embaraça hoje, ou se embaraçou jámais com as Questões *Successionarias* do *Japão*, da *Tartaria*, ou d'outros Paizes, com quem não tenha algumas relações, ou negociações de alguma natureza? Qual he o *Quichote* da Europa, que ande de curioso pelo Mundo a endireitar tortos, ou a entortar direitos, que lhe não importão? Assim serão sempre, ao meu vêr, tractadas, e examinadas todas as Questões *Successionarias*, não por considerações ideaes, abstractas, e theoreticas, mas por considerações sensiveis, concretas, e práticas. Que importa aos *Hottentottes*, ou aos *Tartaros*, que em *Portugal*, e na *Hespanha* Reine *Pedro*, ou *Paulo*? O mesmo que importa aos Portuguezes, e Hespanhoes, que lá Reine *Sancho*, ou *Pelaio*. Todas as Potencias intervem nas Questões *Successionarias* das outras Potencias, segundo, e pela fórma, que os interesses as ligão; e, faltando esta ligação, não intervem, salvos, alguma outra vez, os ligames de Familia; e esses mesmos, ordinariamente, quando se tomão em consideração, he pelos interesses, que offerecem.

Replicar-se-ha a estes principios constituidos pela observação, e experiencia dos Successos politicos, e pela lição das Historias, que *na intervenção sobre as Questões Successionarias influe muitas vezes a opinião, a identidade de idéas, e de costumes, mais que o interesse real*, pois que

o *Times* de 23 de Agosto, traduzido ao Portuguez pelo Redactor da Aurora, diz que *a defensão dos Direitos do Primeiro Ramo da Familia de Bragança e da Causa Constitucional de Portugal está ligada á sympathia com os Constitucionaes Portuguezes, que seguem o Systema de huma Politica esclarecida, e que, no caso de lograrem a sua empreza, tractaráõ com as Nações illustradas sobre bases mais liberaes.* Porém estes são arrotos de hum Escriptor com a penna na mão; as *sympathias* são para rapazes e raparigas na verdnra do seu amor, quando elle está em flôr; de Nações a Nações não ha outra *sympathia* que a do *interesse* que as liga; e se outra *sympathia* existe, ella he neutral, não intervem, não dá hum passo só nos seus Negocios e Questões. Pelo que pertence a Portugal o Nobre Conde *Grey* na citada resposta confessa que *a Politica do Governo Inglez está ligada á Fazenda do Paiz, e que os Inglezes tem obrigação de ser neutraes na luta, sejão quaes forem seus sentimentos a respeito d'ella, salva a segurança e a propriedade dos Subditos Britannicos.* Está pois desmentido o *Times* Ministerialmente; porque a *sympathia* não intervem; intervem o *interesse*, que he o principio motor de todas as intervenções e não intervenções. Se os principios *sympathicos* do *Times*, sem *interesse* real, interviessem em todas as *Questões Constitucionaes* e *Successionarias*, veriamos aos Constitucionaes Inglezes intervirem em quantas Constituições e Successões Constitucionaes ha e houver no Mundo; e que não intervirião em Negocios de outra natureza, que não fossem *sympathicamente Constitucianaes;* porém não queimarei agora polvora em vão, sendo certo que os Inglezes Constitucionaes e não Constitucionaes, como todos os outros Paizes do Mundo *sympathisão*, e verdadeira e quasi exclusivamente com os seus *interesses*, venhão elles d'onde vierem, ou de *Miguelistas*, ou de *Pedristas*, ou de *Carlistas*, ou de *Filippistas*, ou de...., de *Christãos*, de *Judeos*, de *Mouros*, de *Selvagens*, de.... Em huma palavra, *os Negocios de Portugal estão ligados á Fazenda da Inglaterra*, e esta ligação he o verdadeiro principio motor e regulador da intervenção e da não intervenção. Este o ponto.

Todas as outras Potencias da Europa, infinitamente

menos ligadas pelos seus interesses com *Portugal* que a *Inglaterra*, tem visto com huma especie de indifferença os Direitos *Successionarios de Portugal*, salvos os *Estados Pontificios* pelo uso dos seus Direitos Ecclesiasticos, salva a *Hespanha* por interesses de Familia, e da identidade da Causa Real, que era hum interesse real nas circumstancias do Reconhecimento, e salvos os *Estados Unidos* por interesses e transacções Commerciaes. A Europa entendêo dever deixar ao Governo *Inglez* a regulação dos assumptos de Portugal, e o Governo *Inglez* assim o sollicitou, não só porque estava de posse de influir nos Negocios e nos Destinos de *Portugal*, como porque as suas relações com este Paiz erão mais antigas, mais estreitas e mais intimas que as de outro qualquer Paiz. *Inglaterra* tem em *Portugal* muitos Subditos seus, muitas propriedades e muitos interesses. Estão pois *os Negocios de Portugal ligados aos da Fazenda da Inglaterra*, e a Politica desta Nação olha para a grande Questão Portugueza n'este ponto de vista, e obra, ou intervindo ou não intervindo, segundo este principio, consentindo n'isso todas ás Potencias da Europa, ao menos por ora. He o que resulta da declaração do Nobre Conde *Grey*, que tenho á vista e que desejava pôr em toda a sua luz: o *Times* me offerecêo esta occasião de cumprir os meus desejos, não tendo em vista senão a conservação da paz, e que *a actual contenda tenha huma prompta e satisfactoria conclusão*, como se explica o Nobre Conde. Eu não desejo offender a Politica das duas Nações: permitta-se-me a liberdade de dizer meus sentimentos, que nunca forão de guerra. *He melhor huma composição que huma demanda*, diz, e quasi sempre bem, hum *anexim* Portuguez.

Em verdade: Como interviria na grande Questão Portugueza quem não tivesse interesses n'ella, ou quem perdesse em interesses por intervir? E como não interviria, quem tivesse interesses em intervir, ou quem perdesse em interesses pela não intervenção? São por ventura méras theorias as que regulão a Sociedade? Não tem sido o *interesse* a alma da paz e da guerra em quasi todos os tempos e em quasi todos os Paizes, e em quasi todas as Questões? Que peso tem na balança da Sociedade *Grocio*, *Puf-*

fendorfio, *Montesquieu*, *Wattel*, nem quantos Escriptores tem havido em todos os tempos? Se a verdadeira móla real não mover a Politica, todos os papeis, e todos os pergaminhos não teráõ outra influencia entre os homens, que entre os brutos. Illustrão-se as Questões, demonstrão-se os Direitos, fazem-se grandes Discursos, mas *os cégos não tocão, se lhes não pagão:* todos os Escriptores, (longe de mim metter n'esta conta os Sagrados) não tem feito, nem fazemos (já que estampárão meu nome) nem farão, senão *negro do branco.* Poderá o Mundo ficar esclarecido á força de Livros, e de Folhetos; porém movido, não. Inventou-se mover hum Barco por vapôr; mas pelo vapôr de opiniões não se moverá jámais a Diplomacia, se achar que não interessa, ou que perde no movimento. Qual o principio, por que as Potencias da Europa não intervem nas Questões, que necessariamente hão de haver nos Sertões, ou nos barbaros Povoados d'*Africa?* Mas eu cesso, porque, de não cessar, as minhas perguntas irião ao infinito. Huma vez mandei eu dizer ao grande Padre *José Agostinho de Macedo* (foi isto em Agosto de 1830) *que apostava com elle sobre que o Governo de Luis Filippe na França era reconhecido por todas as Potencias da Europa, antes que o Governo do Senhor Dom MIGUEL:* meu dito, meu feito. Não ha alguem no Mundo, que não esteja convencido de todos os Direitos do Senhor Dom Miguel ao Throno de Portugal: os mesmos, que se Lhe oppõe, os Constitucionaes, os Pedreiros Livres, Seus inimigos mais encarniçados estão convencidos: o Ministerio Inglez, nem algum Ministerio da Europa nega estes Direitos, porque á evidencia não se resiste. O Nobre Conde *Grey* os tem confessado muitas vezes, e mesmo na citada Sessão, quando diz: *O estado, em que os Ministros achárão as Relações de Portugal, he hum estado de grande difficuldade, e de grande monta para este Paiz. Encetámos a Questão Portugueza em hum ponto muito difficil, quando não nos achavamos na situação de podermos intervir segundo o Direito, e a Politica, como podiamos ter feito, quando* (o Senhor) *Dom MIGUEL assumio o Governo.* Esta declaração me dá liberdade para fazer perguntas muito attendiveis.

Qual o motivo por que o Governo *Inglez* não Reconhe-

cêo o Senhor Dom MIGUEL no Ministerio de Lord *Wellington*, assegurando este Nobre Duque na citada Sessão *que elle o desejava conseguir, e que o teria feito, se mais tempo tivesse permanecido no Ministerio, para evitar o inconveniente resultante do estado actual de Portugal?* De que lado veio esse obstaculo? De *Inglaterra* ou de *Portugal?* Qual he essa *grande difficuldade*, e essa *grande monta para Inglaterra*, que lhe impede agora o fazer este Reconhecimento, que *se podia fazer segundo o Direito e a Politica, quando* o Senhor *Dom MIGUEL assumio o Governo?* Se como se escrevêo a *Historia Secreta da Côrte, e Gabinete de S. Cloud*, ou de Buonaparte, se escrever algum dia a *Historia Secreta* d'estas cousas de que vou fallando, os vindouros verão ás claras o que eu agora percebo ás apalpadellas. Eu estou intimamente capacitado de que o Governo *Inglez* procedêo e procede de boa fé na Questão Portugueza, considerando sempre os Negocios de *Portugal ligados á Fazenda do seu Pais*: os embaraços, que houvé no Ministerio de Lord *Wellington* serião tambem relativos *á Fazenda da Inglaterra;* e as grandes *difficuldades* que agora accrescêrão no Ministerio do Conde *Grey*, pelo que pertence á *Fazenda*, devem ser essas quantiosas transacções entre os Constitucionaes Inglezes e os Constitucionaes Portuguezes, recando, talvez, o Nobre Conde encontrar os interesses de muitos Subditos Britannicos, e por isso conhecendo claramente, que *pode o interesse de Inglaterra o conservar a paz em Portugal*, e desejando *anciosamente, que a actual contenda tenha prompta, e satisfactoria conclusão.*

Porque pois a grande Questão Portugueza tem sido vista com indifferença por todas as Potencias da Europa? Certamente porque *os Negocios de Portugal não estão ligados com os da Fazenda* d'esses Paizes: esse o verdadeiro principio da sua não intervenção. Logo, para que interviessem, era indispensavel ligar a nossa Questão aos seus interesses. E essa ligação era possivel? Era conveniente? Seria consentida pela *Inglaterra?* Livrar-nos-hia de huma guerra exterior? Ou seriamos vencedôres? E porque essas Potencias deixárão á *Inglaterra* que regulasse os assumptos de *Portugal?* Porque a *Inglaterra* o exigio; porque

esses Paizes não considerárão *interesse* na intervenção; porque a *Inglaterra* não quiz largar a posse da sua influencia nos Negocios e Destinos de *Portugal*, porque a *Inglaterra* tem em *Portugal* muitos subditos seus, muitas propriedades e muitos interesses, que quer segurar, conservar e salvar. E nestas circumstancias que poderiamos, que deveriamos nós fazer? Eu não o sei, nem o posso dizer. *O interesse da Inglaterra* pede *o conservar a paz em Portugal, e a deseja anciosamente.* Que pedimos nós! Que desejamos? *A paz, e que a actual contenda tenha huma prompta e satisfactoria conclusão.* Debaixo d'estas considerações da Fazenda de *Inglaterra*, e das quantiosas transacções entre os Constitucionaes *Inglezes* e os Constitucionaes *Portuguezes*, expressou certamente o Nobre Conde *Grey* a sua opinião, quando na citada Sessão disse: *Não julgo que a Inglaterra procedesse insoherente, ou impoliticamente deixando de se oppôr á Expedição de Dom Pedro.* ! *Admiro-me*, diz o Nobre Conde na continuação da sua resposta, *que não houvesse maior demonstração da opinião a favôr de Dom Pedro, do que se tem manifestado.* Ora eis-aqui, quanto a mim, a boa fé do Governo *Inglez*, que por esta admiração reconhece haver sido enganado, e certamente o foi pelos Constitucionaes de *Inglaterra* e pelos Constitucionaes de *Portugal*, estes certamente estouvados e maliciosos, aquelles talvez tambem seduzidos e illusos: mas de qualquer dos modos vê-se a Intervenção Constitucional *Ingleza* na grande Questão Portugueza, advertindo que, quando eu fallo de Constitucionaes *Inglezes*, entendo os *Radicaes*, ou os *Whigs*, e não comprehendo a todos na classe de interventores, porque ha entre elles muitos sensatos e illustrados sobre os verdadeiros interesses do seu Paiz. Por minha conta está a refutação do *Times* em tudo, o que elle escreve de malicia e de má fé: porém agora cumpre-me satisfazer os meus desejos de fazer hum bom serviço a *Portugal* e á *Inglaterra* sobre os *interesses* dos dous Paizes, sem todavia querer prevenir as Operações do Governo do meu Rei e Senhor Dom Miguel, e sim sómente huma instrucção aos mesmos Liberaes. Eia pois

Desengano a alguns Inglezes sobre seus verdadeiros interesses na grande Questão Portugueza.

Hum Paiz qualquer nas suas transacções e negociações de interesse com outro qualquer Paiz procede, pouco mais ou menos, como hum Negociante particular com outro; com a differença d'estas compras e vendas manuaes, que se fazem com dinheiro de contado: examinão-se reciprocamente os seus costumes e qualidades, a sua capacidade, o seu crédito, os seus fundos, a sua industria e as suas hypotheças; considerão-se as vantagens que hum poderá acarretar ao outro, como tambem as perdas e prejuizos; o que cada hum póde exportar e o que precisa de importar; o preço e o valôr das cousas, as alterações d'esse preço, os equivalentes e outras circumstancias semelhantes, que seria longo e não necessario expender. São estas as bases de todo o Commercio, ou elle se faça por huma communicação reciproca das producções da terra, ou da industria, ou pela tróca de humas por outras; porque o dinheiro, ainda que he hum signal da commutação das cousas que se recebem, todavia nem elle existe sempre, nem elle he necessario, senão como hum signal de convenção que se julgou mais facil e mais duradouro do que outro signal qualquer: mas em todas as cousas commutaveis ou commerciaes estima-se o seu valôr, ou o merecimento das cousas; porque a estimação he huma regra, ainda que sempre incerta e nem sempre seguida, do preço, o qual he huma quantidade estimativa, que parece reduzir as cousas a huma igualdade moral: esta distincção parece ser de pouca entidade, mas serve algumas vezes. Estabeleça-se porem o principio certo de que o dinheiro não tem outro valôr que o moral, e que elle he sómente necessario quando não ha outro signal ou equivalente das commutações, das trócas, ou das transacções; he a dizer, quando não ha outro signal convencional pelo qual se possão haver aquellas cousas, que se desejão, ou de que se precisa de resto o Papel faz as vezes da moeda.

Ora as cousas que estão em uso na Sociedade, humas são *de necessidade*, outras *de commodidade*, outras *de de-*

cencia. Outros farão a divisão de primeira necessidade, e de segunda, de necessidade absoluta, e de respectiva; de decencia e de luxo: mas como todas as cousas na Sociedade e nos mesmos individuos são de necessidade absoluta e respectiva, proporcionalmente á natureza das Terras, á educação dos homens e a outros muitos incidentes, para o meu proposito não acho differença sensivel em quaesquer distincções que se tomem. Estas cousas devem tomar em consideração todos os Paizes que pertendem entrar em negociações commerciaes com outros; vêr quaes são as cousas de necessidade absoluta, ou respectivamente absoluta; quaes são as de commodidade; e quaes as de decencia, para se conhecer as que podem receber-se em commutação; sendo certo que nenhum Paiz troca, nem póde trocar as de necessidade, trocando-se algumas vezes as de commodidade pelas de necessidade, e ordinariamente as de decencia, ou chamem-se de luxo, ou de superfluidade, pelas de commodidade, e muito mais pelas de necessidade. He necessario tambem considerar os costumes communs, e mais cousas dos habitantes do Paiz, e examinar se elles são susceptiveis de se alterarem com facilidade, ou de se melhorarem, ou reformarem. Importa sobre tudo examinar a natureza e a qualidade das producções dos Paizes em relação; o que ha n'elles de util e de sobejo que possa ser objecto de commutação, e se essas producções são de qualidade de perecerem, ou de se conservarem, ou de aturarem sempre; e de se augmentarem e melhorarem; ponderar tambem os resultados na Politica d'essas commutações. Em huma palavra: hum Paiz não póde commerciar com outro com vantagem reciproca, com boa fé e com acerto, sem que respectivamente ambos conheção a natureza do mesmo Paiz, as suas producções, as suas necessidades e os costumes dos seus indigenas: só d'esta fórma se podem fazer boas transacções commerciaes, que tenhão proveitosos resultados na Politica e até na Alliança, e na intimidade das relações: ou supponho da parte dos Paizes nestas relações conhecimentos claros, e certos principios sólidos; e boa fé, honra, probidade e palavra. Ora, como estas minhas idéas vão a ter com os *Inglezes*, e elles versão sobre objectos commerciaes, devo prevenir a todos que en-

tei sempre com a boa fé, honra, probidade, e palavra dos *Inglezes*; porque este foi sempre o seu caracter commercial; mas, pelo que pertence a conhecimentos claros, e certos, e bases sólidas, suspeito que os *Inglezes* tem sido illudidos muitas vezes, o que elles não duvidarão reconhecer com franqueza nas percas, ou no erro das suas especulações, e transacções em alguns Paizes.

Direi agora huma palavra sobre a natureza do Paiz de *Inglaterra*, e de *Portugal*, deixando o exame dos costumes Portuguezes para o fim d'este pequeno golpe de vista.

O Paiz da *Inglaterra* não he dos mais abençoados pelo Ceo na sua fecundidade; elle nem ainda tem quanto baste, para provêr ás primeiras necessidades dos seus habitantes; de mil cousas carecem elles, sem as quaes os homens mal podem viver. A Mãi *Ceres* he alli mui infecunda, ainda que — *Labor omnia vincit — Improbus, et duris urgens in rebus egestas.* — O muito trabalho, e a muita penuria dos seus habitantes tira algumas vantagens da cultura de terrenos, que parecião estereis pela sua natureza: mas o Pai *Baccho* he alli desconhecido — *curis acuens mortalia corda* — o que lhes tem dado grandes cuidados, sem que toda a sua industria tenha aproveitado de cousa alguma; essa mesma industria, que nos *Inglezes* parece ser algumas vezes superior aos seus destinos — *fato prudentia major.* — Esta he huma verdade pública em todo o Mundo, que os *Inglezes* não podem trocar cousa alguma das suas terras, ou das suas producções naturaes, porque não só precisão das que são de commodidade, mas até das de primeira necessidade, que tem de importar de outros Paizes, trocando por ellas as producções das suas Fabricas, em que se occupa a maior parte da sua População, podendo dizer-se, o que *Virgilio* applicou a outro respeito — *Scilicet omnibus est labor impendendus* — que todos, ou quasi todos tem de se dedicar a esses trabalhos, sem reserva de dias, nem de horas, não se podendo dizer d'elles o que disse o mesmo Poeta — *Quippe etiam festis quædam exercere diebus — Fas, et jura sinunt — que algumas cousas podem fazer nos dias festivos;* pois que na maior parte das Fabricas tem elles de trabalhar por necessidade nos mesmos dias mais festivos. A

exportação pois, que a *Inglaterra* pode fazer, he principalmente das producções das suas Fabricas, trocando-as por outras muitas cousas de *necessidade*, de *commodidade*, e de *decencia*: ora todos entendem que da diversidade da educação, do exercicio, e das applicações vem diversidade de habitos, de propensões, e de costumes.

O Paiz de Portugal he, pelo contrario, dos mais abençoados pelo Ceo na sua fecundidade; aqui não he preciso examinar, o que pode produzir cada huma parte do seu terreno, porque produz todas as cousas de necessidade, de commodidade, e de decencia — *Omnia fert*; — sendo inutil aquella recomendação agraria do citado *Virgilio* — *Cura sit, ac patrios cultusque, habitusque locorum.* — *Et quid quæque ferat regio, et quid quæque recuset*: — porque — *ipsa tellus — omnia liberiùs, nullo poscente, ferebat*: — *a mesma Terra parece que pela sua natureza produz todas as cousas necessarias sem algum cultivo*: arvores, arbustos, e plantas de toda a qualidade, fructiferas, e infructiferas, ou nascem, crescem, e produzem — *sua sponte veniunt* — sem alguma semente, ou basta semeá-las, ou plantá-las huma só vez, para que sempre se reproduzão sem outro amanho. *Ceres*, e *Baccho* rivalisão em qual dos dous ha de fecundar, e abastecer mais as suas terras, não podendo applicar-se a alguma de Portugal, o que *Virgilio* dizia de outras — *Sic omnia satis — in peius ruere, ac retrò sublapsa referri* — porque em Portugal as producções não degenerão. Não he preciso a hum Chefe-familias ter grandes campos, para se provêr de tudo, o que lhe he necessario, para viver; que talvez por elles se pode entender precisamente, o que disse o mesmo Poeta, que me serve agora para dizer muitas cousas em poucas sentenças — *Laudato ingentia rura — Exiguum colito — he bom vêr grandes campos, e cultivar somente hum pequeno.* Quem se julgará tão ditoso, que possa conhecer as razões d'esta fecundidade prodigiosa das Terras Portuguezas em vinho, em pão, em azeite, em fructas de toda a especie, em gados, em huma palavra, em tudo o que a Natureza he capaz de produzir? — *Fœlix, qui potuit rerum cognoscere causas.* — Permitta-se-me alguma hyperbole, se alguma ha, não podendo duvidar-se que *Portugal* he susceptivel de fecundidade em

todas as producções da Natureza; eu tenho o maior orgulho em poder-me chamar *Portuguez*, e não posso menos de dirigir a todos, os que possuem Terras em *Portugal*, aquillo do tantas vezes citado *Virgilio* — *O' fortunatos nimium, sua si bona norint* — *Agricolas!* — Portuguezes Proprietarios! Vós sois grandemente ditosos, se conheceis, e aproveitais as riquezas, que podeis tirar das vossas Terras. Ora bem se vê que d'esta diversidade de educação, de exercicio, de applicações nasce diversidade de habitos, de inclinações, e de costumes. Diversos conseguintemente serão os Portuguezes, na sua maioria, de todos os outros Povos, que se applicarem a diversos trabalhos, e cuidados.

A *Inglaterra* pois pode somente exportar as producções das suas Fabricas; e *Portugal* o excedente, ou *sobrante* das producções das suas Terras; pois he claro que o Commercio somente pode fazer-se sobre o excesso, ou sobejo das producções de qualquer natureza, trocando-o pelas producções de *necessidade*, de *commodidade*, e ainda de *decencia*. Logo a exportação está na dobrada razão da superfluidade, e da necessidade, e commodidade, trocando aquella, para provêr a esta; e a importação está na mesma dobrada razão da necessidade, e commodidade, e da superfluidade, procurando evitar aquella, e esta. He a primeira vez, que a minha penna expende estas considerações, ainda que a minha razão as tem abrangido muitas vezes; este trabalho, acabado em seis horas d'escripta parece ser em cousas pouco interessantes, pois que todos se julgão versados nellas; mas se eu acertar em desenganar a muitas gentes, serei muito satisfeito d'este ensaio, podendo dizer com Virgilio — *In tenui labor, at non tenuis gloria* — *Tenho grande gloria de haver trabalhado em cousas, que a todos parecem pequenas.*

Pois he pequena cousa o Commercio entre *Inglaterra*, e *Portugal*? *Não estão os Negocios de Portugal ligados á Fazenda de Inglaterra*? *Não pede o interesse de Inglaterra o conservar a paz em Portugal, e que a actual contenda tenha huma prompta, e satisfactoria conclusão*? *Não pede o interesse de Portugal a paz, e a prompta, e satisfactoria conclusão da actual contenda*? De que provém esta falta de Reconhecimento do Senhor Dom Miguel, que

o *Direito*, e a *Politica exigem da Inglaterra*? Não se *removêra esse grande monte*, e *essa grande difficuldade* da Inglaterra em fazer este Reconhecimento? D'onde procede essa intervenção Constitucional de alguns *Inglezes* a favor da *Causa Constitucional de Portugal*, e *dos Direitos do Primeiro Ramo da Familia de Bragança*? Não he de que elles julgão que ahi tem os seus *interesses*? Dir-se-ha que procede de *sympathia*? Como! Se os costumes da maioria dos *Portuguezes* são como os de todos os Agricolas do Mundo! Como? *Se da diversidade de educação, exercicio, e applicações nasce a diversidade de habitos, inclinações, e costumes?*

Mas que importão todas essas differenças, se a identidade, mutuidade, e reciprocidade de interesses as faz, e tem feito sempre esquecer, pôr de parte, e não entrar em linha de conta para a alliança, e amizade?

Mas tem os *Inglezes* conhecimentos claros, e certos do que *Portugal* pode exportar das suas producções naturaes, e do que pode importar das producções das Fabricas Inglezas? Estão estabelecidos principios solidos para esta mutua negociação com acerto, com boa fé, honra, e probidade? Tem os *Inglezes* conhecido, e conhecem, bem com qual dos dous Partidos em lucta devem estabelecer as suas relações commerciaes? Quaes serão as vantagens, que possão tirar de huns, ou de outros? Qual a sua segurança? Qual o seu crédito? Quaes os seus resultados para o futuro? Pesárão-se já na balança com fiel exactidão os interesses mutuos, e reciprocos, justos, e duradouros da *Inglaterra*, e de *Portugal*? Equilibrárão-se as cousas de maneira, que a *Inglaterra* exporte para *Portugal* tudo, o que lhe fôr possivel exportar das producções das suas Fabricas sem gravame, antes com utilidade, e augmento da Agricultura, e População Portugueza, e de maneira que Portugal, augmentando a sua Agricultura, possa exportar tudo, o que lhe fôr possivel, das producções das suas Terras, sem gravame da Industria *Ingleza*? Tem-se já feito hum cálculo certo, ou aproximado das producções de *Portugal*, e d'aquillo, em que ellas podem augmentar-se, (que he *ao maximum* proporcional de todos os Paizes do Mundo) e como sem offensa dos seus costumes? Pois sem este cálculo, nunca feito,

sem hum parallelo comparativo, e proporcional entre as producções dos dous Paizes, o que pode fazer-se com acerto, com vantagem recíproca, e com boa fé em materia de transacções Commerciaes? Vou tentar o váo, que he facil. Seja-me permittido dizer que os *Inglezes* estão totalmente enganados sobre os seus verdadeiros interesses na grande Questão Portugueza. O equilibrio entre a exportação, e importação recíproca dos dous Paizes he necessario, para *ligar com acerto os Negocios das suas Fazendas aos Negocios das suas Causas respectivas:* este equilibrio não pode estabelecer-se sem conhecimentos claros, e certos, e sem principios sólidos: a base da *Inglaterra* he a producção das suas Fabricas; a base de *Portugal* he a producção dos seus Campos: a *Inglaterra* deve augmentar, ou sollicitar o augmento da base Portugueza, para conservar a sua base, porque a Industria he exposta a fatalidades muitas vezes irremediaveis; e a Agricultura he huma hypotheca certa, e que não pode ser destruida para sempre. *Inglezes* illusos! Abrí os olhos! *(Continuar-se-ha.)*

Portuguezes! Vosso dever he obedecer, pois o resultado da vossa obediencia he o triumfo, a paz, e a prosperidade! Os Direitos de mandar são somente próprios do Nosso Grande Rei! Sua Magestade, o Senhor Dom Miguel, tem estes Direitos pela Graça do Nosso Deos, pelas Leis Fundamentaes da Monarchia, e pelas Suas Rarissimas Virtudes! Portuguezes! De Deos, e d'ElRei hão de vir todas as nossas venturas! Viva o nosso Deos! Viva o nosso Rei!

Lisboa 1 de Novembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 81.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Soldados! O Nosso Grande Rei, o Heróe Libertador da nossa Patria determinará o tempo, em que haveis de desbaratar os Rebeldes! Immudeça a divisão de opiniões, quando ElRei, e a Lei a todos nos chamão á união, e á concordia! Triumfaremos, se obedecermos! Ao nosso triumfo não póde obstar hum número pequeno de Portuguezes degenerados, por mais que se jactem da...

Intervenção de alguns Inglezes na grande Questão Portugueza.

Quando o interesse he a mola d'esta, ou d'aquella operação, para fazer parar, ou mudar este movimento, não se precisa mais, que de fazer parar, ou mudar o principio motôr, ou fazer conhecer, aos que se movem, que não acertão no seu interesse por esse movimento, antes errão, e se perdem; porque, o que se diz, que a opinião he a Rainha do Mundo, não póde entender-se senão quando a opinião he acompanhada do interesse, que he o Governo *macho* do Mundo, casado com a opinião, a qual, não sendo fecundada por este mistiço, fica sempre maninha. Forjão-se, verdade he, muitas opiniões entre os homens, sem que elles tenhão interesse, no que opinão, mas são opiniões, que ap-

parecem na forja sómente; porém a teima de sustentar, e defender a opinião não apparece senão no arsenal do interesse. Diz o grande Bossuet, que a liberdade dos prazeres venereos he a verdadeira origem de todas as variações Protestantes, que tem apparecido no seio da Igreja; mas, com a devida continencia de respeito a tão grande Padre, eu julgo que o interesse he a verdadeira origem d'essas variações, e discordias, segundo aquillo do Apostolo — *radix omnium malorum est cupiditas*, muito principalmente porque os prazeres venereos não se amão, nem se procurão, nem se sustém com pão secco, e com agua sómente, como diz S. *Jeronymo*. A alma da defensão das opiniões he o interesse, ou elle seja real, ou imaginario, ainda que he certo que o interesse tem outro fim, que he a satisfação das necessidades, das commodidades, e dos prazeres da vida, segundo a estimação, e desejos de cada hum dos individuos da Sociedade. Ora, tenhão os meus Leitores a prudente cautéla de não confundir a opinião com as verdades da Fé, porque estas não se sustentão pelo capricho dos homens, senão por aquella força Celestial, que as faz crer, e amar por si mesmas sem algum interesse mundano, ainda que na sua defensão tambem entra o seu interesse, mas he do Ceo, segundo o que de si mesmo confessou hum grande, e Sancto Rei, (David) que se dedicára sempre a praticar a Lei de Deos por causa do galardão — *Inclinavi cor meum ad faciendas justificationes tuas in æternum propter retributionem.*

Existiráõ *opiniosos* sem interesse; mas *opiniatres*, como lhes chamão os Francezes, ou teimosos na nossa linguagem, que quer dizer, defensores da opinião, sem interesse, que os mova, não existem, não s'expõe, não se arriscão, não se compromettem, não se empenhão. Esses mesmos Hereges *Opionistas*, assim chamados por auctores de opiniões ridiculas, e exoticas, que querião fazer transitar por verdades inexpugnaveis, defendendo-as teimosamente, elles não tomavão a sua defensão senão por interesse. Os nossos *Opinantes* em Côrtes nas duas Constituições (elles bem merecião chamar-se *Opionistas*) nunca tomárão grande calôr nas suas discussões, senão quando o interesse, ou a sua cobiça, e esperança os esquentava. Mas deixem-se agora os *Opionistas* Religiosos, e Civís, e venhão a campo hum minuto os Militares: estes valentões, que arrotão a opinião por metade da alma do seu valôr, sem interesse ficão sem alma: eu fallo de Militares Revolucionarios, ainda que he-

certo que qualquer General, como já disse hum Escriptor, que he muito amigo da sua vida, não considerando a felicidade, e honra do Estado como sua primeira paixão, e seu primeiro dever, preferindo por isso mesmo a existencia á gloria, não só não deve entrar no Campo, e muito menos commandar Exercitos, antes merece ser arcabusado como trahidor, ou espancado pará fóra do Exercito como hum cobarde despresivel; porque, por muitos Planos que saiba fazer no Gabinete, á vista do inimigo será muito menos, que hum Cabo: ora os Militares Revolucionarios não são dirigidos, como se pensa, e elles dizem, pelas opiniões, pelas innovações, ou pela liberdade; he simplesmente a avareza, quem guia os Revolucionarios, os motôres, os seus complices, e os seus instrumentos: a cobiça de interesses he a *ama de leite* de todos os Militares, que servem, ou servírão a Revolução: mas eu virei a elles em melhor occasião; hoje ha o meu ponto de vista o interesse da *Inglaterra* na grande Questão Portugueza.

Todas quantas transacções se tem feito entre os homens, ou ellas sejão privadas, ou públicas, não são mais, que ajustes sobre interesses, em que a esperança de ganhar se combina com o perigo de perder, examinando-se as materias de ganho, e as materias de perda; por evitar esta, e por conseguir aquelle se faz entre os homens quanto se faz, a saber, os Tractados de Paz, os de Guerra, os de Alliança, os de Commercio, e até os de Neutralidade, estes chamados hoje de *não intervenção;* Tractados que eu chamaria, se podesse, Jogos de *Ganha perde*, porque he necessario perder para ganhar. Não tem sido outro o objecto directo de todos os Tractados, que *Inglaterra*, e *Portugal* (pois o meu caso agora he com estes dous Estados) tem celebrado entre si desde a memoria dos homens.

Os Tractados de Commercio entre estes dous Paizes são muito antigos, e muito frequentes, ainda que a primeira ratificação, que apparece, dos que se celebrárão antes da intrusão dos Filippes, foi no tempo d'estes pelos annos de 1604, e 1605. Depois da expulsão dos Filippes apparece o primeiro, que ao mesmo tempo foi de Paz, no anno de 1642; seguírão-se logo outros Tractados entre as duas Corôas nos annos de 1654, (tendo-se assignado os seus Artigos preliminares no de 1652) nos de 1660, e 1661; outros de Alliança, e de Commercio no anno de 1703; outro de Alliança, pelo que pertencia aos Estados d'Asia, no anno

de 1721; outro definitivo de Paz no anno de 1763; outro de Paz em 1795; outro de Commercio, e Navegação, e do estabelecimento de Paquetes no anno de 1810; e outro sobre indemnisações no anno de 1815: por esta enumeração se vê que Portugal tem entrado em mais Tractados, e Convenções com a Inglaterra, que com outras quaesquer Nações, de maneira que as relações, e communicações de interesses entre os dous Paizes parecem mais estreitas, reciprocas, ligadas, e dependentes, que as que ambos tem com algum outro Paiz. Ora, examinando-se todos esses Tractados de qualquer natureza, achar-se-ha que a base, sobre que elles se fizerão, foi a reciprocidade de interesses, e nunca a identidade de idéas, ou de opiniões Religiosas, e Politicas, que jámais se tiverão em vista, nem merecêrão algum peso, e consideração sobre estes ajustes, e convenções, podendo bem inferir-se que estes dous Paizes nunca se importárão, nem deverão agora embaraçar-se de theorias, que não tem relação alguma com os seus interesses; não se ajustárão sobre idéas, sobre opiniões, sobre liberdades Religiosas, e Civís, sobre Legislação, sobre o Culto, e Disciplina da Igreja, sobre o exercicio da Authoridade Soberana, sobre amnistias, ou perdões, nem sobre a maneira de exercitar a justiça; ajustárão-se simplesmente sobre interesses; e todos os outros negocios do interior de cada hum Paiz forão deixados na sua natural liberdade, e seguírão o seu andamento. E quererá agora a *Inglaterra* encetar outra vereda, depois de dous Seculos? Houve em Portugal Inquisição, havia Jesuitas, havia Clerigos, e Frades como agora, havia Nobreza, havia em fim essas cousas, que agora se chamão *feudalismo*, *servilismo*, *egoticismo*, *intolerancia Religiosa*, *e Civil:* e deixou por isso a *Inglaterra* de tirar de *Portugal* todas as vantagens, que lhe forão possiveis? Diminuio por isso o seu Commercio, e Fazenda? Não cumprírão os Portuguezes, como homens de boa fé, todos os seus ajustes, sem embargo de todas essas *servilidades*, e usanças *goticas?* Não forão os Portuguezes amigos dos Inglezes, não obstante a sua differença de Religião, e de Legislação? Augmentou alguma cousa a Fazenda de Inglaterra com a expulsão dos Jesuitas, com a extincção da Inquisição, com a introducção das novidades, que se adoptárão nos annos de 1820, e de 1826? *Portugal* depois d'estas novidades tem sido melhor, e mais interessante alliado da *Inglaterra*, do que foi nos Seculos anteriores? Os Portugue-

zes, depois que se fizerão Constitucionaes, forão de melhor fé, honra e palavra, que quando vivêrão unidos aos seus Soberanos? Offerecêrão á *Inglaterra* maiores e mais faceis meios de consumir as producções das suas Fabricas? Apertárão mais, ou fizerão mais fortes, mais seguros e mais permanentes os laços da alliança? Respondão os Inglezes á face de todo o Mundo com a ingenuidade e candura de que prézão. O Governo Inglez, quaesquer que fossem os seus sentimentos ácerca da forma do Governo Portuguez, nunca se importou de outra cousa em *Portugal* que de conservar e promover os interesses e a Fazenda do seu Paiz. Variará agora a sua marcha e o seu systema? Não he d'esperar da sua grande Politica. Nenhum outro Governo do Mundo attende mais ao bem estar dos seus Subditos, que o Governo *Inglez;* a este fim dirigio e dirige sempre todas as suas operações: sobre este eixo rodão todos os seus Tractados, de qualquer natureza, com todos os Paizes; mas a sua base he a exportação das producções da sua industria, commutando-as pelas producções naturaes de outros Paizes.

Qual he a base Portugueza? Sem dúvida a exportação das producções dos seus Campos, commutando-as pelas producções da industria de outros Paizes. E esta base tem variado? Tem-se augmentado, ou diminuido? Pode a *Inglaterra* tirar do *Portugal* de agora as mesmas vantagens, que tirava do Portugal de antes? Pode a *Inglaterra* presentemente fazer sobre *Portugal* a mesma exportação que fazia nos tempos passados? Pode *Portugal* presentemente fazer sobre a *Inglaterra* a mesma exportação que fazia noutros tempos? Existem em *Portugal* os mesmos generos de Commercio ou de Commutação? As bases são as mesmas? Eis aqui considerações mui attendiveis, e que talvez se não tenhão calculado e ponderado devidamente, para se conhecer o como os interesses dos dous Paizes possão ligar-se e promover-se com utilidade commum: a base da *Inglaterra* existe, senão com augmento, ao menos sem diminuição, a sua industria: a base de *Portugal* não creio que exista da mesma forma, muito principalmente depois da Separação do Brasil. *Portugal* não perdêo, com a perda das suas Colonias, todos aquelles generos Coloniaes, que certamente fôrão muitas vezes o principal objecto da exportação Portugueza, das suas commutações com a *Inglaterra*, do interesse recíproco dos dous Paizes, do mútuo Commer-

cio, das suas Transacções, e dos seus Tractados? Tem *Portugal* outro equivalente, que substitua áquelles generos, e que possa ser o objecto do seu commercio com a *Inglaterra*, com interesse mútuo da Fazenda dos dous Estados? Eis aqui esta base perdida sem substituição de outra, e conseguintemente impossibilitados os Portuguezes, no estado actual das cousas, não só do seu commercio, nesta parte, com a *Inglaterra*, como do seu commercio no interior do Paiz, e por isso incapazes de produzir á *Inglaterra* a mesma exportação das producções da sua Industria, e de lhe consumir tanta quantidade de cousas, como d'antes lhe consumia, não podendo a *Inglaterra* por esta parte obter, nem conservar sobre *Portugal* as suas anteriores vantagens commerciaes.

O Governo Portuguez nunca se lembrou de que o Brasil lhe sería separado da sua dominação, e dependencia, e nesta consideração traçou a sua marcha, e todas as suas operações, não só para o seu commercio, commutações, e transacções no interior, com vista sempre na conservação, e augmento da sua Fazenda, e no interesse de todos os seus Subditos, ou Vassallos, como para os seus Tractados de Commercio com os outros Paizes, e mais consideravelmente com a *Inglaterra*. D'ahi vierão as suas disposições, direitos, regulações, e medidas de toda a natureza sobre todos os generos, e producções Coloniaes, e mesmo do Paiz. Os Vinhos, as Aguas-ardentes, os Vinagres, a mesma Aguapé, os Trigos, e todos os Cereaes, as Cevadas, o Arroz, o Assucar, a Azeitona, e o Azeite, as Laranjas, os Limões, as Arvores, os mesmos Peixes, os Barcos, os Navios, e a mesma Navegação, o Sal, o Sabão, o Tabaco, o Chá, o Café, as Fabricas do Salitre, e da Polvora, da Seda, das Cartas de Jogar, das Madeiras da Marinha, de Cal, de Chapeos, de Gomma, e Polvilhos, de Grude, de Lonas, Enxarcia, e Brêos, de Vidro, Porcelana, e Louça, de Caracteres de Impressão, de Algodão, de Lanificios, de Antas, Camurças, Pellicas, e Pergaminhos, de Cambraias, e Hollandas, de Belbutes, Bombazinas, e Fustões, de Ferrarias, e de outros Metaes, de Minas, de... o mesmo Ouro, a Prata, o Bronze, o Cobre, finalmente não havia cousa, que não fosse materia de commercio, de commutação, de transacções, de especulação, e de providencias legislativas: estabelecêrão-se Direitos de exportação, e de importapão para o giro no mesmo Paiz, e nas Colonias, e nos Pai-

zes Estrangeiros, e nestes, com especial consideração á *Inglaterra*; creárão-se Companhias, Juntas, ou Bancos e Tribunaes com varios Privilegios e Exclusivos; erigírão-se muitos Empregos com relação á multidão de todos estes objectos: a Legislação foi pela maior parte Commercial, e a Marinha, o Exercito e a Magistratura recebêrão a sua organização com referencia ao Commercio do Paiz. *Portugal* fez e representou o papel de huma Nação Grande, e pouco lhe faltou que se não igualasse com as Potencias de primeira Ordem na Europa, equilibrando com ellas a sua opulencia, o seu commercio e as suas forças: he sem dúvida para admirar a multidão de providencias que o Governo Portuguez adoptou para conservar e augmentar a sua Fazenda e os seus interesses, e para fazer a felicidade dos seus governados, notando-se porem que todas estas providencias se ligavão tambem e principalmente á Fazenda da *Inglaterra*, d'onde veio essa alliança tão estreita e tão íntima, que parecia mais bem huma fraternidade de interesses, que huma Alliança Politica: em huma palavra, *Portugal* chegou ao seu zenith, subindo até aonde pôde subir. Porem conserva-se este florecente estado de huma verdadeira grandeza, e opulencia Nacional? Certamente não. Portugal não tem já descido quanto podia descer? Havendo variado infinitamente as suas circumstancias para peior; pode *Portugal* manter com a *Inglaterra* as mesmas ligações e relações de interesse e de commercio, as mesmas transacções, os mesmos Tractados? He claro que não. Tem-se bem ponderado, e conhecido qual he a base sobre que devem estabelecer-se as ulteriores transacções? E essa base existe? Não será necessario variar o Systema, tomar outras disposições, traçar outra ordem e seguir outro andamento, pois que as cousas não são as mesmas, nem entre ellas ha a mesma ligação, relação, gradação e communicação? Não he mais que evidente em Politica que a Legislação e todas as Providencias são superfluas sobre as cousas, que já não existem? Não he necessario neste caso alterar a Legislação e as Providencias para as mesmas cousas, que ainda existem, mas que estão desligadas, das que antes existião, e com as quaes andavão em giro e em commutação? Variadas as bases da opulencia e felicidade de qualquer Estado, perdidas ou diminuidas as materias, que o erão de commercio no interior e no exterior, preciso he que se altere o Systema de organização do mesmo Estado e as suas relações com os

outros Estados; preciso he que haja alteração na Legislação Commercial, e variação na Marinha e no Exercito, e na mesma Magistratura; novos Direitos, novas Pautas, novos Impostos e nova Administração, que equilibre a despeza com a receita, para que o Estado adquira e conserve crédito e reputação comsigo mesmo e com os outros Estados. Eu não fallo, nem eu quero, nem Deos tal permitta, de huma nova organisação Religiosa e Monarchica; fallo do outro Systema Economico, de subsistencia e de consistencia no interior e no exterior, que aproxime as relações de Fazenda e interesses de *Portugal*, e dos Portuguezes ás relações de Fazenda, e interesses de *Inglaterra* e dos Inglezes. Perdêo-se a base anterior, este he hum successo desgraçadamente indisputavel: he pois indispensavel procurar outra base, ou buscar a principal e verdadeira base.

Qual he essa verdadeira base da prosperidade Portugueza, e sobre a qual possão estabelecer-se as relações de Fazenda e interesses com a *Inglaterra?* A Agricultura; esta he a principal e quasi unica base, sem perder de vista as vantagens que Portugal pode tirar das Colonias, que ainda lhe pertencem; pois que pelo andar dos tempos *Portugal* pode ainda ser tão opulento, com o que possue na Asia e na Africa, como com o que perdêo no Brasil, se *Portugal* fitar alli as suas vistas e reflexões; — *O fortunatos nimium sua si bona norint — Agricolas!* — repetirei, o que já disse com Virgilio no N.° antecedente; e seja esta exclamação hum lugar de descanço. O! vós todos, os que possuis terras em *Portugal!* Vós podeis ser muito ricos e muito ditosos, vós podeis fazer Tractados vantajosos com a *Inglaterra*, se souberdes tirar das vossas Terras todas as grandes vantagens, que o seu cuidadoso, e bem meditado cultivo vos offerece! Porem vós, Inglezes *illusos*, conhecei e meditai bem, o que a experiencia de todos os Paizes confirma, que *a Causa Constitucional não convém a Paizes Agricolas*, nem promove, antes tolhe a Agricultura. Se pois os *negocios de Portugal*, como confessa o Nobre Conde Grey, *estão ligados á Fazenda da Inglaterra, se o interesse da Inglaterra pede o conservar a paz em Portugal, e que a actual contenda tenha huma prompta e satisfactoria conclusão*, sendo hum principio certo que a Causa Constitucional não convém a hum Paiz essencialmente Agricultor: ó *Senados* Inglezes, removei a guerra, pois ella vos offende; e dai-nos, se podeis, a paz, pois o vosso interesse a pede; mas enten-

dei que não pode haver paz em *Portugal*, nem *Portugal* a quer de outra forma, sem que o Senhor Dom Miguel seja o seu Soberano, e Governe por aquella forma, que Governárão todos os Soberanos de *Portugal*, com que Vós haveis feito Tractados vantajosos para o Vosso Paiz! Vêde bem que todos, os que defendem os Direitos do Segundo Ramo da Familia de Bragança, são verdadeiros possuidores em *Portugal*, e tem nos seus Campos a hypotheca mais firme para a permanencia, e segurança das vossas, e das suas especulações, e transacções. Qual seja a razão, por que aos Inglezes convem fazer seus Tractados com os Realistas, e não com os Constitucionaes, eu a aclararei opportunamente no longo exame dos verdadeiros interesses da *Inglaterra* nesta grande Questão Portugueza.

A Agricultura he a verdadeira, e a principal base da prosperidade de *Portugal*, e sobre a qual base unicamente póde a *Inglaterra* contar para suas transacções, especulações, e Tractados com *Portugal:* as producções da industria Portugueza, as suas Fabricas, os seus artefactos mal podem ser presentemente objecto de Commercio com os Paizes Estrangeiros, entrando n'esta mesma conta o Brasil, onde os Inglezes concorrem no seu Mercado, mais que todas as outras Nações da Europa conjunctamente. Mas está a Agricultura Portugueza no pé conveniente a servir de base de prosperidade para *Portugal*, e de Commercio com a *Inglaterra?* Póde a Agricultura ser levada a toda a sua perfeição, e fecundidade? A Legislação actual he sufficiente a este respeito, ou precisa de ser alterada? Esta alteração tocará no actual Systema Religioso, e Moral Portuguez, para que a Agricultura seja levada ao cume do seu melhoramento, e das suas vantagens? Tem *Portugal* bastante População para cultivar todos os seus Campos susceptiveis de Cultura? Como poderá augmentar-se a População, se o seu augmento fôr conveniente? Estas medidas para o augmento da População tocaráõ tambem no Systema Religioso, e Moral Portuguez? Eis-ahi huma multidão de objectos todos attendiveis, e acaso despresados.

Sobre a População. Eu não dicto a Lei, nem dou sentenças, expônho sómente o meu parecer com a clausula de *Salvo meliori*, com subordinação aos verdadeiros conhecedores dos verdadeiros interesses de Portugal. Se eu pensasse como os Estadistas, que a Filosofia da Revolução tem apresentado n'este seculo, e no passado, diria, que para augmen-

tar a População era necessario acabar com os Frades, e com as Freiras, dar licença aos Clerigos para casarem, e abolir a Vinculação dos Bens. Ora, encarando este pensamento da Filosofia da *impiedade*, não pelo lado da Religião, nem pelo da Politica, mas pelo do interesse do mesmo augmento da População, he o pensamento mais despropositado, que a Filosofia póde conceber, pois he assentado entre os verdadeiros Estadistas, que as pessoas, que entrão nos Claustros Religiosos, renunciando ao Matrimonio, ou por vocação para o Celibato, ou por conveniencia, ou por falta de proporções para hum Casamento razoavel, segundo a sua classe, proporcionão a seus irmãos, e irmãs o poderem casar convenientemente; o que estes não poderião fazer, ou não quererião, se aquelles se não encerrassem nos Claustros; sendo certo que nem todas as pessoas na Sociedade podem casar, nem todas querem, além de que he mais util para a Sociedade hum Casamento vantajoso, que possa sustentar-se a si, e a sua próle decentemente, do que dous Casamentos pobres, que não tem arbitrio de se sustentarem a si, e as suas familias com alguma commodidade. Quanto aos Clerigos, além das considerações Religiosas, e Politicas, resultão quasi os mesmos inconvenientes; e, dado o caso de que não resultassem, a População não teria augmento consideravel. Ora, quanto á abolição dos Bens Vinculados, além de que a Agricultura deve receber d'ahi grandes vantagens, e além do esplendor, e do brilhantismo das familias, e do Estado, e porque tambem he mais util para a Sociedade hum bom Casamento, que tres, ou quatro máos, e que muitas vezes não podem, nem querem fazer-se; os filhos segundos, ou procurão os Claustros, ou o Clericato, ou buscão as Letras, as Armas, e a Industria, e n'estas tres Estações conseguem muitas vezes Casamentos proficuos, e com isso a População se augmenta até pela Vinculação dos Bens.

Mas he necessario, e possivel o augmento da População em *Portugal?* He necessario, se a Agricultura quer ser levada ao cume possivel da sua perfeição, e grandeza, de modo que possa servir de base á prosperidade Portugueza, e ao seu commercio com os Paizes Estrangeiros, especialmente com a *Inglaterra:* he possivel, não só porque a Peninsula *Luso-Hispana* já teve, e sustentou da sua Agricultura huma População dupla da actual, como porque he cousa conhecida de todos os bons Estadistas Portuguezes,

que todas as Provincias de *Portugal* podem manter muita mais População, inclusivè a do Minho, onde parece haver excesso de gente, e sobre tudo a do Alemtéjo. Quaes são as causas da diminuição da População em *Portugal*, ao mesmo tempo que a de *Hespanha* se augmentou muito, depois da guerra Peninsular, ou, mais bem, depois da extincção do regimen Constitucional? 1.ª A emigração para o Brasil: 2.ª Os muitos braços de mais empregados no Exercito: 3.ª Os muitos braços de mais dedicados ás Artes Liberaes, e Mecanicas, pela má, e errada supposição, de que a industria era a principal base da prosperidade Portugueza, sendo sómente a Agricultura a verdadeira, e a principal base, a que os Portuguezes devião attender para serem ditosos, e para entabolarem com vantagem as suas relações de commercio com os outros Paizes, e especialmente com a *Inglaterra*: 4.ª Os muitos Celibatarios, ou incontinentes estereis, de que abunda o Estado Secular em *Portugal*. Não são os Jesuitas, não são os Frades, não são os Clerigos a causa da diminuição da População em *Portugal*, attestando a observação que quanto menos tem *Portugal* de Frades, e de Clerigos, tanto mais tem diminuido a sua População. Os Senhores Reis de *Portugal* nos tempos antigos enviavão a muitos *Pobradores*, como a seus Caseiros, e Colonos, a povoar alguma Villa, Castello, ou Terra notavel, que vinha a ser hum Reguengo foreiro á Corôa, e por isso lhes concedião varios Privilegios, e distincções, sendo de notar que em muitas d'essas novas Povoações logo os Senhores Reis estabelecião Conventos de Religiosos, ou de Religiosas, ou dos dous sexos ao mesmo tempo; a Provincia de Tras-os-montes, que he da que eu tenho maior conhecimento, tem muitas Povoações formadas d'esta maneira. Mas ignorão os Portuguezes que os Benedictinos concorrêrão muito para a População do Minho? Toda a Europa sabe quanto deve aos Monges a este respeito.

Quaes os meios de augmentar a População? 1.° Os mesmos, que se adoptárão nos tempos antigos: 2.° Aproveitar a re-emigração do Brasil: 3.° Diminuir o Exercito no tempo de paz: 4.° Remover das Artes Liberaes, e Mecanicas os braços, que lhes sobejão: 5.° Obrigar aos Celibatarios Seculares, ou a esses incontinentes estereis, a que, tendo fundos sufficientes, segundo a sua Classe, contrahão matrimonio, em chegando a certa idade, mulctando aos que as-

sim o não fizerem, e privilegiando aos que de boa vontade o cumprirem: 6.° Promover a Agricultura, que he a verdadeira Mãi de toda a fecundidade. A fundação da *Carolina* na *Hespanha*, e a cultura da *Serra Morena* he hum exemplo mui luminoso, porque he dos nossos dias. Obrigar os vadios, os ociosos, e os *sobrantes* das Villas, e Cidades, de todos os sexos, a cultivar os Campos abandonados, será hum grande meio de augmentar a População: alguns calculão o augmento da População de hum Estado pelo augmento da População das suas Villas, e Cidades, o que he hum erro crassissimo ordinariamente: quando a População das Villas, e Cidades se augmenta d'ellas mesmas, he hum signal da opulencia do Paiz; mas quando a População das Villas, e Cidades se augmenta das Aldêas, he hum signal de máo agouro, que indica a pobreza do Paiz, a disidia dos seus habitantes, e a prompta diminuição da sua População: aquelle que abandona o cultivo dos seus Campos, e passa a estabelecer-se nas Villas, ou Cidades, ordinariamente he hum mão Aldeão, e hum Villão ruim, ou Cidadão infame; a sua raça commumente vem a ser viciosa, infecunda, ou debil, inutil, e até gravosa para o Estado. Mas esta materia como diz respeito aos mutuos, e reciprocos interesses de *Portugal*, e da *Inglaterra*, pede mais longo exame, e por isso *continuar-se-ha*.

Portuguezes! Soldados! Triumfai dos vossos inimigos pelo valôr das vossas armas; restabelecei a paz no vosso Paiz, fazendo bem a guerra aos Rebeldes, porque a boa guerra faz a boa paz! Depois de tudo isto vós sereis grandemente ditosos! A Alta Politica, e Sabedoria do Nosso Grande, Optimo, e Magnifico Rei, e Senhor Dom Miguel tem meditado mui profundamente todos os meios de fazer, e promover a nossa Prosperidade, o nosso Commercio, e a nossa Opulencia! Nós seremos ainda invejados de todos os Paizes Estrangeiros, como já o fômos nos dias mais venturosos da Monarchia!

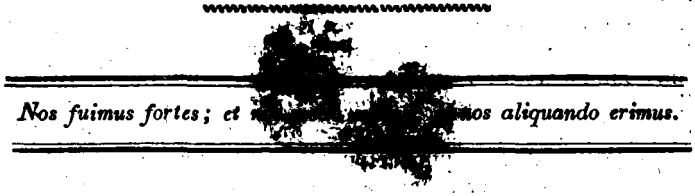
Lisboa 8 de Novembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 82.



Nos fuimus fortes; et [illegible]mos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ý 15. Portuguezes! Soldados! O valôr, e a subordinação a vós pertence! As disposições para o ataque, e a sua direcção pertencem ao Chefe! E que outro Chefe quereremos nós, e que tanto mereça a nossa confiança, como o Nosso Invencivel Rei, e Senhor Dom MIGUEL I? Quem duvidará pelejar, e desconfiará de vencer, tendo ao seu lado hum Rei, e General tão Animoso, e Esforçado? Que importão na Sua Real Presença todos os estratagemas dos inimigos, e toda a pericia d'esses Constitucionaes Estrangeiros, que intervem de curiosos, e seduzidos a favôr dos suppostos, e já combatidos Direitos de Dom Pedro?

A Intervenção de alguns Inglezes na grande Questão Portugueza me decide a dar-lhes hum verdadeiro desengano sobre os seus verdadeiros interesses nos Negocios de *Portugal*, que o Nobre Conde *Grey* disse, e bem, *estarem ligados á Fazenda da Inglaterra.* Talvez o meu *Artilheiro*, que me encommendou este Sermão, ainda que mo não paga, esteja arrependido, porque temos muito panno para mangas. Pois que pensava? Que não havia pagar o seu atrevimento, de me indicar a materia, em que devia exercitar a penna? Assim quiz affastar-me do Exercito? Queria o *Ar-*

tilheiro que lhe não bullisse nas mataduras? Se a sua Artilheria não descreve senão linhas rectas, saiba que eu gósto mais das obliquas, e que nunca metto as columnas pelo lado, em que pertendo engajar o ataque; vou cá por torcicolos, formando as linhas de fortificação com fossos, e parapeitos, para defender o meu campo; e tambem linhas de circumvallação á roda das posições, que quero atacar; depois alargo a face do baluarte até á cortina, a que se chama — linha da defensa rasante — e por fim tiro a linha do ponto do baluarte, fazendo angu[illegible] a face, a que se chame — linha fixante. — [illegible], Senhor *Artilheiro?* Tome-se comigo, e [illegible] leva. Se ainda não sabe como se fortifica [illegible] huma Cidade, vá ao Porto, e lá lh'o diráõ, porque eu não estou para ensiná-lo de graça; mas se quer saber como se toma, e conquista huma Cidade fortificada, venha comigo para aqui; ataque para além; não dê muita elevação aos tiros, amiude a carga, e verá a Missa no terceiro *Deo gratias*. Imaginava o meu *Artilheiro* que só elle era o sabichão? Ora venha comigo ao sitio defronte d'esta *Cantareira*, e neste ponto do Rio, pouco mais, ou menos, tolha a entrada, e a navegação, que por elle se faz com soccorros de toda a especie para o inimigo. Não sabe como isso se faz? Eu lho digo; faça-o, e antes de o fazer não o diga a ninguem — Entulhe o Rio, que aqui não he muito largo, nem muito profundo; o arranjo dos materiaes levará alguns dias, mas a acção he obra de menos de hum dia. Quer agora que lhe diga como se defende huma Barra sem Náos, sem Marinha? Ora não estou hoje para tanta consa: mas se o *Artilheiro* ignora estas cousas, que são da sua profissão, dou-lhe huma baixa redonda, que vem a ser baixa por tôlo, porque todos os tôlos tem a cabeça redonda, segundo por ahi dizem: deixe-me em paz, meu *Artilheiro*, que de todos os modos, ou queira, ou não queira, agora ha de roê-la, isto he, a discussão sobre a verdadeira base da prosperidade Portugueza, e do seu Commercio com os Paizes Estrangeiros, especialmente com a *Inglaterra*. Esta base principal he a Agricultura.

A Agricultura não se faz sem braços, ainda que as máquinas, e a escolha de instrumentos melhores, que os que estão em uso, faz desnecessarios alguns. Sobre as cau-

sas da diminuição da População em *Portugal*, e sobre os meios de se augmentar já expuz o meu parecer; mas nenhum outro meio acho mais poderoso, que a mesma Agricultura. Ditoso aquelle Paiz, que pode applicar-se, e se applica ao cultivo dos seus Campos, dos quaes tira todas as vantagens para o remedio das suas necessidades, e para se provêr dos outros objectos de commodidade, e de decencia! Ditoso aquelle Paiz, que tem Sabios, que o conduzão! Elle se augmentará pela sua sciencia, e pela sua docilidade, em quanto os outros Paizes se debilitão pela imprudencia, e pela ignorancia dos que os guião. A opulencia, e a força de hum Estado vem da sciencia, e da prudencia dos que o governão: algumas vezes por isso hum pequeno Estado se faz grande, e poderoso em pouco tempo, em quanto outros Estados maiores vem abaixo em poucos annos: acaso estas serão fatalidades, a que estão sujeitos todos os Paizes do Mundo. De tantas Nações poderosas, e florecentes, como tem brilhado no Mundo, eu vejo somente seus Nomes nas Historias, e apenas as muralhas, ou antes as ruinas de algumas Cidades: a Monarchia dos Babylonios, a dos Persas, a dos Macedonios, a dos Romanos, a dos Gregos, a dos Carthaginezes, a dos... lá vão, e depois d'ellas já lá fôrão outras, e depois d'estas hão de ir tambem as que agora florecem; e isto não tanto pelas guerras, que lhes movessem os outros Paizes, quanto pelas indiscrições, dos que as governárão; pela sua falta de valôr, de sobriedade, de desinteresse, de honra, de sciencia, e de virtude. Hum Estado qualquer, onde as Sciencias, e Artes não sejão estimadas, onde os talentos, e virtudes sejão desattendidos, onde os serviços, e trabalhos sejão desprezados, cêdo está em terra: assim he como muitos Paizes se fazem grandes, e poderosos pela ruina dos outros. Todavia os Paizes Agrícolas são os que se conservão mais tempo livres d'estas fatalidades communs a todos; porque tem hum fiador mais seguro da sua conservação, e do seu poder, em quanto os que vivem simplesmente da sua industria, das producções das suas Fabricas, e da sua Marinha, estão mais expostos a estas ruinas, e catastrofes: hum Povo Agrícola ordinariamente ama a honra, préza a virtude, he sóbrio, comedido, e moderado; he soffredor, austero, e subordinado; he corajoso, bravo, intrépido, e invencivel; porque tem in-

teresse, e o concebe na defeza do seu Paiz, dos seus Templos, das suas Familias, das suas Casas, e das suas Propriedades, que não espera achar iguaes, e tão amaveis em outra alguma parte do Mundo. Ah! Se *Portugal* se não esquecesse do que foi nas suas duas primeiras Idades! Se elle amasse, e promovesse o cultivo dos seus Campos! Se elle olhasse para as producções da sua Industria como para hum simples accessorio, e incidente da Agricultura, e que sem receber d'esta toda a sua vitalidade, e animação, não podia subsistir, não podia menos de perecer! Pois que? *Portugal* tem abandonado a sua Agricultura? Não: porem não se reputa perfeito, o que não adquire toda a perfeição, de que he capaz. A Agricultura em *Portugal* he susceptivel de infinitos melhoramentos, de muito maior producção, e de fazer toda a prosperidade dos Portuguezes, e toda a sua base para commerciar vantajosamente com os outros Paizes, especialmente com a *Inglaterra.*

Os Portuguezes em muito tempo não achárão outro caminho, para chegarem a ser ricos, e distinctos, que ir ao *Brasil*, ou applicar-se ás Letras, ou a algum negocio, ou a algum genero de industria; os mesmos Militares, e os Magistrados, quando querião promover-se, e adiantar-se assim nos seus Postos, como nas suas Fazendas, procuravão huma viagem para o Brasil, e até ahi para a *Asia*: hum Clerigo pobre, e muitas vezes tôlo, e vadio, ía, e vinha na carreira do *Brasil*, e logo apparecia rico, e até esperto como hum alho, ainda que quasi sempre desmoralisado; hum Pai-Familias, que tinha muitos filhos, e não podia deixar a cada hum d'elles com iguaes bens, e vantagens, ás que elle desfructava, destinava alguns para o *Brasil*, e por esta via procurava a todos huma collocação igualmente vantajosa, e mesmo superior á sua classe, e nascimento: hum, que se achava criminoso cá em *Portugal*; outro, que vivia mal contente da sua mulher; outro, que não queria ser Soldado, ou Miliciano; outro, que dissipára seus bens; outro em fim, que se não contentava da sua sorte, tomava o expediente de ir para o *Brasil*, e ou por lá se deixava ficar, ou regressava para *Portugal* com alguns cobres na algibeira, e não poucos vicios na alma, não sendo o menor o da ociosidade: outro Pai-Familias, que tinha muitos filhos, e a todos queria vêr collocados como homens

de bem; a hum destinava para o negocio, e depois de poucos annos de caixaria, apparecia hum Negociante quasi sempre sem fundos, e muitas vezes *sem cunhos, nem cruses*; a outro destinava para as Letras, e em poucos annos de Universidade apparecia *Doutor*, com perdão dos que me lêm, e logo Juiz de Fóra; e, se o vento era favoravel, ei-lo Desembargador: a outro mandava para Clerigo, e com trinta réis de Latim, e quinze réis de Larraga estava feito hum Senhor Padre de *Requiem*; e se a Senhora Dona *Simona* favorecesse o negocio, ei-lo Abbade, ou Conego. Em huma palavra, a mania foi esta; ou *Brasileiro*, ou *Caixeiro*, ou Senhor *Doutor*, ou Senhor *Padre*, ou... O caso estava em vestir casaca, e trajar como Cavalheiro, trabalhar pouco, e nada de Agricultura: chegar á opulencia, e á distincção sem os trabalhos ruraes! Verdade he, que em tempo de Guerra, o Emprego de *Commissario* era hum caminho mais breve; e em todo tempo, para quem não tinha vocação de *Brasileiro*, ou de *Caixeiro*, ou de *Doutor*, ou de *Padre*, o Officio de *Rendeiro* foi sempre cousa muito rica, e muito honrada; hum pouco mais tarde apparecêrão os *Cambistas*, e os *Rebatedores*, os que sempre favorecidos pela Senhora Dona *Usura* não precisão de outra cousa para serem ricos, e guapos! Valha-me Deos! Quanto em *Portugal* se tem augmentado a Classe média com muito despreso da Agricultura, e dos Officios necessarios para a conservação do Estado! Quanto, muitos d'essa Classe média tem forcejado para enxovalhar a Aristocracia! Alguns conheço eu, que andão na lista dos Rebeldes, os quaes, procurando-se-lhes a quarta geração, são representantes por Varonia recta de hum Barbeiro, de hum Hortelão, de hum Alfaiate, de...!!! Pois de Moleiros, de Çapateiros, de Ferreiros, de Carniceiros, de Rendeiros, e d'outras Classes de semelhante distincção, são bem muitos, os que tem passado para a Classe média, pelos geitos, e tregeitos, que tenho dito de *Brasileiro*, ou *Caixeiro*, ou *Doutor*, ou *Padre!!!* De Boticarios, de Tanoeiros, de Barqueiros, de Peixeiros, de..... vimos alguns filhos com Excellencia no Salão das Côrtes!!! Parece que em *Portugal* em alguns tempos se reputava sómente homem de bem, o que não era Lavrador!!! Em quanto *Portugal* não fez conquistas na *Africa*, na *Asia*, e na *America*, os Portu-

guezes considerárão a Agricultura como huma fonte inexhaurivel da sua riqueza, e grandeza; e ella certamente formava o mais firme baluarte da Sociedade, e até da *Moral Publica.*

Apparecêo na *Hespanha*, algum tempo, hum Folheto discutindo o problema, de *se a possessão, e conservação da America era util, ou prejudicial á Hespanha?* Eu não traço esta discussão com respeito ao *Brasil* sobre as vantagens, ou desvantagens, que elle trouxe a *Portugal.* Posso porém dizer, sem medo de ser contradictado, que se o seu Commercio nos fez civilisados, tambem nos desmoralisou; se introduzio o luxo, tambem a ociosidade; se nos fez ricos, tambem perdularios: o certo he que hoje, geralmente, nos julgamos perdidos, o que muitos attribuem á separação do *Brasil*, e eu attribuo a abandono da nossa Agricultura, que he a hypotheca mais certa da Industria, do Commercio, da Marinha, do Exercito, da Grandeza, e do Clero. Perdemos o *Brasil*, depois que o povoamos, despovoando as nossas Terras; perda sensivel; mas a peior he a perda dos nossos costumes, e da nossa Agricultura. Não cuidámos senão no luxo, e em riquezas mercatorias, e pecuniarias, que são faceis de se perderem; e descuidámo-nos da riqueza rustica, que he impossivel de se perder, senão pelo abandono da Agricultura, que he a verdadeira riqueza, sem a qual he impossivel que subsistâmos politica, e civilmente. *Portugal* tem huma numerosa, e excessiva Magistratura em immensas Repartições, assim Civis, como Ecclesiasticas, as quaes Estações erão, outro tempo, necessarias, e possiveis, e agora são superfluas, e impossiveis: já se diz presentemente, que a Patriarchal não póde existir por falta de recursos; o tempo fará vêr que outras muitas Estações estão nas mesmas circumstancias; a mesma Capital parece não poder conservar-se com a mesma grandeza em toda a extensão da palavra; outro tanto, proporcionalmente, se ha de dizer do Porto, e de Coimbra. Parece indispensavel retrogradar aos primeiros Seculos da Monarchia, que verdadeiramente forão venturosos. Voltemos aos nossos Campos, movâmo-los, e tornaremos a ser grandes, e ricos pela mesma via, por que o fômos; as nossas Terras contém em grande abundancia todos os objectos de necessidade, de commodidade, e de decencia; todos os objectos de prospe-

ridade, e de commercio; cá dentro temos muito para nós, para tudo o que quizermos, e temos muitos sobejos, que poderemos trocar com todos os Paizes, e especialmente com a *Inglaterra*. Sejâmos Agricultores, e seremos ditosos. Mas todos nós Agricultores? Não: nem he necessario, nem conveniente, nem possivel: mas sejâmos Agricultores no maior numero possivel. Será preciso, para promover esta Agricultura, Mãi fecunda de toda a Prosperidade, da População, da Marinha, e do Commercio, abolir os *Dizimos*, os *Foraes*, os *Bannaes*, os *Conventos*, os....? Esses meios são revolucionarios, e além de injustos, como demonstrarei, elles tão longe estão de promoverem a Agricultura, que antes a atrazão, e diminuem, como tambem demonstrarei: as bases do adiantamento da Agricultura não podem ser outras, que as que sempre a adiantárão: todas as cousas se conservão pelos mesmos principios, por que ellas nascêrão: porém esta materia não he para este dia: em outro verão os chamados *liberaes*, e *illuminados*, que eu caminho ao mesmo fim da prosperidade Nacional, que elles proclamão, por meios totalmente oppostos, aos que elles adoptão. Para enriquecer hum Paiz, como o de *Portugal*, nenhum meio ha mais despropositado, que o da revolução, e das innovações: theorias não servem para o caso. Liberaes! Illuminados! Apegai-vos á enxada, e á rabiça do arado, e roçai esses Campos incultos; lançai mão da fouce, e desbastai as malezas das vossas Terras; applicai-vos ao trabalho, e não deis em cada anno a mais de vinte mil Gallegos os cobres, que ambicionais; e vós fareis hum verdadeiro serviço á vossa Pátria, que não fazeis com todas essas idéas indigestas, e immoraes, que haveis tomado de Filosofos, e Politicos tambem indigestos, e immoraes.

Os Senhores Reis destes Reinos fizerão muitas, e sabias Leis a beneficio da Agricultura; tenho considerado as das *sesmarias*, dos *aforamentos*, das *terras maninhas*, das *adjudicações dos terrenos encravados*, das *levadas*, ou *canaes das aguas*, das *servidões*, dos *caminhos*, ou *estradas para o Público*, dos *bois de arado*, da *plantação das arvores*, da *cultura das vinhas*, e outras muitas sobre diversos objectos, que aqui serão tomados em consideração. Porém estão, ou estiverão em observancia todas essas Leis? Como, se a Agricultura não foi, de muitos annos a esta parte, con-

sidenada pelos Portuguezes como a fonte perenne da sua prosperidade? Se essa não era a opinião commum dos Portuguezes, que julgárão enriquecer-se, engrandecer-se, e distinguir-se por outros exercicios diversos da cultura dos seus Campos? Se o *Brasil* era toda a especulação Portugueza? (Poupamos de parte os Vinhos, que ahi temos a fazer huma grande colheita.) E essas Leis erão suffidientes para levar a Agricultura á grandeza possivel? Ou era a Agricultura o especial, e principal objecto da Legislação Portugueza? Examinando todas essas Leis, confesso que não achei huma, que decretasse sobre a *exportação dos Cereaes;* argumento certo, de que *Portugal* não teve sobejos de hum objecto summamente necessario, e indispensavel. He certo que *Portugal* não teve hum *Sully*; e he verdade que d'elle não precisou depois das suas Conquistas na *Africa*, na *Asia*, e na *America*; pois que eu fallo da Legislação posterior ás Conquistas, porque a anterior não he tão conhecida, trabalhando-se então mais nos Campos, do que no papel, ou nos pergaminhos. Vierão, ha poucos annos, os innovadores, e ociosos, e querendo promover a Agricultura, nascêrão *Campomanes*, e *Jovellanos* na Hespanha com o seu revolucionario *Systema* de *amortisação*, tomado dos Filosofos, que preparárão a Revolução da *França*, e de todos os Paizes do Mundo: fallou-se muito em *Leis Agrarias*, e os innovadores Portuguezes não souberão, senão copiar sem escrupulo, e sem consideração essas miseraveis producções de Escriptores pedantes, que não sabião que as innovações contra a posse, e prescripção de muitos Seculos não podião fazer, senão a desgraça da Agricultura, e do Commercio no anarchico involvimento da Classe média com as Classes alta, e infima. Estes sabichões querem estabelecer as Leis Agrarias pelo modo, que as estabelecêo *Caio Licinio Stolon*, que, sendo Tribuno no 4.° seculo da Fundação de Roma, obrigou os *Patricios* á cederem ao Povo todas as terras, que possuião: assim querem os innovadores deste seculo que os Fidalgos, os Conventos, os Clerigos, e outras Pessoas, que elles chamão de *mão morta* (os innovadores são homens de *mão furada*) larguem os seus Bens, as suas Commendas, os seus Direitos, as suas Propriedades, e os seus Edificios, não para o Povo, mas para elles: querem mudar a face Politica do Mundo, passando as ri-

quezas para outras mãos diversas, das que as possuião desde muitos Seculos: a Questão, que hoje despedaça a *Europa*, não he de *Constituição*, he sómente de *teu dinheiro, meu dinheiro, teus bens, meus bens:* he o que se vio na *França*, he o que se vio em *Portugal*, e vér-se-ha em toda a parte, em que pertenda estabelecer-se o Regimen Constitucional. E que antigos, e bons *Proprietarios*, que homens chamados de *mão morta*, que *Titulares* distinctos tenhão engullido a dourada, mas venenosa pilula? Certamente forão angariados com promessas de melhorarem de fortuna; pois que ninguem toma opinião alguma, em que julga perder, o que tem. Movem-me em verdade á compaixão alguns *Titulares* levados para a Revolução com esperanças, que os directores da intriga lhes dérão, e que jámais cumpririão. Que os Pares de *Portugal*, digo, que os Titulares de *Portugal* na ausencia do Senhor Dom Miguel seguissem a voz de Dom Pedro, e da Carta Constitucional; que elles tomassem algumas deliberações contrarias ás Instituições Monarchicas, pelas quaes erão Grandes, eu o não admiro, não estranho, não o increpo, (fallo com toda a franqueza, e ingenuidade) porque o *Times* de 23 de Agosto do corrente anno traduzido, e redigido na *Aurora* N.° 39, abertamente confessa que *por influencia Ingleza se sustentára a Causa de Dom Pedro, e a Carta, e se defendéra contra os Absolutistas* (allude aos annos de 1826, e 1827) *que vencerião, se não fosse a influencia Ingleza; e que todas as resoluções das Camaras, e do Governo se tomárão pela preponderancia do Embaixador Inglez, não se fazendo cousa alguma sem o seu consentimento.* Esta confissão do *Times* mostra a oppressão, em que jazêo o Governo, e a Grandeza em aquelles tempos! Porque pois tanta increpação? Para que suscitar indiscretamente recordações do que a Grandeza foi obrigada a soffrer pela *preponderancia do Embaixador Inglez?* Introduzir a desconfiança he querer a divisão, e com ella promover a ruina da Monarchia! Todavia quantos projectos da Demagogia não forão derrubados pela Aristocracia? Com que valôr, firmeza, e erudição não foi a Demagogia, e a Maçonaria impugnada pelo Conde de S. Miguel? Este não he hum recado de proposito, nem de encommenda; a elle, ha muito, que eu viria, senão desejasse guardar huma tal qual ordem n'es-

tas linhas; a Grandeza, quando se vio livre da oppressão, e da *preponderancia do Embaixador Inglez*, declarou francamente seus nobres sentimentos; a maioria d'ella, quasi todos os Pares, estão julgados por traidores por Sentença dos Governantes de Dom Pedro: este he hum facto incontestavel. Pois como forão para a Rebellião alguns Grandes? Huns por illusos, aos quaes se fez crer que o Senhor Dom Miguel os faria punir por alguns excessos. Desgraçados! A Politica, e a Legislação nunca forão retroactivas; se elles fossem melhor aconselhados, se a fuga lhes não fosse tão facil, nem se augmentaria o número dos Rebeldes, nem as difficuldades, nem as desgraças! Outros forão arrastados pela esperança de melhorarem de fortuna! Este foi o Plano, que os Revolucionarios de 1820 concebêrão, e desenvolvêrão no anno de 1826, para assegurarem esta sua segunda Revolução; engajar algunas Grandes na Demagogia com o brinde de alguns Póstos, Cargos, e Empregos nas primeiras Repartições do Estado, e por este modo enfraquecer toda a Aristocracia, e acabar com a Camara dos Pares, a qual nunca foi da approvação, nem da vontade dos que se denominavão *Constitucionaes*, e *Civilisados!* Elles sabem que no mesmo anno de 1826 fui feito sabedor d'este Plano Demagogico. Verdadeiramente os Demagogos s'enfeitárão, e honrárão com a associação de alguns Grandes; e os Grandes se deshonrárão com a sua reunião aos Demagogos! Cegueira Politica! Mas esta he huma materia mui vasta, que tenho sempre em vistas desde o principio d'esta Publicação. Outros forão para a Rebellião angariados por tres Titulares, que tem menos annos de Grandeza, que eu de existencia! Que nódoa! Que infamia! Fizerão-lhes acreditar que tudo estava feito; que Dom Pedro era o vencedôr; que a conservação, e o augmento das suas fortunas dependia d'elle! Oh! Illusão! Oh! Cegueira! Politica, Sciencia de Estado, onde estás tu? Rebeldes são muitos, Chefes de Rebeldes são menos, Directores da Rebellião são muito menos! Sciencia de Estado, onde estás tu? Inglezes illusos, eis os Liberaes de *Portugal!* Sobre que bases podem elles tractar comvosco? Que estabilidade, que segurança, que hypotheca podem elles offerecer para as vossas transacções? Inglezes! Os Constitucionaes de *Portugal* não sabem senão abolir, arruinar, e destruir; crear, edifi-

car, plantar são cousas que elles ignorão totalmente! Inglezes! Em *Portugal* não ha hum verdadeiro Liberal, hum verdadeiro Constitucional, hum verdadeiro conhecedor em todos quantos seguem a voz de Dom Pedro: o mesmo Dom Pedro ignora o que he *Liberalismo*, ou *Constituição*: apparecerão infinitas provas d'esta importantissima verdade na progressão d'esta Publicação — *Defeza de Portugal* —. A base da prosperidade Portugueza, a base sobre que *Inglaterra* ha de ajustar a sua Fazenda e Interesses com *Portugal*, he a Agricultura; e esta base não a conhecem, nem podem assentar os Portuguezes que se chamão Constitucionaes; a verdadeira Constituição de *Portugal* a Constituição do seu interesse, pelo que pertence á Fazenda em relação ao seu interior e ás suas transacções com outros Paizes, especialmente com a *Inglaterra*; seu Systema de organisação não póde ter outra base que a Agricultura, progredindo d'aqui para o Commercio e para a Marinha: o Systema Portuguez assentado sobre esta base não póde deixar de ser Monarchico, e conseguintemente Religioso. Esta materia pois por interesse de *Portugal* em ligação com a Fazenda de *Inglaterra (continuar-se-ha)*.

E o Clarim? Acaba de me perguntar hum Camarada. — Estes perguntões fazem-me perder a paciencia! Eu tenho dito o mais necessario, ainda que muito, *muitissimo*, me fica no tinteiro; isso que disse não agradou a muita gente; tanto que estou em máos lençóes; e vivo porque Deos o quer. Que sería de mim se dissesse o resto? Ora mais claro não canta hum carro. Eu não temo, porque isso de morrer ha de ser, e seja quando Deos quizer. Que mais querem que diga? Preciso eu de fallar, quando *todos*, *todos* fallão e escrevem? De Hespanha, de França e de Inglaterra escrevem .... — *O que?* — Não seja importuno, isto he claro, e não precisa de publicar-se mais. Se me não lembrasse que os Absolutistas, os quaes seriamos *os vencedores, se não fosse a influencia Ingleza*, como abertamente confessa o *Times*, pois em nós não havia trahição, ainda que o nosso General, Marquez de Chaves, não estava muitas vezes em seu perfeito juizo; se me não lembrasse que nós os Absolutistas de 1826 e 1827 não tomámos quarteis de inverno, se me não lembrasse ainda que a Primavera he muitas vezes péor que todo o tempo passado, de certo

me recolhia agora neste tempo chuvoso, e frio, e não tornava mais a tocar. Lembre-se, meu Camarada, que os Revolucionarios dérão-me baixa de *Clerigo*, e me arvorárão em *Capitão:* ora *capar*, *e assobiar ao mesmo tempo não póde ser;* não me incommode por mais tempo, porque, se para a Primavera vem ainda com estas impertinencias, dou huma *clarinada*, que ha de ser ouvida em todo o Mundo; por tanto, e mais dos Autos, que hão de apparecer, calle-se, obedeça, e vá para diante, aturando, o que Deos quizer, e eu de cá d'estas seáras, em que me mettêo o *Artilheiro*, lhe irei dizendo por geito aquillo, que os inimigos do Nosso Grande Rei não querem ouvir. Saiba por ultimo, meu Camarada, que Deos está com ElRei, por muito que os malvados tramem: Deos lhes ha de dar o pago; a mão, de quem os ha de perder, não está dormente.

Portuguezes! Soldados! Logo que a Justiça Divina seja satisfeita, a sua Misericordia dar-nos-ha, o que desejamos, e pedimos! De calamidades maiores nos livrou muitas vezes a Bondade do nosso Deos! Nosso Rei, e Senhor Dom Miguel he conduzido, e favorecido pela Mão do Omnipotente! O Omnipotente pois ha de lhe dar a Victoria de todos os seus inimigos! Portuguezes! Soldados! Não duvideis da Providencia, que véla pelo Nosso Rei, e por nós! A nossa fé, e soffrimento, a nossa constancia, e valôr hão de prevalecer sobre todas as maquinações, e conjurações de todos os inimigos da Monarchia Portugueza!!!

Lisboa 15 de Novembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 83.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Soldados! As horas vão-se apertando para o total desbarato dos inimigos! Em vos sendo dada a hora, não ha que olhar para traz; porque isso seria cobardia em vós nunca vista, nem do vosso valôr esperada! Acabai pois com elles, antes que engrossem as suas forças pela sua decantada

Intervenção de alguns Inglezes na Questão Portugueza.

Acabão de m'escrever, *que eu dei agora em concertar violas, que já estão feitas em cavacos.* — Ora, muitas cousas são hoje necessarias, que hontem erão superfluas, e muitas hoje são superfluas, que hontem erão necessarias: isto succede em todos os tempos, a todas as pessoas, e em todos os lugares; chama-se o Medico para os doentes, e não para os sãos; os Mestres são para os ignorantes, e

não para os sabios; a Casa dos Orates he para os que não tem juizo, pois quem o tem governa-se bem sem o chicote; hum pede hoje esmola, que deveria ter muito, com que passar, se não fosse perdulario; finalmente as cousas, e os homens procurão-se quando são precisos; porque bem se deixa vêr que se estou doente, e não me sei tractar, hei de chamar Medico; se não sei fazer alguma cousa, e preciso d'ella feita, ou procuro Mestre, que m'ensine, ou homem perito, que a faça; se não tenho juizo, careço de que alguem me conduza, ou m'o faça ter; se estou pobre, ou peço, ou trabalho, ou busco aquelles meios, que fôrem mais proporcionados, para sahir-me das minhas precisões; se tenho inimigos, e não posso com elles, ou busco, quem me ajude, defenda, ou proteja contra elles, ou, não tendo quem me valha, faço a paz com elles, por não m'entregar totalmente á sua discrição; estas cousas são bem conhecidas, estão bem vistas, e forão muitas vezes annunciadas, e predictas. Esta he huma allegoria em resposta ás Letras, que se me dirigirão pela via do Porto na sua *Chronica Constitucional*, assignando-se o *Philo Justitia*. Ora vá huma só — Epistola. —

Senhor Philo Justitia. Certamente haverá estranhado o meu silencio ás suas quatro Letras: pois não o estranhe, porque sómente a quarta foi, a que me passou pelos olhos muito á ligeira. Muita gente vê, o que V. escreve, porém a mim não se me confia cousa alguma, porque devem persuadir-se, que eu viveria cassoa, logo que lêsse as suas doutrinas! Ora asseguro-lhe que não: estamos distantes toto Cœlo. Eu convenho na confusão de todos os factos verdadeiros, porque fui sempre mui dócil á verdade; e V., Senhor Philo Justitia, se falla verdade em muitas cousas, e ácerca de muitas pessoas, e ainda muito mais poderia dizer, tem liberdade para tudo; e eu nem para lêr os escriptos de V., tendo-os muita gente, a quem elles fazem mais mal, que bem, muita menos liberdade tenho para escrever; pois se a tivesse tal, qual eu a desejava, diria muita cousa, que havia de desagradar a muita gente, he a dizer, verdades odiosas, porém verdades: não m'ensine a conhecer os homens, porque os tenho mui presentes desde o anno de

1820, *que figurárão no Theatro: não impugnarei pois os factos, que V. allegar, em quanto elles estiverem fundados na verdade: defendo sómente a Causa de Portugal, e ella he justa, porque he de Direito. Quanto á allegoria, que V. faz dos dous Vinculos, eu a havia feito anteriormente, ainda que o Censor obrigou a cortar toda a ampliação, que lhe déra: V. escreve como quer, e eu como posso; notando porém que não sou coacto a escrever, o que não quero, mas sómente obrigado a abster-me do que quero: ora, sem embargo das restricções, que se fazem á minha penna, sempre lhe irei dizendo que em Portugal nunca houve senão hum Vinculo, até que Dom Pedro quiz que fossem dous separados, e estranhos hum de outro, no que foi obrigado a consentir o Senhor Dom João VI pela intervenção da Inglaterra, como abertamente diz o Times de 23 de Agosto: ficou pois o Vinculo Portuguez como estava antes da Conquista do Brasil; e n'estas circumstancias elle devia ter hum Possuidor separado in integrum, como o Brasil tem o seu, não sendo de melhor condição a Colonia, que a Metropole, até por aquelle principio de — Melior est conditio possidentis — e por aquelle outro — Qui prior est in tempore, potior est in jure: — esta divisão de Vinculos, e de Senhores, ou Possuidores, o mesmo Dom Pedro a reconhece, e com elle todos os Gabinetes da Europa, com esta differença, que os Gabinetes Constitucionaes querem que huma Menina seja a Possuidora do Vinculo Portuguez, e todas as Côrtes Despoticas, como tambem diz o citado Times, querem que o seja o Senhor Dom MIGUEL, e isto mesmo querem os Apostolicos, os Frades, os Clerigos, os Escriptores, e o Povo Portuguez, como tambem confessa o mesmo Times de 24 do mesmo mez, havendo em Portugal Leis Expressas para os dous Vinculos, as quaes são rigorosamente applicaveis ao presente caso, como que nunca apparecêo outro, em que tivessem applicação: todas estas cousas, Senhor Philo Justitia, tenho eu plenamente discutido em varios Numeros desta Publicação; e assim venhão novos argumentos, e eu os responderei de huma maneira incontestavel: estas respostas formarei eu sobre o meu Larraga, que he hum Livro de Omni Scibili, pois o Lar-*

raga, que tracta de Theologia Moral, protesto com toda a verdade, que nunca o tive, nem jámais o pude lêr toda, ainda no tempo, em que ensinava essa Theologia; porque sempre me aborrecêo o seu estilo; e V. , Senhor Philo Justitia, bem deve entender que eu tenho lido de Omni Scibili, como póde conhecer pela leitura de todos os Numeros d'esta Publicação, ainda que não tenho huma Sciencia Universal, pois muitas cousas li, e leio sómente por me entreter. Quanto ás promessas, que se fizerão a D. Pedro, quando estava no Brasil, e depois da sua permanencia na Europa, as quaes promessas em parte lhe forão cumpridas, e na maior parte não estou concorde com o Senhor Philo Justitia, e conheço como as minhas mãos os que lhe guardárão palavra, e os que não; que essa he a razão, porque V. está onde está, e eu estou onde estou, e ambos onde não queremos. Estamos pois concordes em muitas cousas, mas nunca o estarei eu com V. sobre que Dom Pedro tenha alguns Direitos a Portugal, nem sobre que a Constituição seja conveniente aos Portuguezes: ora, sobre muitas contradicções, que V. nota em algumas gentes, olhe lá pela sua casa, e veja quantos estão hoje no Porto no serviço de Dom Pedro, que em outros tempos erão os seus mais acerrimos inimigos: cá, e lá más fadas ha: advirta porém que muitas cousas são justas, que não são convenientes, e outras são convenientes, que não são justas: o louvor muitas vezes he conveniente, ainda que não seja dado com inteira verdade; mas o vituperio, ainda que algumas vezes convenha, nunca he justo, não se fazendo com inteira verdade: julgo que V. m'entende: já lhe disse que V. póde escrever tudo, o que lhe vier á cabeça, e eu não, porque tenho Leis, e vivo segundo ellas. Quanto a eu ser, ou não ser Ecclesiastico, não he satisfação, que dê a V. : bastará, que a tenha dado a dez Senhores Bispos, que a tantos forão presentes as minhas Cartas de Ordens em Portugal, e na Hespanha desde 1818 até 1830 em differentes Epocas, e Governos. A Deos, que a todos nos livre de Revoluções; e saiba que lhe não respondo outra vez, porque me não deixão vêr as suas Letras, no que nem V. perde, nem eu; e o Publico tem bastante, sobre que se en-

tretenha sem as noiserias d'estas nossas respostas. (O invariavel amigo da verdade, onde quer que apparça.)

A Questão Portugueza fez-se hum Negocio *Inglez*, ao menos por parte dos Constitucionaes da *Inglaterra*, que intervem a favor de Dom Pedro. Esta mesma intervenção de alguns Inglezes teria em seu favor o Senhor Dom MIGUEL, se houvesse resolvido convidar a algum General, e a alguns Officiaes Inglezes, que de certo teria bem muitos, que, convidados a entrar em operações, tomarião a sua Causa, ou antes a Causa de *Portugal*, e defende-la-hião como seu proprio negocio por seu mesmo interesse: n'esse caso teriamos muitos Soldados Inglezes Voluntarios, muitas subscripções voluntarias, e muitos emprestimos pecuniarios, porque he sem dúvida, que ha em *Inglaterra* muitas gentes affeiçoadas ao Senhor Dom MIGUEL, conhecedoras dos Seus Incontestaveis Direitos, e ligadas em amizade, e interesses com a maioria de *Portugal*: então os dous Partidos de *Inglaterra* medirião as suas armas em territorio Portuguez, e sem dúvida sería vencido o Partido Defensor de Dom Pedro, ou, melhor, Dom Pedro sería abandonado, e os Portuguezes Constitucionaes, que o defendem, ou não terião pizado terra alguma de *Portugal*, ou já terião sido desbaratados a final, sem mais esperança de repetir a aggressão. Lembrado estou, do que se fez no tempo do Senhor Dom João IV, quando os Filippes lhe disputárão a Successão; e mais presente está a Guerra Peninsular, em que o Governo Portuguez julgou submetter as Operações das suas Tropas á direcção de Generaes Inglezes, que muito bem desempenhárão a Defeza de *Portugal*. Porém este não he o assumpto, que prometti continuar, e de que nenhum outro me deve distrahir, ainda que o *Times* de 24 de Agosto, sentindo que *poucos Portuguezes se tenhão unido a Dom Pedro*, diga que *se elle tomasse tambem Lisboa, teria mais partidarios*. Ora esta he huma verdade de Pedro Grulho, *que a mão fechada he hum punho:* Se tomasse as duas principaes Cidades do Reino, e que por sua vasta população, pelos seus recursos, e pela sua influencia Politica, e ainda pela sua posição são como

a ametade do Reino, sem dúvida teria, não mais Partidarios, porem mais gente, que o servisse, e que lhe obedecesse, porque a maior parte das gentes vai apoz de quem vence. (com excepção do Povo Portuguez, que he indomavel na opinião, que huma vez tomou, ainda que a força o subjugue alguma outra vez, mas nunca para sempre.) Porem tomar Lisboa!... Não pode tanto a rebellião; tanto não podia a trahição. Dizer, como diz o mesmo *Times*, (e a Aurora N.° 39) *que se Dom Pedro vencesse, e tivesse forças sufficientes para arrostar as do Senhor Dom MIGUEL, sería então estabelecida outra ordem de cousas, serião chamados os miseraveis banidos, que andão espalhados por todo o Mundo, acabarião as prisões, as violencias, e os confiscos; os bens confiscados voltarião a seus donos, e nunca mais semelhantes espoliações terião lugar, e entretanto serião convocadas as Camaras da Carta, para lançarem os sólidos fundamentos ao novo Edificio Politico:* estas, e outras cousas não são novidades, que se não tenhão previsto, e já experimentado: he o mesmo, que se dissessemos que se Dom Pedro vencesse, seus Partidarios ficarião de cima, e os Realistas ficarião debaixo; serião chamados os poucos Constitucionaes banidos, e em seu lugar serião banidos muitos milhares de Realistas; terião cessado as prisões, e as violencias sobre os Constitucionaes, e choverião prisões, violencias, e despotismos Constitucionaes sobre os Realistas, que não procurassem, ou defender-se, e morrer com as armas na mão, ou guarecer-se nos Sertões de Africa, onde a vida sería mais suave, que em *Portugal;* os bens confiscados voltarião aos seus donos, e nunca mais semelhantes espoliações terião lugar *sobre os Constitucionaes;* mas os Realistas perderião todos os seus bens, e empregos, e até serião precisados a perder a Patria; e as espoliações não terião fim, em quanto se não désse fim de todos os Conventos, de todas as Mitras, de todos os Cabidos, de todos os Bens Ecclesiasticos, de todas as Commendas, e de tudo, o que os Liberaes chamão de *mão morta;* haveria novos Duques, Marquezes, e Condes, novos Ministros d'Estado, novos Empregados nos Tribunaes; e tudo o que existe de antigo acabaria com hum Decreto de — *Recedant vétera, Nova*

sint omnia. — As Excepções abrangerião somente aos trahidores. Ora isto, que o *Times*, e a *Aurora* dizem, não ha *cão*, *nem gato*, que o ignorem: já passámos por essas cousas nas duas Constituições de *má morte;* e as Camaras da Carta, que agora se reunissem para lançarem os sólidos fundamentos ao *novo Edificio Politico*, não deixarião cousa alguma do velho, por mais que Dom Pedro, e os seus Partidarios digão que a Espada das vinganças politicas ha de ser embainhada: conhecemos as manhas da Raposa; Dom Pedro dêo boas mostras do seu genio no *Brasil;* e os seus Defensores cá em *Portugal* mostrárão que erão filhos do Diabo: elle, e elles desembainharião a Espada das vinganças anti-Politicas, e anti-Religiosas, e não tornarião a mettê-la na bainha, em quanto houvesse hum só Portuguez, de quem se suspeitasse ainda alguma affeição ao Senhor Dom Miguel, e alguma adhesão ás Instituições Monarchicas. Querem povoar *Portugal* dos excessos de huma Povoação faminta estrangeira: quem não conhecer isto, ou he tôlo, ou o finge, e então he hum trahidor; se Dom Pedro, e os seus Defensores não tivessem já mostrado, o que são, poderia ser que fossem, o que elles dizem; mas de ambiciosos, de espoliadores, de turbulentos, de inquietos, de vingativos, de anarchicos, e de furiosos tem elles dado provas, que farte, têmo-las mui presentes, e ainda hoje as sentimos; negamos pois que elles se tenhão arrependido, duvidâmos ainda que sejão capazes de arrependimento, e que a experiencia das suas desgraças os tenha emendado; pelo contrario seus mesmos soffrimentos os tem enlouquecido a ponto de pertenderem que toda a Nação Portugueza experimente todos os extremos da sua vingança, que retida por espaço de mais de quatro annos forceja por alagar tudo de sangue, de ruinas, de deportações, de violencias, de confiscos, e de proscripções. Pois, para que tal não succeda, os Portuguezes se defendem, e antes querem ser victimas da guerra, que da ignominia, da infamia, dos ferros, e da escravidão.

Mas acabe-se por huma vez a refutação do N.° 39 da nebulosa Aurora, a qual principia a mordiscar no N.° 78, e virei depois em continenti ao exame da base da prosperi-

dade Portugueza, e do seu Commercio assim no interior, como no exterior. Diz o *Times* de 23 de Agosto, trasladado pela Aurora, que os *Constitucionaes no Porto abolirão os Privilegios da Companhia do Alto Douro.* — Ora bem: e semelhante abolição he liberal, he util e vantajosa para a prosperidade de *Portugal* e para a Fazenda da *Inglaterra? Portugal* não tem sido arruinado por semelhante medida exoticamente tomada e praticada nos annos de 1821, 1822 e 1823? Adiantou-se alguma cousa em aquelles annos a Fazenda da *Inglaterra* e o seu Commercio com *Portugal?* Verdade he que os Commerciantes Inglezes forcejão desde longos tempos por semelhante abolição; e com que razão? Os mesmos Paizes Constitucionaes não tem hum sem número de Companhias, Bancos ou Sociedades com Privilegios semelhantes e ainda mais amplos aos da Companhia do Alto Douro? E com que fim se pertendia esta abolição? Com o de augmentarem os Inglezes os seus interesses em *Portugal?* Seja assim, que elles os augmentassem por tres ou quatro annos; elles os perderião successivamente por hum Seculo, se por tanto tempo aturasse a amortização d'aquelles Privilegios: especulações, que servem somente para huns poucos annos sem previsão pelos muitos futuros, são especulações miseraveis, ridiculas e absurdas. O que mais razoavelmente, e com mais vantagem sua poderião pertender os Negociantes Inglezes, he que a Companhia do Alto Douro proporcionasse as taxas dos Vinhos de huma maneira mais suave e mais facil para a sua Exportação; e que as Provas dos Vinhos se fizessem por Garrafas, sem que os Provadores conhecessem dos Donos dos Vinhos, e somente dos Vinhos, como se determinou nos tempos em que se abolírão os Privilegios da Companhia, podendo, como outras medidas tomadas em aquelles tempos, que o Governo Real reconhecêo razoaveis e uteis, subsistir tambem esta, que eu demonstrarei ser justa e necessaria, sem me embaraçar de que ella fosse tomada pelos inimigos, porque alguma cousa se pode aproveitar d'elles, como de facto se aproveitou: esta he huma materia propriamente minha por especial affeição ao Douro, que he o Paiz de *Portugal*, que actualmente offerece a principal ba-

se da Subsistencia Portugueza: por ora baste dizer ácerca dos Privilegios da Companhia, que todas as Leis tem as suas excepções; que estas excepções são como os seus Privilegios, e que sem Privilegios não pode existir nem jámais existio Sociedade alguma; Companhias immensas desejaria eu em hum Paiz para promovêrem a exportação dos seus Generos, e nenhum Privilegio para a importação de Generos estrangeiros; pois que esse sería o signal da opulencia de qualquer Paiz e da sua boa administração.

Diz ainda o *Times* que *os Inglezes são olhados em Portugal como Synonymos de Anarchistas.* — Esta he huma calumnia impudente: ha muito Inglez que he olhado em *Portugal* como synonymo de sensato, de tranquillo, de amigo, de homem de bem e até de affeiçoado ao Governo do Senhor Dom Miguel. Os Portuguezes na Guerra Peninsular não viverão geralmente em grande harmonia com os Inglezes? Não erão huns amigos dos outros, parecendo mais bem irmãos que alliados e companheiros d'armas? D'onde veio pois esta divisão senão de que alguns Portuguezes se dividirão da maioria da sua Nação, e de que alguns Inglezes seguem e ardentemente protegem esta parcialidade? Pois estes protectores d'esta divisão e parcialidade são os únicos olhados em *Portugal* como *Synonymos de Anarchistas:* de resto a maioria da Nação Ingleza he olhada pelos Portuguezes como sua amiga, como sensata, tranquilla, e de boa fé. Os Inglezes conhecedores do caracter dos Portuguezes sabem que estes se aggravão mais de huma má palavra, que de huma pancada: são briosos, são agradecidos, são cortezes e não querem ser injuriados. Em que offendêrão os Portuguezes a alguns Inglezes, para que estes olhem para elles com arremeço, com desprezo e com carranca? Para que elles fallem para os Portuguezes com desdem, com orgulho e com hum tom ameaçador? Para que elles dem aos Portuguezes o apodo de ignorantes, de estupidos, e de Selvagens? D'onde vem esta differença de tractamento tão opposto á civilidade Ingleza e á mútua amizade e fraternidade, em que huns e outros vivêrão por espaço de tantos annos? De que Portuguezes podem os Inglezes ter alguma razão de aggravo, senão dos Constitucionaes? Re-

cordem-se do que se fez e do que se fallou nos annos de 1820, 1821 e 1822, e confessem de boa fé que elles fôrão somente insultados, descompostos e desfeiteados pelos Coriféos Constitucionaes: este testemunho está gravado nos Diarios do Governo e nos Diarios das Côrtes d'aquelles annos. A maioria dos Portuguezes, pondo de parte que o Senhor Dom MIGUEL foi retido em huma Náo Ingleza no anno de 1824; que a Separação do Brasil foi feita por intervenção da *Inglaterra*, e que pela mesma intervenção foi o Senhor Dom João VI obrigado a renunciar o *Brasil*; que pela influencia Ingleza foi sustentada a Causa de Dom Pedro e a Carta contra os Absolutistas de 1826 e 1827, *que serião vencedores, se essa influencia o não impedisse; que a preponderancia do Embaixador Inglez influio em todas as Resoluções do Governo e da Grandeza do Reino nos ditos annos*; que finalmente o Governo *Inglez* influio em que o Senhor Dom MIGUEL regressasse de Vienna de Austria por *Inglaterra*, o que tudo confessa abertamente o *Times:* pondo de parte estas e outras muitas cousas em que offendêo á *Inglaterra* a maioria da Nação Portugueza, para que alguns Inglezes déssem todo o auxilio possivel a huma parcialidade que se separou dos Votos e das Leis de *Portugal* quasi inteiro? Que mal fizerão os Portuguezes a alguns Inglezes para que protegessem a bandeiras despregadas a huns poucos dissidentes, que *arruinão o mesmo Commercio Inglez em Portugal*, como tambem reconhece o *Times?* Que razão teve o Governo *Inglez* para enviar huma Esquadra a Portugal em demanda de indemnisações, que lhe serião satisfeitas amigavelmente pela simples requisição em huma Carta, sendo o Senhor Dom MIGUEL hum Principe mui razoavel, mui condescendente, mui honrado, mui generoso, mui pacifico e mui desejoso de que a amizade e a alliança da sua Augusta Casa continue como sempre com a Augusta Casa de *Hannover?* Que motivos tem a Augusta Casa de *Hannover* de dissensões e discordias com a Augusta Casa de *Bragança?* A Familia Real Portugueza não foi sempre da devoção da Real Familia Hannoverianna? Que Zizania he esta, que nunca foi conhecida entre as duas Augustas Familias, de-

pois que forão elevadas ao Throno? Para que, e porque tantas reclamações feitas ao Governo Portuguez de huma maneira alarmante, e como ameaçadôra, sobre ninharias, e desavençazinhas, que poderião concertar-se com duas palavras de boa fé? Porque o Governo *Inglez* não tem posto em *Portugal* Empregados, que fossem todos, já não digo amigos do Governo Portuguez, mas ao menos indifferentes, e neutraes, que não seguissem parcialidade alguma? Seja assim que a *Inglaterra não procedesse incoherente, ou impoliticamente deixando de se oppôr á Expedição de Dom Pedro*, como diz o Nobre Conde Grey; mas seja-me permittido interrogar com toda a circumspecção, e respeito ao Nobre Conde: Obra a *Inglaterra* coherente, e politicamente, consentindo que alguns dos seus Subditos protejão a parcialidade de *Portugal* contra a maioria, e quasi unanimidade com armas, petrechos, artilheria, fardamentos, pólvoras, cavallos, mantimentos, dinheiros, e todo o genero de recursos para fazer, e continuar a guerra? He coherente, e politico á *Inglaterra*, que seus Subditos venhão medir armas com os Portuguezes seus Companheiros d'armas, e Camaradas na Guerra Peninsular, e seus amigos, e alliados em todas as occasiões? He coherente, e politico á *Inglaterra*, que seus Subditos venhão matar Portuguezes seus amigos, e seus alliados? He politico, e coherente á *Inglaterra* consentir que Francezes, Polacos, e outros Estrangeiros venhão derramar o Sangue Portuguez, sempre prestes a derramar-se em defeza dos interesses, e dos objectos mais caros dos Inglezes? Nobre Conde, respondei á face de todo o Mundo com a candura, probidade, e erudição, que vos he propria.

E Vós, Augusto Duque de Sussex, que vos collocastes á testa dos Constitucionaes Inglezes para promover subsidios á Expedição de Dom Pedro, como publica o *Times*, A quem protegeis? Em que vos offendêrão os Portuguezes promptos a dar seu sangue por Vós, se d'elles precisasseis? Sabeis Vós, o que são os Portuguezes Constitucionaes? Embora diga a vádia *Aurora*, assaz injuriosa á Inglaterra, e demasiadamente atrevida com todos os Monarchas da Europa, que os *Portuguezes Constitucionaes pela maior par-*

te são homens habeis, e que conhecem o seu Paiz tão bem como o Duque de Wellington, ou quaesquer outros de seus gothicos inimigos anti-reformistas Inglezes, e que elles Constitucionaes voltárão a Portugal, e que empenhárão as suas vidas no bom successo da sua empreza. Principe, Augusto Duque de Sussex! O Duque de Wellington he conhecedor da guerra, como toda a Europa sabe, e admira; he zeloso dos interesses, e da honra da *Inglatérra*, como toda a *Inglaterra* reconhece, e não póde deixar de reconhecer; e he grato á maioria dos Portuguezes, que tanto concorrêrão para a sua gloria! Elle com todos os *anti-reformistas Inglezes, e com todos os gothicos inimigos dos Portuguezes Constitucionaes* zelão a conservação das Monarchias, são os verdadeiros defensores da Augusta Casa de *Hannover!* Os Portuguezes Constitucionaes voltárão, sim, a Portugal, mas foi pela intervenção de alguns Inglezes, sem a qual lhes era impossivel; e se conservão em *Portugal* pela mesma intervenção, sem a qual já terião desapparecido como covardes, como trahidores, e como infames; elles não empenhão as suas vidas no bom successo da sua empreza; empenhão sómente os soccorros, as armas, e as vidas dos Inglezes, e dos outros illusos Estrangeiros, que sempre engajão nos lugares mais perigosos dos combates, em quanto elles Portuguezes Constitucionaes exercem nos seus Patricios a mais cruel barbaridade, e carnagem, que os Seculos tem visto, que os Paizes Civilizados tem praticado, e que as Leis da guerra não consentem! Vêde, Principe, que os Inglezes vossos Patricios, e talvez hum dia vossos Subditos, são com os outros Estrangeiros a vanguarda de tantos inauditos excessos, e horrores dos Portuguezes Constitucionaes! Eis-aqui porque alguns Inglezes são considerados por algumas gentes de *Portugal*, como *Synonymos de Anarchistas*, vendo que esses Inglezes servem de parapeito ás atrocissimas deshumanidades dos Portuguezes Constitucionaes! E permittirá a Politica da *Inglaterra* que os Subditos Inglezes andem em guerra com a maioria dos Portuguezes alliados, e amigos da maioria da *Inglaterra?* Qual o motivo d'estas differenças nunca vistas, nunca desejadas, nunca imaginadas, entre Inglezes, e Portuguezes?

Seráõ sómente os interesses da Fazenda? Oh! Que fatal, e torpe illusão! Mas desfaçamos os prestigios da illusão, para examinarmos a seu tempo os interesses dos dous Paizes.

Que casta de gentes he essa dos Portuguezes Constitucionaes? Elles mesmos seráõ Constitucionaes? Não certamente; pois em Portugal não ha hum só Constitucional verdadeiro, como tenho promettido demonstrar, e hei de cumprir pelo exame dos seus mesmos factos, e opiniões. São gentes illusas, e arrastadas á Revolução por cegueira, por má educação, por viciosidade, por espirito de Seita, por alliciação, por suborno, por desesperação, por descontentamento, por terror panico, por calculos errados, e por esperanças efémeras de huma ambição insaciavel de Póstos, de Riquezas, e de Dignidades. Ou por nascimento, ou por descendencia, ou por parentéla, ou por ligames, (exceptuando huns poucos Titulares de antiga prosapia, mas illusos, arrastados, e no seu interior arrependidos) elles vem de geração de Çapateiros, de Alfaiates, de Padeiros, de Barbeiros, de Bofarinheiros, de Tendeiros, de Rendeiros, de Boticarios, de Negociantes rélles, de Quimicos, de Mezinheiros, de Medicos, de Banqueiros, de Cambistas, de Marinheiros, de Taverneiros, de Procuradores de Causas, de Salteadores, de Mathematicos estouvados, de Filosofos pedantes, de miseraveis Caixeiros, em fim, de *Saltimbancos*, e de Enjeitados, ou da Roda: examinem-se as suas gerações, as suas vidas passadas, os seus vicios, erros, e crimes; elles estabelecêrão a sua reputação de tolos, ou de patifes, ou de ambas as cousas; dados ao jogo, ás mulheres, e á bebedice, elles não podem suster huma semana só o caracter de homens de bem. São o mesmo, que os denominados Constitucionaes da França na célebre Revolução do Seculo passado: arrotão liberdade, e elles querem ser os dominantes exclusivos; prégão a igualdade, e trabalhão por ser Superiores sem segundo, nem igual; affectão desprezar as riquezas, e não ha milhões, que satisfação a sua avareza, sem que jámais os ponhão em giro, temendo mesquinhos, que o seu Mundo lhes fuja; dizem que desprezão a Aristocracia, e não ha Dignidades, Honras, Distincções, Privilegios, Condecorações, Habitos, Cruzes,

Medalhas, Carachás, Titulos, e Excellencias, que cheguem a contentar a sua fátua, e desmedida ambição com inveja de que outros gozem essas mesmas Mercês. Eis, Principe, Augusto Duque de Sussex, os Portuguezes Constitucionaes, para os que tendes promovido subsidios! Eis, Sabio, e Sincero Ministerio *Inglez*, os Constitucionaes de Portugal, para os quaes os vossos Subditos passão! Eis, Inglezes illusos, as gentes da liberdade Constitucional, a favor das quaes tendes procurado intervir! Esta he a genealogia, e a verdadeira Historia de quasi todos, os que se chamão defensores de Dom Pedro, e da Causa Constitucional! Portugal não tem outros Constitucionaes! Vêde que Liberaes, que Filantropos, que Sabios conhecedores, que homens para tractos, e contractos, que boas gentes para transacções, e para o Commercio, que excellentes governantes para hum Paiz essencialmente Agricola, o qual para a sua prosperidade, e para o seu Commercio assim no interior como no exterior não tem outra base, que a Agricultura! Inglezes! E semelhante canalha, peior, que a dos *Sans-culottes da França*, póde fazer o interesse do vosso Paiz! Vêde sériamente os vossos verdadeiros interesses, e abandonai a protecção de impostores, que não tem conhecimentos, nem idéas, do que seja prosperidade, e verdadeira liberdade! Mas esta importantissima discussão, depois de satisfazer aos novos quesitos do meu *Artilheiro*, *(continuar-se-ha)*.

Portuguezes! Soldados! Vossos inimigos são a mais execravel relé do vosso Paiz! A elles pois! Seja o presente anno o anno da paz no interior, e da nossa representação no exterior! Não desfalleçaes, porque o Mundo inteiro vai dar hum movimento de conversão em vosso favor! A final nós somos os vencedores! Deos he por nós!

Lisboa 20 de Novembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia, 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 84.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. v. 15. Portuguezes! Soldados! Com as vossas façanhas, e proezas tendes assombrado a todo o Mundo; e não sois hoje, não sereis sempre os mesmos? Ha entre vós alguma mistura de cobardia, e de vileza, que vos tenha feito degenerar do que ereis? E, se assim he, vós não tendes valôr para repellir de vós, o que vos infama, e perde! Sim, certamente, vós sois capazes de acabar com todos os vossos inimigos! Vós o tendes mostrado em todos os tempos, e agora não vos desmentireis! O *Clarim* vai fazer soar esta gloria, verdadeiramente Portugueza, na seguinte

Resposta a hum Artilheiro Realista.

Senhor *arrota-bravatas*. A sua segunda Letra me argue de faltas na minha resposta ás theses da sua primeira, que muito m'envergonharião, se eu o tivesse por meu Juiz, pois que tenho bem presente o preceito do Ecclesiastico C. 41. v. 22. de me abster de fazer faltas diante do meu Julgador — *á judice de delicto.* — Ora, para lhe mostrar que taes faltas não cometti para com V. , vou resumir por paragrafos a sua segunda Letra, e em claras, e terminantes respostas lhe farei vêr a sua impolitica, e impericia em quasi tudo, o que escreve.

Somos amigos, dizem as suas duas primeiras linhas, *e para isto bastava sermos Emigrados, e com os mesmos sentimentos, e por isso não vai a desconfiar.* — Ora ahi a pri-

mera impolitica, e imperita: 1.° Porque a *Emigração* não póde por si só ser a razão fundamental da amizade, não havendo da nossa parte virtude, e justiça, sem a qual não existe amizade verdadeira, sólida, e permanente; antes se quebra, e facilmente se desata, e desapparece. Pois como posso eu ter verdadeira amizade, a quem não cumpre para comigo os deveres, e devidos, que eu cumpro para com elle? Para com aquelle, por exemplo, (ainda que este não venha para este caso, mas vem para outro) que retem em seu poder o meu dinheiro, contra a minha vontade, podendo elle embolsar-me com hum — *ahi vai?* — Amizade, em que alguem não cumpre seus deveres, e devidos com aquelle, a quem chama amigo, não he amizade, he huma devoção de *chuchadeira*, he huma logração, he huma linguagem, que não conhecia a velha, e honrada Grammatica Portugueza: esse tal não he amigo *meu*, mas amigo do *meu*; e disto ha hoje muito no Mundo: mas fique aqui este exemplo, e vamos a outra razão: 2.° Porque talvez nem todos os Emigrados tivemos os mesmos sentimentos, pois, ao meu ver, tambem entre nós andou algum *Judas*, ou *Judêo*, ou *Maçon*; e bem se sabe que a amizade não existe sem identidade, ou, ao menos, semelhança de sentimentos, e de costumes: 3.° Porque este nome de *Emigrados* he, na linguagem dos Partidarios de Dom Pedro, synonymo de Absolutistas, Revolucionarios, Esturrados, Ambiciosos, e Tôlos; e por isso mesmo no Dicionario Constitucional desgraçados, proscriptos, banidos e sempre espezinhados, participando nós da sorte do Nosso Rei, e Senhor Dom Miguel tambem *Emigrado*, e por isso mesmo espezinhado sempre por todos os agentes da Causa Constitucional: muita gloria tenho interiormente de haver sido *Emigrado*, ainda que por isso mesmo tenho soffrido injurias, que fartão; e, governando os Carteiros, de certo não posso esperar *pôr pé em ramo verde:* louvado seja Deos; ainda nestes dias, quando passo por certas ruas, ouvindo-se o tinir das minhas *tres Medalhas*, algumas gentes, e até alguns Frades!!!... dizem — *ahi vai o Homem dos chocalhos.* — Ora vejão lá o odio, que os malvados tem ao Senhor Dom Miguel, e a seus Augustos Pais! de maneira, que não perdoão aos mesmos mortos! Se me não lembrasse, que são *bemaventurados*, *os que padecem perseguição por amor* da justiça, de certo eu desejaria que todos se esquecessem, de que fui *Emigrado:* mas o impolitico, e imperito *Artilheiro* veio tocar-me n'esta ferida, que ainda não tenho cicatrizada. E isto he civilidade, Senhor *arrota-bravatas*, querer fazer-me mais odioso, e mais lembrado aos

Partidarios de Dom Pedro? — *Que tem de gloriar-se os Emigrados?* (Dizem os Carteiros) *Que fizerão de bom para a Patria? Houve entre os Emigrados algum General, Brigadeiro, ou Commandante, que soubesse onde tinha a sua mão direita, que soubesse ler, escrever, e pensar; que não fosse hum ladrão, hum tôlo, hum basbaque?* — Ora aqui tem, Senhor *arrota-bravatas*, o que dizem dos *Emigrados* os Carteiros, — que nada fizemos; que para nada servimos, — logo lhe pois que, se quer que lhe responda, não torne a chamar-me *Emigrado;* porque muita gente se incommóda com isso, e eu não estou para ser penitenciado por peccados velhos, de que não quero recordar-me.

Verdade he que os Emigrados tem muito, que responder aos Partidarios de Dom Pedro. Eu vi a Historia, que dos Portuguezes Emigrados na *Gallita* fez o Brigadeiro *Madureira*, vi todos os Documentos, vi todo o seu Copiador de Proclamações, de Manifestos, de Correspondencia com as Authoridades Hespanholas, e com Altas Personagens, e de Ordens do Dia; e asseguro que tanto no Politico, posso no Militar, entre os mais celebres Revolucionarios de 1820, e de 1826 não vi cousa melhor, nem que se lhe parecesse em franqueza, em dignidade, em energia, em erudição. Vi tambem toda a immensa Papelada do Visconde de *Monte Alegre*, que era do mesmo genero, e objecto da do Brigadeiro *Madureira*, e asseguro que não vi cousa melhor, nem igual em todos os Partidarios de Dom Pedro. Vi tambem muita cousa do Brigadeiro *Magessi;* alguma do Brigadeiro *Telles Jordão;* tambem alguma do *Teixeira*, que servio de Quartel Mestre General; bastante do Chefe d'Esquadra *Rosa Coelho;* e de outros, que mais, ou menos figurárão entre os *Emigrados;* ouvi o juizo, que formou o General Hespanhol *Eguia*, o qual disse — que *ninguem escrevia melhor;* — sei o conceito, que formárão os Generaes, tambem Hespanhoes, *Longa*, e *San-juan*, que foi o mesmo, que o *Eguia;* vi tudo, o que escrevêrão as Juntas de Governo, em que figurárão de Vice-Presidente, em huma o Visconde de *Villa Garcia*, e em outra *José Pinto Cardoso de Béja e Figueiredo;* vi a Capitulação, que os Rebeldes fizerão em *Bragança* com o Visconde de *Monte Alegre*, e em *Almeida* com *Telles Jordão;* vi alguma cousa do Visconde de *Molelos;* e fazendo hum exame comparativo de todas estas producções d'espirito, e expressões de penna com as producções, e expressões dos Generaes Carteiros nos seus Officios, nas suas Ordens do Dia, e nas suas Correspondencias, posso affoutamente dizer que estes *Sabicaparrões* Defensores da Causa

Constitucional devem andar alguns annos na Escóla dos *Emigrados na Hespanha* para saberem ler, escrever, e pensar com verdade, com franqueza, com energia, com dignidade, com erudição, e com honra do nome Portuguez. Vi o fogo, que se fez em *Bragança*; o que se fez em *Coruche*; o que se fez no *Salto*, e na *Misarella*; o que se fez no *Prado*, e na *Barca*; e o que parcialmente se fez em outras muitas posições; vi as manobras da Cavallaria executadas, e dirigidas pelo Visconde da *Asenha*; (este valoroso, e habil Militar, que nunca manchou a sua carreira, e que foi hum dos Heroicos Exemplos de fidelidade no anno de 1820, por isso mesmo sempre odiado pelos Carteiros) vi o fogo de artilheria, em que me lembrão os nomes de *Judice*, e de *Guterres*, de quem tanto se temião os Pedreiros Livres; vi as Milicias ás Ordens de *Telles Jordão*, que enchêrão de pavor as Tropas Constitucionaes da 1.ª Linha; vi finalmente todas as Operações Militares; e ainda que esta não seja huma Arte, de que tenha feito hum estudo profundo, e aturado, posso asseverar, sem receio de me bater literariamente com todos os impugnadores d'esta asserção, que esses grandes Generaes Carteiros, e *nominatim* o *Villa Flor*, o *Angeja*, o *Saldanha*, o *Stubbs*, o *Claudino*, e o *Corrêia de Mello*, não desenvolvêrão iguaes talentos na Arte da Guerra! Bestas da Carta! Se morrêo o vosso esfolador, o grande *Macedo*, aqui estou eu para vos mostrar que os *Emigrados* na Hespanha, tanto no Militar como no Politico, vos forão, e são infinitamente Superiores! Hum *Cardoso* enrodilhou as Fileiras Constitucionaes com todo o despejo! Hum simples Miliciano *Luiz de Vilhena* arrostou as Forças commandadas pelo Marquez de *Angeja*! Hum... Eu não quero nomear todos, os que commandárão Tropas emigradas, por não formar hum Alfabeto de Militares *Avançarrazes*, e peritos na Arte da Guerra, e na Politica! Baste recordar que *Stubbs* projectou abandonar o *Porto* á aproximação das Tropas emigradas, que forão sempre infinitamente inferiores ás Tropas, que defendião a Causa Constitucional! Hum *Cachapuz* em Tras-os-montes; hum *Vasconcellos*, e hum *Lindo* no Minho bastárão para estafar toda a *Minerva* dos Generaes Carteiros! Carteiros! certamente com a noticia d'este N.º rebentais desesperados, e damnados! Mordei-vos de raiva, pois hum *Emigrado*, como eu, não soffre insultos feitos aos seus Camaradas. Que seria, se eu apresentasse a *Historia Politica, e Militar da Emigração*; eu que prezo a verdade, e a honra mais que o ouro; eu que fui testemunha presencial; eu que sou totalmente imparcial, como que não sou Portuguez origina-

riamente, nem parente de nenhum Portuguez, ainda que affeiçoadissimo, e obrigadissimo a todos os Portuguezes honrados; eu que tive mais de tres mil Letras em meu poder, para poder historiar com toda a exactidão os successos dos Emigrados! Mas tudo entreguei ao fogo: logo que cheguei a Rebordões, vêzei o ultimo Respaldo á Emigração, e disse — *Requiescat in pace.* — D'esta falta, se alguem a sentir, póde indemnisá-lo, e satisfazê-lo o Brigadeiro *Galvão*, de quem me consta que nos principios do anno de 1828 tinha quasi dado a ultima mão (na *Hespanha*) á *Historia Politico-Militar da Emigração*; tendo os Emigrados a gloria de terem este Companheiro, para os defender com a penna, e com a espada; Militar no Gabinete, e no Campo; conhecedor de mais Sciencias, e Artes que as da sua Profissão; capaz de dirigir, e acertar as Operações de hum Exercito contra quantos Generaes Carteiros tem Portugal, como póde inferir qualquer, que se tenha versado de boa fé na Obra, que elle publicou com o titulo — *Direcções para os novos Militares! — E então, porque os Emigrados não vencerão?* (Perguntão os Carteiros com a sua costumada arrogancia) Eu não quero responder a esta maliciosa pergunta, e desejo que nenhum Portuguez responda, porque dir-se-hia que respondião segundo a paixão, que os domina. Bestas de Carta! Hum Inglez vos responde embrulhado, ou estendido em hum grande lençol. O meditador *Times* diz *que os Absolutistas de 1826, e 1827 vencerão, se lh'o não impedisse a influencia Ingleza*: o *Times*, defensor da Causa Constitucional de *Portugal*, sabe bem, o que diz, porque está ao facto do modo, por que obrou a *influencia Ingleza*, para estorvar aos *Emigrados* huma victoria, que não erão capazes de lhes disputar quantos Generaes havia em Portugal em aquelles annos, confessando o mesmo afamado *Pego* que os Emigrados devêrão vencer até pela ignorancia, e impericia Militar d'esses Generaes de Theatro, que pelejavão pela Causa Constitucional. Os *Inglezes* decidirão esta Questão, e julgárão bem do valôr, da fidelidade, e dos talentos dos Emigrados, que elles reconhecem, que serião os vencedores, se não fosse a sua influencia, já se sabe, Militar, e Politica. Agradeçamos os Emigrados este testemunho *Inglez*, e reconheçamo-nos obrigados pela honra, e justiça, que nos fazem, em dizer que elles nos impedirão que triumfassemos dos *Sapientissimos*, e *Valorosissimos (risum teneatis!)* Generaes, e *Generalissimos* Carteiros, ou Constitucionaes, e Constitucionalissimos, ignorantissimos, fraquissimos, e abjectissimos!!! Continúe porem o texto da segunda Letra do Senhor *arrota-bravatas*,

e guarde elle a lembrança de *Emigrado* para outra parte, pois com esse nome não pega. [illegible] *A dureza da minha profissão*, e *como homem acostumado por ella a lidar com cousas duras, como são o ferro, o pronat, etc.*, me fazem sempre fallar duro, e principalmente contra Maçons, a quem tenho fallado, e sempre fallarei por muitas bôcas, e bôcas de differentes calibres, bufas vezes nunca me desmentirão; e eu nunca deixarei de fallar verdade, póza a quem pezar, porque medo he cousa, que não conheço, e nem o papão m'o metia, quando era creança. — Oral, Senhor *Ferrabras*, faço justiça ao seu valôr, e á sua pericia, sei que nunca fugio do inimigo, e que sabe servir bem o fogo d'Artilheria, como os melhores; porem isso, de que não tem medo aos Maçons, diga-lhe que he *fanfarrice*, e se não, diga-me: Porque não assigna o seu nome? Ainda que eu pelo *faro* o tenho pescado. E se o seu Chefe fosse Maçon, que lhe havia de fazer? Havia-lhe fallar duro? Conheço que todos os homens acostumados a sons de trovão, como o estão todos os empregados na Artilheria, e na Marinha, fallão duro, e áspero com todas as gentes, e especialmente com os seus inimigos; lembrado estou que o General *Franco*, que he tambem *Artilheiro*, por essa dureza, e asperidão de voz, e sobre tudo pelo seu rigôr com os Pasteleiros, e Tripeiros se fez pouco agradavel ao commum das gentes do Porto, reconhecendo todavia que a sua dureza faria declarar a Rebellião de 16 de Maio de 1828, que he huma das redarguições, que lhe fazem os seus Antagonistas, sendo, como he certo, que nessa provocação, que fez aos Rebeldes, fez hum importantissimo serviço a *Portugal*, pois que a Rebellião de 16 de Maio estava premeditada para os fins de Junho, e se ella reservasse a sua explosão para este tempo, seria mais difficultosa de se vencer, porque seria melhor combinada, mais protegida, e mais *Authorisada*. Mas diga-me, Senhor *Ferrabras*: He lícito a hum inferior insubordinar-se, replicar duro, e desobedecer ao seu Chefe, ainda que este seja *Maçon*, todas as vezes que elle o não mande em visivel, e evidente desserviço da Patria? Lembra-se! do que *lhe* acontecêo áquelle Artilheiro em aquella parte, quando se lhe dêo ordem de fazer callar o fogo da sua matadora Peça, *para não matar seus irmãos?* E que fez aquelle *Artilheiro?* Arrepellou os bigodes, mordêo-se os beiços; mas callou-se, e obedecêo, *quasi agnus coram tondente*, como hum cordeiro na presença, ou nas mãos do seu tosquiador! E porque não virou elle a Peça para a retaguarda, aonde estava o *irmão dos seus irmãos?* Elle não quiz expôr-se a huma Reforma,

ou huma Baixa redonda. Entende-me? Por tôlo já eu o ameacei de Baixa no N.° 82; e por fallar contra *Maçons*, e contra os Carteiros já houve Baixas, Reformas, Desligações, Preterições, Escusados, e Indeferidos nas duas Epocas revolucionarias. Ora pois confesse que tem medo, não falle tão duro contra *Maçons*, porque pode alguem ouví-lo; finalmente *echè las usted mas blandas*, pois isto de Baixas, muito mais sendo redondas, nem a todos agrada, ainda que já foi muito moda: ha pouco ouvi a hum Realista ameaçar a sua mulher de lhe dar *Baixa redonda* de sua mulher, e não foi por ella ser tôla, nem má, pois he bem avisada, e virtuosa; mas porque muitas vezes faz ir seu marido *Costa* acima, o que elle não quer, porque diz que se lhe debilita, ou desengordura o *abdomen* Ze! Entendes-me? Que os *Malhados* dêm Baixa redonda ás suas mulheres, não he d'estranhar, porque tambem as *Malhadas* dão Baixa redonda aos seus maridos, e algumas vezes os graduão na classe de *Aggregados:* isto anda assim, de tal forma, que já ouvi a hum bom Official dar Baixa ao Cavallo, em que montava, e logo graduá-lo em bagageiro, dando lhe huma albarda por fardamento, e distinctivo! Ora, para que estas applicações lhe não sirvão, será bom que não falle tão duro contra os *Maçons:* deixe isso por conta dos Prégadores, porque nós temos licença ampla para invectivarmos os *Maçons*, ainda que estejão á vista, como muitas vezes succede; e a Baixa, que por isso temos, não consiste em outra cousa, que em dizerem mal de nós, chamarem-nos *esturrados*, revolucionarios, e os mais nomes da sua *ladainha.*

Sou intolerante, continúa a Letra, *para com aquelles, que nunca fôrão tolerantes com os Defensores do Throno, e do Altar, e que nem o são, nem o serão eternamente. A experiencia do passado he grande mestra do presente, e profeta do futuro. Maldita tolerancia! Ella he quem tem feito a desgraça das Nações, o assassinio dos Monarchas, a revolução do Mundo, e o fundamento do progresso da Maçonaria: aqui desejára eu fazer huma perguntasinha; mas como V. não quer ser respondão, eu não serei perguntador, e principalmente quando as minhas theses constantes nas anteriores perguntas são respondidas com hypotheses, que, se eu não conhecéra a V., julgaria que se inclinava ao Pyrrhonismo do = pode ser que sim, e pode ser que não = a pesar de conhecer que gato escaldado d'agua fria tem mêdo, que he hum Rifão Portuguez, e que recahe bem na sua cautéla, como Escriptor Publico.* — Ora este paragrafo não devia ter resposta, ainda que podia ter muitas. Quem pergunta, o que quer, ouve muitas vezes, o que não quer.

Eu não sou Pyrrhonico, mas acautelo-me de muitos, que com pelle de ovelhas são lobos devoradores: sei que este *Artilheiro* não he *Maçon*; mas como ha muitos Artilheiros, e sem serem Artilheiros, que o são; como não sei de que lado está o raio, e se a trovoada está alta, ou baixa, escondo-me nas hypotheses como os antigos no louro, para vêr se triumfo sobre a Maçonaria alta, e baixa. Que adiantâmos nós com ser intolerantes? Sermos intolerados, se os *Maçons* estiverem de cima de nós. Verdade he que a tolerancia he a alma de todas as revoluções, e que tem estoalhado a todo o Genero Humano á maneira do peccado original; mas nestes tempos he a *menina* idolatrada da Filosofia, podendo dizer-se d'esta velha nojenta, o que o Poeta Marcial disse da velharrona Afra — *Tatas atque Mammas habet Afra; sed ipsa Tatarum, atque Mammarum maxima Mamma dici potest:* — que he hum Latim, em que muito Professor Regio tem sido hum *Tá-tibitá-tibi*. Esta he a *Epoca das meninas:* e, se não, vêjão huma *menina* para Rainha Reinante de Portugal; vêjão outra *menina* para... mas eu não sei senão de Portugal. *Redimet homo*, disse o Profeta Rei — Hum homem nos remirá —; e em Portugal não vêjo que seja capaz de remir-nos, senão o Senhor Dom Miguel, pois, como ía dizendo, a tolerancia, esta *menina* dos revolucionarios, e revolucionarias, verdade he que tem feito o *diabo a quatro*; mas para que não continúe fazendo das suas, não tolere o *Artilheiro* para baixo de si, fação todos os Funccionarios outro tanto respectivamente, e deixem o negocio por minha conta; que, *varrida a escada, o lixo da Sala vai pela Janella fóra*, como fizerão os Portuguezes no anno de 1640 com aquelle Secretario, ou Governanta d'aquella Senhora, o nome da qual fica no tinteiro de reserva para a occasião, em que as *Malhadas* venhão á Scena.

Valha-me Deos! continúa o Senhor *arrota-bravatas*, *Que não possa eu fazer perguntas sobre as cotas postas, não á margem, mas no texto dos seus Números 77, e 78! Paciencia! Manda-me hum Capitão que não pergunte; faça-se-lhe a vontade como amigo, não como Capitão, porque eu não quero ser de tal Companhia, a que V. he destinado pelos patifes, e porque ella está no Porto; e eu só alli queria estar para fazê-la em pedaços, como o fiz em...; e porque V. he tão máo Capitão, que deseja vêr enforcada toda a sua Companhia, que lhe dérão: ahi vai outra duzia de hum Artilheiro.* — Ora este homem falla como hum *Algarvio*, e tudo atrapalha: certamente carece de tomar alguma *herva-bicha*, para o sangrar. Diga-me, Senhor *trapalhão*; Quando disse eu que desejava vêr enforcada toda

a minha Companhia, sendo que concedi *Jubileo plenarissimo* a todos os Constitucionaes, com a única condição de nunca mais serem empregados em cousa alguma d'esta vida, salvo em lavrar as terras, e em concertar as estradas, e em cousas d'este theor? Como não concederia eu o perdão aos Ladrões da minha Companhia? Eu nunca desejei vêr enforcados senão *Maçons* inconversos, e *Ladrões Mores*, que não tenhão restituido; e *Ladrões Mores* chamo eu áquelles, que fizerão grandes furtos ao Estado, e á Igreja, como por exemplo, na Real Fazenda, no Erario, no Arsenal, ou na Ribeira, na Fundição, nas Obras da Ajuda, na Casa Real, na Companhia do Alto Douro, e em outras Repartições de vulto, onde os Pedreiros mettêrão a mão até o cotovêlo; esses Ladrões bugalhudos, que os houverão em todas as Classes, são os que eu desejava vêr enforcados huns com as tripas dos outros, para exemplo dos presentes, e vindouros; aos *Ladrões pequenos* nunca desejei a força, e sobre isto contarei ao meu *Artilheiro*, o que, me disserão, succedêra em *Braga*: estava preso na Cadêa, ou Castello d'aquella, hoje Real Côrte, hum Ladrão, que chorava amargamente a sua cuita, dizendo que só havia roubado hum quarto de ouro, e que não sabía o que havia de ser de si, pois era hum pobre que não tinha, com que remediar-se; a isto outro seu companheiro de carceragem, que o ouvio, saltio-se do seu sério, e descarregal huma terrivel bofetada sobre a lacrimosa face do queixoso, dizendo-lhe — *Mariola! Porco! Pois roubou sómente hum quartinho? Não tem de sahir da Cadêa senão para hum degredo; he bem feito! Eu tenho estado preso muitas vezes, e sempre fui absolvido, e agora o hei de ser, porque roubei, e roubo, não sómente para mim, mas principalmente para o Escrivão, que me ha de autuar, e para o Ministro, que me ha de julgar!* — Ora, entende-me, meu *Artilheiro?* Sobre estes, e os que acima vão memorados, he que eu quero a forca, e não sobre muitos Constitucionaes, que são huns *pobres diabos*, e que não fazem mais, porque nem sabem, nem podem: Veja lá, se eu quero vêr enforçar a *Companhia*, *que os patifes me dérão.* Menos tolerante estou, não o nego, sobre o inaudito descaramento, com que os Cambistas, e Rebatedores do dia encravão seus aguçados punhaes nos fieis Vassallos, e Servidores d'hum Soberano Adorado por todos, os que não são Ladrões: n'estes dias, em que escrevo, muitos Militares, que tem de Soldo Mensal *vinte mil réis*, são obrigados, para poderem subsistir, a rebaterem seus Documentos por *seis mil réis em Papel!!!* Antes de se decretarem os Subsidios da Decima Extraordi-

naria, e das Janellas, para a recepção dos quaes o estabelecêo hum Cofre privativo, a fim de por elle serem sómente pagos as Classes effectivas, era costume realisar-se em cada hum mez o pagamento d'hum dos atrasados; agora crescêrão os fundos: E que he o que succede? Onde estamos! Cambistas, e Rebatedores! Tóco! Vêde lá o que vos convem! Temei que..... Mas vamos á Carta do *Artilheiro*, pois a Constitucional está barrada.

Lá vai mais huma distincçãozinha a huma pergunta, e perdoe V. que não admitta distincção sobre factos Maçonicos; porque, quando se tracta de tal gente, deve-se conceder tudo a torto, e direito, porque he tal a qualidade d'esta má raça, que nunca se lhe póde levantar aleive, no que se disser ácerca das suas maldades. — Está perdoado, Senhor *arrota-bravatas*, porque sou homem de bem, generoso, e tolerante para com os tôlos, e bem intencionados; mas quanto a aleives aos Pedreiros, não consinto, porque são de carne, e osso, como nós; comem, bebem, vestem, e calção, como nós; como nos fallão em público, ouvem Missa, e até se confessão, e são huns innocentinhos: chegão aos pés do Confessor, e dizem que não tem algum peccado, ainda que o mesmo Confessor tenha sido testemunha presencial de terem commettido muitos, e atrocissimos, vilissimos, e infandissimos; ahi tem pois como se lhes não devem levantar aleives, porque elles mesmos, dizendo que não tem peccado, mostrão que são huns seductores, impostores, embusteiros, e aleivosos! Ah! Meu *Artilheiro!* Assim os Reis tivessem conhecimento dos malvados Pedreiros Livres, como temos alguns Confessores! Eu lhe assegurava então, que não havia algum Soberano, que consentisse algum Pedreiro nos seus Estados, e Dominios! Mas *Deos escreve direito por linhas tortas.*

Como li, continúa a Letra, *os sobreditos Numeros muito detidamente, lá vi tambem a desculpa, que dá aos piedosos, e aos dôces para com os malvados; e sobre este particular permitta que lhe diga que, sendo tão conhecida a pertinacia, e a impenitencia da Maçonaria, que até as creanças o não ignorão hoje, o mesmo Herodes, se vivesse hoje ao Mundo com a carranca, não de desmammar, mas de matar creanças, não acharia n'este particular hum innocente, a que lançar a gadanha.* — Pois isso he assim, meu *Artilheiro?* Então fogo á *esquerda, e á direita;* morrão todos os malvados Pedreiros Livres. Mas veja lá; porque alguns conheço eu, que forão Pedreiros, e hoje são o que Deos sabe, e o que muitos não cuidão.

Tudo durezas, tudo durezas minhas, como quem está

habituado a pegar em hum espeque, para fazer pontarias, e a carregar com o pesado fardo das balas de 36, para fazer tiros aos inimigos da Patria, ou a quem as favorecer, com licença da Santa não-intervenção; mas minhas mãos callosas endurecidas com o penoso trabalho de lidar com serpentes inanimadas, que, apezar de o serem, tem bôca para vomitarem, azas para pousarem, ouvidos para passarem, cullatra para se assentarem, alma para dirigirem, e cara para apparecerem, e na qual tenho lido a sua impavidez — Ultima ratio Regum — minhas mãos callosas, disse, ainda tem três dedos sem pó, e sem callos para atacar com a penna, o que não posso com o fogo: a penna conheça eu que ainda faz maiores bréchas com seus tiros, que as minhas colubrinas, e canhões, porque estes só matão, a quem encontrão na sua direcção; e aquella faz morrer de susto, e parir antes de tempo as pessoas circumvisinhas, e mata de huma cajadada, não só dous coelhos, mas quantos podem produzir as coelhas de todo o Mundo: com as Peças he preciso muita pólvora, e com a penna basta huma palavra, como, por exemplo — Vesperas... — e ahi vai tudo a terra: he verdade que estes tiros tambem tem a sua dureza, sem que sejão apontados por hum Artilheiro; mas para com os Maçons quem usa de mollura, he o mesmo que querer a sepultura, e por consequencia, forte! que he para ponche. — Ora, e não disse eu bem, que este Artilheiro he o arrota-bravatas? Olhem que segundo Julio Cesar na penna, e nas armas! Ora, como tanto sabe, rogo-lhe que invente huma Peça, que faça fogo para traz, o que não he difficil, e para os lados; eu acho-a impossivel para os ladós, ou flancos, e aqui he onde ella he mais necessaria, porque a Maçonaria sabe ladear-se, e flanquear ás mil maravilhas; pois, meu sabichão, se não inventa huma Peça d'este feitio, sabe muito pouco, e não merece que eu lhe responda; porque essa maneira de fazer fogo não he nova, e hoje pouco aproveita, porque os Maçons, ou se collocão na retaguarda, ou s'emboscão nos lados; e pela frente só apparecem os seus Soldados, e na morte d'estes pouco adiantamos: fogo sobre os lados, que ahi está o negocio das trévas, de que Deos nos guarde, e defenda, como dizia hum Rei Santo — à negotio perambulante in tenebris.

Ora os Maçons não tem razão em lhe achar dureza, porque humas Vesperas bem cantadas não ha cousa mais bonita; e até eu, quando ellas se cantão, gosto, e gostarei de assistir, e com todas as minhas Medalhas, e Farda comprida tambem ajudaria a entoar o — Exurgat Deus, et dissipentur inimici ejus. Firme-se V. nestes tiros, ape-

zar de que n'ellas ainda ficou de fóra hum Padre: ... eu cá vou preparando meia duzia de ameixas para os Rebeldes que entrarem em ..., e quatro duzias de pennadas, para os que entrarem pelo Escriptorio do Tabellião Braga, se não soubérem fallar Portuguez. Diz V. que se apartou do caminho, que seguia, da virtude que deve haver no Exercito, pela satisfação que déo às minhas perguntas; permitta V. que eu negue o supposto, porque sempre continuou na mesma estrada, publicando as vozes de quem descobre os males da Patria, sem descobrir os seus malvados auctores, para que aquellas se remedeiem: esta he hũa virtude propria de hum Militar, que pertence ao Exercito. — Ora, Senhor *Valentão*, e *Sabichão*, saiba que nunca tem de fazer fogo aos Rebeldes, porque essa gloria se lhe não concede, nem a outros dos seus humores, que eu bem conheço, porque por outra parte os Rebeldes estão a dizer adeos ao Mundo: mas diga-me, Senhor descobridor de maldades, e encobridor dos malvados, pois agora pilhei-o, quem he esse *Padre* que ficou de fóra das Vesperas? Porque, se elle he Pedreiro, deve ter feito muito mal aos Realistas com capa de Religião, e he justo, e justissimo, que o Nosso Rei o conheça: ora diga-mo, e dou-lhe seis, e cinco. Será hum que foi já tangido em alguns Numeros d'esta Publicação? Pareja-me que sim; ora diga-me seu nome pelo claro, e eu cá o descobrirei, ainda que seja por anagramma, porque não estou em animo de perdoar a *Padres Pedreiros*, pois a estes nem o Padre Sancto Antonio os converte. Ora, se mo não diz, protesto de lhe não responder mais até á primeira, por não mentir.

Basta de Séca, acaba a Letra do Senhor *arrota-bravatas*, e eu acabo com elle, *para quem se acha occupado em hum dos maiores serviços, que se podem fazer á Patria, e concluo esta com o meu primeiro thema.* — *Clama, ne cesses.* — Ora, *Obligée*, *Monsieur* — *io sono vostro humilissimo Servitore:* isto he despedir-se á *Franceza*, e á *Italiana.* —

Vou clamar sobre os interesses da *Inglaterra*, e de *Portugal*, para desengano de alguns Inglezes illusos.

Portuguezes! Soldados! Continuai como até qui; depois que o Nosso Grande Rei se aproximou a vós; e a Religião, o Throno, e a Independencia, e Honra da Patria serão triumfantes em breves dias!

Lisboa 24 de Novembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 85.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Soldados! Da vossa disciplina, e valôr, do vosso número, e intrepidez, sobre tudo da immediata Presença do Nosso Grande Rei, e Senhor Dom Miguel I.º, e da especial protecção, com que a Divina Misericordia tem abençoado a Monarchia Portugueza, e os Augustos Descendentes, e Representantes do Sancto Rei Dom Affonso Henriques, não se póde esperar outra cousa, que a mais completa victoria, e o mais glorioso triumfo no total desbarato dos Rebeldes inimigos do Altar, do Throno, e da Patria. Continuai pois *guerreando as guerras do Senhor*, e este *Deos dos Exercitos* será em vosso auxilio, e favor contra a tenacidade de todos os vossos inimigos.

Interesses reciprocos de Portugal, e da Inglaterra.

Esta he a materia, que tinha entre mãos, quando o meu *Artilheiro* veio interromper-me, ao querer começar o N.º 84. — Tambem agora queria desorientar-me do meu proposito o N.º 40 da *Aurora*, que acaba de despontar na minha habitação por hum postigo da trazeira: *temos touros* da Chamusca, e *moscas por corda;* mas hoje cumpra-se a palavra de continuar, desenganando alguns Inglezes, que por illusos intervirão, e intervem a favor de Dom Pedro, e da Causa Constitucional de *Portugal*, persuadindo-se, que d'essa intervenção lhes provém augmento nos seus in-

teressos, como quer que seja certo, que o estabelecimento da Carta em *Portugal*, e a elevação dos chamados Constitucionaes aos primeiros Empregos do Estado Portuguez não póde, senão arruinar o Commercio da *Inglaterra*, e a sua Fazenda, como póde convencê-los o quasi triennio do triumfo Constitucional de 1820, e o quasi biennio do mesmo triumfo no anno de 1826, tempos, em que, tendo esses affamados Campeões da Liberdade lançado mão das redeas do Governo á sua vontade, não fizérão huma só cousa que directa, ou indirectamente podesse concorrer para a prosperidade de Portugal, e para a conservação dos interesses da *Inglaterra*; argumento este bem positivo da impotencia, ou da malevolencia, ou da nesciencia dos Portuguezes denominados Constitucionaes: esta materia foi encetada nos Numeros 78, 80, 81, 82, e 83, e he necessario liga-la para conhecer todo o seu peso.

A verdadeira, principal, e quasi unica base da prosperidade de Portugal, e do seu engrandecimento no interior, e no exterior he a Agricultura. Esta base póde augmentar-se no tresdobro, e verdadeiramente carece de ser augmentada, não só para a subsistencia interior do Paiz, como para estabelecer a sua subsistencia, e relações no exterior. Para esta augmentação não he necessario, nem conveniente, nem justo recorrer á abolição dos Dizimos, dos Corpos de mão morta, dos Banaes, dos Foraes, e d'outros usos, e costumes semelhantes; pelo contrario as medidas d'esta natureza impedem os progressos da Agricultura pela estagnação das copiosas fontes, que sempre lhe dérão impulso, e que só ellas lho podem dar. Para o augmento da Agricultura he necessario augmentar a População, não pela prohibição do Celibato Ecclesiastico, e Regular, mas pela retracção das Classes ociosas, inuteis, e prejudiciaes para a Classe Agricola, e por Privilegios a esta, facilitando-lhe especialmente a administração summaria, e suave dos seus negocios de Justiça. A *Inglaterra* não tem em *Portugal* outra base para o seu Commercio com elle senão a Agricultura, pela commutação dos Generos da sua industria com as producções das Terras de Portugal; e esta base não póde levar-se ao estado conveniente ás transacções, e interesses dos dous Paizes, senão pela conservação do Regimen Monarchico em *Portugal*, sendo os Portuguezes, chamados Constitucionaes, os mais ineptos para a conservação, e augmento d'aquella base, como elles mesmos fizerão vêr por todo o tempo da sua Governança.

Estes principios não carecem de ser legalisados para a maior parte dos conhecedores; e pelo que pertence ás inte-

ctivas sobre a insufficiencia dos Portuguezes chamados Constitucionaes, para promoverem, e assentarem a base da prosperidade de *Portugal*, assim nas suas relações interiores, como nas exteriores, tal insufficiencia está mais que provada, pelo que elles fizerão, e pelo que deixárão de fazer na sua *Governilha* das duas Epocas; as quaes ineptidões de *commissão*, e de *omissão* entrarão em exame n'esta Publicação, quando os ventos correrem menos tempestuosos, que na Estação, em que actualmente estão os negocios bellicos de *Portugal*. Pois promove-se a Agricultura, augmenta-se a População, e torna-se ella Agricola, augmentando o número dos Magistrados, dos Tribunaes, das Juntas, das Relações, das Commissões, e de tantos seus dependentes, em huma palavra, de tantos braços ociosos, superfluos, inuteis, e gravosos, de pequena industria, de pouca literatura; e de nenhum prestimo? Que não seja Agricultora a decima parte dos habitantes do Continente Portuguez, e que as nove partes, que restão, queirão subsistir da mesma Agricultura pelo exercicio das Letras, das Armas, do Commercio, da Industria, das Fabricas, e de outras mil cousas de menor monta, as quaes bem podem chamar-se ociosidades, entretimentos, recreios, e diversões; se não he hum delirio, parece-o, e he verdadeiramente huma chimera impossivel de se realisar. Que Portugal ousasse equilibrar o seu Commercio, e as suas Classes livres, ou liberaes com a *Inglaterra*, em quanto o *Brasil*, a *Asia*, e ainda a *Africa* estiverão debaixo do seu dominio exclusivo, e privativo *in solidum*, não era de admirar do brio Portuguez; e quasi a mesma cousa póde dizer-se da *Hespanha*, em quanto era a Senhora exclusiva, e privativa *in indivisum* da *America*. Mas quem não vio de hum Seculo a esta parte que as Colonias ião ser arrancadas *paulatinamente* dos braços das suas Metropoles? Quem deixou de ter este presentimento, se o seu coração soube palpitar-lhe, na facilidade, com que as Metropoles forão afrôxando nas rédeas do Governo das suas Colonias, em quanto os Paizes Estrangeiros ião ao mesmo tempo apertando-as á sua dominação pela sua influencia, e pelo seu Commercio? Mas querer agora no estado de exulação das Colonias conservar distrahidos da Agricultura os braços, que lhe são indispensaveis, e separar-lhe estes braços em hum número quasi infinito para as Artes Liberaes, que tem operarios escusos de sobejo, he ao meu vêr, querer o cáhos, e este cáhos promovêrão sem dúvida os Portuguezes chamados Constitucionaes. Mas como sahir-se do cáhos? Nunca por violentas reformas; nunca por precipitadas extincções, amortizações, e abolições; nunca por

espoliações, e depredações sempre espantosas. Olhar pela Agricultura, e pelos Agricultores; olhar pela População; procurar, o que he mais necessario, e mais util; não separar-se jámais, do que he justo; evitar, o que he superfluo; castigar a ociosidade; não fomentar o luxo senão como hum objecto secundario, e accessorio, que ha de receber toda a sua consistencia da Agricultura, e das Artes de maior necessidade; *retrogradar pouco a pouco ao Estado, em que estavamos antes da acquisição do Brasil.* Mas estas considerações são de muito peso, para que possão ser vistas á ligeira: a ellas tenho de applicar-me em tempos mais despejados. Porém digão os Inglezes se os Portuguezes Constitucionaes lhes offerecêrão bem examinada, e clara a base, sobre que devião assentar as transacções Commerciaes dos dous Paizes; e, se lha não offerecêrão, como estou certo, de que não, confessem os Inglezes que os Portuguezes Constitucionaes são huns *titireiros*, que vendem liberdades, igualdades, e felicidades por engonços, fazendo consistir toda a sua *Pedra Filosofal* em Becas, em Senatórias, em Commissórias, em Póstos, em Tachigrafias, em Jurys, em Impressões, em Escriptores, em Galradores, finalmente em *Espalhafatorios* de Artes, de Fabricas, de Projectos, e de Privilegios; de maneira que, se *Portugal* assim continuasse, e podesse continuar duas duzias de annos, a *Inglaterra* não poderia commutar as producções das suas Fabricas com os Portuguezes no fim dos ditos annos, senão por infinitas, e infames resmas de papel de *Independentes*, de *Constitucionaes*, de *Correspondentes*, de *Procuradores*, de *Astros*, de *Mnemosynes*, de *Borboletas*, de *Diarios*, de *Gazetas*, e de *Gazetões*, além da immensa farragem dos Manuscriptos dos Desembargadores, dos Magistrados, dos Jurys, dos Tribunaes, e das Juntas, e de outros quaesquer *farricoucos* das Sciencias, e das Artes assim liberaes, como servís com todos os seus *farroupilhas*, salva a Agricultura, que nada poderia certamente offerecer, postas em observancia as *filantropicas*, ou exoticas invenções d'estes despresiveis *traigos* do Regimen Constitucional, Cambistas da ociosidade, Traficantes da indigencia, Caixeiros da pobreza, Monopolistas da fome! Faça-se hum movimento retrógrado até aos Seculos da prosperidade de *Portugal*, e vêr-se-ha que a sua base foi a Agricultura. Assente-se pois esta base, augmente-se, dê-se-lhe todo o melhoramento, e perfeição, que he possivel: a este fim vou, mas vou de passo rapido, porque a *Aurora* N.° 40 me acorda d'esta occupação, em que se pede *passo de boi:* assim por Artigos, e em ordem alfabetica tentarei traçar as primeiras linhas da prosperidade de

Portugal, e da base, sobre que podem ajustar-se transacções vantajosas para os Inglezes, e para os Portuguezes; o ultimo Artigo sem dúvida he o vinho, e este, como o Pai *Baccho* he tão fecundo para os Portuguezes, e tão saudoso para os Inglezes, ficará de reserva para huma grande amostra, depois d'haver dissipado o denso nevoeiro, que a malfadada *Aurora* tenta espalhar sobre a *Questão Portugueza*. Seja pois, e comece na consideração da Agricultura o Artigo primeiro.

Aguas. Podem considerar-se, como *chovediças;* e estas se recolhem em cisternas, as quaes sendo bem fundas, bem empedradas, barradas, e cobertas podem conter, e conservar muita quantidade de aguas para os usos humanos, ou para a bebida dos animaes, ou ainda para regar terras de hortaliça, de legumes, e de outros fructos; e sobre este objecto não tenho presente alguma disposição nas Leis, a qual talvez fosse bem necessaria em alguns terrenos de *Portugal*, especialmente no Alemtéjo; ou podem considerar-se como *nativas*, e estas, ou detidas, represadas, e estancadas em póços, dos quaes podem tirar-se, e se tirão vantagens muito mais copiosas, que das cisternas, sobre que tambem não tenho presente alguma disposição, de que talvez se careça em terras sêccas, e pouco chuvosas: ou as aguas *nativas* podem considerar-se *encharcadas* em paúes, sobre os quaes vejo varias medidas Legislativas para a sua abertura, ainda que muitos d'elles podião reduzir-se á cultura do arroz, do junco, e de outros objectos uteis para a subsistencia, e para o Commercio, este especialmente no interior: ou as aguas *nativas* podem considerar-se como *correntes*, ou segundo a direcção, que lhes dá a Natureza; e estas podem chamar-se aguas *abandonadas*, ou á Lei, e então não são de livre corrente, ou á *Industria* particular, e então correm a arbitrio do interessado, e a esta classe de aguas *correntes* se reduzem as das fontes, e as dos rios, prescindindo das do mar, onde a Lei, e a Industria pouco dominio tem. Eu tomarei este Artigo em toda a sua extensão, para abbreviar hum exame, em que prometti hum andamento rapido. As terras, ou terrenos, huns são assaz *chuvosos*, e todavia são de sua natureza *séccos*, e inaquosos, por falta de fontes, e de correntes de aguas perennes, que venhão á superficie; outros terrenos são muito *humidos*, e aquosos, e nem todavia são nimiamente *chuvosos;* outros....; mas eu não descreverei todas as qualidades de terrenos em consideração ás suas aguas, ou ás chuvas, que são o orvalho, com que o Ceo os fecunda: *Portugal* he hum Paiz verdadeiramente temperado, e tem todas as qua-

lidades de terrenos, todos elles fructiferos mais, ou menos, segundo a sua posição; quasi todos elles capazes de todos os fructos com mais, ou menos abundancia, mas huns mais proprios para huns fructos, que para outros; d'onde vem esta maravilhosa variedade, e fecundidade de *Portugal*, que o torna hum dos Paizes mais bellos, mais pingues, mais uteis, e mais saudaveis da *Europa;* e isto não só em razão da temperatura do seu Clima, como geralmente pela abundancia das suas aguas *nativas*, e pela opportunidade das *chovediças*. Todavia, como nem todos os terrenos de *Portugal* sejão capazes de igual fecundidade em todos os fructos, preciso he trabalhar na cultura d'aquelles, que mais enchão a mão do Agricultor; ha terrenos excellentes para linhos; e eu todavia vejo que *Portugal* importa muitos pannos de fóra do Reino, para supprir a falta do seu linho, quando podia ter bastante para o consummo do Paiz, e até de sobejo para vender! Ha terrenos excellentes para cevada, centeio, trigo, batata, etc., para o consummo do Paiz, e até para exportar; e todavia eu vejo que *Portugal* compra muitos cereaes, e muitos legumes! Ha terrenos excellentes para arroz, como são os paúes, e muitas lezirias, e geralmente todas as terras humidas, e lodosas, capazes, direi, de produzir muito, e bom arroz, bastante para o consummo do Paiz, muito melhor, que o que vem de fóra, igual ao excellente, que produz o Reino de *Valencia* na *Hespanha*, e por hum preço muito commodo, sufficiente a recompensar o trabalho, que se podia ter no seu cultivo; e todavia eu apenas vejo hum grão de arroz indigena em *Portugal!* Ha terrenos excellentes.... Ha terrenos para todos os fructos em grande abundancia; e esta abundancia provém da das aguas.

E que providencias se tem tomado sobre estes copiosos mananciaes da fecundidade das terras de *Portugal?* Eu indico superficialmente algumas, porque julgo que aquellas não chegárão ao ámago dos verdadeiros interesses: e como eu tomei a Agua em todas as considerações, que vem ao meu proposito, tambem tocarei as dictas providencias na mesma generalidade. Providenciou-se que o Senhor de hum predio, em que nasce agua, depois de usar d'ella, não podesse desviá-la do seu curso natural em prejuizo dos predios inferiores. E se os predios inferiores não fossem cultivados, ou por abandono, ou por incuria dos seus possuidores; e o Senhor do predio, em que a agua nasce, quizesse aproveitá-la toda para augmentar a producção do mesmo predio, ou quizesse desviá-la do seu curso natural para outros seus predios contiguos, ou collateraes áquelle, em

que a agua nasce? E se em aquelle predio não nascia agua, mas o Senhor do predio soube extrahí-la, ou a desenchar-cou do predio, tornando-a corrente, e fazendo com isso o predio mais fructifero? Eis-aqui alguns casos, que talvez a Lei não previsse, e que acaso acontenção mais de huma vez! Vejo providencias sobre a conducção das aguas por levadas, ou canaes; sobre as aguas, que servem para as Fabricas, e para as Minas, e sobre as aguas de rega. E taes providencias podem ter vigor, se forão abolidas, ou vierem a abolir-se essas Fabricas, essas Minas, os Moinhos, etc., ou por abandono, ou por incuria, ou por inutilidade? Mas eu vejo, para vigiar sobre as aguas, Inspectores, Juntas, e Empregados, quando pensava que sómente as aguas-ardentes, e os vinhos merecerião esta attenção! Com effeito, se os Empregados nas aguas fizerem como muitos Empregados nos vinhos, e nas aguas-ardentes, teremos huma escripturação immensa, não poucas lograções, muitos papantes sem trabalharem cousa alguma, e muitos papados, e desgraçados, trabalhando quanto podem. Póde ser que assim se augmente a Agricultura, e póde ser que não:. eu escolheria o mais certo, o mais seguro, e o menos gravoso. — *Pourquoi vos charger d'une commission, si vous voulez la mal faire, ou en tirer de l'argent? Osez-vous m'offrir vos services, si vous pensez a me nuire? Ne vous presentez point, je m'adresserai á un autre.* — São huns pensamentos de *Cicero* postos em Linguagem Franceza, pois que em Latim póde entender-me muita mais gente, e isso não conviria com os desejos dos comprehendidos n'elles: ora, bem vêm estes meus amigalhaços com quanta civilidade os tracto, pois lhes fallo em *Francez;* mas como estes pensamentos sejão adoptaveis a estes sujeitos muitas vezes n'esta longa materia da Agricultura, hajão-nos elles por tantas vezes repetidos, quantas lhes são applicaveis, com o accrescimo d'este outro pensamento do mesmo *Cicero* na mesma lingua — *L'homme qui par des vûes d'interet..... s'acquittoit mal d'une commission..... on le traitoit avec aussi peu d'egards qu'on traite les voleurs.* — Ora fiquem-se com esta os interessados.

Providenciou-se sobre os *Agueiros*, ou *Augueiros*, que são aquelles regos, onde se ajuntão as aguas da estrada de alguma Povoação, e que d'alli se levão para os predios, abrindo-se os *tapigos*, ou tapumes, os quaes se determinou que se conservassem abertos. Ora *quem lhe dóe o dente vai ao dentista.* Se os moradores do Povo não forem Senhores dos predios, para onde interessa, que vão as aguas, ou se elles não tiverem interesse, em que vão para lá, ficará a

Lei em aberto, e os tapumes tapados. A verdadeira Lei, que move os homens, he o interesse; sem este elles são como róchas, se a virtude não obrar, a virtude, que anda por ahi refugiada, e não he facil saber onde! Grande providencia me parece a mim, a de dar aos Agricultores toda a liberdade, para fazerem todo o bem, que quizerem aos seus predios, com a só condição de nunca estarem ociosos no amanho das suas terras, e de não causarem prejuizos a terceiro. Sejão elles tambem aliviados do grande fardo dos Escrivães, e dos Magistrados, de modo que os não opprimão com *farelorios:* concertem os mesmos Agricultores as suas pequenas desavenças rusticas, pois — *de minimis non curat Prætor.* — Elles lá tem os seus *Conciliadores*, ou os seus *Republicos*, que, ainda que não sejão muito farfalhadores, com palavras acompassadas concertão essas historias, sem outra despeza, que a de hum par de pitadas, ou fungadas de *Simonte*, ou com hum quartilho do da sua terra; em vez de que, não sendo assim conciliados os desavindos sobre essas aguas, e augueiros, o *Juiz*, o *Escrivão*, e o *Meirinho* lhes *enxugão* aguas, augueiros, e predios em menos tempo, *do que o diabo esfrega hum olho*. Demoro-me n'estas considerações sobre estas aguas *menores*, porque, por causa d'ellas suscitão-se muitas desordens entre os Lavradores, que elles accomodão facilmente, e a Justiça procura fazê-las aguas *maiores*, e *envoltas*, já todos sabem para que; para esfollar os *Manoeis*, os *Pacovios*, e os *Paxvobis* das Aldêas. Lavradores rixosos perdem logo o amor á Lavoura. Mas continúe o negocio.

Providenciou-se sobre o direito, que tem o Senhor de huma terra, de fazer passar a agua pelo predio de outrem para a sua terra, por canos, ou regueiras, ou fossos, ou seja para a bebida dos seus gados, ou para regar a terra, ou para esgotar a agua superflua. E tem-se cuidado muito, e bem n'estes aqueductos? Não ha muitas terras encharcadas com damno seu, e das visinhas, e muitas estradas inutilisadas? Que damnos não soffre a lavoura? Que difficil se não tem feito a conducção, e o serviço dos carros, e das cavalgaduras, e até o mesmo caminhar a pé, especialmente em Estações chuvosas? Que descuido não tem havido na deducção das aguas superfluas, e inuteis? Mas para aqui as Leis não são sufficientes: huma Sociedade de interessados em as respectivas terras, e nas respectivas estradas, animada pelo Governo, e algum tanto authorisada, mas sem emolumentos, era mui sufficiente: o exemplo he poderoso; os Povos, em lhe achando, e conhecendo interesse, logo o abração: mas em tal Sociedade mal podem entrar

geralmente os *Puffendorfios;* homens, que tenhão terras; que tenhão a perder, e a ganhar, que, ainda que não saibão lêr, saibão trabalhar, porque isto de Livros pouco serve para os interesses reaes da Sociedade. Quasi vem aqui a proposito o fallar das *Azenhas*, especie de Moinho de agua, que serve para moer qualquer genero de Cereal, e tambem para pisar azeitona; differindo todavia do Moinho, em que, este tem rodizio, que he movido por agua do Rio, e a Azenha tem roda pela parte de fóra, e anda com a agua do Ribeiro, a qual, cahindo do alto, lhe dá impulso; e com a differença tambem de que o Moinho tambem se move por vento. Eu não tenho presente alguma disposição sobre as *Azenhas*, nem sobre os Moinhos, que se movem por agua; mas muito justo entendo eu que sería marcar-se hum número fixo aos dictos Moinhos, e Azenhas, de maneira que não houvesse mais dos precisos, segundo a razão dos Lugares, e diversidades das Estações; não somente porque as Azenhas, e os Moinhos são em muitas Terras de *Portugal* o covil dos Ladroes, a Fabrica dos Enjeitados, os Conciliabulos dos que projectão maldades, a Synagoga dos que murmurão, o amparo dos ociosos, a corrupção da Moral dos Povos, e nestes dias algumas vezes o Valha-Couto dos Revolucionarios, como porque as aguas dos ribeiros, e dos rios se represão sobre os predios anteriores, e contiguos, e os encharcão, e damnificão; e tambem alúem os predios inferiores, precipitando-se despenhadamente sobre elles, e ainda muitas vezes, quando nas Estações chuvosas as avenidas são demasiadamente fortes, derrubão aquelles edificios commummente feitos de cascalho, e de pedregulho, e os arrastão sobre os Campos, e Predios contiguos, causão grandes atoleiros, e charcos, e outros muitos estragos consideraveis, e algumas vezes irreparaveis. Não pareção estas cousas de pouca entidade, porque *graeiro a graeiro enche a gallinha o seu papeiro*, dizem alguns rusticos, ou *enche a formiga o seu calleiro*, como de *maquia a maquia enchem o seu os moleiros*, que, segundo dizem, não são das classes, de que o Inferno tem menos gente: o certo he que os Portuguezes tem alevantado muitas casas, e casinhas, tem collocado sobre os seus Rios, e Ribeiros estas *Náos fixas*, com o que se tem descuidado muito dos seus Prédios, e até os tem inutilisado. Venhão agora esses Constitucionaes com a sua impugnação *dos antiquissimos Direitos Bannaes*, pelos que os Donatarios das Terras constrangem os habitantes d'ellas a que vão moer o grão aos seus Moinhos, e Azenhas; cozer o pão aos seus Fornos; e moer a azeitona, ou pisar a uva aos seus Lagares: certamente que aquelles Cons-

titucionaes devião ter desejos, ou tenção de passarem a Moleiros, a Forneiros, e a Lagareiros, logo que acabassem a sua *Governilha!* Podem jámais ser uteis á Agricultura, á Sociedade, e á Moral, mais Moinhos, e Azenhas, mais Fornos, e mais Lagares, que os indispensaveis? Respondão os verdadeiros Estadistas. Impozerão-se penas aos Moleiros, que andassem em cima das bestas, por Edital de Lisboa de 1802! Se agora que está á frente do Senado hum Marquez, Realista decidido, e verdadeiro conhecedor dos interesses de *Portugal* em todas as suas Repartições, e Classes, impozesse penas, e gravissimas penas aos Moleiros, que não andassem em cima d'aquelles Constitucionaes, que na impugnação dos Direitos Bannaes minavão todos os outros antigos Usos, Costumes, e Direitos, que são os verdadeiros alicerces da Agricultura, e da Monarchia; este Edital, assaz honroso para os Campeões das novas Liberdades, seria mais digno de eterna fama, que todos os *Senatus Consultos* de Roma, de Carthago, e de Athenas. Mas eu bem vêjo que aquelles Moleiros, Azenheiros, Atafoneiros, Forneiros, e Lagareiros davão as suas principaes maçadas sobre o Mosteiro de Alcobaça, onde elles percebião se abrigava o Gigante, que havia de desbaratá-los, ou, antes, o Pastor de huma das principaes Igrejas de *Portugal*, que havia de derrubar com a sua erudição, e virtude o edificio dos soberbos, e ímpios *Briarêos* d'este Seculo. Coitadinhos! Cahiolhes a Paschoa na Sexta Feira!... Porem continúe o negocio.

Sigão o seu curso todas as aguas de Lisboa, que não he justo que eu censure, as que fazem a parte mais essencial da minha vida, e da minha commodidade; o que me não succederia, se não fossem as salutares providencias, que estão tomadas sobre tudo, o que diz referencia a estas aguas. Mas eu vêjo as providencias, que se tomárão sobre o Rio *Douro*, tão célebre pelo seu nascimento na montanha *Idumea*, (por perto lhe andámos alguns *Emigrados* na *Hespanha*, lembrando-me então aquelle Verso Sagrado, que falla do Divino Salvador — *In Idumæam extendam calceamentum meum* —) e pela sua passagem proxima á immortal *Numancia*, quanto desgraçadamente célebre, e execravel pelo seu occaso no *Porto*, Cidade de máo nome, e agouro para Portugal, não porque lhe faltem *Portuenses* ínclitos pela sua Virtude, pelas suas Letras, e pelas suas Armas, com que tanto esplendor dérão, e dão ao Throno, e á Patria; dignos certamente de toda a consideração dos bons Portuguezes, pela heroica fidelidade ao Senhor Dom Miguel, em Defeza de Quem já alguns d'elles derramárão seu san-

gue, e exhalárão valorosamente a sua vida; mas porque a par d'esses honradissimos Portuenses ha outros muitos filhos espurios d'aquella Cidade, abjectos, infames, trahidores, e o desprezo de todos os Portuguezes! Vêjo pois que os *Açudes*, *Azenhas*, *Pesqueiras*, e *Nasceiros* impeditivos da navegação do *Douro* fôrão mandados abolir, como tambem desfazer os penedos, lançando-se para isso contribuição ás Camaras, e ás Pipas de Vinho; vêjo tambem outras providencias ácerca da Barra do Porto, ou da entrada, que na Foz dá o mar para aquella Cidade. E se tantos cuidados pela Navegação, quaes não deveráõ ter-se pela Agricultura? Conheço que a Navegação no interior do Reino he essencialmente annexa á Agricultura, porque promove a exportação das suas producções, e fomenta o seu Commercio assim no interior, como no exterior: este he tambem hum dos meus objectos no exame dos interesses mútuos de *Portugal*, e da *Inglaterra*; o *Douro* subministra materia para muitas Folhas, e por isso fica para a *Feira dos Vinhos*: ainda ha Aguas, e por isso este Artigo *continuar-se-há*.

Mas quando me lembro do quanto se trabalhou por fazer capaz a *Barra* do Porto para a exportação dos Vinhos do *Douro*, e para a importação dos Generos da *Inglaterra*, e d'outros Paizes, como tambem do *Brasil*, tudo hoje estrangeiro para *Portugal*, ainda que isto interessava muito, especialmente quando essas Negociações erão feitas em Navios Portuguezes; todavia, considerando por outra parte os bens immensos, que fugírão de Portugal por aquella *Barra*, e os immensos males, que pela mesma *Barra* vierão para *Portugal*, especialmente desde o anno de 1820 até ao dia, mez, e anno, em que me assigno, fazendo proporcionalmente estas mesmas applicações á *Barra* de Lisboa, sinto-me arrebatado de hum decente excesso de indignação Patriotica, e que com toda a minha voz exclamo — *Nunca tal Barra se facilitasse! Nunca tal Barra fosse praticavel, se taes cousas haviño de acontecer aos Portuguezes!!!*

Contárão-me que na *Hespanha* hum Ministro d'Estado por nome *Oucenon* (Grande Ministro) dissera a Fernando VI, ou a Carlos III, quando mandou abrir a estrada Militar da *Hespanha* para a *França* — *Seria melhor que Vossa Magestade mandasse collocar humas montanhas sobre outras, para que de França para cá não venha cousa alguma, parque de lá só podem vir desgraças.* — Ora eu talvez não diria aos Portuguezes que entulhassem a *Barra* do Porto, e a de Lisboa, mas pode ser que lhes dissesse, se me ouvissem — *Façáo huma Columna como a de Herculles em cada ponta, ou lado da terra; e prendáo nessas Co-*

lumnias hum Cadeado tão grosso, e tão firme, que ninguem o possa romper, quebrar, despedaçar, ou desfazer, para que não possa entrar, nem sahir outra gente, que não seja Portugueza, e essa mesma fiel, honrada, Christã, e temente a Deos, e a ElRei. Se os Estrangeiros quizerem comprar-lhes seus Generos, recebão-nos á porta, e não os deixem entrar, nem subir, dizendo-lhes = Dêm cá; tomem lá, e — *Vadite retrò.* — Porem já agora o mal está feito; o que resta he dar-lhe remedio.

Portuguezes! Soldados! Não ha alguma Nação no Mundo, que não admire os vossos altos feitos de valôr! As Folhas Estrangeiras celebrão o vosso nome! Os mesmos inimigos estão corridos de mêdo! Hum pouco mais de tempo, que prosigais nas vossas Operações, vós sois sem dúvida coroados dos louros da Victoria! Louvor ao vosso denodado esforço! Gloria á Mão dextra, que dirige os Combates, e que vos guia, e conduz na occasião dos maiores perigos! Vós sereis salvos pela sua pericia, se cada vez mais entranhados no amôr ao Nosso Grande Rei, e Senhor Dom Miguel, respeitardes, e cumprirdes fielmente as Ordens, que vos são expedidas pelo Chefe do Seu Estado Maior! Concordia entre vós, pois com a vossa união os inimigos se julgão vencidos!

Lisboa 25 de Novembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 86.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. v 15. Portuguezes! Soldados! A Bondade Divina cança-se de soffrer os seus inimigos impenitentes, e começa a derramar as suas Misericordias sobre vós, para que a final de tantos trabalhos sejais triumfantes dos vossos oppressores! Não era possivel que Deos s'esquecesse de vós no tempo da vossa tribulação, porque vós invocastes o seu auxilio com Fé, Esperança, e Caridade! Confiai em Deos, pelejai por elle, e triumfareis, porque a Causa he mais de Deos, que de vós; mas vós deveis ser os instrumentos da sua Justiça, e da sua Gloria! Debalde pois forcêjão os desesperados Rebeldes!

Agricultura, Base da prosperidade de Portugal em todas as suas relações interiores, e exteriores.

Aguas. — Este Artigo, não poderia saciar a Sêde de Tantalo, ainda que he immensuravel: he o que mais concorre para a abundancia dos terrenos de *Portugal*, porque as suas aguas estão repartidas, e temperadas pela Providencia Divina, em tudo propicia para os Portuguezes. Mas eu vêjo tambem algumas disposições Portuguezas sobre as suas aguas, e por isso continúo no exame promettido no N.º anterior. O encanamento, ou encaminhamento das aguas do Mondego, do Lima, e do Cávado foi objecto dos cuidados do Governo, como que todos os Rios navegaveis do Reino pertencem ao Soberano em plena propriedade por força da Soberania; considerei

estas providencias, e as contribuições, que se lançárão aos Povos; como se prohibio tirar-se madeiras, ou ramadas das plantações, com que segurão as margens do Téjo; como se mandárão construir Pontes, assim de Alvenaria, como de Carpentaria, considerando nestas principalmente os passadiços sobre barcas, que atravessão hum rio, e os levadiços, que se podem pôr, e tirar, ou levantar, e abaixar, sendo estes feitos ou por cadeias, ou de frecha; considerei, repito, estas, e outras providencias, que pertencem ás *aguas*, e o methodo de Contribuições, e de Impostos sobre os Povos, como tambem a sua arrecadação, e a sua inversão; e admiro-me do que se mandou, e do que se prohibio, como do que se deixou de mandar, e de prohibir; do que se fez, e do que se não fez; ouço os clamores dos Povos, que se queixão de pagar, pelo que se faz, e pelo que se não faz; pelo que se fez, e pelo que se não fez, nem talvez será feito em tempo algum; não citarei exemplos particulares; subsistem Arrecadações, que já não tem fundamento, e muito menos para a sua exorbitancia, sem que o Estado d'ahi perceba interesse algum, e os seus Vassallos perdendo, e gemendo; vêjo que, apenas o Governo projecta alguma obra de semelhante natureza, logo se offerecem *Architectos*, *Engenheiros*, e *Constructores*, primeiros, segundos, terceiros, e quartos *Directores*, *Inspectores*, e *Sub-Inspectores*, *Intendentes*, e *Superintendentes*, *Mestres*, *Contra-Mestres*, *Fiscaes*, *Procuradores*, *Escripturarios*, e tudo isto aos montes, alem da chusma dos *Arrecadadores* das Contribuições, e Impostos aos Povos tambem com os seus *Depositarios*, *Contadores*, e *Escrivães primeiros*, e *segundos*; e acho que he muito mais, o que se paga pelo que se não faz, que pelo que se faz; que importa ao Estado em muito mais os Salarios, e Ordenados, que dá aos que não trabalhão, que aos que trabalhão; e que, se houvesse Economia, ainda que se quizesse despender tudo, o que se despende, podião ser de prata muitas obras, que são de páo, de pedra, e de cascalho! O *Compadrio*, muitas vezes a *illusão*, e o engano, e algumas vezes a fatal mania *de procurar Empregos para os homens*, *e não homens para os Empregos*, tem produzido hum grande Exercito de ociosos, que passárão para a classe media, e se fizerão *homens de bem*, he a dizer, poderosos, ricos, e abastados, ou ao menos de corpo direito, lenço ao pescoço, chapéo fino, casaca, calça, e botina, que tanto constitúe a hum Cavalheiro d'esta libré, formado á custa da ociosidade, e do roubo: houve tempo em *Portugal*, em que todos quizerão ser Empregados do Estado sem trabalhar para o Estado, o que podia tolerar-se, mas nunca approvar-se, quando entravão no Téjo frequentes, e grande Náos carrega-

das de ouro da *India*, e do *Brasil*. Porem agora, que não temos senão as nossas Terras, que faremos? Procurar nellas pelo seu cultivo, o que perdemos pelo seu abandono: a Náo não he tão grande, que precise de tanta Maruja para a governar; venha para terra mais de ametade, pois cá na terra carece-se de gente para a mover, e amanhar — *quæ sunt per allegoriam dicta.* —

Mas as providencias, que se tomárão sobre as aguas, são sufficientes a promover a Agricultura? E ellas mesmas fórão, ou estão observadas? Aproveitão-se as aguas, quanto convem á fecundidade de *Portugal*? Derivão-se, e conduzem-se os Rios, e os Ribeiros para onde convem, e he possivel? Regão-se muitos Campos com as suas aguas? Tem-se segurado sufficientemente as suas margens, ou com muros, ou com arvores, para que não trasbordem, não alúão, não estraguem? Sangrão-se os Rios, e se cortão, ou para formar d'elles outros Rios pequenos, ou Ribeiros, ou de maneira que as suas aguas levadas por huma especie de rotação, ou circulação, voltem por huma grande curva para o mesmo Rio por outra parte, ou fecundando por esta forma outras terras, ou evitando que as suas caudalosas enchentes destruão as terras, que lhes são sujeitas, ou que arrazem as sementeiras, e novidades dos campos, que lhes ficão debaixo? Quantas cousas, que exigem hum cuidado, e huma attenção especial! Para recolher as aguas, que escorrem, e filtrão das Terras apauladas, e para dar curso ás aguas, tem-se feito bastantes, e sufficientes Vallas, ou Cóvas longitudinaes proporcionadas? E essas Vallas abrem-se, quando, e onde convem? Tem-se ainda encanado as aguas de muitos Rios, e Ribeiros, que são prejudiciaes aos Campos contíguos, do modo que tem o seu curso? Eu vêjo bem que só com aproveitar as aguas, quanto he possivel, necessario, e util, e com desencharcar, as que são prejudiciaes, *Portugal* podia triplicar as suas colheitas: dando-se elevação aos Rios, e Ribeiros, onde he possivel, muitos Campos poderião ser regados; dando-se-lhes a descida, onde tambem he possivel, muitos predios poderião desobstruir-se, ou desencharcar-se, e tornar-se fructiferos; aplainando-se o seu firmamento, poderião ser utilmente navegados; construindo-se pontes, o Commercio no interior augmentaria com vantagens, e com facilidade; as margens dos Rios, e dos Ribeiros de *Portugal* poderião apresentar a vista das do *Nilo;* Searas fecundissimas, Pomares copiosissimos, Hortas abundantissimas, Vinhas exuberantissimas, vistosissimos, e utilissimos Arvoredos; *Portugal*, aproveitando, quanto pode, as suas aguas, e conduzindo-as, como convem, sería hum Paiz populosissimo, riquissimo, e deliciosissimo, pois teria tudo de sobejo para as suas

necessidades, para as suas commodidades, e para os seus prazeres; a sua População de tal modo poderia ordenar-se, augmentar-se, e situar-se, que a voz proferida em huma das suas extremidades poderia ser repetida na outra no espaço de hum dia.

Se as aguas fossem aproveitadas, conduzidas, derivadas, e escorridas, quanto he possivel, não veriamos tantas terras alagadiças, com as quaes não pode seu possuidor contar muito tempo; tantas Terras *Gallegas*, assim chamadas, por serem de charnecas delgadas, e pouco productivas, e não de campos ferteis, e rendosos; tantas terras calvas, montes ermos, e bravios, que pela sua má qualidade nem ao menos produzem hervas, silvas, arbustos, ou matos; verdade he que eu não estou pelo cultivo dos Outeiros, e das Collinas escarpadas, que privados das hervas, silvas, arbustos, e matos, e ainda de arvores grandes, que com as suas raizes agarrem, prendão, e apanhem a superficie da terra, roteados pelo ferro, e rotos os anneis, que união a terra, as chuvas impetuosas os descalvão, ou lhes põe á mostra a calva dos seus penedos, e pedregulho, precipitando, e despenhando a sua terra, e cascalho sobre os predios inferiores com ruina commum, e muitas vezes sobre os ribeiros, e pequenos rios sujeitos, entupindo-os com hum entulho, que as suas correntes não podem arrastar, e vasar, ficando assim impedidos os desaguadeiros dos Campos contíguos. Finalmente a boa condução das aguas encheria a *Portugal* de trigo, de milho, de centeio, de cevada, de batata, de arroz, de legumes, e de todo o genero de farinaceos; encheria a *Portugal* de Vinhas, de Pomares, e de Hortas; enchê-lo-hia de Arvores para todos os objectos, ou elles fossem de casas, e edificios, ou elles fossem de Marinha, e Navegação; augmentaria muito a sua População, facilitaria o seu Commercio no interior, promovê-lo-hia no exterior, e em huma palavra faria com que os Portuguezes não tivessem inveja dos Campos *Elysios*, nem saudades do Ouro da *India*, nem lembranças dos seus perdidos *Brasis*. Ora não estranhem os meus leitores, que eu me demorasse tanto sobre este Artigo — *Aguas*: — elle assim mesmo foi tocado rapidamente, porque he immenso, e de immensa utilidade; os mais Artigos tem muito pouco a fazer: as *Aguas* bem aproveitadas, e dirigidas são o principio mais poderoso da fecundidade de todos os Paizes. Permitta-me o meu Censor que eu diga aos Portuguezes — *Semitæ tuæ in aquis multis.* — Portuguezes, nas vossas muitas aguas, sabendo aproveitá-las, tendes longos, e espaçosos caminhos, para promover, augmentar, e melhorar a Agricultura, verdadeira, principal, e quasi única base da vossa prosperidade, e das vossas relações interiores, e exteriores.

Mas como promover este aproveitamento das aguas? Por Providencias e Direcção do Governo? Convenho em que os Negocios maiores do Estado só pelo seu Governo podem ser dirigidos e administrados, porque tem a força e os recursos que muitas vezes faltão aos seus governados distributivamente: mas nos negocios do interesse dos Povos basta que elles lhes conheção o interesse para os promoverem: *Sociedades de interessados nos respectivos terrenos, animadas e movidas pelo Governo*, melhor que este, mais facilmente e mais em breve, e com mais suavidade, e menos dispendio, fomentão seus interesses, para os quaes não attendem os Empregados pelo mesmo Governo, que mais olhão para os Salarios e Ordenados que o Governo lhes dá, e que elles desejão permanentes e perpetuos, que para os interesses dos Povos, nos quaes não communicão, julgando antes perderem logo que a sua empreza estiver acabada; razão esta porque humas tantas emprezas do Governo *nunca acabão*, sendo tanta a indignidade dos seus Commissarios, que, ou pedem o augmento de Ordenados e de Ajudantes, para poderem acabar o que não querem vêr acabado, ou se o acabárão pedem premios e retribuições pelo que não fizerão, pelo que demorárão e pelo que impedírão que se fizesse. Sociedades, não de *Letrados*, mas de *interessados*, que achão comprometidos os seus interesses e a sua honra para com os visinhos, se não acabão o que emprehendêrão; que em acabar tem a ganhar interesse e honra, e em não acabar tem a perder interesses, e honra; taes Sociedades *animadas pelo Governo* com o offerecimento do seu louvôr, e algumas vezes de algum distinctivo, e outro sim estimuladas pelo agradecimento e bom nome dos Povos visinhos, e sobre tudo pelo augmento de interesses que elles, suas Familias, seus Parentes, seus Amigos, e seus semelhantes, e depois d'elles os seus vindouros vem a perceber d'essas emprezas de melhoramento de Agricultura, taes Sociedades, repito, desempenhão muito melhor que o Governo os objectos que se propõe. A experiencia e observação attestão que hum Governo que immediatamente por si, ou proximamente por seus Empregados quer fazer tudo, pouco ou nada faz; e isso mesmo, que faz, he com huma despeza infinitamente superior ás vantagens que o Estado vem a colher. As Sociedades dos interessados, quando mais precisão, he de serem authorisadas para alguns arbitrios á avença dos Povos, ou de algumas isenções *temporarias* e *limitadas*, mas certas e inamoviveis pelo espaço de tempo marcado; e então deixa-las á sua liberdade na execução e desenvolvimento das suas idéas; porque o seu mesmo interesse individual e o das suas familias, e dos seus visinhos lhes

fará tomar hum bom andamento conveniente ao mesmo Estado. Eu não fallo do Commercio exterior, para o que semelhantes Sociedades tem servido e servem em muitos Paizes, porque nem *Portugal* tem hoje hum grande Commercio exterior activo, nem este he o meu proposito; fallo da Agricultura, do Commercio interior, da navegação interior, do augmento dos Cereaes, do Vinho, do Azeite, do Linho, das Arvores e de tudo; o que produzem e podem produzir todos e cada hum dos terrenos de *Portugal*, digo que para isto não precisa o Governo senão de dar impulso nos diversos Locaes, Districtos, ou Circulos ás Sociedades dos interessados n'esses terrenos, e depois deixá-las na sua liberdade; que ellas se moverão por seu interesse e honra. Assim teve principio em *Portugal* a Companhia do Alto Douro, e a Junta do Real Contracto do Tabaco e Sabão: assim estas duas Administrações, e especialmente a do Douro seguissem hoje o fim e a intuição da sua origem e estabelecimento! Mas acabem os Rebeldes do Porto de beber as lagrimas do Douro, ou de lhe enxugar a sua vitalidade, e depois do triumfo começará, como deve, a sua particular prosperidade.

Ora como a maior parte d'estas considerações feitas sobre este artigo — *Aguas* —, tenhão relação com tudo quanto está ligado aos interesses e á fazenda da Agricultura de *Portugal*, eu não omittirei huma lembrança do como estas Sociedades poderão encetar e continuar os seus melhoramentos e augmentos de Agricultura nos respectivos locaes, em que tiverem interesse pelos Predios que alli possuirem e cultivarem, ou deverem cultivar. *Huma Loteria semanal*, em que fossem obrigados a entrar todos os possuidores de terras, no districto em operações, ou elles fossem Ecclesiasticos, ou Seculares, de qualquer classe e condição, com quotas proporcionadas aos seus rendimentos e percepções em aquellas terras, e aos jornaes, que por semana houvessem de vencer os operarios, com a precisa supposição de que os intrantes tivessem sobejos da decente sustentação das suas casas, e com a condição de que aquelles a quem correspondesse algum premio não poderião ficar senão com huma parte igual áquella quota com que entrárão: poder-se-hia estabelecer authoritativamente que os operarios, peões ou trabalhadores não podessem levantar o preço ou jornal do seu trabalho, nem os vendedores de generos podessem subir o seu preço; faço estas restricções, porque muitos Portuguezes ainda não perdêrão a mania de quererem *enriquecer-se de pressa*, e com pouco ou nenhum trabalho serem igualmente poderosos, e abastados, como os que já estão ricos; mania esta, que *ordinariamente* se não póde conseguir senão por meio de roubos,

estorsões, e violencias, ou de usuras, e negociações escandalosas. Oh! Quanto poderião interessar ao augmento, e melhoramento da Agricultura concorrendo para esta Loteria os Ecclesiasticos ricos, os Conventos, os Commendadores, e os Proprietarios abastados, que tivessem rendimentos, e percepções das terras em Operação! Quanto outros, que não quizessem entrar com dinheiros, poderião concorrer para o mesmo augmento, enviando por sua conta para estes trabalhos em supposição a algum filho, ou criado, especialmente nos tempos *mortos*, he a dizer, em aquelles em que o amanho dos campos já cultivados demanda menos braços! Quanto interessarião os *pobres*, os *ociosos*, e os *vadios*, não só na sua subsistencia *como na sua moral*, pois que todos os d'esta condição deverião ser obrigados a estes trabalhos emprehendidos pela Socidade! Oh! Quanto he facil desterrar a fome, a mendiguez, e a ociosidade, madrastas de tantos vicios, e desordens como acontecem em todos os Paizes, em que a cultura das terras, ou he pouco favorecida, ou quasi abandonada! Nem se diga que esta lembrança da *Loteria* he pouco exequivel no actual estado de *Portugal*, quando eu vejo felizmente tantas subscripções voluntarias, tantos donativos, e tantos subsidios, para fazer a guerra aos inimigos de *Portugal*, e tantos braços voluntarios manejando o ferro contra os mesmos inimigos; acabada pois a guerra, fação os Portuguezes os mesmos esforços para rasgar, e abrir as fecundas entranhas das suas terras, para conduzir, e dirigir convenientemente as suas aguas, e elles veráõ quantos interesses mais lhes prodigaliza *Ceres*, e *Baccho*, que *Bellona*, e *Marte*, e com que immensa differença de custo, de perigos, e de sacrificios! A Agricultura sempre offerece muito a ganhar, e nunca alguma cousa a perder; conheço que para emprezas menores não se precisa de *Loteria*, nem de outros meios semelhantes; basta sómente a instrucção, o conselho, e o exemplo, pois os Povos, em lhe percebendo o interesse, logo lhe achão o gosto, e de boa vontade se dão ao trabalho! Portuguezes, honrai os vossos Campos, pois na honra d'elles vai o vosso interesse. Mas as *aguas* podem já dar-se por escorridas; assim, venhão outros Artigos, e sejão elles tocados ao de leve.

Arrôz. Já tenho tocado este grão farinaceo semelhante ao trigo, o qual se produz em lugares *brejosos*, que não são infrequentes em *Portugal*, e muitos mais poderia haver, se houvesse empenho n'isso: mas eu tenho para mim que os lugares *brejosos* são pouco saudaveis á População, e que até o mesmo Arrôz não he hum alimento muito salutar, ao menos usado com frequencia, e comido com excesso, por ser muito nutriente, e incrassante; razão porque, me disse hum Medi-

co, *os que o comem sem moderação estão mui sujeitos a ataques apopleticos.* Em varios lugares de Tras-os-Montes substituem a falta do Arrôz com o milho grosso e miudo disposto por huma certa fórma que disfarça o que he e parece Arrôz no seu condimento.

Arvores. Eu não fallarei das *fructíferas*, em que os Portuguezes tem bastante cuidado, mas das *silvestres*, ainda que estas são fructíferas á sua vez, e com especialidade para os animaes: ellas são de hum grande uso para a Marinha e para todo o genero de obras de madeira, e tambem para lenha. Quasi todos os terrenos incultos de *Portugal* podião ser plantados de arvores *silvestres*, havendo tambem n'isso a sua ordem e o seu cuidado; as margens de todos os rios e ribeiros podião estar povoadas, e por esta fórma vêr-se-hia hum continuado e delicioso bosque, além da segurança das mesmas margens: *Portugal* póde ter arvores de toda a especie para formar huma grande Marinha: muitas providencias se tem tomado sobre os Pinhaes, e algumas sobre os Carvalhaes; os encarregados da sua execução poderáõ dizer que estão perfeitamente observadas; mas póde haver quem diga *que não;* o certo he que os arvoredos são infinitamente susceptiveis de maior augmento e perfeição, e que, dos que existem, se não tem tirado todas as vantagens possiveis, mesmo pela difficuldade da sua conducção aos lugares em que as suas madeiras poderião utilisar-se, além de que *Portugal* tem olhado mui pouco pela sua Marinha, nunca mais necessaria que nas actuaes circumstancias. He ainda huma desgraça que os Portuguezes se tenhão dedicado a queimar carvão, comprando-o muitas vezes estrangeiro, tendo-o de sobejo nas suas terras, e podendo acostumar-se a fazer maior uso da lenha, muito mais saudavel que o uso do carvão. Para mim tenho por certo que *Portugal* poderia vender madeira, e não comprar carvão, se houvesse maior cuidado na plantação e na sementeira de arvores *silvestres*, e se facilitasse a sua conducção. Não despresem os Portuguezes as cousas menores, se querem chegar a ter as maiores! Vêjão bem que os Estrangeiros dão huma grande importancia a hum Vintem, em quanto os Portuguezes commummente desprezão hum Cruzado novo! Mas esta falta já se vai sentindo, e pouco ou nada se tracta do seu remedio! Não desprezemos o que he nosso e o que tanto prézão os Estrangeiros.

Azeite. — Muitas providencias se tem dado sobre o azeite, assim do que vem da Oliveira, como do que se extrahe da substancia do Peixe e das raizes oleosas; algumas providencias merecêo tambem a *Azeitona.* Mas, prescindindo de outras arvores oleosas, eu não sei de providencia alguma so-

bre a plantação, e tractamento das Oliveiras; observei que muitos habitantes do Douro convertêrão em terras de vinho algumas terras de pão, e hoje *não vendem vinho*, e *comprão pão!* Observei tambem no Douro que outros arrancárão as *Oliveiras*, e lhes substituírão *vides*, e hoje *nem tem azeite, que vendão, nem vendem o vinho, que têm!!!* Esta substituição de *Vides* por *Oliveiras* notei eu em muitos terrenos do Douro d'aquem e d'além, e em outros muitos das Provincias de Trás-os-montes e da Beira Alta! A facilitação de lotar os vinhos de fóra da Feitoria com os da Feitoria, e de compôr huns com outros por meio da baga dos loureiros, e com outras nove especiarias mais; este escandaloso contrabando, permittido aos Contrabandistas *móres, por quanto dérão*, e castigado asperrimas, despotica e tyrannicamente nos contrabandistas *menores, porque não dérão*; este genio Portuguez, de poucos annos a esta parte, *de se fazerem ricos e cavalheiros em poucos dias*, e sem nenhum custo, abandonando o amanho dos seus campos; esta confiança cega e louca, de que os Inglezes lhes comprarião por grandes preços os seus vinhos, quando elles os querem pelo preço d'agua, ou a troco de *chitas* e *gangas*; esta relaxação, em que se collocou a Companhia dos Vinhos; tudo isto produzio gravissimos transtornos e desandamentos á Agricultura, e aos Agricultores de *Portugal* em todos os generos do seu maior interesse. He indubitavel o quanto a Companhia do Alto Douro tem concorrido *opportune et importune*, *directe et indirecté* para a cultura e augmento das vinhas, e para a exportação dos vinhos; muito desejão *todos* que ella preencha os fins e as intuições da sua instituição; muito desejão *muitos*, que todos os Portuguezes conheção bem o modo porque os Estrangeiros perdem a hum Paiz qualquer, exportando os seus generos com demasia, e em grande preço, para augmentarem a sua producção, e com isso o seu deterioramento, fazendo-os descahir por mil geitos e tregeitos do seu crédito e reputação, e ao depois procurando-os em outro Paiz, ou querendo sujeitar aquelle em que commerciavão, a condições asperas, duras, insopportaveis e até impossiveis! Considerai, Portuguezes, se assim vos não tem acontecido! Mas eu muito desejára que houvesse Companhias ou Sociedades que promovessem as producções de todos os generos farinaceos de Azeite, de Arvoredos e de outras cousas d'esta natureza e utilidade, porque d'estas ha falta, e de vinhos ha sobejo. Quereria eu que se impozessem grandes contribuições a todos aquelles que vendessem as materias primas, com prejuizo das segundas, que d'aquellas se podem formar com muito maior utilidade e vantagem para os Póvos e para o Governo; e esta justa e applicavel von-

tade, que tem lugar em infinitas producções da Agricultura, desejava eu que tambem se entendesse com a *excessiva* venda da azeitona, a qual he summamente prejudicial até á mesma saude dos Póvos, que a comem com excesso, pois não só comem o azeite em crú, mas até com o seu bagaço, no que não sómente se offendem a si mesmos, como ao augmento do azeite! Alguns Estadistas julgarão importante esta observação ácerca de outras cousas, e mui insignificante ácerca da azeitona; mas não me desdigo: hum bom Governo Economico, que olha pela saude dos seus governados, e pelo augmento dos interesses da sua fazenda, deve facilitar aos Póvos a compra, e venda dos objectos necessarios, e saudaveis, e deve do mesmo passo difficultar, e mulctar a compra, e venda dos objectos de luxo, e de prejuizo! Mas voltando á *azeitona*, ella serve para provar o vinho á porta das adegas, o que he bom, ou para bebados, ou para compadres, em quanto he muito de desejar, que o vinho se *prove por garrafas*, para evitar o compadrio, e as desordens, que s'experimentão nas adegas! Ora, insensivelmente fui do *azeite* para os *vinhos*, quando huma, e outra cousa fazem muito má liga, e mistura; certamente deve ser alguma *sanguinha*, que tenho com o azeite, e com o vinho, e sem dúvida he com os vinhos, porque para os provar bem, não convem, nem he justo dar azeite aos provadores. Ora pois, fiquem os vinhos em prova, e para as provas, porque este he ainda hoje hum objecto de principal commercio com a *Inglaterra*, e da prosperidade de *Portugal*, o qual tambem merece, e mais que tudo, a minha attenção; mas ha de ser depois da *Aurora*. Venha pois outro artigo.

Baldios. São terrenos incultos, e desaproveitados, como as matas, e montes *maninhos*. Se elles não forão reservados pelos Senhores Reis de *Portugal*, ou não forão constituidos em Foraes públicos, ou particulares, pertencem aos Soberanos como as estradas, e ruas públicas, ainda que os *maninhos*, quanto ao seu uso, são dos Póvos respectivamente; e quanto á sua administração são das respectivas Camaras em proveito dos pastos, das creações, e d'outras utilidades. Ninguem póde apropriar a si os baldíos sem competente Titulo. Mas quantos estão apropriados por homens respectivamente poderosos?!!! Quantos estão sobnegados, ou aforados com lesão dos Póvos, e nullidade dos Contractos?!!! Quantos estão ainda por cultivar depois de aforados?!!! Tenho visto *o mal depois da Lei* com escandalosa impunidade, e tenho visto a *Lei depois do mal* com despresivel nullidade! Eis-aqui huma multidão de terrenos incultos, e desaproveitados por incuria, por prepotencia, e por má administração! *Portugal*, até aqui sempre rico, e poderoso com os seus *Brasis*, desprezou as miga-

lhas; e *migalhas tambem ao pão.* Porque se não hão de aforar esses baldios, matas, e montes maninhos sem pensão alguma por hum espaço de tempo marcado razoavelmente? Porque não hão de ser povoados, roteados, amanhados, e cultivados! *Portugal* não póde ser huma Povoação continuada, e successiva! A Agricultora não seria augmentada por esta fórma! As estradas não estarião assim mais bem concertadas! Não seria mais facil o commercio, e a conducção dos generos no interior? Não haveria maior segurança contra fogos, roubos, e assassinios! *Portugal* despovoado, e inculto?!! Sómente visto póde acreditar-se! Mas ao menos: Porque esses baldios, matas, e montes maninhos não tem sido plantados de arvores proprias para a construcções de Náos, para o madeiramento das casas, para o concerto de pontes, e estradas, para lenha, e até para sustentar alguns animaes com os seus fructos? Para que servem essas terras descampadas, e descalvadas? Eis-aqui objectos de muita necessidade, e que tem cahido em muito desprezo, e abandono! Tudo *Brasis*, tudo *Fabricas*, tudo *Industria*, tudo *Commercio*, tudo *Letras*, tudo *Armas*, tudo *Fidalguias* de dous dias, tudo *Casaquinhas*, tudo *Classe media*, e nada, ou pouco da *Classe Agricultora*, que he a mais util para o Estado! Tudo comprar aos estrangeiros, até as rolhas, que he huma pouca vergonha, e não vender-lhes cousa alguma, á excepção dos vinhos, que já não querem, ou querem pelo preço da agua, o que he hum argumento incontestavel de miseria, e pobreza, e, o que he o peior de tudo, de ociosidade, de preguiça, de ignorancia, e de falta de juizo. Quasi tudo compramos, e pouco, ou nada vendemos! Que nos falta para sermos desgraçados, senão o podermos dizer — *Aquam nostram pecunia bibimus, panem nostrum pretio comparavimus?* — Não sômos ricos, *porque não queremos*, ou o queremos ser com pouco, ou nenhum custo: não vendemos pão, antes o compramos, porque *não trabalhamos;* não temos Marinha, porque *não trabalhamos;* em fim pouco temos, porque *não queremos.* Ora, não digo eu isto porque a Agricultura esteja no abandono, em que estas declamações a pintão; senão, porque os Portuguezes não procurão tirar dos seus terrenos todos os interesses, que podem tirar pela sua applicação á Agricultura; e este descuido pouco honroso, e muito prejudicial, me impelle ao excésso de gritar com todas as minhas forças: Portuguezes! Porque não promoveis quanto podeis o augmento, melhoramento, e perfeição da vossa Agricultura, que he a verdadeira, principal, e quasi unica base da prosperidade do vosso Paiz, e das vossas transacções com os outros Paizes, e espectalmente com a *Inglaterra?* Portuguezes! Vós tendes genios para to-

das as cousas; desenvolvei-os no augmento das producções das vossas terras, e nos seus ricos, e poderosos *quanto quizerdes!*

Em boas mettêo a minha penna o meu *Artilheiro* com o seu pedido de falla na *intervenção de alguns Inglezes* na grande Questão Portugueza! Desejo acabar com essa *intervenção*, e para isso basta, que elles se desenganem sobre os seus verdadeiros interesses em *Portugal*, os quaes lhes não podem offerecer *senão os Realistas*, porque só estes são conhecedores da verdadeira base das transacções entre os dous Paizes. Achar-me-ha pezado o meu *Artilheiro*, ainda que tenho voado mais que as balas da sua bateria, que está em silencio: todavia em breve acabo a encommenda: estou já quasi farto de vingança, mettendo-o nos baldios, matas, e montes maninhos. Quer o meu *Artilheiro* desarmar a todos esses Inglezes, que estão no Porto ao servico de Dom Pedro! Pois peça licença ao nosso Governo, e com sua licença convide-os, e leve-os para cultivar os baldios da sua Provincia, que já ha bem muitos, e ahi tem acabado com toda a *intervenção* de facto, e ao mesmo tempo tem desarmado a principal força dos rebeldes do Porto. Mas esta materia *continuar-se-ha*.

Portuguezes! Soldados! Dai fim á rebellião com o vosso valôr; e logo o Nosso Grande Rei, e Senhor Dom Miguel dará principio em paz á prosperidade de *Portugal*! Estai certos da vossa felicidade! O Nosso Bom Rei tem meditado na Sua Alta Sabedoria, e Virtude o modo de fazer felizes, e venturosos a todos os Seus Vassallos! Eia pois, acabemos com os Rebeldes, e todas as cousas correrão á nossa vontade, conformando-nos sempre com a Vontade do Nosso Deos, e do Nosso Rei.

Lisboa 26 de Novembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 87.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! Soldados! Guerra aos Rebeldes! Não affrôxeis, que elles são vossos! Mil sacrificios, e orações se tem dirigido ao Ceo, para que triumfeis, e como que já se sente descer a Misericordia Divina sobre vós! Deos está por vós sem dúvida! Animo pois! Fortalecei-vos!

Agricultura, verdadeira Base da Prosperidade de Portugal.

Batatas. São raizes farinaceas mui conhecidas, que servem de alimento a muita gente rustica, e de condimento ás mesas delicadas: d'ellas sós se faz pão, e misturadas com o trigo em devida proporção o fazem delicado, e saboroso; tambem o fazem misturadas com o centeio, com a cevada, com o milho grosso, e com o milho miudo; porém misturadas com o trigo, centeio, e milho grosso em quantidades iguaes fazem hum pão de muito bom gosto, e alimento. He vergonha das vergonhas comprarem os Portuguezes aos Estrangeiros hum genero, de que se faz tanto uso, e de que se podem tirar muitas mais utilidades, quando elle póde produzir-se em quasi todos os terrenos de *Portugal*, e de muito melhor qualidade, que o que vem de fóra do Reino. Elle he o alimento commum, e ordinario de muitas Povoações pobres, he o regalo dos ricos, e em tempos de carestia, ou por esterilidade da terra, ou pelos desastres da guerra, he

hum bom supplemento do pão quotidiano. Ha terrenos assaz infecundos para outros farinaceos, e que são excellentemente proprios para batatas. Qual he pois a razão, por que se não tem augmentado o seu cultivo tão util e necessario aos Póvos? Porque se não tem favorecido mais hum genero que produz cento por hum? Sem dúvida, porque a sua importação de fóra do Reino está sujeita a poucos ou nenhuns emolumentos e direitos: ora, facilite-se o Commercio no interior, e vêr-se-ha que *Portugal* não precisa de comprar batatas aos Estrangeiros, antes póde vender-lhas. Olhemos mais pelas nossas terras, para que os Estrangeiros não olhem tanto pelo nosso dinheiro.

Centeio. He hum grão farinaceo, de que se faz pão, e he pouco inferior ao trigo; moido em moinho *alveiro*, assim chamado no Minho aquelle, que he de pedra branca, como a que se tira das pedreiras destas partes de Lisboa, a qual he mui rara no Minho, moido pois em moinho *alveiro* faz hum pão semelhante ao que faz o trigo moido nos moinhos ordinarios e communs do Minho: tenho feito esta observação, e attesto d'ella, por onde collijo, além de outras razões, da muita semelhança, da configuração do grão e da herva, ou palha, como do casulo em que elle se cria, que o centeio he huma especie de trigo, ou hum trigo *degenerado*, e n'esta degeneração nada ha que estranhar, porque outras muitas especies e sementes degenerão, mudadas de Paiz, e vem a formar outra especie diversa, mas com alguma semelhança áquella da qual traz a sua origem e formação; das quaes mudanças, alterações e degenerações, como especificas, ha muitos exemplos em todos os Paizes. Digo isto para que se faça mais estimação do centeio, que he menos delicado que o trigo e não precisa de tão boa terra, ainda que elle aborreça os terrenos humidos e aquosos, ou encharcados; mas em terrenos poucos susceptiveis de outras producções, e não mui fecundos em trigo, vi lançar á terra as sementes do trigo, e centeio de mistura, e fazer-se huma colheita sufficiente, sem que ao depois o grão fosse separado; (o que seria mui trabalhoso, e difficil) antes de todo assim misturado se fazia o pão, que era o alimento de Povoações inteiras, do qual provei tambem, e comi nos dias que alli permaneci; e achei-o tão bom como algum trigo que se vende em Lisboa; e este foi o voto de gentes de bom paladar, que fizerão a mesma observação. Em *Portugal* cultiva-se muito centeio; porém ainda póde haver muito mais.

Cevada. He tambem hum grão farinaceo, de que muitas

Povoações pobres fazem pão; e sem duvida, misturado com outros farinaceos faz hum alimento, que não he para desprezar na falta do trigo puro. He igualmente para admirar que venha de fóra do Reino hum genero, que póde abundar muito em *Portugal*, pois que na escôlha do terreno não he tão melindroso como o centeio, e como o trigo. Isto, ou he manía, ou pirguiça, ou fatalidade, importar de fóra, o que podia exportar-se para fóra, commutando os generos da Agricultura, em que podemos abundar ao infinito, pelos de industria, em que actualmente não podemos competir, por nossa culpa, com a Inglaterra.

Legumes. Como no artigo — Aguas — toquei quasi todos os objectos de Agricultura; e como eu me não proponha a fazer hum Tractado d'esta importantissima Arte, nem a examinar todas as vantagens, que se podem tirar das terras de *Portugal*, em que se acha com abundancia o carvão mineral, e toda a especie de materias metalicas, bem como todos os objectos (ou equivalentes) de Pharmacia, e outros muitos simplices, para d'elles fazer composições para todos os usos, misteres, commodidades, e prazeres da vida humana, e muito menos me proponha a tractar de todas as vantagens, que a *Portugal* offerecem os seus rios, e o mar, que banha as suas costas, limitando-me precisamente a indicar alguns objectos, em que *Portugal* póde adiantar muito a sua Agricultura, e formar sobre elles as suas transacções commerciaes com todos os Paizes do Mundo, e especialmente com a *Inglaterra;* por todas estas considerações, e porque eu não perco de vista a actual posição Politica da grande Monarchia Portugueza, deixo em branco huma multidão de cousas, que a ordem Alfabetica me apresenta, e tóco sómente aquellas, que mais levão a attenção dos Póvos Agricultores. Este nome pois — *Legumes* — comprehende todo o genero de fructos de horta, que se aproveitão em grãos *encasulados* em vagens, como são as ervilhas, as favas, e os feijões, e estas tres especies são de varias qualidades; todas ellas são farinaceas, e sêccas se moem, e d'ellas se faz pão, que sem outra mistura he desgostoso, ainda que já o vi comer por gentes pobres; porém da farinha dos legumes sêccos lotada em devida proporção com a farinha do trigo, do centeio, do milho, e da cevada, com qualquer d'estas especies, ou com todas ellas, faz hum pão de bom gosto, e de bom mantimento. Eu não indico estas variações, ou misturas, para que ellas se adoptem, mas para que se conheção os meios de supprir a falta de huma especie com outra em soccorro da humanidade, em alivio, e remedio da es-

terilidade, que algumas vezes acontece nos mesmos Paizes mais abundantes, mas que ordinariamente não he geral em todos os fructos, e até para augmentar os sobejos d'aquelles generos, que podem entrar em Commercio com os Paizes Estrangeiros, como são o trigo, o centeio e o milho grosso. Mas que *Portugal* até legumes importe de fóra do Reino, tendo muitos dentro, podendo ter muitos mais, e até para vender, he o que não poderá acreditar quem tenha passado huma só vez as terras de *Portugal;* e he o que todavia succede por desgraça nossa. Não me cançarei de o dizer; promova-se a Agricultura, facilite-se a conducção no interior, franquee-se mais o Commercio dos generos indigenas para o uso do Reino, e nada compraremos aos Estrangeiros do que he necessario para a nossa sustentação, antes teremos muito que lhe vender com proveito nosso e honra dos nossos Campos, e com utilidade d'elles mesmos, pois por este meio achão materias de commutação para a venda das producções das suas Fabricas. Estabeleçâmos, augmentemos e aperfeiçoemos a nossa Base natural, e toda a Prosperidade virá para as nossas mãos, mesmo sem a procurarmos: elles, os Inglezes, nos procurarão de seu bom grado.

Linho. Ou *canhamo*, ou *Mourisco*, ou *Gallego* produz em *Portugal* maravilhosamente, e sem prejuiso do milho grosso, dos legumes e das batatas: a sua sementeira até aquece a terra humida e fria, e lhe dá animação para produzir outras cousas, e para as produzir melhores: verdade he, que impede a cultura do trigo, do centeio e da cevada, mas não a do milho (que se produz ao mesmo tempo, e resulta muito maior, e mais productivo ao tempo da colheita) nem a dos legumes e batatas, pois que a terra augmentou muito o seu calòr e fica disposta para fecundar todas as sementes proprias do tempo em que o linho se tira dos campos; além de que as terras em que o linho se semeia, ordinariamente, são pouco proprias para a sementeira do trigo e do centeio: não ha pois prejuiso algum, antes vantagens mui grandes. E que *Portugal* compre linhos de fóra? Que elle use varios pannos de fóra, tendo-os dentro do Reino? Dir-se-ha que os estrangeiros são mais brancos e mais finos! Tenhâmos vergonha. Os linhos de *Portugal* podem fazer-se tão finos e tão brancos como os mais exquisitos da *Russia*. Repito, e repetirei sempre, que se promova, augmente e aperfeiçoe a Agricultura, facilite-se a conducção e dêm-se mais franquias ao Commercio dos generos indigenas no interior, e não só não compraremos essas cousas aos Estrangeiros, mas até

elles mesmos viráõ comprar as que d'antes nos vendião. Sejàmos Agricultores, se queremos ser Senhores em vez de escravos.

Matos. Este Artigo, se a ordem alfabetica o não trouxesse para aqui, ficaria para o fim, mas antes dos Vinhos, porque estes são inimigos dos matos, assim crús, como curtidos. A este augmento de Agricultura que proponho, manifestando meus desejos de que não houvesse hum palmo de terreno que não estivesse cultivado, ou ao menos povoado de Arvores, replicar-me-hão alguns presados de Agricultores que sendo necessarios muitos matos para o adubo das terras, pois que sem adubo não são fecundas, ou vem a perder a sua fecundidade; e sendo até necessarios para pastos e para a creação dos animaes, sem os quaes nem as terras podem ser adubadas, nem cultivadas, não póde adoptar-se o Plano de cultura universal. Ora, como este argumento parece mui *obrigante* e tem varias partes, por partes o contestarei.

He sem dúvida que he preciso adubar as terras, especialmente as humidas e as frias, porque as muitas sementes escaldão os Campos e lhes queimão as suas virtudes *germinativas;* e por isso he preciso refrescá-las, fecundá-las e, digamos assim, vitalisá-las ou reanimá-las: refrescão-se e se fecundão com as aguas e com o descanço; vitalisão-se e reanimão-se com o calôr natural e com o artificial; aquelle vem do Sol e da Natureza, este do artificio e do adubo. Ora como se adubão as terras (e são bem muitas) em que faltão matos? Deitando os gados a ellas e fazendo-os ahi pastar e dormir, mudando-os de hum espaço de terra já por esta fórma adubada para outra; e tambem se adubão pelos meios, que indica a resposta á seguinte pergunta. Como se adubão as terras, em que não ha gados, ou ha muito poucos, e por isso insufficientes para curtir os matos? Ou queimando os matos sobre as terras, ou queimando as palhas, ou canas, ou fenos que as mesmas terras produzem; ora curtindo os matos nas estradas públicas de frequente passagem, ou em curraes abertos, e depois empilhando-os para adquirir certo gráo de calôr conveniente ao estado, em que devem ser póstos nas terras. Mas que engano! Que ignorancia! O estrume, ou adubo das terras faz-se de matos, de hervas, de silvas, de pequenos e tenros arbustos, de palhas, ou canas, de fenos, de cinzas e de cousas semelhantes a estas, as quaes se podem lotar e augmentar proporcionalmente com porções de terra de toda a qualidade, de cal e de todo o genero de caliça; finalmente o estrume faz-se de todas as cousas, que podem

apodrecer, e entrar em fermentação; para promover esta putrefacção, e fermentação, a mesma reunião, e amontoação de muitos materiaes empezados huns sobre os outros, expostos ao rigor das estações, ou póstos em curraes fechados; as excreções de animaes de toda a qualidade; todo o genero de immundicia; as infundiças de toda a qualidade, de que usão as lavandeiras, as salmouras, e outras aguas semelhantes salitrosas, e calcinatorias, tudo isto serve para apodrecer, curtir, e pôr em fermentação os estrumes, de maneira que adquirão, e conservem aquelle calôr, que, depois de mettidos nas terras, ha de desenvolver-lhes as suas virtudes productivas, e *fecundisadôras*. Soffrão os meus Leitores o eu tractar esta materia, ao parecer, pouco delicada, mas que todavia he o fundamento da fecundidade de todas as terras; podendo vir a este proposito aquelle principio fisico — *Corruptio unius est generatio alterius*. Ha muitos Parochos zelosos, que lêm aos seus Povos alguns Numeros d'esta Publicação, e he justo que os Povos Agrícolas saibão como hão de augmentar a cultura das suas terras, desencabeçando-se do seu antigo prestigio, de que são precisos muitos matos para continuar na cultura das terras já roteadas, e de que por isso não he possivel rotear mais montes, e terras incultas, sem prejudicar a actual lavoura; não se lembrando que os arvoredos póstos com cuidado, e com ordem, deixão produzir muito mato, e nas suas mesmas folhas, musgo, e lenha moída dão hum bom sortimento para o estrume. Este prestigio não he pouco fatal á nova roteação das terras, e convem muito que os Povos Agrícolas saibão augmentar os estrumes sem dependencia de tanto mato; augmento, que póde levar-se ao tresdobro; e que elles conheção que as mesmas terras dão muitas vezes adubo para si mesmas, sabendo aproveitá-lo. Sejão os Povos cuidadosos, não abrão mão do trabalho, considerem para comsigo mesmo, ou consultem o modo, por que as suas terras podem faze-los felizes, e elles o serão sem dúvida.

Quanto aos gados, e creação de animaes, se os Portuguezes não quizerem ter senão os de maior utilidade, deixando os de luxo, ou *estadão*, que comem mais que os outros, e servem muito menos, teráõ nas suas terras, ainda que cheguem a cultivá-las todas, e nos Arvoredos pastos sufficientes para a creação, e conservação de quantos animaes forem precisos para a Agricultura, e para o sustento da População, que eu supponho augmentada em dobro, na supposição de se dar á Lavoura todo o melhoramento, e augmento possivel. He fóra de toda a dúvida, que augmentada a Agricultura se augmen-

tão os pastos; e augmentados estes e aquella, por necessidade e até por utilidade tem de se augmentar o gado. Muitas providencias vejo eu tomadas sobre o gado; mas em quanto vier gado de toda a especie de fóra do Reino, para abastecer de carnes aos Portuguezes; em quanto eu vir que sahem milhões de cruzados pelas Barras por manteiga de fóra do Reino, direi que, ou as Providencias não são sufficientes, ou que ellas se não observão, ou que he muito pouco o gado que ha em *Portugal;* e isto certamente pelo muito pouco que se tem cuidado em promover e augmentar a cultura das terras, pois que se esta tivesse chegado até onde póde, e deve chegar, teriamos tudo de casa, e tão bom como o que nos vem de fóra. Não posso deixar de lamentar esta desgraça e fatalidade: que *Portugal* tenha sido escravo, devendo ser Senhor pela riqueza, abundancia e prosperidade que lhe offerece a cultura das suas terras. Continuaremos sempre no mesmo estado? Que temos nós a dar em troco do que nos trazem os Estrangeiros, se elles nos tem levado já quasi todo o dinheiro e vilipendião os nossos Vinhos! Acordemos hum dia, Portuguezes, e seremos felizes tendo para nós e com que ajustar transacções vantajosas com os outros Paizes, e especialmente com a *Inglaterra*.

Milho. Grão farinaceo, de que ha varias qualidades; mas o chamado grosso, de que tambem ha as suas differenças, he o mais commum nas nossas gerações, sendo o milho miudo o que antigamente se cultivava, pois o grosso introduzio-se depois das nossas Conquistas; d'este mesmo ha sementes mais productivas, e ainda de melhor gosto que outras; quer sobre tudo terras de réga, e aborrece mortalmente a sombra: elle he o pão quotidiano das Provincias do Norte, ainda que tambem alli se produz muito centeio e algum trigo; mas este he mais trabalhoso e menos rendoso, apezar de que as Historias antigas descrevem aquellas Provincias, como muito abundantes em trigo, o qual todavia devia ser, como hoje, mais miudo que o das Provincias collocadas, ou situadas mais ao Meio dia; talvez pelo miudo do trigo a Galliza tenha este nome, como querem alguns eruditos *Etymologos*, e entre elles o célebre Sabio Jesuita *Masdeu;* toda a especie de milho faz boa liga para pão com o trigo, com o centeio e com a cevada, ou com estas tres especies juntamente: he para lastimar que o milho, ao menos bem misturado com o trigo, se não tenha generalisado bastantemente, porque por esta fórma supprir-se-hia muitas vezes a falta do trigo e a distracção do dinheiro para fóra do Reino. Toda-

via a cultura do milho não se tem augmentado, quanto póde ser, e quanto convem; no Minho, que he hum Paiz mui proprio para o milho, aquelles Povos o enforcão com a sombra das videiras, que chamão d'enforcado, podendo commutar o seu milho com o Vinho de Tras-os-Montes, se se facilitasse a conducção de huma, e outra especie; sem embargo de que o Minho, apezar de varios defeitos na sua cultura, tem milho de sobejo, do qual faz Commercio no interior do Reino, e até para *Lisboa*.

Trigo. Ha-o de muitas qualidades; a sua cultura podia augmentar-se, e aperfeiçoar-se muito mais; e todavia o elle não ter chegado á huma diminuição mais sensivel, e ainda o elle ter progredido alguma cousa, deve-se a muitas Providencias, que se tomárão a este respeito, e especialmente ao estabelecimento do Terreiro do Trigo; mas todas quantas Providencias eu vejo nenhumas fallão da sua exportação, antes muitas decretão sobre a sua importação, até isentando-a de pagar direitos por ser *mantimento preciso, e necessario* para o Reino. O Regimento do Terreiro Publico da Cidade de Lisboa tem passado por varias reformas, ampliações, restricções, e declarações. Mas se se comprar trigo de fóra do Reino, quando não he preciso, e necessario, ou mais do que he preciso, e necessario, ou se houver algum Compadrio em comprá-lo de dentro do Reino, como se fosse de fóra d'elle; se se exercer algum monopolio em hum genero tão preciso, e necessario, se se comprar como bom, trigo, que está arruinado; se se vender para as cavalgaduras, o que tem avaria, e estes vendedores o revenderem aos Padeiros, ou para fóra de Lisboa; se finalmente se não observarem todas as Leis, e todos os fins, que se tiverão em vista no estabelecimento do Terreiro, não só sahirá para fóra do Reino mais dinheiro, do que deve sahir, mas a cultura do trigo do Reino soffrerá grande atrazo, nunca progredirá, e seráõ sempre pobres os Proprietarios, os Lavradores, e os Jornaleiros. Mas eu devo pôr termo a huma materia, que sómente entrou no meu exame, para mostrar aos Portuguezes qual he a Base da sua Prosperidade, e para desenganar a alguns Inglezes sobre os seus verdadeiros interesses com *Portugal*. Esta foi a amostra do panno: mil outras cousas annexas á Agricultura, e dependentes d'ella apenas forão nomeadas; como instrumentos, machinas, e ordem de trabalhos; estradas, em que tanto dinheiro se tem despendido, e pouco tem aproveitado; pontes, navegação interior, plantação de arvores, conservação dos fructos, guarda de madeiras, alivio de impostos, e contribui-

ções, abolição de certos Privilegios, franquias ao Commercio no interior, concessões á Agricultura, e outros muitos nomes, que me contento de escrever, para que sobre as idéas, que elles designão, se promova, e augmente a verdadeira Base da Prosperidade Portugueza, e sobre a qual póde a *Inglaterra* contar para as suas mutuas transacções com este Paiz, já que os *interesses da sua Fazenda estão ligados a Portugal, e dependentes dos seus Negocios.*

Eu me encho interiormente de horror, quando vejo protegida a importação de Ceraes de fóra do Continente Portuguez, por serem *precisos, e necessarios* para o mantimento do Reino, pois que se a Agricultura se promovesse, e augmentasse, não só devia ter acabado esta *precisão, e necessidade*, mas até devião haver farinaceos de sobejo, que se podessem levar para fóra do Reino em commutação de outras cousas, de que o Reino carecesse. Mas esta minha pequena tarefa, na qual estão acaso indicados os nomes de todas as cousas mais precisas para vigiar mais no fomento da Base natural da Prosperidade Portugueza, deveria agora, e successivamente progredir ao exame, ou a algumas indicações sobre o segundo ramo da Agricultura augmentado infinitamente, o *Vinho*, de que *Portugal* tem o melhor de seiscentas mil pipas de sua annual, e ordinaria colheita, se os meus dados me não enganão, ainda que he certo que este mesmo genero he susceptivel de augmento; porém o meu *Artilheiro*, que nascêo em huma Provincia, em que se não faz grande negocio no Vinho, me obriga a deixar esta materia para huma grande reserva, em que se desenvolverão acaso maiores forças, que as que tem occupado os Números 78, 80, 81, 82, 83, 85, 86, e este 87. Os Vinhos do Douro levão sem dúvida toda a minha attenção, porque elles são huma importantissima materia de grandes transacções, e de grandes especulações entre Inglezes, e Portuguezes: tenho visto com bons olhos os Privilegios da Companhia, que animou, e fomentou a cultura dos Vinhos do Douro; e ainda lhe desejo mais Privilegios sob a condição de que se preencha todo o fim d'elles; pois que os Privilegios, quando são justamente concedidos, suppõe que d'elles resultão muito maiores vantagens para o Governo, e para os Povos, que das Leis geraes, como que sem esta maioria de vantagens os Privilegios não devem existir. Póse-se bem esta Proposição na Balança Politica, e Economica dos Estados. Eu acho que he infeliz huma Nação, se ella existe, aonde não ha Privilegios, como tambem he infeliz aquella outra Nação, onde os Privilegios não são justos, ou não at-

tingem o seu fim; o que se diz de *que não devem procurar-se Empregos para os homens, mas homens para os Empregos*, he tambem applicavel aos Privilegios; *não se procurem Privilegios para os homens, mas procurem-se homens para os Privilegios*, quero dizer, homens merecedores de Privilegios, capazes de corresponder ao fim dos Privilegios: assim que os Privilegios podem sempre subsistir, subsistindo o seu fim, mas nem todos os homens podem subsistir nos Privilegios: neste caso pois não se tirem os Privilegios, tirem-se os homens, e procurem-se outros, que preenchão o fim dos Privilegios. Porem o meu *Artilheiro* não quer vêr-me nestas fundumas; quer antes que vêja a *Aurora*, e que a siga; não, eu não a seguirei, perseguí-la-hei, e se o seu Auctor não fosse, como todos os Revolucionarios, insensivel aos estimulos da razão, e da honra, eu lhe faria impressões mais matadoras, que as que o *Artilheiro* faz nos inimigos da Patria com as suas balas de trinta e seis, as quaes, ha muito tempo, não ouço zunir, argumento de que as suas Peças estão em silencio desde aquella acção de *Marras*. Mas deixe-me o meu *Artilheiro* marrar agora com os Inglezes, que estiverem illusos com os Portuguezes Constitucionaes, a que elles chamão conhecedores habeis, e illuminados.

Pois são conhecedores habeis os Portuguezes Constitucionaes? Onde adquirírão elles esses grandes conhecimentos? Na Universidade, nos Livros, nas Cidades, nas Assembléas, nos Tribunaes? E que outros conhecimentos se adquirem ahi mais, que de theorias, de civilidades, de formularios, e de praxes, que pouco, ou nada interessão á verdadeira, e real Prosperidade Publica? Adquirir-se-hão conhecimentos mais vantajosos nos Cafés, nas Botelharias, nas Lojas de Mercador, ou de Fanqueiro, nos Bilhares, nas Lojas Maçonicas, nas Casas de Jogo, ou nos Prostibulos? Pois ahi foi onde se formárão quasi todos esses conhecedores habeis, ou todos esses estouvados Revolucionarios. Ou será nas Enviaturas, e Conferencias Diplomaticas? Ahi pouco mais se aprende, que o Jogo dos Enganos; o tempo não chega para as etiquetas, formalidades, visitas, correspondencias, e cortejos. Porem appareça por todos o *Pedro das malas artes*, o Diplomatico Universal, o *Pasteiro*, ou Pasteleiro, o Cavalheiro da Fortuna, o Financeiro de *Portugal*, o Tractante, e Contractante Mor do Mundo, o Marquez, ou *Marquezão de Palmella*. Que he o que este chamado *habil conhecedor*, e affamado Liberal sabe, ou entende do modo, por que se pode promover a Prosperidade de *Portugal*, e da maneira, por que se podem ajustar Tra-

ctados vantajosos para *Portugal*, e *Inglaterra*? Qual foi a Base, que elle offerecêo á *Inglaterra* para o Tractado de Commercio, que esta Nação pertende fazer com a Portugueza? Eu sei de certo que elle não offerecêo alguma, nem a podia offerecer por falta de dados, e porque entre os seus amigos não teve quem lhos désse: os Ingleses não me desmentirão a este respeito: a única Base de *Portugal* he a Agricultura, e sómente sobre esta pode a *Inglaterra* contar. Mas que sabia esse pedante Diplomatico da Agricultura do Reino, em que nascêo? Dado o caso que tivesse lido, que não tem, quantos Livros se dérão á luz na *França* sobre a Agricultura, ou em outro qualquer Paiz, e mesmo na *Hespanha*, onde esta materia se tem examinado, e tractado com maior clareza, distincção. e exactitude, sem figuras, sem emfazes, e sem torneios equivocos, que os Campos detestão; que adiantaria nos seus conhecimentos agrícolas esse arrogante *Galrador*? Em Agricultura pouco, ou nada se adianta, lendo; tudo se faz trabalhando, experimentando, e observando. E esse habil conhecedor, ou todos os seus amigos, e partidarios tem-se dado a estes trabalhos, experiencias, e observações sobre as Terras de *Portugal*? He constante que não; e o estado de Agricultura de *Portugal* o attesta, pois somente os Vinhos tem recebido augmento. Como pois pode este presumido Constitucional, ou todos os que o seguem, influir na Prosperidade de *Portugal*, e offerecer á *Inglaterra* huma Base segura para especulações, e transacções sólidas? Desconhecendo, como se desconhece a Base por todos esses *Liberaloes*, que justas applicações podem elles fazer sobre Commercio, Companhias, Juntas, ou Sociedades, Direito Publico, ou Politico, ou Economico, ou Geral, ou Particular, ou Terrestre, ou Maritimo, ou Real, ou Pessoal, Dizimos Ecclesiasticos, ou Seculares, ou antigos, ou novaes, ou insólitos, ou infundados, Impostos, Immunidades, Navios, Navegação, Marinha, Privilegios, e Regimentos, ou Regulamentos, e sobre outros mil objectos d'esta natureza? Sem dúvida outra cousa não podem elles fazer melhor, que o que fizerão, e projectárão fazer nas duas Epocas, em que fôrão *Governilhas*; tudo despropositos, tudo contradicções, e inconsequencias, tudo abolições, extorsões, violencias, insultos, gritarias, e *palavrorios*, tudo, tudo, tudo *Quichotadas*, e mais *Quichotadas*.

Pois que tem feito o Governo do Senhor Dom MIGUEL nestes quatro annos? Perguntão alguns Constitucionaes; eu lhes responderei no seguimento da Aurora; e, em quanto não, direi que, ainda que o Governo do Senhor Dom Miguel não

tivesse feito outra cousa, que dar satisfações aos Governos, que tem estado em opposição com elle; salvar do naufragio a Náo do Estado na mais espantosa Concussão Politica interior, e exterior; e sustentar pelos meios mais suaves a sua attitude guerreira, para repellir os seus inimigos, assaz poderosos pela Intervenção de estrangeiras fórmulas revolucionarias, este Governo haveria feito mais, que outros muitos Governos em posição menos difficultosa.

E como ligou o Marquez de *Palmella*, esse sabichão Liberal, *os interesses, e a Fazenda da Inglaterra com Portugal?* Ligou-os a huma revolução, ligou-os á guerra. Colhe-se isto mesmo da declaração do Nobre Conde Grey, e de tudo, o que se tem dicto, e escripto na *Inglaterra* sobre a Questão Portugueza. Inglezes! A vossa boa fé, probidade, e candura, depois da noticia d'estes Numeros, não pode deixar de desenganar-se *que os vossos verdadeiros interesses estão na defensão dos Incontestaveis Direitos do Senhor Dom MIGUEL, e da Causa da maioria da Nação Portugueza, e não na defensão de Dom Pedro, e da Causa de huma mui pequena porção de Portuguezes, que o seguem*, os quaes nem são habeis, nem conhecedores, nem Liberaes, nem verdadeiramente Constitucionaes; são Revolucionarios arrastados para ahi por ambição, por seducção, por má educação, por cálculos errados, e por outros motivos ainda menos honrosos.

Portuguezes! Soldados! Eis a qualidade de inimigos, que estais combatendo. Continuai com a mesma coragem, e firmeza: vós sereis vencedores, e depois d'isto venturosos na paz, e na prosperidade!

Lisboa 27 de Novembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1832.

Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 88.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes! As provas estrondosas, e constantes da fidelidade de vossos principios á Sancta Religião de nossos Antepassados, de afferro a vossos costumes, de lealdade aos vossos Soberanos, de amôr ás vossas Liberdades, e ás antigas Instituições, com que o Reino sempre se fez temido, e respeitado em todo o Mundo, estão insultados por todos os Rebeldes, e por todos os seus cooperadores, e notavelmente por todos os seus Escriptores, infatigaveis em suas loucas, e desvairadas esperanças, ímpios, e malvados em todos seus projectos, e doutrinas, como especialmente se vê no N.° 43 da *Aurora*.

Desaggravo da Sancta Religião.

Tres nebulosas Auroras despontárão desgarradamente sobre a banca, em que costumo formar as Linhas da *Defeza de Portugal*, e vem a ser os Numeros 40, 42, e 43, que são outras tantas densas nuvens, com que (á maneira do que succede em hum dia pardo, e fusco, em que a cada hum brevissimo clarão do Sol segue huma negra, e medonha nuvem, que ameaça de offuscar todo o dia) o seu estouvado Redactor pertende espalhar as mais obscuras trévas sobre a luminosissima *Questão Portugueza*, em que toda a Nação, combatendo em favôr da Legitimidade, e contra a Usurpação, (sinistramente interpretadas pelo N.° 40 do dicto Periodico *Aurora)*

em defeza da sua bem declarada Opinião Universal, (maliciosamente baralhada pelo N.° 42 do dito Periodico) sustenta o Throno, e o Altar. (sacrilegamente profanados pelo N.° 43 da mesma Folha) Se eu tivesse de seguir huma analyse *Methodica*, e *Chronologica* sobre as abortivas producções da *Aurora*, começaria pelo N.° 40; mas eu já vi a hum bom Realista reprehender a outro, por fallar na presença da sua constantissima, e especialissima Familia em *Methodicas*, e *Chronologicas*, dizendo-lhe que fallasse, e obrasse como aquelle outro Portuguez, que em desafio com hum Esgrimidor d'Espada, dizendo-lhe este — *Faça jogo* — lhe respondêo — *O meu jogo he acabar-lhe a vida*, e assim o cumprio; e eu tambem o cumprirei assim, porque os Portuguezes velhos não querem saber d'outras *methodicas*, nem *chronologicas*, que não sejão as de seguir constantemente os principios da Sancta Religião, como os seus Antepassados; defender o seu Rei, e a sua Patria; dar cabo dos seus inimigos; cuidar cada hum dos seus deveres respectivos; educar por esta forma as suas familias, e os seus dependentes; comer, e beber, segundo as circumstancias, quando muito, muito, quando pouco, pouco; e fallar como antigamente, *pão*, *pão*, *queijo*, *queijo*; e desprezar essas *Franchinotadas methodicas*, e *chronologicas*, que nem mesmo servem ao bello homem *José Romão*, para fazer hum pastel de picado, ou hum bôlo bem folhado, ainda que aquelle outro vá por lá com essas palavras esdruxulas, para encher o seu abdomen, e entreter os melancolicos, como eu. E' na verdade obrigar a hum bom Realista a guardar essas *methodicas*, e *chronologicas* com os seus inimigos, quando estes não sabem outro jogo, que o dos despropositos, ou disparates; não guardando outra *methodica*, nem *chronologica*, que a de hum jogral pela sua natureza chocarreiro, bobo, e estupido, he o mesmo que pertender que hum homem guarde alguma ordem no governo de differentes feras, as quaes precisão de eternos ferros, e do azurrague amiudado. Começo pois pelo N.° 43, e começo pelo rabo, que dizem *ser o peior de esfolar*, pois com elle não se podem observar essas *methodicas*, e *chronologicas*; e não estranhem os meus leitores que a *Aurora* tenha rabo, porque já li que entre os Planetas os ha *caudatos*, e *barbatos*; arranquem-se-lhe pois as barbas, que he o melhor modo de fazer a barba, e corte-se-lhe o rabo, como os Inglezes fazem aos Cavallos do seu uso, com o que não se dirá da *Aurora* — *Rabo leva!*....

Ora o rabo da Aurora, e rabo maior, que o do maior Judeo, he *Frei Manoel de Sancta Ignez*, que he *grillo* no grillar, e rabo no rabear, como se descobre no que ahi vai,

e no que eu sei, e me callo. Vejamos como a *Aurora* no dito N.° 43 descobre o seu rabo — *E porque muitos de nossos leitores não terão visto ainda a instrucção pastoral do Governador do Bispado do Porto em refutação das calumnias infamantes, escriptas no mencionado Officio do estupido Facinoroso Ministro de Dom Miguel, neste lugar a transcrevemos com a esperança de que d'ella tiraráõ hum cabal desengano alguns homens ainda duvidosos sobre o porte do Exercito Libertador.* — No fim d'este periodo descobre-se o rabo; mas antes que este appareça, eu tenho de *rabotar* sobre este frazeado atroz, e calumnioso, relativo a esse Officio *escripto* (diz a Aurora no periodo antecedente, e immediato) *por Castro do Rio ao perjuro, e perfido Patriarcha de Lisboa, esse Fradé ingrato, que o Senhor Dom João VI arrancou da obscuridade do Claustro, para elevá-lo á Jerarchia de Principe da Igreja.* — *Assim he que os monstros exaltão o Altar, e o Throno.*

Ha muito tempo que a cabeça me anda ao redor sobre a differença dos tempos, e dos costumes, que eu descubro serem mui outros d'aquelles, em que fallão as nossas Historias, ou ellas mentem; porem não se mente em cousas, que todos acreditão. Vejo no Virgilio Portuguez, *Camões*, no engenhoso *Palmeirim*, dous Principes da Lingua Portugueza, e em *Pedro de Mariz* aquelle grande feito de armas de doze Cavalleiros Portuguezes, que passárão á *Inglaterra* a desaffrontar algumas Damas do Paço d'aquelles Soberanos, motejadas de muito feias, e pouco para serem amadas por alguns Cavalleiros Inglezes, os melhores, e mais esforçados d'aquelle Reino, os quaes fôrão vencidos pelos Portuguezes em formal desafio na Cidade de *Londres*, e em cruel, duro, e bem pelejado combate: e agora que vejo affrontados por huma grande parte dos que escrevem em *Inglatérra*, não algumas Damas Inglezas, que, ou fossem feias, ou bellas, no cheiro, e no gosto serião a mesma cousa, mas o Legitimo Rei de *Portugal*, o Senhor Dom MIGUEL, Soberano bem amado de todos os seus Povos, e muito para ser amado de todos os Estrangeiros, não só pela Sua Gentil, e Augusta Presença, como por todas as suas Qualidades Moraes, e Politicas; agora que vejo affrontados por essas *linguas de trapo* os Funccionarios Supremos de *Portugal*, e as Pessoas mais conspicuas do Estado, não vejo Cavalleiros, (já não digo Inglezes, que agora estão esquecidos d'aquelles Portuguezes velhos, que desaffrontárão as suas Damas, porem Portuguezes) que desafiem a todos, os que em Inglaterra escrevem contra o meu Rei, contra o seu Governo, e contra as mais altas Personagens, af-

frontando-os e motejando-os com mil horrorosas calumnias: nem se me diga que os desafios estão prohibidos, pois que eu os leio frequentes na *Inglaterra*, até entre os mesmos Ministros d'Estado e entre os Membros das duas Camaras, ainda que não he muito o sangue que taes desafios fazem correr: mas embora não haja esses desafios de *páo*, de *espada*, de *estoque*, ou *florete* e de *pistola*, pois que os de *pedra* são para os rapazes; porem os desafios de *Lei*, a accusação dos Escriptores calumniosos perante os Magistrados competentes, a reclamação das penas aos Escriptores, que não provão os aleives e factos que assácão, estes são permittidos e admittidos em todos os Paizes, qualquer que seja a Forma do seu Governo. Eu vejo nessas Folhas impressas em Paizes Estrangeiros, e redigidas não só pelos descontentes do Governo Monarchico de *Portugal*, como pelos mesmos Estrangeiros, que não devião intrometter-se com a Forma de Governo dos outros Paizes, huma praga de putridos, e sempre repetidos sarcasmos contra a Conducta Pessoal e Publica do Senhor Dom Miguel, de maneira que, a dar-lhes crédito, se crédito merece quem sempre e de todas as cousas falla mal, he hum *Dionysio Syracusano*, hum *Nero Romano*, hum... a penna foge dos dedos, a tinta da penna, o sangue do coração e a alma do corpo, em desespero de não poder vingar tanta injuria, tanta calumnia e tanto desaforo; a repetição das mesmas affrontas e dos mesmos motes contra o Governo, contra as Pessoas mais conspicuas do Estado, conspicuas pelos seus Empregos, pelo seu sangue e pelas suas virtudes, contra os Duques, contra quasi toda a Grandeza, contra os Bispos, contra o Clero Secular e Regular, contra o Exercito, em huma palavra, contra todas as Classes, e pouco falta que não seja contra cada hum dos individuos da Nação Portugueza; e bem que estas calumnias e este odio virulento d'huns poucos d'Escriptores prove evidentemente que o Voto da Nação Portugueza he hum só e universal, todavia *Portugal* inteiro está calumniado e affrontado impunemente. E por que preço? Responderei com o grande Padre Vieira — Que faz o Lavrador na terra, cortando com o arado, cavando, regando, mondando, semeando? *Busca pão.* Que faz o Soldado na Campanha carregado de ferro, vigiando, pelejando, derramando o sangue? *Busca pão.* Que faz o navegante no mar, içando, amainando, sondando, luctando com as ondas, e com os ventos? *Busca pão.* Pois da mesma forma esses Escriptores, calumniando, mentindo, vilipendiando, injuriando, affrontando, motejando e revolucionando, *buscão pão de mercede iniquitatis*, pão de maldição, pão de calumnia, pão de revo-

lução, pão de prostituição, pão do diabo!... E consente-se isto em Nações civilizadas? Oh! Sim, e tanto que se consente!... Mas querem ellas o troco? E se a Nação Portugueza assim fallasse dos Soberanos, dos Ministerios, e dos altos Funccionarios dos outros Paizes? Pois hão de dizer nelles tudo, quanto querem, e tudo, o que não devem, do meu Soberano, do seu Governo, das Personagens mais conspicuas do Estado, e de *Portugal* inteiro; e eu não hei de poder dizer, o que na verdade vai n'esses Paizes, e o que são estes, e aquelles? Hei de *apanhar*, e callar-me como huma creança, a quem seu Pai castiga? Pois nem desaffrontar-me? Nem queixar-me? Nem contestar atrozes calumnias com públicas verdades? Tudo hei de soffrer, e nada dizer? Será prudencia de mais; acaso degenere em fraqueza, e em vergonhosa cobardia: mas eu grito — *Saibão todas as Potencias do Mundo, que Portugal inteiro, Portugal com todas as Potencias pacifico está injustissima, vergonhosissima, e torpissimamente aggredido por Obras, e por Escriptos por todos os Revolucionarios do Mundo.* Ora! quebrei o fio,... eu o ato, e vejão lá como o discurso vai ligado na seguinte Hespanholada.

Moço imprudente, vana mariposa
Que llegas iá del fuego asta la esfera
Nò miras que en la llama luminosa
Nunca seguras son alas de cera?
Ay Icaro! llegar quieres al cielo?
Baja las alas, i suspende el *buelo.*

Ora como eu sou *Buela*, se não suspendo o vôo, de certo dava comigo na Russia; *Fugite*, que para lá he o Nórte, e devemos temer, porque do Norte, dizem, que hão de vir todos os males — *Ab Aquilone pandetur omne malum*, ainda que *ha males, que vem por bens*, se o adagio he certo. Vou pois mais rasteiro ao meu assumpto.

Toda a diffamação, ou expressão injuriosa contra alguem, ou por escripto, ou por palavra, personalisando-se o diffamado, ou dando-se a conhecer por signaes especificos, e individuaes, que o distinguem de todas as outras pessoas, de maneira que seja atacada a sua honra, e reputação, foi sempre, e em todos os Paizes prohibida pelas Leis, deixando o castigo do diffamador ao arbitrio dos Magistrados; devendo estes regular-se pela natureza da offensa, qualidade das pessoas diffamadas, e das diffamadoras, gravidade da injuria, e damnos, que d'ella resultavão aos diffamados. — Entre os Romanos todo o homem livre diffamado por vozes populares podia recon-

vir em Juizo os seus diffamadores, e obrigá-los, a que provassem, o que dizião, ou a guardarem perpetuo, e rigoroso silencio: por esta fórma ficárão tambem prohibidos os Libellos diffamatorios, pelos quaes se descobrem defeitos occultos, ou se attribuem, os que não existem. D'estas diffamações, ou por palavra, ou por escripto, podem queixar-se não só os mesmos diffamados, como as suas familias, os seus parentes, os seus socios, e até os seus amigos, e todos aquelles, que se sentirem damnificados directa, ou indirectamente. Estas não são regras sómente de Justiça, são tambem da paz, da tranquillidade, e da civilidade, que devem observar todos os homens justos, pacificos, tranquillos, e civilisados. E que a *Inglaterra*, Paiz onde preside o espirito da justiça, da paz, da tranquillidade, e da civilidade, seja onde se consintão mais libellos diffamatorios contra a Nação Portugueza?! Porém ahi reina tambem a Liberdade de Imprensa a par de todas essas bellas qualidades, e por isso se faz ahi livremente a censura a todos os Governos de todos os Paizes, e não haverá razão de isenção a favor da Nação Portugeza; seja assim, pois que assim he: mas não he assim em *Portugal*, onde as Leis não sómente vedão as diffamações de Classes, e individuos, personalisando-os, mas até, e mui especialmente, de todos os Soberanos, de todos os seus Representantes, de todos os seus Ministros, e de todas, e quaesquer pessoas, das quaes a diffamação possa comprometter a paz, a amizade, e as relações com esses Paizes. *Justement.* O Governo Portuguez taes cousas não consente; o Escriptor he aqui reprimido, o Censor punido, e se qualquer Empregado de outro Paiz, ainda que fosse hum *bigorrilha*, julgando-se offendido por algum Escriptor, que se deslisou, ou pela tolerancia do Censor, que não poz quatro duzias de cangalhas nos olhos, para vêr o que vinha no bucho do escripto, fizer alguma reclamação, logo Censor á fava, e o Escriptor á enchada, não sabendo, que *o uso da enchada*, diz o grande Padre Vieira, *assim como calleja as mãos, endurece tambem as testas*, e poderia succeder que n'esse caso todos dessemos em tôlos, e então a cousa iria peior, porque os tôlos, começando a marrar, fazem em cavacos quantos páos ha no Mundo, sem que fique hum para fazer huma chalingue. Verdade he que na E'poca Constitucional de 1820 eu vi escrever-se atrozmente contra quantas Testas Corôadas, seus Representantes, e Ministros havia no Mundo, que não fizessem conta aos Escriptores *Tripeiraes*, e não houve, quem lhes pedisse, nem tomasse satisfação; certamente, porque não a devião esperar boa das *tripas*. Porém hum Constitucional póde dizer mal até

de Jesus Christo Senhor Nosso, porque os Judêos de certo lho não levão a mal. Mas na *Inglaterra*, e na *França* a Liberdade da Imprensa está sujeita a responsabilidades, a satisfações, a castigos, a prohibições, e até a silencio perpetuo. Ora eis aqui as minhas dôres de cabeça. Porque os Representantes do Senhor Dom Miguel, todas as vezes que O vírão calumniado, e diffamado, e ao seu Governo, não chamárão os Escriptores, e os Impressores d'essas calumnias perante os Magistrados competentes, obrigando-os a provarem, o que dizião, ou a desdizerem-se, ou a pagarem a pena da Lei? Podia negar-se-lhes essa satisfação? Ainda que o Senhor Dom Miguel não esteja Reconhecido por esses Paizes, (Deos sabe por culpa de quem!) seu Governo está Reconhecido de facto; o Senhor Dom Miguel he Governador de *Portugal*, ainda na mais minima consideração d'esses Paizes, que O não tem Reconhecido Rei; e esses Governos são de certo mui civilisados, para que deixassem de attender ás justas reclamações do Corpo Diplomatico de *Portugal*, pois estão bem convencidos, de que todo o Portuguez tem direito, e dever de *punir* ou *punar* pela honra do seu Principe, ainda que Rei não seja, e desmentir, ou obrigar a desdizer a todos os seus diffamadores. Esquecer-se-hia o Corpo Diplomatico de *Portugal* de usar deste Direito, e de cumprir este dever? *Quem ama, não tem esquecimentos.* Ora tinha aqui a dizer huma palavra; ella está debaixo da ponta da lingua; porém agora não me lembra: lembre-se quem poder. Todos os diffamadores do Senhor Dom Miguel, e do seu Governo, ou havião de guardar perpetuo silencio, se fossem redarguidos com vigor perante as Authoridades, ou havião de confessar com lingua de palmo, que tinhão mentido sem pejo, nem vergonha.

Estou agora, como acaba de dizer-me de si o meu *Artilheiro*, hum arrota-bravatas, e espero impavido, e a pé firme a tunda mestra, que me prometterão todos os Revolucionarios; não quebro porém o meu protesto; serei *perguntão*, e *respondão* a todos os Constitucionaes, não só com a minha penna, com que sei aparar quantas estocadas scientificas vierem por esses mares, genero de batalha, em que não viro as costas, pois recebi ordens do *grande Macedo*, para nunca retirar, em quanto houver inimigos a combater, porque os Realistas podemos escrever como todos esses Escriptores Publicos, filhos *d'aquella*, e mais da Revolução, e quando não escrevermos, *rosnaremos*; más tambem com o cacete, se me fosse permittido extendê-lo até a linha dos meus desejos, farei embuchar a todos esses detractores do meu Rei, do seu Governo, das Pessoas Conspicuas da Nação, e de todo *Portugal*.

Permitta o meu Censor este desabafo: *Portugal* está offendido por malvados Revolucionarios de todo o Mundo, e eu não posso conter-me, que não deseje, que... Bem sei, continuarei com a linguagem do meu *Artilheiro*, que já ha muitos centenares de annos, ou de seculos, que se disse, (e quem o disse sabia o que dizia) — *Stultorum infinitus est numerus.* — Não se admirem então, que eu seja hoje deste rol, porque algum bocado de juizo, que tinha, evaporou-se, depois que a tolice foi reduzida a huma Arte de Novellas pelo moderno Filosofismo, ou por arte do Diabo, que he tendeiro. Mas quem deixará de estar tôlo, com o que tem succedido, ha quasi meio seculo? Tantas luzes, tanta civilisação, tanta liberdade, (todas são femeas como a que as pario) como nos tem apregoado essa Cáfila impostora, me fez perder o pouco juizo, que tinha, segundo dizia o meu Mestre de primeira letras, pois que não passei a segundas, e as *terceiras* aborreço-as, porque são, as que mais tem adulterado a Sociedade,... (chiton! com as Malhadas!) e adeos luzes, que se apagão as candeias; estou ás escuras, e Nosso Senhor nos dê muito boas noites, porque não vejo senão huma *Casa de Orates* espalhada pelo mundo a quererem, o que he impossivel que exista, e a fazerem, o que he incrivel que lhes consintão; em fim o que diz Horacio — ... *cujus, velut ægri somnia, vanæ — Fingentur species: ut nec pes, nec caput uni — Reddatur formæ.* — De Politica, isso então sou huma miseria! Sou mais tosco, que huma casca de Sovereira, depois que vi a politica da *Não intervenção*; apezar porém de não ser fino como *Julio Cesar* para fazer Commentarios, sou *cascarrudo* como *Mario*, que não fez pequena gloria a *Roma* com suas guerreiras bravatas; porque se a penna se apára para huns, para outros se afia a espada, e ambas se encaminhão ao mesmo fim, com a differença de liquidos, porque huma escreve com tinta, e outra escreve com sangue. Ora toda a *algaravia* deste paragrafo he do meu *Artilheiro*, e chamo-lhe *meu*, sem saber, quem elle he, ainda que no fim da Campanha hei de dar com elle, ou vivo, ou morto: serve porém este fraseado para o Redactor da *Aurora*, e para todos os Escriptores revolucionarios, e elles lá o entenderáõ, porque bem vêm a trovoada, que as Revoluções tem armado; e ainda que o trovão em parte dá, em parte não, desta vez da-lhes na cabeça.

Na cabeça daria eu ao Redactor da *Aurora*, se estivesse em parte, em que podesse chegar-lhe, ao menos perante o competente Magistrado; porque essa nunca acabada affluencia d'Escriptos contra a Nação Portugueza, sem vingança, sem castigo, sem alguns diques, repetidos na mesma frase

por Escriptores, que se copião na maledicencia, mostra que sob a fórmula da *Não intervenção* existe huma espantosa conjuração contra todos os Governos Monarchicos Absolutos, por mais que se affecte de neutralidade, e ainda de paz, ou de alliança. Em nenhum tempo se mentio com tanto descaramento quasi por toda a parte; mas a *Aurora*, que a todos os que fallão, e escrevem, as aposta de *mentiroso*, e *diffamador*, he o que m'está nas mãos. Vamos a elle.

Dize-me, monstro de impudencia: Em que he *perjuro*, e *perfido* o Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa, que assim ousas sacrilego a pôr tua bôca, e tuas mãos em hum Principe da Igreja Portugueza, Principe tambem da Sancta Igreja Romana? Conheces tu as Leis da Civilidade, da Caridade, e da Concordia, as penas dos diffamadores, as censuras dos que cooperão á perseguição dos Cardeaes, e dos Bispos da Sancta Igreja, e aos que fomentão Scisma entre os Prelados Ecclesiasticos, e seus Subditos? E ainda que a Fé interior dos Bispos não seja absolutamente necessaria para o Regimen das suas Igrejas, como dizem todos os Theologos, e sómente pela sua deficiencia da Fé exterior possão ser *coercidos*, ou por outros Bispos, ou mesmo pelos Subditos daquelles: Como tu, temerario, te atreves a tocar em factos, que, em hypothese, pertencem sómente aos Costumes? Semeador da zizania entre os Fieis de Jesus Christo, sendo certo como he — *quia Pastores Ecclesiæ pro reprobis moribus a Domino sunt judicandi, et a fidelibus tolerandi* — que aos Fieis não pertence julgar os Costumes dos seus Bispos, sendo tambem certo, por desgraça, que a ousadia de julgar dos Costumes dos Bispos he a mãi de scismas, de discordias, de heresias, e de maldades, de desobediencias, e de desattenções, dize-me: Como te atreves a introduzir entre os Christãos Portuguezes essa desaforada animosidade de julgar das acções dos seus Bispos? Se tu crês em Jesus Christo, se o amas, como não respeitas os seus Ungidos, e fazes que outros os não respeitem? Eu concedo aos inimigos todas as hypotheses, que elles queirão, porque d'esta mesma concessão concluo que elles são sempre *audazes*, *desaforados*, *inquietos*, e *perturbadores*, e isto não só por maldade, como tambem por *ignorancia*, que he tal, e tão grosseira, a que ha em muitos, que tem o nome de Christãos, ainda mesmo entre alguns Ecclesiasticos, assim Seculares, como Regulares, que he hum escandalo o modo, e tom, com que fallão dos Bispos, e dos seus Prelados, como se estes fossem os pés, e não as Cabeças do Corpo Christão, em Portuguez, que todos entendão, como se os Bispos, e os Prelados fossem hum *João Fernandes*,

de quem toda a gente diz, o que lhe vem á lingua sem pejo, sem vergonha, sem restituição de honra, e sem algum respeito. Oh! Quantos ha d'estes *Caixeiros* entre os Clerigos, entre os Frades, e entre os Christãos, que assim fallão dos seus Bispos, dos seus Prelados, e dos seus Superiores, trazendo-os sempre *entre dentes* sem distincção, sem ordem, como se fossem por ahi *huns ninguens*, que nada perdem, em que se tractem como elles são! Que escandalos! Que atrevimentos! Ha muita falta de mordaça. Mas eu creio que combatendo o Redactor da *Aurora*, combato de mais a mais, não hum fallador dos das ruas, mas hum *calumniador*, hum *Primogenito do diabo*, filho do Pai das mentiras, se elle não he a essencia da mentira.

Mas dize *besta*, a quem se permitte arrojar tantas blasfemias, e calumnias; onde está esse *perjurio*, e *perfidia* do Eminentissimo Cardeal Patriarcha? Subscrever *fórmulas Tabelliôas*, ou estabanadas, em que não concorre huma expressão propria do mesmo jurante, isso he Juramento? E dado caso, que o Eminentissimo Cardeal Patriarcha tivesse feito alguma cousa mais que subscrever essa fórmula, póde reputar-se absoluto, válido, e obrigatorio hum Juramento coacto, extorquido por medo interior, e exterior, por ameaços de huma guerra civil, por comminações d'huma guerra estrangeira? E quando eu fallo de coacção, não a cito por escusa inventada; o *Times* declarou que *na introducção da Carta Constitucional em Portugal, e na intrusão de Dom Pedro no Throno intervcio influencia Ingleza, e a preponderancia do Embaixador Inglez.* Grande foi sem dúvida a violencia, que se fez ao Governo de *Portugal*, á Grandeza do Reino, e ao Alto Clero; tudo o que estava abaixo d'estas Jerarchias pôde obrar mais livremente, e obrou. Por que violencias não passárão os Summos Pontifices Pio VI, e Pio VII? Parecêo muitas vezes necessario soffrer menores males para os evitar maiores. Os Juramentos Politicos são muitas veses coactos; e o Juramento, que o Eminentissimo Cardeal Patriarcha prestou, se he que o prestou, foi hum Juramento necessitado, não voluntario, não que Sua Eminencia o procurasse. Mas veja o Redactor da *Aurora* a doutrina, que expendi no N.º 11 d'esta Publicação, e considere bem, se he capaz de fazer sérias considerações, que estes Juramentos Politicos, além de forçados, são figurados, e ficticios até algumas vezes para exprimir desejos, de que succeda outra cousa, como quando dizem os Hespanhoes — *Plega a Dios que io mienta* —. Considere, que Juramentos condicionados não obrigão senão depois de verificada a condição, e então mesmo permanecendo as mes-

mas circumstancias; que os Juramentos obrigão segundo a intenção, de quem jura, e conclua d'aqui, se ainda tem algum resto de boa fé, e de pudôr, que o Eminentissimo Cardeal Patriarcha não quiz certamente ligar-se a iniquidades, e contradicções com as Leis Fundamentaes da Monarchia, nem a materias dubias, e equivocas, que ao depois resultárão evidentemente más, torpes, e impossiveis; nem a homens, que promettêrão huma cousa, e fizerão outra; homens impostores, embusteiros, dolosos, e trahidores, que, em vez de promoverem o bem da Monarchia, trabalhavão sómente pela propagação da anarchia, da impiedade, e da dissolução — *Quod latenter, aut per vim, vel aliàs illicite introductum est, nulla debet stabilitate subsistere — Non firmatur tractu temporis, quod de jure ab initio non subsistit — Non est obligatorium contra bonos mores præstitum juramentum — Quæ contra jus fiunt, debent utique pro infectis haberi — In malis promissis fidem non expedit observari — Frangenti fidem, fides frangatur eidem.* Eu não sei, se estes forão os principios reguladores da conducta do Eminentissimo Cardeal Patriarcha; mas he certo que, segundo elles, sua Eminencia não póde ser apodado *perjuro*, e *perfido*, senão por homens perjuros, e perfidos, que não tem outras idéas que as da desesperação, que os devora, e que os atonta.

Dize, *Calumniador:* em que foi *ingrato* este Principe da Igreja, a *quem o Senhor Dom João VI arrancou da obscuridade do Claustro?* Se alli estava obscurecido, quem o fez conhecer senão a sua Virtude, e a sua Sabedoria? Certamente não foi a Simonia, nem o Patronato. Ah! *Barbaro* Redactor, que n'isso mesmo, em que o accusas, ahi mais o louvas; onde pertendes humilha-lo, ahi mais o engrandeces. *Tu qvis es, aut unde venis?* Quem és tu, *mentecapto*, qual he a tua recendencia? Envergonha-te, *Sevandija*, e reconhece que as virtudes, e os talentos conhecidos em todo o Reino elevárão, exaltárão, e engrandecêrão ao Eminentissimo Cardeal Patriarcha. Mas d'onde vem este veneno atroz, que tenho visto arrojado em tantas Folhas revolucionarias contra este Eminentissimo Principe da Igreja? Eu o direi em poucas palavras: De Sua Eminencia haver redigido aquella grande *Carta de Lei de 4 de Junho de* 1824, na qual o Senhor Dom João VI declarou solemnemente, que as antigas Instituições da Monarchia *erão mais bem accommodadas á Nação, e provadas pela experiencia de muitos Seculos com vantagens innumeraveis, que d'ellas se tiravão; que havia grandes perigos, e impossibilidade de introduzir innovações não conformes com o caracter, educação, e usos inveterados do Povo;*

que se não podião demolir as nobres, e respeitaveis Instituições Politicas consolidadas com o Juramento, que os Reis seus Predecessores, e Elle mesmo, tinhão dado, de as sustentar; declarando que *não podia haver Côrtes, ou Representação Nacional, senão as antigas, compostas dos Tres Estados do Reino*, isto he, *Clero, Nobreza, e Povo;* que *esta Constituição do Estado promovia o Bem Publico, não com experiencias novas, incertas, e perigosas, ou com reformas precipitadas, e destructivas conducentes á mais fatal subversão, como a experiencia tinha mostrado.* Eis-aqui d'onde procede o odio dos Revolucionarios ao Eminentissimo Cardeal Patriarcha: eis a *espada de dous gumes*, com que Sua Eminencia prostra a *dextris, et a sinistris* a todos os Revolucionarios de qualquer qualidade! A minha impugnação das aleivosias, com que a *Aurora* pertende denegrir a firmeza de caracter, as Virtudes, e Talentos d'este Principe da Igreja, não procede de dependencia: eu sou subdito sómente accidental de Sua Eminencia, e se o fosse propriamente nunca a minha penna sería violentada, porque nunca o tem sido. Esta *Carta de Lei* derrubou os Constitucionaes, e os Carteiros, e abrio a estrada da Lei para o Throno ao Nosso Augusto Rei, e Senhor Dom Miguel Primeiro. *(Continúa a fumegação da Aurora).*

Portuguezes! Soldados! Divididos vos querem os inimigos, porque unidos sabem que não podem vencer-vos. Conservai-vos pois unidos, porque a união, e o valôr augmentão a força, e segurão a Victoria!

Lisboa 13 de Dezembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 89.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. *ỳ*. 15. Portuguezes! Os Rebeldes tentárão, e tentão com auxilio de huns poucos de Estrangeiros, que trazem a seu Soldo, Estrangeiros, em parte bandidos, em parte illusos, mas todos elles perturbadores, e revolucionarios, privar-vos da vossa liberdade, privar-vos dos vossos bens, espoliando-vos d'elles, e, o que he peior que tudo, privar-vos da vossa Religião, sacrificando-vos a serdes victimas da escravidão, e da anarchia! Em tal não consintais, ainda que milhares de vidas vos custem! Antes morrer, que ser escravos!

Desaggravo da Santa Religião.

Eu não posso considerar Religião sem Igreja, nem Igreja sem Bispos, ou Pastores, nem Bispos sem subditos, que lhes obedeção, que os venerem, e respeitem; porque nenhuma Sociedade pode existir sem dependencia, e subordinação, como huma cadêa se não pode conceber sem annéis superiores, intermedios, e inferiores; ou como não pode formar-se idéa de hum Corpo perfeito qualquer, que todo elle seja Cabeça. Ora, como esta gradação natural, e social, sem a qual nem a Natureza, nem a Sociedade podem existir, exija precisamente subordinação, e dependencia, onde não houver obediencia, veneração, e respeito, não pode haver gradação, não pode haver ordem, ou Sociedade; antes tudo será confusão, desordem, e dissolução. Necessario he pois que na Igreja, que he hum Corpo mystico, e moral, haja Superiores, a quem se obedeça, venere, e respeite, e inferiores, que obedeção, respeitem, e venerem; porque nem tudo pode ser igual, nem tudo cabeça, nem tudo olhos, nem tudo lingua, nem tudo bra-

ços, nem tudo pés — *Ipse dedit* — diz o Apostolo, falando do modo, por que Deos constituio a Igreja, *quosdam quidem Apostolos... alios autem Pastores, et Doctores...* Aos Pastores da Igreja pertence ensinar; aos Fieis ouvir: este o dever d'estes; aquelle o direito d'aquelles; os Bispos são a luz da Igreja, a Igreja he a que recebe a luz. Quem dirá que a luz corporal, que nos illumina, está na terra, e não no Sol? Quem dirá que os olhos estão nos pés, e não na cabeça? *Ah! Que os Bispos são huns idiotas!* He argumento de todos os inimigos da Igreja tão velho como elles mesmos. Seja assim, ainda que assim não he: hum idiota Religioso aproveita á Igreja, em vez de que hum sabio libertino, blasfemo, e impudente destroe a Igreja. *Non multi sapientes*, diz o Apostolo: Deos para a edificação da Igreja não chamou sabios, antes escolhêo os que erão ignorantes aos olhos do Mundo para confundir, os que erão sabios aos olhos do mesmo Mundo. *Stulta mundi elegit Deus, ut confundat sapientes*, diz o mesmo Apostolo. A fundação, e a conservação da Igreja, a sua permanencia na fé, e na doutrina do Evangelho, e da Tradição, não vêm da sabedoria humana dos Bispos, vêm do Poder, que Deos lhes dêo para reger a Igreja; e como Deos não desampara a Igreja, prôve tambem aos Bispos de sufficiente cabedal de erudição para ensinar aos Fieis a Doutrina Evangelica. O Poder de ensinar, de guiar, e de governar não vem da sciencia, nem da sanctidade, vem de Deos, que he Sabio, e Sancto, e que dá aos seus Enviados quanto he bastante para desempenharem a Missão, de que os encarrega, e authorisa: elles julgão os outros, não pelo Poder da Sciencia, ou da Sanctidade, mas pelo Poder da Authoridade, Poder de Ordem, e de Jurisdicção, Poder, que na Igreja não vem dos homens, vem do mesmo Deos. Logo os Bispos devem ser obedecidos, venerados, e respeitados pelo Poder, que recebêrão de Deos, ou elles sejão sabios, ou idiotas, ou elles sejão Sanctos, ou corruptiveis como os outros homens: nós, os outros Fieis, que não somos Cabeça, que não somos Juizes, que somos Membros, devemos sujeitar-nos, ouvir, e obedecer, ainda que nos reputemos, ou mais sabios, ou mais virtuosos, que os Bispos, porque não recebemos o Poder de Deos, como elles; somos dirigidos, não Directores; governados, não Governadores; discipulos, não Doutores; ovelhas, não Pastores; membros, não Cabeças. De que outra forma poderia existir a Igreja, se todos julgassemos, todos ensinassemos, todos dirigissemos, todos governassemos? Se avaliassemos o nosso Poder, e Authoridade pela nossa sciencia, e pela nossa virtude, qual de nós seria membro? Qual de nós não quereria

ser Cabeça! Qual de nós ouviria, e obedeceria! Qual de nós seria discipulo! Sem duvida todos seriamos Bispos, e não aquelle hum Corpo, não *acephalo*, mas *cephalo*, todo cabeça, sem pés, nem cabeça, todo *cephos*; todos seriamos *Pedros*, sem reconhecermos Superior. Ora, se hum Corpo por esta forma não o póde conceber a imaginação mais estendida, ainda mesma na Ordem fysica, muito menos na Ordem moral, pois nem *Solon*, nem *Lycurgo*, nem algum outro Legislador concebeo não huma Sociedade, em que todos fossem Magistrados, todos Juizes, todos Superiores, e conseguintemente muito menos na Igreja, que he hum Corpo formado por Jesu Christo, de que este mesmo Deos, e Homem he a Cabeça invisivel, e os Bispos as Cabeças visiveis, sendo a Principal, a Primaz, o Summo Pontifice de Roma. Logo os Fieis, e esta he a Proposição, que intento, não podem, não devem julgar os Bispos; não do seu Poder, porque elle vem de Deos; não da sua Doutrina, porque tambem vem de Deos; não da sua Fé interior, não só porque esta não póde ser julgada, senão porque a sua falta não priva do Poder; não dos seus costumes, porque os inferiores não podem, nem devem reprehender aos seus Superiores — *Episcopi de privati moribus non sunt a fidelibus corrigendi, sed tolerandi.* — Pedir a Deos por elles. *Ah! Que muitos Bispos não viciosos!* Este he o argumento de todos os discolos. Quem póde dizer, cada hum de si, que seu coração está puro, que elle está limpo de todo peccado? *Quis potest dicere, mundum est cor meum, mundus sum a peccato?* Proverb. C. 20. v. 9. Aquelle, que o disser, está enganado comsigo mesmo, e não falla verdade, diz o Evangelista S. João. Em muitas cousas peccamos todos, diz o Apostolo S. Tiago. Todos os Bispos são escolhidos d'entre os homens, e devem fazer sacrificios tambem pelos seus proprios peccados, porque elles mesmos estão cercados de fraqueza; *quoniam et ipse circumdatus est infirmitate*, diz o Apostolo S. Paulo. Como pois Fieis peccadores, e inferiores ousão julgar os Superiores! Que filho honrado, e bem educado se compraz de manifestar as fraquezas de seu Pai, zombando d'elle, escarnecendo, e concorrendo para que outros o desprezem? A maldição, que Noé deitou a seu máo filho *Cham*, não comprehende a todos estes Christãos iniquos, e reprobos, que morrem de desejos de saberem d'algum defeito dos seus Bispos, e Superiores, para divertirem com isso de escarneo, e de mofa. *Euge, euge! Bi-bi, ci-ci! Olha lá: Que tal he o nosso Bispo, o nosso Superior? He como cada hum de nós.* — *Deus unus est, nobis factus est: desprezemo-lo pois, desacatemo-lo, não façamos caso do que elle diz; olhemos para o que elle faz, pois faz como nós fazemos!!!*

Estas blasfemias, estes convicios são frequentemente neste Seculo entre os mesmos, que se chamão Christãos, como que parece que o maior prazer da sua vida he quando elles tem a liberdade de maldizer dos seus Bispos, e dos seus Superiores. *São peccadores como nós*, dizem muitos de alguns: *logo devêmos despresá-los*: esta consequencia, tirada de hum antecedente fraco, he a mais revoltante na Igreja, e no Estado. Os Bispos estão sujeitos ás fraquezas do homem, como homens; todavia são Sanctos, não com Sanctidade pessoal, mas com Sanctidade Ministerial; Sanctos, porque he Sancta a Doutrina Evangelica, que elles ensinão; Sanctos, porque he Sancto o Ministerio de Ordem, e de Jurisdicção, que elles exercem; Sanctos, porque he Sancto o Poder, que Deos lhes confiou; Sanctos, porque he Sancto, e Sanctissimo aquelle Deos, e Homem, a quem elles representão na Terra pelo ensino do Evangelho, e da Tradição, e pela administração dos Sanctos Sacramentos. Quem déo pois Authoridade aos Fieis para examinar, e censurar a conducta pessoal dos seus Superiores? A soberba, a indisciplina, *a falta de educação*, de humildade, e de temor de Deos; a ignorancia dos deveres do Christianismo; finalmente a sua pouca fé, a sua debil adhesão a Jesus Christo Senhor Nosso. Como pertende chamar-se Christão aquelle, que se atreve contra os Sacerdotes de Jesu Christo, aquelle, que despreza a Jerarchia Ecclesiastica?

Rebella-se contra a Igreja, resiste ao Poder de Deos aquelle, que, desprezados os Bispos, a taes cousas se atreve! Falle S. Cypriano — *An esse sibi cum Christo videtur, qui adversus Sacerdotes Christi facit? Qui se a Cleri Societate secernit? Arma ille contra Ecclesiam portat, contra Dei dispositionem repugnat... qui, contemptis Episcopis... audet...* Lib. de Simplicit. Prælat. — São os Bispos Cabeças da Igreja; e assim como na Cabeça está a origem dos nervos, e de toda a estructura do Corpo; como na Cabeça está o principio da vitalidade de todas as partes do Corpo, que da Cabeça recebem a sua animação, assim tambem por huma forma espiritual, mystica, e moral, porem mais perfeita, nos Bispos reside todo o nervo da Doutrina Evangelica, e o principio formador, animador, vivificador, e conservador de todas as partes do Corpo da Igreja. Logo, quem despreza, quem ultraja os Bispos, despreza, e ultraja a Igreja, despreza, e ultraja a Deos: he doutrina do Evangelho — *Qui vos audit, me audit; qui vos spernit, me spernit.*

He consequencia natural, infelizmente provada pela experiencia de todos os Seculos, que desprezada, ou menos acatada a pessoa dos Bispos pela sua conducta individual, se

despreze tambem, e menos se acate a Sanctidade do seu Ministerio, e a Divindade do seu Poder, e da sua Missão; porque os homens mui facilmente confundem, o que he animal, com o que he espiritual, o que he humano, com o que he Divino. Ora, como o principal ligame do Corpo da Igreja seja a obediencia dos Fieis aos Bispos, a sujeição dos inferiores aos Superiores, a subordinação dos Christãos á Doutrina, ao Ministerio, e ao Poder de Ordem, e de Jurisdicção dos seus Pastores, quebrado, roto, desatado, ou enfraquecido este ligame, preciso he que o Corpo da Igreja padeça muito, que tenha quebras, e que seja menos forte, menos firme, e menos consistente; preciso he que o Reino Militante de Jesus Christo, dividido pela falta, ou pela attenuação do ligame, que o une, se desóle, e se despedace. Tendo pois mostrado a experiencia de todos os Seculos que desprezada, ou menos acatada a pessoa dos Bispos pela sua conducta individual, he tambem desprezada, ou menos acatada a Sanctidade do seu Ministerio, e a Divindade do seu Poder, e que d'este desprezo, ou menor acatamento vêm a enfraquecer-se o ligame do Corpo da Igreja, attenuando-se, e algumas vezes perdendo-se de todo a obediencia dos Fieis aos Bispos; como d'aqui venha tambem a dissolução do Reino Militante de Jesus Christo, (não a total, porque este Deos, e Homem verdadeiro prometteo á Igreja a duração até á consummação dos Seculos, e a sua persistencia contra todo o poder das portas do Inferno) he consequencia evidente que todos aquelles, que desprezão, ou menos acatão a pessoa dos Bispos pela sua conducta individual, concorrem para o desprezo, ou menor acatamento da Sanctidade do seu Ministerio, e da Divindade do seu Poder, e conseguintemente quebrão, rompem, dissolvem, ou, ao menos, attenuão o ligame do Corpo da Igreja, e por isso enfraquecem, dividem, e despedação parcialmente o Reino Militante de Jesus Christo, sendo por todas estas cousas inimigos da Igreja, e rebeldes a Jesus Christo; rebellião, e resistencia, que humas vezes procede da ignorancia, outras da malicia, e conseguintemente, ou indirecta, ou directa; mas produzindo quasi os mesmos effeitos, com esta só differença, de que, os que vem da ignorancia, são corregiveis, e, os que vem da malicia, poucas vezes o são, porque a malicia he cega, e teimosa. Logo os que assacão aos seus Bispos defeitos, ou acções, pelas quaes a sua pessoa seja desprezada, ou menos acatada; os que manifestão esses defeitos, e acções, posto que verdadeiros sejão; os que se comprazem em fallar d'essas cousas, levantando a sua voz, para que todos o saibão, e todos fallem, e para que nunca s'esqueção; os que renovão taes

lembranças, para que nunca se apaguem da memoria das gerações presentes, todos estes, ou por ignorancia, ou por malicia, vem a constituir-se em inimigos da Igreja, ou cooperadores, e instrumentos dos seus inimigos, destructores de ligame da Sociedade Christã, revolucionarios do Reino Militante de Jesus Christo, Christãos de páo, e de barro, que servem de affrontar a Igreja, e a Jesus Christo — *Vasa.... lignea, et fictilia.... in contumeliam:* — diz o Apostolo São Paulo.

A murmuração dos defeitos de qualquer pessoa he sempre contra a Caridade. Que será se se murmura dos defeitos dos Bispos, e dos Superiores? He contra a obediencia, he contra a Igreja, he contra Jesus Christo. Quando se falla de defeitos que não ha, he sempre contra justiça, he huma calumnia. Que será quando se falla dos Bispos em defeitos, que elles não tem? He contra a Religião, parece ser hum sacrilegio: quando os defeitos são lançados em rosto a alguem, ou elle os tenha, ou não, he huma injuria, he hum sarcasmo, he contra a honra. Que será quando se publicão, ou sahem a leilão os defeitos dos Bispos, ou elles sejão verdadeiros, ou falsos? He contra a obediencia, he contra o respeito, e veneração, he em execração dos mesmos Bispos, he em affronta da Sanctidade do seu Ministerio, e da Divindade do seu Poder. Mas quando se falla n'esses defeitos, para lançar discordias entre huns, e outros, então he huma refinada malignidade, ou huma perversidade diabolica: E se isto he ácerca dos Bispos? Não sei como possa chamar-se; acaso hum Scisma, ou huma cooperação ao Scisma, á impiedade, e á heresia! Que se diz de hum filho, que falla mal de hum Pai; de hum homem, que manifesta os defeitos da sua esposa; de hum irmão, que injuría a seu irmão? *Questo é un mesterio il piú vile, et il piú pericoloso*, diz hum Italiano: os que assim obrão procedem como bebados, ou loucos, e merecem ouvir o conselho do mesmo Italiano — *Che se il vino vi há causato queste maledicenza, vi consiglio á mettervi piú presto, che sia possibile dell'acqua.* — Ainda mesmo aquelle, que murmura de hum qualquer, he hum vil, he hum infame, hum pernicioso, e hum inconsiderado. Folgaria o murmurador de que tambem se murmurasse d'elle? Que faria elle, se podesse vingar-se a seu salvo, de quem falla nos seus defeitos, ainda que verdadeiros, e públicos sejão? Tendo o murmurador tantos defeitos proprios, como ousa fallar dos alheios? Que direito tem qualquer para fallar livre, e impunemente dos defeitos dos outros, quando todos nós sômos defeituosos, e estamos obrigados a soffrermo-nos mutuamente? Todo murmurador tem por

fim deprimir os outros, e engrandecer-se a si mesmo. Eis-aqui a murmuração filha da soberba, da arrogancia, da presumpção, da inveja, do odio, da incivilidade, da inconsideração, e da má educação: Eis-aqui a murmuração á sua vez Mãi das discordias, das dissensões, das intrigas, das desavenças, das inimizades, da desobediencia, da insubordinação, e de mil, e mil desgraças: horrorosa Mãi, horrorosas Filhas! Todavia esta má arte de murmurar, esta peste da tranquillidade, e da paz anda em uso nos Claustros dos Frades, e das Freiras com tanto detrimento de todos, e escandalo do Mundo; anda nos Cabidos, anda no Exercito, anda nas Cidades, nas Villas, e nas Aldeias, por toda a parte anda, e trasanda; na bôca do Sabio, e do ignorante, do Nobre, e do plebeo; parece que todo o Mundo leva, e ganha a sua vida a murmurar — *Istic est thesaurus cunctis in lingua situs* — disse Plauto, substituindo-lhe eu o *cunctis* ao seu *stultis*. A qualquer parte por onde o homem pensador, e silencioso se vire, não ouve senão murmurar com lingua de palmo, e espreitar com orelhas de *Mydas*. Ora, que os murmuradores o fação livre, e impunemente das pessoas da sua *igualha*, tem hum meio passe de todos os Seculos, em que mais ou menos houve pessoas mal educadas, e incivilisadas, além de faltas de humildade, de caridade, de consideração, de honra, e de temor de Deos; e n'este Seculo tem huma licença ampla, e desaforada, porque, tendo sahido todo o Edificio Social dos seus encaixes, não he para admirar, que tambem as linguas se desencaixassem, e que todos andem com a lingua solta, dando sempre *á tarameta*, sobre o que nem lhes vai, nem lhes vem; e já agora como se não trabalha de dente, trabalhe-se de lingua, em quanto, ou de frio, ou de fome não fica pegada ás proprias fauces: mas que tambem se murmure das Classes de superior condição, dos Empregados Publicos, dos Funccionarios do Governo, he o que não póde entender-se, sem que, ou os murmuradores estejão doudos, ou que a Maçonaria tenha perdido a vergonha, e se veja obrigada *a roé-la! Ab initio non fuit sic:* antes não era assim: com que, ou todos estamos em Revolução, ou a Maçonaria nos tem dado liberdade, para a desfazermos com a lingua, já que não podemos trincá-la com os dentes. Porém murmurar d'ElRei? Ah! *No sabe la Volpeja con quien troveja*, disse D. *Ramiro*, o Monge, Rei de Aragão, para huns Vassallos, que fallavão d'elle com pouco respeito, e isto lhes disse, depois de mandar tirar a cabeça a onze dos principaes, sendo que elles o assentárão no Throno, depois de haverem tirado d'elle a *Pedro de Tarés*, que certamente devia de ser algum *Pedro Taréco*, semelhante ao que

hoje faz tão porca, e tão escandalosa bulha entre os Portuguezes.

Porém murmurar dos Bispos, desprezar, e desacatar a sua pessoa pela sua conducta individual, he cousa que nunca fizerão os bons Christãos, por temerem dar aquelle terrivel *salto* do desprezo da pessoa ao desprezo do Ministerio, que he todo Divino, todo Sagrado, todo inviolavel. Estas considerações devem ter presentes os bons Portuguezes, para não só obedecerem aos seus Bispos, como tractarem-nos com amor, com respeito, e com veneração, ainda que a sua conducta individual, ou Politica não seja algumas vezes, ou não pareça, louvavel: neste mesmo caso hum silencio profundo, e religioso he hum dever não só de acatamento, de civilidade, e de honra, como de reverencia, e de justiça, não só para se não cahir em peccado de temeridade, de presumpção, de arrogancia, e de *intumescencia*, como para evitar o escandalo do Povo rude, e simples, que muitas vezes, pela inconsideração, e falta de cautela de pessoas de alguma influencia, com elle se precipita, e despenha em excessos maiores, que produzem as mais terriveis, e fataes consequencias para a Moral Publica, e para a unidade da fé, da crença, e da doutrina. O genio de murmurrar dos defeitos públicos, especialmente das Pessoas de representação na Igreja, e no Estado, o genio de julgar temerariamente das faltas destas Personagens, o genio de se não callar nunca ácerca da firmeza de caracter Politico d'alguns Funccionarios do Sacerdocio, he hum genio discolo, subversivo, perturbador, e revoltante. Verdade he que *Portugal* vio seus Bispos em silencio no apparecimento da Revolução do anno de 1820; mas ninguem deve ser tão ousado, que presuma indicar aos seus Superiores o tempo de fallar, e o tempo de callar; qual das duas cousas sería então melhor, não he facil de se conhecer; era huma Revolução Politica, e Militar, em que se promettêo a Convocação dos Tres Estados do Reino, a conservação da Religião dos nossos Maiores, e a Dynastia de Bragança na Augusta Pessoa do Senhor D. João VI. Era huma Revolução; hum esforço era sem dúvida preciso para salvar *Portugal* de ser Colonia do *Brasil;* ainda hoje forcejamos pela mesma cousa; o que se propunha era justo; os meios erão inadequados; os proponentes erão huns tractantes; os Bispos olhárão para o fim; forão fieis á Monarchia, como o forão todos os Portuguezes, que não entrárão *activamente* na Revolução; apparecêrão os momentos felizes, em que a Monarchia devêo ser salva da illusão, e da violencia; nós o devemos á empreza do Marquez de Chaves, e a corôa d'esta empreza á Corôa de toda a Fa-

milia Real, ao Heróe da Europa Occidental, ao Senhor Dom MIGUEL, hoje Nosso Rei pela Graça de Deos; e os Bispos enchêrão o seu Ministerio no espiritual, e no temporal. Verdade he que os Bispos de *Portugal* no apparecimento da Revolução do anno de 1826 não se declarárão *exteriormente* pelas Leis Fundamentaes da Monarchia; mas era esse o tempo? Ou podião elles sem hum grande prejuizo das suas mesmas ovelhas, que nem todas os seguirião, como os successos posteriores demonstrárão? Não foi mais util á Igreja conservar-lhe a esperança da sua redempção, que precipitá-la em perigos, de que se não conhecia a extensão? Não he certo que muitas vezes podem os inferiores, o que os Superiores não podem? Os Bispos não se mostrárão fieis nos ultimos tempos no anno de 1828, e não continuão a ser fieis no presente tempo? E não he claro por esta fidelidade voluntaria, e espontanea, ardua, e perigosa que elles erão fieis nesses mesmos momentos, em que elles forão coactos a *agachar-se*, a condescender com os tempos, sem condescender com a impiedade, a dissimular as suas injúrias, a soffrer essas violencias, para salvar o seu Rebanho com maior segurança, e sem tanto risco em melhores tempos? Mas: Coactos os Bispos? Sim, e quasi sem liberdade para obrarem d'outra maneira: o *Times* diz que o Governo, que os Grandes do Reino, que tudo passava pela intervenção, pela influencia, e pela preponderancia do Governo *Inglez*, e do seu Embaixador em *Portugal*: julgou-se por hum momento dever ceder a circumstancias tão poderosas para salvar os restos da Monarchia em tempos menos calamitosos; pensou-se que pelo soffrimento de grandes males poderia chegar-se a evitar males maiores; a posição de *Portugal* em aquelles tempos era terrivel; os que forão *passivos* em aquella posição não podem ser culpados, pois que o soffrimento parecêo ser a salvação da Monarchia; sómente são réos, e altamente réos, os que forão agentes, e influentes n'esta posição; nós os Emigrados na Hespanha, (fallo em nós, porque tambem para ahi dei huma figura tal, e qual sabe o Governo Portuguez, Hespanhol, e Inglez d'aquelles tempos, e como sabe a maior parte dos meus Companheiros) nós, repito, que nos atrevemos a affrontar huma situação, de que *Portugal* não tem exemplo, e em que nenhuma outra Nação do Mundo teve iguaes defensores, fomos fortalecidos por Deos, pois que sómente Deos podia dar-nos valôr, e força para arrostarmos perigos, privações, e soffrimentos, de que não tenho visto exemplar nos muitos Livros, que me tem passado pelos olhos: todavia esta inaudita prova de Heroismo, em que pelejamos por hum Rei, que se julgava estar affastado de *Por-*

tugal para todo sempre, como julgárão quasi todos os Póvos do Mundo, e que regressou por hum prodigio, ao qual só podem igualar-se em *Portugal*, os que a Divina Misericordia obrou a favor do Sancto Rei Dom Affonso Henriques; em que pelejamos por huma Patria, que sómente o era para hum Principe Estrangeiro, para Estrangeiros, para Revolucionarios, e para entes *passivos* em toda a extensão da palavra, que não tiverão o oso de outra linguagem, que da do soffrimento, e do silencio, esta inaudita fortaleza não nos dá direito de julgarmos réos, criminosos, e delinquentes, aos que soffrêrão, aos que forão passivos espectadores da Revolução, aos que choravão os males da Patria, e gemião na sua oppressão, e na sua orfandade: nós fizemos, o que podémos, louvamos a Deos, que nos collocou em circumstancias de assim podermos obrar; os bons Portuguezes, que forão passivos, soffrêrão, o que não podérão deixar de soffrer; na classe d'estes estão os Bispos; elles forão fieis no soffrimento. Estes são os meus sentimentos, sentimentos de obediencia, de respeito, de acatamento, e de veneração: se alguma outra vez em conversações particulares, ou em particulares escriptos, arrebatado de hum enthusiasmo fervoroso pelo meu Rei, pela Independencia de *Portugal*, e pelos privilegios da Igreja contra a tolerancia de Cultos heterodoxos, me affastei algum tanto dos deveres da Religião, censurando, ou arguindo a conducta Politica d'alguns Prelados da Igreja, causando talvez nos Fieis alguma falta de respeito, de acatamento, e de veneração aos Bispos, eu me retracto sinceramente, e declaro, que obrei pouco circumspectamente, e que aberrei dos meus deveres como huma ovelha desgarrada, que havia perecido no furor Politico, em que nenhum Christão, que presa, e respeita este nome Sancto, deve exaltar-se sobre os seus Prelados — *erravi, sicut ovis quæ periit.* Psalm. 118. ℣. 176.

Faço esta declaração de arrependimento; e desejo que me sigão todos aquelles, que se tenhão alterado da mesma fórma, que eu; porque desejo marcar huma linha indefinita de eterna separação entre mim, e os Revolucionarios.

Tenho observado que todos os Hereges, os Protestantes, os Scismaticos, os não Conformistas, e todos os Revolucionarios da Igreja começárão pela aggressão, desprezo, pouco acatamento, e murmuração da conducta individual, e Politica dos Bispos da Igreja, para chegarem, e conduzirem os Fieis ao desprezo da Sanctidade do Ministerio Episcopal, e da Divindade do seu Poder, para rasgarem a Unidade da Igreja na sua doutrina, e nos seus costumes, para romperem o ligame do Corpo mystico da Igreja, para perderem aos Fieis a obe-

dicencia, que devem ter aos seus Bispos, para attenuarem emfim o Reino Militante de Jesus Christo. Por este desprezo da pessoa dos Bispos começou tambem *Luthero*... mas deixemos Luthero para Mestre do *Frei Manoel do Aurora*, que he o rabo, que hei d'esfolar como a huma besta carunchosa, e podre, de que nem a pelle se póde aproveitar. O *andante* dos Hereges, he tambem o *andante* dos Constitucionaes; como aquelles, impios, inimigos da Igreja, calumniadores, e murmuradores dos Bispos, semeadores de discordias entre os inferiores, e Superiores, transtornadores de todas as Jerarchias Ecclesiasticas, perturbadores de toda a ordem do Clero, desprezadores de Jesus Christo, sacrilegos, infames, vão a Heresia caminho para o Atheismo, e tudo vai pelos mesmos principios, pelo mesmo caminho da desobediencia, começando esta pela murmuração da conducta individual, e Politica dos Bispos. A Maçonaria vai por todas as estradas, e occupa todos os caminhos, os do escandalo, os da hypocrisia, os da simulação, os da affectação, os da humanidade, e da deshumanidade, os da liberdade, e do despotismo; a tudo se atreve, e tudo tenta até pelo caminho da *Salgalhada*, caminho até aqui desconhecido, em que se misturão alhos com bogalhos, bons com máos, tudo com o fim de introduzir a Revolução, e a desordem; mas seus tiros principaes se dirigem aos Bispos, e aos Superiores, que he o mesmo, que atirar á Cabeça, para que as mais partes do Corpo Social fiquem sem animação, sem ligame, sem estructura. Entre os Campeões da Maçonaria, das Heresias, e da Revolução de *Portugal* apparece mais ousado que todos o Redactor da *Aurora*, que se não poupa a meio algum *á direita, ei á sinistra*, (elle bem sabe o em que lhe falo, pois a alguns dos que accusa, podia levar para si, porque lhe pertencem como seus Socios *in illo tempore*, e ainda agora, como diz o Povo, ao qual não se lhe póde tapar a bôca, porque não podem vendar-se-lhe os olhos; fique por tanto a *Aurora* com os seus tamancos, que eu a descalçarei em tempo conveniente) tomando, e invalidando todos os arbitrios, para fazer prevalecer a *Babylonia* da impiedade, do horror, e da confusão em todas as Ordens, em todas as Classes, e em todas as Repartições, assim da Igreja, como do Estado, assim do Sacerdocio, como do Throno! Monstro! que ainda depois de separado, ou expatriado não tem pejo, nem vergonha de provocar (mas não lhe he possivel) a desordem no Paiz, em que nascêo, e a quem tanto deve! Seu Systema não he de attrahir, he de repellir; não he de conciliar, he de inimistar; não he de applacar, he de revoltar. Assim marchão todos os Revolucionarios, como que

elles não sabem outro *andante*; seus principaes tiros se dirigem contra as Altas Jerarchias; e as da Igreja são especialmente o seu alvo. Assim se vê na *Aurora:* Bispos, Conventos, Ecclesiasticos Seculares, e todas as Instituições Religiosas são o objecto quasi unico da sua execração: a ouvi-lo, a acredita-lo, os Portuguezes desprezarião o seu Clero Secular, e Regular, desattenderião os seus Bispos, e Superiores, e imitarião a França, e a Inglaterra revolucionaria de outros tempos; pois que os Francezes na Revolução contra o seu Rei Luiz XVI, e os Inglezes na sua contra a antiga Dynastia, começárão, como todos sabem, e como as suas mesmas Historias dizem, pelo desprezo dos seus Bispos, e dos mais Prelados da Igreja, e d'ahi passárão a não fazer caso da Sanctidade do Ministerio Episcopal, da Divindade do Poder Ecclesiastico, da Unidade da Igreja, tanto nas suas Instituições, como nos seus Costumes, assim na sua Crença, como na sua Pratica! Tudo desde então tem querido confundir-se, tudo transtornar-se, tudo preverter-se, a tal ponto, que se Deos não promettesse assistir á sua Igreja, defende-la, e conserva-la até o ultimo dia da existencia do Mundo, parece que a Igreja teria já deixado de existir, e desapparecido no meio de tanto erro, tanta contradicção, tanta impiedade, tanta illusão, tanta imposture, tanta perseguição, e tanta Maçonaria. Porém Deos está pela sua Igreja. Em vão trabalhão os ímpios: o que não trabalha a *Aurora;* mas o desaggravo das suas impiedades contra a Sancta Religião *continuar-se-ha.*

Portuguezes! A vossa Causa he de Religião, se não defendesseis, ereis ímpios; senão vencesseis, ereis cobardes; mas vós sois Christãos; como podeis deixar de defende-la? Vós sois valorosos; como podeis deixar de vencer? Ea! Tenhamos constancia, e nós veremos desapparecer todos os nossos inimigos, ímpios, irreligiosos, barbaros, vís, infames!

Lisboa 18 de Dezembro de 1838.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1838. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 90.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete; quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. v. 15. Portuguezes! As mais poderosas Nações não conseguirão jámais atacar-vos impunemente: a Victoria, e a Liberdade de *Portugal* foi sempre o resultado dos mais violentos ataques, que se tem feito a este Paiz Classico da fidelidade, do valôr, e da independencia. A Europa Monarchica a espera, e o Reino será salvo da mais iniqua, e perversa aggressão, e insulto, que desde o berço glorioso da Monarchia se lhe tem feito. Sim, Portuguezes; sêde constantes, e vós sereis vencedores com huma gloria sem igual!

Desaggravo da Sancta Religião.

Este he o Seculo, em que de par em par se abrirão todas as portas do inferno, para estabelecer o impio Systema da libertinagem, e do atheismo, ou para *fazer*, como diz S. Jeronymo, *pagã a Sancta Religião.* Tomo a linguagem, que na Circular de 19 de Setembro do corrente anno fallou o Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa a todo o Clero, e a todos os Fieis deste seu Patriarchado, dando-lhes saude, e benção em Jesus Christo Nosso Divino Redemptor; porque em materias de Religião, quando já tem fallado os Bispos, os Christãos, quaesquer que elles sejão, ainda os mais instruidos, devem ter o maior prazer;

e satisfação em servir-se das mesmas palavras, pois que na linguagem Episcopal ha huma força, huma ûnção, hum peso, hum *não sei que*, que persuade, convence, e captiva; assim tambem em materias de Realeza, depois que hum Rei fallou, seus Vassallos devem fazer gosto de usar as mesmas palavras, porque n'ellas se acha huma certa grandeza, huma certa authoridade, *hum não sei que* magestoso, que toca o coração, e o move por huma maneira inexplicavel. Eu tenho procurado trasladar esta linguagem, quando designa os mesmos pensamentos, que tenho em vista, e assim o vou fazendo agora ao meu proposito em desagravo da Santa Religião, tomando as palavras da dita Circular, intimamente convencido, de que em assumptos Religiosos não posso explicar-me melhor, que com a linguagem dos Prelados da Igreja. Foi a mencionada Circular, a que buio novamente o punhal, que os ímpios empregão no ataque da Sancta Religião, a saber; a maledicencia, a calumnia, e os convicios: foi a que estimulou ao Redactor da *Aurora* a descarregar toda a sua força de mordacidade sobre a pessoa do Eminentissimo Cardeal Patriarcha: assim obrárão sempre os inimigos da Sancta Religião; começão pelo ataque á pessoa dos Bispos, passão a atacar a Sanctidade do seu Ministerio, e a Divindade do seu Poder, acabão insultando toda a Doutrina do Evangelho, e da Tradição; e quando são combatidos, e convencidos das suas sem razões, e das suas maldades voltão ao ataque da pessoa dos Bispos, para que os Fieis lhes percão o respeito, a veneração, e a obediencia: assim andão em hum *circulo vicioso*, ímpio, e revolucionario. Estes malvados representão quasi sempre, o que algumas vezes se vê acontecer nos Povos, e Cidades principalmente grandes, levantar-se entre homens sediciosos huma briga, ou arruido subito, que na Campanha podéra chamar-se batalha; *todos puxão pelas armas, e são armas tudo, o que de mais perto se offerece ás mãos; chovem os golpes* (he huma bella descripção feita a outro proposito pelo grande Padre *Vieira*) *voão as pedras, huns ferem, outros cahem, todos correm, e acodem, sem saber a quem, ou contra quem, ou a causa; huns incitados de odio, e da ira, outros sem ira, nem odio, tudo he grita, tudo desordem, tudo confusão.* Assim, nem mais, nem menos, os inimigos da Igreja com as suas mentiras, com as suas calumnias, com as suas maledicencias,

com as suas imposturas, e com as suas blasfemias; elles não tem outras armas; e quando vem ás mãos, he a dizer, quando obrão, não se vêm senão abominaveis perseguições, e sacrilegios contra a Sancta Religião, chegando ao execrando excesso de profanarem os Templos, de os despojarem, e as venerandas Imagens, que n'elles estão collocadas, das suas alfaias, e ornamentos, e de os queimarem, comettendo até o horroroso attentado de desacatarem, e ultrajarem, com huma indignidade nunca vista, as Sagradas Particulas, que estão depositadas nos Sacrarios: assim tem obrado os Rebeldes, que entrárão na Cidade do Porto, não só na mesma Cidade, mas tambem em alguns outros pontos a ella mais visinhos, aonde poderão penetrar, como em *Braga*, e em *Penafiel*. E depois de tudo isto, se ElRei Nosso Senhor pela sua incomparavel piedade, e zelo da Sancta Religião, que domina em Seu Real animo, excita nos corações dos seus Vassallos a vehemente dôr, e magoa, que opprime o Seu, participando ao Eminentissimo Cardeal Patriarcha, por Aviso da Secretaria d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos, e da Justiça, tão abominaveis sacrilegios, e desacatos; se o animo verdadeiramente Christão do Eminentissimo Cardeal Patriarcha, consternado por tão espantoso espectaculo, levanta a sua Voz Apostolica contra esse bando de facciosos, que possuidos do maligno espirito dos impios do Seculo, não satisfeitos de terem levantado o estandarte da rebellião contra a Magestade do Seu Rei Legitimo, passárão logo, como que he hum dos fins detestaveis, que se tem proposto na sua expedição temeraria, a levantá-lo tambem contra a Magestade do Deos, e Senhor dos Ceos, e da Terra, indo a sua impiedade a enfurecer-se logo contra os Sagrados Templos, estendendo as suas mãos sacrilegas até ao Sacrosancto Corpo do Homem-Deos, sem temerem a sua tremenda Magestade, nem fazerem caso da sua Caridade immensa: logo os Escriptores Advogados da Revolução, ou desmentem seus mesmos factos perpetrados na presença de muitas gentes, ou chamão ao Senhor Dom Miguel...., ao Seu Ministro, *estupido*, e *facinoroso*, e ao Eminentissimo Cardeal Patriarcha, *perjuro*, e *perfido*. Quanto he certo que a mencionada Circular abalou as abobadas das Lojas Maçonicas!....

Certo he que já o Sancto Rei David nos tinha annunciado este horroroso quadro dos abominaveis sacrilegios comet-

tidos pelos Rebeldes, que entrárão na Cidade do Porto, a cuja vista o Sancto Rei, possuido da mais viva magoa, desafogava o seu espirito em enternecidas queixas ao Senhor. Ah! Deos meu, dizia elle, *Quantos malignidades tem perpetrado os teus inimigos no Lugar Sancto! Quanta malignatus est inimicus in Sancto!* (P's. 73.) *Pozerão fogo ao Teu Sanctuario para o reduzirem a cinzas; desacatárão o Tabernaculo consagrado ao Teu Nome, e o deitárão abaixo; disserão em seu coração depravado, exterminemos da terra o Culto do Verdadeiro Deos, e acabemos os seus dias solemnes. Mas Tu, Senhor, que suspendeste as aguas do mar, que seccaste os rios de Ethan, que esmagaste as cabeças dos dragões, levanta o Teu Braço vingador contra os sacrilegos, que te ultrajão, e humilha a sua soberba.* Assim desabafava o seu zelo, e a sua dôr aquelle Sancto Rei.

E qual he, com effeito, o primeiro, e principal objecto, por não dizer o unico, de tantas guerras, que em nossos tempos tem assolado a *Europa*, senão exterminar da terra o Christianismo, sem ao menos se lembrarem os ímpios desertores do Evangelho dos incomparaveis beneficios, ainda temporaes, que por elle vierão ao genero humano? Quem amançou os barbaros? Quem civilisou os Povos? Quem dissipou as trévas da ignorancia, e facilitou o progresso das Sciencias, e dos conhecimentos humanos? Quem, senão o Evangelho? Reconhecei pois, ó ímpios, ao menos, ó quanto a humanidade lhe he devedora; e que da vossa execranda tentativa não tendes tirado mais, que aluir as bases do Edificio Social, armar as Nações contra si mesmas, e humas contra as outras, trazer os Povos em hum turbilhão perpetuo, e inundar a terra de sangue. Reconhecei, que he huma Mão Superior, e Omnipotente, que vigia sobre a sua estabilidade, e sobre a sua conservação; e que serão baldadas todas as vossas maquinações, e as do Inferno, com quem estais combinados contra Elle.

Sim, o Senhor confunde, e confundirá sempre os vãos projectos dos ímpios: Elle não tem fechados os olhos sobre os attentados, que mais desafião a Sua indignação, e a Sua ira. Os sacrilegios, as profanações dos Lugares Sanctos, os ultrajes, os desacatos commettidos contra Sua Magestade Divina são crimes, que a Sua Justiça nunca deixou impunes no Povo da Sua escolha, e da Sua predilecção; e

se já não chovem raios, como antigamente; se já se não abre a terra para engulir os profanadores; se estes já não cahem feridos de huma morte repentina; se em fim os nossos Templos não tremem, se as suas paredes se não desabão, para sepultar debaixo das suas ruinas os sacrilegos, que os tem profanado; he porque o Senhor já se não serve d'esses meios de terror, com que então os castigava; Elle lhe tem substituido a mais terrivel das suas vinganças, e os castiga hoje, como temos visto, entregando os homens ao furor, e á ira dos homens. Incendios, destruições, carnagens, rios de sangue, miserias, barbaridades, que excedem a fereza dos Tigres, em fim o monstro das Revoluções devorando a especie humana, são exemplos espantosos, de que está cheia a Historia dos ultimos tempos, que he a Historia dos delirios humanos, e das guerras contra o Ceo, e contra o Evangelho.

Não attribuamos tantas, e tão horriveis calamidades a outra causa, que não seja o desprezo, que se tem feito da Sancta Religião, e as profanações de tudo quanto lhe he mais caro, e mais Sagrado. He o Senhor, diz hum Profeta, que tem pronunciado a sua Sentença contra Babylonia, e decretado a sua total destruição, para vingar a Sua Honra, e a do Seu Templo profanado, e arrasado pelos Babylonios. *Contra Babylonem mens ejus est, ut perdat eam, quoniam ultio Domini est ultio Templi sui.* (Jerem. 51. 11) Podia o furor, e a raiva de orgulhosos Conquistadores desmantelar esta Cidade famosa, e lançar por terra seus muros, e seus edificios; mas não; he a indignação do Senhor, quem faz pesar sobre ella Seu Braço, e se vinga dos desprezos, com que tem sido ultrajado, *ultio Domini est;* he a vingança, que Elle toma dos roubos, dos desacatos, das profanações, e das ruinas do Seu Templo, *ultio Templi sui.* Mas ah! deixaria o Senhor, sempre zeloso da sua Honra, de olhar hoje para os mesmos crimes, sem indignação ainda mais terrivel? Elles são tanto mais graves, e atrozes perpetrados em nossos Templos, quanto estes são mais respeitaveis, do que o antigo Templo. Alli o Senhor não era adorado senão debaixo de sombras, e de figuras; Elle ainda não tinha baixado dos Ceos, e *o seu Throno*, como diz hum Profeta, *estava ainda acima das nuvens.* Mas depois que, por hum effeito da Sua Caridade immensa, extrema, infinita, se Dignou apparecer sobre a terra, con-

versar com os homens, e estabelecer entre elles hum novo Tabernaculo para Sua habitação até ao fim dos Seculos; profanar estes Lugares sanctificados com a Sua Presença Real, e insultá-Lo descaradamente em sua Propria Pessoa?!... Que castigo será proporcionado a tão horrendos desacatos, se nós o medirmos pela sua gravidade, e pela sua atrocidade? Elles são o fructo do desprezo, e das blasfemias, que a impiedade vomita contra a Sancta Religião, do amor fraternal, da paz, e da Caridade; e por isso he justo que o Senhor os castigue com as sanguinolentas desordens, que tem assolado a humanidade, e vão assolando ainda, não acabando as Revoluções, e as sedições, senão para lhes succederem outras de novo.

E na verdade, como se poderá esperar que o Senhor ponha termo a este flagello terrivel, sem que se refreie a impiedade, que o provoca? Sem que desappareça, e se extermine da terra essa tenebrosa Seita de ímpios, conjurados contra o Altar, e o Throno, que, á maneira de hum contagio funesto, tem contaminado a *Europa?* A paz, e a boa ordem são incompativeis com a impiedade; para quem não recouhece a Deos, nada ha Sagrado, nem respeitavel: nem ha crime, que, ou o prazer, ou o interesse não justifique: sacudido o jugo da Religião, e da Fé, que obstaculo se póde oppôr ás paixões? Quem poderá suspender toda a torrente de todos os males, que d'estas fontes envenenadas correm sobre a desgraçada especie humana? Já o seu furor nos teria consumido a todos, e reduzido a Terra a huma vasta solidão, se o Senhor nos tivesse abandonado inteiramente, ou se as fontes da Sua Misericordia se podessem esgotar. Elle quer que os ímpios reconheção, e se desenganem, do que são capazes os homens sem Elle; quer que vejão toda a extensão dos males, de que são causa, e ao mesmo tempo a inutilidade, e locuura dos seus esforços; porque passará mais depressa o Ceo, e a Terra, do que a impiedade prevaleça contra os seus Altares. Mas oh! Cegueira incomprehensivel! *estão vendo, e não vêm; ouvindo, e não ouvem.* Elles não vêm por toda a parte senão estragos, não ouvem senão clamores dolorosos; mas, como se nada d'isto vissem, nem ouvissem, elles não cessão, nem desistem de accender o facho das discordias, e das revoluções, presumindo ainda no maior excesso dos seus delirios lançar por terra o Edificio magestoso, e inabalavel da Religião, e da Igreja.

Esta he a sublime linguagem, que o Eminentissimo Cardeal Patriarcha usou na mencionada Circular, linguagem Christã, Apostolica, eloquente, nervosa, persuasiva, e tocante aos corações Christãos; linguagem, que enchêo de *hydrophobia* ao incorregivel Redactor da *Aurora*, e a todos os seus socios *ejusdem furfuris, ac farinæ*, a ponto de arrojarem as mais atrozes calumnias em desprezo da Respeitavel Pessoa de Sua Eminencia, para introduzir nos Fieis do Patriarchado o descrédito, e a desconfiança da Doutrina saudavel, illibada, e Religiosa do seu Pastor. Ficárão os malvados Revolucionarios com a leitura d'esta Circular com humas caras, *que não merecem nome de rosto, nem ainda de monstro, disformissimamente macilentas, séccas, e escaveiradas;* (he huma lindissima delineação feita pelo célebre Padre *Vieira.) a côr verdenegra, as queixadas sumidas, a testa enrugada, os olhos sem pestanas, nem sobrancelhas; e em lugar das meninas com duas grossas belidas; calva, remelosa, desnarigada; a bôcca torta, os beiços azues, os dentes enfrestados, amarellos, e podres; a garganta carcomida de alporcas; em lugar de barba hum lobinho, qve lhe chega até os peitos, e no meio d'elle hum cancro fervendo em bichos, manando podridão, e materia, não só asqueroso, e medonho á vista, mas horrendo, pestilente, e insopportavel ao cheiro.* Assim me parecem esses macilentos Escriptores advogados da Revolução, *rotos, e quasi despidos, com huma Corneta pendente do hombro, arrimados sobre hum cajado, guardando hum rebanho vil do gado mais asqueroso*, segundo outra descripção do mesmo Padre *Vieira.* Eu não posso dar coloridos mais proprios a esses monstros, que se enchem de raiva, e de desesperação, quando hum Prelado da Igreja levanta a sua voz, para desaggravar a Sancta Religião dos seus ataques, e profanações. Muito mais prostrados ficarão ainda esses *Tintureiros* da Revolução, com a firmeza de caracter, que o Eminentissimo Cardeal Patriarcha desenvolve á presença do Principe Competidor em defeza do novo David Portuguez, o Nosso Muito Amado Soberano, e Rei, o Senhor Dom Miguel I, que tendo herdado por hum Direito incontestavel o Throno de seus Augustos Antepassados, herdou tambem os grandes exemplos de zêlo, e de respeito para com a Sancta Igreja, que achou sempre nelles o seu primeiro defensor, e acha agora no Herdeiro, em tudo Le-

gitimo, de Reis tão Christãos, como Gloriosos, o Primeiro Vingador dos ultrajes, que se lhe tem feito; predizendo o mesmo Venerando Prelado que Sua Magestade, por zelar como Sua a Causa de Deos, por quem unicamente quer Reinar sobre o seu Povo, açaimará o monstro da impiedade, e o fará immudecer; e que *Portugal* será salvo das suas maquinações horriveis, sustentando o Ceo por dilatados annos na Posse da Sua Herança hum Rei tão Piedoso, e tão Amavel, protegendo-O contra os seus, e nossos inimigos, que verá humilhados a Seus Pés; e que os Portuguezes, desfeita a tormenta da mais infame guerra, gozaremos á Sua Sombra dias pacificos, e venturosos. Tiverão ranger de dentes os Revolucionarios com a leitura d'esta predicção de Sua Eminencia, que está fundada na sua alta Sabedoria, além da Misericordia, com que o Ceo tem protegido sempre todas as emprezas dos Christãos Portuguezes. Sim; ainda que huma commoção geral tem abalado todos os Estados das Nações mais cultas, e civilisadas; ainda que huma nuvem medonha carregada de raios está cerrando todos os Horizontes Europeos, ameaçando a tempestade mais horrorosa; ainda que o espirito turbulento da discordia, ou, para melhor dizer, da impiedade, tem protestado desorganizar todos os Povos, e todos os Governos, sem lhe ter escapado o Pastor Pacifico, e Chefe Supremo da Universal Igreja; todavia esperamos de Deos, *Auctor da Paz, e da Caridade*, que suspenda o flagello imminente de huma guerra geral, e devastadora, e que faça sahir segunda vez dos abysmos do cahos a ordem, e a harmonia, desconcerte os planos dos ímpios, e inspire aos Reis os mais Sanctos, e acertados conselhos. A paz, e a tranquillidade pública he o maior de todos os bens, com que podem felicitar os Povos, mas hum bem, que o Mundo não quer, nem he capaz de dar; he hum dom, que só pode vir dos Ceos. Mas como se poderá este esperar, ou como será possivel que acabe a guerra entre os homens, em quanto esta se fizer contra Deos? Desterre-se da face da Terra esta raça incrédula, ignorante, blasfema, inimiga implacavel do Genero Humano, que não trabalha senão por desviar as creaturas do reconhecimento, e da dependencia do Creador; para quem as verdades mais importantes, e mais bem estabelecidas são objecto de irrisão; e que por isso mesmo, que presume saber tudo, nada sabe. *Proteja-se o Evangelho, e seja este*

a regra de todos os Governos, abracem-se as suas Maximas, e a sua Doutrina Celestial, e seja olhado com horror todo aquelle, que a insultar; respeite-se a Sancta Igreja, e os seus Oraculos; e nós não cessaremos então d'entoar com os Anjos — *Gloria a Deos no Ceo, e na Terra paz aos homens.*

Eis a linguagem do Eminentissimo Cardeal Patriarcha! E não deve ser obedecido, respeitado, venerado, e amado por todos os seus Subditos? Merece os convicios, que lhe faz o Redactor da *Aurora?* Tem este Escriptor algum sentimento de Religião, de honra, de vergonha, e de civilidade? Não se mostra a si mesmo impudente, impio, discolo, e revolucionario? Ah! Se em tempo se houvesse feito com este, e com outros Escriptores de semelhante libré, o que a Lei, e a Justiça reclamavão, ou o que o Padre *Vieira* aconselhou no seu tempo! *Cante-lhe aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola; diga-lhe ditos o papagaio, mas na sua cadêa; vá com elles á caça o açor, mas nas suas piozes; faça-lhe bufonerias o bugio, mas no seu cepo.* Porem os Escriptores revolucionarios muito mais que isto merecem, e sobre todos elles o Redactor da *Aurora*, que hoje entre os Escriptores da impiedade he o *Porta-Bandeira.*

Seu odio, e rancor não atirão sómente ao Eminentissimo Cardeal Patriarcha, tambem a todos os Senhores Bispos de *Portugal*, não só aos que já estavão instituidos no Reinado do Senhor Dom João VI, mas principalmente aos que fôrão creados no presente Reinado do Senhor Dom Miguel I, e entre estes ao Excellentissimo Arcebispo d'Evora com particular furor, insolencia, e raiva, de maneira que na linguagem dos Revolucionarios todos os Bispos de *Portugal* são desprezados, desacatados, e desobedecidos. E não são os Revolucionarios verdadeiramente ovelhas desgarradas do Rebanho Catholico, sem Pastor, sem Cabeça, Scismaticos, e não-Conformistas Politicos, e Religiosos, Protestantes não só das Leis Fundamentaes da Monarchia, como das Leis Ecclesiasticas? Não são todos elles contra Jesus Christo? *Qui non est mecum, contra me est.* Não rasgão elles a Unidade da Igreja Catholica, pois que não ha unidade, onde ha desobediencia, onde não ha subordinação, e elles de certo não obedecem aos Prelados da Igreja, não os respeitão, não os venerão? Que outra cousa quer

dizer essa diffamação de todos os Bispos senão huma formal rebellião contra elles, hum formal desprezo, hum Scisma formal? E depois d'isto podem increpar-me alguns *Sanctinhos*, e *Sanctinhas dos escrupulos*, ou me increpão com razão de haver levantado a minha voz no Pulpito, dizendo que os Constitucionaes de *Portugal* são, ou por malicia, ou por ignorancia, ímpios, scismaticos, inimigos da Igreja, perseguidores do Christianismo, e pela maior parte Pedreiros Livres; e que o Principe, a quem elles abonão, he outro tal como elles? Mas o rabo da *Aurora*, o Padre *Frei Manoel*, fará a minha apologia, ou a demonstração d'esta minha doutrina. E porque tanto rancor, e tanta perseguição a todos os Bispos, e a quasi todo o Clero Secular, e Regular? Porque se não quer Igreja, não se quer Religião, não se quer Culto.

Porem contra quem mais arde o odio, contra quem mais se morde a inveja, espuma a ira, raiva a desesperação, grita furiosa a dôr, e desafoga sem nunca desafogar-se a vingança, he contra o Excellentissimo Arcebispo d'Evora! Chega a ousadia á *bestialidade* de o tractar de *ignorante!!!* Pois ignorante, o que dêo á luz tres Livros *sobre os preciosos Manuscriptos da Bibliotheca d'Alcobaça*, nos quaes tantos serviços fez á Literatura? Ignorante, o que escrevêo, e continúa a escrever a *Historia Chronologica, e Critica, para servir de continuação á Alcobaça Illustrada*, em que mostra ser hum gigante, sem que todavia mostre mais que o dedo? Ignorante, o que dêo á luz *os Manuscriptos da dicta Livraria d'Alcobaça*, mostrando quanto he versado no conhecimento dos caracteres dos antigos Seculos? Ignorante, o que publicou a *Vida de Sancto Antonio*, que se achava na mesma Livraria, fazendo-lhe em linguagem Portugueza huma optima versão, recheada de excellentes Notas Críticas? Ignorante, quem fez a *Defensa dos Jesuitas* por huma maneira a mais propria a desbaratar as mais bem forjadas calumnias dos seus inimigos? Ignorante, quem dêo aos Realistas o *Punhal Religioso, e Politico*, com que se devem defender das pérfidas manobras dos Constitucionaes? Ignorante, quem ensinou aos Christãos Portuguezes *a Contra-Mina*, com que se devem guarecer de todas as insidiosas armadilhas da Facção Maçonica? Ignorante, quem....? Que outro Escriptor produzio este Seculo, que désse tanta gloria ás Letras, ou que por

ellas fizesse tantos serviços ao Altar, ao Throno, e ao Estado? *Lucerna lucens, et ardens — Os populi meruit, et cedro digna loquutus — Nan norunt hæc monumenta mori.* Não houve, nem ha, nem haverá em *Portugal* outro Escriptor, que lhe faça sombra, devendo eu applicar-lhe na minha Lingua nativa a seguinte composição metrica traduzida de huns Hexametros de Lucano.

Guarda en el campo améno una alta encina,
Despojos, i preséas, i aunque empieza
A doblar-se, su peso no la inclina,
Pues no padece su raiz flaqueza;
Desnudo ramo esparce al viento ronco,
Sombra no hacen las hojas, sino el tronco:
I aunque amenaza caida ruidosa
Al impulso veloz de aura suave,
I á su contorno robustez vistosa,
Por verde amenidad selva se alabe,
La encina por si sola ser intente,
Venerada en obsequio reverente.

Mas de que provém este brutal odio dos Constitucionaes ao Excellentissimo Arcebispo d'Evora? Será somente do seu grande saber, e de suas grandes virtudes? Será da sua inabalavel firmeza de caracter na defensão do Altar, e do Throno? De todas essas cousas; mas eu aponto hum motivo especialissimo: de aquelle Real Decreto de 30 de Agosto do corrente anno, em que o Nosso Piedosissimo Soberano o Senhor Dom MIGUEL I *sendo informado, e estando bem certo do louvavel zelo, e grande proveito dos Povos, com que os virtuosos Padres da Companhia de Jesus, restituidos pelo Sancto Padre Pio VII se tem desveladamente empregado na Russia, e nos mais Estados, aonde forão de novo admittidos, na boa Educação, e Instrucção da Mocidade, e em annunciar a Palavra de Deos aos Fieis, e administrar-lhes os Sacramentos; e convindo especialmente quando a impiedade, e a desmoralisação tanto procurão fazer progressos, como desgraçadamente acontece nos tempos actuaes, pôrem-se em prática todos os meios possiveis para lhes resistir, hum dos quaes he sem dúvida o authorisarem, e auxiliarem os Soberanos com o seu Poder Temporal ESTES DIGNOS DEFENSORES da Religião,*

e da boa Moral..... por todas estas considerações foi servido de os admittir, authorisar, e restituir em Portugal. Ora eis o motivo principal do odio ferino dos Constitucionaes ao Excellentissimo Arcebispo d'Evora; mas a Alta Jerarchia, em que está esta preciosa Columna da Igreja, e do Throno, me véda dizer nem mais huma palavra a este respeito; porque os Revolucionarios envenenarião o muito, que tinha a dizer o meu amor, meu respeito, e minha veneração a hum Prelado, que, antes que fosse elevado, era conhecido, e admirado em toda a Peninsula. Silencio pois.

O Systema nobre, e religioso de defender os Jesuitas he na actualidade tão grande, e honroso como o da Defeza de Portugal; elle franqueará a entrada no Templo da Gloria ao Escriptor, que de boa fé defender esta Corporação, para a destruição da qual se praticárão os mais portentosos esforços, com a qual destruição o Mundo tem soffrido infinitos, e horrorosos flagellos. Em sua Defeza hum *Pharmocopola* Lisbonense m'enviou duas perguntas á Aldêa de Rebordosa: 1.ª *Porque razão os Pedreiros Livres, e todos os Malhados tremem, bramão, rangem os dentes, e se lhes géla o sangue sómente a ouvir fallar em Jesuitas?* 2.ª *Porque muitos, que se dizem Realistas, sentem como os Pedreiros iguaes symptomas?* Ora ainda que eu estou decidido a perder tudo, antes do que capitular com as doutrinas Liberaes, pois cada vez mais, e mais aborreço as innovações, e os que transigem com ellas, todavia julguei-me desobrigado de responder *por ora* a hum Boticario, que foi apedrejado pelos malhados, sem que nem por isso lhe désem o nome de *Estevão;* pois ao mesmo tempo que recebi a sua Letra, recebi tambem outra, e n'esta vinha hum embrulho de chumbo com dóse de morte, a que não podia valer a triaga do outro: já quiz Deos que aquelle conspirador contra a minha vida, e que tantas vezes, e em público me jurou pela pelle, e tudo isto por causa de huns quartilhos de vinho, já fallecesse: Deos lhe perdoasse, como eu lhe perdôo, e lho pedi já. Estou livre de hum *Zé;* do outro ainda não: *sed Deus providebit.* Ora se eu quizesse responder ao *apedrejado*, fazia-o em duas palavras: á 1.ª Porque Pedreiros, e Jesuitas não podem triumfar ao mesmo tempo, e existindo os Jesuitas, no fim da presente geração não ha hum Pedreiro para huma mézinha: á 2.ª Porque esses chamados Realistas não se alimentárão senão de borrachos,

que são huns pequenos pombos de poucas plumas, que se tirão do pombal para servir de iguaria a pessoas de exquisitices. Mas sobre isto ha muito a dizer.

Era consequente no systema de diffamação geral, que adoptou o Redactor da *Aurora* com todos os seus Socios para minar o Edificio Politico, e Moral Portuguez, que depois de invectivar os Prelados da Igreja, e a quasi todo o Clero Secular, e Regular, carregando-os dos nomes mais odiosos, e mais avillantes, fosse tambem insultado, e injuriado com os mesmos o Excellentissimo Ministro d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça. Merecem com effeito esses Escriptores derrancados, que se lhes approprie aquelle Epigramma, que traduzido do Grego para o Latim diz assim — *Si meus ad solem statuatur nasus hianti — Ore, bene ostendit dentibus hora quota est.* Está o Throno do Senhor Dom Miguel sustentado fortemente pela Religião — *Basis, et fundamentum Reipublicæ religio* — (Lips. de Relig. Christ. C. 2.) e pela Justiça — *Justitia firmatur solium* — (Proverb. C. 16. ℣. 2) e forcejão os Revolucionarios por aluir estas bases do Altar, e da Monarchia; e por essa razão todos os prélos revolucionarios suão em sarcasmos, e injurias contra o digno Ministro, que as sustenta. O valoroso impulso, que elle tem dado, e continúa dando, a toda a Nação, ao Exercito, e especialmente ao Clero, e á Magistratura, duas mólas principaes do movimento do Estado, como se deixa vêr na *Parte Official*, que lhe diz respeito, inserida na Gazeta; valoroso impulso, que aos fracos fortalece, aos duvidosos anima, aos fortes confirma, e a todos contém nos seus deveres; valoroso impulso, que faz pôr aos pés do Throno a fazenda, os interesses, o coração, o sangue, e a vida de todos os Portuguezes; que a todos inspira animo, e confiança nas mais medonhas oscillações do Estado, a todos empenha no exercicio, e desempenho dos deveres de Christão, e de Vassallo, a todos marca a justa, e intransivel linha dos seus direitos, e obrigações, a todos engaja, e affouta para a defeza do Altar, do Throno, e da Patria; este impulso universal he a causa do encarniçado odio, que lhe tem votado todos os inimigos da Monarchia: marchando sempre este digno Ministro pela mesma estrada, e do mesmo passo, sem declinar, nem para a direita, nem para a esquerda, sempre consequente, nunca precipitado, attendendo, a respeito de Deos,

á culpa; a respeito dos homens, á fama; a respeito de si mesmo, á propria dignidade; he o terror dos máos, e o alento dos bons; aquelles não o podem tragar; estes não o podem deixar; fervoroso na salvação da Monarchia, reflexivo na sua direcção, assiduo, e infatigavel no trabalho, urbano, affavel, e soffredor para com todos, Pensador no desenvolvimento das complicadas ramificações da Justiça, só tem por seus inimigos os inimigos de *Portugal*, e por seus amigos, os que desempenhão seus deveres com a Patria: d'elle só ralhão os malhados; a elle só louvão os Realistas, até nós mesmos os *Emigrados*, que passâmos por intolerantes, mal contentes, rigoristas, e Ultras: mas este louvôr parecerá muito, sendo elle muito pouco para o muito, que os Revolucionarios o diffamão. Todavia entrego-me ao silencio pelos motivos, que logo direi, concluindo em defeza do Excellentissimo *Castro do Rio* contra o Redactor da *Aurora* com estes Versos do Poeta *Claudiano*.

Quæ sparguntur in omnes, virtus, litteræ, et ortus
In te missa fluunt, pluraque solus habes.

A tal extremo de maledicencia chegou a perversidade dos inimigos do Senhor Dom Miguel, assim dos (poucos) Nacionaes, como dos Estrangeiros, que dizem, que os Escriptores, que pugnão em favor dos seus incontestaveis Direitos, e da Independencia do Throno, e da Patria tem sido assalariados pelo seu Governo, ou alliciados com esperança de premios. Quando taes calumnias li, quando até se me disse isto mesmo nas minhas bochechas, citando-me por exemplos alguns Escriptores elevados a Altas Dignidades, sendo que já d'antes da morte do Senhor Dom João VI esses grandes homens erão conhecidos, e celebrados em *Portugal* pelas suas producções literarias, e pelos seus talentos, e virtudes, confesso que desejei arrumar a penna, e dar com o tinteiro na cara a hum Portuguez, e a hum Inglez, que se atrevêrão na minha presença a vilipendiar, e a denegrir a nobre, franca, e magestosa Conducta do Governo do meu Rei, e a espontaneidade d'alma, a ingenuidade, e o brio dos Portuguezes eruditos, que lançárão mão da penna para defender o Altar, e o Throno, cada hum pelo modo, e fórma, que entendêo, e pôde. Assalariados os Escriptores Realistas? He impudencia, a que se

não póde responder com a penna, mas com o páo. Premiados? Ullos? Não vejo. Quererião os Revolucionarios que o Governo lançasse mão dos seus inimigos para os Empregos mais ponderosos da Igreja, e do Estado? Mas supponha-se que as Letras tivessem sido premiadas por essa só consideração: isso mostraria, não que o Governo era parcial, mas que era Justo, e Sabio; pois que as Letras sem premio immudecem, como hum Poeta cantou do Cisne.

Nido real, pasto dulce, aura suave
Desea el Cisne, i no se vá al Parnaso
Afanando miserias; pues quien sabe
Que siempre su destino le impobrece
Ronco está, pierde el canto, i emmudece.

Eu mesmo que tenho escripto não pouco, e manuscripto infinitamente mais, consideraria pela mais baixa, mais vil, e mais infame degradação do meu nome, se a minha alma cahisse em outra tentação, que a de conservar a subsistencia da sua pousada, á qual todo o vivente, ou racional, ou irracional, tem jus até á morte, segundo os seus respectivos destinos, e classe: hum Parocho de mais, ou de menos, porque *magis, et minus non mutant speciem*, dizem os Escholasticos: toda a minha ambição nestes Escriptos he repellir os inimigos do Altar, e do Throno: sabem muitas pessoas de Representação, que meus desejos não ultrapassão a minha classe. Cessem pois de mentir os Revolucionarios, porque hei de os desmentir sempre por escripto, e por obras. Eu não levantei a minha voz em defeza do Altar, e do Throno *sómente depois da morte do Senhor Dom João VI*, como me argue, e a outros Oradores, o sempre mentiroso o Redactor da *Aurora:* em nenhum tempo me arrebatei com mais ardor contra os inimigos da Monarchia Religiosa, e Absoluta de *Portugal* como depois da expatriação do Senhor Dom Miguel; que o testemunhe o *Tubarão de Rendufe* nas immensas accusações, que recebêo contra mim n'esse tempo: estas são cousas públicas a milhares de pessoas, para que insista mais sobre este ridiculo negocio: tenho sempre de costume o fallar, quando os mais se callão, e o não temer, quando os outros temem: agora mesmo, que ao parecer toda a *Europa* está em grandes cuidados, he quando eu não tenho algum: havemos de

vencer, quando os inimigos menos o pensarem: eu não temo de certas Nações, quando estão em guerra, temo, quando dizem que estão em paz.

Ora desaggravados por esta fórma os Senhores Bispos de *Portugal*, e o Clero das grosseiras injúrias, que lhes faz o Redactor da *Aurora* com gravissima injúria da Sancta Religião, desaggravado tambem o digno Ministro dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça das mesmas torpes diatribes, e eu mesmo com todos os outros Escriptores Realistas desaggravado das invectivas improvadas d'este miseravel *faranduleiro*, e *bandalho*, vou ao *rabo da Aurora*, ao novo monstro da Revolução o Padre *Frei Manoel dos grillos*: assim de huma vez *concluir-se-ha* o desaggravo da Sancta Religião.

Portuguezes! Os Rebeldes nossos inimigos são os homens mais abjectos, mais despreziveis, e mais ridiculos do Mundo inteiro: aleivosos, vís, infames, sem algum sentimento de honra, de pejo, de vergonha, e de temor de Deos deshonrão a Patria, em que nascêrão! Eia pois combatamo-los, destruamo-los, dissipemo-los; sejão o seu nome, e a sua memoria votados á execração, e ao opprobrio! Odio eterno aos inimigos da nossa Religião, do nosso Rei, o Senhor Dom Miguel, e da nossa Patria! Morrão ás mãos da mais inflexivel Justiça, se não querem entregar-se nas mãos da mais flexivel Clemencia! Ou obedeção ao Grande Rei, a quem nós obedecemos, ou pereção, antes que sobre nós prolonguem tantos males, que lhes não merecemos! Portuguezes! Vamos a elles!

Lisboa 20 de Dezembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 91.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣. 15. Portuguezes! Vós todos pugnastes com hum estremado denodo, invejado de todos os Povos, e admirado por todas as Nações, contra os mais formidaveis Exercitos de *Buonaparte*. Batalhastes, e vencestes! Vós todos, depois do regresso do Grande, e Incomparavel Rei, o Senhor Dom MIGUEL I a estes Reinos, déstes as demonstrações mais patentes de existir em vossos peitos aquelle valôr, aquelles brios, com que vossos Antepassados conseguírão sempre conservar a Monarchia, a Honra, e a Independencia. (Linguagem Real em 11 de Julho de 1832.) Portuguezes! Desmentireis vós as esperanças de toda a Europa Monarchica? A Europa Occidental em vós se salva. Chegastes, verdade he, a extremos, a que não pensaveis chegar! Parecia impossivel que hum só homem enganasse a todos, como he impossivel que todos se conspirem em enganar a alguem! Mas como as cousas sahírão, como ninguem esperava, certo he que vós fostes enganados, e alguem o enganador! Porem vençais vós! ElRei quer vencer os seus inimigos, não só por Elle, mas tambem por amôr de vós, porque mais quer Reinar por amôr de vós, que por amôr de Si mesmo! Portuguezes! O Senhor Dom MIGUEL he summamente Bom, e na sua Bondade nem seus mesmos

inimigos se atrevem a pôr defeitos! Certamente em *Portugal* não tem havido, nem haverá Rei, que em Virtude, em Bondade, e em Docilidade possa comparar-se ao Senhor Dom Miguel! A Maçonaria certamente he tambem grande, e não houve, nem haverá tempo, em que possa comparar-se á do actual Seculo! Ella affecta-se Realista, e Catholica, e nada menos he do que isso! Vós o sabeis, vós o soffreis, vós o experimentais! Os Mações são como *Judas*; com o osculo da paz atraiçôão aquelles, a quem mais devem ser obrigados! Mas o Ceo castigou a *Judas* por enganador, fementido, e trahidor; o mesmo Ceo castigará tambem os enganadores, os embusteiros, e os impostores! Portuguezes Christãos! Vós conheceis os vossos inimigos! A *Europa* Catholica, Monarchica, e Realista os conhece tambem, e deseja que os enganos se evitem, e os enganadores desappareção! Mas isto he de Deos! Reconhecei, e adorai a sua Mão, e sêde certos que, como vós defendeis a Causa da Religião, e da Igreja, sereis protegidos, sereis a final vencedores! Não tremais do *Porto*, porque esta he a Cidade, que Deos tem decretado castigar, e seus castigos já são visiveis! Tremei antes, se os Christãos Portuguezes são capazes de tremer, dos trahidores, dos enganadores, dos fementidos! Vós já os conheceis, mas ha entre vós valentes, que se atrevem a combatê-los, e a mostrá-los! Trahidores são todos os Maçons! Mas a Monarchia Portugueza não será Maçonica jámais, porque Deos estabelecêo este Reino para si, para que nelle se guarde sempre o seu Culto, e a sua Fé! Portuguezes! Poderemos ser perseguidos pelos nossos peccados; mas vencidos nunca, porque a Misericordia de Deos he por nós! Poderáõ os trahidores prolongar os nossos males; mas não podem levá-los até á ultima consummação, porque Deos tolera os enganadores, porem não os protege, antes os castiga, e humilha no tempo decretado! Portuguezes! Fé!! Alento!?!

Desaggravo da Sancta Religião.

Parece que Deos quer inclinar os Ceos, e avisinhar-se mais á Terra, para castigar seus habitadores! *Debaixo dos pés traz hum remoinho de nuvens negras, escuras, e caliginosas; das ventas lhe sahem fumos espessos de ira, de in-*

dignação, de furor; da bôcca, como de fornalha ardente, exhala hum volcão de fogo tragador, que tudo accende em brazas, e converte em carvões; atrôa os ouvidos attonitos com os brados medonhos da sua voz, que são os trovões: céga a vista com o fuzilar dos relampagos alternadamente accezos, abrindo-se, e tornando-se a cerrar o Ceo, temerosamente fendido: dispara finalmente as suas settas, que são os raios, e coriscos: abalão-se os montes, retumbão os valles, affundão-se até aos abysmos os mares, descobre-se o centro da terra, e apparecem revoltos os fundamentos do Mundo... He huma bella *prosopopeia* tomada da Sancta Escriptura pelo grande Padre *Vieira*, para fazer mais sensivel a grandeza da ira de Deos no fim do Mundo. *Vieira* foi *Jesuita*, e os *Jesuitas* são os meus Mestres, e o serão d'ora em diante dos Portuguezes Christãos. Prouvera a Deos que nunca tivessem deixado de o ser. Quando se fulminou a sua abolição em *Portugal*, quando em *Portugal* fôrão lançados os alicerses á Maçonaria, *toldou-se o Ceo, bramirão os ventos, escurecêrão-se, e accendêrão-se as nuvens, tudo relampagos, tudo trovões, tudo raios; eu não improviso; Lisboa treméo, e foi sepultada debaixo das ruinas dos seus edificios, e ainda hoje parece que o mesmo mar lhe está lançando em rosto o soffrimento de tamanho escandalo, e que as ondas, com que escumando de ira, batem ás suas praias, são brados, com que lhe está dizendo as mesmas injurias, que antigamente á Sidonia.* He ainda huma pintura do mesmo eloquentissimo Padre, a qual vem muito ao meu proposito: nem os *Diogenes*, que, mettidos em cubas, zombavão dos *Alexandres*, soltem seus risos amarellos sobre estas idéas, sendo incontestavel que em *Portugal*, depois da expulsão dos *Jesuitas*, e do estabelecimento *in occultis* da Maçonaria, todas as cousas tem ido de mal para peior, sem que se conheça quando estes males acabarão: mas a Defeza dos Jesuitas não está, *ao menos por ora*, a meu cargo, nem este he hoje o meu proposito. O que eu quero dizer he que me parece estar mui proximo o fim do Mundo, do qual, ainda que nenhum mortal sabe o *quando certo*, pode todavia predizê-lo — *modo humano* — calculando pelos antecedentes, que estão annunciados no Evangelho, e nas Escripturas; e assim o predisserão muitos Sanctos Oradores, e muitos Escriptores judiciosos, bem que se en-

ganárão no tempo, como que erão homens. *Lactancio Firmiano*, o Cicero Christão, que vivêo no quarto Seculo, se mal me não lembro, tambem marcou o tempo do fim do Mundo, e se enganou. Agora de quem ainda se não sabe, se tambem se enganou, he de hum Escriptor do Seculo passado, que eu li, quando não tinha barbas, e tornei a lêr, quando tinha meia barba, mas o nome passou-se-me; o qual julgava pelos cálculos, que adoptára, que o Mundo dava fim no anno de 1868. Como este anno ainda não passou, não sabemos o certo; mas os annos antecedentes, que já temos vivido, o de 1832, annuncião ao parecer a certeza d'aquella predicção, segundo os signaes marcados nas Sagradas Letras, os quaes, a meu vêr, nunca fôrão tão evidentes como nestes nossos dias. *Terremotos* houve, e de grande calibre: a mesma Hespanha, que era privilegiada, os soffrêo, sendo a primeira sua Terra, que os experimentou, aquella, em que se dêo o primeiro grito a favôr da Constituição. *Pestes* houve, que farte, e a *Chólera-morbus* mettêo nas entranhas da Terra muitos milhões de seus habitadores. *Guerras*, não ha que fallar, porque, se Deos veio ao Mundo, quando todo elle estava composto em paz — *toto orbe terrarum in pace composito* —, e se Deos ha de vir segunda vez ao Mundo, quando todo elle estiver descomposto em guerra, pode ir-se chegando, porque todo o Mundo vai estar nesses termos de ser *visitado em furor, e vingança:* agora não são os *Godos*, ou os *Vandalos*, ou os *Ismaelitas*, ou os *Agarenos*, ou os *Barbaros*, ou huns Reis contra outros, ou as Nações humas com outras, que de todas essas cousas tem havido no Mundo em todos os Seculos, mais, ou menos: agora são os Reis contra os Povos, e os Povos contra os Reis; os Povos contra os Governos, e os Governos contra os Povos; Povos contra Povos, Governos contra Governos, *todos contra todos!* Este he hum signal demasiadamente claro, e todavia não he o mais terrivel, porque vingão-se por instincto natural as feras na terra, vingão-se as aves no ar, vinga-se a mansidão dos animaes domesticos, e vinga-se, e cabe ira em huma formiga; e não he d'estranhar que se vinguem tambem todos aquelles, que não seguem a Jesus Christo pacientissimo, mansissimo, e piedosissimo; *zune* a abelha, e o mosquito; *múge* o boi; *ruge* o leão, *méa* o gato; *uiva* o lobo; *gru-*

nhe o porco; *bala* a ovelha; *brama* o elefante; *cucurica* o gallo; *cacareja* a gallinha; assobia o melro; *silva* a cobra; *grasna* o pato; *range* o morcego; *grilla* o grillo; *gralhão* as gralhas; *chião* as toupeiras; *trincão* os dentes; *esbombardeão* os canhões; *fuzilão* as armas de fogo; *trapezapeão* as espadas; *zas-zaszeião* os páos, e não he de admirar que os homens, depois que se esquecêrão de que erão racionaes, *fuzilem*, *esbombardeem*, *trinquem*, *chiem*, *gralhem*, *grillem*, *ranjão*, *gramem*, *silvem*, *assobiem*, *cacarejem*, *cucuriquem*, *bramem*, *balem*, *grunhão*, *uivem*, *rujão*, *mujão*, e *zunão* huns contra outros, como animaes sem razão, que não seguem senão os movimentos da natureza animal, *como fontes sem agua*, *como nuvens agitadas dos turbilhões dos ventos*; obrão segundo os movimentos, que as suas paixões lhes dão, desprezão toda a dominação, são atrevidos, e se namorão de si mesmos; atacão pelas suas blasfemias o mesmo, que ignorão; zombão da Doutrina Sancta; collocão a sua felicidade nos prazeres dos brutos; entregão-se a todos os excessos da gula, e da luxuria; applicão-se a todos os artificios da avareza, para corromperem os seus semelhantes; fazem discursos cheios de loucura, e de insolencia, para attrahirem pelos deleites sensuaes os outros homens; promettem a todos a liberdade, sendo elles todos escravos da corrupção; e todos estes insensatos, contaminados, impuros, doutores falsos, introductores de perniciosas seitas, seductores da especie humana, que fazem dos homens incautos huma especie de negocio, nascêrão, para serem a prêza dos outros homens; para perecerem nas infamias, em que andão engolfados; para morrerem ás mãos de quem não dorme; para serem punidos em hum *dia de reserva*, em que receberão a paga de todas as suas maldades. Já aqui vinha o *rabo da Aurora*, mas carece de ser mais descoberto.

O mal mais terrivel, que parece annunciar mais claramente o fim do Mundo, são esses *Pseudo-Christos*, e *Pseudo-Profetas*, que vão enganando o Mundo; a saber, os Povos, e os Reis, e até enganarião os mesmos *escolhidos* de Deos, se Deos não reservasse para si huma porção Sancta, e incorruptivel: o mais terrivel de todos os males he o vêr-se que a Doutrina Christã he mais necessaria nos *Paços*, que nas Praças; nos *Estrados*, que nas Estradas; he

se vêr-se que em muitas partes o *Navio da Impiedade* toma porto á porta dos Reis, como se estes fossem seus donos; he o vêr-se que o mesmo *lustre dos Illustres* lhes tira o temor de Deos, e do Rei, e os enche, ou incha de impunidade; e que os que devião ter maior liberdade, e constancia, são os que mais medo tem de fiar seus justos votos, e conselhos das riscas, e dos riscos do papel; he o vêr-se que, ordenando o Evangelho a reforma dos vicios, cada dia mais, em vez de se vêr a emenda, e a reformação, continuão, e augmentão as mesmas deformidades: he o vêr-se que quasi todos os Christãos estamos, como as gentes do diluvio, *com as mãos nos ramos das arvores*, ou com os ramos das arvores nas mãos, sem nunca chegarmos ao tronco da arvore da vida; he o vêr-se que muitos homens antes querem trazer na cabeça, o que os touros trazem, que trazer juizo, e intelligencia; he o vêr-se que de tanto sangue tantas vezes, e por tantos modos derramado em defeza dos Principes, e dos Paizes Catholicos, não se tirou huma excellencia, huma vantagem, huma prerogativa, ou ao menos alguma differença, pela qual, os que valorosamente soffrêrão tantos perigos de vida, venhão a ser estimados, honrados, e venerados com mais particular estima, com mais particular amor, com mais particular affecto; he o vêr-se a necessidade, que ha, depois de tantos trabalhos pela Igreja, de insistir sempre na mesma fadiga, tornando a trabalhar o já trabalhado, e a plantar o já plantado, e a ensinar o já ensinado, tendo-se já passado tantas Primaveras pela Igreja, não matando já a sêde dos homens nem as vides, nem as fontes, nem seu proprio sangue com tanta abundancia tirado; he o vêr-se que já muitas vezes os bons voltão as costas, fogem, vão-se, e de cançados, ou antes de desesperados, se deixão, e nos deixão, se perdem, e nos perdem; he o vêr-se que tantas desigualdades levantão a huns, abatem a outros, e de todos perdem a opinião, porque *por más que la mona se vista de seda, mona se queda;* he o verem-se em muitas partes perseguidos, fugitivos, desterrados, e banidos a homens sempre leaes, sempre fieis, sempre veneradores da sua Religião, do seu Rei, e da sua Patria; he o vêr-se o louco empenho de salvar a Igreja, e o Estado por mão de Commandantes, que fazem cruel guerra aos seus Soldados, vendendo aos inimigos os mantimen-

tos, as munições, os petrechos, as armas, e todos os recursos da guerra; he vêr-se como muitos inimigos do Altar, e do Throno, batendo á sua porta principal, e tambem á travessa, batendo com a mão fechada, e tambem com a mão aberta, sóbem aos Postos pelos cabellos, e não com as forças de *Sansão*, senão com os favores de *Dalila;* e com a voz conhecida de *Jacob* levão a benção de *Esaú*, e não com as *luvas* calçadas, senão *dadas*, ou promettidas; alimpando-se da lepra, não como *Naaman Syro* com as aguas do *Jordão*, mas com as do *rio da prata;* he o vêr-se tanta facilidade em descer, e tanta difficuldade em subir, tantos obrando por inveja, não por zelo da Justiça, tantos inimigos dos ladrões, para roubarem elles sós; tantos pertendentes subindo montes, e descendo valles por alcançarem as suas pertenções; e, depois de terem chegado aos seus destinos, tornando a pertender outra vez; tantos desgostos, tantas discordias, tantas parcialidades, tantas divisões, tantas confusões, tantas desordens, tantas guerras, mais que civís; he o vêr-se tantos Prelados, Sacerdotes, e Superiores, que curão das almas dos seus Subditos, e elles mesmos tem enfermas as suas; tantos Governadores, e Magistrados, que guião, e encaminhão os Povos, e elles mesmos se desgovernão, e descaminhão; tantos Conselheiros, que dão conselhos aos outros, e elles mesmos perdidos, e desaconselhados; tantos Medicos, que tomão o pulso aos enfermos, arquêão as sobrancelhas com gestos de admiração, e fazem compasso com a cabeça aos golpes do mesmo pulso, e elles mesmos carecem de ser visitados, pulsados, e curados; tantos cégos, tão cégos, que não apalpão com as mãos, que só, despendendo hum homem menos, do que póde, póde conservar, o que póde; o mais terrivel de todos os signaes precursores do fim do Mundo he...: mas isto he cousa de nunca acabar; as descripções antecedentes tomadas pela maior parte do grande Padre *Vieira*, explicão debaixo de diversas figuras rhetoricas o fim, para onde m'encaminho; o fim do Mundo; mas eu o digo na minha linguagem.

O mais terrivel de todos os males, o signal mais claro, e mais terrivel de todos os signaes, que precederão o fim do Mundo, he o vêr a alguns Principes lançarem mão do Thuribulo Sagrado, e não vêr *Aarões*, que lho prohibão; os *Leovigildos* matarem aos *Hermenegildos* por con-

selhos de ímpios, conhecendo-os, mas não tendo valôr de os affastar do seu lado; desertores da Igreja, e todavia querendo servir na Igreja; he vêr os *robustos de Israel*, homens agigantados, *tosquiados os cabellos, cavados os olhos, e correndo sangue, atados dentro em hum carcere a duas fortes cadéas andarem moendo em huma atafona;* he vêr tantos filhos de *Levi*, que ainda se contão no número dos vivos, *descórados, pallidos, macilentos, mirrados, as faces sumidas, os olhos encovados, as sobrancelhas cahidas, as cabeças derrubadas para a terra, e a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, e diminuida de serem todos os dias insultados com a pergunta de — Que he do vosso Deos?* he vêr as almas remidas com o Sangue de Christo, entregues aos Principes, perderem-se, e irem-se ao inferno por culpa d'elles; he vêr este espirito quasi universal de indifferentismo pela Religião Catholica espalhado nos mesmos Paizes Catholicos, confundindo a Jesus Christo com Belial, a luz com as trévas, as cousas Divinas com as humanas; he vêr *mal amalgamados* os Direitos, e os Deveres do Sacerdocio, e do Imperio, *fazendo-se muitas vezes mais, do que se póde, e outras muitas fazendo-se menos, do que se póde;* he vêr o Scepticismo Religioso, e Politico revoltando as cabeças dos homens, não acertando jámais, no que pertendem; he vêr a impiedade, o erro, e a discordia ter ateado as suas chammas por todo o Universo, e todo elle ardendo, sem sentir-se; he vêr o engano, e a mentira, que se parece com a trahição, ter-se apossado de todos, ou de quasi todos os Conselheiros dos Principes, levando a estes como pela mão para o caminho da sua perdição, e da perdição dos seus Povos, aconselhando-os a fazerem, o que nunca deve fazer-se; a fazer hoje, o que devêra estar feito, ha muito; a darem remedio aos males, que já por muito medrados não tem outro remedio, que o dos desesperados, parecendo verificar-se n'estes dias, o que se lê no 3.° Liv. dos Reis C. 22 ý 23 — *Ecce dedit Dominus spiritum mendacii in ore omnium Prophetarum... — Eis que Deos pôz o espirito do engano na bôca de todos os Profetas;* he vêr endurecidos, e enganados a tantos *Faraós*, e *Achabs*, obrando como embriagados, sem saberem onde tem as cabeças, depois de terem visto ao verdugo passar o cutélo pela garganta de seus antecessores, subindo elles ao mesmo

Theatro, sem darem attenção, aos que os avisão dos perigos, parecendo serem estes os tempos, em que Deos *engana, e treslouca o coração dos Principes*, como diz a Sancta Escriptura na Historia do Sancto *Job* — *Qui immutat cor principum, et decipit eos: et errare eos facit quasi ebrios;* he vêr a *machadinha á raiz da arvore*, e não se conhecer, não se sentir; a Sancta Igreja ameaçada por toda a parte da sua extincção, e dormir a somno solto como nos tempos da sua maior tranquillidade, sendo elles os da sua maior perseguição, o que póde demonstrar-se com mais evidencia, que o 3 vezes 3 fazer 9; pois que ainda disto ha quem duvída, dizendo que 3 vezes 3 faz 3-3-3; finalmente, para vir a *Portugal* (pois até aqui andei *in abstracto* por toda a parte, sobindo montes, descendo valles) o signal mais claro, e o mais terrivel de se ter avisinhado o fim do Mundo he o terem entrado *Ladrões* na Igreja, *Usurpadores* do seu Poder, e Jurisdicção, *Despresadores*, e *Perseguidores* dos Bispos, *Secularisadores* das Cousas Sanctas, *Profanadores* do Ministerio Ecclesiastico, *Introductores* de Scismas, de Discordias, e de Heresias, *Violadores* dos Sacramentos de Jesus Christo, e *Derramadores* do seu Sangue precioso!!!...

Novo monstro na Igreja de *Portugal*, que agora se vê, e que nunca se vio, nem ouvio, nem imaginóu, — o *Luthero Portuguez.* — Quem? Ahi vai o *rabo da Aurora.*

Frei Manoel de Sancta Ignez da Ordem dos Religiosos Reformados de Sancto Agostinho, Governador do Bispado do Porto, e interinamente do Arcebispado de Braga por nomeação de Sua Magestade Imperial o Senhor Duque de Bragança em Nome da Rainha Fidelissima a Senhora D. Maria II, etc.!!? = A todos os Subditos da nossa Jurisdicção Saude, e Paz em Nosso Senhor Jesus Christo!!!...

Este he o *cabeçalho*, ou cabeçada da Circular, que s'espalhou á roda do *Porto*, a qual transcreverei, para que os meus Leitores vejão a maior das impudencias, que jámais foi vista, nem lembrada: he a *maçã do escaravelho*, ou do *grillo;* cousa porca; mas este he o tempo das porcarias: agora cumpre examinar sériamente este *cabeçalho*, ou antes este inaudito monstro de impiedade, que, a aturar, he hum terrivel signal precursor das ultimas calami-

dades do Mundo; o resto será mais brincado, porque merece mais o desprezo, que a seriedade.

Cur me derelinquis Pater Sancte? He a primeira idéa, que se apresentou ao meu espirito, ao passar pelos olhos esta loucura, e irreligiosidade dos nossos dias. *Cur me derelinquis Pater Sancte? Porque me desamparais, Sanctissimo Padre?* Parece-me que a Nação Portugueza, tomando as palavras do Martyr S. *Lourenço* ao Sancto Padre, e Martyr *Xisto*, assim se queixa ao Summo Pontifice da Sancta Igreja de *Roma*. Em que tenho desmerecido, que assim me abandonais? Não tenho sido sempre fiel ás Tradições Apostolicas, aos vossos Preceitos, á Cadeira Suprema da Igreja?

O Nosso Rei, e Senhor Dom MIGUEL não he hum Soberano Catholico, addictissimo á Igreja, Protector, Defensor, e Conservador dos seus Canones, da sua Disciplina, das suas Instituições? Pois porque nos abandonais, Sanctissimo Padre? Vêdes o Lobo saltar no vosso Rebanho, e não o affugentais, ou ao menos não bradais, para que as Ovelhas se salvem? Assim tolerais males, que podeis evitar? Chamastes a vós as Causas maiores da Igreja, deixando as menores, e ordinarias aos Bispos, e agora abris mão da maior Causa da Igreja Portugueza? Vosso Legado, ou vosso Nuncio n'este Paiz terá só a Inspecção sobre Negocios de Frades, e Freiras, de Clerigos, e Fieis, Negocios que facilmente se decidem, julgão, e terminão sem tanto peso de Authoridade, bastando a Ordinaria dos Bispos, e a Extraordinaria, quando o caso urge, e o recurso he difficil! Porque nos abandonais, Beatissimo Padre? Ou ignorais talvez os gravissimos males da Igreja em *Portugal*? Excommungados Religiosos, e Politicos, Protestantes, e Scismaticos notorios, Pedreiros, e Athêos conhecidos, públicos, e visiveis profanadores de tudo, quanto ha de Sancto na Terra, expoliadores da Igreja, e dos paramentos Sagrados, despresadores das Sanctas Imagens, sacrilegos tocadores dos Vasos, que servem para os Mysterios Sacro-Sanctos, e, oh! horror! calcadores do mesmo adorabilissimo Sacramento o Corpo, e Sangue de Jesus Christo, que pela mais refinada de todas as hypocrisias fingem algumas vezes venerar: taes monstros, Beatissimo Padre, não animarão a vossa dextra dos poderosos raios da Igreja? Para

quando guardais os anathemas, os interdictos locaes, e pessoaes, a privação da sepultura Ecclesiastica, e a cessação á Divinis? *Cur nos derelinquis, Pater Sancte?* Mas isto não he ainda o peior. Vêde, Beatissimo Padre, por quem, e a quem foi incumbida a dispensação do Corpo do Senhor nos Templos da Cidade do *Porto:* hum Principe discolo, *sicut Ethnicus, et Publicanus*, entregue nas mãos de Conselheiros discolos, e ímpios, hum Principe sem missão legitima *in temporalibus*, e a quem Vós não reconheceis Rei dos Portuguezes *in spiritualibus;* D. Pedro, nomeando Governadores das Igrejas, que tem legitimos Pastores por Vós reconhecidos!!!!! Vós que vos chamais, e sois *Episcopus Episcoporum*, Bispo dos Bispos, não sabeis do despreso, e perseguição, que se faz a Vosso Irmão o Bispo da Igreja do *Porto*, destituindo-o, e substituindo-lhe hum *intruso* para governar as suas ovelhas? Não vêdes que se renova em *Portugal*, ou que paulatinamente se vai estabelecendo o *Seisma Anglicano?* Hum Principe, e, o que he de notar, sem alguma authoridade, pertendendo constituir-se *Cabeça* da Igreja Lusitana, não reconhecendo, antes despresando, e perseguindo a Authoridade Episcopal, a Authoridade dos Legitimos Bispos!!! Este facto publico, e notorio não merece ser declarado attentado, escandaloso, ímpio, temerario, e seismatico? *Cur nos derelinquis, Pater Sancte?* Hum Sacerdote acceitando a nomeação, que nelle faz hum Principe discolo, contra a legitima Authoridade do seu Bispo, exercendo Jurisdicção Ecclesiastica, e Espiritual, não sómente no fôro externo, como no fôro interno? Onde está a validade dos Sacramentos, a missão do Ceo? Os Sacerdotes obedecendo, e cumprindo o que lhes ordena hum *intruso*, quebrando a obediencia, que prometterão ao seu Bispo! Que he da validade das Confissões, da Sanctidade das Communhões, e da mesma validade dos Matrimonios! Sacerdotes sem jurisdicção, Pastores sem missão, Fieis sem união!!! Onde estão, repito, os anathemas, as suspensões, os interdictos locaes, e pessoaes, a privação de sepultura Ecclesiastica, a cessação *á Divinis?* Não devem ser anathematisados tanto o Sacerdote *intruso*, que acceita, e exerce huma nomeação illegitima, invalida, insubsistente, e attentatoria do Ministerio, e da Juri-dicção Episcopal, como os outros Sacerdotes *refractarios* da

obediencia ao Seu Bispo, que obedecem áquelle, que ministrão nas cousas Ecclesiasticas sem Poder Ecclesiastico, que dispen-ão o Corpo mystico, e real de Jesus Christo sem authorisação dos legitimos Delegados de Jesus Christo? Não he este hum verdadeiro Scisma, Scisma de Poder, e de Jurisdicção, Scisma de Ministerio, e de Sacramentos, Scisma de Crença, e de Doutrina? *Cur nos derelinquis, Pater Sancte?* Eia, Beatissimo Padre, levantai a Vossa Voz, pois sois ouvido pelos Christãos Portuguezes; declarai a Vossa Sentença sobre estes successos; não seja caso que os Fieis os julguem bons pelo Vosso silencio; não permittais que se perca o vosso rebanho — *Pasce oves-Confirma fratres:* — alentai com a Vossa Voz o Clero, e os Fieis de *Portugal.*

Não sem fundamento disse que, a estas cousas aturarem, he o signal mais duro, e mais terrivel, de que se vai chegando o fim do Mundo; pois que, se D. Pedro chegasse a occupar *Portugal*, nos Governadores, que elle nomearia em todos os Bispados, e no modo de os nomear, veriamos outros tantos *Pseudo-Christos*, e *Pseudo-Profetas*, que são os immediatos precursores do *Anti-Christo:* exemplo fatal, que sería seguido em toda a Peninsula, se a Revolução se generalisasse, e estabelecesse em toda ella, e n'esse caso os olhos dos Fieis sómente ao Ceo podião ser levantados, porque na terra nada mais haveria, que desordem, confusão, impiedade, e anarchia, ou *acefalía* Religiosa. Verdade he, que o *leme*, ou governalho da *Náo* da Igreja está no Bispo de *Roma* Successor do Principe dos Apostolos, e por Direito Divino Pastor da Igreja Universal; mas as taboas, as enxarcias, as vélas, as entenas, e as escotas d'esta Náo, quer-me parecer a mim, que em grande parte estão por cá na Peninsula Ecclesiastica *Luso-Hispana:* Conheço que ha Igrejas fóra da Romana, mas essas são *Igrejas quebradas*, e escavacadas, pedaços de Igreja, em que não ha verdadeira salvação, porque não ha verdadeiros Pastores, por mais, que os pintores, ou esculptores destes ultimos tempos lhes ondeem os cabellos, lhes alizem a testa, lhes rasguem os olhos, lhes afiem o nariz, lhes abrão a bôcca, lhes avultem as faces, lhes torneem o pescoço, lhes extendão as mãos, lhes dividão os dedos, e lhes lancem os vestidos, aqui despregando, alli arrugando,

acolá recamando; não são Bispos são *bispinhos*, são *bisbilhoteiros*; não são Pastores, são *pastoradouros*, são *pasteleiros*, obras dos homens, não de Deos; filhos das trevas, não da luz; enviados de Lucifer, não de Jesus Christo: são tanto Bispos, e Pastores como o he o Padre Frei *Manoel de Sancta Ignez*, o Faranduleiro Mór de todos os Ecclesiasticos de *Portugal*.

Estes males na Igreja Lusitana estão previstos, ha muito, se D. Pedro chegasse a consolidar as suas pertensões. Qual Bispo, qual Pastor deixaria de ser perseguido? E qual Bispo, qual Pastor deixaria de abandonar a residencia na sua Igreja? Pois este sería motivo sufficiente, além de outros já sabidos, para nomear Governadores nos Bispados, e nas Igrejas, como acaba de fazer no *Porto*, não faltando talvez Padres *Maneis* para todas essas cousas. He de admirar não só a audacia do Principe Brasileiro, em nomear Governador para o Bispado do *Porto*, e para o Arcebispado de *Braga*, não occupando elle senão a Cidade do *Porto*, e essa mesma não tranquillamente, nem com os seus suburbios; mas tambem a loucura, e impudencia escandalosa do Frade Faranduleiro, em acceitar huma tal nomeação para essas Dioceses occupadas pacificamente pelo Legitimo Rei de *Portugal*, o Senhor Dom Miguel I, e legitimamente governadas, huma pelo seu Bispo, outra pelo seu Vigario Capitular, eleito de *Corpore Capituli*, segundo a disposição do Sancto Concilio Tridentino.

Ora, pondo de parte a incompetencia de D. Pedro para taes nomeações, incompetencia *Espiritual*, segundo as Leis da Sancta Igreja, e incompetencia *temporal*, segundo as Leis Fundamentaes da Monarchia Portugueza, que o excluem visivelmente de Reinar, e de exercer o mais minimo Poder nos Dominios Portuguezes, não sendo, que se lhe queira conceder o mesmo Poder, que teve *Junot* n'estes Reinos; pondo outro sim de parte o escandalo, a temeridade, e o attentado de tal nomeação, não será inutil no presente caso examinar os fundamentos, que apparecem para a dita nomeação. Prescindindo pois da visivel, e notoria adhesão do Bispo do *Porto*, meu Excellentissimo Prelado, ao Throno, e á Augusta Pessoa do Senhor Dom Miguel, todo o fundamento apparente he o *haver este Virtuoso Prelado deixado de residir juncto á sua Igreja*.

Cathedral, ao que são obrigados todos os Bispos, salvas as exigencias das suas mesmas Igrejas, e as do Estado, e outras muitas causas, que as Leis Ecclesiasticas assignalão, entre as quaes he o exemplo, que deve dar ao seu Rebanho, e a salvação da sua vida, e da sua liberdade. E não estava em iminente perigo a vida, e evidentemente a liberdade do Bispo do *Porto* pela invasão das Tropas Rebeldes? Não devia elle retirar-se? Não o podia elle fazer mesmo para fóra da Diocese, se a tanto obrigasse o caso? E deixaria por este facto de governar o seu Bispado? Podião por isso os Fieis deixar de lhe obedecer, ou obedecer a outro? Ah! Que fatal esquecimento, ignorancia, e infracção das Disposições Canonicas! Que D. Pedro as ignore, que as infrinja não he de admirar, pois que ignorou, pois que infringio todas as Leis Divinas, e Humanas com seus Augustos Pais, com seus Augustos Irmãos, com os Brasileiros, com os Portuguezes, e com todo o Mundo! Mas que ignore, que infrinja as Leis da Igreja, e do Reino o Padre *Frei Manoel de Sancta Ignez*, he de admirar, se não houvesse exacto conhecimento dos antecedentes, pelos que mostrou sempre ser hum Frade discolo, impio, e debôxado, hum estouvado, e impertinente, hum Subdito atrevido, turbulento, presumpçoso, e infatuado, hum Portuguez estovanado, inchado de huma Sciencia falsa, e arrogante, finalmente, e em verdadeira frase hum despresador de todas as Leis Divinas, Religiosas, Ecclesiasticas, e Seculares, hum..... Mas que o Clero Secular, e Regular da Cidade do *Porto* reconheça, e obedeça (fallo dos muito poucos, que o reconhecem, e obedecem) a hum Governador *intruso*, que foi nomeado por hum Principe *intruso*, que não foi eleito *de Corpore Capituli*, nem Canonicamente de maneira alguma, que exerce Jurisdicção Ecclesiastica, e Espiritual por nomeação de hum Secular, que de todas as fórmas foi invalidamente nomeado com temeridade, com ousadia, com violencia, com profanação de todas as Disposições Canonicas, vivendo o Bispo, e existindo de mais a mais no territorio da sua Diocese em pleno uso, e exercicio da sua liberdade, e dos seus Direitos Episcopaes, sem consentimento d'elle, e até sem sua audiencia; repito, que alguns poucos Clerigos Seculares, e Regulares da Cidade do *Porto*, reconhecendo por seu Governador o Padre *Frei Manoel*

de Sancta Ignez, mostrão não só a mais completa rebellião ao Legitimo Rei de *Portugal* o Senhor Dom MIGUEL I, como a mais estupida ignorancia das Leis Ecclesiasticas, ou a mais vergonhosa cobardia na sua infame submissão: são evidente, e notoriamente *Scismaticos*, *Lutheranos*, e *Jansenistas* por imitação, e por indignidade, separados do Corpo da Igreja, refractarios de todas as Disposições Canonicas, em huma palavra, o escandalo, a vergonha, o despreso do Clero Sabio, Illustrado, Sensato, Catholico, e Religioso do Bispado do *Porto*, e de todos os Fieis da mesma Diocese. Mas, promettendo *concluir esta materia* no seguinte N.°, a todas essas ovelhas do Padre Frei Manoel dou a minha despedida com a seguinte Hespanholada.

Como de su redil las bulliciosas
Ovejuelas salir suelen al prado
Solas, ó unidas, i otras temerosas
Se quedan en su alvergue señalado;
Lo que hace la primeira, cuidadosas
Imitan las demás puestas al lado:
Talvez tendidas em la selva amena
Hasta el ocico entierran en la arena. — Dante.

Portuguezes! A Sancta Religião de Jesus Christo está ultrajada, profanada, e despresada pelos Rebeldes, que estão na Cidade do *Porto!* As Leis da Igreja Catholica estão violadas pelos nossos inimigos! Elles são Scismaticos, são hereges, são ímpios! Vinguemos pois a Igreja; e se para sustermos a Doutrina de Jesus Christo Nosso Divino Redemptor, he preciso darmos o sangue das nossas veias, dêmo-lo com valôr, pois que o Homem Deos foi o primeiro a dar-nos exemplo, morrendo pela nossa Salvação! Portuguezes! Sejâmos sempre bons filhos da Igreja.

Lisboa 22 de Dezembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1832. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 92.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣. 15. Portuguezes! São passados quasi cinco annos, durante os quaes os vossos inimigos tem tentado todos os meios mais perversos, para reduzirem estes Reinos a hum abysmo. A vossa fidelidade aos principios de vossos Antepassados tem de tudo triumfado! Os interesses da Nação, do Throno, e da Patria estão identificados! Salvemos pois a Religião, a Nação, e a Independencia da Patria. Não larguemos as Armas, até desempenharmos tão Nobre Feito!

Desaggravo da Sancta Religião.

Se todas as cousas entre os homens não houvessem de ter algum fim, certamente nunca o deveria ter esta do *Desaggravo da Sancta Religião;* pois que tambem o seu Aggravo nunca céssa da parte dos homens, especialmente n'estes ultimos tempos, depois do apparecimento do Padre *Frei Martinho Luthero*, que deixou para as gerações presentes hum viveiro de heresias, e de impiedades, e hum novo methodo de as reproduzir, e propagar por diversas fórmas, ora por huma impudencia desaforada, ora por hum Christianismo simulado. A *Appellação Lutherana*, nunca

interrapta, do Papa para o Concilio, e do Concilio para o Papa; d'hum Concilio para outro, e d'huns para outros Bispos, julgando loucamente que a Doutrina da Igreja he mudável, como a opinião dos homens, como se a Doutrina da Igreja não viesse de Deos, que a inspira, que a ensina, e que a confirma; e finalmente a Appellação do Papa, dos Concilios, e dos Bispos para os Reis, para os Principes, para os seus Ministros, e para o Poder Leigo, como se a a Sancta Religião fosse, não obra do Homem Deos, mas invenção de puros homens; esta *Appellação Lutherana*, que he o *Valha-Couto* de todas as Heresias dos Seculos, que lhe precedêrão, e das ímpias innovações, que lhe seguírão, e seguem em os nossos desgraçados dias, tem produzido os Synodos de *Pistoia*, os Theologos de *Pavia*, e de *Port Roial*, os *Justinos Febronios*, os *Pereiras*, e outros innovadores desta qualidade, que infelizmente são seguidos de mais, e tidos como Oraculos entre homens, que se dizem Christãos, mas que, ou por malicia, ou por ignorancia, sempre culpavel, da Doutrina da Igreja, são Apostatas, ou materiaes, ou formaes da mesma Igreja. D'este painel não só existem os originaes, mas até se retratão nas actuaes scenas dos nossos dias, figurando no Campo, e nos Gabinetes, com as armas, com as riquezas, e com as letras, tendo maior influencia para com muitos Principes em materias de Religião os Cortesãos flexiveis a todas as modernices, e os validos lisongeiros, do que os profundos, e perspicazes Bispos; e por isso muitas determinações dos Gabinetes sobre materias Ecclesiasticas discutem-se por casas particulares, e se prepárão nas Salas dos Palacios, favorecendo-as as intrigas, a sensualidade, e a avareza em prejuizo da Sancta Igreja. Se os Monarchas Catholicos pesassem bem a differença, que vai d'elles aos seus Ministros, e validos, acharião que estes interessão-se mais em alcançar dignidades, e riquezas á custa da Igreja, e ainda do sangue dos Povos, do que em proteger a Igreja, e a felicidade dos Christãos: podem esses Ministros haver sido bons Generaes pelos seus feitos de armas, bons Jurisconsultos pela sua assidua applicação ao Estudo das Leis, e ainda bons Cortezãos por seu alto nascimento, e educação; mas tudo isso não os constitue intelligentes, e zelosos em assumptos privativos da Igreja: assim como no Politico he *animaes*

amfibios, que não são Realistas, nem Republicanos, nem Democratas, nem Aristocratas, mas servem a todos os Partidos, segundo lhes vai nelles, mofando-se tanto das liberdades como dos privilegios, tão inuteis para hum Governo popular, como perigosos para a Monarchia; assim no Christianismo ha homens, que são *páo para toda a obra*; Maçons com os Maçons, hereges com os hereges, escandalosos com os escandalosos, hypocritas com os hypocritas, *recrutas* de todos os Systemas, faranduleiros, ou *Protheos*, que olhão para a Religião como para hum degráo para as riquezas, e para os privilegios. Infelizes aquelles Principes, que se servem com estes Monstros! Elles fazem a infelicidade dos Paizes Catholicos! Lembrem-se que não lhes foi concedido o Titulo, e o Direito de *Protectores dos Canones* para a destruição da Igreja, mas para a sua conservação, e edificação; não para julgar das Leis da Igreja, mas para fazê-las observar, como a Igreja determina; consultando á Igreja, não violentando-a; obedecendo aos seus Preceitos, e Conselhos, não impondo-lhos, nem prescrevendo-lhos: imitem aos grandes Imperadores *Constantino*, *Valentiniano*, e *Theodosio*, que deixárão aos Legitimos, e Catholicos Bispos da Igreja, que julgassem livremente das cousas, que pertencião á Igreja; não lhes aconteça, o que a *Ozias* Rei dos Judêos, o qual por se haver atrevido a tomar a mão aos Sacerdotes vivêo, e morrêo cheio de lepra: se este castigo lhes não acontece agora, outros infinitamente peiores os affligem todos os dias da sua vida. Que maior lepra, que esta guerra interior, que por toda a parte lhes surde? Castigo sem dúvida do amparo, e protecção, que tem dado aos hereges, aos apostatas, aos maçons, e a todos os inimigos da Igreja seus Vassallos com a especiosa côr de *amnistia*, de *tolerancia*, e de *humanidade!* Amnistia, tolerancia, e humanidade com os perseguidores da Igreja, e estes prégando o sangue, o ferro, e o fogo sobre a Igreja? Todos os Sectarios pensão como *Luthero*, e *Luthero* assim escrevêo, assim prégou! Elle provocava os Imperadores, os Reis, e os Principes a armarem-se contra a Igreja, que he a mesma cousa, que armarem-se contra Jesus Christo.

Tem os Principes Catholicos o Direito, e o *Dever* de defenderem a Igreja, porém não o de darem-lhe Leis, por-

que estas, quanto ás materias espirituaes, pertencem sómente á mesma Igreja, ou pelos Summos Pontifices, ou pelos Concilios Geraes e Particulares, ou pelos Synodos. As Chaves da Igreja não as dêo Jesus Christo a hum Rei, mas a hum Apostolo; tirá-las, pois, a quem Jesus Christo as dêo he tirá-las ao mesmo Jesus Christo: se tirar o Poder aos Reis e dá-lo aos Vassallos he o mesmo que tirar o Poder a Deos, *por quem os Reis*, que tem Direito a Reinar, *Reinão;* não menor injuria e violencia se faz ao Summo Pontifice e aos Bispos Catholicos. Digão os Estadistas innovadores o que quizerem ácerca d'estas Chaves, ou d'este Poder, assim Espiritual, como Temporal: digão elles que o Poder Temporal não reside sómente nos Reis, pois que houve e ha Governo Democratico e Aristocratico; de tudo isso não poderáõ elles inferir que em algum tempo o Povo fosse Rei, pois que n'essas Governanças Populares nunca o Povo governou, mas sómente alguns Chefes, ou Nobres, ou Plebeos, nos quaes residia o exercicio do Poder nas diversas Estações, a que cada hum d'elles era destinado, havendo todavia hum Poder Principal, que se não subordinava a algum, antes os outros erão subordinados a elle em parte do seu exercicio, podendo dizer de si o Principal — *Omnia nostra facimus, quibus auctoritatem impertimur.* — Sete Reis, e não mais, se bem me lembro, teve *Roma;* depois teve os *Decem-viros*, que durárão dez annos; logo os *Trium-viros*, que durárão quarenta annos, e depois os *Consules*, que aturárão 434 annos; todavia eu vejo sempre ahi hum Poder Real, ou Principal, *mudado o nome* e enfraquecido o seu exercicio, mas nunca essencialmente abolido. Esse *Jus Consulare*, *Jus Quiritum*, *Jus Magistratuum*, *Jus Militare*, *Jus Civile* não significa a divisão da Magestade ou do Poder Principal, mas a diversidade do seu exercicio, ou a differença de administrar as muitas funcções de hum Estado; todavia a força principal do Governo não estava na multidão dos Tribunaes. Entregar as Chaves do Poder ao Povo he o mesmo, que o homem entregar as chaves da administração da sua casa e familia á mulher, que vêm a ser como pôr o *carro adiante dos bois:* póde todavia succeder que o homem confie bem da sua mulher as Chaves de sua casa, sendo a mulher d'aquellas de quem diz o Divino Espirito San-

cto, que o homem justamente confia n'ella — *Confidit in ea cor viri sui:* — mas em todo caso o homem sempre conserva, e deve conservar o dominio das Chaves, ainda que da mulher confie seu uso; nem sempre o homem ha de ir buscar as Chaves debaixo do travesseiro da mulher, quando ella está a dormir, ou pedir-lhas, quando está acordada, tendo elle precisão de fazer muitas cousas, as quaes não convem que a mulher saiba, ao menos em aquella occasião; isto sería insoffrivel ao homem, por muito bom que elle fosse, ou sería mostrar-se tão comedido como hum Francez, ou de tão pouco juizo como huma creança, ou tão inimigo de abrir, e fechar as portas da sua casa como hum tendeiro, que as quer ter sempre abertas; e ainda que esta entrega das Chaves a huma mulher tenha alguma outra excepção heroica, não tem, nem póde ter alguma a entrega ao Povo, porque muito Povo junto não faz boa farinha, nem bom governo. Mas valha-me Sancta Leocadia, Padroeira de Toledo; a esta entregaria eu, e qualquer homem deveria entregar, todas quantas Chaves tivesse, ainda que fossem as do Reino de *Portugal*, e *Algarves*, antes que a *Frei Manoel de Sancta Ignez* as Chaves do Governo Ecclesiastico do Porto, porque este Frade não serve, nem para ter huma chave, mas para estar debaixo de sete chaves, por ser desgovernado, e desgovernante, assim no Espiritual como no Temporal. Ora foi bom dar com este nome de Leocadia, que he huma Sancta, para me poder sahir da tal conversa, e entrega das Chaves do homem á mulher, deixando *Lé* com *Zé*, e os Povos debaixo do Governo dos seus Legitimos Reis, que he a unica fórma de todos vivermos em paz, e tranquillidade.

Do que eu me não posso sahir bem, nem costa abaixo, nem costa acima, nem pelo caminho chão, ainda que invoque a dicta Sancta, ou a São José, que he o meu especial amigo, he da dicta entrega do *Governo Ecclesiastico do Porto por Sua Magestade Imperial, e Real o Senhor Duque de Bragança, em nome da Rainha Fidelissima a Senhora D. Maria II*, e da acceitação, que do dito Governo fez, e do exercicio, que mal faz o Padre Frei *Manoel de Sancta Ignez*, vivendo o Excellentissimo Bispo d'aquella Cidade, e Bispado, e residindo na sua Diocese em sua plena liberdade, e em todo o uso de todos os seus

Direitos Episcopaes; não podendo jámais tirar-se-lhe o seu Governo, ainda que alguns crimes tivesse commettido, sendo que sómente Virtudes, e egregias Virtudes tem praticado, sem preceder Sentença da Sancta Sé de *Roma*, verificando-se todas as outras indispensaveis formalidades, e Condições prescriptas pelo Sagrado Concilio Tridentino Sess. 6. Cap. 1. de Reformat. D. *Pedro*, filho de Pais Catholicos, infringindo abertamente as disposições do Sancto Concilio Tridentino, reconhecido, observado, e mandado observar pelos Seus Augustos Antepassados! Será tambem este Principe do *Brasil* hum Apostata da Igreja Catholica, ou por ignorancia, ou por malicia? Será elle, ao menos, Scismatico, tambem, ou por ignorancia, ou por malicia? De Apostata o disserão alguns Periodistas Francezes, e Apostata, ou ao menos Scismatico o denominei eu no *Porto*, e cá em *Lisboa;* se elle o he por malicia, não assevero, ainda que o mesmo Principe, escrevendo do Rio de Janeiro a Seu Augusto Pai disse — *Eu sou Maçon*, — e os Maçons são Scismaticos, e Apostatas, ou material, ou formalmente; se o he por ignorancia, e cegueira, não sei que dizer-me senão — *Miscuit Dominus spiritum vertiginis in medio ejus:* mas os effeitos são os mesmos: he como aquelle, que dêo hum tiro em hum certo homem, querendo acertá-lo em outro, e diz áquelle: *Perdoe, que não era para Vossa mercê;* mas o homem bem, ou mal ficou ferido, ou morto. Eu sustento que o desgraçado, de quem vou fallando, he Apostata, ou ao menos Scismatico, ou por ignorancia, ou por malicia, pois que de qualquer dos modos tem promovido, e promove a Apostasia, e o Scisma; não o argúo de malicia, mas ou d'esta, ou de ignorancia, o que faço com tanta valentia, e clareza como aquelle certo Clerigo, que, ouvindo a hum Militar desculpar-se com ufania, de não haver sido trahidor na direcção de certa Campanha, lhe disse — *Demostrarei que, ou trahidor, ou ignorante; se o primeiro, forca: se o segundo, fóra.* Callou-se o Militar, que na presença de outros Militares julgou não poder responder. Callem-se pois tambem os defensores de D. Pedro, porque Apostata, e Scismatico, e promovedor da Apostasia, e do Scisma, ou seja por ignorancia, ou por malicia, ouvirá dos Portuguezes Christãos — *Fóra, Fóra, Fóra:* — todos os Nossos Soberanes tem

sido Catholicos, e promovêrão e protegêrão o Catholicismo.

Mas eis-aqui os effeitos desastrosos da tolerancia da Maçonaria e da Expulsão dos Jesuitas dos Paizes Catholicos; não só os Povos forão corrompidos, como tambem se pervertêrão, e prevaricárão muitos Principes. Está prohibida a tolerancia dos Hereges em todos os Paizes Catholicos, não só pelos Sagrados Canones, mas até por Direito Civil; e esta prohibição data de muito antes do estabelecimento da Sancta Inquisição e da Congregação dos Jesuitas. Todos os Principes erão obrigados a tomar juramento de expulsarem dos seus Dominios a todos os Hereges. Vejão os curiosos o *C. Excommunicamus.* 13. §. *Moneantur. h. t.*, e o *C. Ad abolendam.* 9. §. *Statuimus.* h. t. Vejão tambem o Direito Civil 4. *Omnes.* 2. *C. h. t.*, e a *Authentica*, *Si veró C. Cod.* e a outra *Gazaros. C. eod.* Funda-se esta prohibição no que dizem os Sanctos Padres, que os Hereges são peiores que os Pagãos e que os Judeos. Pois os Maçons são muito peiores que os Hereges. Os Sanctos Padres chamão a estes — raça do Diabo, orgãos de Satanaz, instrumentos do Diabo, Diabos, Sanctos do momento, Theologos de hum dia, exercitos da mentira, defensores dos enganos, expedição dos demonios, legiões de espiritos immundos, fornalhas da impiedade, fontes das trévas, mananciaes de todos os males, templos de todos os Demonios. Esta he a linguagem dos Sanctos Padres; e com estes que outros nomes posso eu dar aos Maçons, que são peiores que todos os diabos? Que outros nomes devo eu dar a todos esses Coriféos da Rebellião e da guerra que se faz a *Portugal?* Quantas pessoas elles não pervertêrão da sua Fidelidade Religiosa e Politica? Que escandalos na Igreja de Deos! Que desgraças no Povo Christão! Que sacrilegios! Que profanações! Que perversidade, e corrupção de costumes! A peste, a fome, a guerra não tem feito tantos estragos no Mundo, assim no Espiritual, como no Temporal, quantos a Maçonaria tem causado e vai causando. Os Summos Pontifices despertárão os Principes Catholicos a banirem dos seus Povos a Maçonaria! O mesmo abalo dos seus Thronos tem devido acordá-los! E acordárão elles? Oh! Não seja que Sancto Agostinho dissesse d'esta somnolencia — *Ad tam magna tonitrua, qui*

nova expergiscitur, *non dormit*, *sed mortuus est.* — Ministros dos Principes, Sacerdotes Confessores dos Principes, e dos seus Ministros, se não cumprís o vosso dever, instando pelo exterminio da Maçonaria, que tão visiveis, e espantosos estragos tem causado, e vai causando por todo o Mundo, vós não sois amigos dos Principes, e do seu Governo, vós cooperais a todas as desgraças do Mundo, vós estais mortos para Deos, vós somente viveis para o diabo. Mas, oh! que muitos Confessores tractão somente de servir aos seus interesses, se acaso não cooperão positivamente á perdição dos Ministros, e dos Principes! Ah! Que muitos Ministros enganão positivamente aos seus Principes! Ah! Que muitos validos lisongeiros....! Quem enganou, corrompêo, perdêo, e pervertêo a Dom *Pedro*, que nascêo de Pais Catholicos, e admiravelmente piedosos! Quem affoutou a sua ambição a sublevar-se com o *Brasil*, e a rebellar-se contra seu Pai, e contra a Monarchia Portugueza! Se todos os Ministros fossem constantes em desaconselhá-*lo* d'essa horrorosa perfidia, desobediencia, e rebellião, como hum certo Magistrado, hoje existente em *Portugal*, e mui credor á gratidão da Monarchia, que desde esse tempo não quiz servi-lo mais, pedindo a sua demissão, e regressando á Patria, nem Dom *Pedro*, nem *Portugal* terião passado pelos males, que passárão, males de huma extensão ainda não conhecida. Mas deixemos esse Principe entregue ao espirito de obstinação, e de cegueira, que o acompanha em todos os seus passos, e venhamos a examinar a acceitação, que o Padre Frei *Manoel de Sancta Ignez* fez do Governo Ecclesiastico do *Porto*. Eis outro Apostata, e Scismatico, ou por ignorancia, ou por malicia, rebelde ao seu Bispo, trahidor a ElRei, escandalo da Igreja, Sancto de apparencias, Theologo de *Luthero*, instrumento de Satanaz, enganador dos seus semelhantes, execração de todos os Christãos Portuguezes, que exerce Jurisdicção Ecclesiastica por nomeação de hum Principe intruso, sem alguma Instituição nem apparentemente Canonica! Mas appareça a sua Circular, ou o seu *Pasquim* de 2 de Setembro de 1832, e por ella se reconhecerá que toda a alluvião dos Hereges, dos ímpios, e dos revolucionarios está por Dom *Pedro*, como pelo seu Protector, podendo dizer-se melhor d'elle, que o que se disse de hum Rei de França — *Ut Francus imperet*, *tota hæreticorum*, *infideliumque ad fœdus stet colluvies.* —

Pasquim do Padre Frei Manoel.

Lendo (começa por *Gerundio*, podendo bem chamar-se-lhe o Frade do Gerundio. Que tal he este principio? De certo não he Apostolico; he huma Farça.) *os Escriptos impressos do Governo Usurpador de Lisboa*, (se dissesse — impressos por Ordem do... — mostrava que sabía alguma cousa de Graminatica da sua Lingua. Se tambem dissesse — Usurpador de Portugal — era a linguagem mais geitosa, ainda que não menos mentirosa, pois o Governo, a que se refere o Frei *Manoel*, não usurpou a *Portugal*, nem pela força, nem pela seducção: assim o quiz livremente o mesmo *Portugal — Placuit Concilio —*) *e ás atrozes aleivosias* (impudencia do maior desaforo!) *levantadas acintemente, para desacreditar a sabio, e piedoso Governo de S. M. I. o Senhor Duque de Bragança, em nome da Senhora Rainha D. Maria II.* — Alto aqui! *Sabio!*.. He tão sabio, como o que exercêo no Rio de Janeiro, quando ainda era Imperador? Então he o Governo das ignorancias. Ou aprendeo, depois que o nomeárão Duque de Bragança? Não se pode conter o riso, ou as lagrimas! Heraclito, e Democrito aqui não adiantavão cousa alguma. *Duque de Bragança?* Quem déra! Não houve ainda hum Duque de Bragança, que não soubesse o que lhe convinha a si, e aos Portuguezes. Logo Dom Pedro não he Duque de Bragança, porque ignora que elle não convem a *Portugal*, nem os Portuguezes lhe convem a elle: esta arrogação do titulo de *Duque de Bragança* he até pelos mesmos principios da Carta outro motivo da sua exclusão do Throno de *Portugal*. Ou será sabio o Governo exercido pelos bandalhos, e farroupilhas, que estão no *Porto*, e que, em quanto estiverão cá em *Lisboa*, não souberão senão urrar, e escoucinhar? Mas os brutos não mudão. *Piedoso!* Com quem? Com Deos? Todos os Templos, onde entrárão, o desmentem: novo, e horroroso testemunho he o incendio, que ácinte fizerão, poucos dias ha, do Convento de Sancto Antonio de Val de Piedade; mas estes testemunhos são frequentes, e públicos. *Piedoso!* com o Senhor Dom Miguel? Desmente-o a barbara atrocidade, e fereza, que acabão de cometter, fazendo fogo para o lugar, em que este summamente piedoso

Principe estava passando Revista ás suas Tropas. E que Dom Pedro o mandasse! Novo *Caim*, que sem piedade, sem pudor, sem honra, rompendo os laços da fraternidade, conspira *pública, e formalmente* contra a preciosa Vida do Innocente *Abel! Piedoso!* com os Portuguezes? O abandono, que lhe tem feito muitos Constitucionaes, o desmente. *Piedoso!* com os Estrangeiros? Muitos lhe fogem, e procurão as benignas Bandeiras, que illusos vinhão combater: os mesmos Inglezes, a quem Dom *Pedro* deve absolutamente a sua permanencia no *Porto*, não lhe dão melhor testemunho: os mais bravos dos seus Officiaes mortos no Campo, enterrados como cães, sem as competentes honras funeraes, e sem receberem, bem como os feridos, hum só testemunho de apreço, e de louvor, bradão ao Mundo inteiro que Dom *Pedro* não tem algum sentimento de gratidão, e de piedade pelos seus mais bravos defensores! Digamos pois com inteira verdade que o Governo de Dom *Pedro* he *sabio*, e *piedoso* como o de *Caligula*, de *Nero*, de *Domiciano*, de *Heliogabalo*, ou como o dos *Graccos*, e dos *Luculos*; e se não he como o de *Jeroboam*, ou o de *Juliano*, he porque ainda lhe he preciso fingir; mas a esperança do hypocrita perecerá — *Spes hypocritæ peribit.* — Job. C. 8. *v.* 13. Porem continúe a Circular.) *He do nosso dever* (diz — *nosso* — como Official do Publico!) *declarar á face do Mundo* (nem todo o Mundo tem orelhas de impiedade) *que a Gazeta de Lisboa, e o Periodico nomeado — Defeza de Portugal —* (Aqui agacho-me isto he comigo; mas ajustarei as minhas contas com o Frade no seguinte N.°) *mentem sem pejo, e com sacrilega audacia, quando dizem que os Templos tem sido profanados, e as Sagradas Formulas da Eucharistia tiradas dos Sacrarios com insolencia. (Porto, Braga, e Pennafiel* o testemunhão; homens, e mulheres, velhos, e moços, nobres, e plebeos; ricos, e pobres: quando he que todos conspirão livremente em testemunhar a mentira? Verdadeiramente os malvados *furati sunt, atque mentiti*, roubárão, insultárão, desacatárão, profanárão, e agora o negão — *lingua sua mentita sunt* — mentem os sacrilegos com lingua de palmo. Que estranho he que elles tenhão feito o mesmo, que fizerão os Soldados Francezes, quando erão commandados pelos Generaes da Revolução? Não estão com Dom Pedro gentes de

diversos Cultos? Com elle não estão Portuguezes desalmados, desnaturalizados, degenerados, descatholizados? E ainda o Frade declara que elles não tem feito, o que por toda a parte tem feito, o que acabão de fazer, e o que fazem, sempre que se lhes apresenta a ocoasião? E que eu não possa contar, o que me contárão huns Inglezes sobre outros factos escandalosissimos, praticados no *Porto* pelos Rebeldes, e pelo seu Chefe? Posso sim, porem não devo, porque m'o veda a caridade, e o zelo da Religião em tempos tão calamitosos, em que os ímpios até folgão de que se publiquem as suas abominações, para ir familiarisando com ellas os Povos! Pode hum leigo, por alto que seja o seu nascimento, ir ao Sacrario, fazer o Officio de Jesus Christo, dar... tocar...! Oh! Inaudita insolencia! Oh! Desaforo Maçonico! Mas que novidade; se tem revivido a monstruosa heresia de que *todos os Fieis são Sacerdotes, e de que todos tem igual Ministerio ácerca do Sacramento Corpo, e Sangue de Jesus Christo?* Quanto he scelerado, e ímpio o desgovernador Ecclesiastico da Cidade do *Porto*, Frei *Manoel de Sancta Ignes!* Mas vamos avante.) *Nós seriamos os primeiros a seguir o conselho do Evangelho, sacudindo o pó dos çapatos, e fugindo de huma terra, aonde fosse ultrajada a Magestade da Religião Christã; mas esta Religião Divina só foi ultrajada aos nossos olhos durante o Governo Usurpador, no qual se mandavão roubar os Sacrarios, e espalhar no chão as Sagradas Formulas, para se attribuir este enormissimo delicto aos Constitucionaes.* Monstro! Cada huma proposição d'este periodo he huma mentira, huma calumnia, huma aleivosia, huma impostura, huma ignorancia, huma contradicção; tudo isto he o que se acha no periodo. Aponte-se hum facto d'esta natureza contra o Governo do Senhor Dom Miguel! Pois mandava roubar, e logo mandava matar os roubadores, e os sacrílegos? Que outro Governo Catholico tomou providencias mais energicas, e mais severas contra os profanadores, e violadores? Quando foi que o Governo do Senhor Dom Miguel attribuio este enormissimo delicto aos Constitucionaes? Declarou sim que *elle era o resultado da desmoralização, e impiedade das innovações d'este Seculo*; mas não arguio a alguem, só pela razão de ser Constitucional, de perpetrador de taes abominações. O Rei Legitimo, que Go-

verna a Portugal, o Senhor Dom Miguel I, Herdeiro das virtudes prodigiosas dos Veneraveis Reis Dom Affonso Henriques, Dom Sancho I, e Dom João II, infinitamente mais piedoso, que os Imperadores Augusto, Nerva, Tito, Trajano, e Constantino, zeloso imitador dos Sanctos Reis de Israel, David, Ezechias, e Jozias, tem posto o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia por fundamento do seu Throno, nem outro podia pôr, senão o mesmo Jesus Christo, (que fundou a Monarchia Portugueza) segundo o que diz o Apostolo S. Paulo *ad Corinth.* C. 3. ℣. 11. — *Fundamentum enim aliud nemo potest ponere, præter id, quod est Christus Jesus.* — He por esta razão, alem das Leis Fundamentaes da Monarchia, que os Christãos Portuguezes O amão, O venerão, O respeitão, e finalmente morrem por Elle; porque zéla a Sancta Religião, mais que a menina dos seus olhos, como precípuo fundamento do Estado, Vinculo da Monarchia, Firmamento da prosperidade, Sustentaculo da Justiça, e da paz; do Senhor Dom Miguel cantão os Portuguezes, e cantarão as Gerações futuras com o Padre Francisco Ferreira Barreto —

Da Fama Existe no Clarim facundo,
Tens Lysia por Altar, por Templo o Mundo.

Mas se taes profanações fôrão mandadas pelo Governo do Senhor Dom Miguel, porque o Padre Frei *Manoel da Sancta Ignes, sacudindo o pó dos Çapatos, e fugindo de huma terra, em que foi ultrajada a Magestade da Religião Christã*, não foi aos grilos por esses mundos de Christo? Logo taes ultrajes não fôrão mandados fazer pelo Governo do Senhor Dom Miguel. E se elles fossem feitos por mandado; *sacudir o pó dos Çapatos, fugir desta terra*, he Conselho, ou Preceito Evangelico? He sem dúvida que o Padre Frei *Manoel* não distingue no Evangelho, o que he *Conselho, Preceito, Permissão*, e *Soffrimento*. E não estudou elle ao menos antes de *arengar* ao Porto? Que ignorancia! e por outra parte impostura, contradicção, aleivosia, calumnia, e mentira! E agora que se chama Governador Ecclesiastico do *Porto*, sendo, como foi, *ultrajada a Magestade da Religião Christã*, roubados, e queimados os Templos, roubadas as Sanctas Imagens, os Ornamentos,

e os Vasos Sagrados, e espalhadas no chão pelos rebeldes, e sacrílegos defensores de Dom Pedro as Sagradas Formulas, o Evangelho permitte-lhe, soffre-lhe, aconselha-lhe, ou manda-lhe *sacudir o pó dos Çapatos, e fugir d'essa terra?* Não está elle obrigado, na louca denominação de Governador, a dar a sua vida pelo seu rebanho, dando-lhe exemplo, antes que abandoná-lo, fugir com os çapatos muito limpos, e ir aos grillos, ou ás grillas? Olhem lá o Sanctinho! Que escrupulos! Que Theologia! Mas tal he a sciencia dos Revolucionarios que, fallando em Religião, mostrão que não tem idéas do que he. Continúe porem a Circular. *(Foi profanada por Prégadores, que subirão como os Farizeos á Cadeira de Moysés.)* Eu não argúo os Constitucionaes dos seus peccados como homens; reprehendo-os dos seus peccados de brutos; accuso-os dos seus sentimentos; crimino-os da sua doutrina; Nosso Senhor Jesus Christo criminava os Farizeos, pelo que fazião, mas muitas vezes os louvava pela Doutrina, que ensinavão, e mandava ao Povo que fizesse o que elles ensinavão — *Quæ dicunt, facite:* — ao mesmo passo que lhes prohibia fazer, o que elles fazião — *Quæ autem faciunt, facere nolite:* — a obrigação dos Sacerdotes he ensinar boa Doutrina; a obrar bem todos somos obrigados, Sacerdotes, e Fieis: pode ser que o Padre Frei *Manoel* por mil circumstancias não tenha cahido em tantos defeitos como eu; mas nos seus sentimentos, nas suas idéas, na sua doutrina elle he hum ímpio, como o são todos os Sacerdotes Constitucionaes, e todos os Constitucionaes, em quanto eu, e todos os Sacerdotes Realistas, e todos os Realistas somos piedosos, e Christãos pela graça de Deos, porque os nossos sentimentos, as nossas idéas, e a nossa doutrina são conformes ao Evangelho, e á Tradição: não seremos arguidos por Deos, pelo que ensinâmos, e pelo que crêmos, e em quanto assim ensinarmos, e assim crermos, ainda que venhâmos a ser arguidos, pelo que fazemos, em quanto obrarmos mal, bem que da Fé, que he o principio de todas as Virtudes, esperamos a emenda, se Deos nos ajudar, e da sua Divina Graça o perdão. Ora pois — *Si quis sine peccato est, mittat in eam lapidem* — Se os que nos accusão, estão sem peccado, que nos apedrejem; e se o não estão, como não, creião, no que nós crêmos, e oremos a Deos, que a todos nos emende, e per-

dôe. Alguns Constitucionaes parecem huns Sanctinhos no seu exterior, no seu interior são ímpios, ou material, ou formalmente — *Non ex vita metienda est fides, sed ex fide probanda est vita*, disse *Agobardo* Arcebispo de *Lião* na França ácerca de *Felix* Bispo Heretico de *Urgel*. Tenhão presente esta doutrina assim os Realistas, como os Constitucionaes, para que aquelles saibão, como se hão de defender das infinitas diatribes, que estes lhes fazem; e para que estes saibão que temos muito, com que nos defendâmos, e muito que lhes lançarmos em rosto, e sobre tudo a impiedade dos seus sentimentos, das suas idéas, e da sua doutrina. Continue a *lenga-lenga* do Padre Frei *Manoel*) *para dizerem que Dom MIGUEL era hum Anjo do Ceo* (assim o dizemos, e repetimos em sentido accommodaticio, e verdadeiro em quanto aos seus effeitos) *mandado por Deos* (Ah! essa he cousa visivel, e quasi prodigiosa! Ser livre de Vienna, he o primeiro! Ser salvo das armadilhas da Facção Maçonica, he o unico até agora! Não ter perecido nas furiosas tempestades do *Oceano*, não he unico, mas he raro! Logo foi por Deos, e nós o achamos milagroso! *A Domino factum est istud, et est mirabile in oculis nostris.*) *como Rei Legitimo de Portugal*, (se Legitimo he, o que he conforme ás Leis, as Leis Fundamentaes da Monarchia Portugueza não designão outro; porque Dom Pedro está excluido por todas ellas, e pelo mais dos Autos, que são immensos accrescendo os presentes) *e que applaudião o sangue* (Não confunda, não minta: applaudimos a Justiça, do mesmo passo que nos penalisa o sangue.) *dos innocentes derramado na Praça nova* (*Væ qui dicitis malum bonum!* Rebeldes, inquietos, provocadores de guerras civís, malfeitores, sacrilegos, Maçons, estes são innocentes? Pois esses forão os *mortos na Praça nova*, depois de processados, e convictos, segundo as Leis feitas de longos, e immemoriaes annos; porém infinitos outros erão merecedores da morte, e não a padecêrão por piedade, que d'elles se houve!) *e os venerandos Sacerdotes do Senhor gemendo em masmorras, e caminhando carregados de ferros para as prisões de Lamego, e Almeida sobre o gêlo do inverno, accusados ante o Tribunal iniquo por homens, que se dizem religiosos, Seculares, e Regulares, que são o opprobrio da Igreja; huns dos quaes andão escondidos, e out-*

tros estão armados no Exercito do Usurpador, de mistura com as pretensas religiosas, e Empregados Públicos, que fazem a verdadeira profanação, de que fallão os impressos de Lisboa. (O ímpio abrio a sua bóca, e vomitou blasfemias, calumnias, toda a sua cólera sobre o Estado, e Igreja de *Portugal!* Tanta bulha por cousa nenhuma! Pois quatro duzias de Sacerdotes *dos das duzias*, execrandos pela sua devassidão, pela sua ignorancia, e pela sua libertinagem são *venerandos* sobre o grande número de Sacerdotes, que permanecêrão tranquillos, e fieis no desempenho dos seus deveres para com o Altar, para com o Throno, e para com a Patria? Eu vi caminhar alguns para as prisões; não ião carregados de ferros, ião quasi sollos; não sobre o gêlo do inverno, em hum tempo muito aprasivel; n'esses mesmos dias fui ao *Porto*, e sahi do *Porto*, na distancia de quatro leguas, e nunca elles a caminhárão maior, e fui a pé; nada senti de incómmodo; elles caminhavão com todo o vagar, á sua vontade, ninguem os violentava, erão tractados como se fossem huns homens de bem, e de merecimento, e não se conhecia, que ião presos senão pela escolta, que os livrava de ouvirem quatro bem merecidos apupos pelos escandalos, e prejuizos, que havião causado nos Povos. Porque pois tanta *carpideira?* E ninguem dos actuaes carpidores carpio a tantos, e tantos Sacerdotes, que entrárão no *Porto* nos annos de 1823, 1826, e 1827 perseguidos, presos, e arrastados pelos Constitucionaes, conduzidos com a gargalheira ao pescoço, e ahi no *Porto* escarrados, enlameados, esbofeteados, e escoucinhados por algumas *Caixeirólas* d'aquella Cidade! E ninguem carpio a tantos, e tantos Sacerdotes, que nos annos de 1826, e 1827 forão obrigados a emigrar para a *Hespanha*, caminhando muitos dias oito, e mais legoas a pé, sobre gêlo, e sobre estradas impraticaveis pelos muitos atoleiros; descalços, sem ter algumas vezes, que comer, nem cama, em que descançar; rodeados sempre de perigos, e de temores! E ninguem carpio a tantos Portuguezes de todas as classes, que...!!! Digo, ninguem dos actuaes carpidores, e carpideiras, pois entre os bons Portuguezes todos os choráro, todos os compadecêrão. São *Tribunaes iniquos*, aquelles que se estabelecem segundo as Leis, e por Authoridade competente; que não fazem Leis, mas julgão segundo as já fei-

tas? De que *Igreja são opprobrio* os Realistas? Será da Synagoga, que já lá vai, ou da Maçonaria, que agora ha? Ou acaso a Igreja está composta sómente de *Manoeis* semelhantes ao Padre Frei *Manoel de Sancta Ignez? Libera nos Domine!* Onde estão essas *pretensas Religiosas?* Sem dúvida esta linguagem calumniosa, desesperada, e diabolica he hum pedaço da linguagem *Lutherana;* se houvesse tempo de fazer hum parallelo, a demonstração seria completa; mas o Commentario parece extenso; acabemos pois com Frei *Manoel*, que elle tambem vai acabar.

Habitantes d'esta sempre leal Cidade (Falla do *Porto;* não nego que ella tenha sido sempre leal attendido hum bom número dos seus habitantes, com tanto que se me conceda, o que todas as Historias attestão, que tambem *tem sido revolucionaria* em todas as crises de Revolução, attendido o maior número dos seus habitantes! *Dom Pedro* contou com elles! Os Rebeldes não se terião ahi estabelecido, nem se terião fortificado tanto, se não estivessem certos da cooperação directa, ou indirecta dos seus habitantes; pois que nenhumas Tropas se fortificárão jámais no meio de huma população, e populaça, que lhes he contraria; este argumento he indestructivel!) *que tendes presenceado estes escandalos* (estes rarissimos, e indispensaveis actos de severidade da Justiça) *do Governo Usurpador* (não ha Usurpação, onde ha Direitos incontestaveis, e livre, e unanime consentimento, e até acclamação dos governados!) *e que presenceaes a piedade* (como a de hum Pai, que mata seus filhos) *e brio* (como o de hum cavallo desenfreado) *do Governo Legitimo* (se a Legitimidade vem da Maçonaria, o Frade falla como quem he; mas os bons Portuguezes não estão pela conta) *da Rainha* (Ainda ninguem a vio por cá! Coitadinha! He necessario acorchetar-lhe as roupinhas) *e da Carta* (sahio *Az de Copas*, e borrou-se) *vós sois testemunhas* (testemunhas do *Porto* devem ser bem espremidas, se não forem maiores de excepção) *da irreligião* (assim tractava *Luthero* a Sancta Igreja de *Roma*) *roubo* (assim fallão *os ladrões*) *e mentira* (e assim os que negão os factos mais públicos) *do Governo Usurpador* (repete; e nós, que he Governo Legitimo) *e sabeis a modestia* (a refalsada hypocrisia) *intrepidez* (se os estrangeiros os abandonassem, como devião, já se tinhão mirrado) *e espirito religioso* (ah,

ah, ah! só rindo póde soffrer-se tal desproposito) *do Senhor Duque de Bragança.* (Este Titulo he muito respeitavel nos Herdeiros do Throno Portuguez; mas em hum Ex-Imperador do *Brasil*, he como se dissessemos — *Duque de Matto Grosso* —) *Venerando Clero do Bispado do Porto, e Braga.* (*Venerando*, aquelle que obedece aos Legitimos Pastores, como o são o Excellentissimo Bispo do *Porto*, e o Vigario Capitular de *Braga!* Porém *execrando*, *abominando*, *e Scismatico* aquelle, que reconhece, se ha algum capaz de tanta maldade, ou de tanta ignorancia, e de tanta infamia, e vileza, por seu Prelado o execrando, abominando, e Scismatico Frei *Manoel de Sancta Ignez!*) *Fazei conhecer ao Povo esse evidente contraste*, (nem ha quem assim ensine, nem quem seja capaz de isso ouvir) *e, se fóra das linhas da Cidade não tendes fortaleza para tanto, fugi do meio d'essa profana Babylonia da execração, e vinde para nós.* (Diz bem: *Portugal* Christão he profano para todos os Maçons, e *execrando* para todos os Revolucionarios! Ora isso de *Babylonia*, e de ir para elle, parece-se bem com o Anjo das trevas, que a todos convida para ellas, como se alli estivesse luz; he tambem a linguagem de *Luthero;* tomou-lhe bem as modinhas.) *Paço Episcopal* (irra!) *do Porto 2 de Setembro de* 1832. — *Frei Manoel de Sancta Ignez Governador do Bispado.* Acabou o *Pasquim.*

Toda a agua do *Douro*, ainda com as suas caudalosas, e extraordinarias torrentes, não sería sufficiente para lavar o Paço Episcopal do *Porto*, se Frei *Manoel de Sancta Ignez* pela vil, e infame occupação fosse capaz de manchar a habitação de tão Sabios, e tão Virtuosos Bispos como o occupárão, a habitação de hum Bispo tão Sabio, e tão Virtuoso como o que actualmente preside na Diocese *pela Graça de Deos, e da Sancta Sé Apostolica.* Mas eis que a este tempo, quando queria ajustar contas com o Padre Frei *Manoel de Sancta Ignez*, já que o papel s'estendêra além dos seus ordinarios limites, entra em minha habitação hum bom Portuguez, e me diz — Deixe-se de tôlos, de ímpios, de loucos, e de rebeldes; o Commentario he extenso de mais, e he mais que sufficiente, para dar huma toza em todos os Revolucionarios; o *rabo* está bem esfollado; vão cinco Numeros sobre o *Desaggravo da Sancta*

Religião; ha muito mais a fazer; Vossa Mercê não póde communicar com *Scismaticos*, e com *Excommungados*; neste rol está Frei *Manoel*, como se demonstrará, sendo necessario; nenhum bom Christão pois deve communicar com elle, e infinitamente menos os Ecclesiasticos, que devem mostrar por obras a doutrina, que seguem. — Obedeço, porque estou convencido d'isso mesmo; não se póde ter com elle outra communicação, que para o amarrar, como a hum *traidor* ao Altar, ao Throno, e á Patria, e como a hum *louco*, e reclui-lo em hum carcere perpetuo, em que só tenha de comer pão, e *alface*. Todavia, antes de assim acontecer, quero deixar, não em Latim, o Frei *Manoel de Sancta Ignez*: despeço-me em Portuguez com hum verso *remendado*.

Andei d'aquem par' alem
Povos vi, e vi lugares,
Muitos dares, e tomares,
Todos seus avessos tem:
Mas se o Porto vê alguem
Em *Pedro*, e em *Manoel*
Cascavel hum, outro Cascavel,
Conhece que hum mesmo espr'ito
Traz das aguas do Cocito
A alma duplex de *Luz-bel*.

Agrade, ou não o *remendo*, elle explica o Cahos Civil, e Catholico, que eu vejo no *Porto* debaixo do Governo Temporal do chamado *Duque de Bragança*, e do Espiritual de Fr. *Manoel de Sancta Ignez*. Que monstruosidades na Legislação, e na applicação das Leis! Mas fique esta materia para outro Titulo. Encarando porém o Governo Ecclesiastico, na supposição de que na Cidade do *Porto* os Parochos d'antes instituidos, e os Sacerdotes anteriormente authorisados não cumprão seus deveres, e dado caso que se instituão outros Parochos, e se authorisem outros Sacerdotes, eu vejo, só pelo que respeita á materia Sacramentaria, tantas nullidades, tantos sacrilegios, e tantas profanações, que essa Igreja será hum horrendo retrato da *Lutherana*: não abro o Livro de tantas abominações, porque será melhor *por ora* deixa-las na ignorancia, que

patentea-las, a quem talvez não tenha o necessario valôr para sahir d'essa *Babylonia* da impiedade: n'esta supposição digo como o Summo Pontifice Adriano a Frederico Duque de Saxonia — *Basilicæ sunt sine plebibus, plebs sine Sacerdotibus, Sacerdotes sine debita reverentia, et sine Christo denique Christiani.* Vêde bons Sacerdotes, e Fieis da Cidade do *Porto* o abysmo Religioso, e Civil, em que pertende submergir-vos o Governador Temporal *Dom Pedro*, e o Governador Ecclesiastico Frei *Manoel de Saneta Ignez!* Abandonai-os, não lhes obedeçais, não os reconheçais, morrei antes com valôr pela Religião, pelas Leis, e pela Patria.

Portuguezes! Seguindo em tudo as Determinações do Nosso Catholico, e Religiosissimo Rei, e Senhor Dom Miguel, não façais alliança com os Rebeldes, nem tenhais com elles paz, nem amizade! Expulsai-os da vossa Patria; affastai-os para longe de vós; exterminai-os; matai-os. Assim mandou Deos aos Israelitas que tractassem os seus inimigos, que não erão tão máos, nem tão ímpios como os Chefes da Rebellião Portugueza. *Ne pangatis cum his fœdus, neque gratiam facito eis; ne habitanto in terra tua; ejicietis omnes à facie vestra; omnino internecioni devovete eos.*

Lisboa 29 de Dezembro de 1832.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1833. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 93.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣ 15. Portuguezes de todas as Classes do Reino! Sahi, sahi do profundo abysmo, em que a Cabala quer submergir-vos; onde a Impiedade, e a Anarchia buscão, anhelão precipitar-vos; applicando-se artificiosamente a despedaçar todos os laços, e ligames da Monarchia! O fatal Systema de *acabar com a herança do Sancto Rei D. Affonso Henriques* acha fautores, e prosélytos por toda a parte, que se disfarção, e ornão com as falsas apparencias de Sabedoria, e de amor da Ordem, e das Leis; mas o seu terrivel segredo vem de escapar-lhe, e está inteiramente descoberto; estão convencidos de serem inimigos dos Reis, e dos Póvos, e até do mesmo Deos! Triste conjunctura! Desesperada crise! Com o nome de paz offerecem guerra; com o nome de liberdade cadêas; a morte com a côr de segurança! Julga-se a Cabala authorisada a despojar *Portugal* da sua Propriedade, e dos seus mais Sagrados Direitos! A mais refalsada hypocrisia concorre de toda a parte para executar estes designios! Querem reconciliação pela força, reconciliação absurda, perigosa, e funesta, sem considerarem que a lembrança de tantas aleivosias, perfidias, e injustiças entretem, e nutrem assiduamente as lavaredas do ciume, e do resentimento! Tomão dis-

posições para proteger huma Parcialidade, que he incançavel em tentar novas Revoluções, suppondo a louca acquiescencia da maioria, que não póde deixar de lhes resistir: assim pertendem expôr o Estado a continúas commoções, e a huma geral, e interminavel perturbação! Portuguezes! Os principios de *humanidade*, as regras do *senso commum*, o respeito ao *Divino Auctor do Genero Humano*, são palavras, que andão na bôca de gentes, que pertendem exercer sobre outras huma propriedade absoluta, e hum dominio, e imperio tyrannico todo fundado na desordem, e confusão dos Direitos os mais Sagrados com respeito mesmo á Religião, á Educação, aos Costumes, e ás Leis! Que huma fracção Portugueza, que não chega a ser a millesima parte da Nação, concebesse o ousado projecto de se procurar hum Poder interventor, que nunca poderáõ justificar os Seculos, não he de admirar da sua raiva, e sêde insaciavel, ou cobiça de dominar imperiosamente! Mas que esse Poder intervenha, e queira intervir pela força, para effectuar pela violencia, o que lhe não he possivel conseguir pela Razão, he bem contrario ás Leis Fundamentaes de todos os Reinos, ás regras da Justiça, á luz da Verdade, ás Leis, e ao Direito, que d'ellas se deriva, e até á mesma Opinião commum! Portuguezes! Terá sido em vão que os vossos Maiores com tantas fadigas, trabalhos incalculaveis, e despeza do proprio sangue, e fazenda, debellando com inaudita, e nunca vista coragem tão numerosas, e barbaras falanges, estabelecessem n'este canto do Mundo hum asylo para a Religião, para a Honra, e para a Independencia? Serão perdidos tantos exemplos de valôr, e denodo, tantos trabalhos, e sacrificios, tanta gloria, e fama, tanto crédito, e nome, tanto zelo do Bem Público, tanto amor da Ordem, da Religião, e dos costumes, tanta efficacia, e sabedoria, com que os vossos Maiores fundárão, e mantiverão a Independencia de hum Imperio, e Monarchia, que tem por suas principaes bases a imprescriptivel obediencia, e fidelidade dos Vassallos aos seus Legitimos Soberanos, e o desvélo, e amor d'estes para aquelles? Será possivel que os Portuguezes deste Seculo succumbão a hum punhado de exaltados, a huma facção inteiramente infame, e vergonhosa? Será possivel que os Portuguezes de agora se deixem illudir, ou minar por huma Cabala estrangeira,

que por suas súpplicas, por seus raciocinios, e por huma affectada moderação quer entregar-nos ao odio, á vingança, ao fogo, e á morte, mettendo o ferro na mão do irmão contra o irmão, do pai contra o filho, e d'este contra o auctor dos seus dias, finalmente em todos os horrores da mais completa anarchia? Portuguezes! Escolhereis huma submissão illimitada, ou huma resistencia heroica? Quereis viver na impiedade, na devassidão, e na ignominia, ou salvar a Religião de Jesus Christo, as Leis, e costumes dos vossos antepassados, a vossa Independencia, e a Legitimidade do Throno? Portuguezes! Vós tendes escolhido antes perder tudo, que a honra! Já estais decididos, e tendes calculado muito bem todos os sacrificios, que de vós exige tão heroica resolução! Nada ha tão horrivel como a escravidão! A Religião, a Razão, a Honra, a Justiça, e a Humanidade vos aconselhão, e vos insinúão que vós deveis defender a Independencia, que haveis herdado de vossos generosos Antepassados! A vossa Posteridade reclama de vós este nobre feito, proprio de peitos Portuguezes! Não abandoneis o brio, e o pundonor Nacional a huma Cabala desmoralisada, e heretica! Não arrasteis tantas gerações á infamia do captiveiro, e do crime! Vossa Causa he justissima! Não prevaleça pois hum punhado de Portuguezes degenerados, que s'esquecêrão, do que devião a si mesmos, ao seu caracter, á dignidade de Portuguezes, ao seu sangue, á sua educação, ás Leis, e á Sancta Religião! Elles mesmos forão os que vos pozerão as armas na mão! Sustentai-as pois com firmeza, e perseverança inabalaveis; desprezai todos os perigos, e riscos! A Sancta Religião Catholica Romana, a Monarchia Pura Hereditaria, a Liberdade emanada das Leis Fundamentaes, estes são os bens, a que tendes direito pelo vosso nascimento, e de que tendes gozado constantemente, apezar de todos os obstaculos da usurpação, ou da violencia! Sêde constantes em vossos Principios, em vossos Costumes, e em vossos Direitos, ainda que a sua defeza vos custe a vida! Ostentai o mesmo valôr, e coragem, que os vossos Maiores! Sêde iguaes a elles nos sentimentos, na opinião, e na bravura! Portuguezes! Decidâmo-nos unanimemente! Cáia, cáia, cáia o Porto! Seja esta a Divisa de nós todos — *Vencer, ou mor-*

O Segredo revelado.

As cousas invisiveis são segredo, para quem não reflecte sobre as visiveis: segredo são as côres mais luminosas, para quem carece de vista: segredo são os sons, para quem não ouve; mas quem não he surdo, quem não he cégo, quem tem attenção, percebe os sons, as côres, e o mesmo invisivel; para elle não ha segredos, pois comprehende tudo, o que he possivel comprehender-se, e conseguintemente não se engana, não se illude, e obra sempre o bem, o que he necessario, e util para si, e para os outros. Porém eu, que vejo tantas obras más, tantas illusões, tantos enganos, descubro do mesmo tempo infinita surdeza, infinita cegueira, infinita falta de attenção, infinitos segredos, que o não devião ser, mas que o são; porque se não quer ouvir, vêr, e reflectir: em huma palavra, por que se não quer fazer uso dos cinco sentidos corporaes, pelos quaes a alma sente, percebe, e entende; ou taes sentidos corporaes não são já os mesmos, segundo o parecer de hum certo Realista, que disse haverem-se mudado para *adular*, *mentir*, *roubar*, *repartir*, e *fugir*. Sem dúvida he infinita, e demasiadamente generalisada a surdeza, a cegueira, e a falta de intelligencia, e isto não parece natural, quando quasi todos naturalmente ouvem, vêm, e entendem. Haverá pois Deos espalhado as trévas sobre a terra? Parece que sim: logo, como Deos he summamente justo, e não castiga os mórtaes senão pelas suas culpas, claro está que a Cegueira, que se observa no Mundo em geral, he culpavel, porque he voluntaria: ora reduzindo todos os enganos, e illusões á Cegueira, temos o *Segredo revelado*, ou manifesta a Cegueira, que não parece natural, ainda que parece voluntaria; Cegueira, que parece prodigiosa; Cegueira certamente culpavel; Justiça Divina sobre os Reis, e sobre os Póvos, pelos peccados dos Reis, e dos Póvos. D'onde vem, senão d'ahi, tantos enganos não desenganadores, tantos erros não emendados, tantas desgraças não reparadas? Cegueira! Justiça Divina.

Perde Luiz XVI o Throno, e perde a vida sobre hum horroroso Cadafalso, acreditando que reinava seguro, e que morreria tranquillo! Como foi elle enganado? Como este infeliz Rei, e grande Filosofo não abrio os olhos a tantos

desenganos, que lhe dérão alguns dos seus Vassallos? Cegueira! Justiça Divina. Parece que perdêo o Throno, e a vida, consentindo elle mesmo ser desthronado, ser morto! Como os outros Soberanos da Europa lhe não valêrão, e lhe não acodírão, quando era tempo, quando podião? Como consentírão que os Póvos exercessem hum Juizo de morte sobre o seu Soberano? E como he que os Soberanos ficárão passivos, e tranquillos Espectadores de tão barbaro, cruel, e escandaloso Regicidio? Como dormírão, e dormem elles, ao depois, hum somno seguido, e solto? Como he que se contárão, e contão seguros nos seus Thronos? Como tão facil, e confiadamente descanção sobre os seus Ministros, e sobre os seus Validos, sem provarem bem a sua fidelidade, e a sua virtude? Cegueira! Justiça Divina. Abala-se ao depois toda a Europa, e arde, ainda que tarde, o Mundo em guerra; mas logo se transige, logo se faz a Paz com a Revolução; a Republica subsiste; *Napoleão* occupa o Throno de S. Luiz; os Bourbons, e seus Alliados alli o reconhecem! Como he que a Paz se julga consolidada, e estavel, em quanto a Revolução, e a Illegitimidade arvorão as suas Bandeiras no meio dia da Europa? Como he que se não percebêo que, depois de Paz em *verde*, necessariamente se havia de parar em huma guerra *crúa?* Cegueira! Justiça Divina.

Perde *Carlos IV* o Throno, perde o *Fernando VII*, e ambos perdem o Reino, acreditando que o conservavão, e que o seguravão! Como foi que se enganárão, e deixárão enganar, depois da terrivel lição, que lhes deixou *Luiz XVI*, e depois do que vião praticar a *Napoleão* com outros Soberanos, e com outras Potencias? Como se não acreditárão de alguns Vassallos fieis, que opportunamente os avisárão da sua perdição, e da perdição do Reino? Como os outros Soberanos em taes cousas consentírão, não prevendo que a expulsão de qualquer Soberano era hum certo agouro da sua proxima expulsão? Cegueira! Justiça Divina. Faz-se a Paz Geral depois da guerra geral, sem que esta obtivesse o seu fim principal: a Legitimidade, em parte, occupa novamente o Throno, e, em parte, não: a Magestade reassúme os seus Direitos, em parte os conserva, e em parte os abandona. Como podião contar-se mui seguros os Bourbons, não fazendo restituir-se a Legitimidade

em tôdas as Potencias, não se arrogando todos os seus Direitos, cedendo huma parte d'elles aos seus Vassallos, lançando-se nas mãos, e nos conselhos de muitos, que havião servido a Revolução, e a Illegitimidade; de muitos, que não havião dado provas claras de fidelidade, e de virtude! Póde haver Paz na Europa em quanto a Usurpação, e a Rebellião occuparem n'ella hum canto? Póde servir fielmente ao Throno, quem foi seu inimigo, ou quem se bandeou com os inimigos do Throno? Será bom Vassallo dos Bourbons quem foi partidario dos Napoleões? Servirá bem á Causa da Realeza, quem defendêo acerrimamente o Partido da Democracia? *Luiz XVIII* não estava mui seguro no Throno; *Fernando VII* correo grande risco de o perder segunda vez; *Carlos X* o perdêo effectivamente. Quando nestas cousas considero, quando sei que estes acontecimentos, assim os proximamente preteritos, como os presentes, fôrão, e estão previstos, fôrão, e estão predictos, annunciados, e avisados; e quando por outra parte vejo repetidos os mesmos enganos, os mesmos erros, as mesmas illusões, as mesmas desgraças, e os mesmos perigos, quer parecer-me que os Reis perdem o Throno, e se perdem por sua culpa, e até, ao parecer, por sua vontade. Porem não he assim: he Cegueira! Justiça Divina.

Fixa a sua Côrte no Rio de Janeiro o Senhor Dom *João VI*, conservando ao mesmo tempo outra em *Portugal*; eleva o *Brasil* á cathegoria de Reino; franqueia aquella Paiz ao Commercio Estrangeiro; e, ao parecer, reduz *Portugal* a hum estado de Colonia: desde então se prevê, se percebe, se prediz, e se annuncia huma Revolução áquem: e álem a Emancipação do *Brasil*, a Separação, e Independencia de *Portugal*, e do *Brasil*: regressa o saudoso Rei a *Portugal*; deixa o *Brasil* nas mãos de hum Principe ambicioso, inquieto, e inconsistente em todos os seus propositos; o Soberano lança-se nas mãos, e nos conselhos, humas vez violentado, e depois seduzido, de pérfidos, de seductores, de Ministros, e Conselheiros pela maior parte faltos de honra, e de virtude: effectivamente *Portugal*, e o *Brasil* fôrão perdidos; a triste, e terrivel predicção teve o seu successo! Que he isto? Cegueira! Justiça Divina. Morre, e foi morto o Senhor Dom *João VI*: Impera no *Brasil* o seu primeiro Filho; segue este a marcha da Revolução; subtrahe-

se *Portugal* legitimamente ao Poder usurpador, e illegitimo; Dom *Pedro* perde o *Brasil*, e *Portugal*; estes acontecimentos estavão, ha muito, previstos, e predictos, e fôrão annunciados. Como não fôrão elles evitados, remediados, e reparados? Parece á primeira vista que estas cousas succedem aos Reis, e aos Principes, porque elles querem deixar-re enganar; parece que elles perdem o Throno, e os Reinos por sua culpa. Porem não he assim: he Cegueira! Justiça Divina.

Amigos fingidos dos Reis, *mascaras* da Realeza, hypocritas do Throno, *amfibios* partidarios de todos os Partidos, caga-lumes faltos de talento, de honra, e de virtude, ou não deixão chegar ao Throno os conselhos da fidelidade, ou os suffocão, e despersuadem! Que os Reis perdôem aos que os enganárão, e ainda aos que os trahírão, embora, porque os Reis não devem ser demasiadamente justos — *Noli esse justus multum* — diz o Divino Espirito Sancto no *Ecclesiastes* — sendo hum bom proverbio que a *summa justiça he summa injustiça*; mas que os Reis se lancem nas mãos, e nos conselhos dos que os enganárão huma, e mais vezes, e dos que huma vez os trahírão, isso he premiar os crimes, he remunerar a trahição, he desalentar a honra, o talento, e a virtude, he perder-se, e perder os Reinos, he Cegueira! A voz do Povo inculca os merecimentos das pessoas de saber, e de honra; seguí-la, he acertar, ou ao menos cometter hum erro invencivel, e inculpavel: remunerar nos filhos os serviços dos Pais defunctos, não esquecer-se dos mortos, lembrar-se dos vivos, dar preferencia aos serviços mais antigos, cometter rarissimas vezes o premio a Ministros, posto que confidentes, não accumular em hum, posto que benemerito, quanto se pode distribuir por muitos, he Politica, que o habil *Antonio de Sousa de Macedo* aconselhava ao Principe Dom *Theodosio*, e que elle demonstrava pelo exemplar Governo dos Senhores Reis Dom *João I*, Dom *João II*, e Dom *João III*. — *Eu, ah Cesar!* (disse a este Imperador hum Soldado, a quem elle enviava a hum Ministro, para que o despachasse) *não vos mandei servir por outrem na Batalha Acciaca, na qual em tanto perigo estivestes! Eu mesmo he que vos servi!* Cesar ficou envergonhado. — Assim o refere *Erasmo*, *Liv. 4. apopht. ex Sueton.* Grande mal he não premiar os bons; mas fiar-se

dos perversos, já conhecidos como taes pelos seus factos, e condemnados pela voz do Povo, he Cegueira, he castigo da Justiça Divina! Luiz XVIII fiou-se do Marechal *Ney*, e *Ney* o atraiçoou! Este mal estava previsto, e fôra annunciado como outros muitos de semelhante natureza! Fiar hum Exercito de quem não tem valôr, nem pericia, he hum mal terrivel; mas entregar hum Exercito, e a direcção de huma Campanha a hum General, que não tem nem valôr, nem pericia, nem honra, nem virtude, nem opinião, he Cegueira, he castigo da Justiça Divina. Verdade he que não se julga bem de hum General pelos successos da Guerra, mas muito bem se julga dos successos da Guerra pelo General, que a dirige. Eu buscarei os exemplos na Franca: eu calculo grandes acontecimentos militares áquelle Paiz pela grande pericia do Marechal *Soult*, hoje Ministro da Guerra: não sou Francez, nem Inglez, nem pertênço a algum Paiz do Mundo, senão a *Portugal*, em quanto *Portugal* fôr Monarchia dirigida por Principes Portuguezes; como Portuguez seguirei sempre a sorte d'esta admiravel Nação; serei vencedor, serei vencido, serei conquistado, serei prisioneiro, serei ferido, serei morto, como Deos tiver decretado que seja a sorte de *Portugal*; meus deveres estão ligados somente a esta Nação, até com absoluta exclusão do Paiz, em que nasci, e com quem não tenho, nem terei jámais relações Politicas, ou Sociaes, salvas as que o Legitimo Governo de *Portugal* tiver, e conservar: digo isto, para que os *anonymos* cessem de mortificar-me com as requisições de que diga alguma cousa sobre a presente posição de hum Paiz, que me tractou como Portuguez, que em 1826, 1827, e 1828 me prohibio viver com minha Mãi, a familia, e dos bens, que por familia me pertencem: digo isto, porque, ainda que *Portugal* estivesse em Guerra com a *França*, eu não deixaria de reconhecer jámais que *Soult* he hum grande Militar, e que as emprezas guerreiras de seu Paiz dirigidas por elle serão sempre plausiveis, dado o mesmo caso de que fossem mal succedidas; pois que a habilidade de hum Militar não deve ser avaliada pela Victoria, que muitas vezes he resultado de hum acaso.

Temos o exemplo á vista. *Chassé* he hum grande Militar, como toda a *Europa* sabe; e todavia elle com toda a brava Guarnição, que defendia a Cidadella de *Amberes*,

ou de *Antuerpia*, se entregou á discrição do General *Gerard*. A Cidadella era mais forte que nenhuma das Praças da *Peninsula:* a Guarnição era das melhores Tropas do Mundo; *Chassé* defendêo-se como hum Heroe; succumbio, não pelo acaso, mas pela força; succumbio, porque não ha Praça alguma no Mundo, que seja inconquistavel; succumbio *Badajoz*, succumbio *Pamplona*, succumbio *S. Sebastião*; e todas as Povoações fortificadas, e muito fortificadas succumbem ao poder da força, e á pericia de honrados Generaes. Ao General *Chassé* fará justiça o General vencedor; eu tambem reconheço a pericia, e o valôr do General *Gerard*, sem me intrometter na justiça das pertenções dos Competidores. *Gerard* julgou ser melhor a bem da sua empreza, e da vantagem das suas Tropas expôr doze mil homens em hum mez, e conquistar a Cidadella, que sacrificar os mesmos doze mil homens em seis mezes, e não conseguir o fim. *Gerard* correspondêo á confiança do seu Constituinte, e corresponderia sempre, porque, ainda que por acaso não conseguisse o seu fim, mostraria sempre que isso não dependêra de falta de pericia, de valôr, e de desempenho. Infeliz aquelle Chefe, que nunca teve, nunca merecêo opinião! Infeliz aquelle, que não sabe merecê-la, nem mantê-la! Porem fatal Cegueira, castigo da Divina Justiça, quando se lança mão de Chefes, que nem tiverão, nem tem, nem podem ter jámais a Opinião. Esta Cegueira reconhece-se muitas vezes em os ultimos successos da Europa no Seculo proximamente preterito, e presente! A Sciencia Militar não quer ser censurada pelos seus defeitos, como se fosse Sciencia inaccessivel: perdôem-me os seus Professores que eu lhes adiante a paga, que o futuro lhes ha de dar: recorrendo todas as Campanhas, que tem havido no espaço de quarenta e hum annos, que tenho de existencia, demonstrarei com a penna na mão, as que fôrão perdidas por ignorancia, por cobardia, e por trahição dos que as dirigirão; as que fôrão perdidas pelo acaso, pela superioridade de forças, e pela falta de soccorros; as que se vencêrão tambem pelo acaso, e pela pericia, e valôr dos vencedores: eu não as guardo para depois de morto, *nem tenho papas na lingua;* se outros o dizem, e o hão de dizer, diga-o; e o direi eu tambem: Chefes fracos, ignorantes, e trahidores contão todos os Paizes do Mundo: confiar-se dos que a voz do

Povo conhece como taes, he Cegueira, he castigo da Divina Justica. Comprometto-me com huma grande parte dos Militares do Mundo! Embora me comprometta! A morte será meu escondrijo das suas bravatas! Huma vez ha de ser, e seja já, porque a vida já não he amavel; ameaços tenho todos os dias, e, sem ser Fatalista, não os temo; entrego a minha alma nas mãos de Deos, pois só elle pode salvar-me, e salvar o Mundo; não tenho outra saudade, que do Padre *José Agostinho de Macedo*, que fallou, quando *Portugal* mais carecia d'elle; elle sabia dizer o que queria, e eu hem aprender d'elle sei: as minhas tristes predicções estão verificadas quasi em tudo; a *Arte de enganar* está á vista, e a das traições ha muita gente, que a quer entender, e já diz que entende. Felizmente *Portugal* he a grande Nação, que por especial privilegio não pode perecer, nem por enganos, nem por traições: Christo Senhor Nosso enteudou este Reino ao Sancto Dom *Affonso Henriques*, e a seus Descendentes, para propagarem o Evangelho a gentes estranhas — *Volo enim in te, et in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in gentes exteras.* — *Brito*, e *Mariz*. — *Portugal* não pode perecer, porque o mesmo Sancto Rei Dom *Affonso Henriques* na sua gloriosa visão pedio ao Senhor que convertesse contra sua pessoa os castigos, que aparelhasse contra sua gente: — *Gentemque Portugalensem salvam custodi, et si contra eos aliquod paraveris malum, verte illud potius in me.* — Os mesmos *Brito*, e *Mariz*. Ora sendo cousa observada que Deos não converte os seus castigos contra os Senhores Reis de *Portugal* pela humildade, com que elles lhe pedirão que *não os convertesse contra sua gente*, he d'esperar da Divina Misericordia que *Portugal* seja salvo: o certo he que o Povo Portuguez nunca s'entregou aos inimigos da Monarchia, ainda que foi entregue; nunca atraiçoou, ainda que foi atraiçoado: as Historias fallão em abono d'esta verdade, e com ellas abono eu estes Escriptos; porque, se houve Historiadores do preterito, quero eu ser Historiador do presente, e do futuro: embora ralhem de mim, os que vivem; não ralharáõ, os que hão de vir. Mas eu deixo os Exercitos da *Europa* entregues á ignorancia, ou á perícia; ao valôr, ou á covardia; á fidelidade, ou á traição, dos que os dirigem: este he hum *Segredo* já *revelado* em todos os

Numeros d'esta Publicação, todas as vezes, que elles fallárão de cousas de guerra! Cegueira! Justiça Divina! Falle eu da manifesta Cegueira de toda a *Europa*, que este he o meu assumpto, e assumpto do interesse de todo o Mundo; he hum golpe de vista sobre os Reis, e sobre os Povos, ou sobre a Cegueira de todos, e sobre a Justiça Divina.

Ninguem póde muito tempo trazer a máscara; o fingido torna ao natural; a hypocrisia he huma mentira, que *cedo, ou tarde* falla verdade contra si; huma luz falsa, que, depois de haver enganado nossos olhos, mostra, cahindo, que avaliavamos por estrella, o que era vapôr; escrevo pelas mesmas palavras do citado *Sousa de Macedo*, não querendo recorrer ao Proverbio Mythologico — *de tomar a nuvem por Juno* — que me parece menos explicativo. Mas hoje por Cegueira, ou por Castigo da Divina Justiça não se conhecem os mesmos escandalosos, que tirárão a máscara em todas as Revoluções, figurando claramente n'ellas, e que na Causa da Realeza põe a máscara, não para a servir, mas para a trahir. Triste fatalidade, que já por duas vezes experimentou o Paiz mais classico em fidelidade, *Portugal;* a saber, por morte do Cardeal Rei, e por morte do Senhor Dom *João VI* o Povo Portuguez não se entregou, mas foi entregue; não trahio, mas foi trahido!

Ateárão-se as Heresias na *Europa;* a impiedade, e as innovações alevantárão a sua Cabeça; não ha quem não veja este Systema devorador do Altar, e dos Thronos: pois quando mais se carecia de educar os Povos no verdadeiro Systema de Religião, e de estabilidade, então foi que se fez a guerra aos Mestres de Israel, aos Jesuitas! Bambalêa a Igreja, tremem as Monarchias, e então, que era absolutamente necessaria a conservação do Tribunal da Inquisição, foi posto em terra, e as Armas da Fé forão estóndidas! Mostrava a experiencia que todas as Nações, em que não havia aquelle Tribunal, estavão arruinadas, ou contaminadas na Fé; e que aquellas, em que havia o dicto Tribunal, sustentavão a mesma Fé, e conservavão o Estado, não só em respeito do impotente Judaismo, mas principalmente em respeito das Heresias muito mais inquietas, e contagiosas, que são a peste da vida Civil, ainda no temporal, porque causão divisões, que são desolação dos Rei-

nos, e professão novidades no governo, e total extinção dos Reis. Poderáõ os lobos gerar cordeiros, e as silvas produzir rozas; mas homens desleaes a Deos nunca podem ser verdadeiramente leaes aos Reis; os que fundão sobre o Atheismo, edificão torres de *Babel*, ou Estátuas com pés de barro! He pela Religião, disse o grande *Thomás Bossio*, que *Portugal* tem sido o unico Reino, em que nunca os Vassallos conspirárão contra a vida de seu Rei, ou se rebellárão contra seus Mandados. Ora declaro que esta linguagem he hum furto do citado *Sousa de Macedo*. Porém hoje he necessario mudar de linguagem! Cegueira! Justiça Divina. Abandono este vastissimo pélago: basta haver tocado sómente a sua superficie: para aqui me trouxe o primeiro Artigo de — *Noticias Estrangeiras* — inserido na *Gazeta de Lisboa de Sexta Feira 21 de Dezembro do anno de* 1832. Eu não toco em materias, que muito desejo, e que muito bem conheço desde longos tempos, nem expendo certas idéas, sem que antes as toque, e expenda a *Gazeta*, porque, sendo ella impressa por Ordem do Governo do meu Rei, me faculta licença para repetir, o que alli está dicto, e para m'explicar nos seus limites. Tanta he a minha *moderação*, ou taes são os meus receios! Eu m'entendo, e m'explico, segundo me he possivel. Vamos a isto.

Diz o citado Artigo — «Nada prova melhor a ligeire-«za, com que se tractão nos nossos dias as Questões mais «importantes de Politica, do que, o que se passa actual-«mente na..., onde, os que tem mais altamente procla-«mado o principio de não intervenção são os que intervem «agora com a força das armas, e..... Em geral a Crise «Politica actual se distingue de todas quantas a precedêrão «pelos absurdos, que se commettem, e pelas contradicções, «que n'ella se observão. Se depois d'isto, por seguirmos o «falso caminho, viermos a parar em huma guerra Europea; «a quem se deitará a culpa?» — Ora o Artigo não he Revolucionario, pois foi permittido inserir-se na *Gazeta;* não serei pois prohibido de deduzir d'elle algumas reflexões; elle falla, do que passa na *Belgica*, eu não; porque me não importa algum Paiz do Mundo, senão *Portugal:* por tanto *sem provocações* direi, o que ha tempos conheço. O principio de *não-intervenção* he huma quimera impraticavel, e em que só podem acreditar cabeças prenhes de absurdos, e

de contradicções: todas as Potencias intervierão sempre, intervem sem cessar, e hão de sempre intervir nos Negocios das outras Potencias, segundo os seus principios, e interesses: cessa esta intervenção, quando os principios, e interesses das Potencias estão acordes, ou não se prejudicão. Porque está *Luiz Filippe* no Throno da *França*, e porque foi alli reconhecido por todas as Potencias, tanto Absolutas, como Constitucionaes? Porque não restou na *França* huma Cidade, nenhuma porção notavel de Exercito, que permanecesse fiel por *Carlos X*: a posse pacifica, a acquiescencia de toda huma Nação he o Direito Regulador das Potencias, por tal fórma, que se toda a *França* mudasse agora a Dynastia, e esta se apossasse do Throno sem resistencia, essa Dynastia sería igualmente reconhecida, mal que pezasse a alguem; mas se essa mudança prejudicasse aos interesses das outras Potencias, então obstaria áquelle Reconhecimento a propria conveniencia. Logo, se na mudança do Throno da *França* não só não houve intervenção, mas até houve o Reconhecimento geral, he porque todas as Potencias concordárão em principios, e não vírão seus interesses offendidos. Eis como se evitou a guerra Européa! Este he o caminho, que se seguio: se he verdadeiro, ou falso, o futuro o dirá: o presente está á vista. O que passa na *Belgica* parte dos mesmos principios; as Potencias, que ahi intervierão, dizendo que não intervinhão, achárão offendidos os seus principios, e prejudicados os seus interesses; e as Potencias que não intervierão contra essa intervenção, obrárão assim, porque estiverão acordes em principios, e se não julgárão prejudicadas nos seus interesses; se este caminho he verdadeiro, ou falso, o futuro o dirá: o presente está á vista. Declarárão as Potencias que não intervirião na *Questão Portugueza*, e todavia *Dom Pedro* teve á sua disposição subditos, e recursos de guerra dos Paizes Estrangeiros, d'onde recebêo quantos auxilios (e ainda para mais) algum sería obrigado a prestar-lhe por Tractados, se elle estivesse Reconhecido Rei de Portugal! D'onde vem esta intervenção, e não intervenção estrangeira? Claro está que dos seus principios, e interesses. *Huma Possessão Ultramarina de Portugal, e huma porção notavel de Tropa Portugueza se declarou, e permanecêo na obediencia de Dom Pedro! Não houve pois huma acquiescen-*

cia clara de todos os Portuguezes ao Senhor Dom MIGUEL!... Ahi está o Direito Regulador! Huma porção de Inglezes julgou offendidos seus interesses; ahi está a sua voluntaria intervenção! As outras Potencias vírão, e vêm esta *intervenção*, ou *não intervenção*, e não intervêm; certamente porque estão acordes em principios, e não se julgão lesadas nos seus interesses: este he o caminho, que se seguio, e segue; se he verdadeiro, ou falso, o futuro o dirá; o presente está á vista. Quem he pois que acredita no principio de *não-intervenção*? Tantas Notas, tantas Conferencias Diplomaticas, tantos Protocolos como ha quasi diariamente nas Grandes Potencias não demonstrão que tal principio de *não-intervenção* não existe? A *Austria*, e *França*, a *Prussia*, e *Russia*, e a *Inglaterra* não acabão de intervir nas Disposições Legislativas do Sancto Padre? Não se pertendêo dictar a Lei ao Soberano Pontifice? Não se tentou crear hum novo Poder no Estado, estabelecer o principio da Eleição popular, e formar hum Conselho d'Estado, composto de pessoas leigas, além do Sacro Collegio, ou antes em opposição a elle? Veja-se a *Gazeta de Lisboa de 31 de Dezembro do ultimo anno.* He pois com muita ligeireza que se tractão nos nossos dias as Questões mais importantes de Politica; estamos em huma Crise, que se distingue de todas quantas a precedêrão pelos absurdos, que se commettem, e pelas contradicções, que nella se observão. Mas donde vem esta ligeireza, estes absurdos, e contradicções? Cegueira! Justiça Divina. Como he que se acredita no principio de *não-intervenção*, quando a intervenção he clara em Diplomacia, e no fim se resolve em intervenção com a força das armas? Sem dúvida são muitos os enganados, e muitos os enganadores! Cegueira! Justiça Divina. O Direito Regulador está á vista: *conveniencia propria.* Este he o caminho, que se segue; se he verdadeiro, ou falso, o futuro o dirá. Mas que se não conheça o fim, o que se deseja, o que se pertende, o que se tracta! Cegueira! Justiça Divina. — Quer-se que a *Europa* mude totalmente a sua face Religiosa, e Civil! Para esta mudança tem a *Europa* mais de meio caminho andado. E viremos por este caminho a parar em huma guerra Européa? Alguns julgão que sim, e eu, que em huma dissolução geral. A *Europa* tomou a Defensiva; e quando

quizer tomar a Offensiva, acaso será tarde; acaso estará sem forças fisicas, nem moraes; acaso não poderá conservar sobre as armas essas enormes massas, que agora estão á espreita de como as Potencias Menores succumbem aos golpes da *intervenção*, e da *não-intervenção;* que, ao parecer, fazem guarda de honra á Diplomacia. A quem se deitará a culpa, do que a *Europa* soffre, e do que está exposta a soffrer? A' Cegueira! Eu vejo a Justiça Divina sobre a *Europa*! Seus instrumentos são... Diga-o quem poder, pois para tanto não tenho licença. Mas vejo do mesmo passo a Divina Misericordia sobre *Portugal*, e a invóco humildemente na maior amargura do meu espirito.

Portuguezes! Vós sois os predilectos de Deos para ostentardes os seus prodigios, a sua bondade, e a sua fé! Portuguezes! Nação Escolhida, Nação Privilegiada, Nação Prodigiosa! Mostrai ao Mundo pela vossa constancia, e pelo vosso valôr que pozestes a vossa esperança em Deos, e que Deos vos salvou nas suas antigas Misericordias!

Lisboa 8 de Janeiro de 1833.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1833. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 94.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣. 15. Portuguezes! Vigia sobre vós a Providencia Divina, e vós não sois abandonados! A vós pertence pelejar, a Deos salvar-vos! Pelejai pois em nome de Deos, e do Senhor Dom MIGUEL, e vós sereis vencedores, vós sereis salvos!

O Segredo revelado.

Paz de meias, e Guerra de meias produzem por necessario resultado a enthronisação dos falsos Pacificos, e dos máos Guerreiros. Huma Guerra mal dirigida traz comsigo huma Paz vergonhosa; e huma Paz falsa traz comsigo huma Guerra perdida. Estas duas proposições de rigorosa evidencia estão praticamente demonstradas em todos os successos, que meus olhos presenceárão, e lêrão, e que meus ouvidos ouvírão. Isto não he calcular sómente, pelo que passou; he vêr, o que passa, e demonstrar, o que ha de ser: tudo está previsto, e predito, e quasi tudo está verificado; mas *Deos sobre tudo*, e nós todos debaixo da mão poderosa de Deos, que he capaz de nos salvar. Porém não seja eu mais o *Jerenias* do Seculo presente! Se a Europa se desgraça he pela sua culpa; se cambía a sua face Religiosa, e Politica, he porque não sabe conservar a antiga: Cegueira! Justiça Divina. Todavia *Portugal* não perece,

porque a Misericordia de Deos com os Portuguezes se ostenta maior, que a Sua Justiça. Este he o meu *Credo*. Deixo pois as Potencias Estrangeiras, e sómente lhes recordo algumas passagens da Sancta Escriptura — *Apparuerunt effusiones maris* — *Hæc est plaga maris*. Já o predisse o Evangelista S. João — *Vidi de mari bestiam ascendentem*. Esquecêo-se o Preceito, que Deos ordenou aos Israelitas — *Castra ponetis super mare*. Verdadeiramente que os destinos da Europa estão nas mãos de Deos, que algumas vezes entrega os Póvos, e os Reis a hum senso reprobo, para os salvar no tempo decretado! Oremos a Deos, para que esta salvação appareça nos nossos dias. Mas meu negocio he com os inimigos de *Portugal*: vou pois revelar o Segredo pelo modo, que me he permittido. Porém adiantarei em alguma cousa em favor do meu Rei, e da minha Patria! *Desenganou* o grande *José Agostinho de Macedo*, e seus *desenganos* forão approvados, porém não praticados; *Contraminou* hum grande *Monge de Alcobaça*, e a sua *Contra-mina* foi applaudida, não seguida; Vim vê, não sei se por azar, se acintemente, a pertender formar as linhas da *Defeza de Portugal*, e ellas forão vistas, e não observadas: em verdade que parece o havermos todos trabalhado em vão: os inimigos da Monarchia, os inimigos de Deos, dos Reis, e dos Póvos, zombão de todas as verdades, porque estão fortificados atraz dos parapeitos da impostura: isto está visto; a *Defeza*, dentro em poucbs dias mais, acaso não possa o Publico sustentá-la, eu terei de ser *Procurador* de Causas; e, como a minha Causa não ha de ser perdida na ultima instancia, procurarei usar todos os artificios, que as Leis, e as circumstancias permittirem; a penna tem tinta de sobejo, e a materia he immensa; não canço, nem cançarei; mas o Mundo parece querer dar huma volta; e permitta o Ceo que não seja a volta do *Diabo cêxo*, que o Mundo não seja escangalhado; todavia encherei os cem Numeros desta Publicação, e concluirei dando huma rápida tósa no Redactor da *Aurora*, ou na sua doutrina, por desembaraçar-me por esta fórma das minhas ultimas promessas, ficando as outras muitas na reserva de futuros mais lisongeiros, se Deos tem decretado, que nós os contemos; mas fiquem para traz das costas preambulos, que parecem enigmaticos, e presagios, que talvez não são agradaveis. Os inimigos fervem em cachão! O Mundo se ha feito, elle todo hum valle de lagrimas, ou antes de Revoluções!

Todas as Revoluções sempre trazem comsigo hum titulo, para se justificarem do attentado, que commettem contra a Authoridade Legitima; e he debaixo das apparencias do — *Bem Publico* — que ordinariamente se pretextão todas as innovações, mudanças, e reformas, que se pertendem pôr em pratica: basta lêr a Historia das Nações, para se averiguar esta verdade, e reconhecer-se immediatamente que não he esta a primeira tentativa de huma tal natureza: os successos, e acontecimentos Politicos se reiterão, e assemelhão continuamente: os mesmos pretextos servem sempre, ou quasi sempre de motivo ás mesmas Revoluções; em todas as innovações, mudanças, e reformas se promettem as mesmas vantagens; o *bem publico*, e elle he o bem dos que dirigem o Publico; a *equidade natural*, e sómente são *equos* para si mesmos os que a invocão; o *amor do bem commum, e geral*, e os innovadores não se amão senão a si mesmos, e aos que lhes dão auxilio n'essas innovações. Que he do respeito, e fidelidade, que se deve a Deos, e aos Reis, que são a sua imagem na terra, segundo a Sancta Religião Catholica, a qual muitos dos innovadores dizem professar? Qual he a Constituição, que elles tenhão dado ao Mundo, que tenha estas duas bases — *Deos e Rei* — inscriptas, e defendidas com sinceridade? E não tendo elles dado ao Mundo esta Constituição, pois que, se a dessem, seria a mesma antiga Constituição de todas as Monarchias Catholicas, como pertendem elles collocar as Potencias no seu devido esplendor, e cathegoria? Tudo o que he efémero, não tarda a desapparecer? A Authoridade Legitima não he sempre firme em seus principios inabalaveis? Huma Constituição, que tem por sua base *Deos*, e *Rei*, não tem sempre resistido aos ataques, que as alternativas de huma viciosa, e intrusa administração lhe fazem, ou tem feito experimentar? Como pensão os innovadores não succumbir, faltando-lhes a justiça, e a razão? — *Si ratio deerit, et justitia, semper desiderabitur et virtus* — disse Plutarcho. Mas os innovadores insistem; que lhes póde aproveitar? Perder os seus semelhantes, perder-se a si mesmos, perder o Mundo: serão os instrumentos da Justiça Divina; mas nunca vencedores permanentes contra Deos, que não deixa triumfar para sempre o erro, e os crimes. Conheço que os Revolucionarios se tem estabelecido por seu Direito — *Em quanto o páo vai, e vem, folgão as costas.* — E o seu *bem publico*, a sua *equidade natural*, o seu *amor á Humanidade!*

Debalde buscão, e se fatigão os inimigos das antigas Instituições, por que a velha Europa se tem regido, em pertender consolidar com a opinião as maximas, que directamente a encontrão: os Systemas, que não promovem a boa educação, e a Moral sólida, tarde, ou cedo fallecem por si mesmos, e por si mesmos se destroem, á proporção, que os Póvos vêm seus interesses confundidos, a paz perdida, e todas as desgraças sobre elles. Verdade he que as innovações se tem avançado muito em pouco tempo; mas já vão esquecendo alguma cousa ésas theorias, que não tem produzido senão sangue a huns, e a outros; o vão prestigio da preoccupação começa a desvanecer-se, e por fim cessará inteiramente, logo que os Reis, e os Póvos tornem a unir-se: nem sempre a Cegueira ha de imperar; talvez a Justiça Divina dentro em poucos annos ficará satisfeita; os Reis, e os Póvos apontaráõ hum dia para os Auctores dos seus males; acaso já vão despertando do terrivel lethargo, em que tem jazido tanto tempo; este Seculo, chamado de ouro, a realmente de ferro, conhecerá que o Seculo passado lhe fez perder a posse dos verdadeiros Seculos de ouro, em que não havia este barulho, confusão, e desordem, que tem feito amargosos os ultimos annos de nossos Pais, todos os nossos annos, e os primeiros da geração, que ainda não chegou á sua geral adolescencia; não será tão desprezada, e tractada tão de resto a Educação; não se excitaráõ tanto as paixões, que agora muito de proposito se fomentão; não será tão fraca a Religião, que agora tanto se escarnece; arrastando tanto a corrupção dos costumes, e a depravação dos antigos principios; em huma palavra, não adoecerá de tanta relaxação, e debilidade as mólas dos Governos. Ah! Que eu quero consolar-me na desesperada posição actual! Não quero perder a esperança de que a Europa dispenda ainda huma Protecção constante, e aclarada, que faça honrar a verdade, respeitar os costumes, e triumfar o Altar, e os Thronos; huma Protecção, que obrigue a Impiedade, e a Revolução a concentrar em si mesma os seus desejos, e a render, ao menos por seu silencio, homenagem á Verdade, e á Lei, ou a Deos, e aos Reis.

Barulhem muito embora os novos reformadores, ou destructores das Sociedades todas as idéas, opiniões, e doutrinas da Antiguidade Religiosa, e Pacifica, inculcando aos amigos de novidades maximas detestaveis em materias de Governo, em vez de principios sólidos, e estaveis,

renovem, dobrem, e tresdobrem seus esforços; elles não apagarão para sempre no coração dos Póvos huma Lei Sagrada, e Eterna, que inalteravelmente os liga a Deos, e aos Reis, e que marca, e distingue os reciprocos Direitos, e Deveres do Sacerdocio, e do Imperio; Lei de Justiça, que diz, o que póde a Igreja, o que podem os Reis, e o que podem os Póvos. A voz da Natureza não immudecerá sempre: os particulares destinos dos homens sobre a terra, regulados pela Natureza, nunca poderáõ isentá-los de hum reconhecimento á Divindade, e de huma subordinação, e obediencia á Authoridade Real, e Positiva. Este Codigo he immutavel: nas Leis do Universo Moral, e na nossa propria Consciencia estão patentes os fundamentos de todas as Sociedades: estas são regras, que nunca se disputárão, em quanto a voz da Natureza não foi desconhecida: he aqui, não nos Congressos da relé das Nações, em que as paixões imperão, como as Historias fallão, e fallaráõ as que se escreverem, he na Razão, na Justiça, e na Humanidade, onde os directoees da actual Europa devem saber o futuro das Nações. Prevaleceráõ ainda mais huns tempos os Innovadores, e as Innovações: seráõ humilhados alguns Reis pela Cegueira dos que os aconselhão: seráõ exaltados outros por Castigo da Justiça Divina; mas máos directores, os cégos conselheiros, os perversos trahidores seráõ votados á execração pública com as suas proprias familias; em vão se glorião de hum triumfo injusto, incerto, e momentaneo. Os Povos hão de obedecer aos Reis, porque os Reis Reinão por Deos, não pelos homens!! Não se cance, não se desvaneça a Diplomacia innovadora, enganadora, e trahidora! Os fundamentos da Soberania, e da Sociedade são obra do Legislador Eterno, de Deos! Deos soffre, não para sempre; castiga, até estar satisfeita a sua Justiça; mas a sua Misericordia ha de apparecer em favor dos que o reconhecem, e invocão! Deos he o Rei de todo o Mundo, o Rei maior de toda a Terra; não permitte pois qne os Reis menores, que os seus Legitimos Delegados pereção para sempre — *Rex omnis terræ Deus, Rex magnus super omnem terram.* Psal. 46. —

Mas duvidaráõ os Innovadores, esses sabichões, para os que toda outra doutrina, que não fôr a sua, he rançosa; duvidaráõ elles d'estas verdades? Não por certo, se não estiverem loucos; mas nesse caso todo o Mundo pelejará contra elles — *Pugnabit orbis terrarum contra insensatos.* —

Porem todos os Pensadores devem estar certos que os Innovadores em seus erros, e em seus crimes tem mais de maliciosos, que de ignorantes: propalando certas maximas, que são as suas favoritas, e que todas se achão combatidas, não só pelos Concilios, e pelos Padres da Igreja, como pelos Filosofos, e Juristas, elles se atrevem somente a enunciá-las, porem não a defendê-las por si mesmos, ou a peito descoberto, mas empregando a força seduzida, ou encapotando-se com a Authoridade dos Reis illusos; e he aqui onde eu descubro a Cegueira, ou os effeitos da Divina Justiça pelos peccados dos Reis, e dos Povos. Os Innovadores, destituidos de todo o sentimento de honra, e de virtude, são capazes de medir armas, ou de entrar em contestações sérias com os propugnadores das antigas Instituições das Monarchias? Elles querem somente estabelecer sobre a ruina de principios sólidos, e verdadeiros o seu falso, e encoberto Systema tão incerto nas suas maximas, como pernicioso nas suas consequencias; Systema, que faz os ataques mais funestos á Religião, e aos Costumes; Systema, que tende sempre a crear successivamente, e ao infinito novas idéas, principios subversivos, e só capazes de perturbar a antiga ordem estabelecida, novidades sempre perigosas de fazer huma perturbação universal em todas as Potencias, e de apresentar huma arriscada crise, em que hum louco frenesi arranque do Sanctuario a Religião, e a Justiça, e os Ministros da Lei Divina, e Eterna, e os da Politica Divina, e Humana, para assim inverter, e destruir os Direitos mais preciosos do homem, a sua propriedade, a sua liberdade, a sua honra, a sua consciencia, e a sua vida, tornando em ridiculo as mais solemnes garantias, que nunca passão da bôcca, ou do papel, compromettendo, e confundindo totalmente os Direitos, os Deveres, e os Interesses dos Reis, e dos Povos, alterando os antigos ligames, que prendião a estabilidade das Monarchias, mudando as formas prescriptas, e constantemente observadas desde longos Seculos, em huma palavra, anniquilando tudo, e tudo reduzindo a hum perfeito cáhos, que he o pélago, em que a Europa parece ir abysmar-se, se não extingue esse espirito regenerador, que pertende dar ao Mundo huma nova face Religiosa, e Politica. Levantarei mais a minha voz? Em estilo Asiatico pouco mais posso adiantar, e em Attico não sería soffrido! Soberanos da Europa, que em Direito gozais da Vossa Liberdade! Abrí os olhos, e lêde na Escriptura Sagrada — *Hoc*

est plaga maris! — O Poder Real, o bem das Monarchias, o interesse da Religião exigem, pedem, demandão, e reclamão que germen tão destructor seja suffocado. Não o suffocareis? Sereis enganados, sereis trahidos por mais tempo? Então, Cegueira! Justiça Divina. Este he o Segredo do Mundo; eu o revélo mais.

Se o fim dos actuaes Innovadores, se os seus esforços, e trabalhos diligenciêão o bem, e a ventura da Humanidade: se o seu Systema, seus principios, suas maximas, seus estudos, suas applicações, as combinações de tantos espiritos fortes, são *fazer a felicidade do Mundo, e dar-lhe a paz*; como he que o Mundo está desgraçado? Como he que tanto sangue se tem derramado, e derrama, e está proximo a derramar-se? Innovações na *França*, e logo sangue, logo desgraças! Innovações na *Italia*, e logo sangue, logo desgraças! Innovações na *Polonia*, e logo sangue, logo desgraças! Innovações na *Hespanha*, e logo sangue, logo desgraças! Innovações em *Portugal*, e logo sangue, logo desgraças! O quadro he geral. Logo que figurão Constitucionaes, Maçons, Innovadores em qualquer Governo, a sorte está vista, trahições, sangue, desgraças! Justiça Divina! Quando estarás satisfeita? Os principios dos Innovadores são confusos, e obscuros; suas maximas somente convencem, e persuadem a cabeças cheias de absurdos, e de contradicções; não he o amôr da verdade quem guia os Filosofos do novo cunho, ainda que elles dizem que tem errado quasi todos os Theologos, Jurisconsultos, e Filosofos antigos. Pois somente os modernos acertão, depois que tantos, e tantos errárão? E ainda ha quem os ouça! Proposições absurdas, axiomas contradictorios, deducções escandalosas, theorias, e hypotheses insustentaveis, eis o que elles querem estabelecer á custa de quasi todos os homens, á custa do sangue, á custa das desgraças, do mesmo passo que dizem querer *ordem, paz, e felicidade*: termos subtis, mas obscuros, e inintelligiveis á vista dos successos, e resultados: todas as suas chamadas demonstrações são huma Metaphysica alambicada, onde o discurso se perde, a razão desvaria, e o juizo se confunde, sem acertar-se a final no que se pensa, no que se diz, e no que se quer; tudo o que em ultimo resultado se pode colher do seu tão celebrado Systema, he que certos influentes, e influidos nesta marcha não pretendem senão destruir a Religião, introduzir o Atheismo, ou ao menos o Scepticismo, disputando a Deos huma natureza es-

piritual, intelligente, e summamente perfeita; reconhecendo somente a materia por pensadora, providente, e necessaria, enfraquecendo as evidentes provas da Religião Christã, deprimindo as predicções dos Profetas do antigo Testamento como partos, e effeitos de imaginações esquentadas, negando a Celestial Missão de Jesus Christo Deos, e Homem Verdadeiro, e os seus milagres, e Evangelho, como se o Sacrosancto Nome do Filho de Deos fosse hum Nome vão, e quimerico, e encarando como odioso todo outro qualquer Culto, que não seja o chamado Natural, ou Voluntario ao bel-prazer de cada hum dos homens! Sobre Moral, e Politica são igualmente extraordinarios os seus paradoxos; não fazem differença essencial entre o justo, e injusto; regulão a virtude, e o crime pelas idéas, e pelos appetites dos homens; desconhecem toda a Lei, que obrigue, e necessariamente ligue huns a outros homens, salvas as suas convenções, todas revogaveis, se elles quizerem, e quando, e como quizerem; olhão para a Sociedade, como para hum mal necessario; para todo o Governo, como para huma Usurpação, e Tyrannia, e apenas admittem huma Democracia indefinida, ou huma Oligarchia absoluta, para se poder revogar quando os homens quizerem! Este he o seu Pacto Social, a sua Liberdade, e Igualdade, a sua Divisão de Poderes, a sua Tolerancia absoluta em materias de Religião, e de Governo. Serão elles ignorantes, ou maliciosos, ou estarão loucos? Porem eis os principaes artigos do *Credo* Religioso, e Politico de huma parte dos Diplomatas d'este Seculo! E que os Soberanos não conheção aquelles dos seus Ministros, que seguem, ou algum tempo seguirão hum Systema tão falso, e capcioso, tão incrédulo, temerario, e perigoso! Cegueira! Este he o caminho, que se tem andado em grande parte: se chegar a Europa a ultimá-lo, os homens fugirão huns dos outros, e preferirão por mais dôce, mais suave, e menos perigosa a Sociedade das Feras; mas então reconhecer-se-ha que a Justiça Divina carregou a sua mão sobre o Mundo. Se os Monarchas se aconselharem com estes *Caranguejos* da Sociedade, tudo andará para tráz; e depois de mil esforços contra a natureza das Sociedades, e contra a voz do Ceo, ou o Mundo terá o seu fim, ou, depois de esmagado hum por outro, apparecerá huma nova Sociedade conforme aos principios da antiga, que olhará, para a que lhe precedêo, como para huma Sociedade de monstros, de brutos, e de cégos, que não co-

nhecêrão a Deos, que o não respeitárão, nem adorárão. Soberanos! Tirai a causa das desgraças das vossas Monarchias, e as desgraças cessarão! Se não as tirardes, as desgraças continuarão; mas Vós, e as Vossas Familias sereis as primeiras victimas! Olhai por Vós, e pelos Vossos Povos! Salvai-vos, e salvai-nos! Separai dos melhores, e maiores Empregos, e Encargos Publicos aos Innovadores, e collocai, os que rendêrão Serviços á Patria, e ao Estado: não reduzais á fome, á miseria, e á penuria, os que servírão fielmente á Monarchia: não confieis dos hypocritas, dos aduladores, de homens, que dizem que vos servem, mas que nunca vos servírão, de homens, que a voz dos vossos Povos condemna, despreza, e execra: Vêde que tendes sido trahidos mais de huma vez por homens, que se introduzírão nos mais elevados, e importantissimos Lugares, Honras, e Dignidades dos Estados: desconfiai sempre dos amfibios, fmpios, de huma moral, e conducta depravada, que dobrárão o joelho aos vossos inimigos como a vós mesmos: Vêde que não por outra fórma, nem por outros homens os Vossos Povos cahírão em Revoluções! Porém eu revelo mais o Segredo com respeito a *Portugal*.

Quem foi o Auctor da Carta Constitucional de *Portugal*, pois que he certo que Dom *Pedro* sómente a assignou? Quem impedio positivamente que *Lisboa*, e todo *Portugal* resistissem á admissão da dicta Carta? Eu não fallo, de quem obedecêo, porque em muitos não foi hum crime, e em outros foi hum acto forçado. Quem concorrêo positiva, e voluntariamente, a que o Senhor Dom *MIGUEL* fosse excluido de huma Successão Clara, e Manifesta pela Emancipação de Dom *Pedro*, e pelo Tractado de Perpetua Separação, e Independencia de *Portugal*, e do *Brasil*, bem como pelas Côrtes de *Lamego*, e pelas de *Lisboa* de 1641, e de 1674? Quem dictou, e mandou tanta trahição, e tantas illegalidades, e tantas violencias? Onde estão esses monstros, esses *Prothéos*, esses amigos fingidos do Throno, e da Monarchia? Quem causou tantos males, tantas desgraças? Revele-se esse Segredo, e está revelado o Segredo da presente posição de *Portugal*: os que então mui de proposito, e acintemente fizerão violencia a *Portugal*, hoje não o defendem, agora o atacão. Forão homens corrompidos, desnaturalisados, e indignos da Protecção Real, e das Leis, pois que despedaçárão, e rompêrão todos os laços da Sociedade Civil, e Politica, impon-

do forçá á sua Patria, faltando á Lei, á Justiça, e á Honra — *Nihil honestum esse potest, quod justitia vacat* — dizia Cicero. Aventureiros, filhos da facção, auctores das presentes desgraças, estais conhecidos; vossos factos de então, e de agora patenteão vossos nomes; a voz do Povo os profere com horror, e execração. Assim trahistes o Throno; e a Monarchia por amor de hum Codigo infame, destructor de todas as Leis Fundamentaes, e de todos os Direitos Nacionaes, e Individuaes? Póde, deve, merece sustentar-se, conservar-se, e empregar-se essa Cáfila de trahidores? Ah! Que os Portuguezes não são capazes de soffrer que fanção as Leis Fundamentaes da Monarchia, nem que vá avante o Plano combinado de annuiquilar, e mudar totalmente á fórma do Governo, os Privilegios do Throno; e os Direitos, e Costumes Religiosos, e Civis dos seus Antepassados! Elles entregaráõ aos seus vindouros intacto o Deposito, que seus Maiores lhes passárão sellado com o seu proprio Sangue! Occupar-se-hião os Portuguezes velhos em defender, propagar, e plantar o Estandarte da Religião Unica, e Verdadeira de Jesus Christo nas quatro Partes do Mundo hoje conhecido, para que os Christãos Portuguezes deste Seculo consintão, em que os trahidores prevaleção, em que triumfe a Maçonaria, que nega a Espiritualidade, a Immortalidade, a Liberdade, a Vida Eterna, a Creação do Universo, a Providencia, e todos os vestigios da Divindade? Em tal não pensem jámais os Auctores das presentes desgraças de *Portugal*.

Decahio de todo o Credito essa Carta vil, que tanto deprimia a Sancta Religião Catholica Romana, approvando o livre exercicio de todas as Heresias; que tanto diminuia a Authoridade, o Esplendor, os Direitos, Privilegios, e Prerogativas do Throno; que destruia os antigos, e venerandos Usos, e Costumes da Monarchia! Incutrão todo odio Nacional os Auctores d'essa monstrosa Carta, os incansadores da anarchia, e das desgraças, por que fizerão passar aos Portuguezes tranquillos, e pacificos! Tremei, Olympinos, tremei, porque os bons Portuguezes estão feridos, até ao fundo do coração, e jurão vingar-se dos manobradores de tantas perfidias! Tem querido manchar-se a gloria do Nome Portuguez! O dever exige que se rompa o silencio com voz firme, e cheia! Os Portuguezes não querem passar por criminosos, nem por membros mortos do Estado, nem por insensiveis ás injustiças, nem por faltos de pejo,

de vergonha, e de virtude, nem por cégos, e surdos a tantos desenganos! Elles não querem arrastar os ferros da escravidão, que huma bem conhecida Cabala quer impôr-lhes por traição: nascendo, para salvarem o seu Rei, e a si mesmos, a ousadia, a virtude vai guiar seus passos; ameaços, terrores não os abatem: hão de ser livres, e antes morreráõ, que cedão á violencia, á força, e aos estratagemas dos seus inimigos estranhos, e domesticos.

Os Portuguezes conhecem assaz o abysmo, em que pertendem precipitá-los! Este conhecimento he commum na Capital, no interior das Provincias, e nas extremidades do Reino: nas Chossas dos Pastores, nas Cabanas dos Lavradores, e bem assim nas Lojas dos Mercadores, e dos Artifices reina hum desejo, e voto geral, de se não dissolver a Monarchia, de se conservar sempre a mesma Dynastia, *o mesmo Rei, e a mesma Religião:* todos querem Altar, e Throno, só a Maçonaria obstinada não; querem que subsista a harmonia, e concordia entre o Sacerdocio, e Imperio; querem huma liga forte contra os inimigos dos Reis, e dos Povos; não se falla em outra cousa, que em salvar o Throno, e a Monarchia dos catastrofes, que lhe tem preparado a Revolução, e a Perfidia, custe, o que custar: tantos sacrificios, tantos esforços, tanto sangue não querem vêr-se inutilmente perdidos; pereção antes os auctores de tantas ruinas! Este sentimento geral não póde ser balanceado, moderado, restricto, reduzido, nem forçado! O alvo dos inimigos, o fim dos seus tiros he conhecido; *arruinar Portugal, subverter o Altar, mudar a face Politica da Monarchia!* O laço, que os inimigos de *Portugal* lhe tendêrão, está á vista; *nó gordio*, que a espada cortará dando gloria aos vencedores, e vencedores seráõ sem dúvida os Portuguezes, porque a mesma desesperação lhes augmenta ao infinito o seu valôr natural. Estes são desejos, e desenganos! Queira o Ceo, que nunca deixou de ser propicio aos Christãos Portuguezes, que meus desejos se verifiquem, e que tantos desenganos aproveitem a final.

Portuguezes! Vós fostes vencedores todas as vezes, que quizestes, ainda nas mais arriscadas Crises! Sois como a Palma, symbolo do valôr, que não se abate, antes se levanta com o peso! Não cedais aos males ainda nos maiores extremos! Todos os Grandes Negocios não se acabão sem grandes perigos; e vós nunca tivêstes Negocio igual, ao que emprehendestes, que he o de Salvar a Monarchia de

todas as tentativas estranhas, e domesticas! Não ha difficuldade alguma, que seja invencivel a animos valorosos; e de valorosos as apostais vós justamente a todos os Povos do Mundo! A' Voz do Nosso Grande, e Incomparavel Rei, e Senhor Dom MIGUEL, Verdadeiro Protector, Defensor, e Amigo dos Seus Povos, arriscai nobremente a vossa vida em Defeza da Religião, do Throno, da Patria, e do Nome Portuguez! A vossa esperança deve estar principalmente em Deos, que vos protege, na justiça da Causa, que defendeis, e no vosso proprio valôr, em que sempre tendes adquirido fama, e gloria! Vencei, Portuguezes, Vencei; não desdoureis o vosso Nome sempre applaudido em todas as Nações pelas vossas contínuas Victorias! Mostrai ao Mundo que ainda sois os mesmos, já que o Mundo não he o mesmo! Ensinai-o a ser constante na Defeza das suas antigas Instituições, para que siga o vosso exemplo, e não se arruine! Vêde, Portuguezes, que os olhos de todo o Mundo estão fitos em vós! Confundi os inimigos pela vossa Victoria! Que os Realistas de todo o Mundo aprendão de vós, o que sempre vós ensinastes em todas as guerras, que no Mundo trouxestes — *Vencer, ou morrer, sempre com gloria.* —

Portuguezes! Segui a Voz do Vosso Rei, cumpri os desejos da Patria, satisfazei á expectativa da Europa Monarchica, cobri de confusão, e de ignominia os dolosos estratagemas da Cabala Revolucionaria! Que vossos illustres feitos passem com gloria de geração em geração! Que os vindouros possão dizer — Nós respirâmos livres, porque nossos Pais, e Avós á custa dos seus bens, e das suas vidas, fazendo esforços, e sacrificios, de que os Seculos jámais dérão igual exemplo, vencêrão sobre o Douro a mais terrivel facção estranha, e domestica, e livrárão o seu Rei, e o seu Paiz das ciladas, e cabalas de malvados traidores, que dentro, e fóra do Reino O espesinhavão. Gloria ao Valor, e ao Heroismo dos nossos Maiores — !

Lisboa 10 de Janeiro de 1833.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO [illegible]
Com Licença.

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 95.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. *v.* 15. Portuguezes! Pendem da Providencia Divina os destinos de todos os Povos! Mas vós sabeis pela Celestial Visão, que teve o Sancto Rei D. *Affonso Henriques*, que sois hum Povo preservado por Deos para honra, e gloria do Seu Sacro-Sancto Nome! Bom animo pois; que de perigos muito maiores vos tem salvado a Divina Misericordia! Sêde constantes, que a Victoria está por conta da Protecção Divina!

Variações.

Este titulo não he desempenhado, nem elle he proposto para outra cousa mais, que para fazer com elle hum collecção de varios dizeres. Quiz intitulá-los — *Variedades*, — porém enganar-se-hião aquelles, que medem os escriptos pelos sobrescriptos: meu primeiro impulso foi titula-los — *Zanguizarra* — e apresentá-los no primeiro dia do anno, como que este he o anno de grandes desordens, ou de huma geral *Zanguizarra:* mas eu costumei sempre guardar alguma ordem nas minhas desordens; verdade he, que agora, como estou proximo a dar em doudo pelos absurdos, que se commettem, e pelas contradicções, que se observão não só em Politica, segundo diz aquelle artigo da *Gazeta* trans-

ticas, nem dos Boticarios, como fujo dos Botiquins, e dos Botiquineiros, porque com estes perde-se o dinheiro, a saude, a honra, e a alma, não sendo que por ahi se passe por indispensavel necessidade, e com a velocidade do *gato por braxas*, em quanto nas Boticas, e com os Boticarios póde sómente perder-se o dinheiro, e a saude, e a honra, e a alma não, ordinariamente, porque os que tem a fazer não costumão tractar de honra, nem de alma, salvo sendo *Chaptaes*, e *Vaulequins*, e outros *Arlequins* desta natureza, que tem discipulos por toda a parte, mas ociosos, que nada tem a fazer, nem vendendo, nem preparando: tanto não fujo dos Boticarios, quanto eu metto o nariz em todas as Boticas, ainda que não bato ao ferrolho, nem ordinariamente entro, por não pagar os direitos de ferrolho, e de maneio, nem os d'entradas, e sahidas, que eu desejo vêr livres para todos os bons Portuguezes, e para todos os generos Portuguezes, menos a sahida dos metaes, que eu sei se permitte para o Porto, e em grandes sommas, por effeito da Collecta ordinaria, e Extraordinaria, em que voluntariamente se mulctou a si mesma a Maçonaria, por não fallar nos milheiros de saccas de arroz, que ainda no presente mez forão despachadas para o malfadado Porto, deixando outrosim em silencio a polvora, e cartuchame, e até gente, com o que os Rebeldes fazem, e sustentão a guerra, e nós cá, e elles lá, e não queremos entender, nem obrar bem, por mais que eu bata, como batendo em ferro frio, e tudo isto com pretexto de evitar as *intervenções*; e as intervenções á portá, como eu predisse, e annunciei, como muitos temêrão, como outros desejárão, e como outros sollicitárão, dirigindo, e encaminhando as cousas para os *Protocolos*, não sabendo que os Portuguezes se se desesperão, se salvão; como já outra vez disse = *Una Salus victis nullam sperare salutem — Quondam etiam victis redit in præcordia virtus* = o que em Portuguez quer dizer (já que da primeira vez, que apresentei estes *Hexametros* o não disse) — *Que os Portuguezes, ainda que pareção vencidos, em desesperando-se, salvão-se.* — Para este acto de desespero, se o caso chegar, conto eu muito com todos os bons Portuguezes, muito com todos os Voluntarios Realistas, e muitissimo com os Emigrados na Hespanha, pois que hum Desembargador me disse no anno de 1829 que não se daya maior attenção aos Serviços destes, salvo se

viesse huma crise, em que a Nação estivesse em muito perigo, e elles a salvassem; e eu, tendo tomado o pulso aos nossos males, parece-me poder indicar a crise. Ora eis-me tambem Boticario, meu Boticario: jogo com a *Raqueta*, que alguns Hespanhoes menos bem fallantes chamão *Anraqueta*, sem que o termo venha de *Anrique; pelotaços aqui, pelotaços alli;* chumbo, e ferro, nada de pélas encouradas, nem *lanzúdas*, e eis os *Protocolos* em peças, ou em *aguas-rozes*, ou espiritos de *terementina*, sem vernizes, sem imposturas, sem bandalhices, que já todos conhecem onde estão, como se executão, e como se hão de remediar, e este o fim da tragedia Maçonica rebelde: minha cabeça he huma Botica, mas não tem de tudo; para casos taes só ha remedios, ou composições fortes, adstringentes, anti-espasmodicos, e analepticos, sem componendas de mixtiforios laxantes, emollientes, e narcoticos. Li muito de *Pharmacologia*, quasi tive encasquetados na cabeça os seus termos, que são huma *algaravia* de todas as Linguas; hoje os tenho perdidos, como que não sei senão huma certa Lingua, mas gósto do que gostei, e muitas vezes do mesmo, que não entendo: a Pharmacia de *Edimburgo*, a *Parisiense*, a *Matritense* agradárão-me algum tempo, e achava-as muito boas; hoje não me agradão, e a mesma *Lisbonense* me desgosta, por que não entendo a linguagem actual, pois — *aliud sonat, aliud significat;* — diz bem por diante, e róe por detraz; linguagem trahidora, porque mata com o que diz, dizendo que aviventa. Olha pois como não sou inimigo nato das Boticas, nem dos Boticarios, como que entre estes houve homens de muito saber, e de muito proveito para a Humanidade! Tu mesmo és hum exemplo, sabendo, além da tua profissão, que possues, outras Artes, que o Estado podera aproveitar, se precisasse de *Pharmaceuticos;* porém hoje segue-se aquelle proverbio — *Tractent fabrilia fabri.* — Cada qual entenda com o seu Officio, ainda que ha muita gente, que não sabe do seu Officio, e he a que mais falla, e mais mal obra: estes são contos largos. Antes de te conhecer, conheci muitos Boticarios, que descobrírão medicamentos, que os Medicos não achárão, e que aproveitárão *especificamente* para o curativo de graves molestias, ainda que nunca os achárão para livrar o homem da morte — *Contra vim mortis nullum est medicamen in hortis;* — nem para resuscitar os mortos, porque he Sciencia,

e poder, que Deos não communicou a nenhum dos mortaes *por virtude propria.* Conheço até, que não póde haver jámais algum Medico bom, que do mesmo passo não seja hum bom *Pharmaceutico;* porque pouco importa conhecer as doenças, e as suas causas, (o que he de muito poucos) sem conhecer ao mesmo tempo os remedios, que convém applicar-se-lhes; pois sem este segundo conhecimento elles dão aos doentes *gato por lebre;* receitão o que não entendem, e assim offendem, e matão, em lugar de curarem; *Hypocrates* foi hum grande Medico, porque foi huma grande *Pharmacopola;* separar as duas Artes, he separar as doenças, e os seus remedios; todavia se eu conhecesse ao certo o tempo da minha morte, nem Medicos-Boticarios, nem Boticarios-Medicos chamaria para a minha cabeceira, nem para os meus pés; por que debalde s'esforça em não morrer aquelle, que nascêo = *Quidquid habet ortus, finem timet; ibimus omnes — Ibimus, immensisque urnam quatit Aeacus umbris* = disse no Liv. 2. Silv. 1. o Grande Stacio, que só o Padre *Macedo* tentou verter em Linguagem Portugueza, e só elle o houvera concluido com grande proveito da Nação, se lhe não roubassem mais de ametade do seu trabalho, que talvez apparecerá algum tempo com gloria do ladrão, e até com utilidade, ganhando fama, e proveito, pelo que não fez, nem foi capaz de fazer. Convence-te por tanto, e pelo mais, que d'esta longa faramalha constará, que não fujo das Boticas, senão por medo das pedradas, porque tu as levaste, e outros as merecem; antes lá me metto, ainda que me não chamem, e metto a outros, como quem *mete os cães na mouta,* mas ficando de fóra. Que gosto não he vêr lá tanta gente, e gentinha, que procura a sua mézinha! Como o *mal, e o bem á face vem,* regalo-me de vêr aquellas caras, que nenhuma lá entra, que boa seja, e que não mostre logo, de que pé manqueja! Quando lá vejo huma mulher com côr de cera, que procura remedios para hum *resfriado,* devendo dizer para hum *callado,* para hum *envergonhado,* para hum *desenfreado....*; mas deixando estas cousas por nossa vergonha, já que muitas mulheres a perdêrão, outra visita conhecerá d'essas, e outras alcunhas, d'estes, e d'aquelles *aldravões;* para essas cousas nunca eu lá entrei, nem a pé, nem a *cavallo;* e se quando vim da *Hespanha* foi huma Botica a primeira estancia, em que

entrei em Lisboa, entrei sómente para comprar alguns *escrupulos* de juizo para muitos Emigrados, que vinhão com a mania, de que já tinhão abalado para fóra do Reino todos os seus inimigos, sendo que os principaes no Reino estavão, e estão agora por desgraça do Reino; mas tal juizo não apparecêo n'essa Botica, ainda que eu o pedi com *aspecto guerreiro*, ou com traje de Voluntario Realista; apparecêo agora a redor do *Porto*, onde a cousa está conhecida, ainda que não remediada. Ora esta he huma salsada, que só por esta fórma póde ir, porque eu não conheço outras composições. Realistas puros nos Empregos, amphibios para suas casas, e o Porto ás Ordens do nosso Grande Rei, e Senhor Dom MIGUEL I, sem que as *Notas*, ou *asneirotas* o impeção. Vamos a isto, e ao que resta, que he dar cabo da Carta, e dos seus amigos: nada de taes sabios que são pedantes, nada de taes fieis, que são trahidores.

Apedrejado te assignas, e com razão, porque o foste; e se então foi sem razão, com razão o mereces agora, por aquillo de *Demosthenes*, que foi Grego, e eu nasci *Gallego*, (agora sou *Portuguez* de todo meu coração, e bem melhor, que muitos, que se chamão *Portuguezes*, e não merecem este nome por trahidores) e por aquillo de *Vieira*, que foi hum verdadeiro amigo de *Portugal*, infinitamente mais leal á sua Patria, que todos os inimigos dos *Jesuitas*. Mofas certamente de mim, como se fosses *Judeo*, não o sendo! E escapas de ser novamente *apedrejado;* porque eu, nem quando era rapaz, ainda que travesso, porém nunca malfazejo, não tive a arte de atirar pedras, nem a mão as procurava, antes hum *Cacete*, hum contundente, e hum pistolete, e ainda hoje estou na mesma. Offendem-me certamente os elogios, que me fazes, e os considero como drogas, ou pivetes, que servem para contentar, e assim enganar os tôlos, e as tôlas; drogas communs, que todos os dias me passão á porta neste Valle de Sancto Antonio N.° 200, onde moro, e as desprezo, enviando-as para esses arruamentos da alta, e da baixa, onde se carece de perfumes, e eu indo para a Madre de Deos a pedir-lhe que me livre de ser enganado, e de ser enganado o meu Rei, rezando-lhe para isso aquella Strophe — *Monstra te esse Matrem* — *Mostrai que sois nossa Mãi*, pois o sois, e heis de ser, e nós vossos filhos, porque toda a gloria de *Portugal* a Deos se deve, não a nós — *Non nobis, Domine*,

non nobis, sed nomini tua da gloriam: assim me vou descartando de *apedrejados*, e apedrejantes, de moinhos de vento, e do desvanecimento, que he bom lá para esses sitios do Collegio dos Nobres, e não cá para estas partes, onde só ha Conventos de pobres, e pobres esquecidas, perseguidas, e offendidas por pessoas, que amão tanto a Deos como alguns Boticarios, que eu conheço por minha desgraça. Louvas-me por *Defensor dos Principes da Igreja*, e isto sómente agradeço, por seres o unico, que me não insulta; tendo sido bem mortificado, por isso mesmo que escrevi nos Numeros 88, 89, e 90 — *Fortuna te dé Dios, hombre, que el saber poco te basta.* — Assim vão as coussas. Não he do meu dever chamar os Christãos á obediencia aos seus legitimos Prelados, e affastá-los de pretextos Politicos, e Scismaticos? Estou assombrado de tanta gente, que lê, e não entende, que *olha para a letra, e não para a careta*, que não distingue o temporal do espiritual, que não sabe discernir a materia da fórma, ou o favor, e o fim. Dizem que pertendo ser despachado em *Conego*, como se eu fosse tão tôlo, n'este, ou n'aquelle Beneficio; havendo até malvados, ou bebados, que dizem, que desejo Mit....; e eu não desejo, senão sahir de *Lisboa;* que o inimigo largue o *Porto*, e não volte; e que huma boa Aldêa me receba, e nunca mais me deixe; porque do Mundo Civilisado estou mais que enjoado, pois não offerece senão torpes lisonjas, fementidas trahições, aleivosias, imposturas, intrigas, e bacharelices, que obrigão ao homem sensato a fugir das grandes Sociedades mais, que dos covis das féras; porque estas tirão a vida algumas vezes, e as Sociedades, muitas, a honra, ordinariamente, e a virtude quasi sempre: sou insensivel aos louvores, e aos vituperios, porque tenho feito muito estudo por me conhecer; escrevo segundo a minha Sciencia, ou Sabença, e Consciencia; outro fim não procuro, que defender *Portugal;* se o não consigo, ou fui incapaz da sua Defeza, ou Deos me castigou pelos meus peccados, ou ha cegueira, nos que devião ter olhos para vêr, e não para dormir, porque para isto não se precisa de olhos, mas de somno. Meu *Pharmacopola*, fallando-se em materias de Religião sou mui sério, mui positivo, mui terminante, e não admitto Lições senão dos meus Confessores, nem Sentenças senão dos Bispos; em outras materias admitto a *chalaça*, e gósto da brincadeira, ou das misturadas.

Dizes que desejas repetição de *maior dóse, porque estás esfomeado, comeste, e gostaste, augmentou-se-te a fome, e appetite, e não estás satisfeito com a parva quantitas do velho Larraga.* — E que posso eu dar-te senão o *Larraga?* Depois que os *Jesuitas* forão expulsos, hum Clerigo, que tem, e sabe o *Larraga*, não he pouco feliz; he, o que eu tenho, he, o que eu sei, e isso mesmo te dou; contenta-te, e prouvéra a Deos, que todos os Clerigos soubessemos bem o *Larraga*, e que o tivessemos inteiro, o que assim não he por desgraça, pois nem eu mesmo, que sou hum *Larraguista* menos máo, tenho o *Larraga* inteiro. O Tractado da *Usura* foi tirado ao meu Livro, e só alli vejo huma Nota — *Nós os Cambistas, e Rebatedores furtámos este Tractado com consentimento dos nossos Confessores, a quem démos por isso huma parva quantitas dos nossos lucros; v. g. hum Cruzado Novo no tempo da Quaresma, e huma merenda na Paschoa.* — O Tractado da *Simonia* tambem falta na minha Obra, e em lugar d'elle huma Nota, que assim diz — *Nós alguns Clerigos, que somos, os que damos, e nós alguns Secretarios, Padrinhos, e Madrinhas, Escudeiros, e Fidalgos, e até Padroeiros, que recebemos, alcançámos huma Bulla de Dispensa d'esse Tractado por interesse da ignorancia, e da libertinagem da nossa humanidade.* Agora de mais a mais, porque isto he mui velho, e ainda anda em moda, vejo no dito meu Larraga a falta dos Tractados da *Justiça, e da Restituição*, e não sei, quem fez este furto; só alli achei hum = *Nós abaixo assignados, e alguns Clerigos, e Frades, que em cada anno dizemos 3665 Missas; alguns Parochos, que temos Dizimos, e não damos esmóla senão ás nossas Criadas, e aos nossos Afilhados; alguns Juizes de Fóra, Corregedores, Provedores, Desembargadores, e outro sim alguns Letrados, Procuradores de Causas, Escrivães, e Tabelliães, Alcaides, Meirinhos, e Malsins, que achamos estes Tractados incompativeis com os nossos Officios, e Beneficios; alguns Mercadores, Tractantes, e Contractantes, Traficantes, e Marchantes, Passadores, e Corredores, Caixeiros, e outros mais, que não podemos viver, cumprindo esses velhos Preceitos da Lei Natural, Divina, e Humana, Secular, e Ecclesiastica; alguns amos, e amas, criados, e criadas, e outros, que não podemos figurar, como quem somos, e queremos ser, se observarmos esses Tracta-*

dos; alguns Capatazes dos Officios, que desejamos as Capatazias, para isentarmo-nos a nós das Contribuições ao Estado, e não aos que estão debaixo de nós, (salvos os Tanoeiros, que esses estão isentos pelos Estatutos da bella, e malhada Tanoagem) os quaes todos soffremos muito no cumprimento dos nossos deveres; alguns Militares de Mar, e Terra, e... alguns da grande, e innumeravel Cafila (que não tem conto, porque ninguem nos toma contas) porque nos seria muito pesado cumprir com as Leis de Deos, da Igreja, e Estado..., e acaba a grande Folha por esta fórma!... sem mais cousa nenhuma; do que infiro que ainda faltão muitas mais assignaturas, que acaso appareceráõ por Procurador bastante. Porém o mais estranho para mim he a falta do Tractado das *Excommunhões*, e mais *Censuras* da Igreja, e no seu lugar acho o seguinte Breve — *Frei Manoel de Sancta Ignez, Governador do Bispado do Porto, e interino do Arcebispado de Braga por nomeação de Dom Pedro Imperador, Rei, e Regente interino de todas as Terras Portuguezas, onde tem apparecido, etc. — Como eu estou Excommungado, e incurso em todas as Censuras da Sancta Igreja, e comigo o estão respectivamente o meu nomeante, e toda a Sucia, sendo que a Conveniencia do Estado he a sua Primeira Lei, abrogo, irrito, annullo, e casso quantas Censuras se tem posto, e pozerem, por isso mesmo, que para vivermos, e para morrermos, não carecemos de Excommunhões, nem de outras quaesquer Censuras, que nos tornão odiosos a Deos, e ao Mundo.* Ora vê tu, meu *apedrejado*, como ficou o meu *Larraga*, e que, o que eu n'este estado posso dar-te d'elle, he huma mui *parva-quantitas*: Satisfaze-te pois, e mais não peças; porque, se ha imprudencia no dar, tambem ha imprudencia, e muita, no pedir muito, e fóra de tempo; espera.

Que maior dóse posso eu dar-te, para curar as erradas prevenções contra os Jesuitas? Tenho eu delegação do seu eximio Defensor? Não; mas talvez serei constituido *Procurador dos Povos*, e então a beneficio dos meus Constituintes requererei tudo, quanto lhes convem; sendo a principal o estabelecimento dos *Jesuitas*. Como ficou *Portugal* depois que elles fôrão extinctos? Di-lo-hei, aproveitando-me da Composição metrica do Padre *Francisco Ferreira Barreto* a outro respeito; os Portuguezes amão, a quem lhes falla em Verso.

« Fugirão de huma vez das Plagas nossas
« As Eras de Saturno, a Idade d'Ouro.
« São outros os mortaes, o Mundo he outro,
« E Astréa volve aos Ceos, nos Ceos se embebe.
« Estalando, rompêrão-se inflammadas
« As gargantas do Barathro iracundo.
« Males em turma de tropel rebentão,
« E sobre a terra, pávida, e convulsa
« Crimes em folha de tropel formigão.
« De negras vestes, de ouriçada grenha,
« Surge a Morte, a Desgraça, avultão Monstros.
« Odio, Impostura, Sacrilegio, Infamia,
« Ferveis nos corações, ferveis no Globo.
« Eis a infausta partilha do Universo!
« Almas, almas de Tigre, almas de bronze,
« Mesclando a Natureza, affrontão Jove.

Tenho dicto, e mais não adianto por ora. Quem soube extinguir a *Companhia de Jesus*, não soube crear senão a *Companhia dos Vinhos*. Augmentárão-se as Leis, e com ellas a ignorancia, e o crime. Já hum Rei barbaro, quasi tres Seculos antes d'essa barbara extincção dos *Jesuitas*, vendo a multidão, variedade, e miudeza das Leis Portuguezas, perguntou a hum Portuguez: *Que pena davão em Portugal aos que punhão os pés no chão?* Já então, como conta *Mariz*, se esse Rei Africano soubera, o que com estas Leis, e Ordenações se usava neste Reino, mais achára que notar na pouca execução d'ellas, que na muita variedade, e miudeza. Estas cousas erão então: agora, depois de expulsos os Jesuitas, as Leis se multiplicárão, mas a ignorancia corrêo do mesmo passo, e do mesmo passo corrêrão os crimes. Que importão as Leis sem educação! Reflictamos sobre o andamento da *Peninsula*, depois que os *Jesuitas* fôrão expulsos: A Senhora Rainha D. *Maria I* acabou seus dias privada do Governo: O Senhor Dom *João VI* morrêo privado da maior parte da sua Corôa: Dom *Pedro*, seu primeiro Filho, não possue parte alguma d'essa mesma Corôa: O Senhor Dom *MIGUEL*, Seu Segundo Filho, Legitimo Rei dos Dominios Portuguezes, está desapossado de huma parte d'elles, e no mesmo Continente Portuguez se quer vêr despedaçada a Monarchia! Na *Hespanha*, *Carlos IV* morrêo fóra dos seus Dominios, como hum Rei re-

pudiado: seu filho Dom *Fernando VII*, reinando entre mil bambaleos, foi desthronado duas vezes, perdêo huma grande parte dos seus Estados, e as catastrofes, que ainda podem succeder áquella Augusta Familia, o futuro as aclarará, o presente está á vista. Faço alto nos outros acontecimentos da *Peninsula*. Qual a causa de tão desastrosos males? Muitas se podem assignalar, assim dentro, como fóra d'estes Reinos; mas a *falta de educação* he a mais principal. Os *Jesuitas* fizerão muita falta para os *Paços*, e para as *Praças;* para os *Estrados*, e para as *Estradas*, quero dizer, para os Principes, e para os Grandes; para as Cidades, e para as Aldêas; todavia hoje, se meu conselho vale hum ceitil, deverão fugir, não havendo indispensavel necessidade, de tomar assento nos *Paços*, e nas *Praças;* nos *Estrados*, e nas *Estradas;* concentrar-se em si mesmos, evitando cautelosamente o odio, o ciume, a inveja, e a rivalidade, quatro inimigos capitaes dos *Jesuitas*, podendo applicar-se-lhes, o que *Jacob* disse do seu bom filho *José:* — *Fera pessima devoravit eum.* —

Queres ainda maior força de raciocinios em favôr dos *Jesuitas?* O passado, e o presente não são grandes provas? Não fôrão elles instituidos no maior fervôr das Heresias, para as debellar, e para evitar o seu contagio pelos Povos? Não fôrão elles extinctos no tempo, em que a Maçonaria quiz espalhar-se á solta, para que não impedissem a sua general sação nestas partes da *Europa?* Mas o mesmo Ceo se declara em seu favôr: a este prodigio os seus inimigos devem immudecer. Escuta: no anno de 1811 existião na *Gallliza* tres *Jesuitas* noventões; elles parecião tres columnas do Sacerdocio, do Throno, e do Estado: isto he pouco: em 1812 ainda se contavão vivos duzentos, e setenta *Jesuitas* expulsos; alguns d'elles contavão de idade cento e vinte, e cento e trinta annos!!! E isto depois de tantas peregrinações, e de tantos trabalhos por mar, e por terra, na *Europa*, e na *America!!!* Em verdade que este só facto abona, o que os seus Livros dizem, que *hão de permanecer até ao fim do Mundo!* Mas este prodigio me faz temer de que o fim do Mundo se tenha avisinhado. Para que se precisa de outros argumentos, depois que o mesmo Ceo se declara?

Considere-se porem o presente estado do Mundo. A impiedade, a ignorancia, a impostura, e a revolução são

hoje geralmente os quatro elementos constitutivos dos mesmos Paizes Catholicos: cada hum se fez, e vai fazendo huma Religião, huma Sciencia, e Consciencia á sua moda; os Povos estão insubordinados, e em huma espantosa desmoralisação, e relaxação nos seus sentimentos, e nos seus procedimentos; cada qual vai apos dos seus pensamentos sem união, sem concordia, no maior excesso da licenciosidade; esta discordia, esta horrorosa variedade, e contradicção no modo de pensar, e obrar, tem atacado huma boa parte do Clero Secular, e Regular: ora este estado he visivel, e nada exaggerado. He pois de absoluta necessidade a *educação dos Povos?* Todos os Partidos dissidentes, Realistas, e Constitucionaes estão convencidos d'esta necessidade. Logo *os Jesuitas são absolutamente necessarios.* O argumento não tem réplica: a consequencia se demonstra, refutando os argumentos contrarios. *Pois a Universidade não serve?* Respondo: tem produzido muitos monstros em ignorancia, e em impiedade: o *Latim* mirrou-se, a pezar de tantas Aulas Regias, pois nunca se soube menos Latim, que presentemente: a *Logica*, ou Filosofia Racional he huma vergonha, ou antes huma pedantaria: a *Theologia* não he Divina, he Humana; os *Canones* não são Ecclesiasticos, são Ministeriaes: as *Leis* não são dos Monarchas, são da vontade dos Magistrados, e dos Povos: eu não faço injuria aos Sabios; *Portugal* os tem: mas dos *Literatos*, que devo eu dizer? Dizei-o vós, Portuguezes de boa fé. Não fôrão os chamados *Doutores*, e *Literatos*, os que vos reduzirão a hum estado, em que pouco menos desapparecestes do Catologo dos Povos Sensatos? Porem o peior dos males he a desmoralisação. *Pois que fazem os Seminarios, ou Claustros Religiosos, e o Clero? Estes não são capazes, ou sufficientes para educar christãmente os Povos?* Tremo de responder a este argumento: eu fui *Benedictino*, e a hum argumento semelhante, porem mais suave, respondi assim — *Façamos os Regulares, que existimos, o que os Jesuitas fazião, e não se restabeleção os Jesuitas* — *Nós não fomos educados, nem instituidos para o ensino dos meninos*, se me respondêo — *Callemo-nos pois*, disse eu, *e restabeleção-se os Jesuitas, porque a educação dos Povos ha de principiar desde a infancia, e sem isto, nada feito.* Entra-se nos Claustros, entra-se na Igreja, entra-se nas Universidades, e na idade de dezeseis, dezoito, e vinte e hum annos; vai-

se sem educação, ou com pouca, ou com má! Logo se pertendem as Honras, os Officios, e Beneficios, os Graos, os Privilegios, e as Jubilações! Pouco amôr ás Letras, e as vezes nenhum: odio ao trabalho, ou ao menos á sua assiduidade; paixão somente pelos interesses, pelos prazeres, pelas commodidades, e pelo descanço! Tudo tem as suas excepções, e em tão grande número ha bem muitas; porem são *excepções*, e por isso mesmo muitas vezes *perseguidas*, *desprezadas*, e *affrontadas*. Condemno eu pois todas as Instituições, de que venho a fallar? *Absit*: longe de mim tal impiedade: eu não vejo como a Igreja, e a Monarchia possa ter subsistido, e possa ao adiante subsistir sem estas Instituições, posto que ellas possão precisar de huma reforma semelhante, á que nos seus tempos fizerão os Reis Catholicos Dom *Fernando V*, e Dona *Isabel* com Ordem da Sancta Sé; reforma, que não seja exterminio, reforma, que não seja roubo, como tem sido as que mãos estranhas, addictas á Maçonaria, e ao Liberalismo moderno, tem projectado fazer, e tem feito com grave escandalo da Igreja, e com terrivel detrimento do Estado. Que adiantou a Fazenda de *Portugal*, e da *Hespanha* com a extincção dos *Jesuitas*, e da Sancta Inquisição? Cada vez está mais pobre; porem fique isto para melhor occasião. O que eu vejo, o que eu condemno, o que todos nós vêmos, e condemnamos, he a falta de *Educação Religiosa*, e *Politica*: venhão pois os Educadores, venhão os *Jesuitas*, porque não vêmos outros, que tenhão feito, e que fação, o que elles tem feito, e o que elles fazem, que he dar boa educação ao Mundo!!

Já estão estabelecidos, dirás tu, meu *apedrejado*. Já sim; mas o ciume, o odio, a inveja, e a mesma ignorancia trabalhão contra elles; mas eu sei de hum Paiz, em que se acabão de estabelecer Sociedades Maçonicas, até de Mulheres com *Presidenta*, e *Vice-Presidenta*, onde entrão Modistas, e Comicas!! tendo os seus Oradores, e Assistantes!! Substabelecendo outras Sociedades semelhantes em todos os outros Paizes, com o fim de derrubar o Throno, e o Sacerdocio, de arvorar novamente o Governo da Revolução, a que eu dou o nome de *Governo-Femea*; e de extinguir todas as Instituições Religiosas, principiando pela abolição da *Companhia de Jesus*, ou dos Educadores dos Povos; o que me obriga a pedir a Deos com hum Sancto Rei

— *Ne tradas bestiis animas confitentes tibi* — Meu Deos! Não entregueis ás bestas, aos Maçons, aos ignorantes, aos ímpios os Portuguezes, que crêm em Vós, e que reconhecem, e confessão o Vosso Sancto Nome! Entregai os á direcção dos *Jesuitas*, para que os eduquem, para que os ensinem a amar-vos, e respeitar-vos; a serem fieis, e tementes aos Reis, e ás Authoridades; a vivêrem tranquillos, e applicados ao trabalho, a salvarem as suas almas no soffrimento, e na virtude; a defenderem o Altar, e o Throno no valôr, e na firmeza! Estes são os meus votos, e as minhas súpplicas. Estás contente d'esta dóse, meu *Pharmocopola?* Repetirei com outro Titulo: agora ainda temos outras *Variações.*

Portuguezes! Voltai aos caminhos, que trilhárão vossos Avós, e em que os ensinárão os *Jesuitas!* Sejão estes os Educadores dos vossos filhos, para que a Monarchia volte aos seus antigos dias de gloria, e de grandeza! Vós agora defendei o Grande, e Religiosissimo Soberano, o Senhor Dom *MIGUEL I;* desbaratai os seus inimigos ímpios, e irreligiosos, e vereis depois como Elle vos prepara futuros tranquillos, e venturosos!

Lisboa 13 de Janeiro de 1833.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1833. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 96.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣. 15. Portuguezes! Quando chega a hora, em que exterminais os inimigos da Monarchia? Todo o Mundo vos faz esta pergunta, e todo elle ambiciona a vossa resposta! A victoria se espera, a hora se deseja: dai pois ao Mundo hum dia de regozijo, e a vós mesmos tempo de gloria.

Variações.

Hum Official de Artilheria pede resposta á sua longa Carta, que na prioridade do tempo tinha preferencia de direito á do *Apedrejado;* mas como hoje o Direito, e a Ordem pendem do *querer* dos homens, e eu tambem tenha o meu *querer*, decidi-me mui livremente a fazer em assumpto de Cartas, o que alguns máos Governos fazem em materia de serviços, que só premêão os ultimos, talvez feitos por necessidade, ou por impostura, e se esquecem dos primeiros, talvez feitos por vontade, e por amôr generoso, e verdadeiro: mas fiquem para traz estas comparações da Carta, e appareça na ordem, que eu quiz dar-lhe, a ostensiva do *Artilheiro.*

Carta 2.ª

Padre: Vejo que fez biquinho, por lhe chamar Emigrado. (He resposta ao N.º 84.) *Paradoxo incrivel! Pois, o que lhe devia servir de mais gloria, quer sepultá-lo no esquecimento?* E eu com a teima das perguntinhas! Pois aquelles, que se subtrahírão ao jugo de hum Rei intruso,

para defender os Direitos de hum Rei Legitimo, Amado, e tão Amado da Nação, que esses pérfidos Nacionaes, e Estrangeiros, que tem negado esta verdade, estão vendo os esforços mais extraordinarios, que tem feito para O sustentar no Throno, podem envergonhar-se do glorioso Brazão de *Emigrado* por huma Causa tão justa, e que todo o Mundo conhece? Ou V. não lêo bem o Decreto de 23 de Junho de 1828, ou então quer entrar no número dos tôlos. Ora esta só pelos diabos! Esta não esperava eu! E quer que me calle? Se tem medo, eu já lhe disse que o não tinha, a pezar de todas as baixas redondas, e quadradas, e por isso tenha paciencia em fazer-lhe mais perguntas; e, se não quizer, não responda, porque medo só tem quem he criminoso. Diga-me, meu Padre: Poderá alguem negar que a *Emigração* foi a causa de nós termos em *Portugal* o Melhor dos Reis? Se tal fizer, eu o metterei em hum chinello cá com a minha *impolitica*, e *impericia*. Poderá negar que a Causa, que defendêrão os *Emigrados* he a mais justa de todas as Causas? Se o fizer, he Maçon certamente. Poderá negar que fomos os primeiros orgãos dos sentimentos da Nação Portugueza? Se o fizer, falta á verdade. Poderá negar que era duvidosa a nossa sorte pelas circumstancias, em que se achava então *Portugal*, e que nos expozemos aos maiores riscos, perdendo Patria, bens, e familias, por seguir esta Causa Sagrada? Se o fizer, faltará á verdade, e á justiça. Poderá negar que naquelle tempo, em que tomámos tão heroica resolução, se achava Aquelle, que fazia todo objecto, retido a muitos centos de legoas de *Portugal*, e cercado inimigos dispondo de hum Governo falsamente reconhecido por quasi todas as Nações, bem como d'hum Codigo destruidor das Leis Fundamentaes da Monarchia, e da Religião de nossos Pais? Se o fizer, he mentiroso, e malvado. Poderá alguem desmentir os riscos de vida em batalhas, e os trabalhos indiziveis, que experimentámos no longo tempo de dous annos, tantas vezes publicados nas Gazetas, e Periodicos Constitucionaes? Se o disser, he aleivoso, e inconsequente. Poderá alguem negar que a Emigração foi hum punhal cravado no coração dos Maçons, e que lhes mettêrão tanto medo os *Emigrados*, *que se virão obrigados a recorrer a auxilio Estrangeiro?* Se tal negar, eu lh'o provarei com os factos, e com as suas repetidas *amnistias*, e *castigos barbaros*, para a suspender. Nem *amnistias*, nem *castigos*, nem trabalhos, nem a morte pôde ter tanta força, que apartasse os peitos generosos de tantos milhares de Emi-

grados de continuarem pelo caminho da honra, huma vez começado a trilhar. Negue-m'o o Mundo todo, se he capaz, e se se atreve a fazê-lo, porque quem tiver este arrojo tambem negará a luz ao Sol. Vêjo a sua pouca inclinação aos *Emigrados*, porque no seu N.° 84 fallando de *Luiz Pereira Coutinho de Vilhena Guedes*, disse V. = hum simples Miliciano, etc. = Ora tenha paciencia, e aprenda. O seu *Luiz de Vilhena* assentou Praça na 1.ª Linha na Arma de Caçadores no mez de Junho de 1808; fez toda a Campanha Peninsular, foi recommendado por distincção na Batalha de *Fuentes de Honor* em 5 de Maio de 1811, e tambem no ataque do *Castello de Mirabette*, junto á Ponte de *Almaraz*, onde foi gravemente ferido, tendo-se offerecido voluntaria, e espontaneamente para aquelle ataque; aprendêo pois aonde aprendêrão os mais habeis, e dignos Generaes, que hoje temos, sendo muitos d'elles tirados da 2.ª para a 1.ª Linha logo no principio da Campanha de 1808, sem que nesse tempo soubessem, o que era Guerra Pratica, porque Theorica alguns a sabião melhor, que huma boa parte dos Officiaes da 1.ª Linha, sendo tão certo que a Farda da 1.ª Linha não traz comsigo a *virtus bellica*, como que o *Habito não faz o Monge*. Outro Irmão do *Luiz de Vilhena*, por nome *Joaquim*, assentou Praça no mesmo anno, e mez na mesma Arma, e morrêo na dita Batalha de *Fuentes de Honor*, coberto de honra, e gloria. Ainda outro Irmão, *Melchior*, assentou Praça na mesma Epoca na mesma Arma, e na passagem do *Nive*, e *Nivelle*, junto a *Baiona* de França no dia 13 de Dezembro de 1813 foi mortalmente ferido, e recommendado por distincção. Ainda outro (4.°, e ultimo Irmão, chamado *José*) no mesmo anno foi ser Tenente no Corpo de Voluntarios Reaes do *Porto*, fardando-se á sua custa, e servindo sem Soldo, e até sem pão, nem etape, recebendo somente este na Invasão do *Minho*, e fazendo assim todo o Corpo a Defeza do *Porto* até ao anno de 1815. O dito *Luiz de Vilhena* foi demittido no anno de 1815, pelo requerer, allegando motivos attendiveis, quaes fôrão o quebranto da sua saude pelas feridas, que recebêo, e o estado da sua Casa, e Familia arruinada com tantas despezas: depois de se conservar demittido alguns annos, dêo-se-lhe a consideração de Reformado: no anno de 1620, sem embargo de muitos parentes seus haverem figurado nas Innovações d'aquelle tempo, não os seguio, antes declamou abertamente contra aquelles successos, dizendo nesses desgraçados tempos o sem-

pre memoravel Conde de Amarante = *O Vilhena he meu Primo verdadeiro, porque não transigio, como outros muitos, com os Revolucionarios.* Hum actual Ministro d'Estado, estando no *Porto* no anno de 1820, dizia = *Muito necessario he haver Pessoas, que façáo vêr aos Povos que estão perdidos, se não voltão a favor do antigo Systema de Governo; mas, se todos fôrem tão decididos como Vilhena, correm grande risco, e terão muito a soffrer.* Em verdade *Vilhena* foi posto em segredo nas Cadêas da Relação do *Porto*, e ahi conservado mais de quarenta dias até ao Regresso do Senhor Dom João VI de *Villa Franca*. Foi hum dos nossos Companheiros na *Emigração*, e V. o sabe; a sua invariavel honra, fidelidade, bravura, e denodo, suas excellentes qualidades ....; mas deixo isto. Elle foi Reformado no Posto de Brigadeiro de Milicias, não porque elle o quizesse, mas porque assim foi ordenado. Desde o anno de 1830 não cessou de se offerecer ao Serviço do Nosso Adorado Rei, e Senhor Dom MIGUEL I; mas não se precisou dos seus serviços, e por isso lhe fôrão escusos seus repetidos offerecimentos. Desembarcárão os rebeldes, e então na classe de Voluntario se apresentou ao Visconde de Monte Alegre, e ás suas Ordens foi variamente empregado no Real Serviço, que desempenhou com ardor, zêlo, e exactidão; passou ao depois no dia 24 de Agosto para as Ordens do Tenente General Visconde do Peso da Regoa, e como Voluntario foi empregado no seu Estado Maior, e cumprio tão bem o que lhe foi mandado, que na Acção do dia 29 de Setembro do anno proximo passado foi gravemente ferido, comportando-se com muito denodo, e bravura, do qual ferimento tem estado á morte por varias vezes; e Deos sabe quando estará restabelecido! Ora como ha *Emigrados* de *Emigrados*, sendo o *Vilhena* dos nossos sentimentos, e he quanto basta sem outra nota, nem interpretação, V. não deve deixar de tel-o por *hum simples Miliciano*, e sem os apontamentos, que lhe são devidos: e para que V. não me haja por apaixonado, leia = Ao Senhor Luiz Pereira Coutinho, de Vilhena Guedes, Brigadeiro Reformado de Milicias, servindo no Corpo de Exercito em Operações ao Norte do Douro. — Do Chefe do Estado Maior General. — Estado Maior General — 1832. — *Levei á Presença d'ElRei Nosso Senhor, como Commandante em Chefe do Exercito, o Officio, que V. S. me dirigio com data de 14 do corrente mez, expondo os Serviços, que tem praticado desde que os Rebeldes occupárão a Cidade do Porto, offerecendo-se primeiro por*

differentes vezes para todo, e qualquer serviço, em que Sua Magestade tivesse a bem empregá-lo; e levando depois a effeito os seus desejos, combatendo os Rebeldes na Acção do dia 29 do mez proximo passado, em que foi ferido gravemente. E tendo já sido presente a Sua Magestade pelo Officio do General Commandante do Corpo do Exercito em Operações a conducta distincta de V. S.ª n'aquelle dia, Manda o mesmo Augusto Senhor communicar a V. S.ª, que está certo dos sentimentos, que o animão, e da maneira briosa, por que V. S.ª continúa a empregar-se no Seu Real Serviço. Deos guarde a V. S.ª — Quartel General no Paço de Coimbra em 26 de Outubro de 1832. — Senhor Luiz Pereira Coutinho de Vilhena Guedes. — Conde de Barbacena, Chefe do Estado Maior General. = Faça pois, Senhor Padre, em vista d'isto, justiça inteira aos *Emigrados*; e, quando quizer fallar de algum, não mesquinhe os devidos louvores para confusão dos nossos inimigos. As peças estão promptas, o murrão acceso, a espoleta no ouvido, e a pontaria feita, não só para estes adversarios, mas para quantos ao meu Rei forem contrarios; e o *Ferrabras* está na Bateria prompto para o que der, e vier. Espezinhados os *Emigrados!* Se o formos, maior gloria nos resulta; e sobre este particular leia V. mais huma vez o Livro de *Esther;* supponha-se *Mardocheo*, e seus Nacionaes os *Emigrados;* mas faça a differença, de que, o que foi preciso que se lêsse a *Assuero* na Chronica do seu Imperio, para lhe renovar a memoria, não he preciso fazê-lo para com o *Moysés Portuguez*, dotado de feliz, e gloriosa memoria; e deixe não só espezinhar, mas até atirar pinotes quem tiver pés para isso, em quanto não forem ao tronco. Eu não quebraria o protesto de perguntar, se não se quebrasse o protesto de responder, e só o quebraria sem o segundo, quando me tocassem na ferida ainda não cicatrizada, e que me faz muita honra, porque he dada no peito, e não nas costas. Mas Padre, eu tenho a honra de servir a Sua Magestade, vai em 33 annos, e a minha vida Militar tem sido toda passada no meio da Guerra, assim na *Europa* como fóra da *Europa:* tenho lido, e estudado os melhores Tacticos da Arte Militar, e confesso que não posso entender a actual *Estartígia;* vejo as cousas no Mundo caminharem cada vez a peior, e que estão os homens mettidos em hum pélago de desgraças, de que só a Divina Providencia póde salvar-nos: ora permitta-me que lhe faça huma só pergunta. Depois de quasi sete mezes de guerra con-

tra huma Cidade aberta, tendo contra si huma Nação inteira de tres milhões de habitantes: Qual será a nossa sorte? Quanto ao que V. mostrou no seu N.° 84 desejar saber, a Historia da *Sicilia* lhe mostrará o *Padre*, de que lhe fallava, e o motivo, por que o trouxe á collação, sendo Beneficiado simples; e entretanto saiba que o medo só he proprio dos criminosos; pois *quem não deve não teme*; e só o que eu temeria era deixar de ser, o que não será possivel, de V. Verdadeiro Amigo, e *Camarada da Hespanha*. A. J. J. B. G.

Granda, e Curiosa Resposta.

Tomárão-me os Artilheiros á sua conta: certamente devem não ter, de que se occupem. Pois já se lhes terão acabado as munições, e os projectis? Se tal acontecesse, já estava predicto em hum dos Numeros desta Publicação, quando ainda estava em *Rebordosa*: mas a Divina Providencia não ha de faltar, assim como não tem faltado com o pão, vestido, e calçado: he a Divina Providencia o refugio de todos os bons Christãos nas suas maiores tribulações, e necessidades; os Religiosos Mendicantes não tem outro Patrimonio, ou Thesouro, e elles subsistem, e gordos, e fartos, que he hum regalo olhar-lhes para o cachaço; verdade he, que se a devoção acabasse nos Póvos, e se os Póvos não tivessem que lhes dar, então a Deos Frades Mendicantes. São os Artilheiros meus amigos, e eu os prezo muito, porque hoje brilhão sobre o *Porto*; vão arrazando os edificios d'aquella Cidade, que he huma maravilha, e dão provas ao Mundo, que são excellentes em pontaria. Certo he que os Rebeldes lá estão, e que vão augmentando as suas forças em Infantaria, e Cavallaria, que desembarcão a seu salvo detraz do Castello da Foz, á vista do General em Chefe; porém isso não deve dar cuidado; he mais hum motivo para que o General faça protestos contra a intervenção estrangeira, dizendo sempre de Direito, e mostrando ás Nações que os Rebeldes estão encurralados no *Porto*, e que não adiantaráo hum palmo de terreno alem das suas fortificações, tanto assim, que toda a sua esperança está nas suas trincheiras, que por isso as tornárão impenetraveis, e d'ellas não sahirão, em quanto não augmentarem muito mais as suas forças; porque nós temos sobre o *Porto* quasi cincoenta mil homens, e setenta peças de Artilheria; mas, se sahirem, então verão as Nações o bom, e o bonito.

Esta he a brilhantissima Estartígia Portugueza, e he a mesma da *Hollanda*, se he certo o que li na Gazeta de *Lisboa* de 3 de Janeiro de 1833, no Titulo — *Paizes-Baixos* — Artigo de *Amsterdam* 3 de Dezembro, onde hum Periodiqueiro diz — « Não desejâmos mais do que demonstrar « á Europa, *que resistimos quanto podemos a pertensões « iniquas, tendo feito ao mesmo tempo todo o possivel por « conservarmos os nossos direitos.* » Estas proposições marcadas em *grifo* na Gazeta me abrirão os olhos, fazendo-me conhecer que tambem dizem respeito á presente posição de *Portugal*, pois que, não sendo assim, o *grifo* era desnecessario. Os *Belgas* estão em *Antuerpia*, e os Rebeldes, ou Dom Pedro no *Porto:* os Hollandezes mostrárão á Europa *que resistirão quanto podérão a pertensões iniquas, fazendo ao mesmo tempo todo o possivel por conservarem os seus direitos:* nós os Portuguezes tambem não desejamos mais, do que demonstrar á Europa, *que resistimos quanto podémos a pertensões iniquas, tendo feito ao mesmo tempo todo o possivel por conservarmos os nossos direitos.* E não está já a Europa convencida d'isso mesmo? Que poderá dizer-se de nós? Que não resistimos, quanto podemos? Ah! isso seria huma calumnia. Verdade he que não batemos no mar a Expedição de Dom Pedro, como era necessario bater-se, pois toda a Expedição maritima no mesmo mar se bate; mas não tinhamos forças para esse combate Naval. Que he da nossa Marinha! Tambem não defendemos a Cidade do *Porto;* mas a Europa sabe que o *Porto*, quando foi occupado por Dom Pedro, não era a Cidadella de *Antuerpia*, e se hoje está sendo outra *Antuerpia*, he porque os inimigos tiverão tempo de a fortificarem. Não resistimos nós, quanto podemos, nas Acções de 22, e 23 de Julho do anno passado? Não resistimos nós, quanto podemos, na Acção do dia 7 de Agosto do mesmo anno? Não conservamos nós as posições de *Souto Redondo*, ou do *Vouga*, que he a chave de *Lisboa*, e as posições de *Penafiel*, ou do *Tamega*, que he a chave do *Porto*? Não conservámos depois todas as posições, que successivamente tomámos? Não acodirão as nossas Tropas, e até os Póvos, Caçadores, Infanteria, Cavallaria, e Artilheria a encurralar no *Porto* a Expedição de Dom Pedro? Tendo essa Expedição desembarcado nos principios de Julho em huma Cidade aberta, não estavão todas as nossas forças disponiveis sobre a mesma Cidade nos ultimos de Outubro? Não temos desenvolvido a maior perieia, e a maior força na defensiva,

caminhando até neste mez alguma da nossa Tropa de mar para guarnecer o Rio *Douro?* Não tem contribuido a Nação Portugueza com tudo quanto tem para manter, vestir, e calçar essa mesma força defensiva? Julgue a Europa se *temos resistido, quanto podemos, a pertensões iniquas, e se ao mesmo tempo fizemos todo o possivel por conservarmos os nossos direitos.* Que póde dizer-se, e não dizer-se dos Portuguezes? Quaes forão os que se declarárão por Dom Pedro? Verdade he que para elle passárão huns poucos de Soldados, e de Officiaes, mas infinitamente poucos, e esses mesmos já pertencião á Rebellião de 1828; e, se sahírão das nossas fileiras, he porque nellas se achavão, para mostrarmos ao Mundo civilisado a nossa *filantropia*, e humanidade, pois até os nossos inimigos conservamos nas nossas fileiras; e esses muito poucos, que se decidírão a passar para a Expedição de Dom Pedro, mostrão a nossa moderação, e a sua exaltação. Ninguem pois tem que nos lançar em rosto, de que não *resistimos, quanto podemos:* ninguem póde dizer-nos, que tenhâmos sido *Ultras* nesta Questão entre os dous Filhos, que ficárão do Senhor Dom João VI, pois até largámos campo ao Estrangeiro, em que podesse combater, entrincheirar-se, e reunir gente, e em sete mezes nada mais adiantou: temos dado hum exemplo da moderação ao Mundo: até permittimos por espaço de seis mezes, e tres dias, que os Generaes do Exercito Defensor recommendassem os Officiaes a seu arbitrio sem precisão de declararem a acção de valor, ou o serviço relevante, que praticárão em occasião de combate, a qual permissão acaba de ser revogada pela seguinte Ordem — *ElRei Nosso Senhor, como Commandante em Chefe do Exercito Determina que os Generaes, quando houverem de recommendar Officiaes, ou outras Praças dos Corpos do seu Commando pela sua conducta distincta em occasião de combate, declarem a respeito de cada hum a acção de valor, que praticárão, ou o serviço relevante, que os torna acredores da Regia Contemplação de Sua Magestade. Quartel General no Paço de Braga em* 10 *de Janeiro de* 1833.

Esta he a actual Estartígia, que eu não podia entender, não obstante ter lido os melhores Tacticos da Arte Militar, e os melhores Politicos, até que o citado Artigo de *Amsterdam* me abrio os olhos. Verdadeiramente, que estive cégo, e como cégo gritava nos mezes de Julho, Agosto, e Setembro do anno passado, quando dizia — Portuguezes! Degollai já os vossos inimigos, que he a hora, por-

que, se os não degollais n'esta hora, na seguinte serais vós os degollados por elles! (N.° 56.) Ainda não tomais a Offensiva? Que he o que vos detem? Olhai pela vossa honra! Tomai a Offensiva, que he já tempo, e mais que tempo, de que vos desfaçais dos vossos inimigos! A Offensiva he a alma da honra, do valôr, e da victoria! A Defensiva he as mais das vezes hum signal de ignominia, e de cobardia, e hum triste agouro de desgraças! (N.° 57.) Tomai a Offensiva, que he já tempo, e mais que tempo! (N.° 58.) Tomai a Offensiva, porque sómente assim segurareis a Victoria, e fareis brilhar a vossa antiga honra na Europa! (N.° 59.) Não queirais dar a vossa vez aos inimigos! (N.° 60.) Ainda não? Que lhe esperais! (N.° 62.) A Julhada, e a Agostada já lá forão! De quem será a Setembrisada? Vêde que este he o mez da colheita, ou para nós, ou para elles! Não percais o tempo, que elle não volta; (N.° 65.) Forão já vencidos os Rebeldes? Se o não forão, quando os haveis de vencer? (N.° 67.) He chegado o tempo da vossa colheita sobre os inimigos! Não o deixeis passar, sem que os vençais; porque Deos, que vos concedêo sempre a Victoria, não espaçou para sempre o tempo da peleja! O tempo he este! Vós ignorais, se tereis outro! (N.° 68.) Vêde que, se a occasião de vencer huma vez se vai, outra não volta! Não vos queixeis de que se perdêo o tempo, mas de que o deixastes perder! Na velocidade de huma Acção, se se perde, fica tempo para se recobrar; mas na demora, perdendo-se a Acção, até o tempo se perdêo, porque o inimigo o tomou! Apressai o tempo da Victoria: lembrai-vos que muitos se perdêrão por demorados, e poucos por ousados! (N.° 69.) — Assim bradava eu como cégo naquelle tempo; fui tachado de imprudente, ainda que não dei bordoada de cégo. Estou convencido, estou desenganado, graças ao Artigo de *Amsterdam!* Oh! Que cegueira! Para ser hum bom Militar, he necessario ser hum bom Politico, ter hum bom golpe de vista! *Talleirand* he hum Bispo, e he o melhor Politico de França, segundo dizem! *Soult* he hum grande Militar; mas se não fosse ao mesmo tempo hum grande Politico, causaria a ruina do seu Paiz! Tenho visto nos Quarteis Generaes hum Clerigo, ou Frade, ás vezes hum Letrado, outras hum Medico; e perguntava eu: Que faz aqui este homem, que não he Militar? E se me respondia: *He a alma do General:* do que vim a conhecer que hum bom General deve ter mais de dous olhos, e bom ouvido.

De que natureza he a Expedição de Dom Pedro? He este hum ponto, em que muita gente não considerou. Fazia movimentos no mez de Agosto o Exercito Hespanhol sobre as nossas Fronteiras; entendêo muita gente; e até os mesmos Hespanhoes que esses movimentos erão para desarmar a Expedição de Dom Pedro, que, no caso de retirar, devia faze-lo sobre a *Gallíza*, como no anno de 1828; eu, que prézo de entender da *Sarabanda*, e do *Saracote* dos Hespanhoes, conheci que o seu Exercito andava dançando o fandango, e tanto assim, que n'esse mesmo tempo lhes disse — *Esten ustedes quietos, dejen los fusiles, y, echen su cigarro, que D. Pedro está en O Porto; y de allí no sale sino para el água.* A base de huma Expedição marítima he o mar, e isto não o entendêrão alguns Militares, que prezão de conhecedores, e são o que elles não conhecem. Quanta he a força de Dom Pedro? He outro objecto, que a maior parte da gente não conhecêo, nem ainda conhece; dizia eu no anno de 1831 no *Porto*, e em *Pennafiel*, — ha força presente, e força futura: — a presente, dizia, he de dez mil homens; a futura, he a que o Liberalismo quizer dar-lhe, se nós consentirmos em que elle desembarque. — Qual he o ponto, que procurá Dom Pedro? Disse no mesmo anno nas mesmas Cidades — O Douro, e o Minho. — Ora isto não he fallar depois de vêr, não cito pessoas por interesse d'ellas mesmas, pois tenho observado que estes tres dedos estão excommungados, porque apenas dou louvor a alguem, a Maçonaria cahe-lhe em cima! E d'onde inferi eu estes conhecimentos? O primeiro da sua mesma natureza; o segundo do actual estado da Europa, e do modo, com que as grandes Nações encarárão a grande Questão Portugueza; o terceiro da collocação do nosso Exercito. Dizia eu, quando era rapaz, que a todos os homens Dêos havia dado entendimento, mas que huns entendião ás avessas, e outros ás direitas, e que eu não entendia como os outros homens! Seria isto cegueira minha, orgulho não.

Acabo de lêr, e notar na *Quotidiana*, Periodico Francez, as seguintes proposições — *Todo o Soberano, que faz concessões, abdica* = *Os que errárão perderáõ tudo.* = *O transtorno da Sociedade poz sobre a superficie do Mundo, o que pela sua natureza devia estar debaixo d'ella.* = *A Revolução achará em Inglaterra hum pabulo muito maior que na França.* = *A Inglaterra vão he mais que hum cabeço de hum Corpo, que tem dispersos seus membros por todo o Mundo...* = *O Mundo não vive pelas suas pró-*

prias forças vitaes, mas pelas que lhe communica a França... = *Que partido tomará o Norte?* = *Toda a difficuldade está nisto: O Norte entende a Questão?* = De cada huma d'estas proposições assim divididas dedução os meus Leitores as consequencias, que a sua razão abranger, e vejão se eu me tenho enganado, dizendo, que a doença das Cataractas, e da dureza de ouvido parece epidemica: certamente he preciso fazer uso da agulha para extrahir aquellas, como de hum esgaravatador para tirar o humor ceracinoso das orelhas. Pelo transtorno da Sociedade são hoje Generaes alguns, que em rigor de Direito devião estar ainda na Classe de Capitães, e em justiça secca não merecem ser Anspeçadas: esta mesma consequencia de huma das transcriptas proposições he applicavel mais, ou menos a todas as Classes. Dom Pedro he hum Chefe de hum Exercito, que tem seus reforços em todos os Paizes Constitucionaes do Mundo: esta he outra consequencia de facto. *E que partido tomará o Norte?* O que tem tomado; *a Defensiva:* as suas Tropas estão fazendo a Guarda de Honra a todos os Paizes Constitucionaes. *O Norte entende a Questão?* Não: pois tem deixado progredir a Revolução, vendo-a com indifferença, e neutralidade, e não conhecerá o mal, em quanto o não experimentar. E poderá então defender-se? Duvido-o muito, porque o mesmo Norte *já não vive pelas suas proprias forças vitaes, mas pelas que lhe communica a França.* Eis-aqui a nova Estartigia, e a nova Politica, ou antes a *Universal Cegueira*, que vai perdendo todos os Paizes.

E qual será a nossa sorte? Se abrirmos os olhos, feliz: não teremos *a Corôa triumfal*, que se dava aos Imperadores, quando subião ao *Capitolio* com público triumfo; não teremos a *Corôa mural*, que se dava ao primeiro Soldado, que subia o muro da Cidade inimiga: não teremos a *Castrense*, que se dava ao primeiro, que, pelejando, entrava nos arraiaes inimigos: não teremos a *Naval*, que se dava, ao que entrava primeiro em huma Náo contraria: mas poderemos ter a *Obsidional*, livrando o Exercito dos imminentes perigos, que ainda o podem apertar; poderemos ter a Corôa *Oval* conseguindo a Victoria sem mais sangue: podemos ainda salvar a Patria nos maiores extremos.

Se querem os meus Leitores huma resposta mais terminante a esta pergunta: *Qual será a nossa sorte?* Eu a dou ainda aos maiores perigos, se me derem pão, e tudo

o que esta palavra comprehende, se me derem pólvora, e tudo o que esta palavra designa, e se me deixarem a escolha dos Apostolicos: digo pois: *Não seremos vencidos, se quizermos.* (Continuará a grande Resposta).

Portuguezes! Hum só esforço, a tempo, e certo, e combinado coroará a vossa empreza! Basta sómente querer de véras, zombar da Maçonaria, desprezar a vida, amar a liberdade, e a honra! Venceis, se quereis! Não percais tempo! Aproveitai o momento! Hum só golpe... Ao grito de — *Viva o Senhor Dom MIGUEL I, e Peresção todos os seus inimigos* — dizendo, e executando, cahio por terra a máscara, com que se defende a mais infame Expedição! Corrão-se de vergonha os Rebeldes, que á sua permanencia no *Porto* não he filha do seu valôr! Tremão, tremão os inimigos do Altar, e do Throno! *Portugal* não ha de acabar pela fórma, que os perfidos tem projectado! Os Portuguezes não se hão de ficar assim, sem Victoria, e sem Honra, depois de quasi sete mezes de guerra! Portuguezes! Desaffrontai o vosso Nome, que malvados pertendem manchar!

Lisboa 26 de Janeiro de 1833.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia, 1833. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 97.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. *ƒ.* 15. Portuguezes! Nem, ainda que os inimigos tripliquem as suas forças, deveis succumbir! Vós sois superiores infinitamente em número, e o sois no valôr! Prolongou-se a guerra; mas vós deveis continuar, como denodada, e constantemente fizestes na Invasão Franceza! Tantos sacrificios, tanto sangue não devem ser perdidos! Não he bastante para a vossa honra haver *resistido quanto podestes a pertensões iniquas!* He necessario exterminar os Rebeldes! Se o não fazeis, tudo perdeis, a liberdade, e a honra!

Continúa a grande, e curiosa Resposta.

O Vulgo confunde os nomes, e as idéas: humas vezes he nimio, e excessivo em a sua linguagem, outras he diminuto, e mesquinho. Hum exemplo d'esta confusão, e excesso he o titulo de *trahidor*, que ordinariamente dá a hum Militar, que perde huma Batalha, ou huma Campanha:

elle julga pela identidade dos effeitos que a Causa he a mesma, e por isso lhe fixa hum só nome. E quem diria que o Vulgo vai nesta parte concorde com os Filosofos, que contão entre os principios da sua *Sabença* aquelle, de que *huma mesma Causa produz os mesmos effeitos?* Não podendo pois conhecer-se melhor a Causa, que pelos seus effeitos, parece que o Vulgo acerta na sua linguagem. Todavia eu, que estou mal com todos os Filosofos, especialmente depois que escrevêo *Cartesio*, que foi o primeiro, de quem eu tenho noticia, que fosse *Maçon*, e Filosofo, pois, para melhor se instruir, foi ter com hum *Rosa-Cruz*, unico de que elle teve noticia, escrevendo que n'esse tempo os Maçons erão poucos, e estavão ainda no seu nascedouro; eu que tenho a mesma liberdade de não dar hum ceitil por aquelles Filosofos, que não dérão, pelo que os outros disserão, não quero estar de acôrdo com elles sobre o principio, de que *huma mesma Causa produz os mesmos effeitos*, pois que tenho observado que muitas vezes os mesmos effeitos procedem de Causas diversas: isto assim he com a perda de huma Campanha, que era mui facil de se vencer, a qual perda humas vezes vem da trahição, outras da ignorancia, outras da cobardia; o effeito he o mesmo, mas a Causa he diversa; o trahidor perde a Campanha com arte, e sciencia; o ignorante perde-a sem arte, sem sciencia, e até sem vontade; o cobarde perde-a, conhecendo que se perde, mas não querendo perder-se, sabendo como deve vencer, mas não tendo valôr para vencer: o resultado he o mesmo, mas as Causas, que o produzem, são diversas, ainda que algumas vezes concorrem as três em fórma de triangulo, podendo então dizer-se, o que o Poeta Latino disse da Deosa *Feronia*, que déra tres vidas a seu filho *Herilo* —

Nascenti cui tres animas Feronia mater
(Horrendum dictu!) dederat ...

Ora veja o *Oriente*, e até o *Erythreo*, e o *Ganges*, como eu lhes dou de bombordo a estibordo, sem que pussão responder nem a hum só dos meus tiros. Collocarei eu no número dos trahidores os *lisongeiros*, os *falsos amigos*,

e os *refinados hypocritas:* poria no número dos ignorantes a hum cégo, e surdo, que só tem na lingua os seus conhecimentos, ou a hum bruto, que póde ser chicoteado, esporeado, e morto, mas não se lhe póde metter hum só pensamento racional; poria no número dos cobardes, que tem o seu valôr, e a sua vergonha nos pés, os cães, que não podem ter outro pejo, nem vergonha, que a *vergonha de cão*, os quaes, por mais que os açulem, em ganhando medo, não mordem, não se atirão. Mas chamar trahidor, a quem perde huma Campanha, que era de se vencer, como o Vulgo lhe chama, he cousa que eu nunca farei, pois quero campar de Filosofo, em quanto achar outra alguma Causa, que produza o mesmo effeito, e em quanto não tiver evidencia da trahição ter sido, a que pario tal desgraça. Hum Soldado Hespanhol no anno de 1810, vendo-se perdido em huma certa refrega com os Francezes, e a refrega perdida, gritou — *Trahidor o General Fuão.* Foi o Soldado condemnado a ser afusilado, e chegada a hora, em que alguma gente recebe juizo, mandou dizer-lhe o General, que *lhe perdoava, se se desdissesse;* ao que o Soldado respondêo, que *não queria mentir, quando estava ajoolhado;* e morrêo como hum Gallego que era. Devia este Soldado morrer duas vezes: a primeira por levantar huma voz, que nunca deve haver nas fileiras, ainda que, os que não estâmos n'ellas, ás vezes digâmos alguma cousa semelhante cá pela bôca pequena: a segunda por haver mentido, porque o General em verdade não era trahidor, mas hum tôlo, e tão tôlo, que conhecendo-o todos pelo maior dos tôlos, elle se conhecia pelo maior dos Sabios; propriedade esta essencial, generica, especifica, e individual de todos os tôlos, que por isso nem elles podem vêr, nem querem ouvir.

Esta mania de o Vulgo chamar trahidor a hum General, que perde huma Campanha, que era de se vencer, parece-se muito com a costumeira dos rapazes das ruas, que não podendo vingar-se de alguem, que lhes puchou pelas orelhas, chamando-lhe *Judeo*, *Ladrão*, *Filho d'aquella*, *Malhado*, e outras nomeadas semelhantes, que a sua impotente raiva lhes ensina em aquella occasião, e o homem vai-se levando, e rindo, o que não faria se os rapazes, em

vez de tão azedas palavras, lhe dessem huma duzia d'aquelles dôces, que mandárão a Sancto *Estevão* para o Ceo. Eu não me accommodo, com que pela identidade do effeito se julgue da identidade da Causa, sem embargo da gabadinha dos Principios Filosoficos: todavia respeito a voz do Vulgo, que muitas vezes sabe, o que diz, mas não lhe chega a lingua para dizer, o que quer; ora pois deite a lingua de fóra, eu porei n'ella as palavras, que hão de dizer, sob pena de o mandar callar, se continúa com estas ignorancias. *Callar?* Respondem: *Pois póde tapar-se a bôca ao Mundo, ou tapou-se jámais?* Estamos perdidos: e não podemos ao menos dizer esta bôca he nossa? Hum General ignorante não he tambem hum trahidor? Não estão todos obrigados a saber cada hum do seu Officio? Então para que se mettem, no que não entendem? Porque não dizem ao seu Rei, o que hum Rei Sancto dizia a Deos, *ut jumentum factus sum:* sou como hum jumento? E hum General cobarde não he tambem hum Trahidor? Por trahidores tractava a todos os cobardes o Venerando Condestavel Dom *Nuno Alvarez Pereira.* Ora, eu tenho assentado de mim para mim, que metter-se em Filosofias com o Povo he perder o tempo, e he expôr-se a perder alguma cousa mais, ou a ganhar as costellas quebradas, ou a morte em hum abrir, e fechar d'olhos.

Teimou o Povo Portuguez, em que o Marquez de Chaves foi hum grande General! Teimavão pelo contrario muitos Militares, que elle era hum tôlo, e *até se desprosavão, de que pelas suas véas corresse o sangue da honra dos Silveiras!* O Soldado, e o Povo nos annos de 1826, e 1827 dizia, que, *vendo o Chapéo do Marquez de Chaves estavão contentes, e promptos, e, se não, nada de novo!* Isto he público em todo *Portugal. Era doudo, era doudo*, diz o Povo, *mas a sua doudice dava-lhe para matar Pedreiros, e Malhados!* Ora temem-se lá com o Povo. Nem todas as batalhas ganhou o Marquez de Chaves: nem elle, na verdade, era hum talentão na Arte da Guerra, ainda que mui docil assim no Politico, como no Militar, o que farei vêr com dous Documentos, que estão em meu poder: mas era valorosissimo, era honradissimo, e por isso nunca o Povo lhe chamou trahidor, ainda quan-

do não vencia, ainda quando se retirava. Forte mania do Vulgo! Ou antes Grande Gloria do Marquez de Chaves! Grande Juizo o do Povo Portuguez! Parece-me esta persuasão semelhante áquella do Grande Rei Dom *Manoel*, o qual, pedindo-lhe *Vasco da Gama* licença para trasladar da *India* a *Portugal* os ossos do grande *Affonso de Albuquerque*, disse — *Não: a India estará segura em quanto estiverem em Gôa os ossos de Albuquerque!* Quer-me parecer a mim por esta fórma, que o Povo está tão persuadido do valôr do Marquez de Chaves, que se este grande Varão resuscitasse, e apparecesse nas fileiras Realistas, os do *Porto* davão ao diabo a cardada!

Com muita difficuldade se apagão as impressões Populares. Ha quatro mil seiscentas e trinta e cinco horas, quando isto escrevo, (e outras tantas são, as que o inimigo conta no *Porto*) que tenho pensado, e tornado a pensar o modo, porque hei de tirar ao Vulgo a mania de chamar trahidor a hum General, que perde huma Campanha, que era de se vencer, e sómente agora acabo de dar no fito, ou no vinte, que em fazendo conhecer ao Povo que nem sempre os mesmos effeitos procedem da mesma Causa, nem d'ella só, o Povo muda de linguagem, e será hum bem para alguma gente, que poderia vir a pagar pelo que não deve, ainda que deve. Tenho lido, entre outras muitas, a *Praxe Criminal* de *Guttierrez*, Letrado Hespanhol: grandes idéas, ainda que muitas são innovações. Ora, como tem decorrido vinte hum annos, depois que li aquella Obra na parte, em que ella discorre sobre a analogia entre as penas, e os delictos, mal posso lembrar-me, se alli s'estabelecia alguma proporção entre as penas, e os delictos, que não são de trahição, mas de *tagarellice*, de *tolice*, e de *teimice:* Tractado verdadeiramente interessante para os Criminalistas, e para o desengano dos Povos: mas no meu tinteiro de barro, de que actualmente uso, não ha tinta para escrever sobre hum objecto, que demanda muito saber, e muito juizo; já hum Mestre *de primas* digo, de primeiras letras conhece este defeito no meu tinteiro, dizendo que *nem tudo o que escrevo he meu;* e diz bem, porque he do tinteiro; mas, se não he meu, he bom; accrescentando que *ha muitas repetições;* como se eu não

podesse fazer huma mesma Oração pela activa, e pela passiva, e tambem por *participio*, e por *gerundio*, pois *tanto dá a agua na pedra, até que a quebra;* mas se as repetições são boas, bem he que ellas se façáo, conforme áquella Sentença dos Outeiros — *Da caput* — que para os Pedreiros quer dizer — *dá cá a cabeça, que he, o que faz muita falta;* e se as repetições são más, os malvados *hão de roe-las.* (com licença do Senhor Mestre)

Se não he possivel fazer racionaes os brutos, menos possivel he fazer que o racional Povo Portuguez desista da sua razão, e ainda da sua paixão, que toda ella he pelo seu Deos em favor do seu Rei, e contra os Pedreiros: *morra que he Pedreiro, que he Malhado, que he Trahidor*, diz a Voz commum; e, se o não cumpre, he porque respeita as Authoridades, que lhe mostrão que ninguem deve fazer-se justiça pelas suas mãos sem as competentes formalidades, e ceremonias. Vejão os Pedreiros quanto devem á moderação do Povo Portuguez, quanto devem outro sim á recta administração de justiça. Pouco tempo ha, que passou de *Lisboa* para essas partes hum Militar, que não goza de boa opinião, por mais que o pintem: fizerão-lhe a espera, não me lembra agora aonde; porem a Authoridade prevenio os esperantes; e o Militar, quando não era esperado, passou, e Deos queira que não faça mal onde estiver: mas o como o Povo conhece os Pedreiros, he cousa, que não posso acabar d'entender; deve de ter excellente faro, ou os malvados lanção máo cheiro de medo, que se pellão; e nunca o Povo s'engana! Isto he praga, que por maldição Divina cahio sobre os Pedreiros. Coitadinhos d'elles, se a sua cousa vai avante! Os Povos dizem altamente = *Hão de morrer, nem o diabo lhes ha de valer; basta já de maroteira; estamos cançados de sobejo; viva Patifes!* = Eu vêjo que os Povos os conhecem; vêjo que se não enganão; vêjo que a mostarda vai subindo ás ventas; e vêjo que, se a Festa começa, ha de ter Vesperas, Matinas, Prima, e Tercja com grande estrondo: eu não tocarei jámais a Vesperas; mas ao meu vêr os Pedreiros vão dançar na maroma; elles se empenhárão em dár cabo do Povo Portuguez, e o Povo Portuguez jurou-lhes pela pelle; veremos quem vence; e Vive Deos, que os Pedreiros

hão de pagá-las. Esta he a noticia, que agora corre mais fresca, e temos molho sem ceremonias. Exterminem-se os Rebeldes, que já he tempo, e he o melhor modo, por que a cousa ficará em bem; e, se não, vejo as aguas mui envoltas: os bons Portuguezes querem vingar-se; e, se o não fazem já, hão de o fazer a seu tempo. Demos graças a Deos pela tranquillidade!

Por fim d'estas historias vim parar na Historia da *Sicilia*, que falla n'aquelle Padre, o qual, como diz a antecedente Carta artilhada, era Beneficiado simples, e como he *simples*, já se sabe que não tinha Cura de Almas, e que até seria algum tolo, ou *Manel Broa*, que tudo isto diz alguma vez a palavra *simples* nos dous Dialectos da Peninsula, assim como ha bem muito tempo se diz = *Sê hum tolo, e podes vir a ser Conego.* = A tal *Historia da Sicilia* he terrivel, e tem dado em que fallar a muita gente, e ainda agora muita gente falla, muito principalmente depois que o *Artilheiro* lembrou nella o *Padre*, e o Padre já feito huma vibora, todo assanhado; mas sempre com vergonha de cão, confessando de si mesmo que *não tem letras, mas tem tretas; que o pandeiro está na sua mão; que ha de tocar na Festa, e que no fim da Festa dá hum tiro no Artilheiro, e outro no Alvito* por aquillo de embarcadiço, de ignorante, de pesador de rapé, de medidor de milho, e de outras qualificações mais, que diz estão dispersas nesta Publicação, e que o fizerão arder, porque a cousa está bem conhecida, e o homem dèo pela espora! Quiz algum tempo defender-se com as suas barbas, barbas, que emportárão a humas Freiras dos Suburbios de *Lisboa* cento e tantos mil réis, que fizerão *vispere* com Procuração, mettendo os pés ao garrano; e garrano, dinheiro, e barbas fôrão por esses ares! terrivel lição! para que as Freiras não tornem a confiar-se facilmente de barbas, ainda que as vejão em cara d'Abbade, pois já hoje não somos muitos de mais, os que temos as barbas honradas, e as mãos limpas! Alguem dirá que este caso he com o Convento de....; perguntem-lh'o lá, e as boas Religiosas responderão, dizendo que *já se acabou a honra no Mundo;* e não he assim, porque ainda ha barbas honradas, posto que essas o não fossem: porem este negocio não veio para o caso do Beneficiado *Simples*, senão por concomitancia.

Ora, diráõ os meus leitores que furto o corpo á difficuldade, e que não posso chegar a mais. Pois vejão lá se eu me atrevo a decifrar o mysterio do *Artilheiro* na sua recordação do *Padre na Historia da Sicilia!* Ao que eu me não atreverei será a pôr-lhe o seu roquete, por não obrigá-lo a repetir aquella petição, que no meu Mosteiro dizião os Leigos, quando vestião o roquete, a saber = *Roqueta me. ... per tuam pietatem, quia non possum ascendere ad maiorem dignitatem:* = petição, ou súpplica, que os ditos Leigos fazião mui devéras, e com vaidade: tanto elles tem de tôlos com hum roquete! mas não chega a mais o seu bestunto, ainda que engrossem a barriga com farrapos, e já ponhão as cangalhas nos olhos, para affectarem de huns Padres Mestres de Capitulo, diante de quem não os conhece, nem sabe o que elles são: porem este caso do roquete para o caso do *Padre da Sicilia* tambem he estranho como o das barbas; tudo isto são conjuncções, ou substantivos continuados por huma ligação já agora separada: eu acho mais essencial, intrinseco, e pegado a hum Beneficiado *Simples* na significação de tôlo, huma manta de toucinho, que não será toucinho em casa de Judeo, antes em casa de tôlos, porque os tôlos sempre fôrão mui toucinheiros. Mas que tem isto que vêr com as cousas da *Sicilia?* Eis ahi o que he não saber Historias! Aquelle Padre, que figurou nas Vesperas Sicilianas, quero dizer, naquelle desgoverno, em que tudo fôrão asneiras, maroteiras, comedeiras, e chuchadeiras, e os pobres a morrer por huma trahição a mais desmarcada do Mundo, que ninguem pode dizer outra cousa, ía n'aquella desordem popular caminhando com a sua manta de toucinho, que tão bom era o toucinho, como elle, e elle como o toucinho; o toucinho podre de bichos, e o Beneficiado cheirando á maresia, aonde havia aprendido a viver como vadio, e traficante. Dei nella, dei nelle, dei nelles, dei em todos! Já nem o Padre Sancto *Antonio* lhes valé. Querem-no mais claro?

Se ainda não entendem, consultem o *Chan* (Principe Soberano da Tartaria) *trecheio* dos mesmos defeitos, e costumeiras, de que eu venho de fallar no nome do *Padre das Sicilias*, lembrado pelo *Artilheiro* em additamento áquellas terriveis Vesperas, que lá vão; mas este caso será sempre

lembrado com horror, em quanto os homens tiverem memoria, entendimento, e vontade. Ouve-se fallar em barbas de cento e tantos mil réis? Em roquete sobre os homoplatas dos Leigos? Em a manta de toucinho? E no Beneficiado Simples? Immediatamente lembra a *Historia da Sicilia:* são nomes, que trazem á lembrança outros nomes, e outras idéas. O mesmo Frei *Manoel de Sancta Ignez* póde vir aqui por aggregado, e temos hum grillo, que opportuna, e importunamente nos lembra que taes cousas succedêrão, e succedem no Mundo, que são mais para se chorar, que para se fallar: e tornou aqui outra vez o Frei *Manoel* com o seu *gri, gri:* pois se eu grito, outro gallo nos ha de cantar: descobrirei, e provarei que houve hum Beneficiado Simples, que não he o mesmo *relato* da Sicilia, mas por concomitancia, o qual, logo que Dom Pedro desembarcou, disse = *Em verdade que tendo chegado o Primeiro Filho do Senhor D. João VI, o Senhor D. MIGUEL não....* Ah! Ingrato, desmoralisado, ignorante! Descubro-te? Olha que as Authoridades não se comprão por mantas de toucinho! *Dormitancio* chamou ao herege *Vigilancio* o Maximo Doutor das Sanctas Escripturas São *Jeronymo:* se eu merecesse o nome de Sabio, competindo aos Sabios o pôrem nome ás cousas, a estes Realistas de hum dia, e Constitucionaes de *antanho*, e de *oganho*, Caçadores de Empregos, e de Beneficios, sem sciencia, e sem honra, não lhes poria o nome de *Venancios*, porque este designa tanto como o de Caçadores, mas chamar-lhes-hia = *Vagandos* = que significa gentes de carregar, ou Velhacos de conta, com quem todos os Governos respectivamente devem ter muita conta, para se não deixarem surprehender, e trahir: he necessario, antes de os empregar, seguir-lhes todos, todos os seus passos, desde que sua Mãi os pario, até que elles comparecem na qualidade de homens de bem, sem nunca terem sido senão homens de todo tropilho. Eis aqui porque o Vulgo confunde os nomes, e as idéas; e logo, quando se vê desgraçado, se torna muitas vezes a quem não tem a culpa, pondo-lhe titulos, que não merece. E eis tambem a forma, por que eu nesta variada, e variante resposta me vou descartando da Carta *artilhada* transcripta no N.° antecedente.

Não ha mal, que não tenha remedio, (querendo dar-

se-lhe) senão o mal da morte; e até a morte he hum remedio para muitos males, que só a morte cura, v. g. mal de Maçonaria, mal de Trahição, e mal de Tolice. Se estes tres males tem outro remedio, não he remedio, que cure, mas que ature: porem para tanto aturar o soffrimento de *Job* não parece bastante. Vêjão que o Mundo está escangalhando-se, e dizendo = *a Deos que me desfaço, e mais não torno a apparecer; e tudo isto he por culpa dos Pedreiros; dos Trahidores, e dos Tôlos.* Ora pois componha-se o negocio: Pedreiros, e Trahidores para a Forca, se não se emendarem de todo o seu coração; e os Tôlos fóra para todo sempre; porque, não sendo impossivel que os Pedreiros, e os Trahidores se convertão pela experiencia das suas desgraças; pela Divina Graça, e pela boa Politica dos Reis, he absolutamente impossivel (absolutamente, fallo *modo humano*) que os tôlos deixem de ser tôlos, e conseguintemente deixem de obrar tolamente, porque a *tolería* entra na essencia, e natureza de toda a sua compaginação; *e quod natura dat, tirolí-cotíco.* Dir-me-hão que os males passados não tem remedio = *Ad præteritum non datur regressus.*

Oh! Tem remedio, tem, tem. Como eu fui *Cartorario* do meu Mosteiro, vendo, e revendo em antiquissimos pergaminhos os Diplomas de Privilegios, e de Doações de muitos dos Senhores Reis da *Hespanha*, dos *Froelas*, dos *Ordonhos*, de *Affonso ó Casto*, dos *Ramiros*, dos *Fernandos*, etc, etc., considerando que aquellas Concessões não adiantavão cousa alguma humas sobre as outras, e que as segundas, terceiras, e seguintes erão meras Confirmações *in perpetuum* das primeiras, fui examinando os motivos, porque se repetião estas Confirmações dos primeiros Diplomas, sendo estes irrevogaveis por sua natureza, e pelo contexto das suas letras; e descobri, além de outros motivos todos justos, e poderosos, que os Senhores Reis Confirmantes por esta forma inspeccionavão, se tinhão todo o seu devido cumprimento as vontades, e disposições dos Senhores Reis seus Predecessores. Procurei então instruir-me bem, por meio de huma assidua applicação á *Arte Diplomatica*, a qual demanda outros muitos conhecimentos, na maneira porque se dirigião as Monarchias Catholicas, assim na sua Infancia, como na sua Adolescencia, e Virilidade antes de

chegarem ao presente estado de Senectude, o qual já conta alguns seculos, e fui dar na *Monarchia Hespanhola* com as *Graças Henriquenhas*. Déra hum Rei deste nome tudo o que tinha, e o que não tinha, e déra a torto, e a direito: bastava requerer-lhe, allegar-lhe hum serviço, e já ahi estava a recompensa: os atrevidos, os ambiciosos, os que nada havião feito erão os que tudo possuião: foi a verdadeira arte de descontentar a todos, e de perder nos Póvos o amor ao trabalho, e á Virtude, vendo que só a ociosidade, o crime, e o patronato tinhão valia no Paço: este era hum estado, em que o Estado perigava de se dissolver, não só pelo orgulho dos premiados, como pela apathia, em que se constituião, os que podião ser uteis, pois o Coração Humano tem certas mólas, que lhe dão movimento; e se os Reis não souberem dar-lhe impulso, premiando a tempos, e a horas, e com muita justiça, e razão, não acharão quem os sirva, nem quem os respeite, nem quem de véras os ame. O Successor d'aquelle *Henrique* vio o volcão, que se abria debaixo dos pés do seu mesmo Throno; conhecêo que os seus Cortezãos, os que o cercavão, as gentes do seu Paço erão outros *piantes*, ou pilhantes, agarrantes, e mammantes, como os que seu Antecessor havia premiado, e distinguido, e que em se apanhando servidos á vontade viravão as cóstas; ponderou que não havia muito que fiar em *Vivas*, que sempre se dão, em quanto as cousas vão a bel prazer dos que os dão; pois que a par d'esses *Vivas*, os que podem prestar verdadeiros serviços, estão como mudos, e os Póvos lá no seu interior se queixão com as mesmas palavras, que vem em hum Psalmo, as quaes na Vulgata se lêm de huma maneira, e no Original Hebraico d'esta outra — *Equitare fecisti homines super Capita nostra* — Fizestes, Senhor, que os homens andassem a cavallo sobre as nossas cabeças. Que fez então este Rei, successor d'aquelle *Henrique?* Fez vir á sua presença todos os Titulos de Mercês, Graças, Concessões, e Condecorações, que se havião passado no anterior Reinado, para lhes dar a sua Confirmação, como quem diz, para lhes pôr o *carimbo*, sem o qual não correrião, não valerião: postos que forão na sua presença todos aquelles Titulos *Henriquenhos*, mandou-se informar por pessoas de toda a probidade, e virtu-

des, zelosas do serviço de Deos, e do bem da *Hespanha*, sobre os serviços, que os *agraciados*, *agraduados*, *promovidos*, *premiados*, e *condecorados* havião feito ao Throno, e á Patria, e resultou das mais exactas, e imparciaes informações, que muitos em vez de premios merecião castigos; em vez de distincções desprezos; e que todo o seu merecimento havia sido o Patronato, a Protecção, e a indiscreta liberalidade de *Henrique* desejar contentar a todos, os que lhe pedião. *Não confirmo*, disse o seu Prudentissimo Successor; e assim voltárão para o Thesouro das Graças, e Mercês, e da Justiça muitos Titulos, que depois forão dados a quem os merecêo; e por esta fórma muitos dos *agraciados Henriquenhos* ficárão a pé, e os Póvos mui contentes de se verem livres d'aquelles *Cavalgantes*, ou *Cavalleiros da Gandaya*, que erão outros tantos gafanhotos, que devoravão a substancia do Estado, e, o peior de tudo, as Virtudes, que são o verdadeiro fundamento do *Throno*, e da Patria. A *Hespanha*, em huma palavra, ficou ás mil maravilhas, e não soffrêo Revoluções, em quanto andou por este caminho.

Remedio Gothico, dirão muitos, e eu digo. *Remedio do Ceo*, o qual, sendo prudentemente applicado, restituirá a paz á Europa, e a segurança aos Reis. *Palavra de Rei não torna atraz*, dirão ainda os mesmos Constitucionaes, que não fazem escrupulo de ser inconsequentes. Ah! Que miseravel engano! Que fatal cegueira! Palavra de Rei, sendo mal dada, he a primeira, que deve tornar atraz, para dar bom exemplo aos seus Vassallos, porque *ad exemplum Regis totus componitur orbis*, e para evitar huma origem de Revoluções; e palavra mal dada he, a que se dêo sem justiça, sem conhecimento de causa, por engano, e por más informações; porque os Reis são livres no exercicio dos Seus Direitos, mas não são livres para deixarem de cumprir os seus deveres, e o seu principal dever he fazer justiça, não distinguir, ou premiar, a quem o não merece, evitar os detrimentos dos Seus Vassallos benemeritos, não desalentar a Virtude. *Sapientis est mutare consilium:* ao Sabio pertence mudar de proposito, quando este não he justo: os Reis são os primeiros Sabios das Nações, logo elles devem voltar atraz com as suas palavras quando entendem que

não convem ao Serviço de Deos, e ao Seu, e ao bem estar de seus Póvos: não estão os Reis obrigados a ser Filosofos, Mathematicos, Theologos, Canonistas, Juristas, Militares, etc., mas estão obrigados a ser justos — *Didici judicia justitiæ tuæ — Lingua mea meditabitur justitiam — Domine, memorabor justitiæ tuæ solius* — Disse a Deos o Sancto Rei David. Já que não conheço as Sciencias, procurarei aprender a ser justo. A justiça he a verdadeira Sabedoria, e nos Reis a principal; justiça para não castigar, nem premiar com excesso, justiça para desfazer, o que injustamente foi feito.

Essa justiça sería hum principio de Revoluções, dirão manhosamente os Politicos d'este Seculo. Esta justiça administrada com prudencia faz immudecer os mesmos descontentes. *Padre; aquelle he General, e fazendo justiça por épocas, deve ser Capitão.* — R. Pois seja Capitão com os distinctivos de General, e faça muito pelo merecer; e, se assim não quer, vá para sua casa no Posto competente. *Padre; aquelle he Desembargador do Paço, e fazendo justiça por épocas, deve ser Corregedor.* — R. Tenho respondido a todas estas objecções, e ás que poderem vir de semelhante natureza. *Padre; aquelle he Conego, he Chantre*, he Bispo; *e, fallando verdade, não sei que ha de ser d'elles.* — R. De Bispos não julgo, pois sou Christão; mas ahi está algum, que está recluso em hum Convento com algumas regalías de Bispo, mas sem exercicio: de Conegos digo, que podem ser huns bons coreiros, que he hum exercicio mui nobre, mui elevado, e mui interessante, e aprender-se n'elle muita cousa, que se ignora: *Padre: está pilhado: aqui o quero eu: como V. he revolucionario, ou perturbador, que não perdoa a ninguem, deve tambem sahir de Abbade, porque nem letras, nem costumes.* — R. De costumes sou como aquelles, que não são Sanctos — *Sum sicut cæteri homines:* — mas se pelos meus defeitos não sirvo, eis-me prompto a ficar de *enxota-cães* em alguma Igreja, officio, que hei de desempenhar muito bem a aprazimento dos dignos Pastores da Igreja, e do meu Soberano, pois até enxotarei aquelles, que na Igreja de Deos não estiverem com o respeito devido a Deos, e á Igreja: quanto ás minhas letras, não são mui gordas; mas das *Christinga*s

sei, e tenho para dar, e vender, e por isso repito — *Justiça, Justiça, e mais Justiça!* Justiça de Deos, e d'ElRei, que he o Lugar-Tenente de Deos na sua Monarchia. Irrite-se, invalide-se, annulle-se, e casse-se, o que se tiver feito com injustiça, por engano, por falsas informações, e por circumstancias, que só poderão ser attendiveis hum momento! Segurem-se os Monarchas nos Thronos pela boa, e prudente administração de justiça. — *Et firmabitur justitia Thronus ejus.* — Mas este he assumpto mui delicado, que pede tinteiro mais fino, que o de que actualmente me sirvo: acabada esta Publicação, recorrerei a outro tinteiro, que possuo desde o anno de 1812, e que, tendo-me acompanhado em todos os meus passos, andou maior espaço em legoas, do que tem em annos: he hum tinteiro Universal, que ministra tinta de todas as qualidades para assumptos de todas as qualidades. Presadissimo Tinteiro! Tu me deste materia para escrever tudo, o que desejei em todas as materias, depois que a Revolução erguêo a sua Cabeça na Peninsula! De ti me servirei dentro em pouco tempo, para mostrar que o verdadeiro meio de os Reis se segurarem nos Thronos, e de os Póvos viverem em paz he *desfazer o que está mal feito;* desfazer com valôr, e com prudencia: esta será a maior gloria dos que errárão, e a sua maior firmeza, para não perderem tudo. *Carlos III* na *Hespanha* quiz dar este exemplo em tres cousas; em huma expedição mal intentada, mas já não tinha remedio; na expulsão dos Jesuitas, mas não teve valôr para a remediar; a terceira, em que se arrependêo, não me lembra, porque ha muito anno, que não pertenço áquelle Paiz: esta pagina tambem se acaba, e não dá lugar para mais, nem para menos, do que disse: a Carta do *Artilheiro* está quasi respondida; (se elle entender esta resposta) *porém ainda continúa huma vez.*

Portuguezes! Quereis hum Rei Justo? Vós O tendes na Augusta Pessoa do Senhor Dom *MIGUEL I.* Qual outro Soberano desejou, e trabalhou mais em administrar justiça aos Seus Póvos? Sêde porém vós justos com o Vosso Rei! Fazei justiça ás suas Rarissimas, e Admirabilissimas Virtudes! Agradecei ao Ceo esta Real Dadiva, que este Seculo não merecia! Fazei muito pela conservar, obrando vós á vossa-vez, o que fôr justo! Defendei com valôr o

vosso Rei da aggressão dos inimigos! Acabai com elles por huma vez, e vós tereis o maior premio do Mundo, premio, que sómente do Ceo podeis esperar! Ha por ventura premio maior para os Christãos Portuguezes, que o de possuir hum Rei como o Senhor Dom *MIGUEL I*? Portuguezes! Que outro Paiz no Mundo tem hum Rei Justo, e Virtuoso como O que vós tendes? Nenhum certamente. Eia pois Viva ElRei o Senhor Dom Miguel I! Viva, Viva para sempre! *Vivat Rex in æternum.*

Lisboa 28 de Janeiro de 1833.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1833. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 98.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣. 15. Portuguezes! Tendes sido sempre o terror, e o assombro de todos os vossos inimigos nas quatro partes do Mundo; e agora não exterminareis huma mão cheia de Rebeldes, que vos insultão desde o Porto? Que impossivel he esse, que vos detem? Seráõ baldados tantos esforços, ou tem-se acabado o vosso valôr, e o vosso saber? Portuguezes! Que dirá de vós o Mundo! Deixar-lhe-heis hum exemplo de impericia, e de imbecillidade!!!

Continúa, e finaliza a grande, e curiosa Resposta.

Em o desfecho d'esta Publicação, ou já com pouco tempo de vida, não por falta de substancias vitaes, mas porque chegou o tempo de dar conta de si, sahe-se hum *laponio* dizendo que eu tenho usado de equivocos, ou de palavras, que tem muitas significações, e algumas d'ellas não são agradaveis a todos; o que certamente me convencêo de máo conhecedor da Lingua Portugueza. Ora pensando eu que *sabía o nome aos bois*, como dizem em algumas terras do *Minho*, quando algum Clerigo lhes arrota muito Latim, tenho de dizer como huma Tia na idade d'esta Publicação — *Vai a Velha morrendo, e vai aprendendo.* —

Quando vim para *Portugal* não entendia os *Portuguezes*, porque nunca havia tido uso com elles, e tinha alem disso a desgraça, sendo *Gallego*, de não haver fallado *Gallego*, na minha lembrança; Dialecto, que he parente do *Portuguez* por consaguinidade em gráo ainda prohibido, tendo sido irmãos gemeos até os annos de 1400, pouco mais, ou menos, fallando-se, e escrevendo-se hum como outro, como testemunhão todas as pelles de carneiro, ou carneira, e de cabrito, ou cabrita, que fôrão esfoladas, e escriptas em os Seculos anteriores ao uso do *trapo*, e *farrapo*; maldito uso, que, tendo convertido os homens em homens de todo *trapo*, conseguio ao mesmo tempo *esfarrapar* o Mundo! Pois como eu não entendesse os Portuguezes, porque não sabia *Portuguez*, para entender os Portuguezes comecei a estudar *Portuguez*, não pelos Portuguezes mortos, mas com os Portuguezes vivos; e procurei primeiramente os da classe infima, chegando pouco a pouco á suprema; marchando assim da *analyse* para a *synthese*, como successivamente passei dos Portuguezes vivos para os Portuguezes mortos, á maneira de quem da vida vai para a morte, e achei-me bem com os mortos, que dérão vida á Lingua, melhor que os vivos, que enterrárão a Lingua, desenterrando quantas palavras tem a Lingua Franceza, e a *Grega*, para fazer dos Portuguezes de huma só Lingua homens de muitas Linguas, ou bilingues, que andão á caça de palavras, como *Heliogabalo* á caça de moscas, querendo ser Imperadora das Sciencias á força de muito fallar, e sendo muitos na verdade huns pobretões de pensamentos, sem cousa alguma saber. Eis o methodo, que eu segui no meu estudo do *Portuguez*, com os Portuguezes vivos: punha a minha mão em alguma cousa, e perguntava: isto como se chama? Elles me respondião, eu ouvia, e ia tomando sentido: assim fui indo, e aprendendo; mas ao passo que augmentava em Lingua, augmentavão-se-me as dúvidas, e as difficuldades! Contarei algumas cousas, que ainda agora me lembrão, e podem vir ao caso dos meus *Censores de Lingua* = Vossas Mercês, dizia eu, abundão em diminutivos, e em nomes femeas: será tudo pequenino, tudo femea nestas terras? *Não*, respondião; *esses nomes diminutivos servem de prato de meio nas nossas conversas, e os nomes femeas são incertos, ou communs de dous, ambiguos, ou epicenos; por exemplo — lesma* — (Já disse que os meus primeiros dias de conversação com os Portuguezes fôrão com os da infima classe.) *designa macho, e femea, e até chamamos lesma a homens, e mu-*

lheres de huns certos costumes, e inclinações; raposa, marta, etc , etc., nomes, que são communs de dous, ou epicenos! — Tantos communs de dous? Replicava eu: Pois não ha raposo? — *Sim ha*, me dizião; *mas sendo a raposa tão má, que péssimo não será o raposo? He como o mesmo diabo: pois por essa razão não dizemos — lesmo; — porque, sendo o nome femea, o que explica o menos, he a lesma tão aborrecivel, que nos não atrevemos por horror a usarmos do nome lesmo; tambem não dizemos commummente raposo, nem marto, porque só o nome de raposa, e de marta explica hum animal, que temos em odio por ladrão, atraiçoado, e cobarde, que não dá espera, pois do contrario teriamos acabado com elle; assim pois temos lesma femea, e lesma macho; marta femea, e marta macho, ainda que este o designamos algumas vezes pelo nome de Zebelino, como a raposa macho pelo nome de raposo.* — Tanto hermaphrodita! Porem digão-me, lhes accrescentava eu: como formão de hum nome femea hum nome macho, ou hum nome de muito augmento? — *algumas vezes assim: ao — á — augmentâmos hum — o — e hum til: por exemplo: de abelha — abelhão; — de aranha — aranhão; — de cabeça — cabeção; — de falca — falcão; — de gorja — gorjão; — etc., etc., etc.; e outras vezes por outras formas, porem pouco usadas.* — Risquem lá todos esses nomes machos, que são confusos, equivocos, mal soantes, e até de máo agouro. Assim pouco a pouco fui aprendendo com a classe ínfima a excellente Lingua Portugueza; todavia no principio achava-lhe muitos defeitos; agora, tendo conversado com outra gente, parece-me que estou mais limado, ainda que a respeito de alguns nomes julgo que se precisava de maior lima, ou de huma lima surda, que os fosse gastando, e descabeçando sem se perceber, por não fazer logo novidade, ou alteração na Lingua Portugueza. Mas baste de satisfações aos que me *censurão de Lingua*: explico-me menos mal, e os que não são surdos bem me percebem, confessando todavia que ha algumas cousas em *Portugal*, ás quaes não sei dar nome em Portuguez limpo, e corrente, por exemplo: *Isto d'agora:* como se chama? Confesso de plano, ainda que me tachem de ignorante, que não posso dar-lhe nome proprio, posto que quasi o tenho debaixo da ponta da lingua: porem Tá! ou, como diz o Vulgo, *Táu!* que entre os Portuguezes significa humas vezes suspensão de acção, e outras de loquução; e entre os Hebreos era, e he huma Letra mysteriosa, da qual faz menção a Sancta Es-

criptura — *Super quem videritis Thau, ne occidatis.* Ezech. C. 9. ℣. 6. Não mateis aquelle, que virdes marcado com o *Thau.* — E entre os Latinos mysteriosamente significa a Cruz de Jesus Christo Senhor Nosso. Ora pois valha-nos a Sanctissima Cruz, e vamos indo com a Cruz ao Calvario, que he a unica forma de ganhar o Ceo, pois na Terra não ha de faltar Cruz; mas esta d'estes dias, hui! custa muito a levar, sem se queixar. Basta de Lingua Portugueza; vamos á Franceza, que he a portadora de grandes idéas, e de muitas inconstancias.

Viva o Rei; Viva o Rei; Viva o Rei: são vozes, ou vozerias, que resoárão em todos os angulos da *França* nos Reinados de *Luiz XVIII*, e de *Carlos X*, e todavia surdas conjuraçôes se divisárão formadas por alguns d'esses mesmos vozeadores, que pozerão em grande risco os dous Reis: pôde o primeiro acabar seus dias na sua Patria; mas o segundo não foi tão feliz; elle anda desterrado, e não pode saber qual terra abrigará seus Augustos *Despojos!* Triste fatalidade! Que foi feito de tantos Vivas, e de tantos Francezes? E erão fieis todos, os que os davão! Erão Vivas de *Vivans*, ou de *Vivandeiros!* Muitos huma cousa dizião, e outra contraria maquinavão; como Judas com Jesus Christo, assim elles judiárão com os seus Reis: *éh!* dizem os Pastores ás Ovelhas, para que parem no campo; e *éh!* lhes dizem tambem, para que caminhem: assim o mesmo *Viva* pronunciado por pessoas de differentes sentimentos, e em differentes occasiões, quer dizer no sentido de huns — *Conserve a Corôa* — e no sentido de outros — *Largue a Corôa.* — Tanto he certo, se alguma vez se ha de estar pela experiencia, que os *Vivas* nem fazem Rei, nem conservão Rei, antes muitas vezes illudem os Reis, e perdem os Reis! Que acontecêo a *Carlos IV*, e a *Fernando VII* na *Hespanha?* Que acontecêo ao Senhor Dom *João VI* em todo *Portugal*, e a Dom Pedro em huma parte de *Portugal*, quero dizer, no *Brasil?* Mas eu estou com a *França*: *Hespanha*, e *Portugal* diráõ de Facto, e Direito sobre os seus acontecimentos. Pois em que devião confiar-se aquelles Reis de *França?* Eu o digo: *nunca nos Vivas, e sempre em tres cousas:* 1.ª Na protecção Divina; mas para os Reis contarem com ella, precisão elles de dar inteira protecção á Divina Religião, sem o que he muito para temer que Deos desampare os Reis, pois elles, sendo seus Lugar-Tenentes, desamparão primeiro a Deos, ou o ampárão de meias: 2.ª Na sua boa, e prudente administração de Justiça, assim

aos bons, como aos máos, evitando em tudo os excessos, pois d'esta forma os Reis serão amados dos Povos, digo, de todos os seus Vassallos, porque a justiça, a bondade, e a prudencia sem excessos agrada aos bons, que buscão os premios, e não he pesada aos máos, que fogem dos castigos: 3.ª Na escolha de bons Ministros, Conselheiros, Cortezãos, e Validos, que lhes adquirão respeito, e opinião; pois sem opinião, e sem respeito os Povos não querem obedecer, e cumprir, o que se lhes manda, e nesse caso debalde se pertende Reinar, quando ninguem quer obedecer. *Não basta que hum Rei seja Christão*, he necessario que proteja o Christianismo, o que não acontecêo na *França*, pois que na mesma Cidade de *Paris* se escrevêo no anno de 1824 que o Governo protegia o Atheismo: *não basta que hum Rei seja bom;* he necessario que pareça bom aos seus Vassallos, e os *Francezes* não acharão bons estes dous Reis, e não fallo sómente dos máos *Francezes*, mas tambem de alguns dos outros; porque todos se queixavão, de que os máos fossem impunes, e de que os bons ficassem sem premio; *não basta que hum Rei seja Rei;* he necessario que o Rei pareça Rei pela Representação, Dignidade, Respeito, e Opinião dos seus Ministros, dos seus Conselheiros, dos seus Cortezãos, e dos seus Validos; o que não fizerão aquelles dous Reis da *França*, pois tomárão para a sua Côrte a maior parte, dos que fizerão a Côrte a *Napoleão*, e ainda á Republica, e á Revolução, com o que aquelles Reis não ganhárão Opinião de Reis, mas de hum Poderosos, que tinhão Partidarios, Representação, e Fortuna como outros quaesquer, que figurão n'aquelle estado de Facto, e não de Direito, assim como Dom *Pedro* no *Brasil*.

Pois que deverião fazer aquelles Reis? Deverião, ou podião elles formar a sua Côrte de Emigrados? Não sei o que podião, nem o que devião; elles tinhão de perdoar a muitissima gente, e de premiar a muito pouca; o que he huma terrivel necessidade, e huma grande infelicidade para hum Rei qualquer; mas não podião, não devião fazer seus Ministros, seus Conselheiros, seus Cortezãos, seus Validos, dos Ministros, Conselheiros, Cortezãos, e Validos de *Napoleão*, da Republica, e da Revolução; e nem por isso tinhão precisão de recorrer sómente aos Emigrados: havia na *França* Emigrados em corpo, e alma; havia Emigrados na alma, que sempre seguirão os seus Reis, e tiverão o corpo na *França* por mil circumstancias imperiosas; e

tambem haveria Emigrados em corpo, mas que deixárão a alma na *França* ligada, e presa á Revolução, e á Maçonaria; havia muitos *Francezes* que na Revolução forão padecentes, passivos, e pacificos: havia pois muito por onde cortar, e por onde escolher, e escolher bem. *Era necessario contentar os partidarios de huma Revolução tão geral!* — Oh! Que Cegueira! Mas assim vão os Reis vendados, e vendidos, caminhando, ou correndo, e voando para a sua total ruina. *Contentar os partidarios da Revolução, por serem muitos?* ... Tanto peior! Se fossem poucos, poderia soffrer-se; porém, sendo muitos, he perder-se. Quando foi aquelle negocio dos Republicanos, ou dos Communeros na *Hespanha*, como forão bem muitos, os que adoecêrão da terrivel mania, o Soberano castigou sómente os Chefes, ou Directores, e a todos os outros perdoou. Politica admiravel, que teve a *Hespanha* em paz, e tranquillidade interior mais de dous Seculos; mas os perdoados não forão empregados: *perdoar a todos*, só Deos o póde fazer, ainda que não consta que o tenha feito, nem se possa provar que ainda o venha a fazer; porque se a sua Misericordia não tem limites, lá está a sua Justiça, que tambem os não tem: *castigar*, *perseguir a todos*, só Deos o póde fazer, e ainda não consta que o tenha feito, nem se possa provar que ainda o venha a fazer; pois que no mesmo fim do Mundo ha d'haver Misericordia, como a houve no Diluvio: digo, *perdoar a todos*, he loucura; *castigar*, *e perseguir a todos* he frenesi; *perdoar a todos*, he deixar a Revolução á porta; *castigar*, *perseguir a todos* he deixar a Revolução em casa. *Contentar os partidarios da Revolução por serem muitos?* ... Assáz contentes, e satisfeitos ficão em serem perdoados os muitos, não sendo castigados como os poucos. *Mas empregar os partidarios da Revolução!* ... Falsa razão d'Estado! Politica cega! Esses partidarios Empregados conhecem que os Reis os empregão *por medo*, não por amor, e assim elles tem medo, nem amor tem aos Reis: os outros Empregados, que não sejão partidarios da Revolução, tornão-se logo *bons vivans*, como os Reis; como estes transigem com a Revolução, tem medo aos Reis, que medo tem, e não lhes ganhão amor; como que ninguem ama aos cobardes, e medrosos. Pois não quer arriscar-se, quem tem tudo a perder, e nada a ganhar nas transacções, (dizem estes Empregados) e devemos nós arriscar-nos? Nós que temos tudo a ganhar, e nada a perder nas transacções? Vivamos, dizem

todos estes Ministeriaes, façamos a nossa fortuna, porque o Rei, que hoje nos conserva, á manhã nos porá no andar da rua! *Arte de descontentar os bons, e de não contentar os máos*, he esta Politica de *amalgamar*, ou de amassar os Partidos, sendo que amassados ficão os Reis. Oh! Que Cegueira! *Hum Rei deve ser Rei de todos, nem Rei sómente dos Realistas, nem Rei sómente dos Constitucionaes: Rei de todos!* Eis outro argumento louco, e escandaloso, ainda que hypocrita! Hum Rei deve ser de todos; *dos Realistas*, empregando os capazes; *dos Constitucionaes*, perdoando aos muitos, e não empregando algum; conservando finalmente os Povos, não *pelo excesso da Justiça*, que isso sería crueldade, nem *pelo excesso da Misericordia*, que isso sería huma fraqueza: tudo isto he indigno dos Reis como Juizes, e como Pais. *E fizerão assim os Reis de França, de que vou fallando?* Oh! Justiça Divina! Mas este he hum assumpto, que pede muitas mais paginas, muita mais tinta, e muito mais vagar, do que eu agora quero tomar. Peção os Povos a Deos, que inspire, que dê força, conselho, e intelligencia aos Reis; porque, se Deos o não fizer, os Reis, e os Povos estão no cahos, estão no abysmo, estão perdidos. Tal he o deploravel estado da *França*, e tal será o estado de todas as Potencias Catholicas dentro em pouco tempo, se Deos não se digna levantar a sua Mão de ira, que todos os bons Christãos sentem bem pesada por toda a parte do Mundo. Altos Juizos de Deos!!! Elle acuda aos Reis, e aos Póvos.

A Maçonaria he summamente numerosa: ella está invencivel. — Este he tambem outro prestigio, ou *papão*, com que alguns, ou estúpidos, ou velhacos, tem illudido, e amedrontado os Soberanos: apresentão-lhes grandes listas de Maçons, fazem-lhes vêr n'ellas a outros Soberanos, e a huma grande parte das maiores Personagens, e lhes dizem, que *he necessario dar a mão á palmatoria; que se não póde acabar com elles; mas antes que, para se conservarem, e segurarem nos Thronos, não ha outro remedio, que o lançar-se nos braços da Maçonaria, favorecella, e até alistar-se n'ella para merecer a sua protecção.* Oh! Que Cegueira, e que fraqueza! Pois tem-se debellado numerosos, e aguerridos Exercitos, e conquistado, e subjugado Nações inteiras, e poderosas; e não póde dar-se cabo da Maçonaria? Ridiculo espantalho! Serão os Maçons tão numerosos como os Regulares? Terão elles huma ligação mais firme, e mais forte, que as Corporações Religio-

sas? Nada d'isto: mas ainda que assim fosse, huma só *pennada* não tem acabado com milhares, e milhares de Regulares? Porque pois a Politica não acabará com a Maçonaria? *Se os Regulares não poderão ser Deputados da Nação, porque hão de ser empregados os Maçons?* Que importa que alguns Soberanos, e muitas Personagens se tenhão alistado na Maçonaria? E isso mesmo será certo? Dêmos que seja: Que representação tem elles na Maçonaria? São Grans-Mestres, ou Veneraveis, ou Rozas-Cruzes? Não certamente: a Maçonaria os tem por seus Varredores, ou como a bobos das suas entremezadas; se algum grão dos primeiros lhes tem conferido, tudo isso he nominal; elles lá tem os seus verdadeiros Chefes, e nenhum d'estes he Rei, nem Personagem da primeira Ordem; succede o mesmo, que em qualquer Comedia, ou Tragedia: representa o papel de Rei qualquer *barbantão*. Se a Maçonaria deseja positivamente acabar com os Thronos, e com a principal Grandeza, como admittirá ella por seus Gran-Mestres aos Reis, e aos Grandes da primeira Ordem? O mesmo *Frederico o Grande* nunca foi verdadeiramente Gran-Mestre: era Dignidade reservada para o *bigornilhas Voltaire*, ou para outro qualquer do mesmo lote. Tambem Dom *Pedro* apparece na Lista do *Brasil* como o Gran-Mestre da sua Maçonaria, e elle nunca passou de Noviço; isto me parece ser como o *Papa-moscas*, que, ha muito anno, está na Torre da Cathedral de *Burgos*, e nunca papou huma mosca! Forte Cegueira, ou mesquinha fraqueza! *Que os Maçons são muitos!* São sim, são muitos, mas não tantos, como se imagina; e, apezar de serem muitos, nem por isso são mais fortes, antes mais fracos; porque estão divididos; porque alistárão todo bicho careta; porque tem muitos apóstatas, ainda que poucos convertidos.

A Maçonaria he como a Loteria. *Quem se quer habilitar ás Sortes?* E a sorte grande he para hum só. Os outros alguma cousa tirão, mas pouco; e a maior parte fica a *chuchar no dedo*: assim pouco mais, ou menos succede na Maçonaria: no anno de 1822 convidava-se publica, e descaradamente para se alistar na Maçonaria, *escreva aqui seu nome*, dizião os das Cautélas, *n'isto entrão todos os homens de bem; a cousa não tem dúvida; este he o meio de se habilitar para todos os Cargos, e Postos da Nação*: effectivamente alistou-se muita gente, e até Frades, e Clerigos, e ainda algumas mulheres, estas não para os Cargos, nem para os Postos, mas para as Cargas, e para

Postas; mas ametade d'essa gente nem sabe, o que he Maçonaria, nem assistio a Sessão alguma, nem *vio a luz;* hum rancho de tôlos, e de tôlas, que engulírão a peta, e alguns não por sua vontade, mas por fartar vontades aos convidantes, e aos seus amigos! Em verdade *récua de burricos* me parece a mim essa multidão de Maçons; por tal fórma, que vendo eu pelas estradas alguns burricos encolhendo a beiça, e arreganhando os dentes, immediatamente digo — *Olha, que Pedreiros Livres!* E he d'esta cáfila, que os Reis tem medo!!! Miseravel fraqueza!

Vio-se a Maçonaria com as *calças na mão*, julgou hum dia que os Monarchas lhe ião ao espinhaço: que fez então? *Cautélas para a nova loteria: alistemos muita gente, que os Reis, vendo tanta Mourama, ou não se atrevem com ella, ou lhe perdoão, ou ainda a julgão cousa boa, vendo n'ella a tanta gente que parece boa.* Eis aqui, como os Maçons tôlos servírão de cobrir os Maçons espertos; resultando d'esta burricada que, quando se quer bater no burro, bate-se muita vez na albarda! Que medo pois devem causar essas grandes listas? Ainda que n'ellas se vejão tantos nomes, como em hum Vocabulario, ou em huma Prosodia, são nomes postos, e nomes mortos, que de nada servem, não se fazendo uso d'elles, e as mais das vezes o nome de quem escrevêo essas listas não vem n'ellas, devendo vir. Eu nunca fui Maçon, nem para isso tive geito: apenas contava dezenove annos de idade, disse-se-me, se queria entrar em huma Sociedade? A esse tempo mal tinha lido o *Barruel;* mas como desconfiei do convidante, por ser hum teimoso *Calvinista*, com quem havia tido sérias Questões *Dogmaticas*, em que o sopeei, mas não ganhei, disse-lhe que entrava com huma condição, a saber, *que a dita Sociedade não havia de excluir dous — RR.* — Quaes? Perguntou elle, e lhe respondi — *Religião, e Rei.* — Esta Sociedade, me disse elle, não soffre condições: ... pois não entro, lhe disse eu, e não entrei: nunca mais fui convidado, e foi hum bem para a Maçonaria, porque a estas horas já ella estava de pernas para o ar: todavia fui muito tempo tido, e havido por Maçon, favor que até devo a humas duzias de *Caixeirólas do Porto*, que agora estão empregados no *Consulado: V. he Maçon*, me disserão, *porque he instruido, e todos os homens instruidos o são, que essa he a razão, porque nós sômos Maçons; porque assim no-lo disserão. — V. he Maçon*, me disse hum Boticario, *porque he formado em Filosofia, e todos os homens forma-*

dos em Sciencias Naturaes são Maçons. Ora eis-aqui a linda, e bella Maçonaria, como ella se formou, e a gente, que tem! E não he ella huma récua de burricos? *E os Reis tomárão-lhe medo!* Fraqueza incrivel! Quantas listas apocryphas! Supponha-se porém, que são verdadeiras: Podem metter medo? Verdade he, que ha Maçons finos como gatos, com dentes, unhas, e manhas como elles. Eu não lhes tenho medo; e, trahição fóra, desafio-os a todos; já sabem aonde moro, e por onde costumo andar, e a que horas, de dia, e de noite, a toda a hora, e em todas as ruas. *E teme-los-hão os Reis?* Pouca gente sabe, o que he Maçonaria, eu o direi quando tiver tempo; tenho escripto muito contra os Maçons, e ainda vivo, e hei de viver o tempo, que Deos quizer; são os animaes mais fracos do Mundo; só se atrevem, com quem lhes tem medo; se são poderosos, he porque se déo na mania de dizer que o são; igualmente são pelo commum os mais estupidos; tirem-lhes os Soldados, e vêr-se-ha, o que elles são; tirem-lhes os Officiaes, e vêr-se-ha, o que são os Soldados; tudo isto he como hum grande Regimento; os Soldados são os que fazem o fogo, os Officiaes os que mandão: assim na Maçonaria; os muitos alistados seus são os que fazem barulho, e monte, e causão algum medo; dispersá-los, ou desprezá-los he o melhor meio, e he seguro, não querendo quintá-los para escarmento; os Officiaes da Maçonaria, quero dizer, os Grãs-Mestres, Veneraveis, Rosas-Cruzes, Presidentes, e mais Cambada de Maioraes, são huns *Cagarólas*, que não prestão senão para intrigar nos Paços, e metter susto, e illusões aos Reis, para perverter os Póvos, e para obrar, e administrar mal em todos os Cargos, Póstos, e Empregos, em que os pozerem.

Que remedio ha para acabar com a Maçonaria? Muitos: desprezá-la, não empregá-la: castigá-la pela barriga, isto he, não dar-lhe de comer, etc. etc. Mas lá vai hum especifico da minha invenção, e he originál = *Obrigar a todos os Maçons a andarem em público, sob pena de morte, com os trajes, e uniformes, de que usão nas Lojas;* mitras na cabeça, laço tricolôr, ou azul, e branco ao pescoço, e á mostra; trôlha na mão esquerda, e martello na direita; avantal da cintura para baixo; borzeguins verdes, e amarellos nos pés, e que cheguem ao meio da perna; e depois *deixá-los por conta dos rapazes, e das mulheres;* porque á voz que eu lhes dou — *Crescite.* — *Oh! rapazes, e mulheres crescei sobre os Pedreiros!* não fica hum Maçon no Mun-

do. Não se estranhe este remedio de obrigar os Maçons a usar dos seus uniformes, porque tambem os Frades são obrigados a trazer o seu habito, e quasi todos o fazem. E os Reis terão medo, de quem os rapazes, e as mulheres não tem algum? Oh! miseravel fraqueza!

Não he este hum assumpto, que demande seriedade: *os Pedreiros não são fortes senão quando estão empolleirados:* abaixo pois com elles, e estão acabadas na maior parte as desgraças dos Reis, e dos Póvos: não se lhes tenha medo, porque então são elles atrevidos: removidos dos Empregos, a sua doutrina será refutada de palavra, e por escripto por muitos Sabios, assim Ecclesiasticos como Seculares, que ainda não passárão para a Maçonaria; temos de mais a mais hum grande reforço nos *Jesuitas* para livrarem a mocidade do *pruido das innovações*; eu em quanto viver serei hum *Ajudante ás Ordens*, e desempenharei o meu Posto com seriedade: cinco tardes Quadragesimaes tenho escripto contra as doutrinas da Maçonaria: eis o thema.

Dissolve colligationes impietatis. Isai. C. 58. ℣. 6. Reis Catholicos! Se a Politica, ou a Clemencia ou a Humanidade, ou outra qualquer Razão d'Estado vos obrigão a não perseguir de morte os Pedreiros Livres, Vós sois obrigados em consciencia a perseguir as suas Reuniões, ou as suas Lojas, sob pena de que ficais mal com Deos, com vosco mesmos, e com os Vossos Póvos: *com Deos;* porque Elle vo-lo manda, e, ainda que sois Reis, não podeis deixar de obedecer, a quem he poderosissimo para vos castigar n'esta vida, e na eterna: *com vosco mesmos;* porque Vós não tereis hum instante certo de repouso, em quanto houver Reuniões de Pedreiros Livres: *com os Vossos* Póvos; porque elles vos perdem o amor, e a obediencia, desmoralisados sempre pelas suas suggestões, e flagellados pela contínua oppressão, em que os Pedreiros Livres os trazem. Reis Catholicos! Não empregueis jámais os Pedreiros Livres, porque elles, sendo empregados não deixão de fazer as suas Reuniões, ou de as proteger, não deixão de offender a Deos, de atraiçoar-Vos a Vós, de opprimir os Vossos Póvos, e de sempre armar Revoluções! Vivei sempre, Vivei — *Rex in æternum vive* — mas para que Vivais, e Reineis sempre seguros, acabai de algum modo com os Pedreiros Livres, inimigos irreconciliaveis de Deos, de Vós, e dos Vossos Póvos!

Portuguezes! « *Rei tendes tal, que se valor tiverdes*
« *Igual ao Rei que annos ha levantastes,*
« *Desbaratareis tudo, o que quiserdes,*
« *Quanto mais a quem já desbaratastes.*
Rei Sabio, Politico, Valoroso, Militar, e Christão!

Eia pois, Valorosas Tropas de Operações! Desbaratai os Rebeldes, que desde o Porto minão o Throno do Rei mais Religioso, e a Monarchia mais digna de ser conservada, em quanto a Séde do mesmo Augusto Rei, e da Monarchia se conserva fiel, e tranquilla a despeito de todos os embustes, e estratagemas da Maçonaria. Grande Previdencia a do Nosso Amabilissimo Rei, e Senhor Dom Miguel I! Grande Correspondencia a do Fidelissimo Duque do Cadaval! Confundão-se os inimigos da Monarchia Portugueza, em quanto os presentes, e vindouros repetirão com o Padre *Francisco Ferreira Barreto* o seguinte Elogio.

Non alius erga te novus honor superest, quam si aliquando de te tacere audeamus. Plin. Panegyr.

SONETO.

Entrei na Estancia da Prudencia invicta
(Templo sublime de estructura rara,)
Mil perfumes Sabêos fumegão n'Ara,
E hum Busto (todo luz) meu pasmo excita.
A Deosa sobre mim seus olhos fita:
« Mortal! me disse então, Mortal! repara:
« Eis a Effigie do Duque aos Lusos cara
« Busca a Patria salvar, nas Leis medita.
« He de Póvos fieis Fiel Patrono
« Dôce, Indulgente, mas Inteiro, e Justo
« Da Linhagem dos Reis, da Patria abono.
« Na ausencia do Monarcha Excelso, Augusto,
« Manda, véla, prevê, sustenta o Throno:
« He este Cadaval; honra o seu Busto.

Lisboa 3 de Fevereiro de 1833.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1833. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.º 99.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣. 15. Portuguezes! Tanto he certo que a Divina Providencia protege os vossos esforços, e a vossa constancia na Defeza do Altar, do Throno, e da Patria, que aquelles mesmos *Inglezes*, que *illusos* seguião a voz dos vossos inimigos, começão já a abandona-los, e abertamente declarão nos seus Escriptos a justiça da vossa Causa: sim, da vossa Causa, que he do interesse da *Inglaterra*, e de todas as Potencias, que prézão a Honra, a Liberdade, e a Independencia. Portuguezes! Tendes demonstrado á *Europa* que não sois huma facção, mas huma Nação Livre, e Justa; que não era huma parcialidade Militar, a que se declarára pelo Senhor Dom MIGUEL, mas todas as Classes do Reino, Clero, Nobreza, e Povo; que não era em fim a ausencia do Primeiro Filho do Senhor Dom João VI, a que vos levára a reconhecer o Segundo Filho por vosso Rei, mas as vossas Leis, as Regias Qualidades do Senhor Dom *MIGUEL*, o odio ás innovações, e o vosso interesse em affastar de vós esse Primeiro Filho, que não tem trabalhado senão na vossa desgraça; pois que na presença *d'esses mesmos dous Filhos*, ambos no mesmo Continente, vós sustentais no Throno o Segundo; por Elle pelejais, derramais o vosso Sangue com huma firmeza sem igual, e gastais toda a vossa fazenda com huma generosi-

dade, de que não ha exemplo no Mundo; e ao Primeiro Filho não seguis, antes repellis, e d'elle vos defendeis como de hum Principe *Estranho* a vós, contrario á vossa prosperidade, vosso inimigo, e malfeitor; protestando solemnissimamente que antes perecereis, e sereis feitos em pó, e cinza, do que consentir que reine sobre vós *assim elle, como os seus Filhos.* Justamente, Portuguezes, justissimamente haveis obrado, e obrais; e já todos os *Ingleses* conhecem a vossa justiça, e estão convencidos, de que tanto Sangue, tantos Sacrificios, tanta Constancia nascem de huma vontade unanime, concorde, e inabalavel sobre os Vossos Direitos, sobre os Vossos Interesses, e sobre as Leis, e Virtudes, que chamárão ao Throno ao Grande, e Incomparavel Rei, e Senhor Dom *MIGUEL I.°* Em verdade, Portuguezes, não ha no Mundo Nação alguma tão briosa como vós, que tanto tenha mostrado quaes sejão os seus Votos em huma Questão entre *dous Irmãos, ambos á vista;* o Primeiro auxiliado quanto he possivel por Estrangeiros *illusos*, e malévolos; o Segundo sustentado, e defendido livre, espontanea, e custosamente pelo seu Povo. Deos, que protege tudo, o que he justo, vai abrindo os olhos ás Nações, para que se persuadão que a indifferença, com que vos tem tractado, e a perseguição, que sobre falsos principios vos movêrão, he injusta, e he contraria aos seus interesses, e a todos os Principios de Direito, de Honra, e de Independencia! Já, sim, já os *Inglezes* advogão a Causa do Senhor Dom *MIGUEL*, ou antes a vossa Causa; já abandonão a Causa dos vossos inimigos; já mandárão prender nos seus Portos a todo, e qualquer, que pertendesse passar para o Serviço de Dom *Pedro*; já em fim conhecem que os seus Interesses estão ligados á vossa Causa na sustentação do Senhor Dom *MIGUEL!* Portuguezes! Isto he de Deos, que protege os vossos esforços, e a vossa constancia. Continuai pois firmes, e cada vez mais alentados. Que tendes já a temer? Quaes são os vossos inimigos? Seu número tem diminuido, e vai diminuindo consideravelmente: esses mesmos, que guarnecem as trincheiras, em que os tendes encurralado, são pela maior parte forçados, obrigados, e constrangidos; elles estão pezarosos de seguir huma Causa má, e essa perdida; se a seguem, huns obrão pela coacção, outros pela persuasão, que os Chefes lhes embutirão, de que o Senhor Dom *MIGUEL*, Rei Clementissimo, não acceita já a passagem dos illudidos, e violentados. Sendo pois tão pequeno o número dos

vossos inimigos, e esses mesmos obrigados em parte, temê-los-heis pelos seus Chefes! Vós nunca vos temestes da multidão: se algum cuidado ella causa militarmente, he quando he bem dirigida por Chefes de valôr, e de conhecimentos! Vêde porém, Portuguezes, quaes são os Generaes, que estão á frente dos Rebeldes! Hum *Solignac!* O nome lhe basta para mostrar que he fatuo, inepto, e tôlo, que tudo isto quer dizer por sua etymologia de *Soli-gnoccho*, que vem do Italiano, posto que elle agora seja *Franchimota; o Silingornio*, o *Frandum*, o *Cornigaro*, o *Gafeirento*, o General dos Cirios, o Farfalhão, que já fugio das Milicias Portuguezas, o *Farroupilha*, que já foi demittido pelo Governo Francez por Ladrão, e que só por Maçon pôde fazer alguma fortuna em *Portugal*, por ter entre os Portuguezes alguns Socios na Maçonaria, e tão cobardes, e trahidores como elle, que precisão de pôr á sua porta duas Peças de Artilheria para não pagarem, o que devem ás mãos da Lealdade! E temereis vós, Portuguezes, temereis vós de hum General d'este caracter, que já na Invasão Franceza *veio por lá, e foi tosquiado?* Porém até os mesmos Rebeldes lhe tirárão o Commando pela vergonhosa fraqueza, que mostrou na sua tentativa contra as Tropas do Commando do Valoroso, e Destro *Telles Jordão!* Outros *Birliques*, e *Berloques* apparecem no Theatro da Rebellião, *Saldanha*, e *Stubbs*, *Sancho Pança* hum, *Tagarella* outro, Birimbau aquelle, Basbaque este, ambos tão fracos, que este fugio do *Marques de Chaves* no anno de 1827, e aquelle no mesmo anno soube sómente ser *General dos Anchotes!* Portuguezes! O ridiculo, o fraco, o vergonhoso he o triplicado elemento da Revolução! Mostrai pois ao Mundo que zombais corajosamente de todos os nossos inimigos! Mas a mesma epidemia flagella já esses desalmados! Bom animo, Realistas Portuguezes, que o Ceo está por vós! Sim, o mesmo Ceo se declara já contra o chamado *Duque de Bragança.*

Duque de Bragança!

Este Titulo, que tomou Dom Pedro, he mais huma razão, que o exclue do Throno; do que se não apercebêrão, os que lhe aconselhárão esta arrogação, para com ella figurar á face do Mundo Civilisado na aggressão, que se faz á Monarchia Portugueza. Tanto os Liberaes são pobres de entendimento, e faltos de Consequencia! Que os Senhores

Reis de *Portugal* são *Duques de Bragança*, he cousa, de que alguem não duvida: mas, que os Herdeiros do Throno de *Portugal* se titulem *Duques de Bragança*, he cousa, que não está em uso, e que os mesmos Principios Constitucionaes reprovão; pois que até os Titulos dos Senhores Reis Portuguezes são, *Rei de Portugal, e dos Algarves d'aquem, e d'alem mar*, etc. (diz o Artigo 73 do Cap. 1.° Tit. 5.° da Carta Constitucional) e não o de — *Duque de Bragança.* Veja o mesmo Dom *Pedro*, o que assignou. « O Herdeiro presumptivo do Reino (diz o Artigo 78, Cap. « 3.° no mesmo Titulo) terá o Titulo de — Principe Real — « e o seu Primogenito o de — *Principe da Beira.* » Logo o Titulo de *Duque de Bragança* está prohibido até Constitucionalmente ao Herdeiro presumptivo do Reino, e ao seu Primogenito. Que quer dizer pois esta innovação? Dom *Pedro*, para optar o Titulo de *Imperador do Brasil*, demittio de si todos os Titulos de *Principe de Portugal:* logo elle mesmo não quiz considerar-se Herdeiro presumptivo do Reino de *Portugal:* sua Filha não teve tambem, nem tem o Titulo de *Princeza da Beira*, e sim o do *Pará:* logo não se lhe quiz dar o Direito de Primogenita do Herdeiro presumptivo do Reino de *Portugal*, como que seu Pai não era esse Herdeiro. Estes Principios, e Consequencias são de huma perfeita notoriedade Constitucional. Dom *Pedro* não podia tomar parte na aggressão á Monarchia Portugueza como *Imperador do Brasil*; não só porque abdicou esse Titulo, como porque encontrava a Diplomacia, que o *Imperador do Brasil* fizesse guerra a *Portugal:* tambem não podia tomar parte na aggressão á Monarchia Portugueza como Rei de *Portugal*, não só porque havia abdicado esse Titulo, como porque era o maior ridiculo, que o *Rei de Portugal* fizesse guerra a *Portugal;* nem tambem podia tomar parte na aggressão como Herdeiro presumptivo do Reino de *Portugal*, nem como Principe Real, nem como Primogenito do Principe Real, porque de todos esses Titulos tinha elle cedido para ser *Imperador do Brasil*, todos elles perdêra por haver tomado outros, todos elles tinha elle desusado, desprezado, e postergado: Retroceder aos Titulos, de que ha pouco havia cedido solemne, e formalmente, era vergonhoso a todas as luzes, e em todo sentido inadmissivel na Diplomacia. Porque Titulo pois podia figurar na aggressão á Monarchia Portugueza? Chame-se *Duque de Bragança*: Volte a Questão Portugueza ao estado, em que a Nação a decidio na

Pessoa do Senhor Dom *João IV!* Ora esta nem ao diabo lembra!... Mas lembrou á Maçonaria. Pois o Titulo de *Duque de Bragança* não foi elevado ao Titulo de *Rei de Portugal* desde o anno de 1640? Tantos Reis reconhecidos Diplomaticamente por todo o Mundo! Que ha isto? O que poucos tem considerado. Dom *Pedro* não póde figurar na aggressão a *Portugal* como *Imperador do Brasil*, nem como *Rei de Portugal*, nem como *Herdeiro presumptivo do Reino*, porque este não póde ser jámais *Imperador do Brasil*, nem como *Primogenito do Senhor Dom João VI*, porque os Primogenitos dos *Senhores Reis de Portugal*, segundo a actual Diplomacia, não podem ter alguns Direitos no *Brasil;* chame-se pois *Duque de Bragança!...* Pois acabou a Dynastia Portugueza!!! Acabou toda a Linha recta, transversal, e collateral dos Senhores Reis Portuguezes?!! Tenho observado em algumas *Notas Ministeriaes* estas palavras — *A Questão entre os dous Ramos da Casa de Bragança... entre os dous Principes da Casa de Bragança... entre os dous Filhos da Familia de Bragança...* — Que he isto! Não poderia dizer-se ao menos, ainda que com menos verdade fosse, porém com mais dignidade. — *Entre os dous Principes de Portugal?* Não, porque em Diplomacia não ha dous Principes de *Portugal*, mas hum só; e como este não possa ser *Dom Pedro*, porque foi, ou he *Principe do Brasil*, e não se queira que o Senhor Dom Miguel seja Principe, porque nesse caso só elle pode ser o Rei, he preciso dizer-se que a Questão está entre os *dous Ramos*, entre os *dous Filhos*, entre os *dous Principes da Casa de Bragança*, e conseguintemente he preciso que Dom Pedro se chame — *Duque de Bragança.* — Eis aqui como Dom *Pedro* levou a Questão de Successão ao estado, em que esteve no tempo do Senhor Dom *João* Duque de Bragança!!! Oh! Cahos! Mas o Cahos he, o que se pertende! Querião os *Filippes da Castella* Reinar em *Portugal* pela Linha feminina, e algum tempo prevaleceo a força, e a trahição. Quizerão os Portuguezes que a Linha Reinante se derivasse por Varonia, e na sua falta pelo Sexo feminino, mas enlaçado com *Portuguez de Sangue Real*, e por fim prevaleceo a Honra, a Lealdade, a Justiça, o Valôr, e o Direito. Quer agora Dom *Pedro* que a Linha Reinante de *Portugal* venha pelo sexo feminino, e não por Varonia, e para isso titula-se *Duque de Bragança!* Eis aqui resuscitada a Questão do anno de 1640!!! E eis Dom *Pedro* desthronando-se a si mesmo; e á sua Familia! E que fez neste caso a Di-

plomacia? Procura por estas innovações, e discordias, de proposito fomentadas, e permittidas, retroceder dous Seculos!!! Pertende acabar com a Dynastia de *Portugal*, e com a sua Linha Collateral! Pertende acabar com a Independencia da Monarchia Portugueza! E que o *Ministerio Inglez* não veja em tudo isto hum golpe fatal sobre os seus interesses, e sobre a sua influencia no Occidente *Europeo!* Que a *Inglaterra* não perceba que tem na *Europa* grandes adversarios, que, ora marchando por caminhos Liberaes, ora atravessando por caminhos Absolutos, se torcem, e retorcem para derrubar o seu Poder, o seu Commercio, e a sua Influencia! Que os *Inglezes*, sendo tão prudentes, e tão previdentes, não examinem o modo, por que Dom *Pedro* quiz perder o *Brasil* para elles, e quer agora perder para elles o *Portugal!* Vêja bem a *Inglaterra* que seus interesses estão em que o Senhor Dom MIGUEL seja conservado no Throno de *Portugal*, fazendo frente aos occultos enredos dos inimigos da Monarchia Portugueza! Vejão bem os Portuguezes quanto devem forcejar na Defeza do seu Rei, se não querem abysmar-se na escravidão por essa matilha de Questões, que Dom *Pedro* move sobre o Throno Portuguez, arrogando-se Titulos, que de proposito se lhe aconselhárão, para subverter a Independencia da Monarchia! Vejão todos os Constitucionaes do Mundo, se Dom *Pedro* tem huma só razão de Direito ao Throno Portuguez, ainda mesmo pelos principios do Liberalismo, sendo o novo Titulo de — *Duque de Bragança* — hum Titulo mais para ser privado de todos os Direitos, que ao Senhor Dom João Duque de Bragança competírão por este Titulo.

« He preciso que Dom Pedro se desengane (diz o Periodico — *Bussola da Liberdade* — de 24 de Junho do anno passado, impresso em *Pernambuco*) « que não he mais « Brasileiro, nem o Brasil sua Patria adoptiva, e que por « tanto este o dispensa do interesse, que por elle toma, e « do desejo, que mostra pelo seu bom governo: ha tarde, « Senhor ex-Imperador! Em suas mãos já esteve o interes- « sar-se mais, e governá-lo melhor; huma vez que o não « fez, quando cá estava, tenha a bondade de não se inte- « ressar tanto por esta Patria, que perdêo, nem mostrar- « lhe tão bons desejos: se pertende por esse meio excitar- « lhe saudades, perde seu tempo. (O Redactor continúa impugnando huma Carta de Dom *Pedro I* a seu Filho Dom *Pedro II*, Carta insidiosa para o *Brasil.*) « Desengane-se: « que não pode ser Brasileiro, e Portuguez ao mesmo tem-

« po; e, se quer que lhe fallemos a verdade, *nem he Brasileiro, nem Portuguez: he hum Cosmopolita, que pode chamar-se Cidadão de todo o Mundo, menos Portugal, e Brasil.* Se quizer a razão d'isto, peça-a ao Senhor Dom Miguel em Lisboa, e á Regencia no Rio de Janeiro. « Mas ah! Que nos enganamos!.... *Elle* apenas consiga « encaixar-se em *Portugal*, como Tutor, tractará immediatamente de intrometter-se aqui em nossos negocios durante a menoridade do Senhor Dom *Pedro II*, e eis a razão, « por que elle já se inculca de *Cidadão Brasileiro*, e chama ainda ao *Brasil* sua *Patria adoptiva*. Se deixarmos « com effeito passar essa monstruosa idéa; se não nos oppozermos a ella com todas as forças; se não prevenirmos « aos nossos concidadãos sobre taes pertenções; logo que o « Tutor de *Dona Maria* arranje o seu *Portugal*, aqui o « teremos tambem, querendo *tutelar* o seu Filho, e allegando á Regencia os mesmos Direitos, que hoje allega « ao Senhor Dom Miguel.... nenhuma impossibilidade « haverá de vermos outra vez no *Brasil* esse *Cidadão de « duas Patrias, esse Tutor de duas Corôas, esse Principe « commum de dous*.... Cousas, que parecem mais impossiveis, se tem visto em prática. Por ventura passaria pela lembrança de Portuguez algum em 22, quando Dom « *Pedro* dizia — *De Portugal nada, nada, não queremos « nada* — que em 32 marcharia contra elle para se metter « na sua Administração? Mas porque vemos acontecer isto « agora? A razão he obvia; he porque, sendo Brasileiro, « dêo huma Constituição aos Portuguezes, que *cahirão no « logro de acceitá-la;* agora, sendo Portuguez, escreve Cartas a seu Filho como Brasileiro, para ver se pega a labia: alguma razao tem de assim o esperar: se elle, sendo « Brasileiro, pôde encaixar-se em *Portugal* como Tutor « de sua Filha, pela mesma razão poderá encaixar-se no « Brasil. Em circumstancias iguaes o que serve para hum, « serve para outro. Brasileiros!.... Alerta!» Havia dito o Periodiqueiro no principio d'este seu transcripto Artigo que a dita Carta *não só he venenosa, como muito, e muito perigosa, sendo hum dos pontos o mais terrivel, e manhoso, o querer ainda o Senhor Duque de Bragança (se assim se pode chamar) inculcar-se por Cidadão Brasileiro.*

Eis aqui como os *Brasileiros*, assim os Republicanos, como os Constitucionaes simples, concordão com todos os *Portuguezes*, assim Republicanos, e Constitucionaes, como Realistas, em que *Dom Pedro não convem nem ao*

Brasil, *nem a Portugal:* o fim he diverso, e diversos os motivos; mas a razão he huma só, a saber que Dom *Pedro* não pode fazer senão a desgraça dos Paizes, aonde elle tiver algum dominio, ou influencia; *Principe commum de dous*, que não serve para alguma cousa, que boa seja. Eu sei que hum seu Mestre no anno de 1809 disse que Dom *Pedro* ainda em tão pouca idade indicava fazer a desgraça de seu Augusto Pai, e de *Portugal*, e do *Brasil*; bem como disse que o Senhor Dom MIGUEL, ainda então de mui tenra idade, mostrava ser o unico, que havia de salvar *Portugal*: a predicção está verificada: Dom *Pedro* he em todas as suas palavras, e acções venenoso, e muito, e muito perigoso, terrivel, e manhoso; e o Titulo de *Duque de Bragança*, que elle tomou, he insidioso, não para os *Portuguezes*, assim Realistas, como Constitucionaes, que nem com o Titulo de *Conde* querem que elle os domine, mas para a *Inglaterra*; mas para a *Hespanha*; mas para a paz da *Europa:* he Principe *commum de dous*, que ora se faz com a *Inglaterra*, e elle he inimigo figadal dos *Inglezes*, como o são quasi todos os *Liberaes de Portugal*; ora se faz com os *Francezes*, e elle não he senão inconsequente, e doloso. He verdadeiramente insidioso o Titulo, que elle tomou de *Duque de Bragança*, insidioso para a *Inglaterra* na união dos seus tres Reinos, pois que provoca, e anima a separação da *Irlanda*; insidioso para a *Inglaterra*, porque os inimigos da *Inglaterra* projectão derrubar-lhe o seu Poder, ou a sua Influencia em *Portugal*, ampliando-se d'esta Questão Portugueza, e das infinitas, que arrasta comsigo o Titulo de *Duque de Bragança*; insidioso para a *Hespanha*, porque, *em qualquer sentido*, esta Questão Portugueza, e as infinitas, que arrasta comsigo o Titulo de *Duque de Bragança*, involvem a ruina da *Hespanha*; insidioso para a *França*, porque esta Questão Portugueza, se pudesse ser terminada a favor do chamado *Duque de Bragança*, augmentaria ao infinito os inimigos da *França*; insidioso pois para a paz da *Europa*, porque esta Questão Portugueza, decidida a favor do *Duque de Bragança*, faria sem duvida perder mais, e mais o equilibrio da *Europa*. Onde caminhais Liberaes? A huma guerra universal, a mudar todas as Dynastias, a prostrar a *Inglaterra*. *Inglezes! Ainda he tempo, e já he tempo....!* Vós dizeis que *Portugal* não pode ser Potencia Independente sem o auxilio da *Inglaterra!* Seja assim, eu vo-lo concedo, e concedi desde o anno de 1826; mas vós haveis de conceder-me que

a *Inglaterra* não pode conservar o seu Poder, a sua Influencia e o seu Commercio no Occidente da *Europa* sem a coadjuvação de *Portugal*. Ora attendei á Demonstração: *Portugal* não pode, não deve, não quer conservar-se, sem que o Senhor Dom Miguel seja o seu Rei. Logo os vossos interesses estão em favorecer a Causa de *Portugal*.

Se eu chegasse a contar de idade 118 annos, 5 mezes, e 11 dias, como aquella *Beatriz Malaguenha*, que morrêo no anno de 1763, a qual teve oito filhos e conhecêo 36 netos, 63 bisnetos e 103 terceiros netos, diria sempre que, ou a *Inglaterra abandona o Principe Commum de dous, o chamado Duque de Bragança, e auxilia formalmente a Causa de Portugal, ou o Throno do Senhor Dom MIGUEL; ou a Inglaterra perde o seu Poder, a sua Influencia, a sua Dignidade e o seu Commercio no Occidente e Meio dia da Europa.* Emigrado estive na *Hespanha* nos annos de 1826, 1827 e 1828 por amor d'esta grande Questão Portugueza; e no anno de 1827 manuscrevi, em nome de todos os Emigrados, hum pequeno Folheto, que ainda está no berço, com o Titulo — *O Throno de Portugal* — no qual, sem eu ser Inglez, faço vêr a necessidade da reciproca e mutua coadjuvação de *Portugal, e Inglaterra*; porque previ logo no anno de 1826 que a grande Questão Portugueza era encarada com olhos vesgos pelas Potencias que devião vêr com direitura; em huma palavra, que se minava o Throno de *Portugal*, a sua Linha recta, transversal e collateral, e a sua Independencia. Ah! *Como os Inglezes s'enganárão com os Realistas Portuguezes Emigrados na Hespanha!* Se *Canning* considerasse melhor que nós eramos *Portuguezes em toda a extensão da palavra* e que sómente os Constitucionaes erão os verdadeiros inimigos da *Inglaterra*, sem dúvida os Direitos do Senhor Dom Miguel serião auxiliados, em vez de espezinhados, por interesse mesmo da *Inglaterra*. Quantas e quantas vezes estando na *Hespanha* me lembrei d'aquelles versos de *Horacio*, applicaveis actualmente a algumas Potencias do Continente da *Europa!*

Altera jam teritur bellis civilibus ætas
Suis, et ipsa Roma viribus ruit.
. . . . . .
Impia perdemus devoti sanguinis ætas. Epod. 16.

Mas a *Cabala Diplomatica* trabalhou então contra os

Realistas Portuguezes Emigrados na *Hespanha*, que formavão a quasi totalidade da Nação; hoje continúão a trabalhar contra a *Familia Real Portugueza* e contra a Independencia de *Portugal*; e o Commercio, o Poder, a Influencia da *Inglaterra* tambem se involvem. O Titulo de *Duque de Bragança*, que Dom *Pedro* tomou, he insidioso a todo o Mundo: estão demonstradas todas as sem razões com que elle pertende haver direitos ao Throno de *Portugal*: cento e quarenta e cinco Artigos tem a Carta Constitucional que assignou este *Principe commum de dous*, e por todos elles sou capaz de demonstrar a todo o Mundo, que elle não póde Reinar em *Portugal*, accrescentando aquella outra razão d'Estado, que o Rei he para a Nação; logo, sendo elle totalmente contrario á Nação, não póde ser seu Rei: como Emigrado procurei profundar esta grande Questão Portugueza; n'ella tenho dito quanto basta; mas, se mais fosse necessario, o mesmo Dom *Pedro* me subministra argumentos sem número, de que nem elle convem a *Portugal*, nem convem á *Inglaterra*, nem convem á *Hespanha*, nem verdadeiramente convem a algum Paiz do Mundo.

Ora quando eu digo que os Realistas Portuguezes Emigrados na *Hespanha* formamos a quasi totalidade da Nação Portugueza, não digo hum paradoxo. Quasi todos os Portuguezes emigrárão em espirito, e enviavão aos affectos, seus respeitos, e suas saudades ao Senhor Dom *MIGUEL*: dos poucos que não abundárão n'estes sentimentos de lealdade, arrenego d'elles como de inimigos do Senhor Dom *MIGUEL* e da Nação Portugueza; se alguns destes permanecem entre nós, duvido tanto da sua Realeza, como elles podem duvidar da minha Constitucionalidade. Ah! rebeldes em espirito! Eu nunca projectei fazer divisões em *Portugal!* Desejo sómente acabar com os traidores! Desmenti-me, se tendes virtude para tanto. Dias houve que povoárão as *Fronteiras da Hespanha cincoenta mil Portuguezes Emigrados*, em quanto outros milhares viviamos nos Depositos! Os Emigrados em corpo e alma fômos muitos mais dos que a *França* apresentou nos dias da sua maior perseguição! Porém os Emigrados em espirito forão quasi todos os Portuguezes, entrando sómente na excepção os que ainda hoje são inimigos do Senhor Dom *MIGUEL*, que são os unicos inimigos, dos que effectivamente entrámos na *Hespanha!* O que nós soffremos, o que nós padecemos me parece hum sonho; aos que não passárão por

aquellas inexplicaveis afflicções de corpo, e de espirito parecerá hum méro possivel; e aos vindouros parecerá huma fabula, huma quimera! Confesso que tenho lido não pouco; mas não acho exemplos, comparações, nem semelhanças para os Realistas Portuguezes Emigrados em *Hespanha!!!* Sómente póde ser inimigo da Emigração quem he inimigo de Portugal! *Ah! — Que ambicionamos paga!* — A gloria nos basta; premio nunca outro quizemos, nem queremos senão que *o Senhor Dom MIGUEL Viva, e Reine, e Seus Filhos depois d'Elle* para amparo da Nação Portugueza; paga não pedimos outra a Deos, senão que guarde o Nosso Amabilissimo Rei *das insidias dos amigos do Principe Commum de dous*, do chamado *Duque de Bragança*. Quaes são esses? O Futuro os descobrirá, como descobrio os falsos amigos do Senhor Dom *João IV*; mas os que estão no *Porto* respondem por elles ao Mundo inteiro.

Ora se eu reconheço com todas as véras, que quasi toda a Nação Portugueza Emigrou em espirito, pois eu vi por onde andárão as Tropas Realistas do *Marquez de Chaves* o mesmo séquito dos Póvos, que hoje vejo, dando Vivas ao Senhor Dom *MIGUEL I* Absoluto, e coadjuvando os nossos esforços: para que allegão que eu sustento huma parcialidade? Protesto á face dos Ceos, e da Terra, que não reconheço inimigos de pessoa, e que não tenho por *meus adversarios* senão os *adversarios do meu Amabilissimo, e Suspiradissimo Rei.* Desmenti-me, ó vós todos os que me accusais; fazei tanto pelo Altar, pelo Throno, e pela Patria como *fez o Marquez de Chaves*, e eu vos tributarei os louvores, que vos forem devidos. Emprehendi a Publicação da *Defeza de Portugal* com vistas sómente no interesse de *Portugal*; e o interesse de *Portugal he a Salvação do Throno na Augusta Pessoa do Senhor Dom MIGUEL!* Se pois alguem se sente offendido d'esta Publicação, diga o seu nome, para eu mesmo o desaggravar, ou desaggrave-se elle mesmo nas Folhas Estrangeiras, onde a sua honra está nominal, e pessoalmente ferida. Respondei, Rebeldes, pois vós sois os inimigos do meu Rei, e comvosco he a minha principal demanda: Porque estais vós no Porto?!!!!!!

Vinha aqui muito a proposito o traslado d'alguns Documentos relativos ao *Marquez de Chaves*; mas como a pagina se acaba, e como nem o *Marquez de Chaves*, nem os Emigrados na *Hespanha*, nem consequintemente eu ha-

vemos jámais perecer na memoria dos Seculos, em quanto houver bons Portuguezes, que nos amem, e Maçons, que nos aborreção, pois que *amor e odio são as duas fontes da memoria*, dou fim para todo sempre a esta materia, com o que devêra servir de principio á esta Publicação.

Me legat invitus nemo: non scripsimus illi:
Scripsimus huic, si cui pagina nostra placet.
Domit. Cald.

Portuguezes! A vossa constancia na defeza do vosso Grande e Incomparavel Rei e Senhor Dom *MIGUEL I* tem sido, he e ha de ser o melhor e mais seguro meio de acabar com todas as intrigas Diplomaticas que se tem movido contra vós no anno de 1826, e que ainda continuão a mover-se no corrente anno de 1833! Unidos zombareis das insidias de todos os vossos inimigos! Alfim a *Inglaterra* conhecendo, como já conhece, que outro que não seja o Senhor Dom Miguel *não póde, nem dêve ser Rei de Portugal*, abandonará abertamente as pertenções dos inimigos da Nação Portugueza, e protegerá a Liberdade e a Independencia dos briosos Portuguezes, dispostos em todo caso a mostrar ao Mundo que sabem *nascer, e morrer*.

P. S. Sabendo que alguem escrevêo para *Hespanha*, dizendo que no *Porto* grassa a *Cholera-morbus*, e que em *Portugal* tudo he desgosto e desordem; por este altamente o desminto, pois que no *Porto* não ha outra epidemia, que a que procede da fome e do medo; e em *Portugal* ha huma Paz *Octaviana*, hum contentamento extraordinario com o Senhor Dom *MIGUEL*, e hum odio, cada vez mais acceso, á rebellião e aos revolucionarios; ouvindo-se unanimemente em todo o Reino — *Viva o Senhor Dom MIGUEL I Absoluto! — Nada de Dom Pedro, nem dos seus Filhos! — Nada de Constituição!*

Lisboa 8 de Fevereiro de 1833.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1833. *Com Licença.*

DEFEZA DE PORTUGAL.

N.° 100.

Nos fuimus fortes; et nos modò sumus; et nos aliquando erimus.

Já toca o Clarim! Portuguezes, escutai-o!

Mitte falcem tuam, et mete, quia venit hora ut metatur. Apocal. C. 14. ℣. 15. Portuguezes! Soldados! Religião, e Rei. *Religião* a de Jesus Christo, segundo a crença, ensino, e profissão da Sancta Igreja Catholica, Apostolica, Romana, Unica Verdadeira, em que ha verdadeira Salvação, e Felicidade, assim na Vida Eterna, como na vida presente, tanto para os Povos, como para os Reis: não segundo a crença, ensino, e exercicio dos Protestantes; não segundo o prescripto da Carta Constitucional do anno de 1826, na qual a Sancta Religião de Jesus Christo não he declarada a Unica Verdadeira, nem a Unica dos Portuguezes, dizendo-se apenas — *Continuará a ser a Religião do Reino* — (Artigo 6.°) como se *Dom Pedro*, ou outro Principe qualquer, ou qualquer Poder do Mundo exercesse algum Imperio sobre a Religião para prohibir, interromper, ou alterar o seu exercicio; prohibindo-se n'essa mesma Carta, que alguem *seja perseguido por motivos de Religião*, (§ 4.° Artigo 145) como se a falta de Religião não fosse a maior, e a mais perniciosa de tôdas as faltas; admittindo-se na mesma Carta a serem *Cidadãos Portuguezes quaesquer Estrangeiros naturalisados*, qual-

quer que seja a sua Religião, e habilitando-se consequentemente pela sua Naturalização aos Cargos Publicos Civis, Politicos, e Militares, do que podia vir a succeder, que Atheos, Idolatras, Mahometanos, Hereges, ou Judeos occupassem todos os Cargos, Póstos, e Empregos da Sociedade Portugueza, (§ 4.° do Artigo 7.°, e § 13 do Artigo 145) o que sería a verdadeira destruição da Independencia da Monarchia; sujeitando-se na mesma Carta ao *Beneplacito do Poder Executivo os Decretos dos Concilios*, ou *as Bullas Apostolicas*, sem distincção alguma nas materias Dogmaticas, e Disciplinares, (§ 14 do Artigo 75) como se o Dogma, e a Disciplina podessem prohibir-se, alterar-se, ou reformar-se por algum Poder Secular do Mundo; dando-se licença n'essa mesma Carta para ~~cada hum dizer~~, *e escrever sobre materias da Religião, e da Igreja como entender, ou quizer*, (§ 3.° do Artigo 145) do que resultava huma fatal liberdade, de cada hum ser Juiz em assumptos, em que todos devem submetter o seu juizo á obediencia da Fé! Portuguezes! Soldados! Religião, como a professárão os vossos Maiores antes d'este Seculo de inovações, de impiedades, e de Constituições!... *Rei* o Senhor Dom *MIGUEL I*, segundo as Leis Fundamentaes da Monarchia estabelecidas pelo Glorioso Fundador d'este Reino o Senhor *Dom Affonso Henriques* de accordo com os Tres Braços do Estado, Representantes dos vossos Antepassados no anno de 1143; e da mesma fórma na Legitima Assembléa Nacional, que privou do Throno, e desmantelado, e inepto *Dom Sancho II*, dando a sua administração a *Dom Affonso III*; e na tambem Legitima Assembléa Nacional, que fez Rei a *Dom João I*; na assim Legitima Assembléa Nacional de 1640, que fez Rei a *Dom João IV*; e na igualmente Legitima de 1641 que regulou, e esclareceu mais as Leis da Successão; e finalmente na Legitima, que tirou o Governo a *Dom Affonso VI*, e o entregou a *Dom Pedro II*. Pela disposição, pelas razões motivas, e bases, e pelo theor de todas essas Leis, e de todos esses Actos *Dom Pedro*, Filho do Senhor *Dom João VI*, perdêo todos os dos os Direitos, que ao Throno lhe dava o seu nascimento, e igualmente os perdêrão todos os seus Filhos, e Descendentes, sem que possão suffragar-lhe, nem a elles, esse

protestos de arrependimento, nem mesmo a desgraça da sua situação, conforme áquellas Regras de Direito — *Damnum, quod quisque sua culpa sentit, sibi debet, non aliis imputarè* — *Frustra sibi fidem quis postulat servari, cui fidem à se præstitam servare recusat* — *In malis promissis fidem non expedit observari* — *Is, qui in jus succedit alterius, eo jure, quo ille, uti debebit* — *Nemo potest plus juris transferre in alium, quam sibi competere dignoscatur* — *Possessor malæ fidei ullo tempore non præscribit.* Portuguezes! Soldados! A Grande Questão da Successão ao Throno já passou em julgado, logo que os Tres Braços do Estado a decidírão. Mas como *Dom Pedro* a chamou novamente a Juizo por formulas revolucionarias, vêde, e considerai bem, que elle tem tantos Direitos ao Throno de *Portugal*, como hum Principe da *Grecia*, ou da *Turquia*! Elle foi o primeiro, que se desprendêo, e desligou d'estes Reinos; elle foi o primeiro, que desobrigou os Portuguezes do respeito, que lhe devião como a Primogenito: elle foi o primeiro, que fez guerra a este Reino: elle foi o primeiro, que não guardou palavra a estes Povos: elle foi o mesmo, que não quiz reinar sobre vós, porque não quiz cumprir como os Senhores Reis seus Antecessores: elle pois nada tem a demandar dos Portuguezes: os Portuguezes nada lhe devem senão perseguições, dilapidações, vexações, calumnias, insultos, e os males mais affrontosos, que jámais alguns Povos do Mundo soffrêrão da parte dos seus Principes: não tem pois *Dom Pedro* Direitos alguns a *Portugal;* não póde pois *Dom Pedro* transmittir a seus Filhos, e Descendentes Direitos, que elle não tem, que elle perdêo, de que elle de si demittio por sua vontade, por sua culpa, por sua ignorancia, por sua ambição, por sua incapacidade moral, por sua indignidade!!!!!

Portuguezes! Vossos Maiores no anno de 1641, quando, eximindo-se da obediencia de *Dom Filippe III*, e desligando-se muito justamente do Juramento, que lhe tinhão feito, fizerão Rei a *Dom João* Duque de Bragança, sustentárão esta Proposição — Que podem os Reinos, e Povos privar aos Reis intrusos, e tyrannos, negando-lhes a obediencia, submettendo-se a quem tiver *legitimo Direito de reinar n'elles.* — Sustentai pois vós a mesma, pois que

Dom Pedro he hum Principe verdadeiramente intruso, e tyranno, e o Senhor *Dom MIGUEL* tem legitimo Direito de reinar em vós. O novo Titulo, que o mesmo *Dom Pedro* tomou de *Duque de Bragança*, e a introducção de sua Filha no Throno, derivando a Successão pelo Sexo Feminino com *posferencia* do Sexo Masculino, he huma nova intrusão, e tyrannia; tyrannia escandalosa, e summamente subversiva, que, a prevalecer, poria o Throno Portuguez em leilão, fazendo renascer pretensões estranhas com absoluta exclusão de todas as Linhas descendentes da Casa de Bragança por Varonia; pois que descendendo a esclarecida, e respeitavel Linhagem dos Duques de Bragança de mais de vinte e dous Ramos dos Reis de *Castella*, *Leão*, *Aragão*, e *Navarra*, e tendo produzido este Real Tronco mais de dez Imperadores, quarenta Reis, quinze Eleitores, trinta e tres Duques Soberanos, seis Imperatrizes, quarenta e sete Rainhas, e hum mui grande número de Principes, e Princezas Soberanas em todas as partes da *Europa*, não mettendo nesta conta os que Reinárão em *Portugal*, todas essas Linhas Estrangeiras poderião deduzir pertenções ao Throno Portuguez, se *Dom Pedro* tivesse algum Direito a Reinar em *Portugal*, sendo, como he, Soberano Estrangeiro, e se lhe consentisse introduzir sua Filha como Herdeira Successora no Throno. Portuguezes! Soldados! Toda outra Linha descendente do Senhor *Dom João VI*, que não seja o Senhor Dom MIGUEL, e suas Augustas Irmãs, conforme as Leis Fundamentaes d'esta Monarchia, que positivamente excluem a qualquer Estrangeiro de qualquer cathegoria, que elle seja, ou Imperador, e Imperatriz, ou Rei, e Rainha, ou Principe, e Princeza, ou Infante, e Infanta, se não tiver a naturalidade neste Reino, que as Leis Fundamentaes do Reino demandão, ou se tiver perdido a Naturalidade, segundo a disposição das mesmas Leis, todas essas Linhas assim anteriores como posteriores, ou proximas, ou remotas, ou venhão pelo Sexo Masculino, ou pelo Sexo Femenino, tem perdido para sempre todos os Direitos á Successão na Corôa de *Portugal*; porque não são Linhas descendentes do Senhor *Dom João VI* no estado, em que por sua morte ficárão estes Reinos de *Portugal*, e dos *Algarves* d'aquem, e d'alem

mar: assim, extinctas (o que Deos pela sua infinita Piedade não ha de permittir) estas Linhas dos Descendentes Legitimos dos Descendentes do Senhor *Dom João VI*, a Corôa pertence á Linha Collateral, ou á outra das Linhas Descendentes da Casa de Bragança, preferindo sempre a anterior á posterior. Portuguezes! Soldados! Estas são as Leis da Successão á Corôa de *Portugal!* São as vossas Leis, as que fizerão, jurárão, guardárão, e cumprírão os vossos Maiores! São as Leis por que o Throno Portuguez foi occupado em Direito, sem intrusão, nem tyrannia! São as Leis, que salvárão a Honra, a Independencia, e a Liberdade da Monarchia! Estes principios forão reconhecidos em todos os tempos, e por todos os Portuguezes, até pela Constituição de 1820, e pela Carta de 1826, com a differença tão sómente, de que os Revolucionarios pertendêrão derivar d'elles, e derivárão consequencias á sua moda, subversivas do Throno, e do Reino! Firmai-vos, Portuguezes; firmai-vos, Soldados; firmai-vos n'estas Leis, e n'estas Linhas de Successão! Vós, seguindo-as, e defendendo-as nada tendes a temer, nem agora, nem para o futuro, de que venhais a ser preza da intrusão, da tyrannia, e da violencia! Vós sereis tranquillos, e venturosos na observancia, e defensão d'estas Leis, e obrareis, como sempre, gloriosos, e admiraveis prodigios a prol da vossa Patria!

Prodigios de Portugal.

Prodigio costuma chamar-se a qualquer acontecimento, que succede fóra da ordem, e da expectação commum. Eu não fallo agora dos prodigios obrados pelo Ceo em favor de *Portugal*, nem dos prodigios Politicos dos Seculos passados: as Historias os contão: fallarei hum pouco dos prodigios dos nossos tempos, e não d'estes prodigios Religiosos, ou milagres, a qualificação dos quaes sómente ao infallivel Juizo da Sancta Igreja Catholica pertence; fallarei sim dos presentes acontecimentos da Monarchia Portugueza, que succedêrão, e succedem fóra da expectação commum, aos quaes, por não serem pensados, nem esperados, dou o nome de *prodigios*. E não he prodigio neste sentido, que a Nação Portugueza se conserve Catholica, e ad-

herida á Sancta Igreja de *Roma*, tendo forcejado tanto por descatholiza-la os numerosos Jansenistas, e os numerosos Maçons de dentro, e de fóra do Reino, espalhando, vulgarisando, generalisando, e *distinguindo* tantas opiniões, e doutrinas especiosas contrarias á Igreja, á Verdade, á Fé, á Disciplina, e á Religião, e ao mesmo tempo favoraveis aos sentidos, ás paixões, e ao poder mundano?

Não he *prodigio* a conservação do Throno, da Soberania, e da Independencia de *Portugal* depois de tantas conjuraçõe solapadas, e manifestas; depois do concurso, e da cooperação de tantos agentes *caseiros*, e *estranhos*, como se reunírão para perder esta Monarchia, já de proposito, já por ignorancia, por desmazelo, por ambição, por dilapidações, por desgoverno, e por outras causas *mil*, que parece hum impossivel, que *Portugal* se conserve, tendo-se feito algumas vezes todo o possivel para acabar com este Reino? Não he *prodigio* que em *Portugal* exista ainda algum ouro, e alguma prata, tendo-se feito muitas vezes quanto póde fazer-se, para o roubar do ultimo ceitil? Não he *prodigio* que *Portugal* ainda appareça no Catalogo das Nações Independentes, tendo-se feito muitas vezes em Diplomacia quanto era possivel fazer-se, para o fazer huma Provincia de outro Reino? Não he *prodigio* que em *Portugal* ainda existão as Linhas descendentes da Casa de Bragança, tendo-se procurado por muitas vezes, e por mil enredos, e maquinações o dar o ultimo, e fatal golpe em todos os que tem alguns Direitos a occupar o Throno Portuguez? Não he *prodigio* que ainda haja alguma Grandeza no Reino, tendo-se feito muitas vezes, e por mil fórmas, todas revolucionarias, ainda mesmo com a capa do Absolutismo, quanto as Conjurações poderão fazer, para extinguir, e anniquilar a antiga, e verdadeira Grandeza? Não he *prodigio* que, tendo o mais principal, e o mais distincto do Reino *aquiescido passivo*, e *submissamente*, e coacto na maioria, ás duas Constituições, resistisse huma porção de Povo fiel, corajoso, e denodado, que, apezar de ser sempre espezinhado, se oppozesse valorosamente aos Revolucionarios, e os debellasse, restituindo ao Throno, á Grandeza, ao Episcopado, e ás mais almas, e distinctas Classes a sua Liberdade, a sua Dignidade, e

a sua devida Representação? Não he *prodigio* que os Portuguezes Emigrados na *Hespanha* não quizessem aproveitar-se das repetidas amnistias, que se lhes offerecêrão, e que os livravão dos mais espantosos soffrimentos, e afflicções, de que não ha, nem haverá exemplo? Não he *prodigio* que o Povo Portuguez seja sempre, o que tira a máscara á illusão, ao dólo, á violencia, e á trahição? Não he *prodigio* que os bons Portuguezes nunca acabem, tendo-se visto algumas vezes que, por isso mesmo que são leaes, são desprezados, são desattendidos, são perseguidos, são victimas da illusão, da violencia, das facções, da calumnia, da intriga, das cabalas, e das trahições, como se a Virtude fosse hum crime? Não he *prodigio* que nos annos de 1826, e de 1827, ainda houvesse Realistas em *Portugal*, que pozessem o peito ás balas, quando dos seus esforços, e sacrificios não tiravão algum outro proveito mais, do que a satisfação de os fazer, porque o Legitimo Rei, a Quem elles Acclamavão, o Amabilissimo Senhor Dom *MIGUEL I.°*, retido em Paizes estranhos, nem ao menos podia lá de longe dar hum só signal de approvação a taes serviços? Não he *prodigio*, e prodigio especialissimo do Omnipotente, que o Senhor Dom *MIGUEL* Viva, e Reine hoje em *Portugal*, tendo sido tão exposta em Paizes estranhos a sua preciosissima Vida pelas tentativas, e diligencias de tantos inimigos do Throno, e da Sua Augusta Pessoa, extraordinariamente ramificados, e colligados por toda a parte, Salvando-O a Divina Providencia por inexcrutaveis designios, e direcções, das armadilhas da Facção, e do rigor das tempestades, que os homens não podem naturalmente impedir, nem conter? Não he *prodigio* em hum Seculo tão desvairado, e na fluctuação de oppostas paixões, e de encontrados interesses, que os Tres Braços do Reino unanime, e livremente concordassem, em que o Senhor Dom *MIGUEL* fosse exaltado ao Throno, que as Leis, e sómente as Suas Angelicas Virtudes, mais que os esforços dos homens, demandavão para Elle? Não he *prodigio* que se desbaratasse a infame Rebellião do *Porto* de 16 de Maio de 1828, parecendo que o inferno todo se conjurára em protege-la? Não he *prodigio* que a preciosissima Vida do Senhor Dom *MIGUEL* não perecesse em aquella es-

pantosa quéda, por que passou no dia 9 de Novembro de 1828, quéda, que precipitava a Monarchia na immensidade do abysmo, se a Providencia O chamasse ao Ceo, para lá premiar as Suas Exemplarissimas Virtudes? Não he *prodigio*, o maior dos prodigios, que Dom *Pedro*, e os Rebeldes auxiliados ao infinito por mil formulas revolucionarias, assim *exteriores*, como *interiores*, não adiantasse hum palmo na Opinião Portugueza, e na Politica Estrangeira apezar dos maiores, e melhores manejos da perfidia, e da intriga? Tem alguma cousa igualmente prodigiosa o primeiro Seculo da Monarchia? *Não havia então*, provarei este espantoso *prodigio* com as mesmas palavras, com que fallou na Augusta Presença de Sua Magestade; e das Serenissimas Senhoras Infantas hum Orador possuido d'huma energia verdadeiramente Christã, *quem contestasse, por odio, ou por Systema seus Direitos ao Throno; não havia Portuguezes degenerados, que se negassem a concorrer para as despezas do Estado, que communicassem aos inimigos os segredos mais importantes, e lhes fornecessem os viveres, e munições, de que necessitavão; não havia Portuguezes indignos d'este nome, que sacrificassem as vidas preciosas dos mais intrepidos Soldados, que malbograssem as melhores occasiões de conseguir a victoria, que sacrificassem a hum Partido infame os interesses da Religião, do Rei, e da Patria: em fim o Senhor Dom Affonso Henriques não teve trahidores, ao mesmo tempo que Sua Magestade* (o Nosso Amabilissimo Rei, e Senhor Dom MIGUEL) *tem sido muitas vezes mal servido, tem luctado com difficuldades de todo o genero, tem tido de combater inimigos internos, e externos.* Não he *prodigioso*, e mui prodigioso o exemplarissimo soffrimento do Senhor Dom MIGUEL, soffrimento, com que vence os inimigos internos, e confunde os inimigos externos; derrubando a perfida cabala d'esses mesmos fingidos Realistas de toda a Europa, que se baldeão com todas as fórmas de Governo, e com todos os Partidos, que não sacrificão hum ceitil por qualquer Principe, sem que este os recompense; que não tem outro Deos, nem outro Rei senão a sua propria elevação, e conveniencia; que de mãos dadas com todos os inimigos do Altar, e do Throno calumnião os verdadeiros amigos

da Religião, e dos Soberanos, procurando persuadir a estes, que dêm de mão aos Vassallos mais fieis, e benemeritos pela sua conducta illibada, pelo seu valôr, denodo, soffrimento, constancia, heroismo, e justiça, com o preverso fim de apurar até á extremidade a esperança, e constancia dos verdadeiros Realistas, para que se arrependão de o ter sido, e se abstenhão de o ser, vendo que o abandono he o premio do Realismo? Verdadeiramente basta saber do incomparavel soffrimento do Grande Rei, e Senhor Dom *MIGUEL* para os animos mais agigantados se encherem de admiração, de amor, e de veneração pela Sua Augusta Pessoa, podendo ter lugar a este respeito aquelle Texto Sagrado — *Sufferentiam Job audistis.* Jacob. C. 5. ý 11. Para que a Europa toda dedique seu amor, e reconhecimento ao Senhor Dom *MIGUEL I.°* basta, que se persuada do seu muito soffrimento! E não he admiravelmente *prodigioso* o modo; por que o Governo tem feito face ás summamente extraordinarias despezas nos tempos mais difficultosos, mesquinhos, pobres, e *penuriosos?* Não he tambem admiravelmente *prodigiosa* esta Paz Octaviana, esta aurea, firme, obediente, e deliciosa tranquillidade, em que todo o Reino está, como se n'elle não houvesse inimigos, e inimigos de tal natureza, irmãos, e parentes huns dos outros; como se n'elle não houvesse muita penuria, privações, e necessidades; como se n'elle não houvesse guerra, e guerra de huma natureza tal, que alvoroçaria a outros quaesquer Povos do Mundo, que não fossem dirigidos por hum Governo tão justo, e tão providente, como o que actualmente rege a *Portugal?* Qual outro Paiz do Mundo póde dizer de si outro tanto em concussões tão abaladôras, tendo forcejado, e forcejando tanto a Maçonaria caseira, e a estrangeira de todos os Paizes por transtornar esta amabilissima tranquillidade, valendo-se do ouro, da intriga, da seducção, da mentira, e do terror? Quem poderá deixar de admirar este *prodigio* do Ceo em favor, e louvor do Governo, que rege os destinos dos fieis Portuguezes?!!!!

Musa vetat mori.

SONETO DE ***

« Ide, oh! Filhos (de Lysia a voz se escuta)
« Ide, sem susto, ás paginas da Historia:
« *Regeis* os Lusos com prudencia, e gloria,
« E a perfidia calcais, horrenda, astuta.

« Ao Sabio, ao Grande Rei, na extrema luta
« Preparo os Louros da immortal Victoria;
« *Vós que O Servistes*, *Vós*... dôce memoria!
« Tereis nos Fastos meus fama incorrupta.

« Sim, posso: meu poder não se contrasta:
« Vossa fama será (Lysia o protesta)
« Tão vasta, como o Mundo, inda mais vasta.

Silencio!... que da Patria a voz he esta
Não mais, oh! Póvos! Portuguezes! basta:
Se a Patria se exprimio, que mais nos resta!

Mas os *prodigios* de *Portugal* são immensos: não se póde menos de adorar huma Mão Suprema, que obrou nos Portuguezes estes altos feitos de virtude. *Dextera Domini fecit virtutem*. Ps. 117. Os Seculos futuros ouvirão, e lerão estes, e outros *prodigios* da Monarchia Portugueza no Seculo XIX, (faltão-me forças para os referir, e expender todos) e confessarão, que tantas, e tão boas cousas só por Deos podião ser; porque os homens por si sós, não parece possivel que as fizessem, conservando a Honra, e a Independencia de *Portugal* em hum *tempo*, em que todo o Mundo parece haver-se conjurado em acabar com a Honra, e com a Independencia de *Portugal*! Pois que maior, e mais assombroso *prodigio*, que o haver *Dom Pedro*, e os Rebeldes occupado aleivosamente a Cidade do *Porto*, *Dom Pedro* que he o Filho mais velho do Senhor *Dom João VI*, *Dom Pedro* auxiliado ao infinito por todos os Revolucionarios do Mundo, os Rebeldes, que tem em *Portugal* irmãos, primos, parentes, e até alguns companheiros em sentimentos, e em paixões, e ainda em Maçonaria, e logo correrem todos os Portuguezes para as duas margens

do Douro, pegando todos nas suas armas, como inspirados por aquella Voz Sancta, quando armou os Israelitas contra Holofernes — *Accipiat unusquisque arma sua, et exite cum impetu.* Judith. C. 14. ℣. 2. e marcando a Dom *Pedro*, aos Rebeldes, e a todos os seus auxiliares o limite da sua irrupção, como dizendo a todos os Partidarios da Rebellião — *Para aquem do Porto não passareis, senão pedindo perdão: d'ahi não sahireis, senão depois da vossa mais completa desolação?* — Que maior *prodigio* que a firmeza do Exercito no meio dos padecimentos, e privações inseparaveis da guerra, e do estado, em que o Reino está, sobre maneira empenhado, não sendo capazes de abalar, mesmo levemente, a sua fidelidade, nem a seducção, nem a intriga, nem os ameaços, nem as promessas, nem falsos conselhos, nem todos os elementos da perfidia, e da aleivosia; frustrando-se maravilhosamente os receios de espiritos apoucados, e as esperanças dos Revolucionarios? Que maior *prodigio* que haver dous *Portos*, hum o *antigo*, e o rebelde, abysmando-se em todos os extremos da desgraca, sem poder quebrar os ferros d'ElRei que o prendem, outro o *novo*, o leal fundado, e povoado por fieis, e invictos Realistas, que vedão aos Rebeldes a sua sahida, e que dão ao Mundo inteiro hum exemplo mais glorioso, que o da immortal *Saragoça Hespanhola* na horrorosa Guerra Peninsular, esmargado o Porto *antigo* pelo Porto *novo*? Que maior *prodigio* que a constancia dos Batalhões de Milicias, que pela sua firmeza tem assombrado a todos os Revolucionarios, e tem feito *vêr*, quanto forão insensatos, e tresloucados aquelles que dizião — *Os Milicianos não prestão; chegando Dom Pedro mettem-se em suas casas?!!!* — Que maior *prodigio*, que o invicto valôr, e a exacta disciplina dos Batalhões de Voluntarios Realistas, dos que gentes loucas, e perversas dizião, que *aos primeiros tiros dos Rebeldes, logo largavão as armas?* Que maior *prodigio*, que maior gloria, (gloria superior a quantas glorias tem adquirido a briosa Nação Portugueza nos anteriores seculos nas quatro partes do Mundo) que essa boa vontade, essa promptidão, essa velocidade, com que o Exercito, e os Povos expoem as suas vidas, e soffrem a morte pela sua Religião, pelo Grande Rei Dom *MIGUEL*, e pela Independencia da sua Patria? Enver-

gonhem-se os Revolucionarios; confessem elles, e todos os impios, o que os Christãos reconhecem, que *a Dextra do Altissimo obra todos estes prodigios*, que a Dextra do Altissimo exaltou ao Throno Portuguez o Senhor Dom *MIGUEL*; que a Dextra do Altissimo está em favor dos Realistas Portuguezes: conheção os Constitucionaes modernos que os Portuguezes não podem ser *constitucionalisados*; que os Portuguezes podem ser perseguidos, porém nunca vencidos; que esta perseguição, esta intriga, esta trahição feita aos Portuguezes os fez mais Realistas, mais Christãos, mais amigos de Sua Magestade o Senhor Dom *MIGUEL I*; mais inimigos das Constituições modernas, mais contrarios ao Governo de Dom *Pedro*, e da sua Familia, mais irreconciliaveis com os Pedreiros Livres. Conheça a *Inglaterra*, conheça a *França* que padecêrão huma fatal illusão em se persuadirem, que o Throno de *Portugal* na Augusta Pessoa do Senhor Dom *MIGUEL* estava sómente sustido por huma Facção: agora o vêm, que nem cabalas, nem intrigas, nem trahições, nem enganos, nem erros, nem planos poderão, nem podem, nem hão de poder affastar o espirito público da sua adhesão ás Leis Fundamentaes da Monarchia, do seu amor especialissimo ao Senhor Dom *MIGUEL*, e da sua desaffeição a Dom *Pedro*, á Carta, e a hum punhado de Portuguezes malfazejos. Conheça Dom *Pedro* que os Portuguezes não o querem, e que em vão lucta contra huma Nação inteira, que livremente jurou, e jura o manter a sua Independencia d'elle, e da sua Familia. Conheça o Mundo inteiro que os Portuguezes poderão ser victimas na presente lucta da Revolução contra a Legitimidade, mas nunca serão Revolucionarios; nunca Vassallos, ou Subditos de Dom *Pedro*; nunca jámais viverão escravos. Seja este a final o desengano das Potencias da Europa. Seja este o termo glorioso da Defeza de Portugal, Portuguezes!..... Mas vós melhor vos electrisais pela Poesia!

Soldados! Cáia o monstro sanguinario!
A' bravura, sem par, qu'em vós assoma,
O Douro retrocede, o medo o toma,
E a morte vôa ao perfido contrario.

Comvosco a Sylla resistíra Mário,
Se honrarião com vosco Grecia, e Roma;
E o Macedonio Heróe, que a terra doma
Fôra ainda maior, mais temerario.

Soldados! Legiões, que em brio ardendo,
Vingais o Throno, as Leis, a humanidade,
Dos pelouros não cesse o som tremendo.

O Templo seu vos abre a Lealdade:
Avante, avante, entrai, ide colhendo
Louros, Palmas, Troféos, Eternidade.

* * *

Viva, e Reine sempre o Muito Alto, e Muito Poderoso Senhor Dom MIGUEL I.

Surdina ao Clarim.

Como todas as cousas tenhão hum termo, além do qual não podem progredir, segundo as disposições do *Auctor* da Natureza, tambem o *Clarim*, e a *Defeza de Portugal* tem agora o seu termo n'este N.° 100, segundo a disposição, que eu lhe quiz dar como Auctor desta Publicação, Auctor sem plagiato, e sem collaboração, escrevendo as minhas idéas, como julguei mais opportuno, e authorisando-as com as competentes citações. Acaba pois a Publicação, porque assim o offereci, ainda que grandes votos, que respeito, e publicarei, e ainda insinuações poderosas, que quasi me constituírão no dever de quebrar meu proposito, me dissuadírão de acabar, em quanto o Exercito não acabasse de desbaratar os inimigos de *Portugal:* porém não acabo de escrever, em quanto não acabo de viver: não acabárão com esta Publicação todos os seus inimigos, huns por espirito de malignidade, outros por frenesi de maledicencia, de inveja, e de louco ciume; acabo eu mes-

mo por minha livre vontade: não acabárão com a minha vida tantos ameaços, terrores, e esperas, e até Cartas anonymas prenhes de miasmas, e de hálitos venenosos; seus auctores devem estar certos, que não acceito Letras, que não conheço, e que sómente Deos acabará com a vida, que me dêo, quando chegarem aquelles seus prescriptos limites, *qui præteriri non poterunt*, que não podem ser excedidos naturalmente: continúo pois escrevendo, e sempre em Defeza da Sancta Igreja de Roma, do Senhor Dom Miguel Rei Absoluto, e de toda a Legitima, e Real Dynastia Portugueza, bem que outro seja o Titulo, que tome com o mesmo fim: até, se necessario fôr, defenderei a mesma *Defeza de Portugal;* demostrarei todas, e cada huma das Proposições ahi escriptas; e refutarei, quanto a Censura permittir, todo, e qualquer argumento em contrario: para esta Contenda desafio a todos os Zoilos; seja o *Rocio* o lugar; colloquem-se ahi duas mesas, sobre ellas tinteiro, penna, e papel; tomem os adversarios o lugar, que quizerem, eu tomarei o meu lugar; meu Livro será a mesma *Defeza;* preparem-se os Revolucionarios todos, e todos os Zoilos, escrevão como quizerem, e quantos quizerem, eu despacharei logo a sua sabença para o *Reino Animal:* Verião todos, se esta Contenda tivesse lugar, que eu não furto as letras, mas que as letras me furtárão para si: soffrão os Sabios este desafio, que não he com elles; he com os Revolucionarios, he com os Zoilos, que eu méço as minhas letras, as minhas armas; porém sejão estas o desprezo, pois melhor cousa não merecem, os que só da impostura, e da intriga ousão campar. Acaba pois, e acabe em paz, esta Publicação por minha livre, e predicta disposição; não porque o Justo, e Prudente Governo do meu Rei me tenha imposto silencio, como a perturbador da tranquillidade dos seus governados. *Proh! Nugas!* Desvairadas loucuras, que menos offendem a mim, que a hum Governo Sabio, e Prudente, que deixou correr estes Escriptos com liberdade, bem certo de que esta Publicação Copiosa, e Livre perseguia os defeitos, não os homens; emendava os delinquentes, não os castigava; e até aos mal intencionados conduzia para onde devião ir, e elles não querião — *Sermo est copiosus, et varius.... et qui repugnantes quoque ducat, impellat.*

Insectatur vitia, non homines: nec castigat errantes sed emendat. Plin. l. 1.° Epist. 10. Alguem escrevêo, que esta Publicação não queria Desembargadores, nem Tribunaes, nem Juntas, nem Empregados, nem Escrivães, nem Meirinhos, nem Fabricantes, nem Negociantes, nem Artistas, e sómente Lavradores, e Ecclesiasticos. Ora isto he mentir com descôco! *De cada cosa un poquito.* De todas essas cousas sómente o *necessario*, e para esse necessario o *melhor*: sendo os homens bons, e laboriosos, não precisão de muitos, que os julguem: quando ha pouco que administrar, poucos administradores bastão: de Fabricas, de Artes, e de Commercio muito, se as materias forem Portuguezas: de Agricultura tudo o que for possivel, nunca haverá excesso, e sempre será util ao Estado, e ás outras Artes: de Clero a Sentença de S. Thomaz — *poucos bons, antes que muitos máos:* de Cabidos, ou Cathedraes, ou Collegiaes, os necessarios para o Côro, e que *vão ao Côro, e não ás Côrtes:* de Frades, o que disse S. Bernardo — *Claustro; porque fóra d'elle morrem.* — Sobre tudo isto, *Quod scripsi, scripsi;* insisto, insistirei, e ampliarei, segundo a doutrina da Sancta Igreja. Outros por ahi se queixárão, de que eu me meltia no que não entendia, por exemplo, em cousas de Exercito. Ora, *ut de pictore.... nisi Artifex judicare, ita nisi Sapiens non potest perspicere sapientem.* Plin. loc. cit., não sendo eu Militar, não deveria fallar n'essas cousas. E se eu demonstrar pela mesma Publicação, que sei de Militar muito mais, que todos esses queixosos? Acaso não tenho eu lido o melhor d'essa Arte? Não tenho visto, ouvido, reflectido, e combinado? Não consultei sobre a presente lucta até a bons, e preconisados Estrangeiros? As mesmas alterações, que Sua Magestade fez no Exercito, a mudança de planos, e disposições, não confundem a esses queixosos? Silencio! Na Profissão das Armas ha a considerar outros ramos, o Civil, o Politico, o Religioso, o Economico, o.... Não basta ser perito, he necessario ser fiel, e perito; não basta ainda ser fiel, e perito, he necessário ainda ser util para o Serviço: ainda a idoneidade, a fidelidade, e a pericia carecem de se não reunir na Maçonaria; e esta condição, ou qualidade — *removens, prohibens* — he essencialissima na defeza de huma Causa

Monarchica, e Religiosa contra aggressores ímpios, Constitucionaes, e Republicanos. Dizer-se que em todas as Campanhas acontecem erros, enganos, ignorancias, faltas de previdencia, de disposições, e de calculo; se essa asserção he offensiva, que o não he como se não diga que ha falta de fidelidade, poucas são as Campanhas, em que se não vulgarisassem as mesmas asserções, e até se demonstrassem; e poucos são os Generaes, que não tenhão passado por essas imputações, e arguições, como que rarissimos são os que acabão figurando na Campanha, que havião principiado: a Historia da Guerra Peninsular attesta em favor desta asserção. Silencio pois! As Leis me prohibem personalisar; tenho-as observado: elles se personalisão a si mesmos, se de mim se queixão. Mas tomem folgo; descancem todos os queixosos de qualquer Classe, e Condição: o *Clarim* já não toca; temão do *Fagote*, que tem sons mais roucos, e estrepitosos: se suão, alimpem-se; mas o vento refresca, e a viração sopra mais favoravel. Portuguezes! Vive Deos, que havemos de Vencer! Vive Deos, que nenhum Paiz do Mundo tem hum Rei como nós temos na Augusta Pessoa do Senhor Dom *MIGUEL I.*

Aos affeiçoados a esta Publicação, que recolhêrão todos os seus Numeros, e aos que ainda pertendem havê-los todos, como sei, que desejão encaderná-los, dou-lhes de parecer que os dividão em dous Volumes, e podem formar o 1.° de 51 Numeros, e o 2.° dos que seguem até este, podendo ajuntar ao 2.° o *Sermão prégado no Porto aos 23 de Outubro de* 1831, e que acaba de publicar-se no mesmo formato da *Defeza de Portugal*, com o fim indicado; com o que terão dous Volumes iguaes com pouca differença, e em boa proporção, que podem servir aos presentes, e vindouros para entreterem as longas noites do inverno, e dar hum bom divertimento, e exercicio a todos os affectos d'alma. Verdade he, que se carece de hum bom *Index*, e eu offereço nas mãos do Livreiro *João Henriques*, se elle quizer dar-se ao trabalho de pôr á venda esta Publicação em dous Volumes: todavia n'este mesmo caso o *Index* não será tão explicativo, como se deseja; porque assim como os Poetas não podem entender-se bem sem huma boa instrucção na *Mythologia*, tambem esta Publicação não pó-

de penetrar-se bem sem o conhecimento da *Philologia*, sendo a destes annos mui difficil de se estudar, porque se carece de hum Vocabulario exacto, que ainda não apparecêo: muitas das Proposições, e ainda Palavras desta Publicação parecem-se muito aos emblemas de *Alciato*, e precisa-se de *chave* para os decifrar. E onde está esta *Chave*, ou Clave? Eu a tenho certamente, e não a entrego a mulher alguma, porque as Chaves na mão de mulheres commumente são perigosas: tenho entrado por quasi todas as Repartições do Reino, sobre quasi todas expendi boas idéas; mas quasi sempre sem ordem, para que os mal-intencionados não déssem pela cousa, seguindo o fio de *Ariadne*, mulher vil, que dêo com o segredo em pantana; pois sem o conhecimento individual exacto de muitas pessoas, não podem saber-se bem os seus nomes; verdade he, que alguns o dizem, *fallando de si mesmos*, mas outros são pardaes, ou raposos: *O Procurador dos Póvos* dará com elles: explicação omnimoda sómente ao Governo do meu Rei posso eu dá-la, e devo, se me fosse pedida; mas o Governo conhece bem os seus inimigos, e não carece das minhas parafrases. Os zelosos Ecclesiasticos, que expendêrão aos Póvos alguns Numeros desta Publicação; os Chefes de Corpos, que os fizerão lêr na *Forma;* os Governadores Militares, e Authoridades Civís, que fizerão correr estas doutrinas nos seus Districtos, elles attestárão o bom effeito, que produzírão, já fortalecendo mais, e mais a Opinião Publica; já encaminhando-a, animando-a, e sustendo-a; ora desviando dos Póvos os erros, as imposturas, e impressões contrarias á Monarchia; ora fazendo conhecer aos mesmos Póvos os seus verdadeiros interesses, vantagens, e Direitos, que são os mesmos Direitos do Senhor Dom *MIGUEL*, dos quaes já todos os Portuguezes desde o maior até o menor tão altamente estão convencidos, que Dom *MIGUEL Rei* he o seu Dogma Politico, Dogma do seu coração, a alma da sua alma. Para augmentar, consolidar, e suster esta Opinião Portugueza foi-me bastante hum só argumento, a *Religião*, a *Lei*, e a *Honra*, que he o triplice, mas simples argumento de convicção, e de persuasão para espiritos verdadeiramente Portuguezes. O *Clamor da Patria*, se fosse entoado por outra fórma, como quiz ha pouco fazê-lo soar

hum miseravel garrulo, já bem zurzido em varios Numeros d'esta Publicação, especialmente tocando-lhe nos trapos, e farrapos da barriga, sem que ainda podesse tocá-lo lá para essas partes da Travessa da Era, onde são visitadas algumas *Samaritanas inconversas*, (esse tóque ha de ser com o *Fagóte*, não com o *Clarim*) garrulo, repito, que debaixo do titulo do — *Clamor da Patria* — arrojava censuradas expressões, *malsonantes* em Religião, como aquella, de que — *Jesus Christo não pensava que o sórdido interesse*, etc. . . !! Que os bons Portuguezes tributão a S. M. o Senhor Dom Miguel *huma perfeita adoração Latreutica!!!* . . . . e em Politica como que; — *o Exercito he de Leões, mas commandados algumas vezes por cobardes Ovelhas!!!* . . . . e que as Familias dos Grandes do Reino forão, e sempre tem sido partidarias de quasi todas as Revoluções!!! Sendo que elle deve tudo o que representa, e o que não he, nem deve ser, aos Grandes do Reino!!! (Ah! Que os Grandes por sua muita bondade prodigalisão não merecidos, nem correspondidos favores a alguns ignorantes, pervesos, ingratos, e simulados!!!) se o *Clamor da Patria* assim fosse entoado (o Auctor não tenha receio de que eu o denuncie, nem personalise. . . .) provocar-se-hia no Exercito a anarchia, nos Póvos a falta de subordinação aos Grandes da Nação, e em todo o Reino a impiedade! Calumnias! Atrevimentos! Desaforos! Despropositos! Quem só serve para o Côro, para que sahe do Côro? Quantos Sacristas, logo que vestem o roquete, querem figurar de Priores, e são hums pobres asnos! Portuguezes! Não vos deixeis levar do impeto de toda a doutrina, nem vos seduzão todos, os que se chamão instruidos, e elles não tem mais que palavras vãs, e fallazes! Portuguezes! Se achastes boa a doutrina exarada nos cem Numeros d'esta Publicação com o seu accrescimo do *Sermão do Porto*, sabei que essa doutrina he a da Religião, e da Igreja, onde eu aprendi; e pelo que pertence á Politica, ou ao Civil, ou ao Militar, he dos melhores, e mais seguros Livros, onde eu estudei, meditei, reflecti, e combinei: sómente he minha a disposição, a qual regulei do modo que entendi, e pude, pelas presentes circumstancias, e pelas necessidades presentes: os que não estiverem concordes comigo n'estas doutrinas, estão discordes

nos desejos: mordão pois, esbravejem, eu me seguro no Juizo da *Igreja*, e da *Lei*. Não temo, *etiam si fractus illabatur orbis*. Este valôr, e constancia nasce em mim de huma boa Educação Religiosa, e da convivencia com o melhor dos Portuguezes. Disse; e nem mais huma palavra n'esta Publicação, offerecendo cumprir em outra, *volente Deo*, as promessas, que n'esta não pude desempenhar.

Recebe pois, Grandiosa Nação Portugueza, esta obrazinha, que só em teu proveito foi emprehendida! Tu és o modêlo de ti mesma em Religião, em Fidelidade, em Honra, em Beneficencia, em Virtude, e em Heroismo! De ti os Póvos, que ambicionão a immortal gloria de vencer, ou morrer, de ti o vierão, vem, e viráõ aprender! Sustenta o teu Rei, e darás ao Mundo esta Lei!

Muito Alto, Muito Poderoso, e Muito Magnifico Rei, e Senhor Dom Miguel I. Se Vossa Magestade se digna acceitar esta Publicação — *Defeza de Portugal* — o abaixo assignado terá a ventura de dizer que Vossa Magestade está salvo, que a Monarchia conseguio a sua Independencia, e que a Maçonaria, a qual não ama, nem obedece a Vossa Magestade, he impotente quando Vossa Magestade a combate ao lado dos Realistas Portuguezes. Oh! Praza a Deos, que assim seja, para este humilde Vassallo de Vossa Magestade poder entoar alegre na sua morte aquelle Sagrado Cantico — *Nunc dimittis servum tuum Domine, secundum verbum tuum in pace.* —

Lisboa 7 de Março de 1833,
Mez 8.° do aleivoso desembarque dos Rebeldes na Cidade do Porto!!!

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Lisboa: Na Impressão Regia. 1833. *Com Licença.*

SERMÃO

PRÉGADO

NA CIDADE DO PORTO

NO DIA 23 DE OUTUBRO DE 1831

PELO

PADRE ALVITO BUELA PEREIRA DE MIRANDA

Bacharel em Filosofia Prégador Regio Honorario e Abbade da Real Igreja de São Miguel de Rebordosa

ESTANDO PRESENTES

O ILLUSTRISSIMO SENHOR

JOSÉ DA FONSECA PINTO

Coronel do Regimento de Infantaria de Chaves

OS SENHORES OFFICIAES

E OFFICIAES INFERIORES E OS SOLDADOS DO DITO REGIMENTO

QUE NESSE DIA

PAGAVÃO SEU VOTO SOLEMNE

Á MÃI SANCTISSIMA DE JESUS CHRISTO

SUA PADROEIRA

NO

TITULO DO SACRATISSIMO ROSARIO

D. C. O.

AO MESMO ILLUSTRISSIMO SENHOR CORONEL.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1833.

Com Licença.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

Offereço a V. S. esse Sermão impresso, que recitado lhe pertencéo. Não o submetto á censura, de quem o lê, mas á de quem o ouvio. Então agradou ao numeroso Concurso, com excepção de alguns poucos, que se offendérão de ouvir doutrinas contrarias ás suas paixões; mas esses mesmos achão hoje verificadas as minhas predicções; agora porém talvez desagrade a huns, e a outros, por não acharem n'elle as regras da Oratoria. Depois de muito ler n'esta Arte, eu adoptei a minha propria: instruir, reprehender, convencer, persuadir, e exhortar aos outros, como eu desejaria ser instruido, reprehendido, convencido, persuadido, e exhortado: esta he a regra de proporção, que me tenho estabelecido entre mim, e os outros. Não procuro a V. S. para Patrono d'este Sermão: a obrigação de V. S. he defender o Altar, o Throno, e a Patria, e o tem V. S. desempenhado, desempenha, e desempenhará como os melhores: o meu dever he imprimir, e confirmar nos meus Ouvintes esses sentimentos Religiosos, Monarchicos, e Patrioticos; se assim o tenho desempenhado, e desempenho, possuo então a verdadeira Arte Oratoria. Consulto com todas as minhas forças, o que póde convir á Igreja, ao Throno, ao Estado, ao tempo, ao lugar, e ás pessoas, e depois fallo, prégo, ou escrevo: esta he proporcionalmente a verdadeira Arte da Guerra, da Oratoria, em fim a Arte do Coração: d'est'arte fallei a huns Recrutas d'esse Regimento por ordem de V. S., e elles apparecérão immediatamente huns Leões em defeza do nosso Amabilissimo Rei e Senhor DOM MIGUEL I: este foi

effeito da presença de V. S.; eu desenvolvi sómente a causa. A Dedicatoria pois d'esse Sermão he tambem nova, porque procede unicamente da amizade, que tem por fundamento a identidade dos nossos sentimentos na Hespanha, e em Portugal: por isso não teço a V. S. hum longo Panegyrico: amâmo-nos, porque nos conhecemos bem, e estâmos concordes em principios, idéas, e desejos. O que eu peço a Deos, he, que elle guarde a V. S., que o livre dos seus inimigos, que são os inimigos de Portugal, os meus inimigos: não temos outros: se Deos nos livrar d'elles, seremos felizes n'esta vida, e felizes serão todos os bons Portuguezes. Invoquemos os soccorros do Ceo, para que Portugal seja salvo; e em quanto o Ceo nos ouvir, será V. S. tão meu, como eu sou

De V. S.

Amigo, Capellão, e Camarada

Lisboa 13 de Fevereiro de 1833.

Alvito Buela Pereira de Miranda.

Beati qui audiunt verbum Dei.
Luc. c. 11. v. 28.

São felizes, os que ouvem a Palavra de Deos.

Como Sancta Marcella levantasse a sua voz na presença de huma numerosa turba em louvor das entranhas, que havião gerado, e dos peitos, que sustentárão a Jesus Christo nosso Deos, por este Divino Senhor haver arrojado do corpo, e da alma de hum miseravel possesso a hum demonio cego, e mudo, o Divino Salvador responde á sua inspirada Panegyrista com a mesma publicidade: Sómente *são felizes, os que ouvem a Palavra de Deos:* minha Mãi não seria feliz, não teria a ventura de me haver gerado nas suas purissimas entranhas, e de me haver sustentado a seus castissimos peitos, se não ouvisse a Palavra de Deos: vinculos da carne, e do sangue não prendem a beneficencia Divina; sómente a fé, e a virtude a desenvolvem: não he o principio da felicidade o esplendor do nascimento, o lustre do sangue, a elevação da jerarquia, a grandeza da fortuna, e a dignidade dos Cargos: o seu legitimo, e puro manancial he a docilidade á Palavra de Deos. Este he o genuino sentido da Divina resposta, segundo a exposição de Sancto Agostinho, e do Veneravel Beda sobre o presente Evangelho; e sobre esta exposição assenta a base do Discurso deste dia.

Do Evangelho pois se collige que qualquer talento, ainda que se gradue de heroico, não sendo docil á Palavra de Deos, he hum armazem de idéas estereis, immundas, e mesquinhas, ao qual pode applicar-se aquella antiga frase, com que era designado hum ignorante qualquer — *Auris Batava* — Tem ouvido de Allemão; frase, que hoje pode explicar-se em boa linguagem Portugueza — Tem orelhas de Maçon, ou he hum charlatão — Collige-se tambem que qualquer d'essas pessoas chamadas, e julgadas felizes, não praticando a virtude, goza sómente a ventura dos brutos, á maneira dos selvagens do antigo Maranhão, ou do mais antigo, e muito mais torpe rebanho de Epicuro — *De grege porcorum Epicuri* — Collige-se finalmente que qualquer desses Espiritos chamados fortes, não confessando a Palavra de Deos, que falla ao coração, he hum monstro da Sociedade, do qual se pode dizer com o antigo proverbio — *Lingua Græca* — Tem lingua de Grego; o que hoje poderia explicar-se em bom Portuguez — Tem lingua de Constitucional, fallador sempre, e sempre embusteiro, impostor, e do mesmo passo perfido — Não pode alguem ser sabio, não sendo docil á Palavra de Deos; não pode alguem ser bom, não praticando a Palavra de Deos; não pode alguem ser feliz, não confessando a Palavra de Deos. Creio que estas proposições as proferio o Apostolo — *Fides ex auditu...*, — *Corde creditur ad justitiam* — *Ore confessio fit ad salutem* — Está pois debellado o sofisma d'aquelles Heterodoxos, que dizem ser sufficiente a fé sem virtudes; destruida a perversidade d'aquelles Politicos, que se contentão das virtudes sem fé; pulverizada a mania, dos que admittem hum

e outro erro na sua especiosa tolerancia de todos os Cultos. Para ser feliz he preciso ouvir, e observar a Palavra de Deos, disse o Divino Salvador na sua resposta a Sancta Marcella — *Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud* — : e bem que, na linguagem Sagrada, ouvir, e observar sejão synonymos, todavia o Divino Salvador quiz explicar a mesma cousa em duas proposições, para livrar os incautos da fallacia, dos que nas Sagradas Letras sómente achão tretas, com que pervertem a Palavra de Deos.

Como a Palavra pode sómente annunciar-se, aos que ouvem, certo he que eu não fallo a surdos essenciaes, he a dizer, a Atheos; pois que a esses demonios sómente Deos pode abrir os ouvidos. Mas talvez falle a alguns Pedreiros Livres, incredulos por educação, imbuidos em idéas radicaes, sem a verdadeira raiz da Sabedoria, que he o temor de Deos, nos quaes, tendo alguma vez cahido a semente da Palavra Divina — *in petrosa* —, desapparecêo na idade das paixões, ou, como elles mesmos dizem, na idade da luz — *Orto sole æstuaverunt* — : fallo certamente a outros, que, não sendo incredulos, vivem como se o fossem, suffocando, ou abandonando a observancia da Palavra de Deos pelos prazeres, e pelas riquezas do Mundo — *Qui verbum audit, et sollicitudo sæculi istius, et fallacia divitiarum, suffocat verbum* — A huns, e a outros sou obrigado a manifestar a Palavra de Deos, para os fazer felizes pela sua crença, e pela sua observancia: e fallando em Pedreiros Livres, tracto-os a todos igualmente, ou sejão da Nobreza, ou do Clero, ou do Exercito, ou da Magistratura, ou do Commercio, ou de qualquer Classe do Estado; e assim tracto, aos que, não guardando as Leis da Igreja, e as do Reino, os agazalhão, abonão, favorecem, protegem, e absolvem: conheço que para os Pedreiros Livres pouco serve o ministerio de Aarão, que n'este lugar exercito, sendo mais proprio do poder de Moysés o tirar d'elles com a prodigiosa Vara, ou agua nas lagrimas de pezar, com que lavem as feias nodoas das suas horrendas maldades, ou oleo, com que suavisem, e temperem o furor das suas erupções, ou mel, com que adocem a amargura das suas desgraças: todavia, descobrindo-lhes na sua mesma face as suas poucas vergonhas — *revelabo in facie eorum pudenda eorum* — castiga-los-hei com a mesma Palavra de Deos, que ha de feri-los mais, que huma espada de dous gumes — *Sermo Dei penetrabilior omni gladio ancipiti* — Se de dous mil conscriptos no Maçonismo, que esta Cidade contava no anno de 1823, ou dos aggregados em dobro, que lhe accrescêrão nos annos seguintes, estiver aqui algum, que se tenha emmascarado com a Realeza, para furtar o corpo aos golpes da Vara Moysaica, ou que de qualquer modo esteja apadrinhado para exercer o Cargo vil de Continuo, ou Correio das Lojas, ser-lhe-ha melhor ouvir o religioso esconjuro — *Vade retrò Satana* — e retirar-se, que ouvir verdades, que lhe farão ranger os dentes, e profanar com a sua assistencia a presença de hum Auditorio, pela maior parte, docil á Palavra de Deos. Mas antes d'entrar em materia eu devo dizer a todos os Christãos, por honra da Palavra de Deos, que os Pedreiros Livres são tão estupidos, que não sabem o A B C por inteiro, pois que não conhecem o F, o L, e o R: o F porque não tem Fé: o L porque arrenegárão da Lei: o R porque não querem Religião, nem Rei. (Pensamento de hum grande Jesuita, o immortal Padre *Vieira.*)

Os que são Christãos pela sua Fé na Palavra de Deos, mas que pela

fraqueza da humanidade, ou pela força da sensualidade, vivem como se não fossem Christãos, devem ser illuminados pela mesma Palavra de Deos, segundo aquillo do Real Profeta — *Præceptum Domini lucidum, illuminans oculos* — Os que de coração amão o Catholicismo, e que trabalhão com todas as suas forças pelo seu amparo, e conservação, devem ser exhortados á permanencia n'esses trabalhos, porque assim, indo de virtude em virtude, chegarão a vêr a Deos em Sião — *Ibunt de virtute in virtutem: videbitur Deus in Sion* — A Palavra de Deos dá firmeza, e estabilidade aos mesmos justos — *Verbo Domini Cœli firmati sunt* — Venho pois a fallar a tres especies de pessoas, de que se compõe esta Cidade, e mui provavelmente este Auditorio: elles formão conseguintemente a partição d'este Discurso, e enchem naturalmente o fim do ministerio Evangelico, reprehender, instruir, e exhortar. Para não tornar mui extensa a minha loquução, não gastarei o tempo em textos Latinos, accumulação, que, no sentir dos Sabios, nem he precisa, nem Rhetorica: fallo a Portuguezes, e devo fallar-lhes em Portuguez.

A materia está indicada de sobejo: aclara-la mais, seria deixar a estrada, que hão trilhado os melhores Oradores do *Areopago*, e do *Lacio*, e até injuriaria a penetração dos meus distinctos Ouvintes. He a Palavra de Deos intimada ao Porto, como convém ao Porto, á Igreja, e ao Estado: Venturosos os que fielmente a ouvirem, e observarem: a brilhante Infantaria de Chaves de commum acôrdo com o seu excellente Chefe paga neste dia seu Voto á Mãi Sanctissima de Jesus Christo, a qual invoca Sua Padroeira com o Titulo do Sacratissimo Rosario: o Sancto Auctor, ou Propagador d'esta preciosissima Devoção, antes de intimar a Palavra de Deos aos sacrilegos, e rebeldes Albigenses, e aos peccadores do seu Seculo, invocava o auxilio da Virgem Sanctissima; eu o tenho invocado, e novamente o invoco; mas aquelle Apostolo do Seculo 13.°, as mais das vezes, tomava por incidente os louvores de Maria Sanctissima no seu Sacratissimo Rosario, e por essencial a Palavra de Deos com referencia ás pessoas, aos lugares, e ás necessidades do tempo. Podesse eu imita-lo como desejo! Tenho em vista o objecto do dia; mas procuro principalmente a Palavra de Deos, perdida nos incredulos, esquecida nos peccadores, e viva, nos que amão a Religião: procuro amortecer os crimes, que abundão, e avivar as virtudes, que vão faltando: esta he a necessidade d'este Seculo, e a grande necessidade do Porto. Tenho proposto o assumpto á nobre expectação das mui distinctas Classes, que me ouvem; desejo ir conforme aos desejos da Christã, e Valorosa Infantaria de Chaves. Não posso..... segundo as Leis da Civilidade Religiosa fazer-vos outra continencia, porque estâmos na presença do Sanctissimo Sacramento, e toda a honra devemos a Deos. Meu Deos, sêde em meu auxilio! Sou pevidoso como o vosso Servo Moysés — *Impeditioris, et tardioris linguæ sum* — Ensinai-me como a elle, o que hei de dizer ao Porto — *Perge, et ego ero in ore tuo: doceboque te quid loquaris* — Mas eu conto com o vo-so auxilio por habito, e assim.....

Principio.

Porto! Porto! Porto! Ouve a Palavra de Deos!... Assim concluio Jeremias a sua prégação ao Reino de Judá — *Terra, terra, terra, audi*

verbum Domini! — e assim principio eu, fallando a esta Cidade pela primeira vez, que acaso será a unica, e a derradeira, em que se lhe falle com esta franqueza, e liberdade! Se não ouvires a Palavra de Deos, serás mais desgraçado que Sodoma, e Gomorrha — *Tolerabilius erit terræ Sodomorum, et Gomorrhæorum in die judicii, quàm illi civitati* — disse o Divino Salvador; e pode bem ser que esta predicção se entenda com o Porto. Eu não fallo, (e he bem desnecessario que assim me explique, aos que me ouvem de boa fé) senão de huma grande porção de Pedreiros Livres, e de Constitucionaes, mentecaptos, ímpios, e trahidores a Deos, e a ElRei, que tornárão odioso o nome de huma Cidade, que sendo a segunda do Reino em Nobreza, e em Opulencia, he sempre a primeira ne rebellião, e na infidelidade! Respeito muito os seus habitantes pacificos, e leaes, os seus talentos e virtudes, as suas Sciencias e Artes proficuas; elles merecêrão, e hão de merecer, assim continuando, as bençãos da Igreja, a estima dos Soberanos, e o louvor dos *Regnicolas*, e dos *Alienigenas:* mas está em primeiro lugar a reprehensão, que o louvor, quando os crimes se amontoão para exterminar a virtude.

Porém qual he a Palavra de Deos, que ainda se dirige a essa grande porção de filhos, e de moradores do Porto, que fizerão d'esta Cidade a Madrinha de pia de todas as revoluções, e de todos os revolucionarios? Falle-vos o Principe dos Apostolos — Sêde sujeitos por amor de Deos a toda a humana creatura, quer seja ao Rei como a Soberano, quer aos seus Governadores como enviados da sua parte; porque esta he a vontade de Deos que respeiteis o Rei, e que sejais submissos a vossos Senhores com toda a sorte de respeito — A observancia d'esta Divina Palavra fez sempre felizes a todos os Povos do Universo; felizes os Israelitas, segundo a doutrina de Moysés; felizes os Athenienses, segundo a de Solon; os Lacedemonios, segundo a de Lycurgo; os Rhodos, segundo a de Asclepio, os Egypcios, segundo a de Foroneo; os Romanos, segundo a de Numa Pompilio; os Chinezes, segundo a de Confucio; pois não houve Legislação alguma, que não assentasse sobre esta base da subordinação, e respeito aos Reis, e ás Authoridades. Estes mesmos Povos, e todos os que povoárão a superficie da Terra, se abysmárão em hum pélago de desgraças, logo que perdêrão este rumo da obediencia aos seus Soberanos: bom exemplo derão d'isto os Romanos, os quaes, depois que se rebellárão contra Tarquinio, estiverão em guerra contínua por espaço de 484 annos debaixo da despotica governança dos Decemviros, dos Triumviros, e dos Consules, exercendo-se sempre a carnagem, a tyrannia, e a violencia, até que a Monarchia, e a paz renasceo na pessoa de Augusto. Athenas, e Esparta derão o mesmo exemplo na Antiguidade: Genova, e Veneza nos Seculos modernos: a França dos nossos dias he hum grande Livro das fataes consequencias da insubordinação aos Reis: os olhos de todo o Mundo, sem mendigar Livros, virão, e vêm correr o sangue dos Povos insubordinados da America.

Porém não estudeis noticias estranhas: em Casa tendes quanto basta, para que aprendais a pensar, e a viver: os Portuguezes conhecêrão sómente a felicidade, em quanto a perfidia não os submetteo a Reis estranhos, perdendo a obediencia aos naturaes. Vós, habitantes do Porto, pois a vós se dirige com especialidade esta Palavra de Deos, vós, os que presais de lidos, lêde os vossos Fastos: a época das vossas revoluções faz a

mesma época da vossa pobreza e da vossa infamia: fostes felizes, em quanto guardastes respeito aos Reis e submissão ás Authoridades: gemestes na oppressão e na ignominia logo que fizestes huma revolução: n'este Seculo das trahições e das ignorancias, não se lerá o que interessa, ou esquecerá o que convém? Continue a fallar-vos o Principe dos Apostolos — Doutores falsos vierão a vós e vos introduzirão perniciosas Seitas: como animaes sem razão, que não seguem senão os movimentos da natureza, fontes sem agua, nuvens agitadas dos turbilhões dos ventos, desprezão toda a dominação e atacão pelas suas blasfemias a Sancta Doutrina, que ignorão, fazendo discursos cheios de loucura e de insolencia, e promettendo a liberdade, quando elles são escravos da corrupção: a sua avareza e ambição fez de vós huma especie de negocio — Filhos infames de Pais obscuros, discipulos do Atheismo Francez, sequazes de toda a rebellião, mais trahidores que Judas, porque este trahio huma só vez, e elles trahem sempre, no que fallão, no que escrevem e no que fazem, elles levantão a sua horrorosa voz n'esta Cidade no anno de 1820, e, rebellando-se em massa contra o seu Rei (foi esta a primeira vez, que a Nação Portugueza faltou ao respeito aos seus Soberanos!!!) sob pretexto da sua permanencia no Brasil, da nimia influencia dos Estrangeiros no Gabinete, da inobservancia dos antigos Fóros Nacionaes, da exportação do Numerario e da estagnação dos recursos, arvorão huma Constituição que dividio para sempre a Monarchia Portugueza; que submetteo o Governo á exclusiva influencia da Maçonaria estranha e caseira; que levou os restos do Numerario para outros Paizes; que paralysou o Commercio; que finalmente destruio aquellas Leis Fundamentaes que por tantos Seculos havião feito a Portugal poderoso por mar e por terra, respeitado, temido e vencedor por todo o Mundo! Eis os resultados d'essa primeira Constituição proclamada pelos filhos espurios d'esta Cidade, e plantada por aquelles cem Architectos das Necessidades, ou das *neccdades*, Tyrannos de Portugal, Ladrões do Estado, Cambistas da Religião e da Moral, Banqueiros da indigencia e da penuria!

Não vistes vós a vossa grande Nação representada e dirigida por huma matilha de estupidos e de perversos, sem plano fixo no interior e no exterior, sem algum Systema certo de Finanças e de Governo? Não sentistes extincto o principal Banco da prosperidade Nacional, a Companhia do Alto Douro, que era a inveja das Companhias da Inglaterra e da Hollanda, offerecendo-se em seu lugar huma liberdade absoluta de trafico a vendilhões, ou a revendedores abjectos que não tem costumes commerciaes, que apenas manejão passivamente cabedaes estranhos sem outra habilidade que a de contarem os generos, que recebem, sem ter em conta os dinheiros, que por elles devem? E que essa liberdade de Commerciar fosse applaudida por traficantes de dous dias, fallidos sempre em recursos e em honra? Verdadeiramente o Commercio Portuguez tornou-se o ludibrio de todos os Reinos pelas bacharelices, dos que da Commercial Politica ignoravão até os primeiros elementos. Não estivestes vós á borda de huma anarchia universal, de huma tyrannia sem fim, de huma violencia sem limites? A preferencia dos Maçons para os Postos do Exercito, para os Cargos da Magistratura, para as Funcções do Estado e ainda do Sacerdocio; a deportação dos bons Ministros do Sanctuario, a profanação das

Casas da virtude, o roubo das Igrejas, a depressão de todos os bons Portuguezes; a nullidade, o desprezo, e a indecencia, em que jazia ElRei, e toda a Familia Real; o audacissimo degredo da mais virtuosa Esposa do Soberano: todos estes não forão symptomas os mais funestos, de que a vossa Nação, a melhor Nação do Mundo ía desapparecer do Catalogo das Nações nas mãos d'huns poucos Vassallos degenerados, despreziveis, e dementados? Oh! Deos! Verdadeiramente nos haveis deixado nas mãos dos impios! Porém vós, Senhor, não podeis esquecer-vos das vossas antigas misericordias com Portugal.

Eu não quero fazer sahir-vos as lagrimas com a recordação d'esse infausto triennio de calamidades, e de convulsões: elle ao menos servio para fazer que todos conhecessem, o que os mais broncos juizos conhecem; a saber; que hum bom Governo pode sómente achar-se em hum só, ou em muito poucos, do que já nos advertio Platão — *Recta administratio, vel apud unum, vel apud paucissimos est quærenda* — Devo porém recordar aos revolucionarios o medo, o susto, o terror, que pairou sobre as suas ôcas cabeças, quando a Divisão Transmontana franqueou heroicamente o caminho para a salvação do Throno, e da Patria; quando todo o Exercito desenvolvêo a sua lealdade, e respeito ao Soberano, o qual he o Emblema do Caracter Militar; quando o Senhor DOM MIGUEL, hoje nosso Rei pela Graça de Deos, voou a extinguir o facho da guerra civil, apagar a anarquia, enxugar as lagrimas dos innocentes oppressos, quebrar os duros ferros, em que gemião maniatadas almas verdadeiramente livres, restituir a paz, e a liberdade, conciliar as Tropas, unir os Povos ao Rei, ligar os Fieis á Igreja, fazer finalmente que os Portuguezes reconquistassem sua honra, sua gloria, seu nome: Portugal no anno de 1823 devêo ao seu Infante, hoje Rei, a sua existencia Politica, e Moral: ElRei devêo a seu segundo Filho a Vida, e o Throno, e a Augusta Rainha a sua liberdade, e o seu triumfo: a Familia Real devêo a seu segundo Irmão a sua dignidade, e decoro: a Igreja a conservação de Povos, que hão perdendo o rumo da Unidade Catholica; a Hespanha o termo das suas catástrofes, pois que sem a deliberação do Infante de Portugal as presumpçosas Aguias Francezas não tremolarião sobre as d'antes não vencidas muralhas de Cadiz! Em verdade teve Israel o seu David para humilhar os Filisteos: Tem Portugal o seu DOM MIGUEL para confundir os Pedreiros!

Envergonhe-se pois essa vil raça de Viboras, geração de diabos! Hum Menino prostrou esse edificio agigantado, que julgaveis prevalecer sobre a Igreja, e sobre a Realeza! Debalde resistís ao Anjo do Senhor, que he poderoso para destruir os mais bem meditados projectos dos impios. Mas esta lição foi perdida para os revolucionarios, e o será sempre, em quanto a Justiça Divina não fôr satisfeita! Os revolucionarios aproveitão-se da bondade, e da indulgencia d'ElRei, e abusando da sua Clemencia, que os devera emendar, a tomão como passaporte, para de novo se rebellarem. Intro fuzem no seio da Real Familia o pomo de huma eterna discordia, qual teve Tiberio Claudio, ou Tito Vespasiano, ou...: ganhão, como outros com Frederico da Prussia, a predilecção do 1.º Filho da Real; contião-no, em que lhe segurarão o Brasil, que elle ambicionava arrebatar a seu Pai, e separar de Portugal, se elle quizesse ser ao mesmo tempo o Defensor Perpetuo dos revolucionarios dos dous Hemisferios; cangão-no

Tractados nos dous grandes Orientes Portuguez, e Brasileiro, e para poderem dar-lhes execução, confinão de Portugal para Nações longinquas a unica pedra angular da Monarchia, o Segundo Filho do Soberano, o Senhor DOM MIGUEL, que no exterminio dos malvados Pedreiros Livres forcejava por conservar integro, e unido o Reino de Portugal, Brasil, e Algarve, para que seu Augusto Pai assim o transmittisse ao seu Primeiro Filho, como a elle lho transmittirão seus Pais, e Avós. Se algum Pedreiro Livre m'escuta, não pode deixar de confessar que esses forão os seus projectos, e que o designio de expatriarem o Senhor DOM MIGUEL, hoje nosso Rei pela Graça de Deos, teve por motivo, e fim o desmembrar-se a seu salvo o Brasil de Portugal, para por este meio se ganhar a perpetua protecção do ambicioso D. Pedro, e assim se apressar a morte do condescendente Soberano Portuguez, logo que elle tentasse cortar o nó gordio, em que havião implicado seu Throno, sua Familia, e seus Povos. Olha, Porto, o que deves a teus filhos espurios, e revolucionarios de mãos dadas com todos os revolucionarios deste Reino, e dos outros! Porto! Que he feito da opulencia do teu Commercio? Empobrecêrão-te, roubárão-te, escarnecêrão-te, zombárão de ti os teus inimigos! Assim te não succederia, se fosses surdo á voz d'esses mentecaptos; se ouvisses a Palavra de Deos; se respeitasses o Rei; se fosses submisso ás Authoridades; se não conspirasses contra Deos, por quem os Reis reinão, e reinão absolutamente! Oh! Deos de Affonso Henriques! Não deixeis por mais tempo jazer no tumulo a prosperidade do Commercio Portuguez, que servio sempre para o esplendor do vosso Culto, honra do vosso Nome, gloria da Igreja, soccorro dos pobres, e amparo de todos os Christãos.

Morrêo ElRei, o Senhor D. João 6.°, e na sua morte parecêo haver expirado a Monarchia! De novo os revolucionarios dão violentos impulsos a este acefalo, e desmembrado Estado, prohibida a Augusta Viuva do Rei, a Mãi dos Portuguezes, a Heroina do Seculo 19, de reger estes desgraçados Dominios, como devêra ser, segundo Praxe e Costume, se não apparecesse hum Decreto, que será sempre suspeitado de apocryfo! Portugal sem Rei, sem Principe precisava de huma Debora, ou de huma Esther, ou de huma Judith, para não ser arvorado em Rei hum Estrangeiro, que por isso mesmo, que havia jurado ser amigo perpetuo dos Brasileiros não podia jámais ser amigo dos Portuguezes, e sómente Defensor dos revolucionarios, aos quaes entregou huma filha, para com o seu nome se vilipendiar impunemente a Dynastia de Bragança; assignando em seu favor, e d'elles huma Carta, ou antes hum Salvo Conducto, para livremente se fazer da Religião hum entremez, da Realeza huma mascara, da Soberania huma farça, da Aristocracia hum jogo, de Portugal huma tragedia. Oh! Deos! Assim punís os Portuguezes, pondo sobre elles hum Principe desobediente, e reprobo? Em seu nome, no de sua Filha, e no da Carta forão abertas n'este Reino todas as portas de huma banca rota sem diques; assoladas todas as familias; arruinadas todas as fortunas; devorado quasi todo o Corpo Social: tres furias que exercêrão o trifauce imperio da impiedade, e da dissolução pela errada compaginação de elementos heterogeneos capazes sómente de conceberem idéas destructoras, e odiosas, roubos, e dilapidações, desordens, e loucuras, perseguições, e vinganças! Havia-se caminhado sem bussola, perdêra-se o norte, e assim não podia haver pre-

videncia, juizo, energia, moderação, grandeza, nem talento, onde faltavão os Principios constitutivos da Monarchia, os Principios da Justiça, da Lei, da Honra e da Razão. A Representação Nacional fundada sobre coacções e sobre illusões não podia garantir hum Throno alevantado pela influencia estrangeira e pela Maçonaria sobre as bases da ignorancia, da ambição e da violencia.

O Rei dos Reis, por quem imperão de Direito os Soberanos da Terra, tendo reprovado a primogenitura em Caim, aborrecendo-a em Ismael, rejeitando-a em Esaú, desgraçando-a em Absalão, enfraquecendo-a em Roboão e annullando-a por muitas vezes em Judá, e Israel e em todas as Monarchias do Mundo; o Justo Deos permittirá que D. Pedro sómente pela razão de Primogenito occupe o Throno Portuguez, Throno Religioso, Throno Pacifico, Throno Protector dos Povos pela justiça, e pela virtude? Não quiz Deos que reinasse em Portugal o Primogenito de D. Pedro 1.°; humilhou Deos a D. Sancho, que era Primogenito; e o mesmo Deos não deporá do Throno a hum máo Filho, máo Esposo, máo Pai, máo Principe, máo Portuguez, que fez guerra a seu Pai e Rei, á Patria do seu nascimento, a Povos que hum dia serião seus, se lhes não fosse tão alheio e contrario? Permittirá Deos que reine em Portugal quem roubou o Brasil a Portugal, quem protege a todos os revolucionarios e a todas as revoluções, quem pela tolerancia livre de todos os Cultos mostra não reconhecer o unico verdadeiro? Oh! meu Deos! Entregastes os Portuguezes nas mãos dos Pedreiros Livres? Esquecestes-vos de que os Portuguezes são os protegidos de vossa Mãi Sanctissima, a qual elles invocão quotidianamente no Sacratissimo Rosario? Porque pois os escolhestes por vossa herança no Campo de Ourique? Serão frustradas aquellas promessas? Faltais á vossa palavra, tendo asseverado que antes faltarão os Ceos, e a Terra? Senhor! Os Portuguezes crêm em vós, espérão em vós e só a vós amão. Era necessario..... que, bebendo até ás fezes o Calis da revolução, vos fizesseis pelo vosso muito soffrimento crédores ás Divinas Misericordias.

Os desejos dos bons Portuguezes pelo regresso do segundo Filho do Rei, as lagrimas dos bons Sacerdotes e das Corporações Religiosas pelo Defensor do Culto Catholico, os gemidos de tantos innocentes perseguidos, os suspiros de tantos pobres desamparados, o sangue dos Realistas derramado com denodo e honra em varias partes do Reino, os immensos padecimentos de milhares de fieis emigrados na Hespanha, e seus protestos ás grandes Potencias, enviados pela mediação Hespanhola, os heroicos esforços e sacrificios da Serenissima Senhora Princeza da Beira, as orações e as saudades da Augusta Mãi, vencêrão a final a Bondade Divina, restituindo a Portugal são e salvo, a travéz das tempestades do Oceano, e das innumeraveis armadilhas da facção Maçonica, o Suspirado, o Desejado, o Amado, o Augusto Senhor DOM MIGUEL, Rei designado pelas Leis, apontado pelas suas Virtudes, insinuado pelo Ceo, acclamado pelas Tropas e pelos Povos, e reconhecido e jurado finalmente pelos Tres Estados do Reino, por ser incapaz de reinar sobre Portuguezes Principe, que lhes tenha feito guerra, que tenha adido Corôa Estrangeira, que não possa, nem saiba, nem queira reinar como seus Pais e Avós.

Porto! atrever-te-has terceira vez a perder o respeito ao Rei, e ás

Authoridades por Elle constituidas? Não cederás esta vez á força da evidencia, da Lei, da Honra, e da Independencia, e ainda dos Prodigios? Não vês como Deos frustrou as tentativas dos revolucionarios, que s'esforçárão com huma Nação Estrangeira, para que impedisse o regresso do Desejado de Portugal, franqueando-lhe para isso a entrada de hum Exercito auxiliador, e offerecendo-lhe até em Colonia esta abençoada Terra? A mesma Bondade Divina, que em 1823, e em 1826, e 1827 te livrou de ser castigado militarmente pelo Exercito Realista, não conterá teus habitantes em silencio, ao menos por gratidão? Sem duvida os Pedreiros Livres são como os Leopardos; tanto mais desagradecidos, quanto mais favorecidos: sempre impios, rebeldes sempre, nem curvados pela justiça, nem domesticados pela clemencia, elles se revoltão sobre o seu centro, sobre esta Cidade, onde Officiaes maçonizados, soldados comprados, e indisciplinados, paizanos abjectos, todos huma horda de sacrilegos, e de assassinos, sem pejo, sem vergonha, descaradamente levantão a sua voz contra..... Contra quem? Contra hum Rei acclamado, reconhecido, e jurado livre, e solemnemente por todo o Reino! Mas que podem os Pedreiros Livres contra Deos, e contra hum Rei, a quem Deos protege, e defende? Contra o Defensor de Portugal? Contra o Exterminador dos revolucionarios, e das revoluções? Contra o Amado do Povo Portuguez? Nada, nada podem! Elles são arrojados fóra do Reino. Porto! Que he o que agora desejas? Guerra! Terás pois guerra, terás fome, terás peste; não ficará pedra sobre pedra! soffrerás..... Chorai, chorai antes os vossos peccados, os peccados de vossos Pais, de vossos filhos, de vossos irmãos, de vossos parentes, e de vossos visinhos: agradecei a Deos a conservação de huma Cidade, que no seu exterminio poderia dar hum bom exemplo a todos os Povos revolucionarios. Porto! Não ponhas limites á Clemencia do nosso Rei, e á moderação do Povo Portuguez. Porto! Ouve a Palavra de Deos.

Mas infelizmente observa-se que nem a piedade, nem a moderação, nem algum outro rarissimo exemplo de severidade amainão as vélas á revolução. Entra no Tejo a Esquadra Franceza, promettendo-se desenvolver no Reino hum pequeno germen da revolução, que se lhe figurára fecundo, e prolifico; espalhão-se boatos de imaginadas vantagens pelos rebeldes acoutados n'essas desgraçadas Ilhas; chega á Europa o Principe revolucionario do Brasil, sacudido do seu Throno por todos os seus Subditos Brasileiros; e que vêmos? Os malvados pullão de contentes, erguem a cabeça, insultão, ameação... Pois ainda não estão satisfeitos de desordens, nem emendados por tantas calamidades? Querem estes infames perturbadores dos Povos, que se pratique com elles aquelle terrivel Preceito, que Deos pela bôca de Moysés ordenou aos Israelitas? *Si tibi voluerit persuadere frater tuus filius matris tuæ, aut filius tuus vel filia, sive uxor quæ est in sinu tuo, aut amicus, quem diligis ut animam tuam, clam diceus: Eamus, et serviamus diis alienis... non occultes eum, sed statim interficies.* Di-lo-hei em Portuguez: Se teu irmão filho de teu Pai, e de tua Mãi, ou teu filho, ou tua filha, ou tua mulher, que estremeces, ou teu amigo, que amas a par de ti mesmo, te quizer persuadir dizendo-te ás escondidas: vâmos, alistemo-nos no serviço do Principe Estrangeiro, que tolera todos os Cultos, que protege a Maçonaria, que defende todos os revolucionarios: não os

poupes, mas antes..... Que he das Authoridades? Que fazem, que não evitão a anarchia pelo castigo dos malvados, que a provocão? Oh! Deos d'Affonso I! Derramai sobre os Magistrados o vosso espirito de justiça e de rectidão, para que promovão a justa paz, para que fação observar as Leis, para que vigiem os revolucionarios sem condescendencias, sem contemplações, sem venalidades, que muito excitão a indignação e a murmuração do Publico.

Tantos trahidores, tantos revolucionarios, como conta esta Cidade desde 1820 até 1823, desde 1826 até 1828, no principio, agora e sempre, absolvidos por innocentes *juxta allegata, et probata*, e até protegidos como bons Realistas, e sempre inquietos, sempre dispostos a tomar parte activa em todas as revoluções? Certamente hão perdido o juizo, estão loucos. Qual será o seu curativo?... O dos Hospitaes. Em que Paiz se tem legislado para os dementes e creado Tribunaes para julgarem aos que não tem juizo? Quando pois não ha recurso ás Authoridades, ou que ellas não providencêão; que se haverá de fazer d'esses freneticos, que tudo revoltão, que tudo empestão, que tudo transtornão? O castigo aos *Orates* he mui medicinal. Ou tenhão pois juizo, ou as Authoridades lho fação ter, ou passem por hum excesso, que os contêm, que reprime os seus crimes, e que sem mortandade restabelece a tranquillidade e salva o Estado. *Porto! Porto! Porto!* Respeita o Legitimo Rei que toda a Nação reconhece, acclama, jura e defende! Curva-te á vontade de Deos! Não exasperes mais o Exercito e os Povos, já fartos de tanto soffrer por tua causa, por tua culpa. Revolucionarios! Vós podeis ainda ser felizes, se emendados observais fielmente a Palavra de Deos. *Beati qui audiunt verbum Dei.*

Vós, Fieis, que acreditais na Palavra de Deos, mas que arrastados pelos prazeres do Seculo tendes esfriado na sua observancia, vêde que agora, mais que nunca, insta o tempo de aplacar a Deos irritado pelos peccados d'este Seculo: portai-vos de huma maneira sancta, para que em lugar de os ímpios e incredulos dizerem mal de vós, as boas obras, que vos virem fazer, os excitem a louvar a Deos: alliviai com as vossas lagrimas e orações as terriveis magoas da Sancta Igreja, que se acha curvada na amargura da sua dôr, por se vêr de todos os lados combatida, em todos os Paizes acabrunhada, em todas as suas doutrinas arguida, por toda a parte cercada de facções armadas por encontrados Partidos, que alagão o Mundo de impiedades, de sacrilegios, de incendios e de mortes. Erguei as vossas mãos ao Ceo, como fazia David, antevendo a devastação do Templo, e dizei-lhe com humildade: Porque, oh! Deos! affastais a vossa mão do meio do vosso seio, permittindo que os vossos inimigos exercitem a sua ímpia raiva sobre o Povo, que vos invoca? *Ut quid avertis manum tuam de medio sinu tuo?* O seio de Deos... he o virginal ventre, e os castissimos peitos da Virgem Sanctissima — *Beatus venter, qui te portavit; et ubera, quæ suxisti* — Em verdade, que Deos não apartou a sua mão de Sua Mãi, Sua Filha, Sua Esposa: sois vós, os que, engolfados nos prazeres do Seculo, não tendes buscado a Deos em Sua Mãi Sanctissima: buscai-o pois agora; vós acha-lo-heis no Sacratissimo Rosario para a Salvação das vossas almas e Salvação da Igreja e do Estado; ahi o achou São Domingos para defender o Christianismo do seu Seculo contra a impiedade, e rebellião dos Albigenses; ahi achareis todos os Mysterios da Sanctissima Vida,

Paixão, Morte, e Resurreição de Jesus Christo nosso Deos, que he todo o nosso amparo, e remedio; toda a nossa consolação, e defeza; toda a nossa gloria, e felicidade; ahi acharão as Congregações Religiosas o escudo da sua protecção; o Clero o baluarte da sua estabilidade; o peccador hum penhor de misericordia; o justo hum signal da sua predestinação; o doente huma amostra da saude; o moribundo hum refrigerio ás suas dôres; o naufrago a taboa do seu livramento; o militar a espada da sua victoria; a Igreja a exaltação, e propagação do Evangelho; o Mundo inteiro a sua prosperidade: cousa alguma nega o Ceo, aos que o implorão pelo Sacratissimo Rosario; os elementos se concilião, as tempestades calmão, a natureza obedece, as armas se abatem, as discordias acabão. Quando o Sacratissimo Rosario se recita, o Ceo jubila, a Igreja exulta, os Anjos se congratulão, o Purgatorio se consola, o Inferno treme. Mas para que são mais palavras? A Monarchia Portugueza deve a este devoto exercicio as suas Conquistas, a sua opulencia, a sua grandeza, a sua gloria, e hoje, e sempre a sua consistencia, e conservação. Os mesmos Pedreiros Livres, esses inimigos de todo culto, e de toda devoção dão este invencivel testemunho ao Sacratissimo Rosario, pois que não podem perverter, nem revoltar as Tropas, e os Povos, que devotamente o recitão: rangem, desesperão, enfurecem-se, por não poderem vencer o muro impenetravel, que ás suas impias suggestões oppõe esta devotissima recitação. Felizes, os que fielmente praticarem esta Palavra de Deos. *Beati qui audiunt verbum Dei.*

Este plausivel testemunho, que he o testemunho da fé, e da piedade, he dado gloriosamente pela Infantaria de Chaves: dizer seu nome he haver feito seu elogio; leal, valente, intrepida, corajosa; brilhante Corporação, que faz as delicias dos bons, e pacificos habitantes d'esta Cidade: hoje unida ao seu nobre Chefe mostra á face dos Altares, que á devota recitação do Sacratissimo Rosario deve a sua honra, a sua firmeza, as suas glorias, e os seus triumfos; assim dirigida sempre por sentimentos de huma gratidão Religiosa, e Civil desempenha mui solemnemente o seu Voto fixo de Acção de Graças á Virgem Sanctissima no Glorioso Titulo do Sacratissimo Rosario, e de novo a invoca sua Medianeira, Intercessora, Advogada, Padroeira, Protectora, e Tutelar. A honra he a paixão mais forte dos Militares, de Militares Portuguezes, de Militares Transmontanos; honremos pois estes honradissimos Militares, para que nunca a sua honra se eclipse. O Exercito nunca teve a reprehender na Infantaria de Chaves, antes muito a louvar, e a imitar: competindo com todos no ataque, igualando a todos na defeza, avançando com os primeiros, retirando com os ultimos, teve sempre o timbre de deixar mortos, ou prisioneiros a todos os inimigos, que atacárão o districto, em que fórma: os Hespanhoes, quando inimigos, e os Francezes, que nunca forão amigos, são testemunhas sem suspeita: na Guerra Peninsular tantas forão as suas glorias, quantas as acções, em que s'empenhou por defender, e vingar a Patria: na Campanha da Realeza a Infantaria de Chaves foi a primeira, que renovou o seu juramento de fidelidade á Monarchia Pura; os Constitucionaes, que soffrêrão seus golpes, côntem o seu valor: na Campanha da Successão huma parte da sua Officialidade repetio o mesmo juramento ás Leis Fundamentaes da Monarchia nos Castellos, em que por isso mesmo foi reclusa; a maior parte rubricou o mesmo protesto com o seu sangue no Reino, e com a sua

emigração na Hespanha; os Soldados pela maior parte não faltárão aos seus deveres; e no anno de 1828 toda esta denodada Infantaria, mordiscando valorosamente na grossa Cauda das Tropas revolucionarias, salvou duas Provincias da rebellião, escorou outra, e fez parar a revolução no meio do seu caminho para Lisboa, o que obrigou a dizer aos Chefes da rebellião, que, se elles não avançárão até á Côrte, foi porque a Infantaria de Chaves lhes fez conservar os Corpos fortes no seu Centro, n'esta Cidade. Sois sem dúvida..... o terror dos revolucionarios, o esteio do Throno, e a segurança da Patria: a Historia fallará do presente, quando for passado. Soldados! Á vossa disciplina, e á vossa coragem a Patria tributa louvores! O Reino tem gloria em vós: vós sois a sua expectação em todas as crises! A vós, intrepidos, e virtuosos Officiaes, a Corôa Portugueza he devedora do seu esplendor, e brilhantismo! A vós, illustre, e esforçado Chefe, ao vosso brio, e pericia militar, e bem assim á vossa prudencia, e politica deve Portugal o silencio, a obediencia, e a tranquillidade da Cidade mais disposta para as revoluções, do maior foco da Maçonaria, do centro mais poderoso das Provincias do Norte: os Annaes Portuguezes podem rechear as suas paginas com os vossos Serviços a prol do Throno, e da Patria, ou na Guerra Peninsular, ou na Campanha da Realeza, ou na Lucta da Successão, ou no Governo do Porto nas mais violentas, e medonhas concussões politicas. Nem a esperança, nem o medo.... movêrão jámais os meus ductos, ou da lingua, ou da penna; a minha balança são os factos: tanta brevidade em louvores, que deverião ser eternos, os releva de imputações hyperbolicas, ou estudadas. Porém acautelai-vos todos.... tende sentido com vosco, para não succeder que venhais a cahir da vossa propria firmeza, deixando-vos levar das intrigas, discordias, divisões, e erros dos insensatos Pedreiros Livres. Lembrai-vos..... que a união augmenta a força. Derrame sobre os Portuguezes o Celestial Auctor da paz o seu espirito de concordia, para que unidos empeçais ao Porto, que abra as suas portas aos inimigos jurados da Monarchia, e da Realeza.

Crescei cada vez mais, (dou fim com as palavras do Principe dos Apostolos) crescei cada vez mais na graça, e no conhecimento de Jesus Christo, e na devoção a sua Mãi Sanctissima; apertai mais, e mais os vinculos da união, e da fraternidade; firmai sobre a vossa inalteravel concordia a Salvação do Throno, e da Augusta Pessoa do Senhor DOM MIGUEL I; continuai, dando dias de esplendor á Sancta Igreja, de prazer á Patria, de triumfos á Realeza, de opprobrio aos inimigos da Monarchia. Assim o Ceo vos coroará de bençãos, a Virgem Sanctissima vos escudará com a sua protecção, e Deos vos fará venturosos na vida presente, e na eterna, porque observais, cumpris, e guardais a sua Palavra, que presentemente não he outra, que a de sermos todos fieis á Sancta Igreja Catholica Unica Verdadeira, e ao Senhor DOM MIGUEL nosso Unico Legitimo Rei. Sómente assim seremos felizes, e venturosos. *Beati qui audiunt verbum Dei.*

F I M.